ELLEN G. WHITE

Atos dos Apóstolos

Ellen G. White

2007

Informações sobre este livro

Resumo

Esta publicação eBook é providenciada como um serviço do Estado de Ellen G. White. É parte integrante de uma vasta colecção de livros gratuitos online. Por favor visite owebsite do Estado Ellen G. White.

Sobre a Autora

Ellen G. White (1827-1915) é considerada como a autora Americana mais traduzida, tendo sido as suas publicações traduzidas para mais de 160 línguas. Escreveu mais de 100.000 páginas numa vasta variedade de tópicos práticos e espirituais. Guiada pelo Espírito Santo, exaltou Jesus e guiou-se pelas Escrituras como base da fé.

Outras Hiperligações

Uma Breve Biografia de Ellen G. White
Sobre o Estado de Ellen G. White

Contrato de Licença de Utilizador Final

Mais informações

Para mais informações sobre a autora, os editores ou como poderá financiar este serviço, é favor contactar o Estado de Ellen G.

White: (endereço de email). Estamos gratos pelo seu interesse e pelas suas sugestões, e que Deus o abençoe enquanto lê.

Conteúdo

Capítulo 1 — O propósito de Deus para sua igreja

A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir e sua missão é levar o evangelho ao mundo. Desde o princípio, tem sido plano de Deus que, através de Sua igreja, seja refletida para o mundo Sua plenitude e suficiência. Aos membros da igreja, a quem Ele chamou das trevas para Sua maravilhosa luz, compete manifestar Sua glória. A igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo; e pela igreja será, a seu tempo, manifesta, mesmo aos "principados e potestades nos Céus" (Efésios 3:10), a final e ampla demonstração do amor de Deus.

Muitas e maravilhosas são as promessas citadas nas Escrituras com respeito à igreja. "Porque a Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos". Isaías 56:7. "E a elas, e aos lugares ao redor do Meu outeiro, Eu porei por bênção; e farei descer a chuva a seu tempo: chuvas de bênção serão" "E lhes levantarei uma plantação de renome, e nunca mais serão consumidas pela fome na Terra, nem mais levarão sobre si o opróbrio dos gentios. Saberão, porém, que Eu, o Senhor seu Deus, estou com elas, e que elas são o Meu povo, a casa de Israel, diz o Senhor Jeová. Vós, pois, ó ovelhas Minhas, ovelhas do Meu pasto: homens sois, mas Eu sou o vosso Deus, diz o Senhor Jeová". Ezequiel 34:26, 29-31.

"Vós sois as Minhas testemunhas diz o Senhor, e o Meu servo, a quem escolhi; para que o saibais, e Me creiais, e entendais que Eu sou o mesmo, e que antes de Mim deus nenhum se formou, e depois de Mim nenhum haverá. Eu, Eu sou o Senhor, e fora de Mim não há Salvador. Eu anunciei, e Eu salvei, e Eu o fiz ouvir, e deus estranho não houve entre vós, pois vós sois as Minhas testemunhas, diz o Senhor; Eu sou Deus". Isaías 43:10-12. "Eu o Senhor te chamei em justiça, e te tomarei pela mão e te guardarei, e te darei por concerto do povo, e para luz dos gentios; para abrir os olhos dos cegos, para tirar da prisão os presos, e do cárcere os que jazem em trevas". Isaías 42:6, 7.

"No tempo favorável te ouvi e no dia da salvação te ajudei, e te guardarei, e te darei por concerto do povo, para restaurares a terra, e lhe dares em herança as herdades assoladas: para dizeres aos presos: Saí; e aos que estão em trevas: Aparecei: eles pastarão nos caminhos, e em todos os lugares altos terão o seu pasto. Nunca terão fome nem sede, nem a calma nem o sol os afligirá; porque o que Se compadece deles os guiará, e os levará mansamente aos mananciais das águas. E farei de todos os Meus montes um caminho; e as Minhas veredas serão exaltadas. [7]

"Exultai, ó Céus, e alegra-te tu, Terra, e vós, montes, estalai de júbilo, porque o Senhor consolou o Seu povo, e dos Seus aflitos Se compadecerá. Mas Sião diz: Já me desamparou o Senhor, e o Senhor Se esqueceu de mim. Pode uma mulher esquecer-se tanto de seu filho que cria, que não se compadeça dele, do filho do seu ventre? Mas ainda que essa se esquecesse, Eu, todavia, Me não esquecerei de ti. Eis que nas palmas das Minhas mãos te tenho gravado: os teus muros estão continuamente perante Mim". Isaías 49:8-11, 13-16.

A igreja é a fortaleza de Deus, Sua cidade de refúgio, que Ele mantém num mundo revoltado. Qualquer infidelidade da igreja é traição para com Aquele que comprou a humanidade com o sangue de Seu unigênito Filho. Pessoas fiéis constituíram, desde o princípio, a igreja sobre a Terra. Em cada era, teve o Senhor Seus vigias que deram fiel testemunho à geração em que viveram. Essas sentinelas apregoaram a mensagem de advertência e, ao serem chamadas para depor a armadura, outros empreenderam a tarefa. Deus pôs essas testemunhas em relação de concerto com Ele próprio, unindo a igreja da Terra à do Céu. Enviou Seus anjos para cuidar de Sua igreja e as portas do inferno não puderam prevalecer contra Seu povo.

Através de séculos de perseguição, conflito e trevas, Deus tem amparado Sua igreja. Nenhuma nuvem sobre ela caiu, para a qual Ele não estivesse preparado; nenhuma força oponente surgiu para impedir Sua obra, que Ele não houvesse previsto. Tudo sucedeu como Ele predisse. Ele não deixou Sua igreja ao desamparo, mas traçou em declarações proféticas o que deveria ocorrer, e aquilo que Seu Espírito inspirou os profetas a predizerem tem-se realizado. Todos os Seus propósitos serão cumpridos. Sua lei está vinculada a Seu trono, e nenhum poder do mal poderá destruí-la. A verdade é inspirada e guardada por Deus; e ela triunfará sobre toda oposição.

Durante séculos de trevas espirituais, a igreja de Deus tem sido como uma cidade edificada sobre um monte. De século em século, através de sucessivas gerações, as puras doutrinas do Céu têm sido desdobradas dentro de seus limites. Fraca e defeituosa como possa parecer, a igreja é o único objeto sobre que Deus concede em sentido especial Sua suprema atenção. É o cenário de Sua graça, na qual Se deleita em revelar Seu poder de transformar corações.

"A que", perguntava Cristo, "assemelharemos o reino de Deus? ou com que parábola o representaremos?" Marcos 4:30. Ele não podia empregar os reinos do mundo como uma ilustração. Na sociedade, nada achou com que o pudesse comparar. Os reinos da Terra [8] se regem pela supremacia do poder físico; mas no reino de Cristo não existe arma carnal nem instrumento de coerção. Esse reino deve erguer e enobrecer a humanidade. A igreja de Deus é o recinto de vida santa, plena de variados dons e dotada com o Espírito Santo. Os membros devem encontrar sua felicidade na felicidade daqueles a quem ajudam e abençoam.

Maravilhosa é a obra que o Senhor Se propõe realizar por intermédio de Sua igreja, a fim de que Seu nome seja glorificado. Um quadro dessa obra é dado na visão que teve Ezequiel, do rio de águas purificadoras: "Estas águas saem para a região oriental, e descem à campina, e entram no mar; e, sendo levadas ao mar, sararão as águas. E será que toda a criatura vivente que vier por onde quer que entrarem estes dois ribeiros, viverá" "E junto do ribeiro, à sua margem, de uma e de outra banda, subirá toda sorte de árvore que dá fruto para se comer: não cairá a sua folha, nem perecerá o seu fruto: nos seus meses produzirá novos frutos, porque as suas águas saem do santuário; e o seu fruto servirá de alimento e a sua folha de remédio". Ezequiel 47:8-9, 12.

Desde o início, tem Deus operado por intermédio de Seu povo a fim de trazer bênçãos ao mundo. Deus fez de José uma fonte de vida para a antiga nação egípcia. Através de sua integridade, a vida de todo o povo foi preservada. Por meio de Daniel salvou Deus a vida de todos os sábios de Babilônia. E esses livramentos são como lições objetivas. Eles ilustram as bênçãos espirituais oferecidas ao mundo, pela ligação com o Deus a quem José e Daniel adoravam. Todos aqueles em cujo coração Cristo habita, cada um que mostre Seu amor ao mundo, é um cooperador de Deus, para bênção da

humanidade. À medida que recebe do Salvador graça para reparti-la com outros, de seu próprio ser fluem torrentes de vida espiritual.

Deus escolhera Israel para revelar Seu caráter aos homens. Queria que os israelitas fossem fontes de salvação no mundo. A eles foram entregues os oráculos do Céu, a revelação da vontade de Deus. Nos primeiros dias de Israel, as nações do mundo, mediante práticas corruptas tinham perdido o conhecimento de Deus. Eles O haviam conhecido antes; mas porque "não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu". Romanos 1:21. Mas em Sua misericórdia Deus não as riscou da existência. Ele Se propôs dar-lhes nova oportunidade de se familiarizarem com Ele por intermédio de Seu povo escolhido.

Mediante os ensinos do sacrifício expiatório, Cristo deveria ser exaltado perante todas as nações, e todos os que olhassem para Ele viveriam. Cristo era o fundamento da organização judaica. Todo o sistema de tipos e símbolos era uma compacta profecia do evangelho, uma representação em que se continham as promessas de redenção.

Mas o povo de Israel perdeu de vista seus altos privilégios como representantes de Deus. Esqueceram-se de Deus e deixaram de cumprir Sua santa missão. As bênçãos por eles recebidas não produziram [9] bênçãos para o mundo. Apropriaram-se de todas as suas vantagens para glorificação própria. Excluíram-se do mundo para escapar à tentação. As restrições por Deus impostas na sua associação com os idólatras como um meio de prevenir-lhes o conformismo com as práticas pagãs, eles as usaram para levantar um muro de separação entre si e as demais nações.

Roubaram a Deus no serviço que Ele requeria deles e roubaram ao próximo na guia religiosa e santo exemplo.

Sacerdotes e príncipes fixaram-se numa rotina de cerimonialismo. Satisfizeram-se com uma religião legal e era-lhes impossível dar a outros as vivas verdades do Céu. Consideravam suficiente sua própria justiça e não desejavam a intromissão de um novo elemento em sua religião. A boa vontade de Deus para com os homens não era por eles aceita como algo à parte deles próprios, mas a relacionavam com seus próprios méritos por causa de suas boas obras. A fé que atua por amor e purifica a vida não achava lugar na união com a religião dos fariseus, feita de cerimonialismo e injunções humanas.

De Israel disse Deus: “Eu mesmo te plantei como vide excelente, uma semente inteiramente fiel: como pois te tornaste para Mim uma planta degenerada, de vide estranha?” Jeremias 2:21. “Israel é uma vide frondosa; dá fruto para si mesmo”. Oséias 10:1. “Agora pois, ó moradores de Jerusalém, e homens de Judá julgai, vos peço, entre Mim e a Minha vinha. Que mais se podia fazer à Minha vinha, que Eu lhe não tenha feito? E como, esperando Eu que desse uvas, veio a produzir uvas bravas?

“Agora pois vos farei saber o que Eu hei de fazer à Minha vinha: tirarei a sua sebe, para que sirva de pasto; derribarei a sua parede, para que seja pisada; e a tornarei em deserto; não será podada nem cavada; mas crescerão nela sarças e espinheiros; e às nuvens darei ordem que não derramem chuva sobre ela. Porque a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá são a planta das Suas delícias; e esperou que exercessem juízo, e eis aqui opressão; justiça, e eis aqui clamor”. Isaías 5:3-7. “A fraca não fortalecestes, e a doente não curastes, e a quebrada não ligastes, e a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza”. Ezequiel 34:4.

Os líderes judeus imaginavam-se demasiado sábios para necessitar de instrução, demasiado justos para necessitar de salvação e demasiado honrados para necessitar da honra que vem de Cristo. O Salvador afastou-Se deles para outorgar a outros os privilégios de que tinham abusado e a obra que haviam negligenciado. A glória de Deus tinha de ser revelada e Sua Palavra confirmada. O reino de Cristo tinha de ser estabelecido no mundo. A salvação de Deus tinha que se tornar conhecida nas cidades do deserto; e os discípulos foram chamados para fazer a obra que os líderes judaicos deixaram [10] de fazer.

Capítulo 2 — O preparo dos doze

Para a tarefa de levar avante Sua obra, Cristo não escolheu os doutos ou eloqüentes do Sinédrio judaico ou do poder de Roma. Passando por alto os ensinadores judaicos cheios de justiça própria, o Mestre por excelência escolheu homens humildes, iletrados, para proclamarem as verdades que deviam abalar o mundo. Ele Se propôs preparar e educar esses homens para dirigentes de Sua igreja. Eles, por sua vez, deviam educar outros e enviá-los com a mensagem evangélica. Para que pudessem ter sucesso em sua obra, deviam eles receber o poder do Espírito Santo. Não pelo poder humano ou humana sabedoria devia o evangelho ser proclamado, mas pelo poder de Deus.

Por três anos e meio, estiveram os discípulos sob a direção do maior Professor que o mundo já conheceu. Por associação e contato pessoal, Cristo preparou-os para Seu serviço. Dia a dia, caminhavam a Seu lado, conversando com Ele, ouvindo Suas palavras de ânimo aos cansados e quebrantados, e vendo a manifestação de Seu poder em favor dos doentes e sofredores. Às vezes, Ele os instruía, assentando-Se entre eles junto às montanhas; outras vezes, junto ao mar ou andando pelo caminho, lhes revelava os mistérios do reino de Deus. Onde quer que houvesse corações abertos para receber a divina mensagem, Ele desdobrava as verdades do caminho da salvação. Não mandava que os discípulos fizessem isto ou aquilo, mas dizia: "Segue-Me". Marcos 2:14. Em Suas jornadas através dos campos e das cidades, levava-os com Ele para que pudessem ver como ensinava o povo. Viajavam com Ele de um lugar a outro. Tomavam parte nas Suas frugais refeições e, como Ele, estiveram algumas vezes famintos e não raro cansados. Estiveram com Ele nas ruas apinhadas, junto ao lago e no solitário deserto. Viram-nO em todos os aspectos da vida.

Foi na ordenação dos doze que se deram os primeiros passos na organização da igreja que, depois da partida de Cristo devia levar avante Sua obra na Terra. A respeito dessa ordenação, diz o relato:

“E subiu ao monte, e chamou para Si os que Ele quis; e vieram a Ele. E nomeou doze para que estivessem com Ele e os mandasse a pregar”. Marcos 3:13, 14.

Consideremos a tocante cena. Imaginemos a Majestade do Céu tendo em torno de Si os doze por Ele escolhidos. Logo os separaria para a obra que lhes havia destinado. Por meio desses débeis instrumentos, mediante Sua Palavra e Espírito, Ele Se propôs colocar a [11] salvação ao alcance de todos.

Com alegria e júbilo, Deus e os anjos contemplavam essa cena. O Pai sabia que, por intermédio desses homens, a luz do Céu haveria de brilhar; que as palavras por eles ditas ao testemunharem de Seu Filho haveriam de ecoar de geração em geração, até o fim dos séculos.

Os discípulos deviam sair como testemunhas de Cristo para anunciar ao mundo o que dEle tinham visto e ouvido. Seu cargo era o mais importante dos cargos a que já haviam sido chamados seres humanos, apenas inferior ao do próprio Cristo. Eles deviam ser colaboradores de Deus na salvação dos homens. Como no Antigo Testamento os doze patriarcas ocupavam o lugar de representantes de Israel, assim os doze apóstolos representam a igreja evangélica.

Durante Seu ministério terrestre, Cristo deu início à obra de derrubar o muro de separação entre judeus e gentios e apregoar a salvação a toda a humanidade. Embora fosse judeu, comunicava-Se livremente com os samaritanos, anulando costumes farisaicos dos judeus com respeito a esse desprezado povo. Dormia sob seu teto, comia em suas mesas e ensinava em suas ruas.

O Salvador ansiava por desdobrar aos discípulos a verdade referente à demolição da “parede de separação” (Efésios 2:14) entre Israel e as outras nações — a verdade de que “os gentios são coherdeiros” dos judeus, “e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho”. Efésios 3:6. Essa verdade foi revelada em parte quando Ele recompensou a fé do centurião de Cafarnaum, e quando pregou o evangelho aos habitantes de Sicar. Isso foi ainda mais plenamente revelado por ocasião de Sua visita à Fenícia, quando curou a filha da mulher cananéia. Essas experiências ajudaram os discípulos a compreender que entre aqueles a quem muitos consideravam indignos da salvação, havia pessoas famintas da luz da verdade.

Assim buscou Cristo ensinar aos discípulos a verdade de que, no reino de Deus, não há fronteiras territoriais, nem classes sociais; que

eles deviam ir a todas as nações, levando-lhes a mensagem do amor do Salvador. Mas não foi senão mais tarde que compreenderam em toda a plenitude que Deus "de um só fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da Terra, determinando os tempos já antes ordenados, e os limites da sua habitação; para que buscassem ao Senhor, se porventura, tateando, O pudessem achar; ainda que não está longe de cada um de nós". Atos 17:26, 27.

Uma grande diversidade caracterizava esses primeiros discípulos. Eles deviam ser ensinadores do mundo e representavam amplamente variados tipos de caráter. Para conduzir com êxito a obra para a qual haviam sido chamados, esses homens, diferindo em características naturais e em hábitos de vida, necessitavam chegar à unidade de sentimento, pensamento e ação. Essa unidade Cristo tinha por objetivo conseguir. Para alcançar esse fim procurou mantê-los unidos a Ele. A responsabilidade que sentia em Sua obra por eles é expressa em [12] Sua oração ao Pai: "Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti; que também eles sejam um em Nós" "Para que o mundo conheça que Tu Me enviaste a Mim, e que os tens amado a eles como Me tens amado a Mim". João 17:21, 23. Sua constante oração por eles era que fossem santificados pela verdade; e Ele orou com segurança, sabendo que um decreto da parte do Todo-poderoso fora feito antes que o mundo tivesse vindo à existência. Sabia que o evangelho do reino devia ser pregado para testemunho a todas as nações; que a verdade fortalecida com a onipotência do Santo Espírito seria vitoriosa na batalha contra o mal, e que a bandeira sangrenta um dia haveria de tremular triunfante sobre Seus seguidores.

Ao aproximar-se o término do ministério terrestre de Cristo e reconhecer Ele que logo precisaria deixar que Seus discípulos levassem avante a obra sem Sua pessoal supervisão, procurou encorajá-los e prepará-los para o futuro. Não os enganou com falsas esperanças. Como num livro aberto, leu o que deveria acontecer. Sabia que estava prestes a ser separado deles, para deixá-los como ovelhas entre lobos. Sabia que haveriam de sofrer perseguição, que seriam lançados fora das sinagogas e metidos nas prisões. Sabia que, por testemunharem dEle como o Messias, alguns experimentariam a morte. E falou-lhes alguma coisa a respeito disso. Referindo-Se ao futuro deles, foi claro e definido para que, nas aflições que viriam,

pudessem lembrar Suas palavras e ser fortalecidos para crer nEle como o Redentor.

Falou-lhes também palavras de encorajamento e esperança. “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, Eu vo-lo teria dito: vou preparar-vos lugar. E, se Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também. Mesmo vós sabeis para onde vou, e conheceis o caminho”. João 14:1-4. Por sua causa vim ao mundo; em seu favor tenho trabalhado. Quando Eu for, ainda trabalharei ardentemente em seu benefício. Vim ao mundo para Me revelar, de modo que vocês possam crer. Vou para o Meu Pai e o seu Pai, para atuar juntamente com Ele em seu favor.

“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em Mim também fará as obras que Eu faço, e as fará maiores do que estas; porque Eu vou para Meu Pai”. João 14:12. Não queria Cristo dizer com isso que os discípulos fariam maiores esforços do que os que Ele havia feito, mas que sua obra teria maior amplitude. Ele não Se referiu meramente à operação de milagres, mas a tudo quanto iria acontecer sob a influência do Espírito Santo. “Mas, quando vier o Consolador”, disse Ele, “que Eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de verdade que procede do Pai, Ele testificará de Mim. E vós também testificareis, pois estivestes comigo desde o [13] princípio”. João 15:26, 27.

Essas palavras foram maravilhosamente cumpridas. Depois da descida do Espírito Santo, os discípulos sentiram tanto amor por Ele, e por aqueles por quem Ele morrera, que corações se comoveram pelas palavras que falaram e pelas orações que fizeram. Falaram no poder do Espírito; e sob a influência desse poder, milhares se converteram.

Como representantes de Cristo, os apóstolos deviam fazer decidida impressão sobre o mundo. O fato de serem homens simples não devia diminuir-lhes a influência, antes incrementá-la; pois a mente de seus ouvintes devia ser levada deles para o Salvador que, conquanto invisível, estava ainda operando com eles. O maravilhoso ensino dos apóstolos, suas palavras de ânimo e confiança, assegurariam a todos que não era em seu próprio poder que operavam, mas no poder de Cristo. Com humildade, declarariam que Aquele que os

judeus haviam crucificado era o Príncipe da vida, o Filho do Deus vivo e que em Seu nome haviam feito as obras que Ele fizera.

Em Sua reunião de despedida com os discípulos, na noite anterior à crucifixão, o Salvador não fez referência ao sofrimento que Ele havia suportado e teria ainda de suportar. Não falou da humilhação que estava a Sua frente, mas quis apresentar-lhes algo que pudesse fortalecer sua fé, levando-os a olhar para a frente, à recompensa que espera o vencedor. Ele Se regozijava na certeza de que poderia fazer por Seus seguidores mais do que havia prometido, e o faria; de que dEle brotariam amor e compaixão que purificariam o templo espiritual e tornariam as pessoas semelhantes a Ele no caráter; de que Sua verdade, robustecida com o poder do Espírito, sairia vencendo e para vencer.

"Tenho-vos dito isto", declarou Ele, "para que em Mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, Eu venci o mundo". João 16:33. Cristo não fracassou, nem Se desencorajou; e Seus discípulos deviam mostrar fé da mesma persistente natureza. Deviam trabalhar como Ele havia trabalhado, buscando dEle forças. Embora o caminho fosse obstruído por aparentes impossibilidades, por Sua graça deveriam avançar, de nada desesperando e esperando por tudo.

Cristo havia terminado a obra que Lhe fora dada para fazer. Tinha reunido os que teriam de continuar Sua obra entre os homens. E disse: "E nisso sou glorificado. E Eu já não estou mais no mundo; mas eles estão no mundo, e Eu vou para Ti. Pai santo, guarda em Teu nome aqueles que Me deste, para que sejam um, assim como Nós" "Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em Mim; para que todos sejam um" "Eu neles, e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que Tu Me enviaste a Mim, e que os tens amado a eles como Me tens amado a Mim". João 17:10-11, 20-21, 23. [14]

Capítulo 3 — A grande comissão

Após a morte de Cristo, os discípulos ficaram quase vencidos pelo desalento. Seu Mestre tinha sido rejeitado, condenado e crucificado. Os sacerdotes e príncipes haviam declarado zombeteiramente: "Salvou a outros, e a Si mesmo não pode salvar-Se. Se é o Rei de Israel, desça agora da cruz, e creremos nEle". Mateus 27:42. O sol da esperança dos discípulos tinha declinado, e a noite havia descido sobre seus corações. Muitas vezes repetiram as palavras: "E nós esperávamos que fosse Ele o que remisse Israel". Lucas 24:21. Desolados e com o coração em dor, lembraram-se de Suas palavras: "Se ao madeiro verde fazem isto, que se fará ao seco?" Lucas 23:31.

Por várias vezes havia Jesus tentado revelar o futuro a Seus discípulos, mas eles não haviam querido refletir no que Ele dissera. Por essa razão, Sua morte veio-lhes como uma surpresa; e mais tarde, ao rememorarem o passado e verem o resultado de sua incredulidade, encheram-se de tristeza. Quando Cristo foi crucificado, eles não creram que Ele ressurgisse. Ele havia afirmado claramente que haveria de ressurgir ao terceiro dia, mas eles ficaram perplexos sobre o que Ele queria dizer. Essa falta de compreensão deixou-os extremamente desesperançados por ocasião da morte de Jesus. Ficaram amargamente desapontados. Sua fé não penetrava além das sombras que Satanás tinha baixado em seu horizonte. Tudo lhes parecia vago e misterioso. Tivessem eles crido nas palavras do Salvador, e quanta tristeza teria sido evitada!

Esmagados pelo desapontamento, angústia e desespero, os discípulos se reuniram no cenáculo e fecharam as portas, temendo que seu destino fosse igual ao do seu bem-amado Mestre. Foi nesse recinto que o Salvador, depois da ressurreição, lhes apareceu.

Por quarenta dias, permaneceu Cristo na Terra, preparando os discípulos para a obra que deviam fazer, e explanando o que até então eles tinham sido incapazes de compreender. Falou-lhes das profecias concernentes a Seu advento, Sua rejeição pelos judeus e Sua morte, mostrando que cada especificação dessas profecias

tinha sido cumprida. Falou-lhes também que deviam considerar o cumprimento dessas profecias como garantia do poder que haveria de assisti-los nas suas futuras atividades. "Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras. E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao [15] terceiro dia ressuscitasse dos mortos; e em Seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém" E Ele acrescentou: "E destas coisas sois vós testemunhas". Lucas 24:45-48.

Durante esses dias que Cristo passou com os discípulos, eles adquiriram nova experiência. Ao ouvirem o querido Mestre explicar-lhes as Escrituras à luz de tudo quanto acontecera, sua fé foi inteiramente firmada nEle. Chegaram ao ponto de poder declarar: "Eu sei em quem tenho crido". 2 Timóteo 1:12. Começaram a compreender a natureza e extensão de sua obra e a reconhecer que deviam proclamar ao mundo as verdades a eles confiadas. Os acontecimentos da vida de Cristo, Sua morte e ressurreição, as profecias que apontavam para esses acontecimentos, os mistérios do plano da salvação, o poder de Jesus para remissão de pecados — de todas essas coisas haviam eles sido testemunhas e deviam torná-las conhecidas ao mundo. Deviam proclamar o evangelho de paz e salvação mediante o arrependimento e o poder do Salvador.

Antes de ascender ao Céu, Cristo deu aos discípulos uma comissão. Disse-lhes que deviam ser os executores do testamento no qual Ele legava ao mundo os tesouros da vida eterna. Vocês são as testemunhas de Minha vida de sacrifício em favor do mundo, disse. Viram tudo o que fiz por Israel: E embora Meu povo não quisesse vir a Mim para ter vida, embora sacerdotes e príncipes tenham feito comigo o que desejaram, conquanto Me tenham rejeitado, terão ainda outra oportunidade de aceitar o Filho de Deus. Viram vocês que todos os que vieram a Mim confessando seus pecados, Eu os recebi livremente.

Aquele que vem a Mim, de maneira nenhuma o lançarei fora. Aos Meus discípulos Eu entrego essa mensagem de misericórdia. Ela deve ser dada tanto a judeus como a gentios — primeiro a Israel, e então, a todas as nações, línguas e povos. Todos os que crerem devem ser congregados numa única Igreja.

A comissão do evangelho é a Carta Magna missionária do reino de Cristo. Os discípulos deviam trabalhar fervorosamente pelas pessoas, estendendo a todas o convite de misericórdia. Não deviam esperar que o povo viesse a eles; deviam eles ir ao povo com a mensagem.

Deviam os discípulos levar avante sua obra no nome de Cristo. Cada uma de suas palavras e cada ato devia atrair a atenção sobre Seu nome como possuindo esse poder vivificante pelo qual os pecadores podem ser salvos. Sua fé devia centralizar-se nAquele que é a fonte de misericórdia e poder. Em Seu nome deviam apresentar suas petições ao Pai, e receberiam resposta. Deviam batizar no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O nome de Cristo devia ser a senha, a insígnia, o laço de união, a autoridade para sua norma de prosseguimento e a fonte de seu sucesso. Nada devia ser reconhecido em Seu reino que não trouxesse Seu nome e inscrição. [16]

Quando Cristo disse aos discípulos: "Ide" em Meu nome ajuntar na igreja a todos quantos crerem, deixou claro perante eles a necessidade de manterem simplicidade. Quanto menor fosse a ostentação e exibicionismo, maior seria sua influência para o bem. Os discípulos deviam falar com a mesma simplicidade com que Cristo havia falado. Deviam imprimir no coração dos ouvintes as mesmas lições que lhes havia ensinado.

Cristo não disse a Seus discípulos que sua obra seria fácil. Mostrou-lhes a vasta confederação do mal arregimentada contra eles. Teriam de lutar "contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais". Efésios 6:12. Mas não seriam deixados a lutar sozinhos. Assegurou-lhes que estaria com eles e, se fossem avante com fé, seriam protegidos pelo Onipotente. Ordenou-lhes que fossem valorosos e fortes; pois Alguém mais poderoso que os anjos — o General das hostes celestiais — estaria em suas fileiras. Ele tomou completas providências para a continuação de Sua obra, e assumiu a responsabilidade de seu êxito. Enquanto obedecessem Sua Palavra e trabalhassem em harmonia com Ele, não fracassariam. "Ide" por todas as nações, ordenou Ele. Até as mais distantes partes do mundo habitado, e estejam certos de que Minha presença estará com vocês, mesmo ali. Trabalhem com fé e confiança; pois em tempo algum os deixarei. Estarei sempre ajudando-os

a executar suas tarefas, guiando-os, confortando-os, santificando-os e os sustendo, dando-lhes sucesso, quando falarem, de maneira que suas palavras atraiam a atenção dos outros para o Céu.

O sacrifício de Cristo em favor do homem foi amplo e completo. A condição da expiação fora preenchida. A obra para que viera a este mundo fora realizada. Ele conquistara o reino. Arrebatara-o de Satanás, e Se tornara herdeiro de todas as coisas. Estava a caminho do trono de Deus, para ser honrado pela hoste celestial. Revestido de autoridade ilimitada, deu a Seus discípulos sua comissão: "Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos". Mateus 28:19, 20.

Antes de deixar Seus discípulos, Cristo uma vez mais definiu a natureza de Seu reino. Trouxe-lhes à lembrança as coisas que lhes havia falado anteriormente com relação a esse reino. Declarou-lhes que não era Seu propósito estabelecer neste mundo um reino temporal. Ele não havia sido indicado para reinar como um rei terrestre sobre o trono de Davi. Quando os discípulos Lhe perguntaram: "Senhor, restaurarás Tu neste tempo o reino a Israel?" Ele respondeu: "Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo Seu próprio poder". Atos 1:6, 7. Não lhes era necessário ver mais distante no futuro do que as revelações que lhes havia feito os capacitavam a ver. Sua obra era proclamar a mensagem do evangelho. [17]

A visível presença de Cristo estava prestes a ser retirada dos discípulos, mas uma nova dotação de poder lhes pertenceria. O Espírito Santo lhes seria concedido em Sua plenitude, selando-os para a sua obra. Disse o Salvador: "Eis que sobre vós envio a promessa de Meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder". Lucas 24:49. "Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo; não muito depois destes dias" "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-Me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da Terra". Atos 1:5, 8.

O Salvador sabia que nenhum argumento, embora lógico, enterneceria corações endurecidos nem atravessaria a crosta da mundani-

dade e do egoísmo. Sabia que os discípulos precisavam receber o dom celestial; que o evangelho só seria eficaz se fosse proclamado pelos corações aquecidos e lábios tornados eloqüentes pelo vivo conhecimento dAquele que é o caminho, a verdade e a vida. A obra comissionada aos discípulos iria requerer grande eficiência, porque a onda do mal avançava profunda e forte contra eles. Um vigilante e determinado líder estava no comando das forças das trevas, e os seguidores de Cristo somente poderiam batalhar pelo direito com o auxílio que Deus, pelo Seu Espírito, lhes daria.

Cristo disse a Seus discípulos que começassem o trabalho em Jerusalém. Aquela cidade fora o cenário de Seu estupendo sacrifício pela raça humana. Lá, envolto nas vestes da humanidade, andara e falara com os homens, e poucos discerniram quão próximo da Terra estava o Céu. Lá fora condenado e crucificado. Em Jerusalém havia muitos que, secretamente, criam que Jesus de Nazaré era o Messias, e muitos que haviam sido enganados pelos sacerdotes e príncipes. A esses o evangelho deveria ser proclamado. Seriam chamados ao arrependimento. Deveria ser esclarecida a maravilhosa verdade de que somente por meio de Cristo pode ser obtida a remissão dos pecados. E era enquanto toda a Jerusalém estava agitada pelos acontecimentos sensacionais das poucas semanas passadas, que a pregação dos discípulos causaria a mais profunda impressão.

Durante Seu ministério, Jesus tinha conservado constantemente perante os discípulos o fato de que eles deviam ser um com Ele em Sua obra para recuperar o mundo da escravidão do pecado. Quando Ele enviou os doze, e depois os setenta, para proclamarem o reino de Deus, estava-lhes ensinando o dever de repartir com outros o que lhes dera a conhecer. Em toda a Sua obra Ele os estivera preparando para trabalho em favor das pessoas, o qual deveria ser expandido à medida que seu número aumentasse, até finalmente alcançar os confins da Terra. A última lição que deu a Seus seguidores foi que lhes tinham sido confiadas as boas-novas de salvação para o mundo.

Ao chegar o tempo para Jesus ascender ao Pai, Ele levou os discípulos até Betânia. Ali parou, e eles se agruparam em torno dEle. [18] Com as mãos estendidas para abençoar, como a assegurar-lhes Seu protetor cuidado, vagarosamente subiu dentre eles. “E aconteceu que, abençoando-os Ele, Se apartou deles e foi elevado ao Céu”. Lucas 24:51.

Enquanto os discípulos olhavam atônitos para o alto, procurando captar o último vislumbre da ascensão do Senhor, foi Ele recebido pela jubilosa hoste de anjos celestiais. Enquanto esses anjos O acompanhavam às cortes celestiais, cantavam triunfalmente: "Reinos da Terra, cantai a Deus, cantai louvores ao Senhor. Aquele que vai montado sobre os céus dos céus" "Dai a Deus fortaleza: a Sua excelência está sobre Israel e a Sua fortaleza nas mais altas nuvens". Salmos 68:32-34.

Os discípulos ainda estavam com os olhos fitos no céu quando, "eis que junto deles se puseram dois varões vestidos de branco, os quais lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no Céu, há de vir assim como para o Céu O vistes ir". Atos 1:10, 11.

A promessa da segunda vinda de Cristo deveria ser conservada sempre viva na mente de Seus discípulos. O mesmo Jesus, a quem viram subir ao Céu, viria outra vez, para receber aos que na Terra se entregam a Seu serviço. A mesma voz que lhes disse: "Estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mateus 28:20), lhes daria as boas-vindas a Sua presença no reino celestial.

Como no cerimonial típico o sumo sacerdote despia suas vestes pontificais e oficiava vestido de linho branco dos sacerdotes comuns, assim Cristo abandonou Suas vestes reais e Se vestiu de humanidade, oferecendo-Se em sacrifício, sendo Ele mesmo o sacerdote, Ele mesmo a vítima. Como o sumo sacerdote, depois de realizar essa cerimônia no santo dos santos, deixava o local e se apresentava à expectante multidão em suas roupas pontificais, assim Cristo virá a segunda vez, trajando os mais alvos vestidos, "como nenhum lavadeiro sobre a Terra os poderia branquear". Marcos 9:3. Ele virá na Sua própria glória, e na glória de Seu Pai, e todos os anjos O escoltarão em Seu caminho.

Assim se cumprirá a promessa de Cristo a Seus discípulos: "Virei outra vez e vos levarei para Mim mesmo". João 14:3. A todos os que O têm amado e esperado por Ele, Ele coroará com honra, glória e imortalidade. Os justos mortos ressurgirão de suas sepulturas, e os que estiverem vivos serão arrebatados com eles para encontrar o Senhor nos ares. Eles ouvirão a voz de Jesus, mais suave que qualquer música jamais ouvida por ouvido mortal, dizendo-lhes: As lutas estão terminadas. "Vinde, benditos de Meu Pai, possuí por

herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo”. Mateus 25:34.

Os discípulos tinham motivos para rejubilar-se na esperança da [19] volta do Senhor.

Capítulo 4 — O Pentecostes

Este capítulo é baseado em Atos 2:1-39.

Ao voltarem os discípulos do Olivete para Jerusalém, o povo fitava-os, esperando descobrir-lhes no rosto expressões de tristeza, confusão e derrota, mas viram alegria e triunfo. Os discípulos não pranteavam desapontadas esperanças. Viram o Salvador ressurgido, e Sua promessa na despedida lhes ecoava constantemente aos ouvidos.

Em obediência à ordem de Cristo, esperaram em Jerusalém o cumprimento da promessa do Pai — o derramamento do Espírito. Não esperaram ociosos. Diz o registro que "estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus". Lucas 24:53. Reuniram-se também para, em nome de Jesus, apresentar seus pedidos ao Pai. Sabiam que tinham um representante no Céu, um advogado junto ao trono de Deus. Em solene reverência, ajoelharam-se em oração, repetindo a promessa: "Tudo quanto pedirdes a Meu Pai, em Meu nome, Ele vo-lo há de dar. Até agora nada pedistes em Meu nome; pedi, e recebereis, para que o vosso gozo se cumpra". João 16:23, 24. Mais e mais alto eles estenderam a mão da fé, com o poderoso argumento: "É Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós". Romanos 8:34.

Ao esperarem os discípulos pelo cumprimento da promessa, humilharam o coração em verdadeiro arrependimento e confessaram sua incredulidade. Ao trazerem à lembrança as palavras que Cristo lhes havia dito antes da morte, entenderam mais amplamente seu significado. Verdades que lhes tinham escapado à lembrança lhes voltavam à mente, e eles as repetiam uns aos outros. Reprovavam-se por não haverem compreendido o Salvador. Como numa seqüência, cena após cena de Sua maravilhosa vida passou perante eles. Meditando sobre Sua vida pura, santa, sentiram que nenhum trabalho seria árduo demais, nenhum sacrifício demasiado grande, contanto que pudessem testemunhar na própria vida, da amabilidade do caráter

de Cristo. Oh! se pudessem viver de novo os passados três anos, pensavam, quão diferentemente agiriam! Se pudessem somente ver o Mestre outra vez, com que ardor procurariam mostrar quão profundamente O amavam, e quanto se haviam entristecido por terem-nO ferido com uma palavra ou um ato de incredulidade! Mas estavam confortados com o pensamento de que haviam sido perdoados. E determinaram que, tanto quanto possível, expiariam sua incredulidade confessando-O corajosamente perante o mundo. [20]

Os discípulos oraram com intenso fervor para serem habilitados a se aproximar das pessoas e, em seu trato diário, falar palavras que levassem os pecadores a Cristo. Pondo de parte todas as divergências, todo o desejo de supremacia, uniram-se em íntima comunhão cristã. Aproximaram-se mais e mais de Deus e, fazendo isso, sentiram que era um privilégio poderem associar-se tão intimamente com Cristo. A tristeza lhes inundava o coração ao se lembrarem de quantas vezes O haviam mortificado por terem sido tardos de compreensão, falhos em entender as lições que, para seu bem, Ele estivera buscando ensinar-lhes.

Esses dias de preparo foram de profundo exame de coração. Os discípulos sentiram sua necessidade espiritual, e suplicaram do Senhor a santa unção que os devia capacitar para a obra da salvação. Não suplicaram essas bênçãos apenas para si. Sentiam a responsabilidade que pesava sobre eles. Compreendiam que o evangelho devia ser proclamado ao mundo e clamavam pelo poder que Cristo prometera.

Durante a era patriarcal, a influência do Espírito Santo tinha sido muitas vezes revelada de maneira muito notável, mas nunca em Sua plenitude. Agora, em obediência à palavra do Salvador, os discípulos faziam suas súplicas por esse dom e, no Céu, Cristo acrescentou Sua intercessão. Ele reclamou o dom do Espírito para que pudesse derramá-lo sobre Seu povo.

“E cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados”. Atos 2:1, 2.

O Espírito veio sobre os discípulos que, expectantes, oravam, com uma plenitude que alcançou cada coração. O Ser infinito revelou-Se em poder a Sua igreja. Era como se por séculos essa

influência estivesse sendo reprimida e, agora, o Céu se regozijasse em poder derramar sobre a igreja as riquezas da graça do Espírito. E sob a influência do Espírito, palavras de arrependimento e confissão misturavam-se com cânticos de louvor por pecados perdoados. Eram ouvidas palavras de gratidão e de profecia. Todo o Céu se inclinou na contemplação da sabedoria do incomparável e incompreensível amor. Absortos em admiração, os apóstolos exclamaram: "Nisto consiste o amor"! 1 João 4:10. Eles se apossaram do dom que lhes era repartido. E que se seguiu? A espada do Espírito, de novo afiada com poder e banhada nos relâmpagos do Céu, abriu caminho através da incredulidade. Milhares se converteram num dia.

Disse Cristo a Seus discípulos: "Digo-vos a verdade, que vos convém que Eu vá; porque, se Eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se Eu for, enviar-vo-Lo-ei" "Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, Ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir". João 16:7, 13.

A ascensão de Cristo ao Céu foi, para Seus seguidores, um sinal de que estavam para receber a bênção prometida. Por ela deviam esperar antes de iniciarem a obra que lhes fora ordenada. Ao transpor as portas celestiais, foi Jesus entronizado em meio à adoração dos anjos. Tão logo foi essa cerimônia concluída, o Espírito Santo desceu em ricas torrentes sobre os discípulos, e Cristo foi, de fato, glorificado com aquela glória que tinha com o Pai desde toda a eternidade. O derramamento pentecostal foi uma comunicação do Céu de que a confirmação do Redentor havia sido feita. De conformidade com Sua promessa, Jesus enviou do Céu o Espírito Santo sobre Seus seguidores, em sinal de que Ele, como Sacerdote e Rei, recebera todo o poder no Céu e na Terra, tornando-Se o Ungido sobre Seu povo. [21]

"E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem". Atos 2:3, 4. O Espírito Santo, assumindo a forma de línguas de fogo, repousou sobre a assembléia. Esse era um emblema do dom então outorgado aos discípulos, o qual os capacitava a falar com fluência línguas com as quais antes não tinham tomado contato algum. A aparência de fogo

significava o zelo fervente com que os apóstolos trabalhariam, e o poder que assistiria sua obra.

"E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu". Atos 2:5. Durante a dispersão, os judeus tinham sido espalhados por quase todas as partes do mundo habitado, e em seu exílio tinham aprendido a falar várias línguas. Muitos desses judeus estavam, nessa ocasião, em Jerusalém assistindo às festas religiosas que então se realizavam. Cada língua conhecida estava por eles representada. Essa diversidade de línguas teria sido um grande obstáculo à proclamação do evangelho; Deus, portanto, de maneira miraculosa, supriu a deficiência dos apóstolos. O Espírito Santo fez por eles o que não teriam podido fazer por si em toda uma existência. Agora, podiam proclamar as verdades do evangelho em toda parte, falando com perfeição a língua daqueles por quem trabalhavam. Esse miraculoso dom era para o mundo uma forte evidência de que o trabalho deles tinha a aprovação do Céu. Daí por diante, a linguagem dos discípulos era pura, simples e correta, falassem eles no idioma materno ou numa língua estrangeira.

"E, correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! não são galileus todos esses homens que estão falando? Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?" Atos 2:6-8.

Os sacerdotes e príncipes estavam excessivamente enraivecidos ante essa manifestação extraordinária, mas não ousavam demonstrar sua má disposição, por temor de se exporem à violência do povo. Tinham assassinado o Nazareno; mas eis que ali estavam os Seus [22] servos, indoutos da Galiléia, contando em todas as línguas então faladas, a história de Sua vida e ministério. Os sacerdotes, resolvidos a atribuir o poder miraculoso dos discípulos a alguma causa natural, declararam estarem eles embriagados por terem bebido demais do vinho novo preparado para o banquete. Alguns dos mais ignorantes dentre o povo creram na acusação, mas os mais inteligentes sabiam que isso era falso; e os que compreendiam as diferentes línguas testificavam da correção com que eram usadas pelos discípulos.

Em resposta à acusação dos sacerdotes, Pedro destacou que essa demonstração era um direto cumprimento da profecia de Joel, onde

é predita a descida de tal poder sobre homens a fim de habilitá-los para uma obra especial. “Varões judeus, e todos os que habitais em Jerusalém,” disse ele, “seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do Meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, e os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do Meu Espírito derramarei sobre os Meus servos e Minhas servas naqueles dias, e profetizarão”. Atos 2:14-18.

Com clareza e poder Pedro testificou da morte e ressurreição de Cristo: “Varões israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por Ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; a Este... crucificastes e matastes pelas mãos de injustos; ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela”. Atos 2:22-24.

Pedro não se referiu aos ensinos de Cristo a fim de justificar sua atitude, porque sabia que o preconceito de seus ouvintes era tal que suas palavras sobre o assunto seriam de nenhum efeito. Em vez disso, falou de Davi, que era considerado pelos judeus como um dos patriarcas da nação. “Porque”, declarou, “dEle disse Davi: Sempre via diante de Mim o Senhor, porque está à Minha direita, para que Eu não seja comovido; por isso se alegrou o Meu coração, e a Minha língua exultou; e ainda a Minha carne há de repousar em esperança; pois não deixarás a Minha alma no Hades, nem permitirás que o Teu santo veja a corrupção. Atos 2:25-27.

“Varões irmãos, seja-me lícito dizer-vos livremente acerca do patriarca Davi, que ele morreu e foi sepultado, e entre nós está até hoje a sua sepultura” Ele “disse da ressurreição de Cristo: que a Sua alma não foi deixada no Hades, nem a Sua carne viu a corrupção. Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas”. Atos 2:29, 31-32.

É uma cena cheia de interesse. Eis o povo afluindo de todas as direções para ouvir os discípulos testificarem da verdade como é em Jesus. Eles se acotovelam, lotando o templo. Sacerdotes e príncipes estão presentes, fisionomias carregadas de malignidade, o coração

ainda cheio de permanente ódio contra Cristo, as mãos maculadas [23] com o sangue do Redentor do mundo, sangue esse derramado quando O crucificaram. Pensavam encontrar os apóstolos acovardados e temerosos sob a mão forte da opressão e assassínio, mas encontram-nos acima de todo temor, cheios do Espírito, proclamando com poder a divindade de Jesus de Nazaré. Ouvem-nos declarando com ousadia que Aquele tão recentemente humilhado, escarnecido, ferido por mãos cruéis e crucificado é o Príncipe da vida, agora exaltado à direita de Deus.

Alguns dos que ouviam os apóstolos tinham tomado parte ativa na condenação e morte de Cristo. Suas vozes tinham-se misturado com a da turba, pedindo Sua crucificação. Quando Jesus e Barrabás foram colocados perante eles no tribunal, e Pilatos perguntou: "Qual quereis que vos solte?" (Mateus 27:17) eles clamaram: "Este não, mas Barrabás". João 18:40. Quando Pilatos lhes apresentou Cristo, dizendo: "Tomai-O vós, e crucificai-O; porque eu nenhum crime acho nEle" (João 19:6), "Estou inocente do sangue dEste justo", eles exclamaram: "O Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos". Mateus 27:24, 25.

Agora, eles ouvem os discípulos declararem que era o Filho de Deus que havia sido crucificado. Sacerdotes e príncipes tremeram. Um sentimento de convicção e angústia se apoderou do povo. "E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos?" Atos 2:37. Entre os ouvintes dos discípulos havia judeus devotos, sinceros em sua fé. O poder que acompanhou as palavras de Pedro convenceu-os de que Jesus era, de fato, o Messias.

"E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo; porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar". Atos 2:38, 39.

Pedro deixou claro ao povo convicto o fato de que haviam rejeitado a Cristo por terem sido enganados pelos sacerdotes e príncipes; e que se eles continuassem a buscar conselho desses homens, e esperassem por eles para reconhecerem a Cristo em vez de ousar fazê-lo por si mesmos, jamais O aceitariam. Esses homens poderosos, embora fazendo profissão de piedade, eram ambiciosos de

riquezas e glórias terrestres. Não desejavam vir a Cristo para receber esclarecimento.

Sob a influência dessa celestial iluminação, as passagens da Escritura que Cristo tinha explanado aos discípulos apresentavam-se perante eles com o brilho da verdade perfeita. O véu que os impedia de ver o fim do que fora abolido estava agora removido, e eles compreendiam com perfeita clareza o objetivo da missão de Cristo e a natureza de Seu reino. Puderam falar com poder a respeito do Salvador e, ao desdobrarem perante seus ouvintes o plano da salvação, muitos ficavam convictos e persuadidos. As tradições [24] e superstições inculcadas pelos sacerdotes foram varridas de sua mente, e os ensinos do Salvador, aceitos.

"De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas". Atos 2:41.

Os líderes judeus tinham imaginado que a obra de Cristo terminaria com Sua morte; mas em vez disso, testemunharam as maravilhosas cenas do dia do Pentecostes. Ouviram os discípulos dotados de poder e energia até então desconhecidos pregando a Cristo e viram suas palavras confirmadas por sinais e maravilhas. Em Jerusalém, o centro do judaísmo, milhares declararam abertamente sua fé em Jesus de Nazaré como o Messias. Os discípulos estavam assombrados e sobremodo jubilosos com a abundante colheita de conversos. Eles não consideravam essa maravilhosa colheita como resultado de seus próprios esforços; sabiam que estavam somando ao trabalho de outros homens. Desde a queda de Adão, Cristo estivera confiando a servos escolhidos a semente de Sua Palavra, para ser lançada nos corações humanos. Durante Sua vida na Terra, Ele semeara a semente da verdade e a regara com Seu sangue. As conversões ocorridas no dia do Pentecostes foram resultado dessa semeadura, a colheita da obra de Cristo, revelando o poder de Seus ensinos.

Apenas os argumentos dos apóstolos, conquanto convincentes e claros, não teriam removido o preconceito que resistira a tanta evidência. Mas o Espírito Santo com divino poder convenceu os corações pelos argumentos. As palavras dos apóstolos eram como afiadas setas do Todo-poderoso, convencendo as pessoas de sua terrível culpa por haverem rejeitado e crucificado o Senhor da glória.

Sob a influência dos ensinos de Cristo, os discípulos tinham sido induzidos a sentir sua necessidade do Espírito. Mediante a instrução do Espírito receberam a habilitação final, saindo no desempenho de sua vocação. Não mais eram ignorantes e iletrados. Haviam deixado de ser um grupo de unidades independentes, ou elementos discordantes em conflito. Sua esperança não mais repousava sobre a grandeza terrestre. Todos eram "unânimes" (Atos 2:46) e "era um o coração e a alma da multidão dos que criam". Atos 4:32. Cristo lhes enchia os pensamentos; e eles visavam ao avançamento de Seu reino. Na mente e no caráter, haviam-se tornado semelhantes a seu Mestre, e os homens "tinham conhecimento que eles haviam estado com Jesus". Atos 4:13.

O Pentecostes trouxe-lhes uma iluminação celestial. As verdades que não puderam compreender enquanto Cristo estava com eles, eram agora reveladas. Com uma fé e certeza que nunca antes conheceram, aceitaram os ensinamentos da Sagrada Palavra. Não mais lhes era questão de fé, ser Cristo o Filho de Deus. Sabiam que, ainda que revestido da humanidade, Ele era, de fato, o Messias, e contaram sua experiência ao mundo com uma confiança que inspirava a convicção de que Deus estava com eles. [25]

Eles podiam falar no nome de Jesus com segurança; pois era Ele seu Amigo e Irmão mais velho. Levados em íntima comunhão com Cristo, assentaram-se com Ele nos lugares celestiais. Com uma linguagem convincente vestiam suas idéias quando testificavam dEle. Tinham o coração sobrecarregado com a benevolência tão ampla, tão profunda, de tão vasto alcance que foram impelidos a ir aos confins da Terra, testificando do poder de Cristo. Estavam cheios de um intenso desejo de levar avante a obra que Ele tinha iniciado. Sentiam a enormidade de seu débito para com o Céu, e a responsabilidade de sua obra. Fortalecidos pela concessão do Espírito Santo, saíram com zelo para estender os triunfos da cruz. O Espírito os animava, e falava por intermédio deles. A paz de Cristo brilhava na face deles. Tinham-Lhe consagrado a vida para serviço, e seu próprio semblante evidenciava a entrega que haviam feito. [26]

Capítulo 5 — O dom do Espírito

Quando Cristo fez a Seus discípulos a promessa do Espírito, estava Se aproximando do fim de Seu ministério terrestre. Estava à sombra da cruz, com plena consciência do peso da culpa que havia de repousar sobre Ele como o portador do pecado. Antes de Se oferecer como a vítima sacrifical, instruiu Seus discípulos com respeito a um dom essencial e completo que ia conceder a Seus seguidores — o dom que haveria de pôr-lhes ao alcance os ilimitados recursos de Sua graça. "Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê, nem O conhece: mas vós O conheceis, porque habita convosco, e estará em vós". João 14:16, 17. O Salvador estava apontando para o futuro, ao tempo em que o Espírito Santo deveria vir para fazer uma poderosa obra como Seu representante. O mal que se vinha acumulando por séculos, devia ser resistido pelo divino poder do Espírito Santo.

Qual foi o resultado do derramamento do Espírito no dia do Pentecostes? As boas-novas de um Salvador ressuscitado foram levadas até as mais longínquas partes do mundo habitado. À medida que os discípulos proclamavam a mensagem da graça redentora, os corações se entregavam ao poder da mensagem. A igreja viu conversos vindo para ela de todas as direções. Extraviados converteram-se de novo. Pecadores uniram-se aos crentes em busca da Pérola de grande preço. Alguns que haviam sido os mais ferrenhos inimigos do evangelho tornaram-se seus campeões. Cumpriu-se a profecia: "O que dentre eles tropeçar... será como Davi, e a casa de Davi... como o anjo do Senhor". Zacarias 12:8. Cada cristão via em seu irmão uma revelação do amor e benevolência divinos. Só um interesse prevalecia; um elemento de emulação absorveu todos os outros. A ambição dos crentes era revelar a semelhança do caráter de Cristo, bem como trabalhar pelo desenvolvimento de Seu reino.

"E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça".

Atos 4:33. Pelas suas atividades agregaram-se à igreja homens escolhidos que, recebendo a palavra da verdade, consagraram a vida à obra de levar aos outros a esperança que lhes enchia o coração de paz e satisfação. Não podiam ser reprimidos nem intimidados por [27] ameaças. O Senhor falava por seu intermédio e, à medida que iam de lugar a lugar, o evangelho era pregado aos pobres e manifestavam-se milagres da divina graça.

Deus pode atuar tão poderosamente quando os homens se entregam ao controle de Seu Espírito.

A promessa do Espírito Santo não é limitada a uma época ou povo. Cristo declarou que a divina influência do Espírito deveria estar com Seus seguidores até o fim. Desde o dia do Pentecostes até ao presente, o Confortador tem sido enviado a todos os que se rendem inteiramente ao Senhor e a Seu serviço. A todos os que aceitam a Cristo como Salvador pessoal, o Espírito Santo vem como consolador, santificador, guia e testemunha. Quanto mais intimamente os crentes andam com Deus, tanto mais clara e poderosamente testificam do amor do Redentor e da Sua graça salvadora. Os homens e mulheres que através dos longos séculos de perseguição e prova desfrutaram, em larga escala, a presença do Espírito em sua vida, permaneceram como sinais e maravilhas no mundo. Revelaram, diante dos anjos e dos homens, o transformador poder do amor que redime.

Os que, no Pentecostes, foram dotados com poder do alto, não ficaram por isso livres de tentações e provas. Enquanto testemunhavam da verdade e da justiça, eram repetidamente assediados pelo inimigo de toda a verdade, o qual procurava roubar-lhes a sua experiência cristã. Eram compelidos a lutar com todas as faculdades dadas por Deus, a fim de alcançarem a estatura de homens e mulheres em Cristo Jesus. Diariamente, oravam por novos suprimentos de graça, para que pudessem subir mais e mais na escala da perfeição. Sob a operação do Espírito Santo, mesmo os mais fracos, pelo exercitar fé em Deus, aprendiam a melhorar as faculdades conseguidas, e a se tornarem santificados, refinados e enobrecidos. Tendo se submetido em humildade à modeladora influência do Espírito Santo, recebiam a plenitude da Divindade e eram modelados à semelhança do divino.

O tempo decorrido não operou mudança na promessa dada por Cristo ao partir, de que enviaria o Espírito Santo como Seu represen-

tante. Não é por qualquer restrição da parte de Deus que as riquezas de Sua graça deixam de fluir para a Terra em favor dos homens. Se o cumprimento da promessa não é visto como poderia ser, é porque a promessa não é apreciada como deveria. Se todos estivessem dispostos, todos seriam cheios do Espírito. Onde quer que a necessidade do Espírito Santo seja um assunto de que pouco se pense, ali se verá sequidão espiritual, escuridão espiritual e espirituais declínio e morte. Quando assuntos de menor importância ocupam a atenção, é sinal de que está faltando o divino poder, necessário para o crescimento e prosperidade da igreja, ainda que oferecido em infinita plenitude, o qual traz após si todas as demais bênçãos.

Uma vez que é esse o meio pelo qual havemos de receber poder, por que não sentimos fome e sede pelo dom do Espírito? Por que não falamos sobre ele, não oramos por ele e não pregamos a seu respeito? O Senhor está mais disposto a dar o Espírito Santo àqueles que O servem do que os pais a dar boas dádivas a seus filhos. [28] Cada obreiro deve fazer sua petição a Deus pelo batismo diário do Espírito. Grupos de obreiros cristãos se devem reunir para suplicar auxílio especial, sabedoria celestial, para que saibam como planejar e executar sabiamente. Principalmente, devem eles orar para que Deus batize Seus embaixadores escolhidos nos campos missionários, com uma rica medida do Seu Espírito. A presença do Espírito com os obreiros de Deus dará à proclamação da verdade um poder que nem toda a honra ou glória do mundo dariam.

O Espírito Santo habita no consagrado obreiro de Deus, onde quer que ele possa estar. As palavras dirigidas aos discípulos são-no também a nós. O Consolador é tanto nosso quanto deles. O Espírito concede a força que sustenta a pessoa que se esforça e luta em todas as emergências, em meio ao ódio do mundo e ao reconhecimento de seus próprios fracassos e erros. Em tristezas e aflições, quando as perspectivas se afiguram escuras e o futuro aterrador, e nos sentimos desamparados e sós — é tempo de o Espírito Santo, em resposta à oração da fé, conceder conforto ao coração.

Manifestar êxtases espirituais sob circunstâncias extraordinárias não é prova conclusiva de que uma pessoa é cristã. Santidade não é arrebatamento: é inteira entrega da vontade a Deus; é viver por toda a palavra que sai da boca de Deus; é fazer a vontade de nosso Pai celestial; é confiar em Deus na provação, tanto nas trevas como

na luz; é andar pela fé e não pela vista; é apoiar-se em Deus com indiscutível confiança, descansando em Seu amor.

Não é essencial que sejamos capazes de definir exatamente o que seja o Espírito Santo. Cristo nos diz que o Espírito é o Consolador, o "Espírito de verdade, que procede do Pai". João 15:26. É declarado positivamente, a respeito do Espírito Santo, que, em Sua obra de guiar os homens em toda a verdade, "não falará de Si mesmo". João 16:13.

A natureza do Espírito Santo é um mistério. Os homens não a podem explicar, porque o Senhor não lhes revelou. Com fantasiosos pontos de vista, podem-se reunir passagens da Escritura e dar-lhes um significado humano; mas a aceitação desses pontos de vista não fortalecerá a igreja. Com relação a tais mistérios — demasiado profundos para o entendimento humano — o silêncio é ouro.

A função do Espírito Santo é distintamente especificada nas palavras de Cristo: "E quando Ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo". João 16:8. É o Espírito Santo que convence do pecado. Se o pecador atender à vivificadora influência do Espírito, será levado ao arrependimento e despertado para a importância de obedecer aos reclamos divinos.

Ao pecador arrependido, faminto e sedento de justiça, o Espírito Santo revela o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. "Ele... [29] há de receber do que é Meu, e vo-lo há de anunciar", disse Cristo. João 16:14. "Esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito". João 14:26.

O Espírito é dado como agente de regeneração, para tornar eficaz a salvação operada pela morte de nosso Redentor. O Espírito está constantemente buscando atrair a atenção das pessoas para a grande oferta feita na cruz do Calvário, a fim de desvendar ao mundo o amor de Deus, e abrir às mentes convictas as preciosidades das Escrituras.

Havendo operado a convicção do pecado, e apresentado perante a mente a norma de justiça, o Espírito Santo afasta as afeições pelas coisas da Terra, e enche o espírito com o desejo de santidade. "Ele vos guiará em toda a verdade", declarou o Salvador. João 16:13. Se os homens se dispuserem a ser moldados, haverá a santificação de todo o ser. O Espírito tomará as coisas de Deus e as gravará no seu coração. Por Seu poder o caminho da vida se tornará tão claro que ninguém o errará.

Desde o princípio, tem Deus operado por Seu Espírito Santo, mediante agentes humanos, para a realização de Seu propósito em benefício da humanidade caída. Isso se manifestou na vida dos patriarcas. À igreja no deserto, no tempo de Moisés, também deu Deus Seu "bom Espírito, para os ensinar". Neemias 9:20. E nos dias dos apóstolos, Ele atuou poderosamente por Sua igreja através do Espírito Santo. O mesmo poder que susteve os patriarcas, que a Calebe e Josué deu fé e coragem, e eficiência à obra da igreja apostólica, tem sustentado os fiéis filhos de Deus nos séculos sucessivos. Foi mediante o poder do Espírito Santo que na idade escura os cristãos valdenses ajudaram a preparar o caminho para a Reforma. Foi o mesmo poder que deu êxito aos esforços de nobres homens e mulheres que abriram o caminho para o estabelecimento das modernas missões, e para a tradução da Bíblia para as línguas e dialetos de todas as nações e povos.

E ainda hoje, Deus está usando Sua igreja para tornar conhecido Seu propósito na Terra. Hoje, os arautos da cruz vão de cidade em cidade e de lugar em lugar, preparando o caminho para o segundo advento de Cristo. A norma da lei de Deus está sendo exaltada. O Espírito do Onipotente está movendo o coração dos homens, e os que respondem a essa influência tornam-se testemunhas de Deus e Sua verdade. Em muitos lugares podem ser vistos homens e mulheres consagrados comunicando a outros a luz que lhes iluminou o caminho da salvação mediante Cristo. E enquanto deixam sua luz brilhar, como fizeram os que foram batizados com o Espírito no dia do Pentecostes, recebem mais e mais do poder do Espírito. Assim é a Terra iluminada com a glória de Deus.

Por outro lado, há alguns que, em vez de aproveitar sabiamente as oportunidades presentes, estão esperando indolentes por alguma ocasião especial de refrigério espiritual, pelo qual suas habilidades para iluminar outros sejam grandemente aumentadas. Esses negligenciam os deveres e privilégios do presente e deixam que sua luz se [30] apague, enquanto esperam um tempo em que, sem nenhum esforço de sua parte, sejam feitos os recipientes de bênçãos especiais, pelas quais sejam transformados e tornados aptos para o serviço.

É certo que, no tempo do fim, quando a causa de Deus na Terra estiver prestes a terminar, os sinceros esforços dos consagrados crentes sob a guia do Espírito Santo serão acompanhados por especiais

manifestações de favor divino. Sob a figura das chuvas temporã e serôdia, que caem nas terras orientais ao tempo da semeadura e da colheita, os profetas hebreus predisseram a dotação de graça espiritual em medida extraordinária à igreja de Deus. O derramamento do Espírito nos dias dos apóstolos foi o começo da primeira chuva, ou temporã, e glorioso foi o resultado. Até o fim do tempo, a presença do Espírito deve ser encontrada com a verdadeira igreja.

Ao avizinhar-se o fim da ceifa da Terra, uma especial concessão de graça espiritual é prometida a fim de preparar a igreja para a vinda do Filho do homem. Esse derramamento do Espírito é comparado com a queda da chuva serôdia; e é por esse poder adicional que os cristãos devem fazer as suas petições ao Senhor da seara "no tempo da chuva serôdia" Em resposta, "o Senhor, que faz os relâmpagos, lhes dará chuveiro de água". Zacarias 10:1. "Ele... fará descer a chuva, a temporã e a serôdia, no primeiro mês". Joel 2:23.

A menos, porém, que os membros da igreja de Deus hoje estejam em viva associação com a Fonte de todo o crescimento espiritual, não estarão prontos para o tempo da ceifa. A menos que mantenham suas lâmpadas bem acesas, deixarão de receber a graça adicional em tempos de maior necessidade.

Apenas os que estão a receber constantemente novos suprimentos de graça, terão o poder proporcional a sua necessidade diária e sua capacidade de usar esse poder. Em vez de aguardar um tempo futuro em que, mediante uma concessão especial de poder espiritual, recebam uma habilitação miraculosa para conquistar almas, rendem-se diariamente a Deus, para que os torne vasos próprios para o Seu uso. Aproveitam cada dia as oportunidades do serviço que encontram a seu alcance. Diariamente, testificam em favor do Mestre, onde quer que estejam, seja em alguma humilde esfera de atividade no lar, ou em algum setor de utilidade pública.

Há para o consagrado obreiro uma maravilhosa consolação em saber que mesmo Cristo, durante Sua vida na Terra, buscava diariamente Seu Pai em procura de nova provisão da necessária graça, e saía dessa comunhão com Deus para fortalecer e abençoar a outros.

Contemplemos o Filho de Deus curvado em adoração a Seu Pai! Conquanto fosse o Filho de Deus, robustecia Sua fé por meio da prece, e mediante a comunhão com o Céu trazia a Si mesmo força para resistir ao mal e ministrar às necessidades dos homens. Como

o Irmão mais velho de nossa raça, conheceu as necessidades dos que, cercados de enfermidades e vivendo num mundo de pecado e tentação, desejam, contudo, servi-Lo. Ele sabe que os mensageiros que acha por bem enviar, são homens fracos e falíveis, mas a todos que se dedicam inteiramente ao Seu serviço, promete auxílio divino. Seu próprio exemplo é uma garantia de que a diligente e perseverante súplica a Deus em fé — fé que leva a uma inteira confiança nEle e consagração sem reserva a Sua obra — será eficaz em trazer aos homens o auxílio do Espírito Santo na batalha contra o pecado. [31]

Todo obreiro que segue o exemplo de Cristo, estará apto a receber e empregar o poder que Deus prometeu a Sua igreja para a maturação da seara da Terra. Manhã após manhã, ao se ajoelharem os arautos do evangelho perante o Senhor, renovando-Lhe seus votos de consagração, Ele lhes concederá a presença de Seu Espírito, com Seu poder vivificante e santificador. Ao saírem para seus deveres diários, têm eles a certeza de que a invisível atuação do Espírito Santo os habilita a ser "cooperadores de Deus". 1 Coríntios 3:9. [32]

Capítulo 6 — À porta do templo

Este capítulo é baseado em Atos 3; 4:1-31.

Os discípulos de Cristo tinham profundo senso da própria ineficiência e, com humilhação e oração, uniam sua fraqueza a Sua força, sua ignorância a Sua sabedoria, sua indignidade a Sua justiça e sua pobreza a Sua inesgotável riqueza. Assim fortalecidos e equipados, não hesitaram em avançar a serviço do Mestre.

Pouco tempo após a descida do Espírito Santo, e imediatamente depois de um período de fervorosa oração, Pedro e João, subindo ao templo para adorar, viram à porta Formosa, um coxo, de quarenta anos de idade, cuja vida, desde o seu nascimento, tinha sido de dor e enfermidade. Esse infeliz havia durante muito tempo desejado ver Jesus para ser curado, mas encontrava-se quase ao desamparo, e estava muito afastado do cenário dos labores do grande Médico. Seus rogos finalmente induziram alguns amigos a levá-lo à porta do templo, mas chegando ali, soube que Aquele em quem suas esperanças se centralizavam havia sido morto cruelmente.

Seu desapontamento provocou a simpatia dos que sabiam por quanto tempo ele avidamente esperara ser curado por Jesus, e diariamente o levavam ao templo, a fim de que os que passavam fossem, pela piedade, induzidos a dar-lhe uma ninharia para lhe aliviar as necessidades. Ao passarem Pedro e João, pediu-lhes uma esmola. Os discípulos olharam-no com compaixão, e Pedro disse: "Olha para nós. E olhou para eles, esperando receber deles alguma coisa. E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro". Atos 3:4-6. Ao declarar Pedro desta maneira a sua pobreza, o rosto do coxo descaiu; mas tornou-se radiante com esperança ao continuar o apóstolo: "Mas o que tenho isso te dou. Em nome de Jesus Cristo o Nazareno, levanta-te e anda". Atos 3:6.

"E, tomando-o pela mão direita, o levantou, e logo os seus pés e artelhos se firmaram. E, saltando ele, pôs-se em pé, e andou, e entrou

com eles no templo, andando, e saltando, e louvando a Deus”. Atos 3:7, 8.

“E, apegando-se o coxo, que fora curado, a Pedro e João, todo o povo correu atônito para junto deles, ao alpendre chamado de Salomão”. Atos 3:11. Estavam estupefatos de que os discípulos pudessem efetuar milagres semelhantes aos que foram realizados por Jesus. Contudo, ali estava aquele homem que, durante quarenta anos, fora um coxo inválido, regozijando-se agora em pleno uso de seus membros, livre de dor, e feliz por crer em Jesus. [33]

Quando os discípulos viram o espanto do povo, Pedro perguntou: “Por que vos maravilhais disto? Ou, por que olhais tanto para nós, como se por nossa própria virtude ou santidade fizéssemos andar este homem?” Atos 3:12. Assegurou-lhes que a cura tinha sido operada em nome e pelos méritos de Jesus de Nazaré, a quem Deus ressuscitara dos mortos. “Pela fé no Seu nome”, declarou o apóstolo, “fez o Seu nome fortalecer a este que vedes e conheceis; e a fé que é por Ele deu a este, na presença de todos vós, essa perfeita saúde”. Atos 3:16.

Os apóstolos falaram claramente do grande pecado dos judeus, em terem rejeitado e matado o Príncipe da vida; mas foram cuidadosos em não levar seus ouvintes ao desespero. “Vós negastes o Santo e o Justo”, disse Pedro, “e matastes o Príncipe da vida, ao qual Deus ressuscitou dos mortos, do que nós somos testemunhas” “E agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos príncipes, mas Deus assim cumpriu o que já antes pela boca de todos os Seus profetas havia anunciado; que o Cristo havia de padecer”. Atos 3:14, 15, 17, 18. Ele declarou que o Espírito Santo os estava chamando para arrependimento e conversão, e assegurou-lhes que não havia esperança de salvação a não ser mediante a graça dAquele a quem haviam crucificado. Somente pela fé nEle podiam seus pecados ser perdoados.

“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos,” exclamou ele, “para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor”. Atos 3:19.

“Vós sois os filhos dos profetas e do concerto que Deus fez com nossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência serão benditas todas as famílias da Terra. Ressuscitando Deus a Seu Filho

Jesus, primeiro O enviou a vós, para que nisso vos abençoasse, e vos desviasse, a cada um, das vossas maldades”. Atos 3:25, 26.

Assim os discípulos pregaram a ressurreição de Cristo. Muitos entre os que os ouviam estavam esperando por este testemunho e, quando o ouviram, creram. Vieram-lhes à mente as palavras que Cristo havia dito, e tomaram posição ao lado dos que aceitaram o evangelho. A semente que o Salvador havia plantado brotava e produzia frutos.

Enquanto os discípulos falavam ao povo, “sobrevieram os sacerdotes, e o capitão do templo, e os saduceus, doendo-se muito de que ensinassem o povo, e anunciassem em Jesus a ressurreição dos mortos”. Atos 4:1, 2.

Após a ressurreição de Cristo, os sacerdotes tinham espalhado longe e perto a mentira de que Seu corpo tinha sido roubado pelos discípulos enquanto a guarda romana dormia. Não é de admirar que tenham ficado descontentes quando ouviram Pedro e João pregar a ressurreição dAquele que haviam matado. Os saduceus, especialmente, estavam sobremodo alvoroçados. Sentiam que suas mais [34] acariciadas doutrinas estavam em perigo e sua reputação em risco.

Os conversos à nova fé estavam rapidamente aumentando, e tanto fariseus como saduceus concordaram em que, se permitissem a esses novos ensinadores prosseguir livremente, sua própria influência estaria em maior perigo do que quando Jesus estava na Terra. Em conformidade com isso, o capitão do templo, com auxílio de alguns dos saduceus, deteve Pedro e João, e os pôs na prisão, visto ser muito tarde para os interrogar naquele dia.

Os inimigos dos discípulos não podiam deixar de estar convencidos de que Cristo ressuscitara dos mortos. A prova era por demais clara para que fosse posta em dúvida. Não obstante, endureceram o coração, recusando arrepender-se da terrível ação que haviam cometido, matando Jesus. Haviam sido dadas aos príncipes judeus abundantes evidências de que os apóstolos estavam falando e agindo sob a divina inspiração, mas eles firmemente resistiram à mensagem da verdade. Cristo não tinha vindo da maneira como esperavam e, embora, às vezes, tivessem estado convictos de que Ele era o Filho de Deus, fizeram calar a convicção e O crucificaram. Por misericórdia, Deus lhes deu novas provas, e agora outra oportunidade era-lhes concedida para voltarem a Ele. Ele enviou os discípulos para dizer-

lhes que haviam matado o Príncipe da vida, e nesta terrível acusação deu-lhes outra oportunidade para arrependimento. Mas, sentindo-se seguros em sua própria justiça, os ensinadores judeus recusaram-se a admitir que os homens que os acusavam de haverem crucificado a Cristo estivessem falando pela direção do Espírito Santo.

Tendo-se entregue a uma atitude de oposição a Cristo, cada ato de resistência tornava-se para os sacerdotes um adicional incentivo para prosseguirem nesse procedimento. Sua obstinação tornara-se mais e mais determinada. Não que eles não se pudessem render; podiam, mas não o queriam. Não era só porque fossem culpados e merecedores de morte, nem apenas por terem levado à morte o Filho de Deus, que estavam apartados da salvação; mas porque se armaram de oposição contra Deus. Persistentemente rejeitaram a luz, e sufocaram as convicções do Espírito. A influência que controla os filhos da desobediência operava neles, levando-os a maltratar os homens por cujo intermédio Deus estava agindo. A malignidade de sua rebelião era intensificada por todo ato sucessivo de resistência contra Deus e contra a mensagem que Ele mandara transmitir por Seus servos. Cada dia, em sua recusa de se arrepender, os líderes judeus retomavam sua rebelião, preparando-se para ceifar o que estavam semeando.

A ira de Deus não é declarada contra pecadores impenitentes, apenas por causa dos pecados por eles cometidos, mas porque, quando chamados a arrepender-se escolhem continuar em resistência, repetindo os pecados do passado em desafio à luz que lhes é dada. Se os líderes judeus se tivessem submetido ao convincente poder do Espírito Santo, teriam sido perdoados; mas estavam determinados a não se render. De igual forma, o pecador, pela contínua resistência, coloca-se onde o Espírito Santo não o pode influenciar. [35]

No dia seguinte ao da cura do coxo, Anás e Caifás, com os outros dignitários do templo, reuniram-se para o julgamento, e os prisioneiros foram trazidos perante eles. No mesmo recinto e diante de alguns dos mesmos homens, Pedro tinha vergonhosamente negado seu Senhor. Isso lhe veio claramente à memória, ao comparecer ele próprio para ser julgado. Agora, tinha oportunidade para reparar sua covardia.

Os presentes que se lembravam da parte que Pedro havia desempenhado no julgamento de seu Mestre, lisonjeavam-se de que ele

seria intimidado pela ameaça de prisão e morte. Mas o Pedro que negara a Cristo na hora de Sua maior necessidade era impulsivo e cheio de confiança própria, diferindo grandemente do Pedro que fora trazido perante o Sinédrio para ser interrogado. Depois de sua queda, ele se havia convertido. Não mais era orgulhoso e jactancioso, mas modesto e sem confiança em si mesmo. Estava cheio do Espírito Santo e, com o auxílio desse poder, estava resolvido a remover a mancha de sua apostasia, honrando o nome que repudiara.

Até então, os sacerdotes tinham evitado mencionar a crucifixão ou ressurreição de Jesus. Mas agora, em cumprimento de seu propósito, foram obrigados a indagar do acusado como se efetuara a cura do inválido. "Com que poder, ou em nome de quem fizestes isto?" perguntaram. Atos 4:7.

Com santa ousadia e no poder do Espírito, destemidamente Pedro declarou: "Seja conhecido de vós todos, e de todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, Aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos, em nome dEsse é que este está são diante de vós. Ele é a Pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos". Atos 4:10-12.

Essa corajosa defesa aterrorizou os chefes judeus. Haviam suposto que os discípulos seriam vencidos pelo temor e confusão, quando trazidos perante o Sinédrio. Mas em vez disso, aquelas testemunhas falavam como Cristo havia falado, com um poder convincente que silenciava os adversários. Não havia indício de temor na voz de Pedro, quando declarou acerca de Cristo: "Ele é a Pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina". Atos 4:11.

Pedro usou aqui uma figura de linguagem familiar aos sacerdotes. Os profetas haviam falado da pedra rejeitada; e o próprio Cristo, falando uma ocasião aos sacerdotes e anciãos, disse: "Nunca lestes nas Escrituras: A Pedra, que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça de ângulo; pelo Senhor foi feito isto, e é maravilhoso aos nossos olhos? Porquanto Eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos. E quem

cair sobre essa Pedra despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó”. Mateus 21:42-44. [36]

Ao ouvirem os sacerdotes as destemidas palavras dos apóstolos, “tinham conhecimento que eles haviam estado com Jesus”. Atos 4:13.

Depois da transfiguração de Cristo, é dito dos discípulos que, ao fim da maravilhosa cena, “ninguém viram senão unicamente a Jesus”. Mateus 17:8.

Nas palavras “unicamente a Jesus”, está contido o segredo da vida e do poder que marcaram a história da igreja primitiva. Ao ouvirem pela primeira vez as palavras de Cristo, os discípulos sentiram sua necessidade dEle. Eles O buscaram, O acharam e O seguiram. Com Ele estavam no templo, à mesa, na encosta das montanhas ou no campo. Eram como alunos com o professor, dEle recebendo diariamente lições da eterna verdade.

Após a ascensão do Salvador, o senso da divina presença, plena de amor e luz, permanecia ainda com eles. Era uma presença pessoal. Jesus, o Salvador, que tinha andado com eles, com eles falado e orado, que lhes falara de esperança e conforto ao coração, tinha sido tomado deles para o Céu, quando a mensagem de paz ainda estava em Seus lábios. Enquanto o séquito de anjos, O recebia, dEle lhes vieram as palavras: “Eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos”. Mateus 28:20. Ele havia ascendido ao Céu na forma humana. Sabiam que, diante do trono de Deus, Ele ainda era seu Salvador e Amigo; sabiam que Sua simpatia era imutável; que Ele estaria para sempre identificado com a humanidade sofredora. Sabiam que Ele estava apresentando diante de Deus os méritos de Seu sangue, mostrando Suas mãos e pés feridos, como lembrança do preço que havia pago por Seus redimidos; e esse pensamento os fortalecia para suportar a injúria por Sua causa. Sua união com Ele era mais forte agora do que quando Ele estava com eles em pessoa. A luz, o amor e o poder de um Cristo sempre presente brilhava por meio deles, de maneira que os homens, contemplando, se maravilhavam.

Cristo pôs o Seu selo às palavras que Pedro falara em Sua defesa. Bem ao lado dos discípulos, como convincente testemunha, estava o homem que tão milagrosamente havia sido curado. A aparência desse homem, poucas horas antes um aleijado ao desamparo, mas agora restaurado à perfeita saúde, acrescentava peso de testemunho

às palavras de Pedro. Sacerdotes e príncipes ficaram em silêncio. Eram incapazes de refutar as declarações de Pedro, mas nem por isso estavam menos decididos a pôr um paradeiro ao ensino dos discípulos.

O mais importante milagre de Cristo — a ressurreição de Lázaro — tinha selado a determinação dos sacerdotes de excluir do mundo Jesus e Suas maravilhosas obras, as quais estavam rapidamente destruindo sua influência sobre o povo. Eles O haviam crucificado; mas ali estava uma convincente prova de que não haviam feito cessar a obra de milagres em Seu nome, nem a proclamação da verdade que Ele ensinara. A cura do coxo e a pregação dos apóstolos já haviam [37] enchido Jerusalém de agitação.

A fim de ocultarem sua perplexidade, os sacerdotes e príncipes ordenaram que os apóstolos fossem afastados, para que pudessem aconselhar-se entre si. Concordaram todos que seria inútil negar que o homem fora curado. Pensaram em encobrir o prodígio por meio de falsidades, mas isso era impossível, pelo fato de que o milagre fora operado em plena luz do dia, diante de uma multidão de pessoas, e já chegara ao conhecimento de milhares. Sentiam que a obra dos discípulos devia cessar, ou Jesus ganharia mais adeptos. Sua própria desgraça poderia seguir-se, pois estariam sujeitos a ser responsabilizados pelo assassínio do Filho de Deus.

Apesar do seu desejo de destruir os discípulos, os sacerdotes não ousaram fazer mais que ameaçá-los com o mais severo castigo, se continuassem a falar nem agir no nome de Jesus. Chamando-os novamente perante o Sinédrio, ordenaram-lhes não falar ou ensinar no nome de Jesus. Mas Pedro e João responderam: “Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus; porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido”. Atos 4:19, 20.

De boa vontade, teriam os sacerdotes punido esses homens por sua inamovível fidelidade a sua sagrada vocação, mas temeram o povo; “porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera”. Atos 4:21. Assim, com repetidas ameaças e admoestações, foram os apóstolos libertados.

Enquanto Pedro e João estavam prisioneiros, os outros discípulos, conhecendo a malignidade dos judeus, haviam orado incessantemente por seus irmãos, temendo que a crueldade mostrada

para com Cristo pudesse repetir-se. Tão logo foram os apóstolos libertados, puseram-se eles em busca dos demais discípulos e lhes relataram o resultado do interrogatório. Grande foi a alegria dos crentes. “Ouvindo eles isto, unânimes levantaram a voz a Deus, e disseram: Senhor, Tu és o que fizeste o céu, e a Terra, e o mar, e tudo o que neles há; que disseste pela boca de Davi, Teu servo: Por que bramaram as gentes, e os povos pensaram coisas vãs? Levantaram-se os reis da Terra, e os príncipes se ajuntaram à uma, contra o Senhor e contra o Seu Ungido. Porque verdadeiramente contra o Teu santo Filho Jesus, que Tu ungiste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos; com os gentios e os povos de Israel; para fazerem tudo o que a Tua mão e o Teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer”. Atos 4:24-28.

“Agora pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças, e concede aos Teus servos que falem com toda ousadia a Tua Palavra; enquanto estendes a Tua mão para curar, e para que se façam sinais e prodígios pelo nome do Teu santo Filho Jesus”. Atos 4:29, 30.

Os discípulos oraram para que maior força lhes fosse concedida na obra do ministério; pois viam que teriam de enfrentar a mesma determinada oposição que Cristo tinha encontrado quando esteve na Terra. Enquanto suas orações unidas ascendiam em fé ao Céu, veio a resposta. Moveu-se o lugar onde estavam reunidos, e novamente foram cheios do Espírito Santo. Com o coração cheio de ânimo, de [38] novo saíram para proclamar a Palavra de Deus em Jerusalém. “E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus” (Atos 4:33), e Deus abençoava maravilhosamente seus esforços.

O princípio pelo qual os discípulos se mantiveram tão destemidamente quando, em resposta à ordem de não falarem mais no nome de Jesus, declararam: “Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós que a Deus” (Atos 4:19), é o mesmo que os adeptos do evangelho se esforçaram por manter nos dias da Reforma. Quando, em 1529, os príncipes alemães se reuniram na Dieta de Espira, foi-lhes apresentado o decreto do imperador, restringindo a liberdade religiosa, e proibindo toda posterior disseminação das doutrinas reformadas. Dir-se-ia que a esperança do mundo estava prestes a ser esmagada. Aceitariam os príncipes o decreto? Devia a luz do evangelho, ser vedada às multidões ainda em trevas?

Achavam-se em jogo decisões importantes para o mundo. Os que haviam aceitado a fé reformada reuniram-se, sendo sua unânime decisão: "Rejeitemos este decreto. Em questões de consciência, a maioria não influi" (D'Aubigné, *História da Reforma*, livro 13, cap. 5).

Esse princípio tem de ser mantido firmemente em nossos dias. A bandeira da verdade e da liberdade religiosa desfraldada pelos fundadores da igreja do evangelho e pelas testemunhas de Deus durante os séculos decorridos desde então, foi, neste último conflito, confiada a nossas mãos. A responsabilidade por esse grande dom repousa com aqueles a quem Deus abençoou com o conhecimento de Sua Palavra. Temos de receber essa Palavra como autoridade suprema. Cumpre-nos reconhecer o governo humano como uma instituição designada por Deus, e ensinar obediência a ele como um dever sagrado, dentro de sua legítima esfera. Mas, quando suas exigências se chocam com as reivindicações de Deus, temos que obedecer a Deus de preferência aos homens. A Palavra de Deus precisa ser reconhecida como estando acima de toda a legislação humana. Um "Assim diz o Senhor", não deve ser posto à margem por um "Assim diz a igreja", ou um "Assim diz o Estado" A coroa de Cristo tem de ser erguida acima dos diademas de autoridades terrestres.

Não se nos exige que desafiemos as autoridades. Nossas palavras, quer faladas quer escritas, devem ser cuidadosamente consideradas, para que não sejamos tidos na conta de proferir coisas que nos façam parecer contrários à lei e à ordem. Não devemos dizer nem fazer coisa alguma que nos venha desnecessariamente impedir o caminho. Temos de avançar em nome de Cristo, defendendo as verdades que nos foram confiadas. Se somos proibidos pelos homens de fazer essa obra, podemos, então, dizer como os apóstolos: "Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus? Porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido". Atos 4:19, 20.

[39]

Capítulo 7 — Uma advertência contra a hipocrisia

Este capítulo é baseado em Atos 4:32-37 para 5:11.

Ao proclamarem os discípulos as verdades do evangelho em Jerusalém, Deus confirmou suas palavras, e uma multidão creu. Muitos desses primeiros crentes foram imediatamente separados da família e dos amigos pelo zeloso fanatismo dos judeus, sendo, portanto, necessário prover-lhes alimento e abrigo.

O relato declara: "Não havia pois entre eles necessitado algum". Atos 4:34. E diz como as necessidades eram supridas. Aqueles dentre os crentes que tinham dinheiro e bens, alegremente sacrificavam-nos para socorrer na emergência. Vendendo suas casas ou suas terras, eles levavam o dinheiro e o depositavam aos pés dos apóstolos. "E repartia-se por cada um, segundo a necessidade que cada um tinha". Atos 4:35.

Essa liberalidade da parte dos crentes foi o resultado do derramamento do Espírito. "Era um o coração e a alma" (Atos 4:32) dos conversos ao evangelho. Um comum interesse os guiava — o êxito da missão a eles confiada; e a avareza não tinha lugar em sua vida. Seu amor aos irmãos e à causa que haviam abraçado, era maior do que o amor ao dinheiro e às posses. Suas obras testificavam que eles tinham a salvação dos homens em maior apreço que as riquezas terrestres.

Assim será sempre, quando o Espírito de Deus toma posse da vida. Aqueles cujo coração transborda do amor de Cristo seguirão o exemplo dAquele que, por amor de nós, Se tornou pobre, para que por Sua pobreza enriquecêssemos. Dinheiro, tempo, influência — todos os dons que receberem das mãos de Deus — só serão por eles apreciados quando usados como meio de fazer avançar a obra do evangelho. Assim foi na igreja primitiva e, ao ver-se na igreja de hoje que, pelo poder do Espírito, os membros retiraram suas afeições das coisas do mundo e se dispõem a fazer sacrifícios a fim de que seus

semelhantes possam ouvir o evangelho, as verdades proclamadas terão poderosa influência sobre os ouvintes.

Contraste flagrante com o exemplo de generosidade manifestada pelos crentes, foi a conduta de Ananias e Safira, cuja experiência, traçada pela pena da Inspiração, deixou uma escura nódoa na história da igreja primitiva. Com outros, esses professos discípulos haviam participado do privilégio de ouvir o evangelho pregado pelos [40] apóstolos. Haviam eles estado presentes com outros crentes, quando, após haverem os apóstolos orado, "moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo". Atos 4:31. Profunda convicção havia-se apossado de todos os presentes e, sob a direta influência do Espírito de Deus, Ananias e Safira haviam feito o voto de dar ao Senhor o produto da venda de certa propriedade.

Depois, Ananias e Safira ofenderam o Espírito Santo cedendo a sentimentos de cobiça. Começaram a lamentar o haverem feito aquela promessa e logo perderam a suave influência da bênção que lhes havia aquecido o coração com o desejo de fazer grandes coisas em benefício da causa de Cristo. Julgaram haverem-se precipitado e sentiam ser necessário reconsiderar sua decisão. Falaram entre si sobre o caso e resolveram não cumprir a promessa. Viam, porém, que os que entregavam seus bens para suprir as necessidades de seus irmãos mais pobres, eram tidos em alta estima pelos crentes e, com vergonha de que os irmãos viessem a saber que sua mesquinhez de alma regateara aquilo que haviam solenemente dedicado a Deus, resolveram deliberadamente vender sua propriedade e fingir que davam todo o produto para o fundo comum, guardando, porém, para si mesmos, grande parte. Desse modo garantiriam para si o pão do depósito comum, ao mesmo tempo que alcançariam a alta estima de seus irmãos.

Mas Deus aborrece a hipocrisia e a falsidade. Ananias e Safira praticaram fraude em sua conduta para com Deus. Mentiram ao Espírito Santo, e seu pecado foi punido com juízo rápido e terrível. Quando Ananias chegou com sua oferta, Pedro disse: "Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a, não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus". Atos 5:3, 4.

"E Ananias, ouvindo estas palavras, caiu e expirou. E um grande temor veio sobre todos os que isto ouviram". Atos 5:5.

"Guardando-a não ficava para ti?" perguntou Pedro. Atos 5:4. Nenhuma escusa influência tinha levado Ananias a sacrificar sua propriedade pelo bem geral. Ele agira por livre escolha. Mas, procurando enganar os discípulos, tinha mentido ao Onipotente.

"E, passando um espaço quase de três horas, entrou também sua mulher, não sabendo o que havia acontecido. E disse-lhe Pedro: Dize-me, vendestes por tanto aquela herdade? E ela disse: Sim, por tanto. Então Pedro lhe disse: Por que é que entre vós vos concertastes para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e também te levarão a ti. E logo caiu aos seus pés, e expirou. E, entrando os mancebos, acharam-na morta, e a sepultaram junto de seu marido. E houve um grande temor em toda a igreja, e em todos os que ouviram estas coisas". Atos 5:7-11. [41]

A infinita sabedoria viu que essa evidente manifestação da ira divina era necessária para impedir que a jovem igreja se desmoralizasse. O número dos crentes aumentava rapidamente. A igreja teria corrido perigo se, no rápido aumento de conversos, fossem acrescentados homens e mulheres que, embora professassem servir a Deus, adoravam a Mamom. Esse juízo testificou que os homens não podem enganar a Deus, que Ele descobre o pecado oculto do coração e não Se deixa escarnecer. Destinava-se a ser uma advertência à igreja, para levá-la a evitar a pretensão e hipocrisia, e acautelar-se de roubar a Deus.

Não apenas para a igreja primitiva, mas para todas as gerações futuras, esse exemplo de como Deus aborrece a cobiça, a fraude, a hipocrisia, foi dado como um sinal de perigo. Foi a cobiça que Ananias e Safira tinham acariciado em primeiro lugar. O desejo de reter para si a parte que haviam prometido ao Senhor, levou-os à fraude e à hipocrisia.

Deus tem feito depender a proclamação do evangelho do trabalho e dos donativos de Seu povo. As ofertas voluntárias e os dízimos constituem o meio de manutenção da obra do Senhor. Dos bens confiados aos homens, Deus reclama uma porção definida — o dízimo. A todos deixa Ele liberdade para decidir se desejam ou não dar mais do que isso. Mas quando o coração é tocado pela influência do Espírito Santo, e é feito um voto de dar certa importância, aquele

que fez o voto não tem mais direito sobre a porção consagrada. Promessas dessa espécie feitas aos homens são consideradas como irrescindíveis; seriam menos obrigatórias as feitas a Deus? São as promessas julgadas no tribunal da consciência menos obrigatórias que as escritas nos contratos humanos?

Quando a luz divina brilha no coração com clareza e poder inusitados, o habitual egoísmo relaxa as garras e há disposição para dar para a causa de Deus. Mas ninguém deve pensar que lhe será permitido cumprir as promessas feitas, sem protesto da parte de Satanás. Ele não tem prazer em ver o reino do Redentor estabelecido na Terra. Sugere que a promessa feita foi excessiva, que isso poderá prejudicar a aquisição de propriedades ou a satisfação dos desejos da família.

É Deus quem abençoa os homens dando-lhes bens, e faz isso para que eles possam contribuir para o progresso de Sua causa. Ele envia o sol e a chuva. Faz florescer a vegetação. Dá saúde e habilidade para serem adquiridos os meios. Todas as nossas bênçãos são recebidas de Sua mão generosa. Em retribuição, Ele quer que homens e mulheres demonstrem sua gratidão devolvendo-Lhe uma parte em dízimos e ofertas — em ofertas de ação de graças, em ofertas pelo pecado e ofertas voluntárias. Se o dinheiro entrasse para a tesouraria de acordo com este plano divinamente recomendado — a décima parte do que ganhamos e as ofertas liberais — haveria [42] abundância para o avanço do trabalho do Senhor.

Mas o coração dos homens torna-se endurecido pelo egoísmo e, à semelhança de Ananias e Safira, são tentados a reter parte do preço, conquanto pretendam estar cumprindo os requisitos de Deus. Muitos gastam dinheiro prodigamente na satisfação própria. Homens e mulheres consultam o prazer e satisfazem o gosto, ao passo que levam para Deus, quase de má vontade, uma oferta mesquinha. Esquecem-se de que, um dia, Deus pedirá estrita conta de como Seus bens foram usados, e que não aceitará a insignificância que levam à tesouraria, mais do que aceitou a oferta de Ananias e Safira.

Do severo castigo infligido àquelas pessoas, quer Deus que aprendamos também quão profunda é Sua aversão e desprezo por toda a hipocrisia e engano. Simulando haverem dado tudo, Ananias e Safira mentiram ao Espírito Santo e, como resultado, perderam essa vida e a futura. O mesmo Deus que os puniu, condena hoje toda

falsidade. Lábios mentirosos são-Lhe uma abominação. Ele declara que na cidade santa "não entrará... coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira". Apocalipse 21:27. Seja a verdade dita sem disfarces nem frouxidão. Torne-se ela uma parte da vida. Considerar levianamente a verdade, e dissimular para servir a planos egoístas, significa o naufrágio da fé. "Estai pois firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade". Efésios 6:14. Quem profere inverdades, vende sua alma por baixo preço. Suas falsidades podem parecer servir em emergências; pode parecer, assim, que faz negócios vantajosos que não poderia conseguir pelo reto proceder. Mas, finalmente, chega ao ponto em que não pode confiar em ninguém. Sendo ele mesmo falsificador, não tem confiança na palavra de outros.

No caso de Ananias e Safira, o pecado da fraude contra Deus foi rapidamente punido. O mesmo pecado foi muitas vezes repetido na história posterior da igreja, e é cometido por muitos em nosso tempo. Mas, embora, possa não manifestar-se visivelmente o desagrado de Deus, não é menos desprezível a Sua vista agora do que o foi no tempo dos apóstolos. A advertência foi dada; Deus tem claramente mostrado Sua desaprovação a esse pecado; e todos os que se dão à hipocrisia e à cobiça, podem estar certos de que estão destruindo a própria vida. [43]

Capítulo 8 — Perante o Sinédrio

Este capítulo é baseado em Atos 5:12-42.

Foi a cruz, esse instrumento de vergonha e tortura, que trouxe esperança e salvação ao mundo. Os discípulos não passavam de pessoas simples, sem dinheiro e com nenhuma outra arma a não ser a Palavra de Deus; entretanto, na força de Cristo eles saíram para contar a maravilhosa história da manjedoura e da cruz e para triunfar sobre toda a oposição. Sem honra ou reconhecimento terrestres, foram heróis da fé. De seus lábios saíam palavras de divina eloqüência que abalaram o mundo.

Em Jerusalém, onde existia o mais profundo preconceito, e onde prevaleciam as mais confusas idéias com respeito Àquele que havia sido crucificado como malfeitor, os discípulos continuaram a falar com ousadia as palavras da vida, expondo perante os judeus a obra e a missão de Cristo, Sua crucifixão, ressurreição e ascensão. Sacerdotes e príncipes ouviram pasmados o claro, ousado testemunho dos apóstolos. O poder do Salvador ressurgido tinha, sem dúvida alguma, caído sobre os discípulos e sua obra era acompanhada por sinais e milagres que aumentavam diariamente o número de crentes. Ao longo das ruas por onde deviam passar os discípulos, o povo trazia seus enfermos "para as ruas e os punham em leitos e em camilhas para que ao menos a sombra de Pedro, quando este passasse, cobrisse alguns deles". Atos 5:15. Traziam também os que estavam tomados de espíritos imundos. As turbas aglomeravam-se-lhes em torno, e os que eram curados erguiam louvores a Deus, glorificando o nome do Redentor.

Os sacerdotes e príncipes viram que Cristo era mais enaltecido do que eles. Ouvindo os saduceus, que não criam na ressurreição, os apóstolos declararem que Cristo ressuscitara dos mortos, ficaram enraivecidos, compreendendo que, se aos apóstolos fosse permitido pregar um Salvador ressuscitado e operar milagres em Seu nome, a doutrina de que não haveria ressurreição seria rejeitada por todos e a

seita dos saduceus logo se extinguiria. Os fariseus ficaram irados ao perceberem que a tendência do ensino dos discípulos era destruir as cerimônias judaicas e tornar de nenhum valor as ofertas sacrificais.

Até ali, todos os esforços feitos para suprimir o novo ensino tinham sido em vão; mas agora, tanto fariseus como saduceus decidiram que a obra dos discípulos devia ser contida, pois estava demonstrando serem eles os culpados da morte de Jesus. Cheios de indignação, os sacerdotes violentamente lançaram mão de Pedro e João e os encerraram na prisão comum. [44]

Os guias da nação judaica tinham assinaladamente deixado de cumprir o propósito de Deus para Seu povo escolhido. Aqueles a quem o Senhor tinha feito depositários da verdade provaram-se infiéis a seu legado, e Deus escolheu outros para fazerem Sua obra. Em sua cegueira, esses guias davam, agora, amplo impulso ao que chamavam justa indignação contra aqueles que estavam pondo de lado suas acariciadas doutrinas. Não podiam sequer admitir a possibilidade de não haverem entendido devidamente a Palavra, ou que tivessem interpretado mal ou aplicado erradamente as Escrituras. Agiam como homens que houvessem perdido a razão. Que direito têm esses ensinadores, diziam, alguns deles meros pescadores, para apresentar idéias contrárias às doutrinas que temos ensinado ao povo? Estando determinados a suprimir o ensino dessas idéias, aprisionavam os que o estavam apresentando.

Os discípulos não se intimidaram nem esmoreceram com tal tratamento. O Espírito Santo lhes trouxe à mente as palavras proferidas por Cristo: "Não é o servo maior do que o seu Senhor. Se a Mim Me perseguiram, também vos perseguirão a vós; se guardaram a Minha palavra, também guardarão a vossa. Mas tudo isto vos farão por causa do Meu nome; porque não conhecem Aquele que Me enviou". João 15:20, 21. "Expulsar-vos-ão das sinagogas; vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus" "Tenho-vos dito isto, a fim de que, quando chegar aquela hora, vos lembreis de que já vo-lo tinha dito". João 16:2, 4.

O Deus do Céu, o poderoso Governador do Universo, tomou em Suas mãos a questão do aprisionamento dos discípulos; pois homens estavam a guerrear contra a Sua obra. À noite, o anjo do Senhor abriu as portas da prisão e disse aos discípulos: "Ide, apresentai-vos no templo e dizei ao povo todas as palavras desta vida". Atos 5:20.

Essa ordem era diretamente contrária à ordem dada pelos chefes judeus; porventura disseram os apóstolos: Não podemos fazer isto sem ter consultado os magistrados e recebido deles permissão? Não! Deus dissera: “Ide”, e eles obedeceram. “Entraram de manhã cedo no templo, e ensinavam”. Atos 5:21.

Quando Pedro e João apareceram entre os crentes e contaram como o anjo os havia guiado diretamente através do grupo de soldados que guardavam a prisão, ordenando-lhes retomar a obra interrompida, os irmãos se encheram de espanto e alegria.

Nesse intervalo, o sumo sacerdote e os que com ele estavam convocaram o conselho, “e a todos os anciãos dos filhos de Israel” Os sacerdotes e príncipes resolveram atribuir aos discípulos a acusação de insurreição, culpando-os do assassínio de Ananias e Safira e de conspiração para despojarem os sacerdotes de sua autoridade. Esperavam despertar a turba de tal maneira que essa decidisse tomar a questão nas mãos e tratar com os discípulos como haviam feito com [45] Jesus. Eles sabiam que muitos que não haviam aceitado os ensinos de Cristo estavam cansados do arbitrário governo das autoridades judaicas e ansiosos por alguma mudança. Os sacerdotes temiam que, se esses descontentes fossem levados a aceitar as verdades proclamadas pelos apóstolos e a reconhecer Jesus como o Messias, a ira de todo o povo se levantaria contra os guias religiosos, fazendo-os responder pelo assassínio de Cristo. Decidiram, então, tomar medidas drásticas para prevenir isso.

Quando mandaram trazer os prisioneiros a sua presença, grande foi o seu espanto ante a resposta de que as portas da prisão foram encontradas seguramente fechadas e a guarda estacionada perante elas, mas não se encontravam os prisioneiros em parte alguma.

Logo chegou a estranha notícia: “Eis que os homens que encerrastes na prisão estão no templo e ensinam ao povo. Então foi o capitão com os servidores, e os trouxe, não com violência (porque temiam ser apedrejados pelo povo)”. Atos 5:25, 26.

Embora os apóstolos tivessem sido miraculosamente libertados da prisão, não escaparam ao interrogatório e castigo. Cristo dissera, quando estava com eles: “Mas olhai por vós mesmos, porque vos entregarão aos concílios”. Marcos 13:9. Enviando um anjo para os livrar, Deus lhes dera um sinal de Seu amor e certeza de Sua

presença. Cabia-lhes agora sofrer por amor dAquele cujo evangelho estavam pregando.

Na história dos profetas e apóstolos, existem muitos nobres exemplos de lealdade para com Deus. As testemunhas de Cristo têm suportado a prisão, tortura e a própria morte, de preferência a violar os mandamentos de Deus. O relatório deixado por Pedro e João é tão heróico como outros da dispensação cristã. Achando-se eles pela segunda vez perante os homens que pareciam empenhados em efetuar a sua destruição, nenhum temor ou hesitação se poderia divisar em suas palavras e atitudes. E quando o sumo sacerdote disse: "Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse nome? E eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina, e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem", Pedro respondeu: "Mais importa obedecer a Deus do que aos homens". Atos 5:28, 29. Foi um anjo do Céu que os livrou da prisão e os mandou ensinar no templo. Seguindo suas instruções estavam obedecendo à ordem divina; e isso deveriam continuar a fazer, custasse o que custasse.

Então, o Espírito de Inspiração sobreveio aos discípulos; os acusados se tornaram os acusadores, denunciando como assassinos de Cristo aqueles que compunham o concílio. "O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus," declarou Pedro, "ao qual vós matastes, suspendendo-O no madeiro. Deus com a Sua destra O elevou a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e remissão dos pecados. E nós somos testemunhas acerca destas palavras, nós e também o Espírito Santo que Deus deu àqueles que Lhe obedecem". Atos 5:30-32. [46]

Tão enraivecidos ficaram os judeus com essas palavras que se decidiram a fazer justiça pelas próprias mãos e, sem mais processo, ou sem autoridade dos oficiais romanos, intentaram matar os presos. Já culpados do sangue de Cristo, estavam agora ávidos de manchar as mãos com o sangue de Seus discípulos.

Mas no concílio houve um homem que reconheceu a voz de Deus nas palavras proferidas pelos discípulos. Esse homem foi Gamaliel, fariseu de boa reputação e homem de saber e alta posição. Seu claro intelecto viu que o passo violento que tinham em vista os sacerdotes, traria terríveis conseqüências. Antes de se dirigir aos presentes, pediu que os presos fossem afastados. Bem conhecia os elementos

com quem tinha de tratar; sabia que os assassinos de Cristo em nada hesitariam a fim de executar seu propósito.

Falou, então, com grande ponderação e calma, dizendo: "Varões israelitas, acautelai-vos a respeito do que haveis de fazer a estes homens. Porque antes destes dias levantou-se Teudas, dizendo ser alguém: a este se ajuntou o número de uns quatrocentos homens; o qual foi morto, e todos os que lhe deram ouvidos foram dispersos e reduzidos a nada. Depois deste levantou-se Judas, o galileu, nos dias do alistamento, e levou muito povo após si; mas também este pereceu, e todos os que lhe deram ouvidos foram dispersos. E agora digo-vos: dai de mão a estes homens, e deixai-os, porque, se este conselho ou essa obra é de homens, se desfará. Mas, se é de Deus, não podereis desfazê-la; para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus". Atos 5:35-39.

Os sacerdotes viram a racionalidade dessas opiniões, e foram obrigados a concordar com Gamaliel. Contudo, seu preconceito e ódio dificilmente podiam ser restringidos. Muito relutantemente, depois de castigar os discípulos, e ordenar-lhes de novo, sob pena de morte, a não mais pregarem no nome de Jesus, soltaram-nos. "Retiraram-se pois da presença do conselho, regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus. E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus Cristo". Atos 5:41, 42.

Pouco tempo antes de Sua crucifixão, Cristo tinha garantido a Seus discípulos um legado de paz. "Deixo-vos a paz," disse Ele, "a Minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize". João 14:27. Essa paz não é a paz que se obtém mediante a conformação com o mundo. Cristo jamais comprou a paz condescendendo com o mal. A paz que Cristo deixou a Seus discípulos é, antes, interna que externa, e sempre devia permanecer com Suas testemunhas nas lutas e contendas.

Falando de Si, Cristo disse: "Não cuideis que vim trazer a paz à Terra; não vim trazer paz, mas espada". Mateus 10:34. Príncipe da paz, era Ele não obstante causa de divisão. Aquele que veio proclamar alegres novas e promover a esperança e alegria no coração dos filhos dos homens, abriu uma controvérsia que arde profundamente e desperta intensa paixão no coração humano. E Ele adverte [47] Seus seguidores: "No mundo tereis aflições". João 16:33. "Lançarão

mão de vós, e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e às prisões, e conduzindo-vos à presença de reis e presidentes, por amor do Meu nome" "E até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues; e matarão alguns de vós". Lucas 21:12, 16.

Essa profecia tem sido cumprida de modo notável. Toda indignidade, toda injúria, toda crueldade que Satanás podia instigar o coração humano a imaginar, têm recaído sobre os seguidores de Jesus. E isso será de novo cumprido; pois o coração carnal está ainda em inimizade com a lei de Deus, e não se sujeitará a Seus mandamentos. O mundo não está hoje em maior harmonia com os princípios de Cristo, do que esteve nos dias dos apóstolos. O mesmo ódio que motivou o clamor: "Crucifica-O! Crucifica-O!" (Lucas 23:21), o mesmo ódio que levou a perseguição aos discípulos, ainda atua nos filhos da desobediência. O mesmo espírito que, nos séculos escuros, enviou homens e mulheres à prisão, ao exílio e à morte; que concebeu as atrozes torturas da inquisição; que planejou e executou o massacre de São Bartolomeu e acendeu as fogueiras de Smithfield, está ainda agindo com maligna energia em corações não regenerados. A história da verdade tem sido sempre o relato da luta entre o direito e o erro. A proclamação do evangelho sempre tem sido levada avante neste mundo em face de oposição, perigos, perdas e sofrimentos.

Em que consistia a força daqueles que, no passado, sofreram perseguição por amor a Cristo? Era a união com Deus, união com o Espírito Santo, união com Cristo. A acusação e a perseguição têm separado muitos de seus amigos terrestres, mas nunca do amor de Cristo. Nunca a pessoa, provada pela tempestade, é mais encarecidamente amada por seu Salvador do que quando sofre a perseguição por amor à verdade. "Eu o amarei", disse Cristo, "e Me manifestarei a ele". João 14:21. Quando, por causa da verdade, o crente se acha perante os tribunais terrestres, Cristo Se acha a seu lado. Quando é encerrado entre as paredes da prisão, Cristo Se lhe manifesta e com Seu amor lhe anima o coração. Quando sofre a morte por amor a Cristo, o Salvador lhe diz: Eles podem matar o corpo, mas não podem matar a alma. "Tende bom ânimo, Eu venci o mundo". João 16:33. "Não temas, porque Eu sou contigo; não te assombres, porque Eu sou teu Deus: Eu te esforço, e te ajudo, e te sustento com a destra da Minha justiça". Isaías 41:10.

"Os que confiam no Senhor serão como o Monte de Sião, que não se abala, mas permanece para sempre. Como estão os montes à roda de Jerusalém, assim o Senhor está em volta do Seu povo desde agora e para sempre". Salmos 125:1, 2. "Libertará as suas almas do engano e da violência, e precioso será o seu sangue aos olhos dEle". Salmos 72:14.

"O Senhor dos exércitos os ampará" "E o Senhor seu Deus naquele dia os salvará, como ao rebanho do Seu povo; porque como as pedras de uma coroa eles serão exaltados na sua terra". Zacarias 9:15, 16. [48]

Capítulo 9 — Os sete diáconos

Este capítulo é baseado em Atos 6:1-7.

Ora naqueles dias, crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos gregos contra os hebreus, porque as suas viúvas eram desprezadas no ministério cotidiano". Atos 6:1.

A igreja primitiva era constituída de muitas classes de pessoas de diferentes nacionalidades. Ao tempo do derramamento do Espírito Santo, no dia do Pentecostes, "em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu". Atos 2:5. Entre os que adotavam a fé dos hebreus, reunidos em Jerusalém, havia alguns comumente conhecidos como gregos; entre estes e os judeus da Palestina tinha havido desde muito tempo desconfiança e mesmo antagonismo.

O coração daqueles que se converteram mediante o trabalho dos apóstolos, abrandou-se e uniu-se pelo amor cristão. A despeito de preconceitos anteriores, todos estavam em harmonia uns com os outros. Satanás sabia que, enquanto essa união continuasse a existir, ele seria impotente para deter o progresso da verdade do evangelho; e procurou tirar vantagem de anteriores hábitos de pensar, na esperança de que, por esse meio, pudesse introduzir na igreja elementos de desunião.

Assim aconteceu que, aumentando o número dos discípulos, o inimigo conseguiu despertar suspeitas de alguns que antigamente tiveram o hábito de olhar com ciúme a seus irmãos na fé, e descobrir defeitos em seus guias espirituais; e, desta maneira, "houve uma murmuração dos gregos contra os hebreus". Atos 6:1. A causa da queixa foi a negligência que se alegava na distribuição diária de auxílio às viúvas gregas. Qualquer desigualdade seria contrária ao espírito do evangelho, contudo, Satanás conseguira despertar a suspeita. Medidas imediatas deveriam ser tomadas para remover todo o motivo de descontentamento, para que não acontecesse triunfar o inimigo em seus esforços de disseminar divisão entre os crentes.

Os discípulos de Jesus tinham chegado a uma crise em sua experiência. Sob a sábia direção dos apóstolos, que trabalhavam unidos no poder do Espírito Santo, a obra indicada aos mensageiros do evangelho havia-se desenvolvido rapidamente. A igreja se ampliava de contínuo, e o crescimento em membros representava constante aumento de trabalho para os que tinham responsabilidades. Pessoa alguma, ou mesmo um grupo de homens, poderiam levar sozinhos o pesado fardo sem pôr em perigo a prosperidade futura da igreja. [49] Havia necessidade de uma redistribuição das responsabilidades que tão fielmente tinham sido levadas por uns poucos nos primeiros dias da igreja. Os apóstolos precisavam dar, então, um importante passo para a organização do evangelho na igreja, pondo sobre outros alguns dos encargos até então levados somente por eles.

Convocando uma reunião dos crentes, os apóstolos foram levados pelo Espírito Santo a esboçar um plano para a melhor organização de todas as forças ativas da igreja. Chegara o tempo, declararam os apóstolos, em que os chefes espirituais que superintendiam as igrejas deveriam ser aliviados da tarefa de distribuir aos pobres, e de outros encargos semelhantes, de modo que pudessem estar livres para levar avante a obra de pregar o evangelho. "Escolhei pois, irmãos, dentre vós," disseram eles, "sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio. Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da Palavra". Atos 6:3, 4. Este conselho foi seguido e, pela oração e imposição das mãos, sete homens escolhidos foram solenemente separados para seus deveres como diáconos.

A designação dos sete para tomarem a direção de ramos especiais da obra mostrou-se uma grande bênção para a igreja. Esses oficiais tomaram em cuidadosa consideração as necessidades individuais, bem como os interesses financeiros gerais da igreja; e, pela sua gestão acautelada e seu piedoso exemplo, foram, para seus colegas, um auxílio importante em conjugar os vários interesses da igreja em um todo unido.

Que este passo estava no desígnio de Deus é-nos revelado nos imediatos resultados para o bem, que se viram. "Crescia a Palavra de Deus, e em Jerusalém se multiplicava muito o número dos discípulos, e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé". Atos 6:7. Esse crescimento notável era tanto o resultado de maior liberdade

assegurada aos apóstolos como do zelo e poder mostrados pelos sete diáconos. O fato de terem sido esses irmãos ordenados para a obra especial de olhar pelas necessidades dos pobres, não os excluía do dever de ensinar a fé. Ao contrário, foram amplamente qualificados para instruir a outros na verdade; e se empenharam na obra com grande fervor e sucesso.

À igreja primitiva tinha sido confiada uma obra de constante ampliação — estabelecer centros de luz e bênção, onde quer que existissem pessoas sinceras e dispostas a se dedicarem ao serviço de Cristo. A proclamação do evangelho devia abranger o mundo, e os mensageiros da cruz não poderiam esperar cumprir sua importante missão a menos que permanecessem unidos pelos laços da afinidade cristã, revelando, assim, ao mundo que eles eram um com Cristo em Deus. Não tinha seu divino Guia orado ao Pai: "Guarda em Teu nome aqueles que Me deste, para que sejam um, assim como Nós"? João 17:11. E não declarara Ele com respeito a Seus discípulos: "O mundo os aborreceu, porque não são do mundo"? João 17:14. Não pleiteara com o Pai que eles pudessem ser "perfeitos em unidade" [50] "para que o mundo creia que Tu Me enviaste"? João 17:23, 21. Sua vida e poder espirituais dependiam de íntima relação com Aquele que os havia comissionado para pregar o evangelho.

Somente enquanto estivessem unidos com Cristo podiam os discípulos esperar possuir o poder acompanhante do Espírito Santo e a cooperação dos anjos do Céu. Com o auxílio desses divinos instrumentos, apresentariam ao mundo uma frente unida, e seriam vencedores no conflito que eram forçados a manter incessantemente contra os poderes das trevas. Enquanto persistissem em trabalhar unidos, mensageiros celestiais iriam adiante deles, abrindo-lhes o caminho; corações seriam preparados para a recepção da verdade, e muitos seriam ganhos para Cristo. Enquanto permanecessem unidos, a igreja avançaria "formosa como a Lua, brilhante como o Sol, formidável como um exército com bandeiras". Cânticos 6:10. Nada lhe impediria o progresso. Ela avançaria de vitória em vitória, cumprindo gloriosamente sua divina missão de proclamar o evangelho ao mundo.

A organização da igreja em Jerusalém deveria servir de modelo para a organização de igrejas em todos os outros lugares em que mensageiros da verdade conquistassem conversos ao evangelho. Aqueles

a quem fora entregue a responsabilidade da administração geral da igreja, não deveriam assenhorear-se da herança de Deus, mas, como sábios pastores, apascentar "o rebanho de Deus", "servindo de exemplo ao rebanho" (1 Pedro 5:2, 3); e os diáconos deveriam ser "varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria". Atos 6:3. Esses homens deveriam, unidos, defender o direito e mantê-lo com firmeza e decisão; assim teriam sobre o rebanho todo, uma influência para a união.

Mais tarde, na história da igreja primitiva, quando nas várias partes do mundo muitos grupos de crentes se constituíram em igrejas, a organização da mesma foi mais aperfeiçoada, de modo que a ordem e a ação harmoniosa pudessem ser mantidas. Todo membro era exortado a bem desempenhar sua parte. Cada qual devia fazer sábio uso dos talentos a ele confiados. Alguns foram dotados pelo Espírito Santo de dons especiais — "primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas". 1 Coríntios 12:28. Todos esses obreiros, porém, deveriam trabalhar em harmonia.

"Ora há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que atua tudo em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil. Porque a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; e [51] a outro a operação de maravilhas; e a outro a profecia; e a outro o dom de discernir os espíritos; e a outro a variedade de línguas; e a outro a interpretação das línguas. Mas um só e o mesmo Espírito atua todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer. Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo assim é Cristo também". 1 Coríntios 12:4-12.

Solenes são as responsabilidades que pesam sobre os que são chamados a agir como dirigentes na igreja de Deus na Terra. Nos dias da teocracia, quando Moisés estava procurando levar sozinho fardos tão pesados que logo sucumbiria sob eles, foi ele aconselhado por Jetro a fazer planos para uma sábia distribuição de responsabilidades. "Sê tu pelo povo diante de Deus," aconselhou Jetro, "e leva tu as

coisas a Deus; e declara-lhes os estatutos e as leis, e faze-lhes saber o caminho em que devem andar, e a obra que devem fazer” Jetro sugeriu mais: que fossem escolhidos homens como “maiorais de mil, maiorais de cem, maiorais de cinqüenta, e maiorais de dez” Os escolhidos deviam ser “homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza” Deviam ser estabelecidos para que julgassem o povo “em todo o tempo”, aliviando assim Moisés da exaustiva responsabilidade de atender a muitos assuntos de menor importância, que podiam ser solucionados com habilidade por auxiliares consagrados. Êxodo 18:19-22.

O tempo e a força dos que, na providência de Deus, foram colocados em posições de mando e responsabilidade na igreja, devem ser gastos no trato com assuntos de maior importância, que demandem capacidade especial e generosidade de coração. Não é o plano de Deus que tais homens sejam solicitados na solução de assuntos de pequena consideração, que outros são bem qualificados para manejar. “Seja que todo o negócio grave tragam a ti,” aconselhou Jetro a Moisés, “mas todo o negócio pequeno eles o julguem; assim a ti mesmo te aliviarás da carga, e eles a levarão contigo. Se isto fizeres, e Deus to mandar, poderás então subsistir: assim também todo este povo em paz virá ao seu lugar”. Êxodo 18:22, 23.

Em harmonia com este plano, “escolheu Moisés homens capazes, de todo o Israel, e os pôs por cabeças sobre o povo: maiorais de mil e maiorais de cem, maiorais de cinqüenta, e maiorais de dez. E eles julgaram o povo em todo o tempo; o negócio árduo trouxeram a Moisés, e todo o negócio pequeno julgaram eles”. Êxodo 18:25, 26.

Mais tarde, ao escolher setenta anciãos para com eles repartir as responsabilidades da liderança, Moisés foi cuidadoso em selecionar para seus auxiliares homens que possuíssem dignidade, são juízo e experiência. Em suas instruções a esses anciãos ao tempo em que foram ordenados, ele esboçou algumas das qualificações que habilitam um homem a ser dirigente sábio na igreja. “Ouvi a causa entre vossos irmãos,” disse Moisés, “e julgai justamente entre o homem e seu irmão, e entre o estrangeiro que está com ele. Não [52] atentareis para pessoa alguma em juízo, ouvireis assim o pequeno como o grande: Não temereis a face de ninguém, porque o juízo é de Deus”. Deuteronômio 1:16, 17.

O rei Davi, ao fim de seu reinado, fez solene exortação aos que tinham o encargo da obra de Deus em seus dias. Convocando a Jerusalém "todos os príncipes de Israel, os príncipes das tribos, e os capitães das turmas, que serviam o rei, e os capitães dos milhares, e os capitães das centenas, e os maiorais de toda a fazenda e possessão do rei, e de seus filhos, como também os eunucos e varões, e todo o varão valente", o idoso rei solenemente os advertiu "perante os olhos de todo o Israel, a congregação do Senhor, e perante os ouvidos do nosso Deus", para que guardassem e buscassem "todos os mandamentos do Senhor vosso Deus". 1 Crônicas 28:1, 8.

A Salomão, como aquele que devia ocupar posição de maior responsabilidade, Davi exortou de maneira especial: "E tu, meu filho Salomão, conhece o Deus de teu pai, e serve-O com um coração perfeito e com uma alma voluntária; porque esquadrinha o Senhor todos os corações, e entende todas as imaginações dos pensamentos: Se O buscares, será achado de ti; porém, se O deixares, rejeitar-te-á para sempre. Olha pois agora, porque o Senhor te escolheu... esforça-te". 1 Crônicas 28:9, 10.

Os mesmos princípios de piedade e justiça que deviam orientar os líderes entre o povo de Deus nos dias de Moisés e de Davi, deviam ser igualmente seguidos por aqueles a quem foi entregue o cuidado da recém-organizada igreja de Deus na dispensação cristã. Na obra de ordenar as coisas em todas as igrejas, e na ordenação de homens capazes para agir como oficiais, os apóstolos se orientaram pelas altas normas de governo esboçadas no Antigo Testamento. Mantiveram o princípio de que aquele que é chamado para ocupar posição de maior responsabilidade na igreja, "seja irrepreensível, como despenseiro da casa de Deus, não soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância; mas dado à hospitalidade, amigo do bem, moderado, justo, santo, temperante; retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para convencer os contradizentes". Tito 1:7-9.

A ordem que foi mantida na primitiva igreja cristã, possibilitou-lhes avançarem firmemente como bem disciplinado exército, vestido com a armadura de Deus. Os grupos de crentes, se bem que espalhados em um grande território, eram todos membros de um só corpo; todos se moviam com ordem e em harmonia uns com os

outros. Quando surgia dissensão em uma igreja local, como mais tarde aconteceu em Antioquia e em outros lugares, e os crentes não podiam chegar a um acordo entre si, não se permitia que tais assuntos criassem divisão na igreja. Eram encaminhados a um concílio geral de todo o conjunto dos crentes, constituído de delegados designados pelas várias igrejas locais, com os apóstolos e anciãos nos cargos de [53] maior responsabilidade. Assim; os esforços de Satanás para atacar a igreja nos lugares isolados, foram contidos pela ação adequada por parte de todos e os planos do inimigo para esfacelar e destruir foram subvertidos.

"Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos". 1 Coríntios 14:33. Ele requer que o método e a ordem sejam observados na administração dos negócios da igreja hoje, não menos do que o foram nos antigos tempos. Deseja que Sua obra seja levada avante com proficiência e exatidão, de modo que possa pôr sobre ela o selo de Sua aprovação. Cristão deve estar em união com cristão, igreja com igreja, cooperando o instrumento humano com o divino, achando-se cada agência subordinada ao Espírito Santo, e tudo em combinação para dar ao mundo as boas-novas da graça de Deus. [54]

Capítulo 10 — O primeiro mártir cristão

Este capítulo é baseado em Atos 6:5-15; 7.

Estêvão, o principal dos sete diáconos, era homem de profunda piedade e grande fé. Posto que judeu de nascimento, falava a língua grega e estava familiarizado com os usos e costumes dos gregos. Achou, portanto, oportunidade de pregar o evangelho na sinagoga dos judeus gregos. Era muito ativo na causa de Cristo e com ousadia proclamava sua fé. Ilustrados rabinos e doutores da lei empenharam-se em discussão pública com ele, esperando confiantemente uma fácil vitória. Mas "não podiam resistir à sabedoria, e ao espírito com que falava" Não somente falava no poder do Espírito Santo, mas também era claro ser ele um estudioso das profecias, e instruído em todos os assuntos da lei. Habilmente defendia as verdades que advogava e derrotava completamente seus oponentes. Em relação a ele cumpriu-se a promessa: "Proponde pois em vossos corações não premeditar como haveis de responder; porque Eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos quantos se vos opuserem". Lucas 21:14, 15.

Vendo os sacerdotes e príncipes o poder que acompanhava a pregação de Estêvão, encheram-se de ódio atroz. Em vez de se renderem às provas que ele apresentava, resolveram fazer silenciar sua voz, matando-o. Em várias ocasiões, haviam subornado as autoridades romanas a fim de passarem por alto casos em que os judeus tinham feito justiça pelas próprias mãos, julgando, condenando e executando prisioneiros de acordo com seu costume nacional. Os inimigos de Estêvão não tinham dúvida em poder seguir de novo o mesmo caminho sem se exporem ao perigo. Determinados a arcar com as conseqüências, agarraram Estêvão e o trouxeram perante o concílio do Sinédrio para ser julgado.

Judeus eruditos de países circunvizinhos foram convocados para o fim de refutar os argumentos do prisioneiro. Saulo de Tarso estava presente e tomou parte importante contra Estêvão. Trouxe o peso da

eloqüência e a lógica dos rabis a atuarem no caso, para convencer o povo de que Estêvão estava pregando doutrinas enganadoras e perigosas; mas em Estêvão encontrou quem tinha plena compreensão dos propósitos de Deus em propagar o evangelho às outras nações.

Como não conseguiram os sacerdotes e príncipes prevalecer contra a sabedoria de Estêvão, clara e calma, decidiram fazer dele uma lição; e, enquanto assim satisfaziam seu ódio vingativo, impediriam [55] outros, pelo medo, de adotarem sua crença. Testemunhas foram assalariadas para depor falsamente que o ouviram proferir blasfêmias contra o templo e a lei. "Nós lhe ouvimos dizer", declararam essas testemunhas, "que esse Jesus Nazareno há de destruir este lugar e mudar os costumes que Moisés deu". Atos 6:14. Quando Estêvão se colocou face a face com seus juízes, para responder à acusação de blasfêmia, um santo brilho resplandeceu em seu rosto, e "todos os que estavam assentados no conselho, fixando os olhos nele, viram o seu rosto como o rosto de um anjo". Atos 6:15. Muitos que contemplaram essa luz tremeram e velaram o rosto, mas a calejada incredulidade e o preconceito dos príncipes não se abalaram.

Sendo interrogado quanto à verdade das acusações contra ele feitas, Estêvão começou sua defesa com voz clara, penetrante, que repercutia pelo recinto do conselho. Com palavras que mantinham a assembléia atenta, prosseguiu ele relatando a história do povo escolhido de Deus. Mostrou completo conhecimento da economia judaica, e interpretação espiritual da mesma, agora manifesta por meio de Cristo. Repetiu as palavras de Moisés que prediziam o Messias: "O Senhor vosso Deus levantará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim: a Ele ouvireis". Atos 3:22. Patenteou sua própria lealdade para com Deus e para com a fé judaica, enquanto mostrava que a lei na qual os judeus confiavam para a salvação não fora capaz de salvar Israel da idolatria. Ligava Jesus Cristo com toda a história judaica. Referiu-se à construção do templo por Salomão, e às palavras deste, bem como de Isaías: "Mas o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens, como diz o profeta: O Céu é o Meu trono, e a Terra o estrado de Meus pés. Que casa Me edificareis? diz o Senhor: ou qual é o lugar do Meu repouso? Porventura não fez a Minha mão todas estas coisas?" Atos 7:48-50.

Ao atingir Estêvão este ponto, houve um tumulto entre o povo. Quando estabeleceu conexão entre Cristo e as profecias, e falou,

como fizera, a respeito do templo, o sacerdote, pretendendo estar tomado de horror, rasgou as vestes. Para Estêvão, esse ato foi um sinal de que sua voz logo seria silenciada para sempre. Viu a resistência que encontraram suas palavras, e compreendeu que estava a dar seu último testemunho. Embora ainda estivesse no meio de seu sermão, concluiu-o abruptamente.

Interrompendo subitamente o relato da história que vinha seguindo, e volvendo-se a seus juízes enfurecidos, exclamou: "Homens de dura cerviz, e incircuncisos de coração e ouvido: vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim vós sois como vossos pais. A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? Até mataram os que anteriormente anunciaram a vinda do Justo, do qual vós agora fostes traidores e homicidas; vós, que recebestes a lei por ordenação dos anjos, e não a guardastes". Atos 7:51-53.

A essa altura, sacerdotes e príncipes ficaram fora de si, de cólera. Agindo mais como feras rapinantes do que como seres humanos, [56] precipitaram-se sobre Estêvão, rangendo os dentes. Nos rostos cruéis em redor de si, o prisioneiro leu a sua sorte; mas não vacilou. Para ele, o temor da morte desaparecera. Para ele, os coléricos sacerdotes e a turba irada não ofereciam terror. O quadro que diante dele estava se desvaneceu de sua vista. Para ele, as portas do Céu estavam abertas, e, olhando por elas, viu a glória da corte de Deus, e Cristo, em pé como que Se havendo levantado de Seu trono precisamente então, para dar auxílio a Seu servo. Com palavras de triunfo Estêvão exclamou: "Eis que vejo os Céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus". Atos 7:56.

Descrevendo ele as gloriosas cenas que estava a contemplar, seus perseguidores não o suportaram mais. Tapando os ouvidos para não ouvir suas palavras, e dando altos brados, com fúria correram unânimes sobre ele e o expulsaram da cidade. "E apedrejaram a Estêvão, que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito. E, pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu". Atos 7:59, 60.

Nenhuma sentença legal fora pronunciada contra Estêvão, mas as autoridades romanas foram subornadas com grandes somas de dinheiro para não fazerem investigação sobre o caso.

O martírio de Estêvão produziu profunda impressão em todos os que o presenciaram. A lembrança da aprovação de Deus em sua face;

suas palavras que tocaram o coração dos que as ouviram, permaneceram na mente dos espectadores e testificaram da verdade do que ele havia proclamado. Sua morte foi uma rude prova para a igreja, mas resultou na convicção de Saulo, que não pôde apagar de sua memória a fé e constância do mártir e a glória que lhe resplandeceu no rosto.

Na cena do julgamento e morte de Estêvão, Saulo parecera estar imbuído de um zelo frenético. Depois, ficara irado com sua própria convicção íntima de que Estêvão fora honrado por Deus, ao mesmo tempo em que era desonrado pelos homens. Saulo continuou a perseguir a igreja de Deus, afligindo os seus membros, prendendo-os em suas casas e entregando-os aos sacerdotes e príncipes para prisão e morte. Seu zelo em levar avante essa perseguição aterrorizou os cristãos em Jerusalém. As autoridades romanas nenhum esforço especial fizeram para deter a cruel obra e secretamente ajudavam os judeus, a fim de conciliá-los e assegurar seu favor.

Depois da morte de Estêvão, Saulo foi eleito membro do conselho do Sinédrio, em consideração à parte que desempenhara naquela ocasião. Durante algum tempo, foi um instrumento poderoso nas mãos de Satanás para promover sua rebelião contra o Filho de Deus. Logo, porém, esse implacável perseguidor deveria ser empregado em edificar a igreja que, então, tentava destruir. Alguém mais poderoso que Satanás escolhera Saulo para tomar o lugar do martirizado Estêvão, a fim de pregar e sofrer pelo Seu nome e propagar extensamente as novas da salvação por meio de Seu sangue. [57]

Capítulo 11 — O evangelho em Samaria

Este capítulo é baseado em Atos 8.

Depois da morte de Estêvão, levantou-se em Jerusalém uma perseguição tão implacável contra os crentes que "todos foram dispersos pelas terras da Judéia e Samaria". Atos 8:1. Saulo "assolava a igreja, entrando pelas casas: e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão". Atos 8:3. De seu zelo nessa cruel obra, disse ele posteriormente: "Bem tinha eu imaginado que contra o nome de Jesus Nazareno devia eu praticar muitos atos; o que também fiz em Jerusalém. E, havendo recebido poder dos principais dos sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; [...] e, castigando-os muitas vezes por todas as sinagogas, os obriguei a blasfemar. E, enfurecido demasiadamente contra eles, até nas cidades estranhas os persegui". Atos 26:9-11. Que Estêvão não foi o único que sofreu a morte pode ser evidenciado das próprias palavras de Saulo: "E quando os matavam eu dava o meu voto contra eles". Atos 26:9.

Nesse tempo de perigo, Nicodemos veio destemidamente confessar sua fé no Salvador. Ele era membro do Sinédrio, e com outros tinha sido movido pelos ensinos de Jesus. Ao testemunhar as maravilhosas obras de Cristo, a convicção de que Ele era o enviado de Deus tomou posse de sua mente. Demasiado orgulhoso para se mostrar abertamente simpático ao Mestre galileu, havia procurado uma entrevista secreta. Nessa entrevista, Jesus desdobrara perante ele o plano da salvação e de Sua missão ao mundo; entretanto, Nicodemos hesitava ainda. Tinha a verdade no coração, e por três anos houve pouco fruto aparente. Mas, conquanto não tivesse publicamente reconhecido a Cristo, repetidamente havia ele no concílio do Sinédrio impedido os desígnios dos sacerdotes para destruí-Lo. Quando, afinal, Cristo foi levantado na cruz, Nicodemos se lembrou das palavras que Ele dissera na noite da entrevista no Monte das Oliveiras: "Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim im-

porta que o Filho do homem seja levantado” (João 3:14); e ele viu em Jesus o Redentor do mundo.

Com José de Arimatéia, Nicodemos tinha pago as despesas do sepultamento de Jesus. Os discípulos estavam temerosos de se mostrarem abertamente como seguidores de Cristo, mas Nicodemos e José corajosamente vieram em seu auxílio. O apoio desses ricos e honrados homens era grandemente necessário naquela hora de trevas. Eles puderam fazer por seu Mestre morto o que teria sido impossível para os pobres discípulos; e sua riqueza e influência os protegeram, em grande medida, da maldade dos sacerdotes e príncipes. [58]

Então, quando os judeus procuravam destruir a igreja nascente, Nicodemos veio em sua defesa. Não mais cauteloso nem duvidando, encorajou a fé dos discípulos, e usou sua riqueza para ajudar a manter a igreja em Jerusalém, e no avanço da obra do evangelho. Os que noutros tempos o reverenciavam, agora o perseguiam e dele escarneciam; e ele tornou-se pobre em bens deste mundo, mas não esmoreceu na defesa de sua fé.

A perseguição que sobreveio à igreja de Jerusalém resultou em grande impulso para a obra do evangelho. O êxito havia acompanhado o ministério da Palavra nesse lugar, e havia o perigo de que os discípulos ali se demorassem por muito tempo, despreocupados da comissão que haviam recebido do Salvador de ir a todo o mundo. Esquecidos de que a força para resistir ao mal é melhor obtida pelo trabalho intenso, começaram a pensar que não havia para eles trabalho tão importante como o de proteger a igreja de Jerusalém dos ataques do inimigo. Em lugar de instruir os novos conversos para levarem o evangelho aos que ainda não o haviam ouvido, estavam em perigo de tomar um caminho que os levaria a se sentirem satisfeitos com o que já tinha sido alcançado. A fim de espalhar Seus representantes por outras partes do mundo, de maneira que pudessem trabalhar por outros, Deus permitiu que lhes sobreviesse a perseguição. Expulsos de Jerusalém, os crentes “iam por toda parte anunciando a Palavra”. Atos 8:4.

Entre aqueles a quem o Salvador dera a missão: “Portanto ide, ensinai todas as nações” (Mateus 28:19), havia muitos que eram das camadas mais pobres, homens e mulheres que tinham aprendido a amar seu Senhor, e que decidiram seguir Seu exemplo de abnegado serviço. A esses humildes; bem como aos discípulos que tinham

estado com o Salvador durante Seu ministério terrestre, fora confiado o precioso encargo. Deveriam levar ao mundo as alegres novas da salvação por meio de Cristo.

Quando foram espalhados pela perseguição, saíram cheios de zelo missionário. Compenetraram-se da responsabilidade de sua missão. Sabiam ter nas mãos o pão da vida para um mundo faminto; e eram constrangidos pelo amor de Cristo a distribuir esse pão a todos os que estivessem em necessidade. O Senhor agia por meio deles. Aonde quer que fossem, os doentes eram curados e aos pobres se pregava o evangelho.

Filipe, um dos sete diáconos, estava entre os que foram expulsos de Jerusalém. E "descendo Filipe à cidade de Samaria, lhes pregava a Cristo. E as multidões unanimemente prestavam atenção ao que Filipe dizia, porque ouviam e viam os sinais que ele fazia. Pois que os espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, [...] e muitos paralíticos e coxos eram curados. E havia grande alegria naquela cidade". Atos 8:5-8.

A mensagem de Cristo à mulher samaritana com quem Ele falara junto ao poço de Jacó, tinha produzido fruto. Após ouvir Suas palavras, a mulher tinha ido aos habitantes da cidade, dizendo: "Vinde, [59] vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito: porventura não é este o Cristo?" Eles foram com ela, ouviram Jesus e creram nEle. Ansiosos por ouvir mais, suplicaram-Lhe que permanecesse com eles. Por dois dias, Ele Se demorou com eles, "e muitos mais creram nEle, por causa da Sua palavra". João 4:29, 41.

E quando Seus discípulos foram expulsos de Jerusalém, alguns encontraram seguro asilo em Samaria. Os samaritanos receberam bem os mensageiros do evangelho, e os judeus convertidos colheram preciosos frutos entre aqueles que uma vez foram seus mais fortes inimigos.

O trabalho de Filipe em Samaria foi assinalado por grande sucesso, e assim, encorajado, mandou pedir auxílio em Jerusalém. Os apóstolos, então, perceberam mais amplamente o sentido das palavras de Cristo: "Ser-Me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da Terra". Atos 1:8.

Quando Filipe ainda se encontrava em Samaria, foi-lhe determinado por um mensageiro celestial que fosse "para a banda do sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza" "E levantou-se, e

foi”. Atos 8:26, 27. Ele não pôs em dúvida o chamado, nem hesitou em obedecer, pois havia aprendido a lição da conformidade com a vontade de Deus.

“E eis que um homem etíope, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros, e tinha ido a Jerusalém para adoração, regressava e, assentado no seu carro, lia o profeta Isaías”. Atos 8:27, 28. Esse etíope era homem de boa posição e grande influência. Deus viu que, quando se convertesse, proporcionaria a outros a luz que recebera, e exerceria forte influência em favor do evangelho. Anjos de Deus estavam auxiliando esse inquiridor da luz, e ele estava sendo atraído para o Salvador. Pelo ministério do Espírito Santo, o Senhor o pôs em contato com quem o poderia guiar à luz.

Filipe foi dirigido a ir ao encontro do etíope e explicar-lhe a profecia que estava lendo. “Chega-te”, disse o Espírito, “e ajunta-te a esse carro”. Atos 8:29. Aproximando-se, Filipe perguntou ao eunuco: “Entendes tu o que lês? E ele disse: Como poderei entender, se alguém me não ensinar? E rogou a Filipe que subisse e com ele se assentasse”. Atos 8:31. A passagem que ele estava lendo era a profecia de Isaías relativa a Cristo: “Foi levado como a ovelha para o matadouro, e, como está mudo o cordeiro diante do que o tosquia, assim não abriu a Sua boca. Na Sua humilhação foi tirado o Seu julgamento; e quem contará a Sua geração? porque a Sua vida é tirada da Terra”. Atos 8:32, 33.

“De quem diz isto o profeta?” perguntou o eunuco; “de si mesmo ou de algum outro?” Então, Filipe lhe apresentou a grande verdade da redenção. Começando com a mesma passagem, “lhe anunciou a Jesus”. Atos 8:34, 35.

O coração do homem vibrava de interesse ao serem-lhe explicadas as Escrituras e, ao terminar o discípulo, estava pronto para aceitar a luz proporcionada. Ele não fez de sua elevada posição mundana [60] uma desculpa para recusar o evangelho. “Indo eles caminhando, chegaram ao pé de alguma água, e disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que eu seja batizado? E disse Filipe: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus. E mandou parar o carro, e desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e o batizou.

"E, quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, e não o viu mais o eunuco; e, jubiloso, continuou o seu caminho. E Filipe se achou em Azoto, e, indo passando, anunciava o evangelho em todas as cidades, até que chegou a Cesaréia". Atos 8:36-40.

Esse etíope representa uma grande classe que necessita ser ensinada por missionários como Filipe — homens que ouvem a voz de Deus, e vão aonde Ele mandar. Muitos há que estão lendo as Escrituras sem compreender-lhes o verdadeiro significado. Em todo o mundo homens e mulheres olham atentamente para o Céu. De pessoas ansiosas por luz, graça e pelo Espírito Santo, sobem orações, lágrimas e indagações. Muitos estão no limiar do reino, esperando somente serem recolhidos.

Um anjo guiou Filipe àquele que procurava a luz, e que estava pronto para receber o evangelho; e hoje, anjos guiarão os passos dos obreiros que permitam ao Espírito Santo santificar-lhes a língua, educar e enobrecer-lhes o coração. O anjo enviado a Filipe poderia ter ele próprio feito a obra pelo etíope, mas essa não é a maneira de Deus agir. É Seu plano que os homens trabalhem por seus semelhantes.

Crentes de todos os séculos têm tomado parte na incumbência dada aos primeiros discípulos. Todos os que receberam o evangelho, receberam a sagrada verdade para repartir ao mundo. Os fiéis de Deus têm sido sempre destemidos missionários, consagrando seus recursos para a honra de Seu nome, e sabiamente usando seus talentos em Seu serviço.

A obra altruísta de cristãos do passado deveria ser uma lição objetiva e uma inspiração para nós. Os membros da igreja de Deus devem ser zelosos de boas obras, separando-se de ambições mundanas e seguindo nos passos dAquele que andou fazendo o bem. Com o coração repleto de simpatia e compaixão, devem eles ministrar aos que necessitam de auxílio, levando aos pecadores o conhecimento do amor do Salvador. Tal obra requer laboriosos esforços, mas produz rica recompensa. Os que nela se empenharem com sinceridade de propósito verão pessoas salvas para o Salvador; pois a influência que acompanha a atividade prática da divina missão é irresistível.

Não somente sobre o pastor ordenado repousa a responsabilidade de sair a cumprir essa missão. Todo indivíduo que haja recebido a

Cristo é chamado a trabalhar pela salvação de seus semelhantes. “O Espírito e a esposa dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem” O dever de fazer este convite inclui a igreja toda. Todo o que tenha ouvido o convite, deve fazer ecoar a mensagem pelas colinas e vales, dizendo: “Vem”. Apocalipse 22:17. [61]

É erro fatal supor que a obra da salvação dependa só do ministério. O humilde e consagrado crente sobre quem o Senhor da vinha colocou a responsabilidade pelas pessoas, deve receber encorajamento daqueles a quem o Senhor delegou maiores responsabilidades. Os que ocupam lugar de líderes na igreja de Deus devem sentir que a missão do Salvador é dada a todos os que crerem no Seu nome. Deus deseja enviar para a Sua vinha muitos que não foram consagrados ao ministério pela imposição das mãos.

Centenas, talvez milhares, que já ouviram a mensagem de salvação estão ainda ociosos na praça, quando podiam estar empenhados em algum setor de trabalho ativo. A esses Cristo está dizendo: “Por que estais ociosos todo o dia?” E acrescenta: “Ide vós também para a vinha”. Mateus 20:6, 7. Por que razão muitos mais não respondem ao chamado? Será porque se imaginam dispensados pelo fato de não ocuparem os púlpitos? Esses devem compreender que há uma vasta obra a ser feita fora do púlpito, por milhares de consagrados membros leigos.

Longamente tem Deus esperado que o espírito de serviço se apodere de toda a igreja, de maneira que cada um trabalhe para Ele segundo sua habilidade. Quando os membros da igreja de Deus fizerem a obra que lhes é indicada nos necessitados campos nacionais e estrangeiros, em cumprimento da comissão evangélica, todo o mundo será logo advertido, e o Senhor Jesus retornará à Terra com poder e grande glória. “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim”. Mateus 24:14. [62]

Capítulo 12 — De perseguidor a discípulo

Este capítulo é baseado em Atos 9:1-18.

Entre os guias judeus que ficaram profundamente abalados com o êxito que acompanhava a proclamação do evangelho, encontrava-se, preeminentemente, Saulo de Tarso. Cidadão romano de nascimento, Saulo era não obstante judeu por descendência, e fora educado em Jerusalém pelos mais eminentes rabis. "Da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim", era Saulo "hebreu de hebreus"; segundo a lei, foi "fariseu, segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível". Filipenses 3:5, 6. Era considerado pelos rabinos como um jovem altamente promissor, e grandes esperanças eram acariciadas com respeito a ele como capaz e zeloso defensor da antiga fé. Sua elevação a membro do Sinédrio colocou-o numa posição de poder.

Saulo tinha tomado parte de destaque no julgamento e condenação de Estêvão, e a impressionante evidência da presença de Deus com o mártir o deixara em dúvida quanto à justiça da causa que ele havia assumido contra os seguidores de Jesus. Sua mente estava profundamente agitada. Em sua perplexidade, consultou aqueles em cuja sabedoria e juízo tinha plena confiança. Os argumentos dos sacerdotes e príncipes convenceram-no, afinal, de que Estêvão fora um blasfemo, que o Cristo que o discípulo martirizado pregara fora um impostor e que tinham forçosamente de ter razão esses que ministravam no santo serviço.

Não foi sem um rigoroso exame que Saulo chegou a essa conclusão. Mas, afinal, sua educação, seus preconceitos, seu respeito para com os mestres antigos, e seu orgulho e popularidade deram-lhe força para rebelar-se contra a voz da consciência e a graça de Deus. E, resolvido plenamente a dar razão aos sacerdotes e escribas, Saulo fez acérrima oposição às doutrinas ensinadas pelos discípulos de Jesus. Sua atividade, fazendo com que homens santos e santas mulheres fossem arrastados perante os tribunais, onde alguns eram

condenados à prisão, e outros à morte, unicamente por causa de sua fé em Jesus, trouxe tristezas e pesares à igreja recém organizada, e fez muitos buscarem segurança na fuga.

Os que foram expulsos de Jerusalém por essa perseguição “iam por toda a parte, anunciando a Palavra”. Atos 8:4. Entre as cidades para as quais foram, achava-se Damasco, onde a nova fé ganhou muitos conversos. [63]

Os sacerdotes e príncipes tinham esperado que, por um esforço vigilante e severa perseguição, a heresia pudesse ser suprimida. Compreendiam agora que deveriam prosseguir em outros lugares com as medidas decisivas tomadas em Jerusalém contra o novo ensino. Para o trabalho especial que desejavam fosse feito em Damasco, Saulo ofereceu sua ajuda: “Respirando ainda ameaças, e mortes contra os discípulos do Senhor”, ele “dirigiu-se ao sumo sacerdote, e pediu-lhe cartas para Damasco para as sinagogas, a fim de que, se encontrasse alguns daquela seita, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém”. Atos 9:1, 2. Assim, “com poder e comissão dos principais dos sacerdotes” (Atos 26:12), Saulo de Tarso, e usando de toda a força e vigor, e ardendo em um zelo equivocado, pôs-se a caminho naquela memorável jornada, cujas estranhas ocorrências deveriam mudar todo o curso de sua vida.

No último dia da viagem, “ao meio-dia” (Atos 26:13), quando os cansados viajantes se aproximavam de Damasco, seus olhos contemplaram o cenário de amplas extensões de terras férteis, belos jardins e pomares frutíferos, banhados pelas refrigerantes correntes das montanhas ao redor. Depois da longa viagem por áreas desoladas, tais cenas eram na verdade aprazíveis. Enquanto Saulo e seus companheiros se deleitavam na contemplação da planície frutífera e da bela cidade abaixo, “subitamente” (Atos 9:3), como ele mais tarde declarou, “envolveu a mim e aos que iam comigo” “uma luz do céu, que excedia o esplendor do Sol” (Atos 26:13), por demais gloriosa para que os olhos mortais a suportassem. Cego e desorientado, Saulo caiu prostrado ao chão.

Enquanto a luz continuava a resplandecer em redor deles, Saulo ouviu “uma voz que... falava... em língua hebraica” (Atos 26:14), e “que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que Me persegues? E Ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões”. Atos 9:4, 5.

Cheios de temor e quase cegados pela intensidade da luz, os companheiros de Saulo ouviram a voz, mas a ninguém viram. Saulo, porém, compreendeu as palavras que foram faladas; e a ele claramente foi revelado Aquele que falou, a saber, o Filho de Deus. No Ser glorioso que estava diante dele, viu o Crucificado. Na mente do judeu surpreso, a imagem do rosto do Salvador ficou gravada para sempre. As palavras faladas lhe atingiram o coração com terrível força. Nos entenebrecidos recessos do espírito derramou-se-lhe uma inundação de luz, revelando a ignorância e o erro de sua vida anterior e sua presente necessidade de esclarecimento do Espírito Santo.

Saulo viu agora que, ao perseguir os seguidores de Jesus, em realidade tinha estado a fazer a obra de Satanás. Viu que suas convicções do direito e de seu próprio dever tinham estado grandemente baseadas em sua implícita confiança nos sacerdotes e príncipes. Tinha crido neles quando lhe afirmaram que a história da ressurreição [64] de Cristo fora um artifício forjado pelos discípulos. Agora que o próprio Jesus Se lhe revelara, Saulo estava convencido da veracidade das reivindicações feitas pelos discípulos.

Naquela hora de iluminação celestial, o espírito de Saulo agiu com notável rapidez. Os registros proféticos das Escrituras Sagradas abriram-se-lhe à compreensão. Viu que a rejeição de Jesus pelos judeus, Sua crucifixão, ressurreição e ascensão, tinham sido preditas pelos profetas e demonstravam ser Ele o Messias prometido. O sermão de Estêvão, por ocasião de seu martírio, foi de maneira impressiva trazido à lembrança de Saulo, e ele compreendeu que o mártir sem dúvida contemplava "a glória de Deus", quando disse: "Eis que vejo os Céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus". Atos 7:55, 56. Os sacerdotes tinham declarado blasfemas essas palavras, mas Saulo agora sabia que elas eram verdade.

Em tudo isso, que revelação para o perseguidor! Saulo sabia, agora com certeza, que o prometido Messias viera à Terra na pessoa de Jesus de Nazaré, que fora rejeitado e crucificado por aqueles a quem viera salvar. Sabia também que o Salvador ressurgira triunfalmente do túmulo e ascendera ao Céu. Naquele momento de revelação divina, Saulo lembrou-se com terror de que Estêvão, que dera testemunho de um Salvador crucificado e ressuscitado, fora sacrificado com seu consentimento, e que, mais tarde, por seu inter-

médio, muitos outros dignos seguidores de Jesus haviam encontrado a morte pela perseguição cruel.

O Salvador falara a Saulo por intermédio de Estêvão, cujo claro raciocínio não pôde ser contraditado. O erudito judeu tinha visto a face do mártir refletindo a luz da glória de Cristo, sendo sua aparência "como o rosto de um anjo". Atos 6:15. Testemunhara sua clemência pelos inimigos e o perdão que lhes concedera. Tinha testemunhado também a decidida e até alegre resignação de muitos de cujo tormento e aflição tinha sido causa. Tinha visto alguns deporem a própria vida com regozijo, por amor de sua fé.

Todas essas coisas tinham apelado altamente a Saulo, e, às vezes, se lhe alojara na mente uma quase avassaladora convicção de que Jesus era o prometido Messias. Nessas ocasiões, ele havia lutado noites inteiras contra essa convicção, e sempre terminara por manter a crença de que Jesus não era o Messias, e que Seus discípulos eram fanáticos iludidos.

Agora, Cristo falara a Saulo com Sua própria voz, dizendo: "Saulo, Saulo, por que Me persegues?" E a interrogação: "Quem és, Senhor?" foi respondida pela mesma voz: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues". Atos 9:4, 5. Cristo aqui Se identifica com Seu povo. Perseguindo os seguidores de Jesus, Saulo tinha batalhado diretamente contra o Senhor do Céu. Em os acusar falsamente, e falsamente testificar contra eles, havia acusado falsamente a Jesus e falsamente testificado contra o Salvador do mundo.

Nenhuma dúvida assaltou a mente de Saulo quanto a ser Aquele que lhe falara Jesus de Nazaré, o tão longamente esperado Messias, a consolação e redenção de Israel. "E ele, tremendo e atônito", perguntou: "Senhor, que queres que faça? E disse-lhe o Senhor: Levanta-te, e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer". Atos 9:6. [65]

Quando se retirou a glória e Saulo se levantou do chão, achou-se completamente despojado da visão. O brilho da glória de Cristo fora por demais intenso para seus olhos mortais e, desaparecido esse brilho, a escuridão da noite invadiu-lhe a visão. Ele creu que essa cegueira era um castigo divino por sua cruel perseguição aos seguidores de Jesus. Em terríveis trevas tateava em torno, e seus companheiros, em temor e pasmo "guiando-o pela mão, o conduziram a Damasco". Atos 9:8.

Na manhã desse acidentado dia, Saulo tinha-se aproximado de Damasco com sentimentos de presunção por causa da confiança nele depositada pelos principais dos sacerdotes. Havia sido confiada a ele grande responsabilidade. Fora comissionado para promover os interesses da religião judaica, impedindo, se possível, a disseminação da nova fé em Damasco. Determinara que sua missão seria coroada de êxito e, com ávida antecipação, olhava as experiências que o aguardavam.

Quão diferente do que imaginara foi sua entrada na cidade! Ferido de cegueira, desorientado, torturado pelo remorso, não sabendo se outros juízos o aguardavam ainda, procurou ali a casa do discípulo Judas, onde, em solidão, teve ampla oportunidade para refletir e orar.

Saulo "esteve três dias sem ver, e não comeu nem bebeu". Atos 9:9. Esses dias de íntima agonia tiveram para ele a duração de anos. Vezes sem conta ele recordava, com o espírito angustiado, a parte que tinha desempenhado no martírio de Estêvão. Com horror, pensava em sua culpa por se haver deixado controlar pela maldade e preconceito dos sacerdotes e príncipes, mesmo quando a face de Estêvão fora iluminada pelas radiações do Céu. Com o espírito triste e quebrantado, reconsiderou as inúmeras vezes que tinha fechado os olhos e os ouvidos às mais tocantes evidências, e persistentemente incrementara a perseguição aos crentes em Jesus de Nazaré.

Esses dias de exame de consciência e humilhação do coração foram passados em reclusão íntima. Os crentes, tendo sido advertidos dos propósitos de Saulo em vir a Damasco, temiam estivesse ele fingindo, para mais facilmente iludi-los; e se mantinham arredios, recusando-lhe sua simpatia. Ele não desejava apelar aos judeus não convertidos, aqueles com quem planejara unir-se na perseguição aos crentes; pois sabia que nem sequer dariam ouvidos a sua história. Assim, parecia-lhe estar separado de toda a simpatia humana. Sua única esperança de ajuda estava no misericordioso Deus, e para Ele apelou com o coração quebrantado.

Durante as longas horas em que Saulo estivera fechado a sós com Deus, relembrou muitos textos das Escrituras referentes ao primeiro advento de Cristo. Com a memória aguçada pela convicção de que estava possuído, cuidadosamente seguiu o fio das profecias. Ao refletir no significado dessas profecias, ficou pasmado ante a [66] cegueira de entendimento de que estivera possuído, bem como a dos

judeus em geral, que os levara à rejeição de Jesus como o Messias prometido. A sua iluminada visão, tudo agora parecia claro. Sabia que seu anterior preconceito e incredulidade tinham-lhe obscurecido a percepção espiritual, impedindo-o de discernir em Jesus de Nazaré o Messias da profecia.

Ao render-se Saulo inteiramente ao convincente poder do Espírito Santo, viu os erros de sua vida e reconheceu a amplitude dos reclamos da lei de Deus. Aquele que fora um orgulhoso fariseu, confiante na justificação por suas boas obras, curvou-se, então, perante Deus com a humildade e simplicidade de uma criancinha, confessando sua indignidade e pleiteando os méritos de um Salvador crucificado e ressurgido. Saulo ansiava por entrar em inteira harmonia e comunhão com o Pai e o Filho; e na intensidade de seu desejo de perdão e aceitação, elevou ferventes súplicas ao trono da graça.

As orações do penitente fariseu não foram em vão. Os mais secretos pensamentos e emoções de seu coração foram transformados pela divina graça; e Suas nobres faculdades foram postas em harmonia com os eternos propósitos de Deus. Cristo e Sua justiça passaram a representar para Saulo mais que o mundo inteiro.

A conversão de Saulo é notável evidência do miraculoso poder do Espírito Santo para convencer os homens do pecado. Ele havia crido que, de fato, Jesus de Nazaré havia desconsiderado a lei de Deus, ensinando aos Seus discípulos ser a mesma de nenhum valor. Mas, depois de sua conversão, Saulo tinha reconhecido Jesus de Nazaré como Aquele que viera ao mundo com o propósito expresso de defender a lei de Seu Pai. Estava convencido de que Jesus fora o originador de todo o sistema judaico de sacrifícios. Viu que o tipo da crucificação tinha encontrado o antítipo; que Jesus havia cumprido as profecias do Antigo Testamento, concernentes ao Redentor de Israel.

No relato da conversão de Saulo, encontramos importantes princípios que devemos sempre ter em mente. Saulo foi levado diretamente à presença de Cristo. Foi uma pessoa designada por Cristo para uma importantíssima obra, alguém que seria "um vaso escolhido" (Atos 9:15), para Ele; no entanto, o Senhor não lhe disse imediatamente qual era a obra para ele designada. Embargou-lhe o caminho e convenceu-o do pecado; e quando Saulo perguntou: "Que queres que faça?" (Atos 9:6) o Salvador colocou o indagador judeu

em contato com Sua igreja, para que obtivesse o conhecimento da vontade de Deus em relação a ele.

A maravilhosa luz que iluminara as trevas de Saulo era obra do Senhor; mas havia também um trabalho a ser feito em favor dele pelos discípulos. Cristo tinha realizado a obra de revelação e convicção. Agora, o penitente estava em condições de aprender daqueles a quem o Senhor tinha ordenado que ensinassem a Sua [67] verdade.

Enquanto em recolhimento na casa de Judas, Saulo continuava em oração e súplica, o Senhor apareceu em visão a "certo discípulo" em Damasco, "chamado Ananias", dizendo-lhe que Saulo de Tarso estava orando e necessitava de auxílio. "Levanta-te, e vai à rua chamada Direita," disse o mensageiro celestial, "e pergunta em casa de Judas por um homem de Tarso chamado Saulo; pois eis que ele está orando; e numa visão ele viu que entrava um homem chamado Ananias, e punha sobre ele a mão, para que tornasse a ver". Atos 9:10-12.

Ananias mal podia crer nas palavras do anjo; pois a notícia da tenaz perseguição aos santos em Jerusalém tinha-se espalhado amplamente. Atreveu-se a argumentar: "Senhor, a muitos ouvi acerca deste homem, quantos males tem feito aos Teus santos em Jerusalém; e aqui tem poder dos principais dos sacerdotes para prender a todos os que invocam o Teu nome" Mas a ordem foi imperativa: "Vai, porque este é para Mim um vaso escolhido, para levar o Meu nome diante dos gentios, e dos reis e dos filhos de Israel". Atos 9:13-15.

Obediente à orientação do anjo, Ananias saiu em busca do homem que ainda pouco antes havia respirado ameaças contra todos os que criam no nome de Jesus; e colocando as mãos sobre a cabeça do penitente sofredor, disse: "Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo. E logo lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e recuperou a vista; e, levantando-se, foi batizado". Atos 9:17, 18.

Dessa maneira confirmou Jesus a autoridade de Sua igreja organizada, e pôs Saulo em contato com Seus instrumentos apontados na Terra. Cristo tinha, agora, uma igreja como Sua representante na Terra, e a ela pertencia a obra de dirigir os pecadores arrependidos no caminho da vida.

Muitos têm a idéia de que são responsáveis somente a Cristo pela luz e experiência que possuem, independentemente de Seus reconhecidos seguidores na Terra. Jesus é o Amigo dos pecadores, e Seu coração se confrange por seu infortúnio. Ele possui todo o poder, tanto no Céu como na Terra; mas respeita os meios por Ele ordenados para o esclarecimento e salvação das pessoas; dirige os pecadores para a igreja por Ele feita instrumento de luz para o mundo.

Quando, em meio ao seu erro e cego preconceito, Saulo recebeu uma revelação de Cristo, a quem estava perseguindo, foi ele colocado em comunicação direta com a igreja, a qual é a luz do mundo. Nesse caso, Ananias representava Cristo, como representa também os ministros de Cristo sobre a Terra, os quais são indicados para agir em Seu lugar. No lugar de Cristo, Ananias tocou os olhos de Saulo para que ele recobrasse a visão. Em lugar de Cristo, colocou suas mãos sobre ele, e enquanto orava em nome de Cristo, Saulo recebeu o Espírito Santo. Tudo foi feito no nome e pela autoridade de Cristo. Cristo é a fonte; a igreja, o canal de comunicação. [68]

Capítulo 13 — Dias de preparo

Este capítulo é baseado em Atos 9:19-30.

Depois de seu batismo, Paulo quebrou o jejum, e permaneceu "alguns dias com os discípulos que estavam em Damasco. E logo nas sinagogas pregava a Jesus, que Este era o Filho de Deus" Ousadamente, declarou ser Jesus de Nazaré o ansiado Messias, que "morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; [...] foi sepultado, e [...] ressurgiu ao terceiro dia", após o que foi visto pelos doze e pelos outros. "E por derradeiro de todos", acrescenta Paulo, "me apareceu também a mim, como a um abortivo". 1 Coríntios 15:3, 4, 8. Sua argumentação com respeito às profecias era tão lógica, seus esforços tão manifestamente acompanhados pelo poder de Deus, que os judeus ficavam confundidos e incapazes de responder-lhe.

As novas da conversão de Paulo haviam chegado aos judeus como enorme surpresa. Aquele que havia viajado para Damasco "com poder e comissão dos principais dos sacerdotes" (Atos 26:12), para prender e processar os crentes, estava agora pregando o evangelho do Salvador crucificado e ressurgido, fortalecendo as mãos dos que eram, já, Seus discípulos e continuamente trazendo novos conversos para a fé a que antes tão amargamente se opusera.

Paulo fora anteriormente reconhecido como zeloso defensor da religião judaica, e implacável perseguidor dos seguidores de Jesus. Corajoso, independente, perseverante, seus talentos e preparo tê-lo-iam capacitado a servir quase em qualquer atividade. Era capaz de arrazoar com clareza extraordinária, e por seu fulminante sarcasmo podia colocar o adversário em posição nada invejável. E agora, os judeus viam esse jovem extraordinariamente promissor unido com aqueles a quem antes perseguira, pregando destemidamente no nome de Jesus.

Um general que tomba em combate está perdido para seu exército, mas sua morte não acrescenta força ao inimigo. Mas quando um homem preeminente se une às forças opositoras, não apenas se

perdem seus serviços como ganham decidida vantagem aqueles com quem ele se une. Saulo de Tarso, em caminho para Damasco, podia facilmente ter sido fulminado pelo Senhor, e muita força se teria retirado do poder perseguidor. Mas Deus, em Sua providência, não apenas poupou a vida de Saulo, mas converteu-o, transferindo assim um campeão do campo do inimigo para o lado de Cristo. Orador eloqüente e crítico severo, Paulo, com seu decidido propósito e inquebrantável coragem, possuía as próprias qualificações necessárias à igreja primitiva. [69]

Enquanto Paulo pregava a Cristo em Damasco, todos os que o ouviam ficavam admirados, e diziam: "Não é este o que em Jerusalém perseguia os que invocavam este nome, e para isso veio aqui, para os levar presos aos principais dos sacerdotes?" Atos 9:21. Paulo declarava que sua mudança de fé não tinha sido gerada por impulso ou fanatismo, mas fora resultado de irresistível evidência. Em sua apresentação do evangelho, ele procurava tornar claras as profecias relativas à primeira vinda de Cristo. Mostrava irrefutavelmente que essas profecias se tinham cumprido literalmente em Jesus de Nazaré. O fundamento de sua fé era a segura palavra da profecia.

Enquanto continuava a apelar a seus assombrados ouvintes para "que se emendassem e se convertessem a Deus, fazendo obras dignas de arrependimento" (Atos 26:20), Saulo "se esforçava muito mais, e confundia os judeus que habitavam em Damasco, provando que Aquele era o Cristo". Atos 9:22. Muitos, porém, endureceram o coração, recusando-se a atender a sua mensagem; e logo o espanto deles pela sua conversão foi mudado em ódio intenso, semelhante ao que haviam mostrado para com Jesus.

A oposição tornou-se tão violenta que não foi permitido a Paulo continuar suas atividades em Damasco. Um mensageiro do Céu ordenou-lhe retirar-se por algum tempo; e ele foi "para a Arábia", onde encontrou um refúgio seguro. Gálatas 1:17.

Ali, na solidão do deserto, Paulo teve ampla oportunidade para sossegado estudo e meditação. Recapitulou calmamente sua experiência passada, possuindo-se de genuíno arrependimento. Buscou a Deus de todo o coração, não descansando até que tivesse a certeza de que seu arrependimento fora aceito e seus pecados perdoados. Anelava a certeza de que Jesus estaria com ele em seu ministério futuro. Esvaziou a mente dos preconceitos e tradições que lhe haviam,

até então, modelado a vida e recebeu instruções da fonte da verdade. Jesus comungou com ele e confirmou-o na fé, conferindo-lhe uma rica medida de sabedoria e graça.

Quando a mente de um homem é posta em comunhão com a mente de Deus, o finito com o Infinito, o efeito sobre o corpo, a mente e o espírito vai além do admissível. Em comunhão tal é encontrada a mais alta educação. É o método de desenvolvimento usado por Deus. "Reconcilia-te com Ele", é a mensagem do Senhor à humanidade. Jó 22:21.

A solene incumbência dada a Paulo por ocasião de seu encontro com Ananias, pesou-lhe mais e mais sobre o coração. Quando, em resposta à declaração: "Irmão Saulo, o Senhor Jesus... me enviou, para que tornes a ver", Paulo olhou pela primeira vez a face desse devoto homem, Ananias, que sob a inspiração do Espírito Santo, disse-lhe: "O Deus de nossos pais de antemão te designou para que conheças a Sua vontade, e vejas aquele Justo, e ouças a voz de Sua [70] boca. Porque hás de ser Sua testemunha para com todos os homens do que tens visto e ouvido. E agora por que te deténs? Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor". Atos 22:14-16.

Essas palavras estavam em harmonia com as palavras do próprio Jesus, que, quando deteve Saulo na viagem para Damasco, declarou: "Porque te apareci por isto, para te pôr por ministro e testemunha tanto das coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda; livrando-te deste povo e dos gentios, a quem agora te envio, para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão dos pecados, e sorte entre os santificados pela fé em Mim". Atos 26:16-18.

Ponderando essas coisas em seu coração, Paulo compreendeu mais e mais claramente a razão de seu chamado — ser um "apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus". 1 Coríntios 1:1. Esse chamado lhe veio, "não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai". Gálatas 1:1. A magnitude da obra que estava a sua frente levou-o a dedicar muito estudo às Escrituras Sagradas, a fim de que pudesse pregar o evangelho, "não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã", "mas em demonstração de Espírito e de poder", para que a fé de

todos os que ouvissem “não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus”. 1 Coríntios 1:17; 2:4, 5.

Ao examinar as Escrituras, Paulo aprendeu que, através dos séculos, “não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; e Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis e as que não são, para aniquilar as que são; para que nenhuma carne se glorie perante Ele”. 1 Coríntios 1:26-29. E assim, considerando a sabedoria do mundo a partir da perspectiva da cruz, Paulo se propôs nada “saber... se não a Jesus Cristo, e Este crucificado”. 1 Coríntios 2:2.

Através de todo o seu ministério posterior, Paulo jamais perdeu de vista a Fonte de sua sabedoria e força. Mais para o fim da sua experiência, declarou: “Porque para mim o viver é Cristo”. Filipenses 1:21. E de novo: “Tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas... para que possa ganhar a Cristo, e seja achado nEle, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé; para conhecê-Lo, e à virtude da Sua ressurreição, e à comunicação de Suas aflições”. Filipenses 3:8-10.

Da Arábia, Paulo voltou outra vez a Damasco (Gálatas 1:17), e “falava ousadamente... no nome de Jesus” Incapazes de resistir à sabedoria de seus argumentos, “os judeus tomaram conselho entre si para o matar” As portas da cidade eram guardadas diligentemente, de dia e de noite, para impedir que ele escapasse. Essa situação [71] crítica levou os discípulos a buscar a Deus com fervor; e, finalmente, “tomando-o de noite, os discípulos o desceram, dentro de um cesto, pelo muro”. Atos 9:25.

Depois de escapar de Damasco, Paulo foi a Jerusalém, tendo já passado três anos de sua conversão. Seu principal objetivo ao fazer essa visita, como ele próprio mais tarde declarou, era “ver a Pedro”. Gálatas 1:18. Tendo chegado à cidade onde antes fora bem conhecido como “Saulo, o perseguidor”, “procurava ele juntar-se aos discípulos, mas todos o temiam, não crendo que fosse discípulo” Era-lhes difícil crer que tão fanático fariseu, e um dos que tanto fizeram para destruir

a igreja, pudesse estar transformado num sincero seguidor de Jesus. “Então Barnabé, tomando-o consigo, o trouxe aos apóstolos, e lhes contou como no caminho ele vira ao Senhor e lhe falara, e como em Damasco falara ousadamente no nome de Jesus”. Atos 9:27.

Ouvindo isso, os discípulos o receberam com confiança. Logo tiveram provas abundantes da genuinidade de sua experiência cristã. O futuro apóstolo dos gentios agora se achava na cidade em que viviam muitos de seus anteriores companheiros; e a esses líderes judeus almejava ele explicar as profecias relativas ao Messias, as quais se cumpriram no advento do Salvador. Paulo estava certo de que esses mestres em Israel, com os quais estivera tão bem familiarizado, eram tão sinceros e honestos como ele o fora. Mas avaliara erradamente o espírito de seus irmãos judeus e, na esperança de sua rápida conversão, estava condenado a amargo desapontamento. Ainda que falasse “ousadamente no nome de Jesus”, e disputasse “também contra os gregos”, aqueles que estavam à testa da igreja judaica se recusaram a crer, antes “procuravam matá-lo” A tristeza encheu-lhe o coração. De boa vontade teria ele dado a vida se, por esse meio, pudesse trazer alguns ao conhecimento da verdade. Com vergonha pensava na parte ativa que tomara no martírio de Estêvão; e agora, em sua ansiedade por apagar a mancha que repousava sobre aquele que fora tão falsamente acusado, procurava reivindicar a verdade pela qual Estêvão dera a vida.

Sentindo a responsabilidade em relação aos que se recusavam a crer, estava Paulo a orar no templo, como ele próprio testificou mais tarde, quando caiu em êxtase. Nisso apareceu diante dele um mensageiro celestial e disse: “Dá-te pressa, e sai apressadamente de Jerusalém; porque não receberão o teu testemunho acerca de Mim”. Atos 22:18.

Paulo se inclinava a permanecer em Jerusalém, onde poderia fazer frente à oposição. Parecia-lhe um ato de covardia fugir, se, permanecendo, pudesse convencer alguns dos obstinados judeus quanto à verdade da mensagem do evangelho, mesmo que o permanecer lhe custasse a vida. E assim respondeu: “Senhor, eles bem sabem que eu lançava na prisão e açoitava nas sinagogas os que criam em Ti. E [72] quando o sangue de Estêvão, Tua testemunha, se derramava, também eu estava presente, e consentia na sua morte, e guardava os vestidos dos que o matavam” Mas não estava de acordo com os propósitos

de Deus que Seu servo desnecessariamente expusesse a vida; e o mensageiro celestial respondeu: "Vai, porque hei de enviar-te aos gentios de longe". Atos 22:19-21.

Ao saberem dessa visão, os irmãos apressaram-se em efetuar ocultamente a saída de Paulo de Jerusalém, receosos de que fosse assassinado. Os irmãos "o acompanharam até Cesaréia, e o enviaram a Tarso". Atos 9:30. A partida de Paulo suspendeu por algum tempo a oposição violenta dos judeus, e a igreja teve um período de descanso, no qual muitos foram acrescentados ao número dos crentes. [73]

Capítulo 14 — Um pesquisador da verdade

Este capítulo é baseado em Atos 9:32-43; 10; 11:1-18.

No decorrer de seu ministério, o apóstolo Pedro visitou os crentes em Lida. Ali curou Enéias, que durante oito anos estivera de cama, com paralisia. "Enéias, Jesus Cristo te dá saúde"; disse o apóstolo; "levanta-te, e faze a tua cama. E logo se levantou. E viram-no todos os que habitavam em Lida e Sarona, os quais se converteram ao Senhor". Atos 9:34, 35.

Em Jope, que era perto de Lida, vivia uma mulher chamada Dorcas, cujas boas ações a tornaram grandemente amada. Era uma digna discípula de Jesus e sua vida estava repleta de atos de bondade. Sabia quem carecia de roupa confortável e quem necessitava de simpatia, e liberalmente ministrava aos pobres e tristes. Seus hábeis dedos eram mais ativos do que sua língua.

"Aconteceu naqueles dias que, enfermando ela, morreu". Atos 9:37. A igreja de Jope sentiu a sua perda; e, ouvindo que Pedro estava em Lida, os crentes lhe enviaram mensageiros "rogando-lhe que não se demorasse em vir ter com eles. E, levantando-se Pedro, foi com eles. Quando chegou, o levaram ao quarto alto, e todas as viúvas o rodearam, chorando e mostrando as túnicas e vestes que Dorcas fizera quando estava com elas". Atos 9:38, 39. Em vista da vida de serviços que Dorcas vivera, não é de admirar que chorassem, que cálidas lágrimas caíssem sobre o corpo inanimado.

O coração do apóstolo foi tocado de simpatia ao contemplar-lhes a tristeza. Então, determinando que os amigos em pranto se retirassem do quarto, ajoelhou-se e orou fervorosamente a Deus, para que restabelecesse Dorcas à vida e à saúde. Voltando-se para o corpo, disse: "Tabita, levanta-te. E ela abriu os olhos, e vendo a Pedro, assentou-se". Atos 9:40. Dorcas fora de grande utilidade à igreja, e Deus quis trazê-la da terra do inimigo, a fim de que sua habilidade e energia pudessem ainda ser uma bênção para outras

pessoas, e que também por essa manifestação de Seu poder a causa de Cristo se fortalecesse.

Foi enquanto Pedro ainda se encontrava em Jope, que ele foi chamado por Deus para levar o evangelho a Cornélio, em Cesaréia.

Cornélio era centurião romano. Era homem rico e de nobre nascimento, e seu cargo era de confiança e honra. Gentio de nascimento, ensino e educação, pelo contato com os judeus adquirira o conhecimento de Deus, e O adorava com coração verdadeiro, mostrando [74] a sinceridade de sua fé pela compaixão para com os pobres. Era conhecido longe e perto pela sua beneficência, e sua vida reta o fazia de boa reputação entre judeus e gentios. Sua influência era uma bênção a todos os que com ele entravam em contato. O relato inspirado descreve-o como um homem "piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa, o qual fazia muitas esmolas ao povo, e de contínuo orava a Deus". Atos 10:2.

Crendo em Deus como o Criador do Céu e da Terra, Cornélio O reverenciava, reconhecia Sua autoridade e procurava Seu conselho em todos os negócios da vida. Era fiel a Jeová em sua vida doméstica e em seus deveres oficiais. Erguera em seu lar o altar de Deus, pois não ousava efetuar seus planos ou encarar suas responsabilidades sem o auxílio divino.

Embora Cornélio cresse nas profecias e estivesse a esperar pela vinda do Messias, não tinha conhecimento do evangelho como foi revelado na vida e morte de Cristo. Não era membro da igreja judaica e teria sido considerado pelos rabinos como um gentio e imundo. Mas o mesmo santo Vigia que dissera de Abraão: "Eu o tenho conhecido" (Gênesis 18:19), conhecia também Cornélio, e lhe enviou uma mensagem direta do Céu.

O anjo apareceu a Cornélio quando ele se achava em oração. Ouvindo o centurião alguém a ele dirigir-se pelo nome, ficou atemorizado; todavia compreendeu que o mensageiro viera de Deus, e disse: "Que é, Senhor?" Atos 10:4. O anjo respondeu: "As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus. Agora, pois, envia homens a Jope, e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro. Ele está com um certo Simão curtidor, que tem a sua casa junto ao mar". Atos 10:32.

Os detalhes dessas informações, nas quais se mencionava até a ocupação do homem em cuja casa Pedro se encontrava, mostram

que o Céu está a par da história e ocupação dos homens de todas as condições de vida. Deus está familiarizado com a experiência e afazeres do humilde trabalhador, bem como os do rei em seu trono.

"Envia homens a Jope, e manda chamar a Simão" Assim Deus deu prova de Sua atenção para com o ministério evangélico e Sua igreja organizada. O anjo não foi incumbido de contar a Cornélio a história da cruz. Um homem sujeito a fragilidades e tentações humanas, como o centurião, deveria ser aquele que lhe contaria a respeito do Salvador crucificado e ressuscitado.

Deus não escolhe como Seus representantes entre os homens anjos que jamais caíram, mas seres humanos, homens de paixões idênticas às daqueles a quem buscam salvar. Cristo Se revestiu da forma humana para que pudesse alcançar a humanidade. Um Salvador divino-humano era necessário para trazer a salvação ao mundo. E a homens e mulheres foi entregue a sagrada tarefa de tornar conhecidas "as riquezas incompreensíveis de Cristo". Efésios [75] 3:8.

Em Sua sabedoria, o Senhor põe os que estão à procura da verdade em contato com seus semelhantes que a conhecem. É plano do Céu que os que receberam a luz a comuniquem aos que se acham em trevas. A humanidade, tirando sua eficiência da grande Fonte da sabedoria, torna-se o instrumento, a agência operadora por meio da qual o evangelho exerce seu poder transformador sobre o espírito e o coração.

Cornélio foi, com alegria, obediente à visão. Tendo-se retirado o anjo, o centurião "chamou dois de seus criados, e a um piedoso soldado dos que estavam ao seu serviço. E, havendo-lhes contado tudo, os enviou a Jope". Atos 10:8.

O anjo, depois de sua entrevista com Cornélio, foi a Pedro em Jope. Na ocasião, Pedro estava orando no terraço da casa em que se achava, e lemos que, "tendo fome, quis comer; e, enquanto lho preparavam, sobreveio-lhe um arrebatamento de sentidos". Atos 11:5. Não era unicamente do pão material que Pedro tinha fome. Ao ver do terraço a cidade de Jope e o território circunvizinho, teve fome de salvação para os seus patrícios. Tinha intenso desejo de indicar-lhes as profecias das Escrituras relativas ao sofrimento e morte de Cristo.

Na visão, viu Pedro "o céu aberto, e que descia um vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas quatro pontas, e vindo para a terra, no qual havia de todos os animais quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu. E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro, mata e come. Mas Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda. E segunda vez lhe disse a voz: Não faças tu comum ao que Deus purificou. E aconteceu isto por três vezes; e o vaso tornou a recolher-se no céu". Atos 10:11-16.

Essa visão tanto serviu para repreender a Pedro como para instruí-lo. Revelou-lhe o propósito divino — de que pela morte de Cristo os gentios deviam tornar-se co-herdeiros dos judeus nas bênçãos da salvação. Até então, nenhum dos discípulos pregara o evangelho aos gentios. Em seu pensamento, o muro de separação posto abaixo pela morte de Cristo ainda existia, e seus trabalhos limitavam-se aos judeus, pois tinham considerado os gentios excluídos das bênçãos do evangelho. O Senhor queria, então, ensinar a Pedro a extensão universal do plano divino.

Muitos dos gentios tinham sido ouvintes interessados da pregação de Pedro e dos outros apóstolos, e muitos dos judeus gregos se tinham tornado crentes em Cristo, mas a conversão de Cornélio foi a primeira de importância entre os gentios.

Era chegado o tempo para ser introduzida pela igreja de Cristo uma fase de trabalho inteiramente nova. A porta que muitos dos judeus conversos haviam fechado aos gentios devia agora ser aberta de par em par. E os gentios que aceitassem o evangelho deveriam ser considerados em condição de igualdade com os discípulos judeus, sem a necessidade de observar o rito da circuncisão. [76]

Quão cuidadosamente agiu o Senhor para vencer o preconceito contra os gentios, o qual tão firmemente se fixara na mente de Pedro pela sua educação judaica! Pela visão do lençol e seu conteúdo, procurou Ele tirar da mente do apóstolo esse preconceito, e ensinar a importante verdade de que no Céu não há acepção de pessoas; que judeus e gentios são igualmente preciosos à vista de Deus; que, por meio de Cristo, os pagãos podem se tornar participantes das bênçãos e privilégios do evangelho.

Enquanto Pedro meditava sobre o sentido da visão, os homens enviados da parte de Cornélio chegaram a Jope e pararam diante da porta da casa onde ele estava hospedado. Então, disse o Espírito:

"Eis que três varões te buscam. Levanta-te, pois, e desce, e vai com eles, não duvidando; porque Eu os enviei". Atos 10:20.

Para Pedro, essa era uma ordem difícil, e foi com relutância em cada passo que assumiu o dever que lhe fora imposto; mas não ousou desobedecer. "Descendo Pedro para junto dos varões que foram enviados por Cornélio, disse: Sou eu a quem procurais; qual é a causa porque estais aqui?" Atos 10:21. Eles lhe falaram a respeito de sua singular incumbência, dizendo: "Cornélio, o centurião, varão justo e temente a Deus, e que tem bom testemunho de toda a nação dos judeus, foi avisado por um santo anjo para que te chamasse a sua casa, e ouvisse as tuas palavras". Atos 10:22.

Em obediência às instruções que acabava de receber de Deus, o apóstolo prometeu ir com eles. Na manhã seguinte, partiu para Cesaréia, acompanhado por seis de seus irmãos. Esses deveriam servir de testemunhas de tudo o que ele dissesse ou fizesse enquanto em visita aos gentios; pois Pedro sabia que seria chamado a prestar contas de uma violação tão direta dos ensinos judaicos.

Entrando Pedro na casa do gentio, Cornélio não o saudou como a um visitante comum, mas como a alguém honrado pelo Céu, a ele enviado por Deus. É costume oriental curvar-se perante um príncipe ou qualquer alto dignitário, e curvarem-se as crianças perante seus pais; mas Cornélio, tomado pela reverência por aquele que fora enviado por Deus para o ensinar, caiu aos pés do apóstolo e o adorou. Pedro ficou assustado e levantou o centurião, dizendo: "Levanta-te, que eu também sou homem". Atos 10:26.

Enquanto os mensageiros de Cornélio desempenhavam a sua incumbência, o centurião havia "já convidado seus parentes e amigos mais íntimos" (Atos 10:24), para que, como ele, pudessem ouvir a pregação do evangelho. Quando Pedro chegou, encontrou um grande grupo avidamente a espera para ouvir suas palavras.

Aos que estavam reunidos, Pedro falou em primeiro lugar do costume dos judeus, dizendo que lhes era considerado ilícito misturarem-se socialmente com os gentios, e que fazer isso implicava contaminação cerimonial. "Vós bem sabeis", disse ele, "que não é lícito a um varão judeu ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros; [77] mas Deus mostrou-me que a nenhum homem chame comum ou imundo. Pelo que, sendo chamado, vim sem contradizer. Pergunto, pois, por que razão mandastes chamar-me?" Atos 10:28, 29.

Cornélio, então, relatou sua experiência e as palavras do anjo, dizendo em conclusão: "Logo mandei chamar-te, e bem fizeste em vir. Agora, pois, estamos todos presentes diante de Deus, para ouvir tudo quanto por Deus te é mandado" Disse Pedro: "Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; mas que Lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, O teme e obra o que é justo". Atos 10:34, 35.

Então, àquele atento grupo de ouvintes, o apóstolo pregou a Cristo — Sua vida, Seus milagres, Sua traição e crucificação, Sua ressurreição e ascensão, e Sua obra no Céu como representante e advogado do homem. Ao indicar Jesus aos presentes como a única esperança do pecador, Pedro, ele próprio, compreendeu mais perfeitamente o sentido da visão que tivera, e o coração ardeu-lhe com o espírito da verdade que estava apresentando.

Subitamente, o discurso foi interrompido pela descida do Espírito Santo. "Dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a Palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios. Porque os ouviam falar línguas, e magnificar a Deus.

"Respondeu então Pedro: Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados estes, que também receberam como nós o Espírito Santo? E mandou que fossem batizados em nome do Senhor". Atos 10:47, 48.

Assim foi o evangelho levado àqueles que tinham sido estranhos e forasteiros, tornando-os concidadãos dos santos e membros da família de Deus. A conversão de Cornélio e sua casa não foi senão o início de uma preciosa colheita. Dessa família estendeu-se uma vasta obra de graça naquela cidade gentílica.

Deus está hoje buscando pessoas entre os grandes bem como entre os humildes. Há muitos como Cornélio, homens a quem o Senhor deseja colocar em contato com Sua obra na Terra. Suas simpatias estão com o povo do Senhor, mas os laços que os retêm ao mundo, mantêm-nos firmemente seguros. Requer-se força moral para que tomem posição ao lado de Cristo. Devem ser feitos esforços especiais por essas pessoas em tão grande perigo, por causa de suas responsabilidades e relacionamentos.

Deus chama obreiros humildes e fervorosos, que desejem levar o evangelho às mais altas classes. Há milagres a serem operados em conversões genuínas — milagres que não são agora discernidos. Os maiores homens deste mundo não estão além do poder de um Deus que realiza maravilhas. Se todos os que são Seus colaboradores se dispuserem a ser homens de oportunidade, cumprindo destemida e fielmente o dever, Deus converterá homens que ocupam posições de responsabilidade, homens de intelecto e de influência. [78] Pelo poder do Espírito Santo, muitos aceitarão os princípios divinos. Convertidos à verdade, tornar-se-ão instrumentos na mão de Deus, para comunicar luz. Sentirão especial responsabilidade por outras pessoas desse grupo negligenciado. Consagrarão tempo e dinheiro à obra do Senhor, e uma nova eficiência e poder serão adicionados à igreja.

Porque estivesse Cornélio vivendo em harmonia com toda a instrução que havia recebido, Deus de tal maneira encaminhou os acontecimentos que lhe foi dada mais verdade. Um mensageiro das cortes celestiais foi enviado ao oficial romano e a Pedro, para que Cornélio pudesse ser posto em contato com quem poderia guiá-lo à maior luz.

Há em nosso mundo muitos que estão mais próximos do reino de Deus do que supomos. Neste tenebroso mundo de pecado, o Senhor tem muitas jóias preciosas a quem Ele guiará Seus mensageiros. Há em toda parte os que assumirão sua atitude ao lado de Cristo. Muitos darão mais valor à sabedoria de Deus do que a qualquer vantagem terrestre, e se tornarão fiéis portadores de luz. Constrangidos pelo amor de Cristo, conduzirão outros até Ele.

Quando os irmãos na Judéia ouviram que Pedro havia entrado na casa de um gentio e pregara aos que ali estavam reunidos, ficaram surpresos e escandalizados. Receavam que tal conduta, que a eles parecia presunçosa, tivesse como resultado contrariar seu próprio ensino. Quando, a seguir, viram Pedro, defrontaram-no com severa censura, dizendo: “Entraste em casa de varões incircuncisos, e comeste com eles”. Atos 11:3.

Pedro lhes expôs toda a questão. Relatou sua experiência, com referência à visão, e alegou que isso o ensinara a não mais observar a distinção cerimonial da circuncisão e incircuncisão, bem como a não considerar os gentios como imundos. Contou-lhes acerca da ordem

que lhe fora dada para ir aos gentios, da vinda dos mensageiros, de sua viagem para Cesaréia e do encontro com Cornélio. Relatou a substância de sua entrevista com o centurião, na qual este lhe contara a visão que lhe determinava mandasse chamar Pedro.

"Quando comecei a falar", disse ele, relatando sua experiência, "caiu sobre eles o Espírito Santo, como também sobre nós ao princípio. E lembrei-me do dito do Senhor, quando disse: João certamente batizou com água; mas vós sereis batizados com o Espírito Santo. Portanto, se Deus lhes deu o mesmo dom que a nós, quando havemos crido no Senhor Jesus Cristo, quem era então eu, para que pudesse resistir a Deus?" Atos 11:15-17.

Ouvindo esse relato, os irmãos ficaram em silêncio. Convictos de que a conduta de Pedro estava em direto cumprimento ao plano de Deus, e que seus preconceitos e exclusivismo eram inteiramente contrários ao espírito do evangelho, glorificaram a Deus, dizendo: "Na verdade até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida". Atos 11:18.

Assim, sem controvérsias, foi vencido o preconceito, abandonou-se o exclusivismo estabelecido pelo costume durante séculos, e abriu-se o caminho para que o evangelho fosse proclamado aos gentios. [79]

Capítulo 15 — Liberto da prisão

Este capítulo é baseado em Atos 12:1-23.

E por aquele mesmo tempo o rei Herodes estendeu as mãos sobre alguns da igreja, para os maltratar”. Atos 12:1. O governo da Judéia estava, então, nas mãos de Herodes Agripa, súdito de Cláudio, imperador romano. Herodes mantinha também o cargo de tetrarca da Galiléia. Era prosélito professo da fé judaica e, aparentemente, muito zeloso em efetuar as cerimônias da lei judaica. Desejoso de obter o apoio dos judeus, esperando assim confirmar seus cargos e honras, pôs-se a realizar os desejos deles, perseguindo a igreja de Cristo, roubando as casas e os bens dos crentes e prendendo os principais membros da igreja. Lançou na prisão Tiago, irmão de João, e mandou um algoz matá-lo à espada, assim como o outro Herodes fizera com que o profeta João fosse degolado. Vendo que os judeus se agradavam muito com essas medidas, prendeu também Pedro.

Foi durante a Páscoa que tais crueldades foram praticadas. Enquanto os judeus estavam celebrando seu libertamento do Egito e pretendendo possuir grande zelo pela lei de Deus, estavam ao mesmo tempo transgredindo cada princípio dessa lei ao perseguir e assassinar os crentes em Cristo.

A morte de Tiago causou grande dor e consternação entre os crentes. Quando Pedro também foi preso, a igreja toda se empenhou em jejum e oração.

O ato de Herodes matando Tiago foi aplaudido entre os judeus, se bem que alguns se queixassem da maneira reservada pela qual foi ele realizado, afirmando que uma execução pública teria de maneira mais completa intimidado os crentes e os que com eles simpatizavam. Herodes, portanto, conservou Pedro em custódia, com a intenção de satisfazer ainda mais aos judeus pelo espetáculo público de sua morte. Sugeriu-se, porém, que não seria uma boa idéia trazer o veterano apóstolo para a execução perante o povo então reunido em

Jerusalém. Receava-se que a cena de estar ele sendo levado para morrer pudesse provocar a compaixão da multidão.

Os sacerdotes e anciãos também temiam que Pedro fizesse um daqueles poderosos apelos que tinham freqüentemente incitado o povo a estudar a vida e caráter de Jesus — apelos esses, que eles, com todos os seus argumentos tinham sido incapazes de contradizer. O zelo de Pedro em advogar a causa de Cristo, tinha levado muitos a assumir sua atitude ao lado do evangelho, e os príncipes temiam que se lhe fosse dada oportunidade para defender sua fé na presença da [80] multidão que viera à cidade para adorar, seu livramento seria exigido das mãos do rei.

Enquanto, sob vários pretextos, a execução de Pedro estava sendo retardada para depois da páscoa, os membros da igreja tiveram tempo para examinar profundamente o coração e orar com fervor. Oravam sem cessar em favor de Pedro, pois achavam que ele não poderia faltar na obra da pregação. Compreendiam que haviam chegado a um ponto em que, sem o auxílio especial de Deus, a igreja de Cristo seria destruída.

Ao mesmo tempo, adoradores de todas as nações procuravam o templo que havia sido dedicado à adoração de Deus. Resplandecendo em ouro e pedras preciosas, ostentava um aspecto de magnificência e encanto. Mas Jeová não seria mais achado nesse palácio de beleza. Israel, como nação, tinha-se divorciado de Deus. Quando Cristo, perto do fim de Seu ministério terrestre, olhou pela última vez para o interior do templo, disse: "Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta". Mateus 23:38. Até então, Ele tinha considerado o templo como a casa de Seu Pai, mas ao deixar o Filho de Deus o interior dessas paredes, a presença de Deus abandonou para sempre o templo construído para Sua glória.

O dia para a execução de Pedro foi finalmente marcado, mas ainda as orações dos crentes ascendiam ao Céu; e, enquanto todas as suas energias e simpatias eram suscitadas em fervorosos pedidos de auxílio, anjos de Deus estavam a vigiar o apóstolo prisioneiro.

Lembrando-se do anterior libertamento dos apóstolos da prisão, Herodes tomara desta vez precauções dobradas. Para evitar toda a possibilidade de escape, Pedro tinha sido posto sob o cuidado de dezesseis soldados, que, em diferentes vigílias, o guardavam dia e noite. Em sua cela, fora colocado entre dois soldados, ligado

por duas correntes, cada uma presa ao pulso de um dos soldados. Não podia mover-se sem o conhecimento deles. Com as portas da prisão firmemente seguras e uma forte guarda diante delas, toda a possibilidade de livramento ou escape por meios humanos estava excluída. Mas os extremos do homem são a oportunidade de Deus.

Pedro estava encerrado em uma cela cavada na rocha, cujas portas tinham fortes ferrolhos e barras; e os soldados em guarda ficaram responsabilizados pela custódia do prisioneiro. Mas os ferrolhos e barras, e a guarda romana, que eficazmente removiam toda a possibilidade de auxílio humano, não serviriam senão tornar mais completa a vitória de Deus no livramento de Pedro. Herodes estava levantando a sua mão contra o Onipotente, e deveria ser totalmente derrotado. Aplicando o Seu poder, Deus estava prestes a salvar a vida preciosa cuja destruição estavam os judeus tramando.

Era a última noite antes da planejada execução. Do Céu foi enviado um poderoso anjo para libertar Pedro. As vigorosas portas [81] que prendiam o santo de Deus abriram-se sem auxílio de mãos humanas. O anjo do Altíssimo por elas penetrou, fechando-se as portas sem ruído por trás dele. Ele entrou na cela, e ali estava Pedro, dormindo tranqüilamente o sono de uma perfeita confiança.

A luz que circundava o anjo encheu a cela, mas não despertou o apóstolo. Só quando ele sentiu o toque da mão do anjo e ouviu uma voz dizendo: “Levanta-te depressa” (Atos 12:7), acordou o suficiente para ver a cela iluminada pela luz celestial, e um anjo de grande glória, em pé diante dele. Automaticamente, obedeceu à ordem que lhe foi dada e, como ao se levantar ergueu as mãos, tornou-se meio consciente de que as cadeias lhe caíram dos pulsos.

De novo lhe ordenou a voz do mensageiro celestial: “Cinge-te, e ata as tuas alparcas” (Atos 12:8), e de novo Pedro automaticamente obedeceu, conservando o admirado olhar voltado para o visitante, e crendo estar sonhando ou em visão. Mais uma vez o anjo ordenou: “Lança às costas a tua capa, e segue-me” Ele se moveu em direção à porta, seguido por Pedro, usualmente loquaz, agora mudo de espanto. Passaram pela guarda e chegaram à porta, pesadamente aferrolhada, que por si mesma se abriu, e imediatamente se fechou de novo, enquanto os guardas dentro e fora permaneceram imóveis em seu posto.

Alcançaram a segunda porta, também guardada por dentro e por fora. Abriu-se, como o fez a primeira, sem ranger de dobradiças ou ruído dos fechos de ferro. Passaram por ela e novamente se fechou, também sem ruído. De modo idêntico passaram pela terceira porta, e acharam-se em plena rua. Não se trocou uma palavra; não houve ruído de passos. O anjo se movia suavemente diante de Pedro, cercado de uma luz de deslumbrante brilho, e Pedro, desorientado, e julgando-se ainda em sonho, seguia seu libertador. Assim, eles percorreram uma rua, e então, estando cumprida a missão do anjo, desapareceu subitamente.

Dissipou-se a luz celestial, e a Pedro pareceu achar-se em profundas trevas; mas, acostumando-se-lhe os olhos, pareceram elas diminuir gradualmente, e ele se encontrou só na rua silenciosa, com o ar fresco da noite a soprar-lhe no rosto. Compreendeu, então, que estava livre, em uma parte da cidade que lhe era familiar; reconheceu o lugar como sendo um que freqüentara muitas vezes, e por onde esperara passar no dia seguinte pela última vez.

Procurou rememorar os fatos dos últimos poucos momentos. Lembrou-se de ter adormecido, preso entre dois soldados, com as sandálias e vestes exteriores removidas. Examinou sua pessoa e achou-se completamente vestido e cingido. Seus pulsos, inchados pela pressão dos ferros cruéis, estavam livres das algemas. Compenetrou-se de que sua liberdade não era engano, sonho ou visão, mas bendita realidade. No dia seguinte, deveria ser levado para morrer; mas, eis que um anjo o livrara da prisão e da morte. "E Pedro, tornando a si, disse: Agora sei verdadeiramente que o Senhor enviou o Seu anjo, e me livrou da mão de Herodes, e de tudo que o povo dos judeus esperava". Atos 12:11. [82]

O apóstolo se encaminhou imediatamente à casa onde seus irmãos estavam reunidos, e onde naquele momento se encontravam em oração fervorosa por ele. "E batendo Pedro à porta do pátio, uma menina chamada Rode saiu a escutar; e, conhecendo a voz de Pedro, de gozo não abriu a porta, mas, correndo para dentro, anunciou que Pedro estava à porta. E disseram-lhe: Estás fora de ti. Mas ela afirmava que assim era. E diziam: É o seu anjo". Atos 12:13-15.

"Mas Pedro perseverava em bater, e, quando abriram, viram-no e se espantaram. E, acenando-lhes ele com a mão para que se calassem, contou-lhes como o Senhor o tirara da prisão" E Pedro,

"saindo, partiu para outro lugar". Atos 12:16, 17. Alegria e louvor encheram o coração dos crentes porque Deus ouvira e atendera suas orações, e libertara Pedro das mãos de Herodes.

Pela manhã, uma multidão se reuniu para presenciar a execução do apóstolo. Herodes enviou oficiais à prisão para buscarem Pedro, que deveria ser trazido com grande aparato de guardas e armas, não apenas para se evitar possível fuga, como também para intimidar os simpatizantes e mostrar o poder do rei.

Quando os guardas diante da porta verificaram que Pedro tinha escapado, foram possuídos de terror. Tinha sido expressamente declarado que a vida deles responderia pela do prisioneiro; e por isso haviam eles estado especialmente vigilantes. Quando os oficiais vieram buscar Pedro, os soldados estavam ainda guardando a porta da prisão, os ferrolhos e barras ainda intatos, as cadeias presas aos pulsos dos dois soldados mas o prisioneiro havia escapado.

Quando foi trazida a Herodes a notícia de que Pedro escapara, ele ficou exasperado e enraivecido. Acusando os guardas da prisão de infidelidade, ordenou que fossem mortos. Herodes sabia que poder humano algum havia livrado a Pedro, mas estava decidido a não reconhecer que um poder divino lhe frustrara o desígnio, e pôs-se em ousado desafio a Deus.

Não muito tempo depois do livramento de Pedro da prisão, Herodes foi a Cesaréia. Enquanto ali se achava, fez uma grande festa, destinada a provocar admiração e ganhar aplausos do povo. Compareceram à festa os amantes do prazer de todas as regiões, e houve muita glutonaria e bebedice. Com grande pompa e cerimônia Herodes apareceu diante do povo e lhes dirigiu em eloqüente discurso. Vestido em roupas cintilantes de prata e ouro, em que os raios do Sol refletindo em suas luminosas dobras deslumbravam os olhos dos que o contemplavam, constituía ele uma figura magnífica. A majestade de sua aparência e a força de sua linguagem bem escolhida dominavam a assembléia com grande poder. [83] Estando já seus sentidos pervertidos pelo beber e banquetear-se, ficaram deslumbrados pela ornamentação de Herodes, e encantados pelo seu porte e oratória; e, desenfreados pelo entusiasmo, cumulavam-no de lisonja, declarando que nenhum mortal poderia apresentar igual aparência, ou possuir eloqüência tão surpreendente. Declararam mais que, conquanto o

houvessem sempre respeitado como governador, dali em diante o adorariam como a um deus.

Alguns daqueles cujas vozes agora eram ouvidas a glorificar um vil pecador, fazia poucos anos haviam levantado o grito frenético: Fora com Jesus! Crucifica-O, crucifica-O! Os judeus tinham-se recusado a receber a Cristo, cujas vestes, simples e muitas vezes sujas pelas viagens, cobriam um coração de amor divino. Seus olhos não podiam discernir, sob o humilde exterior, o Senhor da vida e da glória, embora o poder de Cristo fosse revelado diante deles em obras que nenhum mero homem poderia fazer. Estavam, porém, prontos a adorar como a um deus, o altivo rei, cujas esplêndidas vestes de prata e ouro cobriam um coração corrupto e cruel.

Herodes sabia que não merecia nenhum dos louvores e homenagens que lhe eram tributados, todavia aceitou a idolatria do povo como se lhes fosse devida. Seu coração saltou de triunfo e um lampejo de orgulho satisfeito espalhou-se-lhe pelo rosto ao ouvir a aclamação: "Voz de deus, e não de homem". Atos 12:22.

Subitamente, porém, sobreveio-lhe uma terrível mudança. Seu rosto se tornou pálido como a morte e contorcido pela agonia. Grandes gotas de suor lhe brotaram dos poros. Ficou, por um momento, como que traspassado de dor e terror; então, volvendo a face branqueada e lívida para seus amigos tomados de horror, exclamou em tom rouco e desesperado: Aquele que exaltastes como um deus, está ferido de morte!

Sofrendo a mais cruciante angústia, foi retirado daquela cena de orgia e ostentação. Um momento antes ele tinha sido o alvo orgulhoso do louvor e adoração daquela vasta multidão; agora, se compenetrava, de que se achava nas mãos de um Governador mais poderoso do que ele próprio. Remorsos o atormentavam: lembrou-se de sua implacável perseguição aos seguidores de Cristo; lembrou-se de sua ordem cruel para matar o inocente Tiago, e seu intento de tirar a vida ao apóstolo Pedro; recordou-se de como, em seu desgosto e decepcionada raiva, tirara uma injusta desforra dos guardas da prisão. Sentia que, agora, Deus estava a tratar com ele, o implacável perseguidor. Não encontrou alívio para a dor do corpo nem para a angústia do espírito, e nem esperava encontrar.

Herodes conhecia a lei de Deus, que diz: "Não terás outros deuses diante de Mim" (Êxodo 20:3); e sabia que, aceitando a adoração

do povo, enchera a medida de sua iniqüidade e acarretara sobre si a justa ira de Jeová.

O mesmo anjo que viera dos palácios reais para libertar Pedro, fora o mensageiro da ira e juízo a Herodes. O anjo tocou em Pedro [84] para o despertar do sono; foi com um contato diferente que ele feriu o ímpio rei, acabando com seu orgulho e trazendo sobre ele o castigo do Todo-poderoso. Herodes morreu em grande angústia de espírito e corpo, sob o juízo retribuidor de Deus.

Essa demonstração da justiça divina teve uma influência poderosa sobre o povo. As novas de que o apóstolo de Cristo fora miraculosamente liberto da prisão e da morte, enquanto seu perseguidor fora atingido pela maldição de Deus, foram levadas a todos os países, e vieram a ser um motivo de muitos passarem a crer em Cristo.

A experiência de Filipe, incumbido por um anjo do Céu de ir ao lugar em que encontrou alguém que procurava a verdade; a experiência de Cornélio, visitado por um anjo com a mensagem de Deus; de Pedro na prisão e condenado à morte conduzido por um anjo à liberdade — tudo mostra a intimidade da ligação entre o Céu e a Terra.

Para o obreiro de Deus, o relato destas visitas de anjos deve trazer força e coragem. Hoje, tão verdadeiramente como nos dias dos apóstolos, mensageiros celestiais estão a passar por todo o comprimento e largura da Terra, procurando consolar os tristes, proteger os impenitentes, ganhar o coração das pessoas para Cristo. Não os podemos ver pessoalmente; não obstante estão conosco, guiando-nos, dirigindo-nos, protegendo-nos.

O Céu se aproxima da Terra por meio daquela escada espiritual cuja base está firmemente plantada na Terra, enquanto seu último degrau atinge o trono do Ser infinito. Anjos estão constantemente subindo e descendo por essa escada de fulgurante brilho, levando ao Pai, no alto, as orações dos necessitados e angustiados e trazendo bênção e esperança, coragem e auxílio aos filhos dos homens. Esses anjos de luz criam uma atmosfera celestial, erguendo-nos para o invisível e eterno. Não lhes podemos contemplar as formas com nossa vista natural; somente pela visão espiritual podemos distinguir os seres celestiais. Somente o ouvido espiritual pode ouvir a harmonia de vozes celestiais.

"O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem e os livra". Salmos 34:7. Deus encarrega Seus anjos de salvar Seus escolhidos da calamidade, de guardá-los da "peste que anda na escuridão", e da "mortandade que assola ao meio-dia". Salmos 91:6. Repetidas vezes, têm anjos falado com homens, do mesmo modo como um homem fala com seu amigo, e os têm levado para lugares livres de perigo. Uma e outra vez têm as encorajadoras palavras dos anjos renovado o ânimo prostrado dos fiéis, desviando-lhes o espírito das coisas da Terra, levando-os a contemplar pela fé as vestes brancas, as coroas, as palmas da vitória que os vencedores receberão junto ao grande trono branco.

Faz parte da obra dos anjos proteger os que são provados, atender aos sofredores e tentados. Trabalham incansavelmente em favor daqueles por quem Cristo morreu. Quando os pecadores aceitam entregar-se ao Salvador, os anjos levam as novas ao Céu, e há grande [85] regozijo entre as hostes celestiais. "Haverá alegria no Céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento". Lucas 15:7. Um registro é levado ao Céu, de todo o esforço bem-sucedido de nossa parte para dissipar as trevas e propagar o conhecimento de Cristo. Ao ser a ação referida diante do Pai, fremente alegria toma posse de toda a multidão celestial.

Os principados e potestades do Céu estão observando a luta em que, sob circunstâncias aparentemente desanimadoras, os servos de Deus se acham empenhados. Novas conquistas estão sendo conseguidas, novas honras ganhas, ao saírem os cristãos arregimentados em torno da bandeira de seu Redentor, para combater o bom combate da fé. Todos os anjos celestiais estão ao serviço do humilde e crente povo de Deus; e, ao entoar o exército de obreiros do Senhor, seus cânticos de louvor aqui na Terra, o coro celestial une-se com eles no louvor a Deus e a Seu Filho.

Precisamos conhecer melhor a missão dos anjos. Convém lembrar que cada verdadeiro filho de Deus tem a cooperação dos seres celestiais. Exércitos invisíveis, de luz e poder, auxiliam os mansos e humildes que crêem nas promessas de Deus e as reclamam. Querubins, serafins e anjos magníficos em poder, estão à destra de Deus, sendo "todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação". Hebreus 1:14. [86]

Capítulo 16 — A mensagem do evangelho em Antioquia

Este capítulo é baseado em Atos 11:19-26; 13:1-3.

Após haverem sido os discípulos expulsos de Jerusalém pela perseguição, a mensagem do evangelho espalhou-se rapidamente pelas regiões que ficavam além das fronteiras da Palestina; e muitos grupos pequenos de crentes se formaram em importantes centros. Alguns dos discípulos "caminharam até a Fenícia, Chipre e Antioquia, [...] anunciando [...] a Palavra". Atos 11:19. Suas atividades estavam circunscritas em geral aos hebreus e judeus gregos, dos quais se encontravam por esse tempo grandes colônias em quase todas as cidades do mundo.

Entre os lugares mencionados onde o evangelho fora recebido alegremente, estava Antioquia, nesse tempo a metrópole da Síria. O extenso comércio desse populoso centro trazia para a cidade muitas pessoas de várias nacionalidades. Ademais, Antioquia era conhecida como refúgio favorável para os amantes do sossego e recreação, por causa de sua saudável localização, das belezas que a circundavam, da riqueza, cultura e refinamento que ali se encontravam. Nos dias dos apóstolos, ela se havia tornado uma cidade de luxo e vício.

O evangelho era publicamente ensinado em Antioquia por certos discípulos de Chipre e Cirene, os quais ali chegaram "anunciando o Senhor Jesus" "E a mão do Senhor era com eles", e seus fervorosos esforços produziam frutos. "E grande número creu e se converteu ao Senhor". Atos 11:21.

"E chegou a fama destas coisas aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém; e enviaram Barnabé a Antioquia". Atos 11:22. Chegando nesse novo campo de trabalho, Barnabé viu a obra que tinha já sido realizada pela divina graça, e "se alegrou, e exortou a todos para que permanecessem no Senhor com propósito de coração"

Os trabalhos de Barnabé em Antioquia foram ricamente abençoados, e muitos foram acrescentados ao número dos crentes ali.

Desenvolvendo-se a obra, Barnabé sentiu a necessidade de auxílio adequado, a fim de assegurar as oportunidades que pela providência de Deus se lhe deparavam; e foi a Tarso buscar Paulo, que, depois de sua partida de Jerusalém algum tempo antes, estivera trabalhando [87] nas regiões "da Síria e da Cilícia", proclamando "a fé que antes destruía". Gálatas 1:21, 23. Barnabé teve êxito em encontrar Paulo e em persuadi-lo a voltar em sua companhia como colega de ministério.

Na populosa cidade de Antioquia, Paulo encontrou um excelente campo de trabalho. Sua cultura, sabedoria e zelo exerceram uma poderosa influência sobre os habitantes e as pessoas que freqüentavam aquela cidade de cultura; e ele se mostrou ser precisamente o auxílio de que Barnabé necessitava. Durante um ano, os dois discípulos trabalharam unidos em um ministério fiel, levando a muitos o salvador conhecimento de Jesus de Nazaré, o Redentor do mundo.

Foi em Antioquia que os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos. Esse nome foi-lhes dado porque Cristo era o principal tema de sua pregação, conversação e ensino. Continuamente, estavam eles repetindo os incidentes ocorridos durante os dias de Seu ministério terrestre, quando Seus discípulos foram abençoados com Sua presença pessoal. Demoravam-se incansavelmente sobre Seus ensinos e milagres de cura. Com lábios trêmulos e olhos rasos d'água falavam de Sua agonia no jardim, Sua traição, julgamento e execução, a paciência e humildade com que havia suportado a afronta e a tortura a Ele impostas por Seus inimigos e a divina piedade com que tinha orado por Seus algozes. Sua ressurreição e ascensão e Sua obra no Céu como Mediador do homem caído eram tópicos sobre os quais se regozijavam em relembrar. Os pagãos bem podiam chamá-los cristãos, uma vez que pregavam a Cristo e dirigiam suas orações a Deus por intermédio dEle.

Foi Deus quem lhes deu o nome de cristãos. Este é um nome real, dado a todos os que se unem a Cristo. Foi referindo-se a este nome que Tiago escreveu mais tarde: "Não vos oprimem os ricos, e não vos arrastam aos tribunais? Porventura não blasfemam eles o bom nome que sobre vós foi invocado?" Tiago 2:6, 7. E Pedro declarou: "Mas, se padece como cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus nesta parte" "Se pelo nome de Cristo sois vituperados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória de Deus". 1 Pedro 4:16, 14.

Os crentes de Antioquia compreenderam que Deus estava disposto a operar em sua vida "tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade". Filipenses 2:13. Vivendo, como viviam, no meio de um povo que parecia pouco apreciar as coisas de valor eterno, procuraram chamar a atenção dos sinceros de coração e apresentar positivo testemunho concernente Àquele a quem amavam e serviam. Em seu humilde ministério, confiavam no poder do Espírito Santo para tornar eficaz a Palavra da vida. E assim, nos vários passos da vida, davam testemunho diário de sua fé em Cristo.

O exemplo dos seguidores de Cristo em Antioquia deve servir de inspiração para todos os crentes que vivem atualmente nas grandes [88] cidades do mundo. Conquanto esteja no plano de Deus que obreiros escolhidos, de consagração e talento, sejam enviados a importantes centros de população para realizar conferências públicas, é também Seu propósito que os membros da igreja que vivem nessas cidades usem os talentos que Deus lhes deu trabalhando em favor das pessoas. Ricas bênçãos estão preparadas para os que se entregam sem reservas ao chamado de Deus. Ao se empenharem tais obreiros em pregar a salvação através de Jesus, verificarão que muitos que jamais teriam sido alcançados de outra forma, estão prontos a responder ao esforço pessoal inteligente.

A causa de Deus na Terra nestes dias está em necessidade de representantes vivos da verdade bíblica. Apenas os ministros ordenados não são suficientes para a tarefa de advertir as grandes cidades. Deus está chamando não somente pastores, mas também médicos, enfermeiros, colportores, obreiros bíblicos e outros consagrados membros da igreja, possuidores de diferentes talentos, que tenham o conhecimento da Palavra de Deus e possuam o poder de Sua graça, para que considerem as necessidades das cidades não advertidas. O tempo está passando rapidamente, e muito resta a ser feito. Todos os meios devem ser postos em operação, para que as oportunidades atuais sejam sabiamente aproveitadas.

Os trabalhos de Paulo em Antioquia, em colaboração com Barnabé, fortaleceram-lhe a convicção de que o Senhor o havia chamado para uma obra especial em favor dos gentios. Por ocasião da conversão de Paulo, o Senhor declarara que ele devia ser ministro dos gentios "para lhes abrires os olhos", disse, "e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a

remissão dos pecados, e sorte entre os santificados pela fé em Mim". Atos 26:18. O anjo que apareceu a Ananias dissera de Paulo: "Este é para Mim um vaso escolhido, para levar o Meu nome diante dos gentios, e dos reis e dos filhos de Israel". Atos 9:15. E o próprio Paulo, posteriormente em sua experiência cristã, quando orava no templo de Jerusalém, foi visitado por um anjo do Céu que lhe ordenou: "Vai, porque hei de enviar-te aos gentios de longe". Atos 22:21.

Assim o Senhor comissionara Paulo para que penetrasse no enorme campo missionário do mundo gentio. A fim de prepará-lo para essa extensa e difícil tarefa, Deus o trouxera em íntima comunhão consigo, abrindo-lhe perante a arrebatada visão aspectos da beleza e glória do Céu. Fora-lhe entregue a missão de tornar conhecido "o mistério" que esteve oculto "desde tempos eternos" (Romanos 16:25) — "o mistério da Sua vontade" (Efésios 1:9), "o qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos Seus santos apóstolos e profetas; a saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho; do qual", declara Paulo, "fui feito ministro. [...] A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada essa graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo, e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou; para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos Céus, segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor". Efésios 3:5-11. [89]

Abundantemente havia Deus abençoado o trabalho de Paulo e Barnabé durante o ano que ficaram com os crentes em Antioquia. Mas nenhum deles havia sido formalmente ordenado para o ministério evangélico. Haviam chegado agora em sua experiência cristã a um ponto em que Deus estava para confiar-lhes a execução de difícil tarefa missionária, na continuação da qual necessitavam de todo o apoio que pudesse ser obtido através da igreja.

"E na igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores, a saber: Barnabé e Simeão, chamado Níger, e Lúcio cireneu, e Manaém, [...] e Saulo. E servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-Me a Barnabé e a Saulo para a obra a

que os tenho chamado". Atos 13:1, 2. Antes de serem enviados como missionários ao mundo pagão, esses apóstolos foram solenemente consagrados a Deus com jejum e oração e a imposição das mãos. Assim foram eles autorizados pela igreja, não somente para ensinar a verdade, mas para realizar o rito do batismo e organizar igrejas, achando-se investidos de plena autoridade eclesiástica.

A igreja cristã estava a esse tempo entrando numa fase importante. A obra de proclamar a mensagem do evangelho entre os gentios devia, agora, prosseguir com vigor; e, em resultado, a igreja se havia de fortalecer por um grande número de conversões. Os apóstolos que tinham sido designados para dirigir essa obra, estariam expostos a suspeitas, preconceitos e ciúmes. Seus ensinos a respeito da demolição da "parede de separação que estava no meio" (Efésios 2:14), a qual por tanto tempo separara o mundo judaico do gentílico, haviam naturalmente de acarretar-lhes a acusação de heresia; e sua autoridade como ministros do evangelho seria posta em dúvida por muitos judeus zelosos e crentes. Deus previu as dificuldades que Seus servos seriam chamados a enfrentar e, para que Sua obra estivesse acima de acusação, instruiu a igreja, mediante revelação, a separá-los publicamente para a obra do ministério. Sua ordenação era um reconhecimento público de sua divina designação para levar aos gentios as boas-novas do evangelho.

Tanto Paulo como Barnabé já haviam recebido sua comissão do próprio Deus, e a cerimônia da imposição das mãos não acrescentou graça ou especial qualificação. Era uma forma reconhecida de designação para um cargo específico, bem como reconhecimento da autoridade conferida à pessoa. Por ela, o selo da igreja era colocado sobre a obra de Deus.

Esse gesto era significativo para os judeus. Quando um pai judeu abençoava os filhos, punha-lhes reverentemente as mãos sobre [90] a cabeça. Quando um animal era destinado ao sacrifício, a mão daquele que se achava revestido da autoridade sacerdotal colocava-se sobre a cabeça da vítima. E quando os dirigentes da igreja de Antioquia puseram as mãos sobre Paulo e Barnabé, estavam pedindo que Deus concedesse Sua bênção aos escolhidos apóstolos, ao serem consagrados para a obra específica a que haviam sido designados.

Em época posterior, o rito da ordenação mediante a imposição das mãos sofreu muito abuso; ligava-se a esse ato uma insustentável

importância, como se acrescentasse um poder aos que recebiam essa ordenação, poder que os habilitaria imediatamente para toda e qualquer obra ministerial. Mas, na separação desses dois apóstolos, não há registro a indicar que qualquer virtude tenha sido comunicada pelo simples ato da imposição das mãos. Há unicamente o singelo relatório de sua ordenação, e da influência que ela teve em sua obra futura.

As circunstâncias ligadas à separação de Paulo e Barnabé pelo Espírito Santo, para um definido ramo de serviço, mostram claramente que Deus atua mediante designados instrumentos em Sua igreja organizada. Anos antes, quando o propósito divino a respeito de Paulo foi primeiramente revelado a ele, pelo próprio Salvador, Paulo foi imediatamente depois posto em contato com os membros da recém-organizada igreja de Damasco. Demais, essa igreja não foi por mais tempo deixada na ignorância quanto à experiência pessoal do fariseu convertido. E agora que a divina comissão então dada devia ser mais plenamente levada a efeito, o Espírito Santo, dando novamente testemunho a respeito de Paulo como um vaso escolhido para levar o evangelho aos gentios, impôs à igreja a obra de ordená-lo e a seu companheiro de trabalho. E enquanto os dirigentes da igreja de Antioquia estavam servindo ao "Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-Me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado". Atos 13:2.

Deus fez de Sua igreja na Terra um conduto de luz, e, por intermédio dela comunica Seus desígnios e Sua vontade. Ele não dá a um de Seus servos uma experiência independente da experiência da própria igreja, ou a ela contrária. Nem dá a um homem um conhecimento de Sua vontade para toda a igreja, enquanto esta — o corpo de Cristo — é deixada em trevas. Em Sua providência, Ele coloca Seus servos em íntima relação com a igreja, a fim de que tenham menos confiança em si mesmos, e mais em outros a quem Ele está guiando para levarem avante Sua obra.

Tem havido sempre na igreja os que estão constantemente inclinados à independência individual. Parecem incapazes de compreender que a independência de espírito é susceptível de levar o instrumento humano a ter demasiada confiança em si mesmo e em seu próprio discernimento, de preferência a respeitar o conselho e estimar altamente a maneira de julgar de seus irmãos, especialmente

[91] os que se acham nos cargos designados por Deus para guia de Seu povo. Deus investiu Sua igreja de especial autoridade e poder, por cuja desconsideração e desprezo ninguém se pode justificar; pois aquele que assim procede, despreza a voz de Deus.

Os que são inclinados a considerar como supremo seu critério individual, acham-se em grave perigo. É o estudado esforço de Satanás separar esses dos que são condutos de luz, e por cujo intermédio Deus tem operado para edificar e estender Sua obra na Terra. Negligenciar ou desprezar aqueles que Deus designou para arcar com as responsabilidades da administração ligadas ao progresso da verdade, é rejeitar o meio ordenado por Ele para auxílio, animação e fortalecimento de Seu povo. Passar qualquer obreiro na causa do Senhor por alto a esses, e pensar que a luz não lhe deve vir por nenhum outro instrumento mas diretamente de Deus, é assumir uma atitude em que está sujeito a ser iludido pelo inimigo, e vencido. Em Sua sabedoria, o Senhor tem designado que, mediante a íntima relação mantida por todos os crentes, cristão esteja unido a cristão, igreja a igreja. Assim estará o instrumento humano habilitado a cooperar com o divino. Todo o agente estará subordinado ao Espírito Santo, e todos os crentes unidos num esforço organizado e bem dirigido para dar ao mundo as alegres novas da graça de Deus.

Paulo considerava a ocasião de sua ordenação formal como assinalando o início de uma nova e importante época na obra de sua vida. É desse tempo que ele faz datar, depois, o começo de seu apostolado na igreja cristã.

Enquanto a luz do evangelho brilhava em Antioquia, uma importante obra era conduzida pelos apóstolos que haviam permanecido em Jerusalém. Cada ano, por ocasião das festas, muitos judeus de todas as terras, vinham a Jerusalém para adorar no templo. Alguns desses peregrinos eram homens de grande piedade, e zelosos estudantes das profecias. Suspiravam pelo advento do prometido Messias, a esperança de Israel. Enquanto Jerusalém estava cheia desses estrangeiros, os apóstolos pregavam a Cristo com indômita coragem, embora soubessem que assim procedendo estariam expondo a vida a constantes perigos. O Espírito de Deus confirmava esses esforços; muitos se convertiam à fé; e esses, de volta a seus lares em diferentes partes do mundo, espalhavam as sementes da verdade através de todas as nações, e entre todas as classes da sociedade.

Entre os apóstolos que se empenhavam nesse trabalho encontravam-se preeminentemente Pedro, Tiago e João, os quais estavam convictos de que Deus os havia indicado para pregar a Cristo entre os seus compatriotas. Sábia e fielmente eles trabalhavam, testificando do que tinham visto e ouvido, e apelando para a "mui firme... palavra dos profetas" (2 Pedro 1:19, num esforço de persuadir "a casa de Israel)... que a esse Jesus, a quem" os judeus crucificaram, "Deus O fez Senhor e Cristo". Atos 2:36. [92]

Capítulo 17 — Arautos do evangelho

Este capítulo é baseado em Atos 13:4-52.

Enviados pelo Espírito Santo", Paulo e Barnabé, depois de sua ordenação pelos irmãos em Antioquia, "desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre". Atos 13:4. Assim começaram os apóstolos sua primeira viagem missionária.

Chipre era um dos lugares para onde os crentes tinham fugido de Jerusalém por causa da perseguição que se seguiu à morte de Estêvão. Foi de Chipre que alguns homens tinham viajado para Antioquia, "anunciando o Senhor Jesus". Atos 11:20. O próprio Barnabé era "natural de Chipre" (Atos 4:36); e agora, ele e Paulo, acompanhados por João Marcos, parente de Barnabé, visitavam essa ilha.

A mãe de Marcos era uma convertida à religião cristã, e seu lar em Jerusalém era um abrigo para os discípulos. Ali estavam sempre certos de ser bem-vindos para ocasiões de repouso. Foi durante uma dessas visitas dos apóstolos ao lar da mãe de Marcos que este propôs a Paulo e Barnabé acompanhá-los em sua viagem missionária. Ele sentia o favor de Deus em seu coração, e almejava devotar-se inteiramente à obra do ministério evangélico.

Chegando a Salamina, os apóstolos "anunciavam a Palavra de Deus nas sinagogas dos judeus. [...] E havendo atravessado a ilha até Pafos, acharam um certo judeu mágico, falso profeta, chamado Barjesus, o qual estava com o procônsul Sérgio Paulo, varão prudente. Este, chamando a si Barnabé e Saulo, procurava muito ouvir a Palavra de Deus. Mas resistia-lhes Elimas, o encantador (que assim se interpreta o seu nome), procurando apartar da fé o procônsul". Atos 13:5-8.

Não é sem luta que Satanás permite ser o reino de Deus estabelecido na Terra. As forças do mal estão empenhadas em incessante luta contra os instrumentos indicados para disseminar o evangelho; e esses poderes das trevas são especialmente ativos quando a verdade

é proclamada diante de homens de reputação e genuína integridade. Assim foi quando Sérgio Paulo, o procônsul de Chipre, estava ouvindo a mensagem do evangelho. O procônsul tinha solicitado a presença dos apóstolos, para ser instruído na mensagem que possuíam; e agora as forças do mal, operando por intermédio de Elimas, o encantador, procuravam com malignas sugestões desviá-lo da fé, e impedir assim o propósito de Deus.

Dessa maneira sempre trabalha o inimigo caído para conservar em suas fileiras homens de influência que, se convertidos, prestariam eficiente serviço à causa de Deus. Mas o fiel obreiro do evangelho [93] não precisa temer o fracasso, pois é seu privilégio ser assistido com o poder do alto a fim de enfrentar cada satânica influência.

Embora penosamente assediado por Satanás, Paulo teve a coragem de repreender aquele por cujo intermédio o inimigo agia. "Cheio do Espírito Santo", o apóstolo "fixando os olhos nele, disse: Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor? Eis aí, pois, agora contra ti a mão do Senhor, e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo. E no mesmo instante a escuridão e as trevas caíram sobre ele, e, andando à roda buscava a quem o guiasse pela mão. Então o procônsul, vendo o que havia acontecido, creu, maravilhado da doutrina do Senhor". Atos 13:9-12.

O mágico tinha cerrado os olhos às evidências da verdade do evangelho, e o Senhor, em justa indignação, fez que seus olhos naturais se fechassem, deles excluindo a luz do dia. Essa cegueira não foi permanente, mas apenas por certo período, a fim de que fosse advertido e se arrependesse, buscando o perdão de Deus a quem tão gravemente ofendera. A confusão em que assim foi lançado, tornou de nenhum efeito suas artes sutis contra a doutrina de Cristo. O fato de ter ele de andar apalpando, em sua cegueira, provou a todos que os milagres que os apóstolos haviam realizado, e que Elimas acusara de serem prestidigitações, haviam sido operados pelo poder de Deus. O procônsul, convencido da verdade da doutrina ensinada pelos apóstolos, aceitou o evangelho.

Elimas não era homem de cultura, no entanto, estava peculiarmente capacitado para fazer a obra de Satanás. Os que pregam a verdade de Deus encontrarão o astucioso inimigo por muitas diferentes formas. Algumas vezes, será na pessoa de um erudito, mas na

maioria delas por intermédio de homens ignorantes, a quem Satanás treinou para se tornarem eficientes instrumentos para enganar as pessoas. É dever do ministro de Cristo permanecer fiel em seu posto, no temor de Deus e na força do Seu poder. Assim poderá ele pôr em confusão as hostes de Satanás e triunfar no nome do Senhor.

Paulo e seus companheiros continuaram viagem para Perge, na Panfília. Seu caminho era penoso; encontraram dificuldades e privações, e estavam cercados de perigos por todos os lados. Nas vilas e cidades por onde passavam, e ao longo das estradas desertas, estavam rodeados de perigos visíveis e invisíveis. Mas Paulo e Barnabé tinham aprendido a confiar no poder libertador de Deus. O coração deles estava cheio de fervente amor pelos pecadores. Como fiéis pastores na busca da ovelha perdida, não abrigavam o pensamento de facilidades ou conveniências próprias. Esquecidos de si mesmos, não fraquejavam quando cansados, famintos ou com frio. Eles tinham em vista um único objetivo — a salvação dos que [94] vagueavam distantes do redil.

Foi aqui que Marcos, dominado por temor e desânimo, hesitou por um momento em seu propósito de consagrar-se de todo o coração à obra do Senhor. Pouco habituado a sacrifícios, desanimaram-no os perigos e privações do caminho. Trabalhara com êxito sob circunstâncias favoráveis, mas agora, em meio a oposição e perigos que tantas vezes cercam o missionário pioneiro, não suportou as dificuldades como bom soldado da cruz. Devia aprender ainda a enfrentar valorosamente os perigos, perseguições e adversidades. À medida que os apóstolos avançavam, encontrando dificuldades cada vez maiores, Marcos intimidava-se, e perdendo todo o ânimo, recusou-se a prosseguir, retornando a Jerusalém.

Essa deserção fez com que Paulo julgasse por algum tempo desfavoravelmente a Marcos; severamente mesmo. Por outro lado, Barnabé se inclinava a desculpá-lo devido a sua inexperiência. Estava ansioso para que Marcos não abandonasse o ministério, pois nele via qualidades que o habilitariam para ser útil obreiro de Cristo. Anos depois, sua solicitude por Marcos foi ricamente recompensada; pois o jovem se entregou sem reservas ao Senhor e à tarefa de proclamar a mensagem do evangelho em campos difíceis. Sob a bênção de Deus e a sábia orientação de Barnabé, ele se tornou um valoroso obreiro.

Paulo se reconciliou mais tarde com Marcos, recebendo-o como colaborador. Recomendou-o também aos colossenses, como "cooperador no reino de Deus" e como tendo para ele "sido consolação". Colossences 4:11. Não muito tempo antes de sua morte, Paulo tornou a falar de Marcos como lhe sendo "muito útil para o ministério". 2 Timóteo 4:11.

Depois da partida de Marcos, Paulo e Barnabé visitaram Antioquia da Pisídia, e no sábado entraram na sinagoga judaica e se assentaram. "E, depois da lição da lei e dos profetas, lhes mandaram dizer os principais da sinagoga: varões irmãos, se tendes alguma palavra de consolação para o povo, falai" Convidado para falar, levantou-se "Paulo, e pedindo silêncio com a mão, disse: Varões israelitas, e os que temeis a Deus, ouvi" Seguiu-se então um maravilhoso discurso. Ele começou por historiar a maneira como o Senhor havia tratado com os judeus desde o tempo de seu libertamento do cativeiro egípcio, e como fora prometido um Salvador, da semente de Davi. E ousadamente declarou que "da descendência deste, conforme a promessa, levantou Deus a Jesus para Salvador de Israel; tendo primeiramente João, antes da vinda dEle, pregado a todo o povo de Israel o batismo do arrependimento. Mas João, quando completava a carreira, disse: Quem pensais vós que eu sou? Eu não sou o Cristo; mas eis que após mim vem Aquele a quem não sou digno de desatar as alparcas dos pés" Assim, com poder ele pregou a Jesus como o Salvador, o Messias da profecia.

Depois de haver feito essa declaração, disse Paulo: "Varões irmãos, filhos da geração de Abraão, e os que dentre vós temem a Deus, a vós vos é enviada a palavra desta salvação. Por não terem conhecido a Este, os que habitavam em Jerusalém, e os seus príncipes, condenaram-nO, cumprindo assim as vozes dos profetas que se lêem todos os sábados". Atos 13:13-27. [95]

Paulo não hesitou em falar com clareza a verdade concernente à rejeição do Salvador pelos dirigentes judaicos. "E, embora não achassem alguma causa de morte, pediram a Pilatos que Ele fosse morto", declarou o apóstolo. "E, havendo eles cumprido todas as coisas que dEle estavam escritas, tirando-O do madeiro, O puseram na sepultura; mas Deus O ressuscitou dos mortos. E Ele por muitos dias foi visto pelos que subiram com Ele da Galiléia a Jerusalém, e são Suas testemunhas para com o povo". Atos 13:28-31.

"E nós vos anunciamos", continuou o apóstolo, "que a promessa que foi feita aos pais Deus a cumpriu, a nós, Seus filhos, ressuscitando a Jesus; como também está escrito no salmo segundo: Meu Filho és Tu, hoje Te gerei. E que O ressuscitaria dos mortos, para nunca mais tornar à corrupção, disse-o assim: As santas e fiéis bênçãos de Davi vos darei. Pelo que também em outro salmo diz: Não permitirás que o Teu Santo veja corrupção. Porque, na verdade, tendo Davi no seu tempo servido conforme a vontade de Deus, dormiu, e foi posto junto de seus pais e viu a corrupção. Mas aquele a quem Deus ressuscitou nenhuma corrupção viu". Atos 13:32-37.

E então, tendo falado claramente do cumprimento de profecias familiares concernentes ao Messias, Paulo pregou-lhes o arrependimento e a remissão dos pecados mediante os méritos de Jesus, Salvador deles. "Seja-vos pois notório, varões irmãos", disse ele, "que por Este se vos anuncia a remissão dos pecados. E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por Ele é justificado todo aquele que crê". Atos 13:38-39.

O Espírito de Deus acompanhou as palavras faladas e os corações foram tocados. O apelo dos apóstolos às profecias do Antigo Testamento, e sua declaração de que elas haviam sido cumpridas no ministério de Jesus de Nazaré, levaram a convicção muitas pessoas que suspiravam pelo advento do Messias prometido. As palavras de afirmação dos apóstolos, de que "as boas-novas" (Isaías 52:7) de salvação eram para judeus e gentios igualmente, trouxeram esperança e alegria a todos os que não haviam sido contados entre os filhos de Abraão segundo a carne.

"E, saídos os judeus da sinagoga, os gentios rogaram que no sábado seguinte lhes fossem ditas as mesmas coisas" Tendo finalmente a congregação se dispersado, "muitos dos judeus e dos prosélitos religiosos", que tinham aceitado as boas-novas que lhes foram apresentadas naquele dia, "seguiram a Paulo e Barnabé, os quais, falando-lhes, os exortavam a que permanecessem na graça de Deus". Atos 13:42, 43.

O interesse despertado em Antioquia da Pisídia pelo discurso de Paulo, reuniu no "sábado seguinte... quase toda a cidade a ouvir a Palavra de Deus. Então os judeus, vendo a multidão, encheram-se de inveja; e, blasfemando, contradiziam o que Paulo dizia. [96]

“Mas Paulo e Barnabé, usando de ousadia, disseram: Era necessário que a vós se vos pregasse primeiro a Palavra de Deus; mas, visto que a rejeitais, e vos não julgais dignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios; porque o Senhor assim no-lo mandou: Eu te pus para luz dos gentios, para que sejas de salvação até aos confins da Terra”

“E os gentios, ouvindo isso, alegraram-se, e glorificavam a Palavra do Senhor; e creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna” Eles se rejubilaram grandemente de Jesus os reconhecer como filhos de Deus, e com coração grato atentavam à palavra pregada. Os que creram foram zelosos em comunicar a mensagem do evangelho a outros, e assim “a Palavra do Senhor se divulgava por toda aquela província”. Atos 13:44-49.

Séculos antes, profetas haviam antecipado essa colheita de gentios; mas aquelas previsões proféticas tinham sido apenas obscuramente entendidas. Oséias havia dito: “Todavia o número dos filhos de Israel será como a areia do mar, que não pode medir-se nem contar-se; e acontecerá que no lugar onde se lhes dizia: Vós não sois Meu povo, se lhes dirá: Vós sois filhos do Deus vivo”. Oséias 1:10. E outra vez: “E semeá-la-ei para Mim na terra, e compadecer-Me-ei de Lo-Ruama; e a Lo-Ami direi: Tu és Meu povo; e ele dirá: Tu és o meu Deus!” Oséias 2:23. O próprio Salvador, durante o Seu ministério terrestre, predisse a disseminação do evangelho entre os gentios. Na parábola da vinha Ele declarou aos impenitentes judeus: “O reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos”. Mateus 21:43. E depois de Sua ressurreição, Ele comissionou os discípulos para irem “por todo o mundo” (Mateus 28:19), a ensinar “todas as nações” Não deviam deixar de advertir ninguém, mas deviam pregar “o evangelho a toda a criatura”. Marcos 16:15.

Voltando-se para os gentios em Antioquia da Pisídia, Paulo e Barnabé não deixaram de trabalhar pelos judeus de outras partes, onde quer que a oportunidade lhes deparasse ouvintes. Posteriormente, em Tessalônica, em Corinto, em Éfeso e em outros importantes centros, Paulo e seus companheiros de trabalho pregaram o evangelho tanto a judeus como a gentios. Mas suas maiores energias eram daí por diante dirigidas no sentido de estabelecer o reino de Deus

em território gentílico, entre povos que tinham pouco ou nenhum conhecimento do verdadeiro Deus e de Seu Filho.

O coração de Paulo e seus associados no trabalho estava aberto em benefício dos que estavam "sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo". Efésios 2:12. Mediante a incansável ministração dos apóstolos aos gentios, os "estrangeiros e forasteiros", os "que antes [estavam] longe", aprenderam que "pelo sangue de Cristo", chegaram perto, e que pela fé em Seu sacrifício expiatório, podiam tornar-se "concidadãos dos santos, e da família [97] de Deus". Efésios 2:13, 19.

Avançando pela fé, Paulo trabalhou sem cessar pela edificação do reino de Deus entre os que tinham sido negligenciados pelos mestres de Israel. Exaltava constantemente a Cristo Jesus como o "Rei dos reis, e Senhor dos senhores" (1 Timóteo 6:15), e exortava os crentes a permanecerem "arraigados e sobreedificados nEle, e confirmados na fé". Colossences 2:7.

Para os que crêem, Cristo é o firme Fundamento. Sobre essa Pedra viva podem edificar igualmente judeus e gentios. Ela é suficientemente grande para todos, e forte bastante para sustentar o peso e o fardo de todo o mundo. Este é um fato plenamente reconhecido pelo próprio Paulo. Nos dias finais de seu ministério, quando, dirigindo-se a um grupo de crentes gentios que tinham permanecido firmes em seu amor pela verdade do evangelho, o apóstolo escreveu: "Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal Pedra da esquina". Efésios 2:20.

Como a mensagem do evangelho se espalhasse na Pisídia, judeus incrédulos de Antioquia, em seu cego preconceito, "incitaram algumas mulheres religiosas e honestas, e os principais da cidade, e levantaram perseguição contra Paulo e Barnabé, e os lançaram" (Atos 13:50) fora daquele distrito.

Os apóstolos não ficaram desencorajados por esse tratamento; lembraram-se das palavras de seu Mestre: "Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, disserem todo o mal contra vós por Minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos Céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós". Mateus 5:11, 12.

A mensagem do evangelho estava avançando, e os apóstolos tinham todo o motivo para sentir-se encorajados. Suas atividades entre os de Antioquia da Pisídia, tinham sido ricamente abençoadas, e os crentes a quem tinham deixado a conduzir a obra sozinhos por algum tempo, "estavam cheios de alegria e do Espírito Santo". Atos 13:52. [98]

Capítulo 18 — Pregando entre os gentios

Este capítulo é baseado em Atos 14:1-26.

De Antioquia da Pisídia, Paulo e Barnabé foram para Icônio. Nesse lugar, como em Antioquia, começaram suas atividades na sinagoga de seu próprio povo. Tiveram assinalado sucesso; "creu uma grande multidão, não só de judeus mas de gregos" Mas em Icônio, como em outros lugares onde os apóstolos trabalharam, "os judeus incrédulos incitaram e irritaram, contra os irmãos, os ânimos dos gentios". Atos 14:1, 2.

Os apóstolos, entretanto, não recuaram de sua missão; pois muitos estavam aceitando o evangelho de Cristo. Enfrentando a oposição, inveja e preconceito foram eles avante com sua obra, "falando ousadamente acerca do Senhor"; e Deus "dava testemunho à palavra de Sua graça, permitindo que por suas mãos se fizessem sinais e prodígios". Atos 14:3. Essas evidências da aprovação divina tinham poderosa influência sobre aqueles cuja mente estava aberta à convicção, e multiplicavam-se os conversos ao evangelho.

A crescente popularidade da mensagem apresentada pelos apóstolos encheu de inveja e ódio os judeus incrédulos e eles determinaram fazer cessar de uma vez os trabalhos de Paulo e Barnabé. Por meio de relatos falsos e exagerados, levaram as autoridades a temer que toda a cidade estivesse em perigo de ser incitada a uma insurreição. Declararam que grande número se estava aliando aos apóstolos, e sugeriram que havia nisso desígnios secretos e perigosos.

Em conseqüência dessas acusações, os discípulos eram repetidamente levados perante as autoridades; mas sua defesa era tão clara e singela, e tão calma e compreensível sua afirmação daquilo que estavam ensinando, que forte influência era exercida em seu favor. Embora os magistrados estivessem prevenidos contra eles pelas falsas afirmações ouvidas, não ousavam condená-los. Tinham de reconhecer que os ensinos de Paulo e Barnabé tendiam a formar homens virtuosos, cidadãos leais, e que a moral e a ordem da cidade

seriam melhoradas se fossem aceitas as verdades ensinadas pelos apóstolos.

Por intermédio da oposição que os discípulos enfrentavam, a mensagem da verdade ganhava grande publicidade; os judeus viam que seus esforços para impedir a obra dos novos ensinadores resultava apenas em acrescentar maior número de adeptos à nova fé. [99] "E dividiu-se a multidão da cidade; e uns eram pelos judeus, e outros pelos apóstolos". Atos 14:4.

Tão enraivecidos ficaram os líderes judeus pelo rumo que as coisas estavam tomando que decidiram alcançar seu objetivo pela violência. Estimulando as piores paixões da massa ignorante e barulhenta, foram felizes em provocar um motim, atribuindo-o aos ensinos dos discípulos. Com essa falsa acusação esperavam ganhar o auxílio dos magistrados na realização de seu propósito. Estavam determinados a que os apóstolos não tivessem oportunidade de se defenderem, interferindo a turba e apedrejando a Paulo e a Barnabé, pondo assim um fim a suas atividades.

Amigos dos apóstolos, embora incrédulos, advertiram-nos dos maldosos desígnios dos judeus, e suplicaram-lhes que não se expusessem desnecessariamente à fúria da turba, mas fugissem para salvar a vida. Concordando, Paulo e Barnabé partiram secretamente de Icônio, deixando os crentes a promoverem a obra sozinhos por algum tempo. Mas de maneira nenhuma saíam em definitivo; haviam proposto retornar, após acalmada a agitação, para completar a obra iniciada.

Em cada século e em cada região, os mensageiros de Deus têm sido chamados a enfrentar amarga oposição dos que deliberadamente escolhem rejeitar a luz do Céu. Não raro, pela mistificação e falsidade, têm os inimigos do evangelho aparentemente triunfado, cerrando assim as portas por onde os mensageiros de Deus poderiam ter acesso ao povo. Mas essas portas não podem permanecer para sempre fechadas; e, muitas vezes, ao voltarem os servos de Deus para reassumir suas atividades, o Senhor tem atuado poderosamente em favor deles, habilitando-os a estabelecer monumentos para a glória de Seu nome.

Expulsos de Icônio pela perseguição, os apóstolos foram para Listra e Derbe, na Licaônia. Essas cidades eram habitadas principalmente por um povo supersticioso e pagão, mas havia entre eles

alguns dispostos a ouvir a mensagem do evangelho e aceitá-la. Nesses lugares e arredores os apóstolos decidiram trabalhar, esperando escapar ao preconceito e perseguição dos judeus.

Em Listra não havia sinagoga judaica, embora vivessem na cidade uns poucos judeus. Muitos dos habitantes de Listra adoravam num templo dedicado a Júpiter. Quando Paulo e Barnabé apareceram na cidade, e, congregando os habitantes do local em torno deles, explanaram as verdades simples do evangelho. Muitos procuraram relacionar essas doutrinas com suas supersticiosas crenças na adoração de Júpiter.

Os apóstolos se esforçaram para comunicar a esses idólatras o conhecimento de Deus, o Criador, e de Seu Filho, o Salvador do gênero humano. Chamaram, primeiramente, a atenção deles, para as obras maravilhosas de Deus — o Sol, a Lua e as estrelas, a bela ordem das sucessivas estações, as poderosas montanhas coroadas [100] de neve, as majestosas árvores, e várias outras maravilhas da natureza, as quais testemunham uma capacidade além da compreensão humana. Mediante essas obras do Todo-poderoso, levaram os apóstolos o espírito dos gentios à contemplação do grande Governador do Universo.

Havendo tornado claras as verdades fundamentais concernentes ao Criador, falaram os apóstolos aos habitantes de Listra a respeito do Filho de Deus, que veio do Céu ao nosso mundo por haver amado os filhos dos homens. Falaram de Sua vida e ministério, Sua rejeição por parte daqueles a quem veio salvar, Seu julgamento e crucifixão, ressurreição e ascensão ao Céu, para aí atuar como advogado do homem. Assim, no Espírito e no poder de Deus, Paulo e Barnabé pregaram o evangelho em Listra.

Uma ocasião, estando Paulo a falar ao povo das obras de Cristo como de Alguém que curava os enfermos e sofredores, viu entre seus ouvintes um coxo, cujos olhos estavam nele fixos, e que recebia suas palavras e nelas cria. O coração de Paulo encheu-se de simpatia para com o doente, em quem percebeu alguém "que tinha fé para ser curado". Atos 14:9. Em presença da idólatra assembléia, Paulo ordenou ao coxo que se pusesse de pé. Até então, o coxo não podia fazer mais que assentar-se; mas obedeceu instantaneamente à ordem de Paulo e, pela primeira vez em sua vida, se pôs de pé. Com esse

esforço de fé lhe vieram as forças, e aquele que havia sido coxo "andou e saltou". Atos 14:10.

"E as multidões, vendo o que Paulo fizera, levantaram a sua voz, dizendo em língua licaônica: Fizeram-se os deuses semelhantes aos homens, e desceram até nós" Essa afirmação estava em harmonia com sua tradição de que os deuses ocasionalmente visitavam a Terra. Barnabé foi chamado Júpiter, o pai dos deuses, por causa de sua venerável aparência, sua digna compostura e a suavidade e benevolência expressas em seu semblante. Paulo criam eles ser Mercúrio, "porque este era o que falava" (Atos 14:11, 12), fervoroso, ativo e eloqüente em palavras de advertência e exortação.

Os listrianos, ansiosos de mostrar sua gratidão, apelaram ao sacerdote de Júpiter para honrar os apóstolos; e ele, "trazendo para a entrada da porta touros e grinaldas, queria com a multidão sacrificar-lhes". Atos 14:13. Paulo e Barnabé, que se haviam retirado para repouso, não foram advertidos desses preparativos. Logo, porém, sua atenção foi despertada pelo som da música e brados entusiásticos de uma grande multidão que se aproximava da casa onde estavam hospedados.

Quando os apóstolos se certificaram da causa da visita e do motivo de tal agitação, "rasgaram os seus vestidos, e saltaram para o meio da multidão", na esperança de evitar novas demonstrações. Clamando, com voz que se sobrepunha aos vivas do povo, Paulo captou-lhes a atenção; e cessando subitamente o tumulto, disse: "Varões, por que fazeis essas coisas? Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões, e vos anunciamos que vos convertais dessas vaidades ao Deus vivo, que fez o céu, e a Terra, e [101] o mar, e tudo quanto há neles; o qual nos tempos passados deixou andar todas as gentes em seus próprios caminhos. E contudo, não Se deixou a Si mesmo sem testemunho, beneficiando-vos lá do Céu, dando-vos chuvas e tempos frutíferos, enchendo de mantimento e de alegria os vossos corações". Atos 14:14-17.

Não obstante a positiva afirmação dos apóstolos de que não eram divinos, e não obstante ainda os esforços de Paulo para dirigir-lhes a mente para o verdadeiro Deus como o único objeto digno de adoração, foi quase impossível desviar os pagãos de seu intento de oferecer sacrifícios. Tão firme tinha sido sua crença de que esses homens eram, sem dúvida, deuses, e tão grande seu entusiasmo, que

estavam relutantes em reconhecer seu erro. Diz o relato que eles foram impedidos “com dificuldade”. Atos 14:18.

Arrazoavam os habitantes de Listra, que eles haviam contemplado com os próprios olhos o miraculoso poder exercido pelos apóstolos; que haviam visto um coxo que nunca antes andara, rejubilar-se em perfeita saúde e força. Foi somente após muita persuasão da parte de Paulo, e cuidadosa explicação de sua própria missão e de Barnabé como sendo representantes do Deus do Céu e de Seu Filho, o grande Médico, que o povo foi persuadido a abandonar seu propósito.

As atividades de Paulo e Barnabé em Listra, foram subitamente reprimidas pela maldade de “uns judeus de Antioquia e de Icônio” (Atos 14:18) que, ouvindo do sucesso do trabalho dos apóstolos entre os licaônios, tinham determinado ir-lhes no encalço e persegui-los. Chegando a Listra, esses judeus logo alcançaram êxito em inspirar o povo com o mesmo amargo espírito que atuava em suas próprias mentes. Com palavras de mistificação e calúnia, os que recentemente haviam considerado a Paulo e Barnabé como seres divinos, foram convencidos de que, na realidade, os apóstolos eram piores que assassinos, e dignos de morte.

O desapontamento sofrido pelos listrianos por lhes ter sido recusado o privilégio de oferecer sacrifícios aos apóstolos, preparou-os para se voltarem contra Paulo e Barnabé com um entusiasmo aproximado ao mesmo com que os tinham honrado como deuses. Incitados pelos judeus, planejaram atacar os apóstolos pela força. Os judeus admoestaram-nos a que não dessem a Paulo a oportunidade de falar, alegando que se lhe fosse permitido esse privilégio, ele poderia enfeitiçar o povo.

Logo os desígnios homicidas dos inimigos do evangelho foram executados. Rendendo-se à influência do mal, os listrianos tornaram-se possuídos de satânica fúria, e apoderando-se de Paulo o apedrejaram sem misericórdia. O apóstolo imaginou que havia chegado seu fim. O martírio de Estêvão, e a parte cruel que ele desempenhara na ocasião, lhe vieram vividamente ao espírito. Coberto de feridas e desfalecido de dor, ele caiu, e a turba enfurecida o arrastou “para fora da cidade, cuidando que estava morto”. Atos 14:19. [102]

Nessa hora escura e de prova, o grupo de crentes de Listra, convertidos por Paulo e Barnabé à fé de Jesus, permaneceu firme e leal. A oposição absurda e a cruel perseguição por parte de seus

inimigos serviram apenas para confirmar a fé desses devotados irmãos; e agora, em face do perigo e escárnio, mostraram sua lealdade reunindo-se com tristeza ao redor daquele que supunham estar morto.

Qual não foi sua surpresa, quando, em meio a seus lamentos, o apóstolo subitamente levantou a cabeça e se ergueu, com o louvor de Deus nos lábios. Para os crentes, essa inesperada restauração do servo de Deus era considerada como milagre do poder divino, e parecia ser o selo do Céu sobre sua mudança de crença. Rejubilaram-se com inexprimível alegria, e louvaram a Deus com renovada fé.

Entre os que se haviam convertido em Listra, e que eram testemunhas oculares dos sofrimentos de Paulo, se achava alguém que se havia de tornar mais tarde preeminente obreiro de Cristo, e devia partilhar com o apóstolo as provas e alegrias do serviço pioneiro em campos difíceis. Era um jovem chamado Timóteo. Quando Paulo foi arrastado para fora da cidade, esse jovem discípulo estava entre os que se puseram ao lado de seu corpo aparentemente sem vida, e que o viram erguer-se ferido e coberto de sangue, mas com louvores nos lábios por lhe haver sido permitido sofrer por amor de Cristo.

No dia seguinte ao apedrejamento de Paulo, os apóstolos partiram para Derbe, onde seu trabalho foi abençoado e muitas pessoas foram levadas a aceitar a Cristo como o Salvador. Mas "tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos", nem Paulo nem Barnabé estavam dispostos a iniciar trabalho em outra parte sem confirmar a fé dos conversos que eram forçados a deixar sozinhos por algum tempo, nos lugares onde tinham recém trabalhado. E assim, sem esmorecer diante dos perigos, "voltaram para Listra, e Icônio, e Antioquia, confirmando os ânimos dos discípulos, exortando-os a permanecer na fé". Atos 14:21, 22. Muitos haviam aceitado as alegres novas do evangelho e expuseram-se ao opróbrio e oposição. A esses procurou o apóstolo firmar na fé, para que a obra pudesse subsistir.

Como importante fator no crescimento espiritual dos novos conversos, os apóstolos tiveram o cuidado de cercá-los com a salvaguarda da ordem evangélica. As igrejas eram devidamente organizadas em todos os lugares da Licaônia e da Pisídia onde houvesse crentes. Eram indicados oficiais para cada igreja, e ordem e sis-

tema próprios eram estabelecidos para que se conduzissem todas as atividades pertinentes ao bem-estar espiritual dos crentes.

Isso estava em harmonia com o plano evangélico de unir num só corpo todos os crentes em Cristo, e esse plano devia Paulo seguir cuidadosamente através de seu ministério. Aqueles que, em qualquer [103] lugar, eram por seu testemunho levados a aceitar a Cristo como o Salvador, eram, a seu devido tempo, organizados em igreja. Mesmo que fossem poucos os crentes era feito assim. Os cristãos eram dessa maneira ensinados a se ajudarem mutuamente, recordando a promessa: "Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, aí estou Eu no meio deles". Mateus 18:20.

E Paulo não esquecia as igrejas assim estabelecidas. O cuidado dessas igrejas ficava em sua mente como uma preocupação sempre maior. Não importava quão pequeno fosse um grupo, era não obstante objeto de sua constante solicitude. Ele cuidava ternamente das pequenas igrejas, sentindo que elas estavam em necessidade de especial cuidado, para que os membros pudessem ser inteiramente firmados na verdade e ensinados a fazer esforços fervorosos e altruístas pelos que lhes estavam ao redor.

Em todos os seus esforços missionários, Paulo e Barnabé procuravam seguir o exemplo de Cristo, com sacrifício voluntário e trabalho fiel e ardoroso em prol das pessoas. Despertos, zelosos e incansáveis, não consultavam as inclinações ou a comodidade pessoal, mas com uma ansiedade acompanhada de orações, e atividade incessante, semeavam a semente da verdade. E, com o semear da semente, os apóstolos tinham muito cuidado em proporcionar a todos os que tomavam posição ao lado do evangelho, instruções práticas de indizível valia. Esse espírito de fervor e de temor piedoso produziu nos novos discípulos uma impressão duradoura com relação à importância da mensagem do evangelho.

Quando homens promissores e hábeis se convertiam, como no caso de Timóteo, Paulo e Barnabé procuravam zelosamente mostrar-lhes a necessidade de trabalhar na vinha. E, quando os apóstolos partiam para outro lugar, a fé daqueles homens não vacilava, antes aumentava. Haviam sido fielmente instruídos no caminho do Senhor, e se lhes ensinara como trabalhar abnegadamente, com fervor e perseverantemente pela salvação de seus semelhantes. Essa cuidadosa instrução aos novos conversos era um importante fator no êxito no-

tável que acompanhava Paulo e Barnabé, pregando eles o evangelho nas terras gentílicas.

A primeira viagem missionária estava rapidamente chegando ao fim. Encomendando ao Senhor as igrejas recém-organizadas, os apóstolos foram para Panfília, "e, tendo anunciado a Palavra em Perge, desceram a Atália e dali navegaram para Antioquia". Atos 14:26. [104]

Capítulo 19 — Judeus e gentios

Este capítulo é baseado em Atos 15:1-35.

Havendo chegado à Antioquia da Síria, de onde haviam saído para a sua missão, Paulo e Barnabé aproveitaram logo uma oportunidade para reunir os crentes a fim de contar-lhes "quão grandes coisas Deus fizera por eles, e como abrira aos gentios a porta da fé". Atos 14:27. A igreja de Antioquia era grande e próspera. Centro de atividade missionária, era uma das mais importantes entre os grupos de cristãos. Sua congregação era composta de pessoas de diferentes classes, tanto de judeus como de gentios.

Enquanto os apóstolos se uniam aos ministros e membros leigos em Antioquia, num fervoroso esforço para ganhar conversos para Cristo, alguns crentes judeus, vindos da Judéia, "da seita dos fariseus" (Atos 15:5), conseguiram introduzir uma questão que em breve levou a grande controvérsia na igreja, produzindo consternação nos crentes gentílicos. Com grande segurança esses mestres judaizantes afirmavam que, para ser salvo, era preciso ser circuncidado e observar toda a lei cerimonial.

Paulo e Barnabé enfrentaram com prontidão essas falsas doutrinas, e se opuseram à introdução do assunto aos gentios. Por outro lado, muitos crentes judeus de Antioquia favoreciam a posição dos irmãos recentemente vindos da Judéia.

Os conversos judeus não eram geralmente inclinados a mudar tão rapidamente quanto a providência de Deus abria o caminho. Do resultado do trabalho dos apóstolos entre os gentios, ficou evidente que os conversos dentre este último povo excederiam muito aos conversos judeus em número. Os judeus temiam que, se as restrições e cerimônias de sua lei não fossem tornadas obrigatórias aos gentios como condição para se tornarem membros da igreja, as peculiaridades nacionais dos judeus, que até então os tinham mantido como um povo distinto de todos os outros povos, desapareceriam finalmente dentre os que recebiam a mensagem do evangelho.

Os judeus se haviam sempre orgulhado de seu cerimonial de instituição divina; e muitos dos que se haviam convertido à fé de Cristo ainda sentiam que uma vez que Deus havia claramente esboçado a forma hebréia de adoração, era pouco provável que Ele tivesse autorizado uma mudança em quaisquer de suas especificações. Insistiam em que as leis e cerimônias judaicas deviam ser incorporadas aos ritos da religião cristã. Eram tardos em discernir que todas as ofertas sacrificais não tinham senão prefigurado a morte do Filho de Deus, em que o tipo encontrou o antítipo, depois do que os ritos e cerimônia da dispensação mosaica não mais deviam perdurar. [105]

Antes de sua conversão, Paulo se havia considerado irrepreensível "segundo a justiça que há na lei". Filipenses 3:6. Mas, desde sua mudança de coração, ele havia alcançado uma clara concepção da missão do Salvador como Redentor da raça toda, judeus e gentios, e aprendera a diferença entre uma fé viva e um formalismo morto. À luz do evangelho, os antigos ritos e cerimônias confiados a Israel haviam ganho uma nova e mais profunda significação. Aquilo que haviam prefigurado tinha-se cumprido, e os que estavam vivendo sob a dispensação do evangelho tinham ficado livres de sua observância. A imutável lei de Deus, dos Dez Mandamentos, entretanto, Paulo ainda guardava no espírito bem como na letra. Na igreja de Antioquia, a consideração do assunto da circuncisão deu em resultado muitas discussões e litígio. Afinal, os membros da igreja, temendo que o resultado de continuada discussão fosse uma divisão entre eles, decidiram enviar a Jerusalém Paulo e Barnabé, juntamente com alguns homens de responsabilidade na igreja, a fim de exporem a questão perante os apóstolos e anciãos. Ali deviam eles encontrar-se com delegados de diversas igrejas e com os que tinham ido a Jerusalém para assistir às próximas festas. Enquanto isso, toda a discussão devia cessar até que fosse pronunciada a decisão do concílio geral. Essa decisão devia ser, então, universalmente aceita pelas várias igrejas em todo o país.

Em caminho para Jerusalém, os apóstolos visitaram os crentes das cidades por onde passavam e encorajavam-nos relatando sua experiência na obra de Deus e na conversão dos gentios.

Em Jerusalém, os delegados de Antioquia se encontraram com os irmãos das várias igrejas, que se haviam congregado para a reunião geral; e a estes relataram os sucessos que seu ministério entre os

gentios haviam alcançado. Deram-lhes, então, um claro esboço da confusão que resultara porque certos fariseus convertidos tinham ido a Antioquia declarando que, para serem salvos, os conversos gentios precisavam ser circuncidados e deviam guardar a lei de Moisés.

Essa questão foi ardorosamente debatida na assembléia. Em íntima relação com o assunto da circuncisão estavam vários outros que demandavam cuidadoso estudo. Um deles era quanto à atitude a ser tomada com respeito a carnes sacrificadas a ídolos. Muitos dos gentios convertidos estavam vivendo entre pessoas ignorantes e supersticiosas, que faziam freqüentes sacrifícios e ofertas a ídolos. Os sacerdotes desse culto pagão mercadejavam extensamente com ofertas a eles trazidas; e os judeus temiam que os gentios conversos pudessem levar descrédito ao cristianismo comprando aquilo que tinha sido sacrificado aos ídolos, sancionando assim, em certa [106] medida, costumes idólatras.

Além disso, os gentios estavam acostumados a comer a carne de animais estrangulados, aos passo que os judeus tinham sido divinamente instruídos de que, quando animais fossem mortos para alimento, se tomasse particular cuidado para que o sangue fosse derramado do corpo; a não ser assim a carne não poderia ser considerada saudável. Deus havia dado essas injunções aos judeus a fim de preservar-lhes a saúde. Os judeus consideravam pecaminoso usar sangue como alimento. Consideravam que o sangue era a vida, e que o derramamento do sangue era conseqüência do pecado.

Os gentios, ao contrário, costumavam aparar o sangue derramado da vítima sacrifical e usá-lo na preparação de alimento. Os judeus não podiam crer que estivessem obrigados a mudar de costumes que haviam adotado sob a especial direção de Deus. Portanto, como as coisas, então, se apresentavam, se um judeu e um gentio se assentassem à mesma mesa para comer, o primeiro se consideraria ofendido e ultrajado pelo último.

Os gentios, e especialmente os gregos, eram extremamente liberais, e havia o perigo de que alguns, não convertidos de coração, fizessem uma profissão de fé sem renunciar as suas más práticas. Os cristãos judeus não podiam tolerar a imoralidade, que nem mesmo era considerada crime pelos pagãos. Os judeus, portanto, consideravam necessário que a circuncisão e a observância da lei cerimonial fossem impostas aos conversos gentios como um teste de sua since-

ridade e devoção. Isso, criam eles, poderia impedir que se aliassem à igreja os que, adotando a fé sem verdadeira conversão, pudessem, mais tarde, trazer opróbrio sobre a causa por imoralidade e excesso.

Pelos vários pontos envolvidos na regulamentação da principal questão em jogo, parecia que o concílio estava diante de dificuldades insuperáveis. Mas o Espírito Santo já havia, em realidade, solucionado essa questão, de cuja decisão dependeria a prosperidade, senão a própria existência da igreja cristã.

"E, havendo grande contenda, levantou-se Pedro e disse-lhes: Varões irmãos, bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho, e cressem". Atos 15:7. Ele arrazoou que o Espírito Santo havia decidido o assunto em discussão ao descer com igual poder sobre os gentios incircuncisos e sobre os judeus circuncidados. Rememorou a visão em que Deus apresentara perante ele um lençol cheio de toda a espécie de quadrúpedes, e lhe ordenara matar e comer. Recusando ele, com a afirmação de que jamais comera coisa comum ou imunda, a resposta fora: "Não faças tu comum ao que Deus purificou". Atos 10:15.

Pedro relatou a clara interpretação dessas palavras, a qual lhe fora dada quase em seguida à notificação de ir ter com o centurião para instruí-lo na fé cristã. Essa mensagem mostrava que Deus não faz acepção de pessoas, mas aceita e reconhece a quantos O temem. Pedro falou de seu assombro quando, ao transmitir as palavras da [107] verdade àquela assembléia em casa de Cornélio, testemunhara que o Espírito Santo Se apossara de seus ouvintes, tanto gentios como judeus. A mesma luz e glória que se refletira sobre os judeus circuncidados, brilhou igualmente na face dos incircuncisos gentios. Isso era uma advertência de Deus a Pedro para que não considerasse pessoa alguma inferior a outra; porque o sangue de Cristo pode limpar de toda a imundícia.

Em ocasião anterior, Pedro havia arrazoado com seus irmãos com respeito à conversão de Cornélio e seus amigos, e sua comunhão com eles. Ao relatar nessa ocasião como o Espírito Santo descera sobre os gentios declarara: "Portanto, se Deus lhes deu o mesmo dom que a nós, quanto havemos crido no Senhor Jesus Cristo, quem era então eu, para que pudesse resistir a Deus?" Atos 11:17. Agora, com igual fervor e força, ele afirma: "E Deus, que conhece os corações, lhes

deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando os seus corações pela fé. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar?” Atos 15:10. Esse jugo não era a lei dos Dez Mandamentos, como afirmam alguns que se opõem aos reclamos da lei; Pedro se refere aqui à lei das cerimônias, tornada nula e vã pela crucifixão de Cristo.

O discurso de Pedro levou a assembléia ao ponto de poderem ouvir com paciência a Paulo e a Barnabé relatarem suas experiências na obra pelos gentios. “Então toda a multidão se calou e escutava a Barnabé e a Paulo, que contavam quão grandes sinais e prodígios Deus havia feito por meio deles entre os gentios”. Atos 15:12. Tiago também apresentou seu testemunho com decisão, declarando que era o propósito de Deus outorgar ao gentios os mesmos privilégios e bênçãos concedidos aos judeus.

Ao Espírito Santo pareceu bem não impor aos gentios conversos a lei cerimonial, e o parecer dos apóstolos a esse respeito foi como o do Espírito de Deus. Tiago presidiu ao concílio, e sua decisão final foi: “Pelo que julgo que não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus”

Isso pôs fim à discussão. Nesse exemplo, temos a refutação da doutrina mantida pela Igreja Católica Romana de que Pedro era a cabeça da igreja. Os que, como papas, têm pretendido ser seus sucessores, não encontram fundamento escriturístico para suas pretensões. Coisa alguma na vida de Pedro concorda com a afirmativa de que ele fora colocado acima de seus irmãos como representante do Altíssimo. Se os que são considerados sucessores de Pedro tivessem seguido seu exemplo, ter-se-iam contentado sempre com ser iguais a seus irmãos.

Nessa ocasião, parece ter sido escolhido Tiago para anunciar a decisão tomada pelo concílio. E sua sentença foi que a lei cerimonial, [108] e especialmente a ordenança da circuncisão, não deveriam ser impostas aos gentios, ou a eles sequer recomendadas. Tiago procurou impressionar a mente de seus irmãos com o fato de que, convertidos a Deus, os gentios tinham feito grande mudança em sua vida, e que se deveria usar de muita cautela para não perturbá-los com assuntos

de menor importância, que levantariam dúvidas e perplexidade, para que não desanimassem em seguir a Cristo.

Os conversos gentios, porém, deviam abandonar os costumes incoerentes com os princípios do cristianismo. Os apóstolos e anciãos, portanto, concordaram em instruir por carta os gentios a se absterem de carnes sacrificadas aos ídolos, da prostituição, do que é sufocado e do sangue. Deviam ser ensinados a guardar os mandamentos e a levar vida santa. Deviam também estar certos de que os que declaravam ser a circuncisão obrigatória não estavam autorizados a fazê-lo em nome dos apóstolos.

Paulo e Barnabé eram-lhes recomendados como pessoas que haviam arriscado a vida pelo Senhor. Judas e Silas foram enviados com esses apóstolos para declarar aos gentios de viva voz a decisão do concílio. "Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós, não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias: que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da fornicação; das quais coisas fazeis bem se vos guardardes". Atos 15:28, 29. Os quatro servos de Deus foram enviados a Antioquia com a epístola e a mensagem que devia pôr fim a toda controvérsia; porque era a voz da mais alta autoridade sobre a Terra.

O concílio que decidiu esse caso era composto dos apóstolos e mestres que se haviam destacado no trabalho de fundar igrejas cristãs judaicas e gentias, juntamente com delegados escolhidos de vários lugares. Estavam presentes anciãos de Jerusalém e delegados de Antioquia, e as igrejas mais influentes estavam representadas. O concílio se conduziu de acordo com os ditames de iluminado juízo e com a dignidade de uma igreja estabelecida pela vontade divina. Como resultado de suas deliberações, todos eles viram que o próprio Deus dera resposta à questão, concedendo aos gentios o Espírito Santo; e sentiram que era sua parte seguir a orientação do Espírito.

Não foram convocados todos os crentes para votarem sobre a questão. Os "apóstolos e anciãos" (Atos 15:23), homens de influência e bom senso, redigiram e expediram a resolução, que foi logo aceita pelas igrejas cristãs. Nem todos, entretanto, ficaram contentes com a decisão; havia uma facção de irmãos ambiciosos e possuídos de presunção que a desaprovaram. Esses homens pretensiosamente tomaram a decisão de se empenhar na obra sob a própria responsabilidade. Entregaram-se a muita murmuração e crítica, propondo

novos planos e procurando desfazer a obra dos homens a quem Deus ordenara que ensinassem a mensagem do evangelho. Desde o início teve a igreja tais obstáculos a enfrentar, e há de tê-los até a [109] consumação do tempo.

Jerusalém era a metrópole dos judeus, e era ali que se encontravam o maior exclusivismo e intolerância. Os cristãos judeus, vivendo próximos do templo, naturalmente permitiam voltar a mente aos privilégios peculiares dos judeus como nação. Quando viram a igreja cristã se afastando das cerimônias e tradições do judaísmo, e perceberam que a peculiar santidade de que os costumes judeus eram revestidos seria logo perdida de vista à luz da nova fé, muitos se mostraram indignados com Paulo como sendo a pessoa que, em grande medida, havia provocado essa mudança. Até mesmo os discípulos não estavam todos preparados para aceitar de boa vontade a decisão do concílio. Alguns eram zelosos com relação à lei cerimonial, e discordavam de Paulo, pois pensavam que eram frouxos seus princípios referentes às obrigações da lei judaica.

As decisões amplas e de grande alcance do concílio geral levaram confiança aos crentes gentios e a causa de Deus prosperou. Em Antioquia, a igreja foi favorecida com a presença de Judas e Silas, os mensageiros especiais que, da reunião em Jerusalém, tinham voltado com os apóstolos. Sendo "também Judas e Silas profetas, exortaram e confirmaram os irmãos com muitas palavras". Atos 15:32. Esses homens piedosos se detiveram em Antioquia por algum tempo. "E Paulo e Barnabé ficaram em Antioquia, ensinando e pregando, com muitos outros, a Palavra do Senhor". Atos 15:35.

Quando Pedro, posteriormente, visitou Antioquia, captou a confiança de muitos por sua conduta prudente para com os conversos gentios. Por algum tempo, ele agiu de acordo com a luz dada pelo Céu. Dominou seu natural preconceito até o ponto de sentar-se à mesa com os conversos gentios. Mas quando certos judeus zelosos da lei cerimonial vieram de Jerusalém, Pedro mudou inesperadamente o seu procedimento para com os conversos do paganismo. Alguns "judeus também dissimulavam com ele, de maneira que até Barnabé se deixou levar pela sua dissimulação". Gálatas 2:13. Essa revelação de fraqueza da parte daqueles que haviam sido respeitados e amados como dirigentes, produziu dolorosa impressão na mente dos crentes gentios. A igreja foi ameaçada de divisão. Mas

Paulo, que viu a subversiva influência do erro praticado para com a igreja pela duplicidade de atitude da parte de Pedro, reprovou-o abertamente por dissimular assim seus verdadeiros sentimentos. Na presença da igreja, Paulo argüiu a Pedro: "Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?" Gálatas 2:14.

Pedro viu o erro em que havia caído, e procurou imediatamente reparar, tanto quanto possível, o mal que causara. Deus, que conhece o fim desde o princípio, permitiu que Pedro revelasse essa fraqueza de caráter, para que o provado apóstolo visse nada haver em si de que se pudesse vangloriar. Mesmo os melhores homens, se entregues a si próprios, errarão no julgamento. Deus viu também que no tempo por vir, alguns seriam tão iludidos que atribuiriam a Pedro e [110] seus pretensos sucessores as elevadas prerrogativas que só a Deus pertencem. E esse registro de fraqueza do apóstolo permanece como uma prova de sua falibilidade, e de que ele, de modo algum, esteve acima do nível dos outros apóstolos.

A história desse desvio dos retos princípios permanece como solene advertência a homens em posições de confiança na causa de Deus, para que não venham a fracassar na integridade mas se apeguem firmemente ao princípio. Quanto maiores forem as responsabilidades colocadas sobre o agente humano, e quanto mais amplas suas oportunidades para mandar e controlar, é certo que mais erros cometerá, se não seguir cuidadosamente o caminho do Senhor e trabalhar em harmonia com as decisões tomadas pelo corpo geral de crentes reunidos em concílio.

Depois de todas as faltas de Pedro; depois de sua queda e restauração, seu longo tempo de serviço, sua intimidade com Cristo, seu conhecimento da correta prática dos retos princípios do Salvador; depois de toda a instrução recebida, todos os dons, conhecimento e influência obtidos pela pregação e ensino da Palavra — não é estranho que ele dissimulasse e evitasse os princípios do evangelho por temor dos homens, ou para captar a estima? Não é estranho que ele vacilasse no apego ao direito? Possa Deus dar a cada homem o reconhecimento de seu desamparo, sua incapacidade para guiar o próprio barco seguro e a salvo para o porto.

Em seu ministério, Paulo era muitas vezes compelido a permanecer sozinho. Ele fora especialmente ensinado por Deus, e não ousava

fazer concessões que envolvessem princípios. Às vezes, o fardo era pesado, mas Paulo permanecia firme pelo direito. Ele considerava que a igreja não deve jamais ser colocada debaixo do controle do poder humano.

As tradições e idéias humanas não devem tomar o lugar da verdade revelada. O progresso da mensagem do evangelho não deve ser detido por preconceitos e preferências das pessoas, qualquer que seja sua posição na igreja.

Paulo dedicara sua vida e todas as suas habilidades ao serviço de Deus. Havia recebido as verdades do evangelho diretamente do Céu, e em todo o seu ministério mantivera vital ligação com os instrumentos celestiais. Tinha sido ensinado por Deus com respeito a impor encargos desnecessários aos cristãos gentios; assim, quando crentes judaizantes introduziram na igreja de Antioquia a questão da circuncisão, Paulo conhecia o pensamento do Espírito de Deus com respeito a tal ensino, e tomou decisão firme e inabalável, que libertou as igrejas de cerimônias e ritos judaicos.

Não obstante o fato de haver sido Paulo ensinado pessoalmente por Deus, não mantinha idéias irredutíveis de responsabilidade individual. Embora buscando de Deus a orientação direta, estava sempre pronto a reconhecer a autoridade contida no corpo de crentes unidos [111] como igreja. Sentia a necessidade de aconselhar-se; e quando surgiam assuntos de importância, alegrava-se em poder apresentá-los perante a igreja, e em unir-se com os irmãos para buscar de Deus sabedoria para fazer decisões acertadas. Mesmo "os espíritos dos profetas", declarou ele, "estão sujeitos aos profetas. Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos". 1 Coríntios 14:32, 33. Da mesma forma que Pedro, ele ensinava que todos unidos na qualidade de igreja deviam ser [112] "sujeitos uns aos outros". 1 Pedro 5:5.

Capítulo 20 — Exaltando a cruz

Este capítulo é baseado em Atos 15:36-41; 16:1-6.

Depois de haver gasto algum tempo ministrando em Antioquia, Paulo propôs a seu companheiro fazerem outra viagem missionária. "Tornemos a visitar nossos irmãos", disse ele a Barnabé, "por todas as cidades em que já anunciamos a Palavra do Senhor, para ver como estão". Atos 15:36.

Tanto Paulo como Barnabé tinham terno cuidado pelos que haviam aceitado recentemente a mensagem do evangelho sob seu ministério, e estavam ansiosos por vê-los uma vez mais. Paulo jamais perdeu essa solicitude. Mesmo quando em campos missionários distantes, longe do cenário de suas primeiras atividades, continuava a levar sobre o coração a responsabilidade de animar esses conversos a permanecerem fiéis, "aperfeiçoando a santificação no temor de Deus". 2 Coríntios 7:1. Constantemente, procurava ajudá-los a se tornarem cristãos confiantes e desenvolvidos, fortes na fé, ardentes no zelo e de coração inteiro na consagração a Deus e à obra de ampliar Seu reino.

Barnabé estava pronto a ir com Paulo, mas desejava que levassem Marcos, o qual decidira de novo devotar-se ao ministério. Paulo foi contra. Parecia-lhe "razoável que não tomassem consigo aquele que" durante sua primeira viagem missionária tinha-os deixado em tempo de necessidade. Ele não estava inclinado a desculpar a fraqueza de Marcos em desertar da obra pela segurança e conforto do lar. Insistia que alguém de tão pouca fibra não estava habilitado para uma obra que requeria paciência, altruísmo, bravura, devoção, fé e disposição para sacrificar, se necessário, a própria vida. Tão forte foi a contenda, que Paulo e Barnabé se separaram, seguindo este suas convicções e tomando consigo a Marcos. "Barnabé, levando consigo a Marcos, navegou para Chipre. E Paulo, tendo escolhido a Silas, partiu, encomendado pelos irmãos, à graça de Deus". Atos 15:38-40.

Viajando através da Síria e Cilícia, onde fortaleciam as igrejas, Paulo e Silas alcançaram por fim Derbe e Listra, na província de Licaônia. Foi em Listra que Paulo fora apedrejado, no entanto, vamos encontrá-lo de novo no cenário onde passara o perigo anterior. Ele estava ansioso por ver como os que haviam aceitado o evangelho por meio de seus esforços estavam enfrentando o teste das provações. Não ficou desapontado; verificou que os crentes listrianos tinham permanecido firmes em face de violenta oposição. [113]

Ali, Paulo tornou a encontrar Timóteo, que havia testemunhado seus sofrimentos ao final de sua primeira visita a Listra, e em cuja mente a impressão então feita tinha-se aprofundado com o passar do tempo, até que se convenceu de que era seu dever entregar-se inteiramente à obra do ministério. Seu coração estava unido ao coração de Paulo, e ele ansiava compartilhar das atividades do apóstolo, ajudando na medida das oportunidades.

Silas, companheiro de trabalho de Paulo, era um obreiro experimentado, dotado com o dom de profecia; mas a obra a ser feita era tão grande que foi necessário preparar mais obreiros para o serviço ativo. Em Timóteo, Paulo viu alguém que apreciava a santidade da obra de um pastor; que não se atemorizava ante a perspectiva de sofrimento e perseguição; que estava pronto a ser ensinado. Todavia, o apóstolo não se arriscou a tomar a responsabilidade de exercitar Timóteo, jovem não provado, para o ministério evangélico, sem primeiro certificar-se plenamente quanto a seu caráter e vida passada.

O pai de Timóteo era grego, e a mãe judia. Desde criança, ele conhecia as Escrituras. A piedade que ele presenciara em sua vida doméstica era sã e sensata. A confiança de sua mãe e de sua avó nos sagrados oráculos, lembravam-lhe continuamente as bênçãos que há em fazer a vontade de Deus. A Palavra de Deus era a regra pela qual essas duas piedosas mulheres haviam guiado Timóteo. O poder espiritual das lições que delas recebera conservou-o puro na linguagem, e incontaminado pelas más influências de que se achava rodeado. Assim, a instrução recebida através do lar havia cooperado com Deus em prepará-lo para assumir responsabilidades.

Paulo viu que Timóteo era fiel, firme e leal, e escolheu-o como companheiro de trabalho e de viagem. Os que haviam ensinado Timóteo na infância foram recompensados com vê-lo, ao filho de seu cuidado, ligado em íntima associação com o grande apóstolo.

Timóteo era um simples jovem quando foi escolhido por Deus para ser um ensinador; mas seus princípios tinham sido tão estabelecidos por sua educação dos primeiros anos, que ele estava apto a ocupar seu lugar como auxiliar de Paulo. E embora jovem, levou suas responsabilidades com humildade cristã.

Como medida acauteladora, Paulo aconselhou prudentemente a Timóteo a que se circuncidasse — não que Deus o exigisse, mas a fim de tirar do espírito dos judeus aquilo que poderia servir de objeção ao ministério de Timóteo. Em sua obra, Paulo devia viajar de cidade em cidade, em muitas terras, e teria muitas vezes ocasião de pregar a Cristo em sinagogas judaicas, bem como em outros lugares de reunião. Viesse a ser sabido que um de seus companheiros de trabalho era incircunciso, e sua obra seria grandemente entravada pelo preconceito e fanatismo dos judeus. Em toda parte encontrou o apóstolo determinada oposição e severa perseguição. Ele desejava levar a seus irmãos judeus, bem como aos gentios, o conhecimento do evangelho e, por essa razão buscava ele, tanto quanto estivesse em [114] harmonia com a fé, remover cada pretexto de oposição. E conquanto fizesse essa concessão ao preconceito judaico, cria e ensinava nada ser a circuncisão ou incircuncisão, mas o evangelho de Cristo — este era tudo.

Paulo amava a Timóteo, seu "verdadeiro filho na fé". 1 Timóteo 1:2. O grande apóstolo muitas vezes puxava pelo discípulo mais jovem, interrogando-o acerca da história bíblica; e enquanto viajavam de um lugar para outro, ensinava-lhe cuidadosamente a maneira de trabalhar com êxito. Tanto Paulo como Silas, em todas as suas relações com Timóteo, procuravam aprofundar a impressão que já se fizera em seu espírito quanto à natureza sagrada e séria da obra do ministro do evangelho.

Em sua obra, Timóteo buscava de Paulo constantemente conselho e instrução. Não agia por impulso, mas consideradamente e com calma reflexão, indagando a cada passo: É este o caminho do Senhor? Nele encontrou o Espírito Santo quem poderia ser moldado e ajustado como templo para a habitação da divina Presença.

Quando as lições da Bíblia são aplicadas na vida diária, exercem profunda e duradoura influência sobre o caráter. Timóteo aprendeu e praticou essas lições. Não tinha talentos particularmente brilhantes; mas sua obra era valiosa porque ele usava no serviço do Mestre as

habilidades que Deus lhe dera. Seu conhecimento da piedade prática distinguia-o dos outros crentes, e dava-lhe influência.

Os que trabalham pelas pessoas têm de alcançar um conhecimento mais profundo, mais amplo e mais claro de Deus do que pode ser obtido pelo esforço comum. Têm de aplicar todas as suas energias na obra do Mestre. Estão empenhados em alta e santa vocação e, se quiserem obter conversões como recompensa, precisam apegar-se firmemente a Deus, recebendo diariamente poder e graça da Fonte de toda a bênção. "Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente. Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo; o qual Se deu a Si mesmo por nós para nos remir de toda a iniqüidade, e purificar para Si um povo Seu especial, zeloso de boas obras". Tito 2:11-14.

Antes de iniciarem a penetração de novo território, Paulo e seus companheiros visitaram as igrejas que haviam sido estabelecidas na Pisídia e arredores. "E, quando iam passando pelas cidades, lhes entregavam, para serem observados, os decretos que haviam sido estabelecidos pelos apóstolos e anciãos em Jerusalém. De sorte que as igrejas eram confirmadas na fé, e cada dia cresciam em número". Atos 16:5.

O apóstolo Paulo sentia profunda responsabilidade por essas pessoas convertidas sob seu trabalho. Acima de tudo, ansiava que [115] permanecessem fiéis, "para que no dia de Cristo", disse ele, "possa gloriar-me de não ter corrido nem trabalhado em vão". Filipenses 2:16. Ele estremecia pelo resultado de seu ministério. Sentia que até sua própria salvação estaria em perigo se falhasse em cumprir o dever, e se a igreja fracassasse em cooperar com ele na obra da salvação. Sabia que apenas a pregação não bastava para educar os crentes para expor a Palavra da vida. Sabia que, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra, um pouco aqui, um pouco ali, eles precisavam ser ensinados a fazer progresso na obra de Cristo.

É princípio universal que sempre que alguém se recusa a usar as faculdades que Deus lhe deu, essas faculdades se debilitam e morrem. A verdade que não é vivida, que não é repartida, perde seu poder de comunicar vida, sua virtude salutar. Essa era a razão por que

o apóstolo temia não ser capaz de apresentar todo homem perfeito em Cristo. A esperança de Paulo em relação ao Céu diminuía quando considerava alguma falha de sua parte que pudesse resultar em estar ele colocando diante da igreja um modelo humano em lugar do divino. Seu conhecimento, eloqüência, milagres, sua visão das cenas eternas quando levado ao terceiro Céu — tudo isso perderia o valor se, por infidelidade em seu trabalho, aqueles por quem ele trabalhou viessem a ser excluídos da graça de Deus. Assim, de viva voz e por carta, insistia com todos os que haviam aceitado a Cristo, para que prosseguissem no caminho que haveria de capacitá-los a tornarem-se "irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio duma geração corrompida e perversa, [...] como astros no mundo; retendo a Palavra da vida". Filipenses 2:15, 16.

Todo verdadeiro pastor sente pesada responsabilidade pelo progresso espiritual dos crentes entregues a seu cuidado, um profundo desejo de que sejam cooperadores de Deus. Ele sente que, da fiel execução da tarefa que Deus lhe entregou depende, em grande medida, o bem-estar da igreja. Fervorosa e incansavelmente busca inspirar os crentes com o desejo de salvar pessoas para Cristo, lembrando-se de que cada acréscimo à igreja representa mais um instrumento para dar a conhecer o plano de redenção.

Havendo visitado as igrejas da Pisídia e regiões circunvizinhas, Paulo e Silas, juntamente com Timóteo, deram-se pressa em passar "pela Frígia e pela província da Galácia" (Atos 16:6), onde com grande poder proclamaram as alegres novas da salvação. Os gálatas eram dados à adoração de ídolos, mas como os apóstolos lhes pregassem, rejubilaram-se na mensagem que prometia libertação do cativeiro do pecado. Paulo e seus cooperadores proclamaram a doutrina da justificação pela fé no sacrifício expiatório de Cristo. Apresentaram a Cristo como sendo Aquele que, vendo o estado desesperado da raça caída, veio para redimir homens e mulheres mediante uma vida de obediência à lei de Deus, e o pagamento da penalidade da desobediência. E, diante da cruz, muitos que nunca antes haviam conhecido o verdadeiro Deus, começaram a compreender a magnitude do amor do Pai. [116]

Assim foram os gálatas ensinados no que respeita às verdades fundamentais concernentes a "Deus Pai" e a "nosso Senhor Jesus Cristo, o qual Se deu a Si mesmo por nossos pecados, para nos livrar

do presente século mau, segundo a vontade de Deus nosso Pai”. Gálatas 1:3, 4. “Pela pregação da fé”, receberam o Espírito de Deus, e tornaram-se “filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus”. Gálatas 3:2, 26.

A maneira como Paulo viveu entre os gálatas foi tal que ele pôde afirmar mas tarde: “Rogo-vos que sejais como eu”. Gálatas 4:12. Seus lábios tinham sido tocados com a brasa viva do altar, e ele fora habilitado a sobrepor-se às fraquezas do corpo e a apresentar Jesus como a única esperança do pecador. Os que o ouviam sabiam que ele havia estado com Jesus. Assistido com o poder do alto, estava capacitado a comparar as coisas espirituais com as espirituais e a demolir as fortalezas de Satanás. Corações eram quebrantados ao apresentar ele o amor de Deus como revelado no sacrifício de Seu único Filho, e muitos eram levados a perguntar: Que devo fazer para salvar-me?

Esse método de apresentar o evangelho caracterizou o trabalho do apóstolo através de seu ministério entre os gentios. Conservava sempre diante deles a cruz do Calvário. “Não nos pregamos a nós mesmos”, declarou ele depois de anos em sua experiência, “mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo”. 2 Coríntios 4:5, 6.

Os consagrados mensageiros que nos primeiros dias do cristianismo levaram as alegres novas da salvação a um mundo a perecer, não permitiam que pensamentos de exaltação própria viessem empanar sua apresentação de Cristo, e Este crucificado. Não cobiçavam nem autoridade nem preeminência. Ocultando-se no Salvador, exaltavam o grande plano da salvação e a vida de Cristo, o Autor e Consumador deste plano. Cristo, o mesmo ontem, hoje e eternamente, era o seu insistente ensino.

Se os que hoje estão ensinando a Palavra de Deus, exaltassem a cruz de Cristo mais e mais, haveria muito maior sucesso em seu ministério. Se os pecadores forem levados a contemplar com fervor a cruz, se alcançarem visão ampla do Salvador crucificado, reconhecerão a profundeza da compaixão de Deus e a malignidade do pecado.

A morte de Cristo prova o grande amor de Deus pelo homem. É o penhor de nossa salvação. Remover do cristianismo a cruz, seria como apagar do céu o Sol. A cruz nos aproxima de Deus, reconciliando-nos com Ele. Com a enternecedora compaixão do amor de um pai, Jeová considera o sofrimento que Seu Filho teve de suportar para salvar a raça da morte eterna, e nos recebe no Amado.

Sem a cruz não teria o homem união com o Pai. Dela depende toda a nossa esperança. Daí brilha a luz do amor do Salvador; e quando ao pé da cruz o pecador contempla Aquele que morreu para [117] salvá-lo, pode rejubilar-se com grande alegria, pois seus pecados estão perdoados. Ao ajoelhar-se em fé junto à cruz, alcança ele o mais alto lugar que o homem pode atingir.

Por intermédio da cruz aprendemos que o Pai celestial nos ama com amor infinito. Podemos admirar-nos de haver Paulo exclamado: “Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”? Gálatas 6:14. É nosso privilégio também nos gloriarmos na cruz, nosso privilégio dar-nos inteiramente a Ele, como Ele Se deu por nós. Então, com a luz que jorra do Calvário a brilhar em nossa face, podemos sair para revelar essa luz aos que estão em trevas. [118]

Capítulo 21 — Nas regiões distantes

Este capítulo é baseado em Atos 16:7-40.

Chegara o tempo em que o evangelho devia ser pregado além dos confins da Ásia Menor. O caminho estava preparado para Paulo e seus companheiros passarem à Europa. Em Trôade, às margens do Mediterrâneo, "Paulo teve de noite uma visão, em que se apresentou um varão da Macedônia, e lhe rogou, dizendo: Passa à Macedônia, e ajuda-nos". Atos 16:9.

O chamado era imperativo, não admitindo demora. "Logo depois desta visão", declara Lucas, que acompanhava Paulo, Silas e Timóteo em sua viagem pela Europa, "procuramos partir para a Macedônia, concluindo que o Senhor nos chamava para lhes anunciarmos o evangelho. E, navegando de Trôade, fomos correndo em caminho direito para a Samotrácia, e no dia seguinte para Nápoles. E dali para Filipos, que é a primeira cidade desta parte da Macedônia, e é uma colônia". Atos 16:10-12.

"E no dia de sábado", continua Lucas, "saímos fora das portas, para a beira do rio, onde julgávamos ter lugar para oração; e, assentando-nos, falamos às mulheres que ali se ajuntaram. E uma certa mulher, chamada Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus, nos ouvia, e o Senhor lhe abriu o coração" Lídia recebeu a verdade alegremente. Ela e os de sua casa foram convertidos e batizados, e ela insistiu com os apóstolos para que se hospedassem em sua casa.

Enquanto os mensageiros da cruz se entregavam a sua obra de ensinar, uma mulher possessa de espírito de adivinhação seguia-os, clamando: "Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus altíssimo. E isto fez ela por muitos dias". Atos 16:13-18.

Essa mulher era um instrumento especial de Satanás e, por meio de adivinhação, dava muito lucro a seus senhores. Sua influência auxiliara o fortalecimento da idolatria. Satanás sabia que seu domínio

estava sendo invadido, e recorreu a esse meio de opor-se à causa de Deus, esperando misturar seus sofismas com as verdades ensinadas pelos que proclamavam a mensagem do evangelho. As palavras de recomendação proferidas por essa mulher representavam um dano à causa da verdade, distraíam o espírito do povo dos ensinos dos apóstolos e traziam má reputação para o evangelho, e, por meio delas, muitos foram levados a crer que esses homens que falavam no Espírito e poder de Deus, eram impelidos pelo mesmo espírito dessa emissária de Satanás. [119]

Por algum tempo os apóstolos suportaram essa oposição; por inspiração do Espírito Santo, Paulo ordenou ao espírito mau que deixasse a mulher. Seu imediato silêncio provou serem os apóstolos servos de Deus e que o demônio tinha conhecimento disso e obedecera a sua ordem.

Libertada do espírito mau e restituída ao uso da razão, a mulher preferiu seguir a Cristo. Seus senhores ficaram alarmados por causa de seus lucros. Viram que estava perdida toda esperança de obter dinheiro por meio de suas adivinhações e predições, e que, se fosse permitido aos apóstolos continuar com a obra do evangelho, estaria logo esgotada inteiramente sua fonte de renda.

Muitos outros na cidade estavam interessados em alcançar lucro mediante satânicos enganos; e esses, temendo a influência de um poder que pudesse tão eficazmente deter sua obra, levantaram um forte clamor contra os servos de Deus. Levaram os apóstolos diante dos magistrados com a acusação: "Estes homens, sendo judeus, perturbaram a nossa cidade, e nos expõem costumes que nos não é lícito receber nem praticar, visto que somos romanos". Atos 16:20, 21.

Impelida por um frenesi, a multidão se levantou contra os discípulos. Prevaleceu o espírito de tumulto, sancionado pelas autoridades, que, rasgando a roupa dos apóstolos, ordenaram que fossem açoitados. "E, havendo-lhes dado muitos açoites, os lançaram na prisão, mandando ao carcereiro que os guardasse com segurança. O qual, tendo recebido tal ordem, os lançou no cárcere interior, e lhes segurou os pés no tronco". Atos 16:23, 24.

Os apóstolos sofreram extrema tortura por causa da dolorosa posição em que foram postos, mas não murmuraram. Em vez disso, nas densas trevas e desolação do calabouço, encorajavam-se mutu-

amente com palavras de oração, e cantavam louvores a Deus por terem sido considerados dignos de sofrer por Sua causa. Seus corações foram animados por um amor fervoroso e profundo a seu Redentor. Paulo lembrava-se da perseguição movida contra os discípulos de Cristo, da qual ele havia sido instrumento, e rejubilava-se de que lhe tivessem sido abertos os olhos para ver, e seu coração para sentir o poder das gloriosas verdades que uma vez desprezara.

Com espanto os outros prisioneiros ouviram os sons de oração e hinos que saíam do interior da prisão. Estavam habituados a ouvir gritos e gemidos, maldições e blasfêmias a quebrarem o silêncio da noite, mas nunca antes haviam eles ouvido palavras de oração e louvor ascenderem daquela sombria cela. Guardas e prisioneiros se maravilharam, e perguntavam quem poderiam ser esses homens que, com frio, fome e torturados, podiam ainda se regozijar.

Enquanto isso, os magistrados voltaram a seus lares, lisonjeando-se de, com medidas prontas e decisivas, haverem acabado com o tumulto. Mas, no caminho, ouviram mais pormenores com respeito ao caráter e à obra desses homens que haviam sentenciado ao açoite e prisão. Viram a mulher que havia sido liberta da satânica influência, e ficaram impressionados com a mudança em sua aparência e comportamento. Antes ela havia causado perturbação na cidade; agora, estava calma e em paz. Sentindo que haviam provavelmente aplicado a dois homens inocentes as rigorosas penalidades da lei romana, ficaram indignados, e decidiram que, pela manhã, ordenariam que os apóstolos fossem secretamente libertados e escoltados para fora da cidade, longe do perigo de violência por parte da turba. [120]

Mas, conquanto houvessem os homens sido cruéis e vingativos, ou criminosamente negligentes nas responsabilidades solenes sobre eles postas, Deus não Se havia esquecido de ser misericordioso para com Seus servos. Todo o Céu estava interessado nos homens que estavam sofrendo por amor de Cristo, e anjos foram enviados a visitar a prisão. A terra tremeu aos seus passos. As portas da prisão pesadamente aferrolhadas abriram-se; cadeias e grilhões caíram das mãos e pés dos prisioneiros; e brilhante luz inundou a prisão.

O guarda do cárcere tinha ouvido extasiado as orações e cânticos dos apóstolos prisioneiros. Quando foram encarcerados, havia ele visto suas feridas intumescidas e sangrentas, e por si próprio tinha-se decidido a colocar seus pés no cepo. Esperara ouvir-lhes amargos

urros e imprecações; mas ouvia em lugar disto cânticos de louvor. Com esses sons nos ouvidos havia o carcereiro caído no sono de que foi despertado pelo terremoto e pelo sacudir das paredes da prisão.

Erguendo-se alarmado, viu com espanto que todas as portas da prisão estavam abertas e dele se apossou o temor de que os prisioneiros tivessem escapado. Lembrou-se com que explícitas recomendações Paulo e Silas haviam sido confiados a seu cuidado na noite anterior, e estava certo de que a morte seria a pena de sua aparente infidelidade. Em amargura de espírito, sentia que lhe seria melhor morrer pelas próprias mãos que submeter-se a uma vergonhosa execução. Tirando a espada, estava prestes a matar-se, quando a voz de Paulo foi ouvida em palavras de animação: "Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos". Atos 16:28. Cada prisioneiro estava em seu lugar, retido pelo poder de Deus exercido por intermédio de um companheiro de prisão.

A severidade com que o carcereiro tratara os apóstolos não havia despertado neles ressentimento. Paulo e Silas tinham o Espírito de Cristo, e não o de vingança. Em seu coração, repleto do amor do Salvador, não havia lugar para a maldade contra os perseguidores.

O carcereiro, depondo a espada e pedindo luz, apressou-se a descer ao calabouço. Queria ver que espécie de homens eram esses, que retribuíam com bondade a crueldade com que haviam sido tratados. Alcançando o lugar onde estavam os apóstolos, prostrou-se diante deles e pediu perdão. Então, levando-os para um recinto aberto, interrogou: "Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?" Atos 16:30. [121]

O carcereiro havia estremecido ao contemplar a ira de Deus no terremoto; quando supôs que os prisioneiros tinham escapado, esteve prestes a matar-se pela própria mão; mas agora, todas essas coisas pareciam de pouca importância, comparadas com a nova e estranha perturbação que lhe agitava a mente, e por seu desejo de possuir a tranqüilidade e alegria mostradas pelos apóstolos debaixo de sofrimento e maus-tratos. Via-lhes no semblante a luz do Céu; sabia que Deus Se havia interposto de maneira miraculosa para salvar-lhes a vida e com força peculiar, vieram-lhe à mente as palavras da mulher possessa: "Estes homens que nos anunciam o caminho da salvação são servos do Deus altíssimo"

Com profunda humildade, pediu aos apóstolos que lhe mostrassem o caminho da vida. "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa", responderam eles; "e lhe pregavam a Palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa". Atos 16:31, 32. O carcereiro, então, lavou as feridas dos apóstolos e serviu-os, sendo a seguir batizado por eles, juntamente com todos os que estavam em sua casa. Uma santificadora influência foi difundida entre os prisioneiros, e a mente de todos foi aberta às verdades expostas pelos apóstolos. Eles estavam convictos de que o Deus a quem esses homens serviam os havia milagrosamente libertado da servidão.

Os cidadãos de Filipos haviam ficado grandemente atemorizados com o terremoto e quando, pela manhã, os funcionários da prisão contaram aos magistrados o que havia ocorrido durante a noite, eles ficaram alarmados, e enviaram oficiais para libertar os apóstolos. Paulo, porém, declarou: "Açoitaram-nos publicamente e, sem sermos condenados, sendo homens romanos, nos lançaram na prisão, e agora encobertamente nos lançam fora? Não será assim; mas venham eles mesmos e tirem-nos para fora". Atos 16:37.

Os apóstolos eram cidadãos romanos, e era contra a lei açoitar um romano, ou privá-lo da liberdade, sem justo julgamento, salvo no caso do mais flagrante crime. Paulo e Silas haviam sido presos publicamente, e agora se recusavam a aceitar a liberdade secreta, sem as necessárias explicações da parte dos magistrados.

Quando esse fato foi levado ao conhecimento das autoridades, estas ficaram alarmadas, temendo que os apóstolos apelassem para o imperador; indo imediatamente à prisão, se desculparam diante de Paulo e Silas pela injustiça e crueldade a eles feita, e pessoalmente conduziram-nos para fora da prisão, suplicando-lhes que partissem da cidade. Os magistrados temeram a influência dos apóstolos sobre o povo, e temeram também o Poder que se interpusera em benefício desses homens inocentes.

Agindo segundo as instruções dadas por Cristo, os apóstolos não insistiram em permanecer onde sua presença não era desejada. "E, saindo da prisão, entraram em casa de Lídia, e, vendo os irmãos, os confortaram, e depois partiram". Atos 16:40. [122]

Os apóstolos não consideraram infrutíferas suas atividades em Filipos. Haviam encontrado muita oposição e perseguição; mas a intervenção da Providência em seu favor, e a conversão do carcereiro

e de sua casa, foram mais que suficientes para cobrir a desventura e o sofrimento que haviam suportado. As novas de sua injusta prisão e milagroso libertamento tornaram-se conhecidas em toda a região, e isso levou a obra dos apóstolos ao conhecimento de um grande número que de outra maneira não teriam sido alcançados.

As atividades de Paulo em Filipos deram em resultado ser aí estabelecida uma igreja, cujo número de membros aumentava firmemente. Seu zelo e devoção, e acima de tudo, sua disposição de sofrer por Cristo exerciam profunda e perdurável influência sobre os conversos. Os irmãos apreciavam as preciosas verdades por que os apóstolos se haviam sacrificado tanto, e davam-se com devoção e inteiro coração à causa de seu Redentor.

Que essa igreja não escapou à perseguição é mostrado por uma expressão da carta de Paulo a eles. Diz Paulo: "Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nEle, como também padecer por Ele. Tendo o mesmo combate que já em mim tendes visto" E era tal a firmeza deles na fé que ele declara: "Dou graças ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós, fazendo sempre com alegria oração por vós em todas as minhas súplicas, pela vossa cooperação no evangelho desde o primeiro dia até agora". Filipenses 1:29, 30, 3-5.

Terrível é a luta que se trava entre as forças do bem e do mal em centros importantes onde os mensageiros da verdade são chamados ao trabalho. "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue", declara Paulo, "mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século". Efésios 6:12. Até o fim do tempo haverá conflito entre a igreja de Deus e os que estão sob o controle dos anjos maus.

Os cristãos primitivos foram chamados muitas vezes a enfrentar face a face os poderes das trevas. Mediante a perseguição e o engano, o inimigo se esforçava por fazê-los desviarem-se da verdadeira fé. Neste tempo, quando o fim de todas as coisas terrestres está-se aproximando rapidamente, Satanás faz desesperados esforços para enredar o mundo. Está arquitetando muitos planos para ocupar as mentes e distrair a atenção das verdades essenciais à salvação. Em cada cidade seus agentes estão ativamente organizando em partidos todos os que se opõem à lei de Deus. O arquienganador está em atividade para introduzir elementos de confusão e rebelião, e os

homens estão sendo possuídos de ardente zelo que não está de acordo com o entendimento.

A impiedade está alcançando um nível nunca antes atingido; contudo, muitos pastores estão clamando: "Paz e segurança". 1 Timóteo 5:3. Mas os fiéis mensageiros de Deus devem prosseguir firmemente com sua obra. Revestidos com a armadura do Céu, devem avançar destemida e vitoriosamente, jamais cessando de lutar até que cada pessoa a seu alcance tenha recebido a mensagem da verdade para este tempo.

[123]

Capítulo 22 — Tessalônica

Este capítulo é baseado em Atos 17:1-10.

Deixando Filipos, Paulo e Silas viajaram para Tessalônica. Aí lhes foi dado o privilégio de se dirigirem a grandes congregações na sinagoga judaica. Sua aparência deixava à mostra o vergonhoso tratamento que haviam recebido recentemente, e era necessário dar uma explicação do que acontecera. Isso fizeram eles sem se exaltar, mas exaltando Àquele que operara seu livramento.

Ao pregar aos tessalonicenses, Paulo recorreu às profecias do Antigo Testamento concernentes ao Messias. Cristo, em Seu ministério, tornara claras aos Seus discípulos estas profecias; "começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dEle se achava em todas as Escrituras". Lucas 24:27. Pedro, ao pregar a Cristo, tinha apresentado provas do Antigo Testamento. Estêvão procedeu de modo idêntico. Também Paulo, em seu ministério, recorreu às passagens que prediziam o nascimento, sofrimentos, morte, ressurreição e ascensão de Cristo. Pelo inspirado testemunho de Moisés e dos profetas, provou cabalmente que Jesus de Nazaré era o Messias, e demonstrou que, desde os dias de Adão, foi a voz de Cristo que falara por intermédio dos patriarcas e profetas.

Profecias claras e específicas haviam sido feitas relativamente ao aparecimento do Prometido. A Adão fora dada a certeza da vinda do Redentor. A sentença proferida contra Satanás: "E porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua semente e a sua semente; essa te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar", foi para nossos primeiros pais uma promessa da redenção que seria efetuada por meio de Cristo. Gênesis 3:15.

A Abraão fora feita a promessa que de sua linhagem haveria de nascer o Salvador do mundo. "E em tua semente serão benditas todas as nações da Terra". Gênesis 22:18. "Não diz: E às posteridades, como falando de muitas, mas como de uma só: e à tua posteridade, que é Cristo". Gálatas 3:16.

Próximo ao fim de sua obra como líder e mestre de Israel, Moisés claramente profetizou do Messias por vir. "O Senhor teu Deus", declarou ele às hostes congregadas de Israel, "te despertará um Profeta do meio de Ti, de teus irmãos, como eu; a Ele ouvireis" E Moisés assegurou aos israelitas que Deus mesmo lhe havia revelado isto no Monte Horebe, dizendo: "Eis lhes suscitarei um Profeta do meio de seus irmãos, como tu; e porei as Minhas palavras na Sua boca, e Ele lhes falará tudo o que Eu Lhe ordenar". Deuteronômio [124] 18:15, 18.

O Messias devia provir de linhagem real; pois na profecia feita por Jacó o Senhor disse: "O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador dentre seus pés, até que venha Siló; e a Ele se congregarão os povos". Gênesis 49:10.

Isaías profetizou: "Porque brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará". Isaías 11:1. "Inclinai os vossos ouvidos, e vinde a Mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei um concerto perpétuo, dando-vos as firmes beneficências de Davi. Eis que Eu O dei como testemunha aos povos, como príncipe e governador dos povos. Eis que chamarás a uma nação que não conheces, e uma nação que nunca te conheceu correrá para ti, por amor do Senhor teu Deus, e do Santo de Israel; porque Ele te glorificou". Isaías 55:3-5.

Jeremias também testificou da vinda do Redentor como um príncipe da casa de Davi: "Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, sendo Rei, reinará, e prosperará, e praticará o juízo e a justiça na Terra. Nos seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este será o Seu nome, com que O nomearão: O SENHOR JUSTIÇA NOSSA". Jeremias 23:5, 6. E outra vez: "Assim diz o Senhor: Nunca faltará a Davi varão que se assente sobre o trono da casa de Israel; nem aos sacerdotes levíticos faltará varão diante de Mim, para que ofereça holocausto, e queime ofertas de manjares, e faça sacrifício todos os dias". Jeremias 33:17, 18.

Mesmo o local do nascimento do Messias foi predito: "E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti Me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade". Miquéias 5:2.

A obra que o Salvador devia fazer na Terra fora amplamente esboçada: "E repousará sobre Ele o Espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de inteligência, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor. E deleitar-se-á no temor do Senhor". Isaías 11:2, 3. Aquele que assim fora ungido devia "pregar boas-novas aos mansos: [...] restaurar os contritos de coração, [...] proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; [...] apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança de nosso Deus; [...] consolar todos os tristes; [...] ordenar acerca dos tristes de Sião que se lhes dê ornamento por cinza, óleo de gozo por tristeza, vestido de louvor por espírito angustiado; a fim de que se chamem árvores de justiça, plantação do Senhor, para que Ele seja glorificado". Isaías 61:1-3.

"Eis aqui o Meu Servo, a quem sustenho; o Meu Eleito, em quem se compraz a Minha alma; pus o Meu Espírito sobre Ele; juízo produzirá entre os gentios. Não clamará, não Se exaltará, nem fará ouvir a Sua voz na praça. A cana trilhada não quebrará, nem apagará o pavio que fumega; em verdade produzirá o juízo; não faltará nem será quebrantado, até que ponha na Terra o juízo; e as ilhas aguardarão a Sua doutrina". Isaías 42:1-4. [125]

Com poder convincente, baseado nas Escrituras do Antigo Testamento, Paulo demonstrava "que convinha que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos". Atos 17:3. Não havia Miquéias profetizado: "Ferirão com a vara no queixo ao Juiz de Israel?" Miquéias 5:1. E não havia o Prometido profetizado de Si próprio por intermédio de Isaías: "As Minhas costas dou aos que Me ferem, e as Minhas faces aos que Me arrancam os cabelos; não escondo a Minha face dos que Me afrontam e Me cospem"? Isaías 50:6. Por intermédio do salmista, Cristo havia predito o tratamento que receberia dos homens: "Mas Eu sou [...] opróbrio dos homens e desprezado do povo. Todos os que Me vêem zombam de Mim, estendem os beiços e meneiam a cabeça, dizendo: Confiou no Senhor, que O livre; livre-O, pois nEle tem prazer" "Poderia contar todos os Meus ossos; eles vêem e Me contemplam. Repartem entre si os Meus vestidos, e lançam sortes sobre a Minha túnica". Salmos 22:6-8, 17, 18. "Tenho-Me tornado como um estranho para com Meus irmãos, e um desconhecido para com os filhos de Minha mãe. Pois o zelo da Tua casa Me devorou, e as afrontas dos que Te afrontam caíram sobre Mim" "Afrontas Me

quebrantaram o coração, e estou fraquíssimo. Esperei por alguém que tivesse compaixão, mas não houve nenhum; e por consoladores, mas não os achei”. Salmos 69:8, 9, 20.

Quão inconfundivelmente claras foram as profecias de Isaías, referentes aos sofrimentos e morte de Cristo! “Quem deu crédito a nossa pregação?” interroga o profeta, “e a quem se manifestou o braço do Senhor? Porque foi subindo como um renovo perante Ele, e como, raiz duma terra seca; não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para Ele, nenhuma beleza víamos, para que O desejássemos. Era desprezado, e o mais indigno entre os homens; homem de dores, e experimentado nos trabalhos; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e não fizemos dEle caso algum.

“Verdadeiramente Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre Si; e nós O reputamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas Ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados.

“Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniqüidade de nós todos. Ele foi oprimido, mas não abriu a Sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e, como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, Ele não abriu a Sua boca. Da opressão e do juízo foi tirado; e quem contará o tempo da Sua vida? porquanto foi cortado da Terra dos viventes; pela transgressão do Meu povo foi Ele atingido”. Isaías 53:1-8.

Até mesmo a maneira de Sua morte foi prefigurada. Como a serpente de bronze foi levantada no deserto, assim devia ser levantado o Redentor por vir, “para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. João 3:16. [126]

“E se alguém Lhe disser: Que feridas são essas nas Tuas mãos? Dirá Ele: São as feridas com que fui ferido em casa dos Meus amigos”. Zacarias 13:6.

“E puseram a Sua sepultura com os ímpios, e com o rico na Sua morte; porquanto nunca fez injustiça, nem houve engano na Sua boca. Todavia, ao Senhor agradou moê-Lo, fazendo-O enfermar”. Isaías 53:9, 10.

Mas Aquele que havia de sofrer a morte pelas mãos de homens vis, devia ressurgir como conquistador sobre o pecado e sobre a sepultura. Sob a inspiração do Todo-poderoso, o suave cantor de Israel havia testificado das glórias da manhã da ressurreição: "Alegra-se, pois, o meu coração, e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro. Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção". Salmos 16:9, 10.

Paulo mostrou quão intimamente havia Deus ligado o sacrifício expiatório com as profecias referentes Àquele que devia, como um cordeiro, ser "levado ao matadouro" O Messias daria Sua vida como "expiação do pecado" Olhando através dos séculos as cenas do sacrifício expiatório do Salvador, o profeta Isaías testificara que o Cordeiro de Deus "derramou a Sua alma na morte, e foi contado com os transgressores; mas Ele levou sobre Si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercede". Isaías 53:7, 10, 12.

O Salvador profetizado viria, não como um rei temporal, para livrar a nação judaica de opressores terrestres, mas como um homem entre homens, para viver uma vida de pobreza e humildade, e ser afinal desprezado, rejeitado e morto. O Salvador predito nas Escrituras do Antigo Testamento Se ofereceria como um sacrifício em favor da raça caída, cumprindo assim cada requisito da lei quebrantada. NEle, os tipos sacrificais encontrariam seu antítipo, e Sua morte na cruz emprestaria significado à inteira dispensação judaica.

Paulo falou aos judeus tessalonicenses a respeito de seu zelo anterior pela lei cerimonial, e de sua maravilhosa experiência às portas de Damasco. Antes de sua conversão, estivera ele confiando numa piedade hereditária e falsa esperança. Sua fé não estivera ancorada em Cristo; em lugar disso, estivera confiando em formalidades e cerimônias. Seu zelo pela lei estava dissociado da fé em Cristo, sendo vão. Enquanto blasonava de ser irrepreensível na prática das obras da lei, tinha recusado aceitar Aquele que tornara a lei valiosa.

Mas ao tempo de sua conversão, tudo havia sido mudado. Jesus de Nazaré, a quem Paulo perseguira na pessoa de Seus santos, aparecera diante dele como o prometido Messias. O perseguidor vira-O como o Filho de Deus, Aquele que viera à Terra em cumprimento das profecias, e em cuja vida se cumprira cada detalhe dos Sagrados Escritos.

Ao proclamar Paulo, com zelo santo, o evangelho na sinagoga de Tessalônica, um jato de luz se derramou sobre o verdadeiro significado dos ritos e cerimônias que se relacionavam com o serviço do tabernáculo. Conduziu ele a mente de seus ouvintes para além do cerimonial terrestre e do ministério de Cristo no santuário celestial, [127] até o tempo em que, tendo completado Seu trabalho de intercessão, Ele deverá voltar, com poder e grande glória, para estabelecer Seu reino na Terra. Paulo cria na segunda vinda de Cristo; apresentou as verdades concernentes a esse evento com tanta clareza e ênfase, que produziu na mente de muitos dos ouvintes uma impressão que nunca mais se apagou.

Por três sábados sucessivos, Paulo pregou aos tessalonicenses, debatendo com eles sobre as Escrituras referentes à vida, morte, ressurreição, obra intercessória e glória futura de Cristo, "o Cordeiro morto desde a fundação do mundo". Apocalipse 13:8. Ele exaltava a Cristo, de cujo ministério a compreensão exata é a chave que abre as Escrituras do Antigo Testamento, dando acesso a seus ricos tesouros.

Ao serem as verdades do evangelho assim proclamadas em Tessalônica com forte poder, foi atraída a atenção de grandes congregações. "E alguns deles creram, e ajuntaram-se com Paulo e Silas; e também uma grande multidão de gregos religiosos, e não poucas mulheres principais". Atos 17:4.

Como aconteceu nos lugares anteriormente trabalhados, também aí os apóstolos encontraram decidida oposição. "Mas os judeus desobedientes" foram "movidos de inveja" Esses judeus não estavam, então, nas boas graças do poder romano, porque não fazia muito tempo, haviam levantado uma insurreição em Roma. Eram olhados com desconfiança, e sua liberdade estava, até certo ponto, restringida. Agora, viam eles uma oportunidade para tirar vantagem das circunstâncias, para readquirirem o favor e, ao mesmo tempo, lançar a culpa sobre os apóstolos e conversos do cristianismo.

Isso procuraram executar, unindo-se com "alguns homens perversos dentre os vadios," por cujo intermédio "alvoroçaram a cidade, e, assaltando a casa de Jasom," na esperança de encontrar os apóstolos; mas não encontraram Paulo nem Silas. "Porém, não os achando", a turba, desatinada pelo desapontamento, trouxe "Jasom e alguns irmãos à presença dos magistrados da cidade, clamando: Estes que têm alvoroçado o mundo chegaram também aqui, os quais Jasom

recolheu. Todos estes procedem contra os decretos de César, dizendo que há outro rei, Jesus”. Atos 17:5-7.

Como Paulo e Silas não fossem encontrados, os magistrados prenderam os acusados crentes para manter a paz. Temendo mais violência, “logo os irmãos enviaram de noite Paulo e Silas a Beréia”. Atos 17:10.

Os que hoje ensinam verdades impopulares não se devem desanimar, se por vezes encontram, mesmo por parte dos que se dizem cristãos, recepção não mais favorável que a dispensada a Paulo e seus companheiros, por aqueles por quem trabalham. Os mensageiros da cruz devem armar-se de vigilância e oração, avançando com fé e ânimo, trabalhando sempre no nome de Jesus. Devem exaltar a Cristo como Mediador do homem no santuário celestial; como Aquele em quem se centralizam todos os sacrifícios da dispensação do Antigo Testamento, e por cujo sacrifício expiatório os transgressores da lei de Deus podem encontrar paz e perdão. [128]

Capítulo 23 — Beréia e Atenas

Este capítulo é baseado em Atos 17:11-34.

Em Beréia, Paulo encontrou judeus dispostos a pesquisar as verdades por ele ensinadas. A respeito deles declara o relatório de Lucas: "Estes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica, porque de bom grado receberam a Palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim. De sorte que creram muitos deles, e também mulheres gregas da classe nobre, e não poucos varões". Atos 17:11, 12.

A mente dos bereanos não se achava limitada pelo preconceito. Estavam dispostos a pesquisar a veracidade das doutrinas pregadas pelos apóstolos. Estudavam a Bíblia, não por curiosidade, mas para que pudessem aprender o que havia sido escrito a respeito do Messias prometido. Diariamente examinavam os relatos inspirados e, ao compararem texto com texto, anjos celestiais se colocavam ao lado deles, iluminando-lhes a mente e impressionando-lhes o coração.

Onde quer que as verdades do evangelho sejam proclamadas, os que honestamente desejam proceder com retidão serão levados a exame diligente das Escrituras. Se, nas cenas finais da história da Terra, aqueles a quem são proclamadas verdades decisivas seguissem o exemplo dos bereanos, examinando diariamente as Escrituras, e comparando com a Palavra de Deus as mensagens a eles levadas, haveria hoje em dia grande número de pessoas leais aos preceitos da lei de Deus, onde agora existem relativamente poucos. Mas, quando são apresentadas verdades bíblicas impopulares, muitos se recusam a pesquisá-las. Embora incapazes de refutar os claros ensinos da Escritura, manifestam extrema relutância em estudar as evidências oferecidas. Alguns presumem que mesmo sendo essas doutrinas verdades incontestes, pouco importa aceitarem ou não a nova luz; e apegam-se a fábulas agradáveis usadas pelo inimigo para desviar as pessoas. Assim são suas mentes cegadas pelo erro, e ficam separados do Céu.

Todos serão julgados de acordo com a luz que tem sido dada. O Senhor envia Seus embaixadores com a mensagem de salvação, e aos que a ouvem, Ele faz responsáveis pela maneira por que tratam as palavras de Seus servos. Os que sinceramente buscarem a verdade pesquisarão cuidadosamente, à luz da Palavra de Deus, as doutrinas a eles apresentadas.

Os judeus incrédulos de Tessalônica, cheios de ciúme e ódio contra os apóstolos, e não satisfeitos com havê-los expulsado de sua própria cidade, seguiram-nos até Beréia e levantaram contra [129] eles as paixões excitáveis da classe mais baixa. Temendo que seria exercida violência contra Paulo caso ele permanecesse ali, os irmãos o enviaram para Atenas, acompanhado de alguns novos conversos bereanos.

Assim, a perseguição seguiu os pregadores da verdade de cidade em cidade. Os inimigos de Cristo não puderam impedir o avanço do evangelho, mas conseguiram tornar a tarefa dos apóstolos extremamente difícil. Embora em face de oposição e conflito, Paulo prosseguia firmemente, determinado a executar o propósito de Deus a ele revelado na visão de Jerusalém: "Hei de enviar-te aos gentios de longe". Atos 22:21.

A inesperada partida de Paulo de Beréia privou-o da oportunidade por ele acariciada de visitar os irmãos de Tessalônica.

Chegando a Atenas, o apóstolo enviou de retorno os irmãos bereanos com a mensagem para que Silas e Timóteo fossem reunir-se a ele imediatamente. Timóteo tinha vindo a Beréia antes da partida de Paulo e, com Silas, tinha permanecido para prosseguir com a obra tão bem começada nesse lugar e instruir os novos conversos nos princípios da fé.

A cidade de Atenas era a metrópole do paganismo. Aí Paulo não se encontrou com uma população crédula e ignorante, como em Listra, mas com um povo famoso por sua inteligência e cultura. Em todos os lugares estavam à vista estátuas de seus deuses e de heróis divinizados da História e da Poesia, enquanto magnificentes arquiteturas e pinturas representavam a glória nacional e o culto popular de deidades pagãs. O senso do povo estava empolgado com o esplendor e a beleza da arte. De todos os lados santuários, altares e templos representando enorme despesa, exibiam suas formas maciças. Vitórias das armas e feitos de homens célebres eram comemorados

pela escultura, relicários e placas. Tudo isso fez de Atenas uma vasta galeria de arte.

Olhando Paulo a beleza e a grandeza que o rodeavam, e vendo a cidade toda entregue à idolatria, seu espírito se encheu de zelo por Deus, a quem via desonrado por todos os lados. Seu coração se comoveu de piedade pelo povo de Atenas, que, apesar de sua cultura intelectual, era ignorante do verdadeiro Deus.

O apóstolo não se deixou seduzir pelo que viu nesse centro de cultura. Sua natureza espiritual estava tão atenta às atrações das coisas celestiais, que a alegria e magnificência das riquezas que nunca perecerão tornavam de nenhum valor aos seus olhos a pompa e o esplendor daquilo que o circundava. Vendo a magnificência de Atenas, ele compreendeu seu poder sedutor sobre os amantes da Arte e da Ciência, e seu espírito ficou profundamente impressionado com a importância da obra que tinha diante de si.

Nessa grande cidade onde Deus não era adorado, Paulo foi oprimido por um sentimento de solidão, e anelou a simpatia e o auxílio de seus colaboradores. No que respeita à amizade humana, sentia-se [130] inteiramente só. Em sua epístola aos tessalonicenses, ele exprimiu seus sentimentos nas palavras: "Deixar-nos ficar sós em Atenas". 1 Tessalonicenses 3:1. Obstáculos aparentemente intransponíveis se apresentaram diante dele, fazendo com que se lhe afigurasse quase sem esperança a tentativa de alcançar o coração do povo.

Enquanto esperava por Silas e Timóteo, Paulo não ficou ocioso. "Dissertava na sinagoga entre os judeus e os piedosos; também na praça, todos os dias, entre os que se encontravam ali". Atos 17:17. Mas a sua principal obra em Atenas era levar as boas-novas de salvação aos que não tinham clara concepção de Deus e de Seu propósito em favor da raça caída. O apóstolo logo havia de enfrentar o paganismo em sua forma mais sutil e sedutora.

Não demorou que os grandes homens de Atenas ouvissem a respeito da presença de mestre tão singular em sua cidade, que estava apresentando perante o povo doutrinas novas e estranhas. Alguns desses homens procuraram Paulo e entraram em conversação com ele. Logo, uma multidão de ouvintes se lhes reuniu em torno. Alguns estavam preparados para ridicularizar o apóstolo como alguém que estivesse muito abaixo deles, tanto intelectual como socialmente, e esses diziam zombeteiros: "Que quer dizer este paroleiro?" Outros,

"porque lhes anunciava a Jesus e a ressurreição", diziam: "parece que é pregador de deuses estranhos". Atos 17:18.

Entre os que se encontraram com Paulo na praça havia "alguns dos filósofos epicureus e estóicos"; mas esses, e todos os demais que entraram em contato com ele, logo viram que ele tinha um conhecimento superior mesmo ao deles. Sua capacidade intelectual impunha respeito aos letrados, ao passo que seu fervoroso e lógico raciocínio e seu poder de oratória captavam a atenção de todo o auditório. Seus ouvintes reconheciam que ele não era nenhum aprendiz, mas era capaz de enfrentar todas as classes com argumentos convincentes em favor das doutrinas que ensinava. Assim, o apóstolo permaneceu invicto, enfrentando seus opositores no próprio terreno deles, contrapondo lógica a lógica, filosofia a filosofia, eloqüência a eloqüência.

Seus oponentes pagãos chamavam-lhe a atenção para o fim de Sócrates, que, por ser pregador de deuses estranhos, tinha sido condenado à morte; e aconselhavam Paulo a não pôr sua vida em perigo enveredando pelo mesmo caminho. Mas os discursos do apóstolo cativavam a atenção do povo, e sua sabedoria sem afetação impunha-lhes admiração e respeito. Ele não foi posto em silêncio pela Ciência nem pela ironia dos filósofos; e convencendo-se de que ele estava disposto a concluir sua missão entre eles, e, apesar dos riscos, a contar sua história, decidiram ouvi-lo com boa disposição.

Portanto, conduziram-no ao Areópago. Esse era um dos locais mais sagrados de Atenas, e suas evocações e reminiscências eram tais que o faziam ser considerado com uma supersticiosa reverência que, na mente de alguns, chegava ao terror. Era nesse local que os [131] assuntos relacionados com a religião eram muitas vezes considerados cuidadosamente por homens que atuavam como juízes finais em todas as questões mais importantes, tanto morais como civis.

Ali, afastado do ruído e agitação das ruas apinhadas e do tumulto da discussão promíscua, o apóstolo podia ser ouvido sem interrupção. Ao seu redor reuniram-se poetas, artistas, e filósofos — intelectuais e sábios de Atenas, que a ele assim se dirigiram: "Poderemos nós saber que nova doutrina é essa de que falas? Pois coisas estranhas nos trazes aos ouvidos; queremos pois saber o que vem a ser isto". Atos 17:19, 20.

Nessa hora de solene responsabilidade, o apóstolo estava calmo e confiante. Tinha o coração possuído de importante mensagem, e as palavras que lhe caíram dos lábios, convenceram seus ouvintes de que ele não era nenhum paroleiro. "Varões atenienses", disse ele, "em tudo vos vejo um tanto supersticiosos; porque, passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Esse pois que vós honrais, não O conhecendo, é o que eu vos anuncio". Atos 17:22, 23. Com toda a sua inteligência e conhecimento generalizado, eram eles ignorantes do Deus que criara o Universo. Alguns, todavia, que ali estavam, almejavam maior luz. Estavam procurando alcançar o infinito.

Com a mão estendida em direção ao templo apinhado de ídolos, Paulo esvaziou seu coração e expôs os erros da religião dos atenienses. Os mais sábios entre seus ouvintes ficaram admirados ao atentarem para a sua argumentação. Ele mostrou estar familiarizado com suas obras de arte, literatura e religião. Apontando para o estatuário e ídolos deles, declarou que Deus não pode ser assemelhado a formas de imaginação humana. Aquelas imagens esculpidas não podiam, mesmo da maneira mais pálida, representar a glória de Jeová. Fê-los pensar no fato de que aquelas imagens não tinham vida, mas eram controladas pelo poder humano, movendo-se apenas quando as mãos dos homens as moviam; de maneira que os adoradores eram, em tudo, superiores ao objeto adorado.

Paulo levou a mente de seus ouvintes idólatras para além dos limites de sua falsa religião, a uma visão correta da Divindade a que eles denominaram "Deus desconhecido" Este Ser que ele agora lhes anunciava, era independente do homem, nada necessitando das mãos humanas que Lhe viesse acrescentar poder e glória.

O povo foi tomado de admiração pela fervorosa e lógica apresentação feita por Paulo dos atributos do verdadeiro Deus — Seu poder criador e a existência de Sua soberana providência. Com ardente e poderosa eloqüência, o apóstolo declarou: "O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, sendo Senhor do Céu e da Terra, não habita em templos feitos por mãos de homens; nem tão pouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois Ele mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração, e todas as coisas". [132]

Atos 17:24, 25. Os Céus não eram suficientemente grandes para conter Deus, quanto mais os templos feitos por mãos humanas.

Nesse século de tantas diferenças sociais, quando os direitos dos homens não eram muitas vezes reconhecidos, Paulo expôs a grande verdade da fraternidade humana, declarando que Deus "de um só fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da Terra" À vista de Deus, todos são iguais; e cada ser humano deve ao Criador suprema obediência. Então, o apóstolo mostrou como, mediante todo o trato de Deus com o homem, Seu propósito de graça e misericórdia corre como um fio de ouro. Ele tem determinado "os tempos já antes ordenados, e os limites da sua habitação; para que buscassem ao Senhor, se porventura, tateando, O pudessem achar; ainda que não está longe de cada um de nós". Atos 17:26, 27.

Apontando os nobres espécimes da humanidade em torno de si, com palavras tomadas de um de seus poetas, Paulo pintou o infinito Deus como um Pai, de quem eram filhos. "NEle vivemos, e nos movemos, e existimos", declarou ele, "como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também Sua geração. Sendo nós pois geração de Deus, não havemos de cuidar que a Divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens.

"Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam". Atos 17:28-30. Nos séculos de trevas que precederam o advento de Cristo, o divino Soberano passou por alto a idolatria dos gentios; mas agora, por intermédio de Seu Filho, enviara Ele aos homens a luz da verdade; e esperava de todos o arrependimento para a salvação, não somente do pobre e humilde, mas também do altivo filósofo e dos príncipes da Terra. "Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do Varão que destinou; e disto deu certeza a todos, ressuscitando-O dos mortos" Como Paulo se referisse à ressurreição dos mortos, "uns escarneciam, e outros diziam: Acerca disso te ouviremos outra vez". Atos 17:31, 32.

Terminou assim o trabalho do apóstolo em Atenas, o centro da cultura pagã; pois os atenienses, apegando-se persistentemente a sua idolatria, viraram as costas à luz da verdadeira religião. Quando um povo está inteiramente satisfeito com suas próprias realizações, pouco mais se pode esperar dele. Conquanto presumindo-se de

refinamento e instrução, os atenienses estavam se tornando constantemente mais corruptos, e mais satisfeitos com os vagos mistérios da idolatria.

Entre os que ouviram as palavras de Paulo estavam alguns a cuja mente as verdades apresentadas levaram a convicção; mas eles não se quiseram humilhar para conhecer a Deus e aceitar o [133] plano da salvação. Nenhuma eloqüência de palavras, nem força de argumentos pode converter o pecador. Somente o poder de Deus pode imprimir a verdade no coração. Aquele que persistentemente se desvia desse poder, não pode ser alcançado. Os gregos buscavam a sabedoria, e a mensagem da cruz era para eles loucura, porquanto valorizavam sua própria sabedoria mais que a sabedoria que vem do alto.

Em sua sabedoria humana e orgulho intelectual se encontra a razão por que a mensagem do evangelho teve comparativamente pouco êxito entre os atenienses. Os sábios segundo o mundo, que forem a Cristo como pobres e perdidos pecadores, tornar-se-ão sábios para a salvação; mas os que a Ele forem como pessoas de importância, gabando-se de sua própria sabedoria, deixarão de receber a luz e o conhecimento que só Ele pode dar.

Assim enfrentou Paulo o paganismo de seus dias. Seus esforços em Atenas não foram inteiramente em vão. Dionísio, um dos mais preeminentes cidadãos, e alguns outros, aceitaram a mensagem do evangelho e uniram-se completamente aos crentes.

Para que se visse como Deus, por intermédio de Seu servo, repreendeu a idolatria e os pecados de um povo orgulhoso e presumido, a inspiração nos deu este apanhado da vida dos atenienses que, com todo o seu conhecimento, refinamento e arte, estavam, não obstante, chafurdados no vício. As palavras do apóstolo, e a descrição de sua atitude e circunstâncias, tais como as traçou a inspiração, deviam atingir todas as gerações futuras, dando testemunho de sua inamovível confiança, sua coragem na adversidade, e a vitória por ele obtida para o cristianismo no coração do paganismo.

As palavras de Paulo contêm um tesouro de conhecimento para a igreja. Estava ele numa posição em que facilmente poderia ter dito qualquer coisa que teria irritado seus orgulhosos ouvintes, colocando-se em dificuldade. Tivesse seu sermão sido um ataque direto aos deuses e aos grandes homens da cidade, e ele teria corrido

o perigo de sofrer a sorte de Sócrates. Mas, com o tato nascido do divino amor, cuidadosamente ele afastou-lhes a mente de suas divindades pagãs, revelando-lhes o verdadeiro Deus, para eles desconhecido.

Hoje, as verdades das Escrituras devem ser levadas perante os grandes homens do mundo, para que possam escolher entre a obediência à lei de Deus e a aliança com o príncipe do mal. Deus põe perante eles a verdade eterna — verdade que os fará sábios para a salvação — mas não os força a aceitá-la. Se Lhe voltam as costas, Ele os deixa entregues a si mesmos para que se fartem com os frutos de suas próprias ações.

"Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus. Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; e Deus escolheu as coisas vis deste mundo, [134] e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são". 1 Coríntios 1:18, 19, 27, 28. Muitos dos mais eminentes homens do mundo, doutos e estadistas, nestes últimos dias volver-se-ão da luz porque o mundo por sua própria sabedoria desconhece a Deus. Entretanto, os servos de Deus deverão aproveitar cada oportunidade para comunicar a verdade a esses homens. Alguns reconhecerão sua ignorância em relação às coisas de Deus e assentar-se-ão como humildes discípulos aos pés de Jesus, o Mestre por excelência.

Em cada esforço para alcançar as mais altas classes, o obreiro de Deus necessita de forte fé. As aparências podem parecer desoladoras, mas na hora mais escura, há luz do alto. A força dos que amam a Deus e a Ele servem será renovada cada dia. A mente do infinito está posta a seu serviço para que ao executarem Seu propósito não cometam erro. Mantenham esses obreiros firme até o fim, o princípio de sua confiança, lembrando-se de que a luz da verdade de Deus deve brilhar em meio às trevas que envolvem nosso mundo. Não deve haver nenhum desalento em relação com o trabalho de Deus. A fé do consagrado obreiro tem de resistir a cada prova que o alcance. Deus pode e está disposto a outorgar a Seus servos toda a fortaleza de que precisem e a dar-lhes a sabedoria que suas variadas necessidades

imponham. Ele fará mais que cumprir as mais altas expectativas dos [135] que nEle põem sua confiança.

Capítulo 24 — Corinto

Este capítulo é baseado em Atos 18:1-18.

Durante o primeiro século da era cristã, Corinto foi uma das principais cidades, não somente da Grécia, mas do mundo. Gregos, judeus e romanos, juntamente com viajantes de todas as terras, apinhavam-se nas suas ruas, intensamente entregues às atividades e aos prazeres. Grande centro comercial, situado com fácil acesso a todas as partes do império romano, era um importante lugar para o estabelecimento de monumentos para Deus e Sua verdade.

Entre os judeus que haviam fixado residência em Corinto, achavam-se Áquila e Priscila, que se distinguiram posteriormente como zelosos obreiros de Cristo. Vindo a conhecer o caráter dessas pessoas, Paulo "ficou com eles"

Logo no princípio de seu trabalho nesse ponto de sua viagem, Paulo viu de todos os lados sérios obstáculos ao progresso de sua obra. A cidade estava quase inteiramente entregue à idolatria. Vênus era a divindade favorita e, com a adoração de Vênus estavam relacionados muitos ritos e cerimônias degradantes. Os coríntios tinham-se tornado notáveis, mesmo entre os pagãos, por sua grosseira imoralidade. Parecia que sua preocupação ou cuidado não ia além dos prazeres e passatempos do momento.

Em sua pregação do evangelho em Corinto, o apóstolo seguiu um sistema diferente do que assinalara seu trabalho em Atenas. Neste lugar procurara ele adaptar seu estilo ao caráter de seu auditório; à lógica opusera lógica, respondera à ciência com ciência, à filosofia com filosofia. Considerando o tempo assim gasto, e concluindo que seu ensino em Atenas fora pouco produtivo, decidiu seguir outro plano de trabalho em Corinto, nos seus esforços para atrair a atenção dos descuidados e indiferentes. Decidiu evitar discussões e argumentos elaborados e nada se propor saber entre os coríntios, "senão a Jesus Cristo, e Este crucificado" Estava disposto a pregar-

lhes, não com “palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder”. 1 Coríntios 2:2, 4.

Jesus, a quem Paulo estava prestes a apresentar perante os gregos em Corinto como o Cristo, era um judeu de origem humilde, criado em uma cidade proverbial por sua perversidade. Havia sido rejeitado por Sua própria nação, sendo afinal crucificado como malfeitor. Os gregos criam na necessidade do reerguimento da raça humana, mas consideravam o estudo da filosofia e da ciência como o único meio [136] de atingir a verdadeira elevação e honra. Poderia Paulo levá-los a crer que a fé no poder desse obscuro Judeu elevaria e enobreceria cada faculdade do ser?

Para o entendimento de multidões que vivem no presente, a cruz do Calvário está cercada de sagradas recordações. Santas associações estão relacionadas com as cenas da crucifixão. Mas nos dias de Paulo, a cruz era olhada com sentimentos de repulsa e horror. Exaltar como o Salvador da humanidade Aquele que havia encontrado a morte sobre a cruz poderia, naturalmente, despertar o ridículo e a oposição.

Paulo bem sabia como sua mensagem seria considerada tanto pelos judeus como pelos gregos de Corinto. “Nós pregamos a Cristo crucificado”, admitiu ele, “que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos”. 1 Coríntios 1:23. Entre seus ouvintes judeus havia muitos que ficariam irados com a mensagem que ele estava para proclamar. Na avaliação dos gregos, suas palavras seriam absurda loucura. Ele seria considerado como um débil mental ao tentar mostrar como a cruz poderia ter alguma relação com o reerguimento da raça ou a salvação da humanidade.

Mas para Paulo, a cruz era o único objeto de supremo interesse. Desde que fora detido em sua carreira de perseguição contra os seguidores do crucificado Nazareno, jamais cessara de se gloriar na cruz. Nesse tempo, fora-lhe dada uma revelação do infinito amor de Deus, como revelado na morte de Cristo; e maravilhosa transformação tinha-se operado em sua vida, pondo em harmonia com o Céu todos os seus planos e propósitos. Desde esse momento tornara-se um novo homem em Cristo. Ele sabia por experiência pessoal que quando um pecador uma vez contempla o amor do Pai, como se vê no sacrifício de Seu Filho, e se rende à divina influência, tem lugar uma mudança de coração e, desde então, Cristo é tudo em todos.

Por ocasião de sua conversão, Paulo foi inspirado com o incontido desejo de ajudar seus semelhantes a contemplar a Jesus de Nazaré como o Filho do Deus vivo, poderoso para transformar e para salvar. Desde então, sua vida fora inteiramente dedicada ao esforço para retratar o amor e o poder do Crucificado. Seu grande coração de simpatia abrangeu todas as classes. "Eu sou devedor", declarou, "tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes". Romanos 1:14. O amor para com o Senhor da glória, a quem tão implacavelmente perseguira na pessoa de Seus santos, era o princípio que atuava em sua conduta, o motivo que o impelia. Se acontecia afrouxar o seu amor no caminho do dever, um olhar à cruz e ao amor admirável ali revelado, era suficiente para fazê-lo cingir os lombos de seu entendimento e impeli-lo na senda da renúncia de si mesmo.

Eis o apóstolo pregando na sinagoga de Corinto, argumentando com os escritos de Moisés e dos profetas, e levando seus ouvintes até ao advento do prometido Messias! Consideremos como ele tornou clara a obra do Redentor como o grande Sumo Sacerdote da humanidade — Aquele que, mediante o sacrifício da Sua própria vida, fez expiação pelo pecado de uma vez por todas e assumiu Seu [137] ministério no santuário celestial. Os ouvintes de Paulo foram levados a compreender que o Messias, por cujo advento haviam eles estado a suspirar, tinha já vindo; que Sua morte fora o antítipo de todas as ofertas sacrificais, e que Seu ministério no santuário do Céu era o grande objeto que projetava sua sombra para o passado, e tornava claro o ministério do sacerdócio judaico.

Paulo testificou aos judeus que Jesus era o Cristo. Baseando-se nas escrituras do Antigo Testamento, mostrou que, de acordo com as profecias e com a universal expectativa dos judeus, o Messias seria da linhagem de Abraão e de Davi; então, traçou a descendência de Jesus do patriarca Abraão ao salmista real. Leu o testemunho dos profetas referentes ao caráter e obra do prometido Messias, e a maneira como seria recebido e tratado na Terra; mostrou, então, que todas essas predições tinham sido cumpridas na vida, ministério e morte de Jesus de Nazaré.

Paulo mostrou que Cristo tinha vindo para oferecer salvação antes de tudo à nação que aguardava a vinda do Messias como a consumação e glória de sua existência nacional. Mas essa nação

havia rejeitado Aquele que lhes teria dado vida, e tinha escolhido outro líder cujo reino terminaria em morte. Ele procurou impressionar seus ouvintes com o fato de que somente o arrependimento poderia salvar a nação judaica da ruína impendente. Revelou-lhes a ignorância do significado dessas passagens de que principalmente se orgulhavam e se gloriavam de entender profundamente. Recriminou-lhes o mundanismo, o amor a posições, títulos e ostentação, e seu anormal egoísmo.

No poder do Espírito, Paulo relatou a história de sua própria miraculosa conversão, e de sua confiança nas Escrituras do Antigo Testamento, que tão completamente se haviam cumprido em Jesus de Nazaré. Suas palavras foram faladas com solene fervor, e seus ouvintes não podiam deixar de compreender que ele amava com todo o coração o Salvador crucificado e ressurgido. Viam que sua mente estava centralizada em Cristo, que toda a sua vida estava unida a seu Senhor. Tão impressivas foram suas palavras, que somente os que estavam cheios do mais amargo ódio contra a religião cristã não se deixaram mover por elas.

Mas os judeus de Corinto fecharam os olhos às provas tão claramente apresentadas pelo apóstolo, e recusaram atender seus apelos. O mesmo espírito que os havia levado a rejeitar a Cristo, encheu-os de ira e fúria contra Seu servo. Não o houvesse Deus especialmente protegido, para que ele pudesse continuar levando a mensagem do evangelho aos gentios, e teriam posto fim a sua vida.

“Mas resistindo e blasfemando eles, sacudiu os vestidos, e disse-lhes: O vosso sangue seja sobre a vossa cabeça; eu estou limpo, e desde agora parto para os gentios. E, saindo dali, entrou em casa de um homem chamado Tito Justo, que servia a Deus, e cuja casa [138] estava junto da sinagoga”. Atos 18:7.

Silas e Timóteo “desceram da Macedônia”, para ajudar Paulo, e juntos trabalharam pelos gentios. Aos pagãos, bem como aos judeus, Paulo e seus companheiros pregaram a Cristo como o Salvador da raça caída. Evitando o arrazoado complicado e sutil, os mensageiros da cruz demoraram-se nos atributos do Criador do mundo, o supremo Governador do Universo. Coração inflamado com o amor de Deus e de Seu Filho, eles apelavam aos pagãos para contemplarem o infinito sacrifício feito em favor do homem. Sabiam que, se os que tinham por tanto tempo estado a tatear nas trevas do paganismo pudessem

apenas ver a luz a jorrar da cruz do Calvário, seriam atraídos para o Redentor. “E Eu, quando for levantado da terra”, declarou o Salvador, “todos atrairei a Mim”. João 12:32.

Os obreiros do evangelho em Corinto reconheceram os terríveis perigos que ameaçavam aqueles por quem estavam trabalhando; e foi com o senso de responsabilidade que sobre eles repousava que apresentaram a verdade como é em Jesus. Límpida, clara e decidida foi sua mensagem — um cheiro de vida para vida ou de morte para morte. E não apenas em suas palavras, mas em sua vida diária, era o evangelho revelado. Anjos cooperavam com eles, e a graça e poder de Deus eram vistos na conversão de muitos. “E Crispo, principal da sinagoga, creu no Senhor com toda a sua casa; e muitos dos coríntios, ouvindo-o, creram, e foram batizados”. Atos 18:8.

O ódio com que os judeus haviam sempre olhado os apóstolos foi, então, intensificado. A conversão e o batismo de Crispo tiveram o efeito de exasperar em vez de convencer esses obstinados oponentes. Não podiam apresentar argumentos que refutassem a pregação de Paulo; e, à falta de tais provas, recorreram ao engano e maldosos ataques. Blasfemaram do evangelho e do nome de Jesus. Em seu cego ódio, palavra nenhuma era bastante feia, nenhum ardil demasiadamente vil para não ser por eles usados. Não podiam negar que Cristo havia operado milagres, mas declaravam que Ele os realizara pelo poder de Satanás; e ousadamente afirmavam que as maravilhosas obras feitas por Paulo, o eram por intermédio do mesmo instrumento.

Embora Paulo tivesse tido certa medida de êxito em Corinto, a impiedade que viu e ouviu naquela corrupta cidade quase o desanimou. A depravação que testemunhou entre os gentios, e o desdém e insultos recebidos dos judeus, produziram-lhe grande angústia de espírito. Duvidou da sabedoria de procurar estabelecer uma igreja com o material que ali se encontrava.

Como estivesse planejando deixar a cidade para ir a um campo mais promissor, e buscasse fervorosamente compreender o seu dever, o Senhor lhe apareceu em visão e disse: “Não temas, mas fala, e não te cales; porque Eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade”. Atos 18:9, 10. Paulo compreendeu ser essa uma ordem para permanecer em Corinto e uma garantia de que o Senhor faria germinar a semente

lançada. Fortalecido e animado, continuou a trabalhar ali, com zelo [139] e perseverança.

Os esforços do apóstolo não estavam restringidos à pregação pública; muitos havia que não poderiam ser alcançados dessa maneira. Ele gastou muito tempo no trabalho de casa em casa, prevalecendo-se assim das relações familiares do círculo doméstico. Visitava os enfermos e tristes, confortava os aflitos, animava os oprimidos. Em tudo o que dizia e fazia engrandecia o nome de Jesus. Trabalhava assim "em fraqueza, e em temor, e em grande tremor". 1 Coríntios 2:3. Ele tremia ao pensamento de que seus ensinos pudessem revelar mais o humano que o divino.

"Falamos sabedoria entre os perfeitos", declarou Paulo depois, "não porém a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que se aniquilam; mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu, porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória. Mas, como está escrito: "As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que O amam". 1 Coríntios 2:9. Mas Deus no-las revelou pelo Seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. Por que, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus.

"Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus. As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais". 1 Coríntios 2:6-13.

Paulo reconheceu que sua suficiência não estava em si próprio, mas na presença do Espírito Santo, cuja benigna influência enchia-lhe o coração trazendo cada pensamento em sujeição a Cristo. Ele falava de si como "trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no [...] corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos". 2 Coríntios 4:10. Nos ensinos do apóstolo, Cristo era a figura central. "E vivo", declarou ele, "não mais eu,

mas Cristo vive em mim”. Gálatas 2:20. O eu fora apagado; Cristo foi revelado e exaltado.

Paulo era um orador eloqüente. Antes de sua conversão havia ele muitas vezes procurado impressionar seus ouvintes com rasgos de oratória. Mas agora, pusera tudo isso de lado. Em vez de se demorar em descrições poéticas e fantasiosas representações que poderiam lisonjear os sentidos e alimentar a imaginação, mas que não encontrariam eco na experiência diária, buscava ele, pelo uso de linguagem simples, convencer os corações com as verdades de importância vital. Representações fantasiosas da verdade podem provocar um êxtase dos sentidos, mas não raro, verdades apresentadas desta maneira não suprem o alimento necessário ao fortalecimento e robustecimento do crente para as batalhas da vida. As necessidades [140] imediatas, as provas presentes das pessoas em conflito, devem ser enfrentadas com instrução prática e sadia com base nos princípios fundamentais do cristianismo.

Os esforços de Paulo em Corinto não ficaram sem fruto. Muitos abandonaram a adoração dos ídolos para servirem ao Deus vivo, e uma grande igreja se alistou sob a bandeira de Cristo. Alguns foram salvos dentre os mais devassos gentios e tornaram-se monumentos da misericórdia de Deus e da eficácia do sangue de Cristo para limpar do pecado.

O crescente sucesso que teve Paulo em apresentar a Cristo despertou a mais determinada oposição da parte dos judeus incrédulos. Levantaram-se “concordemente contra Paulo, e o levaram ao tribunal” de Gálio, então procônsul da Acaia. Esperavam que as autoridades, como em ocasiões anteriores, se poriam ao lado deles; e vociferando irados, apresentaram sua acusação contra o apóstolo: “Este persuade os homens a servir a Deus contra a lei”. Atos 18:12, 13.

A religião judaica estava sob a proteção do poder romano; e os acusadores de Paulo pensavam que, se pudessem aplicar-lhe a pecha de violador das leis de sua religião, provavelmente ele lhes seria entregue para julgamento e sentença. Assim esperavam conseguir a sua morte. Mas Gálio era um homem de integridade e recusou tornar-se instrumento da inveja e da intriga dos judeus. Aborrecido com sua hipocrisia e justiça própria, não tomou conhecimento da acusação. Como Paulo se preparasse para falar em defesa própria,

Gálio lhe disse não ser necessário. Então, voltando-se para os irados acusadores, disse: "Se houvesse, ó judeus, algum agravo ou crime enorme, com razão vos sofreria, mas, se a questão é de palavras, e de nomes, e da lei que entre vós há, vede-o vós mesmos; porque eu não quero ser juiz dessas coisas. E expulsou-os do tribunal". Atos 18:14-16.

Tanto judeus como gregos haviam ansiosamente esperado pela decisão de Gálio; e sua imediata rejeição do caso, como sendo destituído de qualquer interesse público, foi o sinal de retirada dos judeus, mal-sucedidos e irados. A decidida atitude do procônsul abriu os olhos à vociferante multidão que estivera a incitar os judeus. Pela primeira vez durante os trabalhos de Paulo na Europa, a multidão tomou o seu partido. Diante das próprias vistas do procônsul, e sem interferência de sua parte, acometeram violentamente contra o mais preeminente dos acusadores do apóstolo. "Então todos agarraram Sóstenes principal da sinagoga, e o feriram diante do tribunal; e a Gálio nada destas coisas o incomodava". Atos 18:17. Assim obtivera o cristianismo assinalada vitória.

Paulo, depois disso, permaneceu "ainda ali muitos dias" Tivesse o apóstolo sido a esse tempo obrigado a deixar Corinto, e os conversos à fé de Jesus teriam sido colocados em perigosa posição. Os judeus ter-se-iam empenhado em aproveitar a vantagem obtida, até mesmo à exterminação do cristianismo naquela região. [141]

Capítulo 25 — As cartas aos tessalonicenses

Este capítulo é baseado nas Epístolas aos Tessalonicenses.

A chegada de Silas e Timóteo, vindos da Macedônia enquanto Paulo se encontrava em Corinto, alegrara muito o apóstolo. Trouxera-lhe "boas notícias" da "fé e caridade" dos que haviam aceitado a verdade durante a primeira visita dos mensageiros evangélicos a Tessalônica. O coração de Paulo se comoveu com a mais terna simpatia para com esses crentes que, em meio às provações e adversidades, se haviam mantido fiéis a Deus. Desejou muito visitá-los pessoalmente; como, porém, isso fosse impossível então, escreveu-lhes.

Nessa carta à igreja de Tessalônica, o apóstolo expressa sua gratidão a Deus pelas alegres novas do progresso por eles alcançado na fé. "Irmãos", escreveu, "ficamos consolados acerca de vós, em toda a nossa aflição e necessidade, pela vossa fé, porque agora vivemos, se estais firmes no Senhor. Porque, que ação de graças poderemos dar a Deus por vós, por todo o gozo com que nos regozijamos por vossa causa diante do nosso Deus, orando abundantemente dia e noite, para que possamos ver o vosso rosto, e supramos o que falta à vossa fé?

"Sempre damos graças a Deus por vós todos, fazendo menção de vós em nossas orações, lembrando-nos sem cessar da obra da vossa fé, do trabalho da caridade, e da paciência da esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, diante de nosso Deus e Pai". 1 Tessalonicenses 1:2, 3.

Muitos dos crentes de Tessalônica haviam-se convertido dos ídolos a Deus, "para servir ao Deus vivo e verdadeiro" Eles haviam recebido "a palavra em muita tribulação"; e seu coração estava cheio do "gozo do Espírito Santo" O apóstolo declarou que em sua fidelidade em seguir ao Senhor, haviam eles sido "exemplo para todos os fiéis na Macedônia e Acaia" Essas palavras de louvor não eram imerecidas; "porque por vós", escreveu ele, "soou a Palavra do Senhor, não somente na Macedônia e Acaia, mas também em todos

os lugares a vossa fé para com Deus se espalhou”. 1 Tessalonicenses 1:6-8.

Os crentes de Tessalônica eram verdadeiros missionários. Seu coração estava inflamado de zelo pelo seu Salvador, que os livrara do temor da “ira futura”. 1 Tessalonicenses 1:10. Mediante a graça de Cristo, uma transformação maravilhosa ocorrera na vida deles; e [142] a Palavra do Senhor, por eles pregada, era acompanhada de poder. Por intermédio das verdades apresentadas, corações foram ganhos e salvos acrescentados ao número dos crentes.

Nessa primeira epístola, Paulo se referiu a sua maneira de trabalhar entre os tessalonicenses. Declarou que não tinha procurado ganhar conversos mediante engano ou fraude. “Mas, como fomos aprovados de Deus para que o evangelho nos fosse confiado, assim falamos, não como para agradar aos homens, mas a Deus, que prova os nossos corações. Porque, como bem sabeis, nunca usamos de palavras lisonjeiras, nem houve um pretexto de avareza; Deus é testemunha; e não buscamos glória dos homens, nem de vós, nem de outros, ainda que podíamos, como apóstolos de Cristo, ser-vos pesados. Antes fomos brandos entre vós, como a ama que cria seus filhos. Assim nós, sendo-vos tão afeiçoados, de boa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o evangelho de Deus, mas ainda as nossas próprias almas; porquanto nos éreis muito queridos”. 1 Tessalonicenses 2:4-8.

“Vós e Deus sois testemunhas”, continuou o apóstolo, “de quão santa, e justa, e irrepreensivelmente nos houvemos para convosco, os que crestes. Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós, como o pai a seus filhos; para que vos conduzísseis dignamente para com Deus, que vos chama para o Seu reino e glória.

“Pelo que também damos sem cessar graças a Deus, pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade), como palavra de Deus, a qual também atua em vós, os que crestes”. 1 Tessalonicenses 2:10. “Qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória? Porventura não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em Sua vinda? Na verdade vós sois a nossa glória e gozo”. 1 Tessalonicenses 2:19, 20.

Em sua primeira epístola aos crentes de Tessalônica, Paulo procurou instruí-los sobre o verdadeiro estado dos mortos. Falou dos que morrem como estando dormindo — em estado de inconsciência: "Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com Ele. [...] Porque o mesmo Senhor descerá do Céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor". 1 Tessalonicenses 4:13-17.

Os tessalonicenses tinham-se apegado com avidez à idéia de que Cristo havia de vir para transformar os fiéis que estivessem vivos, levando-os com Ele. Haviam cuidadosamente guardado a vida de seus amigos, para que não morressem e perdessem assim a bênção que eles aguardavam, do encontro com o Salvador prestes a voltar. Porém, um após outro, foram seus amados separados deles. Com [143] angústia, os tessalonicenses tinham contemplado pela última vez o rosto de seus mortos, quase não ousando esperar encontrá-los na vida futura.

Ao ser a epístola de Paulo aberta e lida, grande alegria e consolação tomaram conta da igreja pelas palavras que revelavam o verdadeiro estado dos mortos. Paulo mostrava que os que estivessem vivos quando Cristo voltasse não iriam ao encontro do seu Senhor precedendo aos que tinham morrido em Jesus. A voz do Arcanjo e a trombeta de Deus alcançariam os que estivessem dormindo, e os mortos em Cristo ressuscitariam primeiro, antes que o toque de imortalidade fosse dado aos vivos. "Depois nós, os que ficarmos vivos seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras". 1 Tessalonicenses 4:17, 18.

A esperança e alegria que essa afirmação levou à jovem igreja de Tessalônica mal pode ser por nós apreciada. Eles creram na carta que lhes foi enviada por seu pai no evangelho, apreciaram-na e seu coração se comoveu de amor por Paulo. Ele lhes havia falado antes

dessas coisas; mas nesse tempo a mente deles tinha dificuldade em compreender doutrinas que pareciam novas e estranhas, e não é de surpreender que a força de alguns pontos não lhes tivesse ficado vividamente impressa na mente. Mas eles estavam famintos da verdade, e a epístola de Paulo deu-lhes nova esperança e alento, e mais firme fé em Cristo, e mais profunda afeição por Aquele que por intermédio de Sua morte tinha trazido à luz vida e imortalidade.

Agora, eles se regozijavam em saber que seus amigos crentes haveriam de ressuscitar da sepultura, a fim de viver para sempre no reino de Deus. As trevas que tinham envolvido o lugar de repouso dos mortos fora dispersada. Um novo esplendor coroava a fé cristã, e eles viram uma nova glória na vida, morte e ressurreição de Cristo.

"Aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com Ele", escreveu Paulo. Muitos dão a essa passagem a interpretação de que os que dormem serão trazidos com Cristo do Céu; mas Paulo queria dizer que, como Cristo ressuscitou dos mortos, assim Deus chamará de suas sepulturas os santos que dormem e os levará consigo para o Céu. Preciosa consolação! Gloriosa esperança! Não apenas para a igreja de Tessalônica, mas para todos os cristãos onde quer que estejam.

Enquanto trabalhava em Tessalônica, Paulo tratou tão amplamente do assunto dos sinais dos tempos, mostrando os acontecimentos que ocorreriam antes da revelação do Filho do homem nas nuvens do céu, que ele não julgava necessário escrever circunstanciadamente sobre esse assunto. Entretanto, especificamente se referiu ao que havia ensinado anteriormente: "Acerca dos tempos e das estações, não necessitais de que se vos escreva", disse ele. "Porque [144] vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; pois que, quando disserem: Há paz e segurança; então lhes sobrevirá repentina destruição". 1 Tessalonicenses 5:1-3.

Muitos há no mundo hoje que fecham os olhos às evidências dadas por Cristo para advertir os homens sobre Sua vinda. Buscam aquietar toda a apreensão, ao mesmo tempo em que os sinais do fim se cumprem rapidamente e o mundo se apressa em direção ao tempo em que o Filho do homem Se revelará nas nuvens do céu. Paulo ensina ser pecaminoso mostrar-se indiferente aos sinais que devem preceder à segunda vinda de Cristo. Aos culpados dessa negligência chama ele filhos da noite e das trevas. Ao vigilante e atento anima

ele com estas palavras: “Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão. Porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas. Não durmamos pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios”. 1 Tessalonicenses 5:4-6.

Especialmente importantes para a igreja em nosso tempo são os ensinamentos do apóstolo sobre esse ponto. Para os que vivem tão próximo da grande consumação, as palavras de Paulo devem ter eloqüente força: “Mas nós, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo-nos da couraça da fé e da caridade, e tendo por capacete a esperança da salvação. Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós, para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos juntamente com Ele”. 1 Tessalonicenses 5:8-10.

Cristão alerta é o cristão que trabalha, buscando zelosamente fazer tudo que está em suas forças para o avanço do evangelho. À proporção que aumenta o seu amor pelo Redentor, também aumenta por seus semelhantes. Como seu Mestre, experimenta ele severas provas, mas não permite que a aflição lhe irrite o temperamento ou destrua a paz de espírito. Sabe que as provações, se bem aceitas, o refinarão e purificarão, pondo-o em íntima comunhão com Cristo. Os que são participantes das aflições de Cristo também participarão de Sua consolação e, por fim, de Sua glória.

“E rogamo-vos irmãos”, continua Paulo em sua carta aos tessalonicenses, “que reconheçais os que trabalham entre vós e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam; e que os tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra. Tende paz entre vós”. 1 Tessalonicenses 5:12, 13.

Os crentes de Tessalônica foram muito incomodados por homens que chegaram ao seu meio com opiniões e doutrinas fanáticas. Alguns andavam “desordenadamente, não trabalhando, [...] fazendo coisas vãs”. 2 Tessalonicenses 3:11. A igreja havia sido devidamente organizada, e seus oficiais tinham sido designados, a fim de agirem como pastores e diáconos. Por que havia alguns rebeldes e impetuosos, que recusavam sujeitar-se aos que exerciam os cargos de autoridade na igreja. Não somente se arrogavam o direito de exercer o juízo pessoal mas o de impor publicamente suas opiniões à igreja. Em vista disso, Paulo chamou a atenção dos tessalonicenses para o [145]

respeito e a consideração devidos aos que haviam sido escolhidos para ocupar os cargos de autoridade na igreja.

Em sua ansiedade para que os crentes de Tessalônica andassem no temor de Deus, o apóstolo suplicava-lhes que revelassem na vida diária a piedade prática. “Finalmente, irmãos,” escreveu, “vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus que, assim como recebestes de nós, de que maneira convém andar e agradar a Deus, assim andai, para que continueis a progredir cada vez mais; porque vós bem sabeis que mandamentos vos temos dado pelo Senhor Jesus. Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição”. 1 Tessalonicenses 4:13. “Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação”. 1 Tessalonicenses 4:7.

O apóstolo [Paulo] sentia-se responsável em grande medida pelo bem-estar espiritual dos que se convertiam por seu trabalho. Seu desejo era que crescessem no conhecimento do único verdadeiro Deus, e de Jesus Cristo, a quem Ele enviou. Não raro, em seu ministério, reunia-se com pequenos grupos de homens e mulheres que amavam a Jesus, inclinando-se com eles em oração, pedindo a Deus para lhes ensinar como se manter em íntima comunhão com Ele. Muitas vezes, tomava conselho com eles sobre os melhores métodos de dar a outros a luz da verdade do evangelho. Muitas vezes, quando separados daqueles por quem assim havia trabalhado, suplicava a Deus para que os guardasse do mal, e os ajudasse a se manterem como missionários ativos e fervorosos.

Uma das mais fortes evidências da verdadeira conversão é o amor a Deus e ao homem. Os que aceitam a Jesus como seu Redentor, têm amor sincero e profundo por outros de fé semelhantemente preciosa. Assim foi com os crentes de Tessalônica. “Quanto, porém, à caridade fraternal”, escreveu o apóstolo, “não necessitais de que vos escreva, visto que vós mesmos estais instruídos por Deus que vos ameis uns aos outros. Porque também já assim o fazeis para com todos os irmãos que estão por toda a Macedônia. Exortamo-vos, porém, a que ainda nisto abundeis cada vez mais, e procureis viver quietos, e tratar dos vossos próprios negócios, e trabalhar com vossas próprias mãos, como já vo-lo temos mandado; para que andeis honestamente para com os que estão de fora, e não necessiteis de coisa alguma”. 1 Tessalonicenses 4:9-12.

“E o Senhor vos aumente e faça crescer em caridade uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco; para confortar o vosso coração, para que sejais irrepreensíveis em santidade de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, com todos os Seus santos”. 1 Tessalonicenses 3:12, 13.

“Rogamo-vos também, irmãos, que admoesteis os desordeiros, consoleis os de pouco ânimo, sustenteis os fracos, e sejais pacientes para com todos. Vede que ninguém dê a outrem mal por mal, mas segui sempre o bem, tanto uns para com os outros, como para com todos. Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo dai graças; [146] porque essa é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”. 1 Tessalonicenses 5:14-18.

O apóstolo advertiu os tessalonicenses a não desprezar o dom de profecia, e nas palavras, “não extingais o Espírito; não desprezeis as profecias; examinai tudo. Retende o bem”, ele ordenou uma cuidadosa discriminação entre o falso e o verdadeiro. Suplicou-lhes que se abstivessem “de toda a aparência do mal”; e concluiu sua carta com uma oração para que Deus os santificasse em tudo, para que em “espírito, e alma, e corpo”, fossem “plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama”, acrescentou, “o qual também o fará”. 1 Tessalonicenses 5:19-24.

As instruções que Paulo enviou aos tessalonicenses em sua primeira epístola com respeito à segunda vinda de Cristo, estavam em perfeita harmonia com seu ensino anterior. No entanto, suas palavras foram mal-compreendidas por alguns dos irmãos tessalonicenses. Compreenderam que Paulo havia expressado a esperança de que ele próprio estaria vivo para testemunhar o advento do Salvador. Essa crença serviu para aumentar-lhes o interesse e o entusiasmo. Os que antes haviam negligenciado suas responsabilidades e deveres, agora se tornaram mais persistentes em insistir em seus errôneos pontos de vista.

Em sua segunda carta, Paulo procurou corrigir a má interpretação de seu ensino, e expor perante eles sua verdadeira posição. De novo expressou sua confiança na integridade deles, e gratidão por sua firme fé, e pelo abundante amor de uns para com outros, bem como para com a causa do Mestre. Disse-lhes que os apresentava às outras igrejas como exemplo de paciente, perseverante fé que

valorosamente suporta perseguição e tribulação, e dirigia-lhes o pensamento para o tempo da segunda vinda de Cristo, quando o povo de Deus descansaria de seus cuidados e perplexidades.

"Nós mesmos", escreveu ele, "nos gloriamos de vós nas igrejas de Deus por causa da vossa paciência e fé, e em todas as vossas perseguições e aflições que suportais [...] e a vós, que sois atribulados, descanso conosco; quando Se manifestar o Senhor Jesus desde o Céu com os anjos do Seu poder, como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; os quais por castigo padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do Seu poder [...] pelo que também rogamos sempre por vós, para que o nosso Deus vos faça dignos da Sua vocação, e cumpra todo o desejo da Sua bondade, e a obra da fé com poder; para que o nome de nosso Senhor Jesus Cristo seja em vós glorificado, e vós nEle, segundo a graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo". 2 Tessalonicenses 1:4-8.

Mas antes da vinda de Cristo deviam ocorrer importantes acontecimentos no mundo religioso, preditos em profecias. O apóstolo declarou: "Não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem [147] vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto. Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus". 2 Tessalonicenses 2:2-4.

As palavras de Paulo não deviam ser mal-interpretadas. Não pretendiam ensinar que ele, por especial revelação, tivesse advertido os tessalonicenses da imediata vinda de Cristo. Tal posição causaria confusão de fé; pois o desapontamento geralmente leva à incredulidade. O apóstolo, pois, advertia os irmãos a não receberem tal mensagem como vinda de sua parte; e prosseguia dando ênfase ao fato de que o poder papal, tão claramente descrito pelo profeta Daniel, devia ainda levantar-se, e fazer guerra contra o povo de Deus. Até que esse poder tivesse realizado sua obra mortal e blasfema, seria inútil a igreja esperar pela vinda do Senhor. "Não vos lembrais",

interrogava Paulo, “de que estas coisas vos dizia quando ainda estava convosco?” 2 Tessalonicenses 2:5.

Terríveis eram as provas que deviam alcançar a igreja verdadeira. Na época em que o apóstolo estava escrevendo, já “o mistério da injustiça” começara a operar. O desenvolver dos acontecimentos a ocorrer no futuro devia ser segundo a eficácia de Satanás “com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que perecem”. 2 Tessalonicenses 2:7, 9, 10.

Especialmente solene é a afirmação do apóstolo com respeito aos que se recusariam a receber “o amor da verdade” “E por isso”, declarou ele a respeito de todos os que deliberadamente rejeitam a mensagem da verdade, “Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira; para que sejam julgados todos os que não creram a verdade, antes tiveram prazer na iniqüidade”. 2 Tessalonicenses 2:10-12. As pessoas não podem rejeitar impunemente as advertências que Deus em Sua misericórdia lhes envia. Deus retira Seu Espírito dos que persistem em desprezar essas advertências, deixando-os na dependência do engano que amam.

Assim esboçou Paulo a desastrosa obra desse poder do mal que devia continuar através dos longos séculos de trevas e perseguição, antes da segunda vinda de Cristo. Os crentes de Tessalônica tinham esperado por libertação imediata; agora eram admoestados a assumir corajosamente e no temor de Deus, a obra que estava diante deles. O apóstolo mandou que não negligenciassem seus deveres nem se resignassem à expectativa inútil. Depois de sua ardente expectativa de imediato livramento, a rotina da vida diária e a oposição que teriam de enfrentar pareceriam duplamente desalentadoras; portanto, ele os exortava a permanecer firmes na fé:

“Estai firmes e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa. E o próprio nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Deus e Pai, que nos amou, e em graça nos deu uma eterna consolação e boa esperança, console os vossos corações, e vos conforte em toda a boa palavra e obra”. 2 Tessalonicenses 2:15-17. “Mas fiel é o Senhor, que vos confortará, e guardará do maligno. E confiamos de vós no Senhor que não só fazeis, como fareis o que vos mandamos. Ora o Senhor encaminhe os vossos corações na caridade de Deus, e na paciência de Cristo”. 2 Tessalonicenses 3:5.

[148]

A obra dos crentes fora-lhes dada por Deus. Por seu fiel apego à verdade deviam eles dar a outros a luz que haviam recebido. O apóstolo os encorajou a não se cansarem de fazer o bem, e apontou-lhes seu próprio exemplo de diligência em assuntos temporais mesmo enquanto trabalhava com incansável zelo na causa de Cristo. Reprovou os que se haviam entregado ao despertamento irrazoável e sem objetivo, e mandou que estes "trabalhando com sossego" comessem "o seu próprio pão". 2 Tessalonicenses 3:12. Também ordenou à igreja que separasse de sua comunhão qualquer pessoa que persistisse em desrespeitar as instruções dadas pelos ministros de Deus. "Todavia", acrescentou, "não o tenhais como inimigo, mas admoestai-o como irmão". 2 Tessalonicenses 3:15.

Também essa epístola Paulo concluiu com uma oração, para que, em meio às provações e lutas da vida, a paz de Deus e a graça do Senhor Jesus Cristo pudessem servir-lhes de consolação e arrimo. [149]

Capítulo 26 — Apolo em Corinto

Este capítulo é baseado em Atos 18:18-28.

Depois de deixar Corinto, o seguinte ponto de trabalho de Paulo foi Éfeso. Ele estava a caminho de Jerusalém, a fim de assistir a uma festividade que se aproximava; e sua permanência em Éfeso foi necessariamente breve. Discursou aos judeus na sinagoga, e tão favorável foi a impressão exercida sobre eles que insistiram para que continuasse seu trabalho entre eles. Seu plano de visitar Jerusalém o impediu então de demorar-se, mas prometeu que voltaria para eles, "querendo Deus". Atos 18:21. Áquila e Priscila haviam-no acompanhado a Éfeso, e ele os deixou ali para que continuassem a obra que ele havia começado.

Foi por esse tempo que "um certo judeu chamado Apolo, natural de Alexandria, varão eloqüente e poderoso nas Escrituras" (Atos 18:24) chegou a Éfeso. Ele tinha ouvido a pregação de João Batista, recebido o batismo do arrependimento e era uma testemunha viva de que a obra do profeta não tinha sido em vão. O relatório que a Escritura apresenta de Apolo é que ele "era instruído no caminho do Senhor e, fervoroso de espírito, falava e ensinava diligentemente as coisas do Senhor, conhecendo somente o batismo de João". Atos 18:25.

Enquanto esteve em Éfeso, Apolo começou a falar ousadamente na sinagoga. Entre seus ouvintes estavam Áquila e Priscila que, percebendo não ter ele ainda recebido toda a luz do evangelho, "tomaram-no consigo e, com mais exatidão lhe expuseram o caminho de Deus". Atos 18:26. Por meio de seus ensinos ele obteve mais clara compreensão das Escrituras, e tornou-se um dos mais hábeis advogados da fé cristã.

Apolo estava desejoso de ir para Acaia, e os irmãos de Éfeso "escreveram aos discípulos que o recebessem" como um ensinador em perfeita harmonia com a igreja de Cristo. Seguiu para Corinto onde, em trabalho público e de casa em casa, "com grande veemência

convencia... os judeus, mostrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo”. Atos 18:27, 28. Paulo havia plantado a semente da verdade; Apolo regou-a em seguida. O sucesso alcançado por Apolo na pregação do evangelho levou alguns crentes a exaltar seu trabalho acima do de Paulo. Essa comparação de homem com homem suscitou na igreja o espírito de partidarismo que ameaçou deter o progresso do evangelho.

Durante o ano e meio que Paulo permanecera em Corinto, propositadamente apresentara o evangelho em sua simplicidade. “Não foi com sublimidade de palavras ou de sabedoria” que ele se havia apresentado aos coríntios; mas com temor e tremor, e “em demonstração de espírito e de poder” havia ele declarado “o testemunho de Deus” para que sua fé “não se apoiasse em sabedoria de homens, mas no poder de Deus”. 1 Coríntios 2:1, 4, 5.

[150]

Paulo havia necessariamente adaptado às condições da igreja sua maneira de ensinar. “E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais”, explicou-lhes mais tarde, “mas como a carnais, como a meninos em Cristo. Com leite vos criei, e não com manjar, porque ainda não podíeis, nem tão pouco ainda agora podeis”. 1 Coríntios 3:1, 2. Muitos dos crentes coríntios haviam sido vagarosos em aprender as lições que ele procurara lhes ensinar. Seu progresso no conhecimento espiritual não havia sido proporcional aos privilégios e oportunidades. Quando deviam estar muito adiantados na experiência cristã, e capazes de compreender e praticar as profundas verdades da Palavra, ainda estavam onde estiveram os discípulos quando Cristo lhes dissera: “Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora”. João 16:12. Inveja, desconfianças e acusações haviam fechado o coração de muitos dos crentes coríntios para uma completa obra do Espírito Santo, o qual “penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus”. 1 Coríntios 2:10. Sábios como pudessem ser em conhecimentos seculares, ainda não passavam de crianças no conhecimento de Cristo.

Tinha sido a obra de Paulo instruir os conversos coríntios nos rudimentos, o próprio alfabeto, da fé cristã. Havia ele sido obrigado a instruí-los como a pessoas ignorantes das operações do poder divino sobre o coração. A esse tempo eram eles incapazes de compreender os mistérios da salvação; pois “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não

pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente". 1 Coríntios 2:14. Paulo tinha procurado semear a semente que outros deviam regar. Os que viessem depois dele deviam continuar a obra do ponto em que ele a havia deixado, proporcionando luz e conhecimento espirituais no tempo devido, conforme a igreja fosse capaz de compreender.

Quando o apóstolo se empenhou em sua obra em Corinto, sentiu que precisava introduzir da maneira mais cuidadosa as grandes verdades que lhes desejava ensinar. Ele sabia que entre seus ouvintes estariam crentes que se orgulhavam de teorias humanas, expositores de falsos sistemas de adoração, que tateavam como cegos, esperando encontrar no livro da natureza teorias que pudessem contradizer a realidade da vida espiritual e imortal como revelada nas Escrituras. Sabia também que críticos se esforçariam para controverter a interpretação cristã da Palavra revelada, e que céticos tratariam o evangelho de Cristo com zombaria e escárnio.

Enquanto se esforçava por levar as pessoas para o pé da cruz, Paulo não se aventurava a repreender diretamente os licenciosos, ou a mostrar quão abominável era o pecado deles aos olhos de um Deus santo. Antes, expunha diante deles o verdadeiro objetivo [151] da vida, e procurava imprimir-lhes na mente as lições do divino Mestre, as quais, se recebidas, os levantariam do mundanismo e do pecado para a pureza e justiça. Frisou especialmente a piedade prática, e a santidade que deviam alcançar os que desejassem ser considerados dignos de um lugar no reino de Deus. Almejava ver a luz do evangelho de Cristo afastando-lhes as trevas do espírito, para que pudessem ver quão ofensivas eram à vista de Deus suas práticas imorais. Por isso, a ênfase de seus ensinos entre eles era Cristo, e Este crucificado. Procurava mostrar-lhes que seu mais fervoroso estudo e sua maior alegria deviam ser a maravilhosa verdade da salvação mediante o arrependimento para com Deus e a fé no Senhor Jesus Cristo.

Os filósofos se desviam da luz da salvação, porque ela expõe à vergonha suas orgulhosas teorias; os mundanos recusam-se a recebê-la, porque ela tende a separá-los de seus ídolos terrenos. Paulo viu que o caráter de Cristo precisava ser compreendido antes que os homens pudessem amá-Lo, ou contemplar a cruz com os olhos da fé. Nesse ponto deve começar o estudo que será a ciência e o cântico

dos remidos através de toda a eternidade. Somente à luz do Calvário pode o verdadeiro valor de uma pessoa ser avaliado.

A enobrecedora influência da graça de Deus muda a disposição natural do homem. O Céu não seria um lugar desejável à mente carnal; seu coração natural, não santificado, não sentiria nenhum interesse para esse puro e santo lugar; e se lhes fosse possível ali entrar, nada encontrariam com que se identificar. As tendências que controlam o coração natural devem ser subjugadas pela graça de Cristo, antes que o homem caído esteja em condições de entrar no Céu e partilhar da comunhão com os anjos puros e santos. Quando o homem morre para o pecado, e passa a viver nova vida em Cristo, divino amor enche-lhe o coração; seu entendimento é santificado; ele bebe da inesgotável fonte de alegria e conhecimento; e brilha em seu caminho a luz de um eterno dia, pois com ele está continuamente a luz da vida.

Paulo tinha procurado imprimir na mente de seus irmãos coríntios o fato de que ele e os ministros que com ele trabalhavam eram apenas homens comissionados por Deus para ensinar a verdade; que estavam todos empenhados na mesma obra; e que igualmente dependiam de Deus para alcançar sucesso em sua obra. A discussão que se levantara na igreja com respeito ao mérito relativo de diferentes ministros não era do plano divino, mas foi o resultado de acariciarem os atributos do coração natural. “Porque, dizendo um: eu sou de Paulo; e outro: Eu de Apolo; porventura não sois carnais? Pois quem é Paulo, e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes, e conforme o que o Senhor deu a cada um? Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. Pelo que, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento”. 1 Coríntios [152] 3:4-7.

Foi Paulo quem primeiro pregou o evangelho em Corinto, e organizou a igreja ali. Essa era a obra que o Senhor lhe havia designado. Mais tarde, pela direção de Deus, outros obreiros foram admitidos para ocupar seu lugar e cargo. A semente semeada devia ser regada, e isso Apolo devia fazer. Ele seguiu a Paulo em sua obra, a fim de dar instruções posteriores e ajudar a semente a se desenvolver. Ele logrou alcançar o coração do povo, mas foi Deus que deu o crescimento. Não é o poder humano, mas o divino, que atua para a transformação do caráter. Nem os que plantam nem os que regam

promovem a germinação da semente; trabalham sob a orientação de Deus, como instrumentos por Ele indicados, com Ele cooperando em Sua obra. Ao Obreiro Mestre pertencem a honra e a glória que vêm com sucesso.

Nem todos os servos de Deus possuem os mesmos dons, mas são todos obreiros a Seu serviço. Cada um deve aprender do grande Mestre e, então, comunicar o que aprendeu. Deus deu a cada um de Seus mensageiros uma obra individual. Há diversidade de dons, mas todos os obreiros devem coordenar-se em harmonia, controlados pela santificadora influência do Espírito Santo. Ao tornarem conhecido o evangelho da salvação, muitos ficarão convencidos e se converterão pelo poder de Deus. A colaboração humana está oculta com Cristo em Deus, e Cristo aparece como o que leva a bandeira entre dez mil, como Aquele que é totalmente desejável.

"Ora o que planta e o que rega são um; mas cada um receberá o seu galardão segundo seu trabalho. Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus". 1 Coríntios 3:8, 9. Nessa passagem o apóstolo compara a igreja a um campo cultivado, em que o lavrador cuida da vinha do Senhor; também a compara a um edifício, o qual cresce para templo santo do Senhor. Deus é o arquiteto, e a cada um Ele indicou o respectivo trabalho. Todos devem trabalhar sob a Sua supervisão, permitindo-Lhe agir em favor de Seus obreiros e por intermédio deles. Ele lhes dá tato e habilidade, e se aceitarem Suas instruções, coroa-lhes os esforços com sucesso.

Os servos de Deus devem trabalhar unidos, coordenando-se em bondade e cortesia mútuas, preferindo-se "em honra uns aos outros". Romanos 12:10. Não deve haver indelicado criticismo, nem o desejo de fragmentar a obra de outros; não deve haver partes separadas. Cada pessoa a quem o Senhor confiou uma mensagem tem sua obra específica. Cada um tem sua própria individualidade, que não deve diluir-se na de outro. Não obstante, cada um deve trabalhar em harmonia com seus irmãos. Em seu trabalho, os obreiros de Deus devem ser essencialmente uma unidade. Ninguém deve colocar-se como padrão, falando desconsideradamente a respeito de seus companheiros, ou tratando-os como se eles fossem inferiores. Sob o cuidado de Deus, cada um deve desincumbir-se da tarefa que lhe foi

indicada, devendo contar com o respeito, amor e animação dos outros [153] obreiros. Unidos, devem conduzir a obra rumo a sua terminação.

Esses princípios são muito frisados na primeira carta de Paulo à igreja de Corinto. O apóstolo refere-se aos "ministros de Cristo", como "despenseiros dos mistérios de Deus"; e com respeito a sua obra, declara: "Requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel. Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por algum juízo humano; nem eu tão pouco a mim mesmo me julgo. Porque em nada me sinto culpado; mas nem por isso me considero justificado, pois quem me julga é o Senhor. Portanto nada julgueis antes do tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá de Deus o louvor". 1 Coríntios 4:1-5.

A ninguém é dado julgar entre os diferentes servos de Deus. Somente o Senhor é o juiz da obra do homem, e a cada um dará Ele a justa recompensa.

Continuando, o apóstolo se referiu diretamente à comparação feita entre seu trabalho e o de Apolo: "Estas coisas, irmãos, apliquei-as figuradamente a mim mesmo e a Apolo, por vossa causa, para que por nosso exemplo aprendais isto: não ultrapasseis o que está escrito; a fim de que ninguém se ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro. Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?" 1 Coríntios 4:6, 7.

Paulo passa a expor claramente perante a igreja os perigos e dificuldades que ele e seus companheiros haviam pacientemente suportado no serviço para Cristo. "Até esta presente hora", declarou ele, "sofremos fome, e sede, e estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa. E nos afadigamos, trabalhando com nossas próprias mãos; somos injuriados, e bendizemos; somos perseguidos, e sofremos; somos blasfemados, e rogamos; até ao presente temos chegado a ser como o lixo deste mundo, e como a escória de todos. Não escrevo estas coisas para vos envergonhar; mas admoesto-vos como meus filhos amados. Porque ainda que tivésseis dez mil aios em Cristo não teríeis contudo muitos pais; porque eu pelo evangelho vos gerei em Jesus Cristo". 1 Coríntios 4:11-15.

Aquele que envia obreiros evangelistas como Seus embaixadores, é desonrado quando se manifesta entre os ouvintes um tão

forte apego a algum pastor favorito, a ponto de haver má vontade em aceitar os trabalhos de outro mestre. O Senhor envia auxílio a Seu povo nem sempre da maneira por que eles preferem, mas sim, conforme as suas necessidades; pois os homens são curtos de vista, e não podem discernir o que é para seu maior bem. É raro ter um pastor todas as qualidades necessárias para aperfeiçoar uma igreja em todas as exigências do cristianismo; por isso Deus muitas vezes lhes envia outros pastores, possuindo cada qual habilitações em que os outros eram deficientes.

A igreja deve acolher com gratidão esses servos de Cristo, da mesma forma que acolheria o próprio Senhor. Deveriam procurar tirar das instruções que cada ministro lhes proporciona da Palavra de Deus, todo o benefício possível. As verdades apresentadas pelos [154] servos de Deus devem ser aceitas e apreciadas com docilidade e humildade, mas ministro algum deve ser idolatrado.

Mediante a graça de Cristo, os ministros de Deus são feitos mensageiros de luz e bênção. Quando mediante oração fervorosa e perseverante obtiverem a dotação do Espírito Santo e saírem possuídos do desejo de salvar, os corações plenos de zelo para estender os triunfos da cruz verão os frutos de seus trabalhos. Recusando resolutamente exibir sabedoria humana ou exaltar-se, eles realizarão uma obra que resistirá aos assaltos de Satanás. Muitas pessoas sairão das trevas para a luz, e muitas igrejas serão estabelecidas. Os homens se converterão, não ao instrumento humano, mas a Cristo. O eu será mantido subjugado; somente Jesus, o Homem do Calvário, aparecerá.

Os que trabalham por Cristo hoje, podem revelar as mesmas distintas excelências reveladas pelos que proclamaram o evangelho na era apostólica. Deus está tão pronto a dar poder a Seus servos hoje quanto esteve quando o deu a Paulo e Apolo, a Silas e Timóteo, a Pedro, Tiago e João.

Nos dias dos apóstolos, havia algumas pessoas mal orientadas que diziam crer em Cristo, mas se recusavam a demonstrar respeito aos Seus representantes. Declaravam que não seguiam mestres humanos, mas eram diretamente instruídas por Cristo, sem a ajuda dos ministros do evangelho. Eram de espírito independente e indispostos para se submeterem à orientação da igreja. Tais criaturas estavam em grave perigo de ser enganadas.

Deus pôs na igreja, como Seus auxiliares indicados, homens de talentos diferentes para que, mediante a sabedoria de muitos, seja feita a vontade do Espírito. Os homens que agem de conformidade com seus fortes traços de caráter, recusando aliar-se a outros que têm tido mais longa experiência na obra de Deus, ficam cegos pela confiança própria, incapazes de discernir entre o falso e o verdadeiro. Não é seguro escolher tais pessoas para líderes na igreja, pois seguirão seu próprio juízo e planos, sem consideração pelo juízo de seus irmãos. É fácil para o inimigo agir por intermédio dos que, necessitando eles próprios de conselho a cada passo, se encarregam do cuidado dos salvos em sua própria força, sem ter aprendido a mansidão de Cristo.

Impressões apenas não são guias seguros no cumprimento do dever. Muitas vezes, o inimigo persuade os homens a crer que é Deus que os está guiando, quando na realidade estão seguindo apenas o impulso humano. Mas se vigiarmos cuidadosamente, e tomarmos conselho com nossos irmãos, ser-nos-á dada compreensão da vontade do Senhor; pois a promessa é: "Guiará os mansos retamente, e aos mansos ensinará o Seu caminho". Salmos 25:9.

Na primitiva igreja cristã havia alguns que recusavam reconhecer a Paulo ou a Apolo, mas consideravam Pedro seu guia. Afirmavam que Pedro tinha estado na maior intimidade de Cristo quando o [155] Mestre esteve na Terra, ao passo que Paulo fora um perseguidor dos crentes. Suas opiniões e sentimentos estavam atados ao preconceito. Não mostravam a liberalidade, a generosidade e brandura que revelam estar Cristo habitando no coração.

Havia o perigo desse espírito de partidarismo resultar em grande mal para a igreja cristã; e Paulo foi instruído pelo Senhor a usar palavras de fervorosa admoestação e solene protesto. Aos que diziam: "Eu sou de Paulo; e, Eu de Apolo; e, Eu de Cefas; e, Eu de Cristo", o apóstolo interrogava: "Está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado por vós? ou fostes vós batizados em nome de Paulo?" 1 Coríntios 1:12, 13. "Ninguém se glorie nos homens", suplicava ele. "Porque tudo é vosso; seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, seja o presente, seja o futuro, tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus". 1 Coríntios 3:21-23.

Paulo e Apolo estavam em perfeita harmonia. O último ficou desapontado e magoado por causa da dissensão na igreja de Corinto;

não tirou vantagem da preferência a ele mostrada, nem a encorajou, mas apressadamente deixou o campo da contenda. Quando mais tarde Paulo insistiu com ele para que tornasse a visitar Corinto, ele declinou, e não voltou a trabalhar ali por muito tempo, até que a igreja tivesse alcançado melhor estado espiritual. [156]

Capítulo 27 — Éfeso

Este capítulo é baseado em Atos 19:1-20.

Enquanto Apolo pregava em Corinto, Paulo cumpria sua promessa de voltar a Éfeso. Havia feito uma rápida visita a Jerusalém e gastara algum tempo em Antioquia, cenário de seus primeiros trabalhos. Daí viajou através da Ásia Menor, "sucessivamente pela província da Galácia e da Frígia" (Atos 18:23), visitando as igrejas que ele próprio estabelecera e fortalecendo a fé dos crentes.

No tempo dos apóstolos, a parte oeste da Ásia Menor era conhecida como a província romana da Ásia. Éfeso, a capital, era um grande centro comercial. Seu porto estava coalhado de embarcações e suas ruas apinhadas de pessoas de todos os países. Como Corinto, Éfeso apresentava um campo promissor para o trabalho missionário.

Os judeus, então amplamente dispersos por todas as terras civilizadas, estavam geralmente expectantes pelo advento do Messias. Quando João Batista estava pregando, muitos, em suas visitas a Jerusalém por ocasião das festas anuais, haviam ido às barrancas do Jordão para ouvi-lo. Ali ouviram eles ser Jesus proclamado como o Prometido, e tinham levado as novas a todas as partes do mundo. Dessa maneira, a providência havia preparado o caminho para o trabalho dos apóstolos.

Chegando a Éfeso, Paulo encontrou doze crentes que, como Apolo, tinham sido discípulos de João Batista e como ele alcançado algum conhecimento da missão de Cristo. Eles não tinham a habilidade de Apolo, mas com a mesma sinceridade e fé estavam procurando espalhar o conhecimento que possuíam.

Esses irmãos nada sabiam da missão do Espírito Santo. Quando interrogados por Paulo se haviam recebido o Espírito Santo, responderam: "Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo" "Em que sois batizados então?" interrogou Paulo, e eles responderam: "No batismo de João". Atos 19:2, 3.

Então, o apóstolo expôs perante eles as grandes verdades que são o fundamento da esperança do cristão. Falou-lhes da vida de Cristo na Terra, e de Sua cruel morte de vergonha. Contou-lhes como o Senhor da vida quebrara os grilhões da tumba e ressurgira triunfante da morte. Repetiu as palavras da comissão do Salvador aos discípulos: "É-Me dado todo o poder no Céu e na Terra. Portanto ide, e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo". Mateus 28:18, 19. Falou-lhes também da [157] promessa de Cristo de enviar o Consolador, por cujo poder grandes sinais e maravilhas seriam feitos, e contou-lhes quão gloriosamente havia essa promessa sido cumprida no dia de Pentecostes.

Com profundo interesse e grata alegria os irmãos atentaram para as palavras de Paulo. Pela fé aprenderam a maravilhosa verdade do sacrifício expiatório de Cristo, e receberam-nO como seu Redentor. Foram, então, batizados em nome de Jesus; "e, impondo-lhes Paulo as mãos" (Atos 19:6), receberam também o batismo do Espírito Santo que os capacitou a falar as línguas de outras nações e a profetizar. Dessa forma estavam habilitados a trabalhar como missionários em Éfeso e circunvizinhanças, e também a sair para proclamar o evangelho na Ásia Menor.

Foi por nutrir um espírito humilde e dócil que esses homens alcançaram a experiência que os capacitava a sair como obreiros para o campo da seara. Seu exemplo oferece aos cristãos uma lição de grande valor. Há muitos que fazem apenas pequeno progresso na vida religiosa porque são presunçosos demais para ocupar a posição de aprendizes. Sentem-se satisfeitos com o conhecimento superficial da Palavra de Deus. Não desejam mudar sua fé ou obras, e não fazem, por conseguinte, qualquer esforço para obter maior luz.

Se os seguidores de Cristo fossem fervorosos na busca da sabedoria, seriam levados aos ricos campos da verdade, ainda inteiramente desconhecidos para eles. Aquele que se entregar inteiramente a Deus, será guiado pela mão divina. Poderá ser humilde e aparentemente não dotado de dons; contudo, se com coração amante e confiante obedecer a toda manifestação da vontade de Deus, suas faculdades serão purificadas, enobrecidas, revigoradas e aumentada a sua capacidade. Ao serem por ele entesouradas as lições de divina sabedoria, um sagrado encargo ser-lhe-á confiado; será capacitado a fazer de sua vida uma honra para Deus e uma bênção para o mundo. "A

exposição das Tuas palavras dá luz; dá entendimento aos símplices". Salmos 119:130.

Há muitos hoje em dia tão ignorantes da obra do Espírito Santo sobre o coração quanto o eram os crentes de Éfeso; não há, entretanto, verdade mais claramente ensinada na Palavra de Deus. Profetas e apóstolos têm-se demorado sobre este tema. Cristo mesmo chama nossa atenção para o crescimento do mundo vegetal, como uma ilustração da operação de Seu Espírito para manter a vida espiritual. A seiva da vinha, subindo da raiz, é difundida para os ramos, promovendo o crescimento e produzindo flores e frutos. Assim o poder vitalizante do Espírito Santo, que emana do Salvador, permeia a vida, renova os motivos e afeições e leva os próprios pensamentos à obediência da vontade de Deus, capacitando o que recebe a produzir os preciosos frutos de obras santas.

O Autor dessa vida espiritual é invisível, e o método exato pelo qual é essa vida repartida e mantida está além da capacidade da [158] filosofia humana explicar. Todavia, as operações do Espírito estão sempre em harmonia com a Palavra escrita. Como sucede no mundo natural, assim também se dá no espiritual. A vida natural é preservada a todo momento pelo divino poder; todavia não é sustentada por um milagre direto, mas mediante o uso de bênçãos colocadas ao nosso alcance. De igual forma é a vida espiritual sustentada pelo uso dos meios supridos pela Providência. Se o seguidor de Cristo quiser crescer até chegar "a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo" (Efésios 4:13), precisa comer do pão da vida e beber da água da salvação. Precisa vigiar, orar e trabalhar, dando em todas as coisas atenção às instruções de Deus em Sua Palavra.

Há ainda para nós outras lições na experiência daqueles conversos judeus. Quando receberam o batismo das mãos de João, não compreenderam completamente a missão de Jesus como Aquele que leva o pecado. Mantinham sérios erros. Mas com mais clara luz, alegremente aceitaram a Cristo como seu Redentor, e com esse passo de progresso veio uma mudança em suas obrigações. Ao receberem uma fé mais pura, houve uma correspondente mudança em sua vida. Como sinal dessa mudança, e em reconhecimento de sua fé em Cristo, foram rebatizados no nome de Jesus.

Conforme seu costume, Paulo iniciou sua obra em Éfeso pregando na sinagoga dos judeus. Aí continuou trabalhando por três

meses, “disputando e persuadindo-os acerca do reino de Deus” A princípio, encontrou recepção favorável; mas como nos outros campos, logo surgiu violenta oposição. “Mas, como alguns deles se endurecessem e não obedecessem, falando mal do Caminho perante a multidão” (Atos 19:8, 9), e como persistissem em sua rejeição do evangelho, o apóstolo cessou de pregar na sinagoga.

O Espírito de Deus operara em Paulo e por meio dele, em seus trabalhos em favor de seus compatriotas. Suficiente prova fora apresentada para convencer a todos os que sinceramente desejassem conhecer a verdade. Muitos, porém, permitiram que os dominassem o preconceito e a incredulidade, e recusaram submeter-se à mais decisiva evidência. Temendo que a fé dos crentes corresse perigo pela contínua associação com esses oponentes da verdade, Paulo se separou deles e reuniu os discípulos num grupo distinto, continuando suas instruções públicas na escola de Tirano, professor de algum destaque.

Paulo viu que “uma porta grande e eficaz” se lhe abria, embora houvesse “muitos adversários”. 1 Coríntios 16:9. Éfeso não era somente a mais magnificente, como também a mais corrupta das cidades da Ásia. A superstição e os prazeres sensuais mantinham domínio sobre sua fervilhante população. À sombra de seus templos encontravam guarida os criminosos de toda espécie, e floresciam os mais degradantes vícios.

Éfeso era o centro popular da adoração de Diana. A fama do magnificente templo da “Diana dos efésios”, estendia-se através de toda a Ásia e do mundo. Seu insuperável esplendor tornava-o o orgulho não apenas da cidade, mas da nação. Declarava a tradição haver [159] o ídolo caído do céu dentro do templo. Sobre ele estavam escritos caracteres simbólicos, dos quais se dizia que possuíam grande poder. Livros haviam sido escritos pelos efésios para explicar o significado e o uso desses símbolos.

Entre os que estudavam com atenção esses custosos livros, estavam muitos mágicos que exerciam poderosa influência sobre a mente dos supersticiosos adoradores da imagem no templo.

Ao apóstolo Paulo, em suas atividades em Éfeso, foi dada especial demonstração do favor divino. O poder de Deus acompanhava seus esforços, e muitos eram curados de males físicos. “E Deus pelas mãos de Paulo fazia maravilhas extraordinárias. De sorte que

até os lenços e aventais se levavam do seu corpo aos enfermos, e as enfermidades fugiam deles, e os espíritos malignos saíam". Atos 19:11, 12. Essas manifestações de poder sobrenatural eram tão mais poderosas que as que já haviam sido antes testemunhadas em Éfeso, e de tal caráter que as não podiam imitar os habilidosos truques ou encantamentos de feiticeiros. Ao serem esses milagres operados no nome de Jesus de Nazaré, tinha o povo oportunidade de ver que o Deus do Céu era mais poderoso que os mágicos adoradores da deusa Diana. Assim o Senhor exaltava Seu servo, mesmo diante dos idólatras, incomparavelmente acima do mais poderoso e favorecido dos mágicos.

Mas Aquele a quem estão sujeitos todos os espíritos do mal, e sobre os quais dera a Seus servos autoridade, estava para levar maior vergonha e ruína sobre os que desprezavam e profanavam Seu santo nome. A feitiçaria havia sido proibida pela lei de Moisés, sob pena de morte, embora de tempos em tempos houvesse sido praticada secretamente por judeus apostatados. Ao tempo da visita de Paulo a Éfeso, havia na cidade "alguns dos exorcistas judeus ambulantes", os quais vendo as maravilhas por ele operadas, "tentavam invocar o nome do Senhor Jesus sobre os que tinham espíritos malignos" Uma tentativa foi feita por "sete filhos de Ceva, judeu, principal dos sacerdotes" Encontrando um homem possesso de demônio, disseram-lhe: "Esconjuro-vos por Jesus a quem Paulo prega" Porém, "o espírito maligno, disse: Conheço a Jesus, e bem sei quem é Paulo; mas vós quem sois? E, saltando neles o homem que tinha o espírito maligno, e assenhoreando-se de dois, pôde mais do que eles; de tal maneira que, nus e feridos, fugiram daquela casa". Atos 19:13-16.

Foi dada assim prova insofismável da santidade do nome de Cristo, e do perigo que incorreriam os que invocassem esse nome sem fé na divindade da missão do Salvador. "E caiu temor sobre todos eles, e o nome do Senhor Jesus era engrandecido". Atos 19:17.

Fatos que haviam sido previamente encobertos foram então trazidos à luz. Ao aceitarem o cristianismo, alguns crentes não haviam renunciado inteiramente as suas superstições. Ainda continuaram em certa medida a praticar a magia. Agora, convictos de seu erro, [160] "muitos dos que tinham crido vinham, confessando e publicando os seus feitos". Atos 19:18. A boa obra se estendeu mesmo a alguns dos próprios feiticeiros; e "muitos dos que seguiam artes mágicas

trouxeram os seus livros e os queimaram na presença de todos e, feita a conta do seu preço, acharam que montavam a cinqüenta mil peças de prata. Assim a Palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia". Atos 19:19, 20.

Queimando seus livros sobre magia, os conversos efésios mostravam que aquilo em que antes se deleitavam abominavam agora. Foi por praticarem artes mágicas, e por meio delas, que haviam especialmente ofendido a Deus e posto em perigo sua salvação; e foi contra as artes mágicas que mostraram tal indignação. Assim deram prova de verdadeira conversão.

Esses tratados de adivinhação continham regras e formas de comunicação com os espíritos do mal. Eram os regulamentos da adoração de Satanás — regras para lhe solicitar auxílio e obter dele informações. Retendo esses livros os discípulos se estariam expondo à tentação; vendendo-os teriam colocado a tentação no caminho de outros. Haviam renunciado ao reino das trevas, e para destruir seu poder não hesitaram ante qualquer sacrifício. Triunfou assim a verdade sobre o preconceito dos homens e seu amor ao dinheiro.

Por essa manifestação do poder de Cristo, foi ganha poderosa vitória para o cristianismo na própria fortaleza da superstição. A influência do evento espalhou-se até mais amplamente do que Paulo imaginava. De Éfeso, as novas circularam por vasta extensão, e forte impulso foi dado à causa de Cristo. Muito tempo depois de haver o apóstolo terminado sua carreira, estas cenas ainda viviam na memória do povo e eram um meio de ganhar conversos para o evangelho.

Supõe-se lisonjeiramente que as superstições pagãs tenham desaparecido dos locais mais civilizados em nossos dias. Mas a Palavra de Deus e o severo testemunho dos fatos declaram que a feitiçaria é praticada neste século tanto quanto o foi nos velhos tempos da magia. O antigo sistema de magia é, na realidade, o mesmo agora conhecido como espiritualismo. Satanás está encontrando acesso a milhares de mentes por apresentar-se sob o disfarce de amigos já falecidos. As Escrituras declaram que "os mortos não sabem coisa nenhuma". Eclesiastes 9:5. Seus pensamentos, amor e ódio já pereceram. Os mortos não mantêm comunhão com os vivos. Mas seguro de sua antiga astúcia, Satanás emprega esse engano para obter o controle das mentes.

Através do espiritualismo, muitos enfermos, desolados, curiosos se estão comunicando com os espíritos do mal. Todos os que se aventuram a isso estão pisando solo perigoso. A Palavra da verdade declara a maneira como Deus os considera. Nos tempos antigos, Ele pronunciou um severo juízo contra um rei que havia buscado conselho de um oráculo pagão: "Porventura não há Deus em Israel, [161] para irdes consultar a Baal-Zebube, deus de Ecrom? E por isso assim diz o Senhor: Da cama, a que subiste, não descerás, mas sem falta morrerás". 2 Reis 1:3, 4.

Os mágicos dos tempos pagãos têm seu correspondente nos médiuns espiritistas, nos videntes e nos cartomantes de hoje. As vozes misteriosas que falaram em En-Dor e em Éfeso ainda estão por suas palavras mentirosas desviando os filhos dos homens. Se fosse erguido o véu que está diante de nossos olhos, veríamos anjos maus empregando todas as suas artes para enganar e destruir. Onde quer que uma influência esteja afastando de Deus os homens, ali está Satanás exercendo seu poder de feitiçaria. Quando os homens se rendem a sua influência, antes de se darem conta, a mente está desviada e o espírito poluído. A admoestação do apóstolo à igreja de Éfeso tem de ser ouvida pelo povo de Deus hoje: "E não comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as". Efésios [162] 5:11.

Capítulo 28 — Dias de lutas e de provas

Este capítulo é baseado em Atos 19:21-41; 20:1.

Por mais de três anos, Éfeso foi o centro do trabalho de Paulo. Uma florescente igreja foi estabelecida ali, e dessa cidade o evangelho se espalhou através da província da Ásia, tanto entre judeus como entre gentios.

O apóstolo estivera planejando por algum tempo outra viagem missionária. Ele "propôs, em espírito, ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e pela Acaia, dizendo: Depois que houver estado ali, importa-me ver também Roma" Em harmonia com esse plano, enviou "à Macedônia dois daqueles que o serviam, Timóteo e Erasto"; mas sentindo que a causa em Éfeso ainda requeria sua presença, decidiu permanecer até depois do Pentecostes. Logo, entretanto, ocorreu um acontecimento que apressou sua partida. Atos 19:21, 22.

Uma vez ao ano, eram realizadas em Éfeso cerimônias especiais em honra da deusa Diana. Estas atraíam grande número de pessoas de todas as partes da província. Durante esse período, festividades eram conduzidas com a maior pompa e esplendor.

Essa ocasião de gala era um tempo de prova para os que haviam recentemente aceitado a fé. O grupo de crentes que se reunia na escola de Tirano estava em evidente desarmonia com o coro festivo, e o ridículo, zombaria e insulto eram-lhes livremente atirados. Os trabalhos de Paulo haviam produzido sobre o culto pagão um golpe de morte, em conseqüência do que houve uma sensível queda na assistência à festividade nacional, e no entusiasmo dos adoradores. A influência dos seus ensinos alcançava muito além dos atuais conversos à fé. Muitos que não tinham abraçado abertamente as novas doutrinas, tornaram-se esclarecidos bastante para perder toda a confiança em seus deuses pagãos.

Existia ainda outra causa de descontentamento. Um extenso e lucrativo negócio havia-se desenvolvido em Éfeso pela manufatura e venda de nichos e imagens modelados segundo o templo e a imagem

de Diana. Os que estavam empenhados nessa indústria e comércio sentiram que seus lucros estavam diminuindo, e foram unânimes em atribuir aos trabalhos de Paulo a prejudicial mudança.

Demétrio, fabricante de nichos de prata, convocando uma reunião dos artífices, disse-lhes: “Varões, vós bem sabeis que deste ofício temos a nossa prosperidade; e bem vedes e ouvis que não só em Éfeso, mas até quase toda a Ásia, este Paulo tem convencido e [163] afastado uma grande multidão, dizendo que não são deuses os que se fazem com as mãos. E não somente há o perigo de que a nossa profissão caia em descrédito, mas também de que o próprio templo da grande deusa Diana seja estimado em nada, vindo a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo veneram a ser destruída” Essas palavras despertaram as paixões do povo. “Encheram-se de ira e clamaram, dizendo: Grande é a Diana dos efésios”. Atos 19:25-28.

A notícia desse discurso circulou rapidamente. “Encheu-se de confusão toda a cidade” Saíram em busca de Paulo mas o apóstolo não foi encontrado. Seus irmãos, recebendo um aviso de perigo, tinham-no levado às pressas para fora do lugar. Anjos de Deus haviam sido enviados para guardar o apóstolo; ainda não havia chegado seu tempo para sofrer a morte de mártir.

Não conseguindo encontrar o alvo de sua ira, a turba apanhou “a Gaio e a Aristarco, macedônios, companheiros de Paulo na viagem”; e com eles “unânimes correram ao teatro”. Atos 19:29.

O local do esconderijo de Paulo não era muito distante, e ele logo soube do perigo de seus amados irmãos. Esquecendo sua própria segurança, quis ir imediatamente ao teatro para falar aos amotinados. Mas “não lho permitiram os discípulos” Gaio e Aristarco não eram a presa que o povo buscava; nenhum dano sério os ameaçava. Mas se a face do apóstolo, pálida e desfigurada pelo cuidado, fosse vista, despertaria desde logo as piores paixões da turba, e não haveria a menor possibilidade humana de salvação para a sua vida.

Paulo estava ainda ansioso para defender a verdade perante a multidão; mas foi, afinal, dissuadido por uma mensagem de advertência vinda do teatro. “Alguns dos principais da Ásia, que eram seus amigos, lhe rogaram que não se apresentasse no teatro”. Atos 19:31.

O tumulto no teatro crescia continuamente. “Uns... clamavam de uma maneira, outros de outra, porque o ajuntamento era confuso;

e os mais deles não sabiam por que causa se tinham ajuntado". Atos 19:32. O fato de Paulo e alguns de seus companheiros serem de ascendência judaica tornou os judeus ansiosos para mostrar que não eram simpatizantes com ele e sua obra. Impeliram, pois para diante a um de seu próprio número, para expor o assunto diante do povo. O orador escolhido foi Alexandre, artífice que trabalhava em cobre, a quem Paulo mais tarde se referiu como lhe tendo feito muito mal. 2 Timóteo 4:14. Alexandre era um homem de considerável habilidade, e usava todas as suas energias no sentido de dirigir a ira do povo exclusivamente contra Paulo e seus companheiros. Mas a turba, vendo que Alexandre era judeu, empurrou-o para o lado, "clamando por espaço de quase duas horas: Grande é a Diana dos efésios". Atos 19:34.

Afinal, de pura exaustão, cessaram, e houve um silêncio momentâneo. Então, o escrivão da cidade chamou a atenção da turba, e em função de seu ofício conseguiu que o ouvissem. Enfrentou o povo em seu próprio terreno, mostrando-lhes que não havia causa para aquele tumulto. Apelou-lhes à razão: "Varões efésios," disse, "qual é o homem que não sabe que a cidade dos efésios é a guardadora do templo da grande deusa Diana e da imagem que desceu de Júpiter? Ora, não podendo isto ser contraditado, convém que vos aplaqueis e nada façais temerariamente; porque estes homens que aqui trouxestes nem são sacrílegos nem blasfemam da vossa deusa. Mas, se Demétrio e os artífices que estão com ele têm alguma coisa contra alguém, há audiências e há procônsules; que se acusem uns aos outros. Mas, se alguma outra coisa demandais, averiguar-se-á em legítimo ajuntamento. Na verdade, até corremos perigo de que, por hoje, sejamos acusados de sedição, não havendo causa alguma com que possamos justificar este concurso. E, tendo dito isto, despediu o ajuntamento". Atos 19:35-41. [164]

Em suas declarações, Demétrio afirmou: "Há o perigo de que a nossa profissão caia em descrédito" Essas palavras revelam a real causa do tumulto de Éfeso, e também de grande parte da perseguição que acompanhava os apóstolos em sua obra. Demétrio e seus colegas de ofício viram que o negócio de fabricação de imagens estava em perigo por causa do ensino e disseminação do evangelho. A renda dos sacerdotes pagãos e dos artífices estava em risco; essa era a razão por que se levantaram em terrível oposição contra Paulo.

A atitude do escrivão e de outros que exerciam funções de autoridade na cidade, tinha apresentado Paulo perante o povo como inocente de qualquer ato ilegal. Esse foi outro dos triunfos do cristianismo sobre o erro e a superstição. Deus despertara um grande magistrado para defender Seu apóstolo e fazer calar a turba. O coração de Paulo se encheu de gratidão a Deus por ter sido a sua vida preservada, e porque o cristianismo não fora desonrado pelo tumulto de Éfeso.

"E, depois que cessou o alvoroço, Paulo chamou a si os discípulos e, abraçando-os, saiu para a Macedônia. E havendo andado por aquelas terras, e exortando-os com muitas palavras, veio à Grécia". Atos 20:1. Nessa viagem, ele se fez acompanhar por dois fiéis irmãos efésios, Tíquico e Trófimo.

O trabalho de Paulo em Éfeso estava concluído. Seu ministério ali tinha sido uma época de incessante labor, de muitas provas e profunda angústia. Havia ensinado o povo em público e de casa em casa, instruindo-os e advertindo-os com muitas lágrimas. Enfrentara contínua oposição da parte dos judeus, que não perdiam oportunidade de acirrar contra ele os sentimentos populares.

E enquanto assim batalhava contra a oposição, impelindo para a frente com incansável zelo a obra do evangelho, e cuidando dos interesses de uma igreja ainda jovem na fé, Paulo levava sobre si o [165] pesado fardo de todas as igrejas.

Novas de apostasia em alguma das igrejas por ele estabelecidas causaram-lhe profunda tristeza. Temeu que seus esforços em benefício deles tivesse sido em vão. Muitas noites de insônia havia ele passado em oração e fervorosa meditação, quando ouvira que medidas estavam sendo tomadas para contrariar sua obra. Quando tinha oportunidade e quando as condições o requeriam, escrevia às igrejas reprovando, aconselhando, admoestando e encorajando. Nessas cartas, o apóstolo não se deteve sobre suas próprias lutas, embora houvesse vislumbres ocasionais de seus labores e sofrimentos na causa de Cristo. Açoites e prisões, frio, fome e sede, perigos por terra e por mar, nas cidades e no deserto, da parte de seus patrícios, dos pagãos e dos falsos irmãos — tudo isto ele sofreu por causa do evangelho. Foi "difamado", "injuriado", feito "a escória de todos", "angustiado", "perseguido", "em tudo atribulado", "a toda a hora

em perigo, sempre entregue à morte por amor de Jesus". 1 Coríntios 4:13.

Em meio a constantes tempestades de oposição, o clamor de inimigos e a deserção de amigos, o destemido apóstolo quase perdia o ânimo. Mas, lançando um olhar retrospectivo ao Calvário, com novo ardor prosseguia disseminando o conhecimento do Crucificado. Ele estava palmilhando a trilha sangrenta pela qual Cristo tinha passado antes dele. Procurava não abandonar a luta até que pudesse depor a armadura aos pés de seu Redentor. [166]

Capítulo 29 — Mensagem de advertência e de apelo

Este capítulo é baseado na Primeira Epístola aos Coríntios.

A primeira epístola do apóstolo Paulo à igreja de Corinto foi escrita durante a última parte de sua permanência em Éfeso. Não sentia ele por quaisquer outros crentes mais profundo interesse nem dedicava mais incansável esforço que pelos crentes de Corinto. Durante ano e meio trabalhara entre eles, apontando-lhes o Salvador crucificado e ressurgido como o único meio de salvação, e instando com eles para que se rendessem implicitamente ao poder transformador de Sua graça. Antes de aceitar como membros da igreja aos que professavam o cristianismo, tinha ele o cuidado de dar-lhes especial instrução quanto aos deveres e privilégios do crente cristão; e fervorosamente havia procurado ajudá-los a ser fiéis aos votos do batismo.

Paulo tinha uma aguda intuição do conflito que cada pessoa há de sustentar com as agências do mal que continuamente estão procurando enlaçá-la e enganá-la; e incansavelmente havia ele trabalhado para fortalecer e confirmar os novos na fé. Apelara para que fizessem uma inteira entrega a Deus; pois sabia que, quando a pessoa deixa de fazer essa entrega, então o pecado não é abandonado, os apetites e as paixões ainda lutam por manter a supremacia e as tentações confundem a consciência.

A entrega tem que ser completa. Todos os que se sentem fracos, em dúvida, que lutam para se render inteiramente ao Senhor, são colocados em contato direto com as agências que os habilitarão a vencer. O Céu lhes está próximo, e eles são sustentados e socorridos por anjos de misericórdia em todas as ocasiões de lutas e necessidade.

Os membros da igreja de Corinto estavam rodeados pela idolatria e sensualismo da mais sedutora forma. Enquanto os apóstolos estavam com eles, essas influências tiveram para eles pouco atrativo. A fé firme de Paulo, suas ardentes orações e fervorosas palavras de

instrução, e acima de tudo, sua vida piedosa, tinham-nos ajudado a negar a si mesmos por amor de Cristo, em vez de se deleitarem nos prazeres do pecado.

Depois da partida de Paulo, no entanto, surgiram condições desfavoráveis; o joio que havia sido semeado pelo inimigo apareceu entre o trigo, e não demorou para que começasse a produzir seu fruto [167] maligno. Esse foi um tempo de severa prova para a igreja de Corinto. O apóstolo não estava mais com eles para socorrê-los com seu zelo, e em seus esforços ajudá-los a viver em harmonia com Deus; e pouco a pouco muitos se tornaram descuidados e indiferentes, permitindo que gostos e inclinações naturais os controlassem. Aquele que tantas vezes havia instado com eles para que mantivessem altos ideais de pureza e retidão, não mais estava com eles; e não foram poucos os que, tendo ao tempo de sua conversão abandonado os maus hábitos, retornaram aos degradantes pecados do paganismo.

Paulo havia escrito brevemente à igreja, admoestando os irmãos a não se misturarem com membros que persistissem na perversidade; porém muitos dos crentes perverteram o significado das palavras do apóstolo, discutindo sobre elas e desculpando-se por desconsiderarem suas instruções.

Uma carta foi enviada pela igreja a Paulo, suplicando-lhe conselhos sobre vários assuntos, mas nada dizendo dos afrontosos pecados existentes entre eles. O apóstolo foi, entretanto, fortemente impressionado pelo Espírito Santo, quanto a estar sendo ocultado o verdadeiro estado da igreja, e que essa carta era uma tentativa de arrancar-lhe afirmações que os signatários pudessem usar para servir a seus próprios intentos.

Por essa ocasião, vieram a Éfeso membros da família de Cloé, família cristã de alta reputação em Corinto. Paulo pediu informações e lhe disseram que a igreja estava dividida. As dissensões que surgiram no tempo da visita de Apolo haviam aumentado grandemente. Falsos mestres estavam levando os membros a desprezar as instruções de Paulo. As doutrinas e ordenanças do evangelho haviam sido pervertidas. Orgulho, idolatria e sensualismo estavam constantemente tomando vulto entre os que uma vez haviam sido zelosos na vida cristã.

Sendo-lhe este quadro apresentado, Paulo viu que seus maiores temores tinham mais que se realizado. Mas não deu por isto lugar ao

pensamento de que sua obra tinha sido um fracasso. Com "angústia de coração", e com "muitas lágrimas" ele procurou o conselho de Deus. Alegremente teria visitado Corinto imediatamente, se esse fosse o caminho mais sábio a seguir. Mas ele sabia que em sua presente condição os crentes não tirariam proveito de seu trabalho, pelo que enviou Tito a fim de lhe preparar caminho para uma visita pessoal mais tarde. Então, pondo de parte todos os sentimentos pessoais sobre o caminho daqueles cuja conduta revelava tão estranha perversidade, e descansando suas preocupações em Deus, o apóstolo escreveu à igreja de Corinto uma das mais ricas, mais instrutivas e mais poderosas de todas as suas cartas.

Com notável clareza começou por responder às várias perguntas suscitadas pela igreja, estabelecendo princípios gerais, que, se fossem aceitos, os levariam ao mais alto plano espiritual. Eles estavam em perigo e ele não podia sequer admitir o pensamento de fracassar [168] em alcançar-lhes o coração nesse momento crítico. Fielmente os advertiu de seus perigos e reprovou-lhes os pecados. Apontou-lhes de novo a Cristo, e procurou reacender neles o fervor da primitiva devoção.

O grande amor do apóstolo pelos crentes coríntios foi revelado em sua terna saudação à igreja. Ele se referia à experiência deles em se haverem tornado da idolatria para o culto e serviço ao verdadeiro Deus. Recordava-lhes os dons do Espírito Santo que haviam recebido, e mostrava que era privilégio deles fazer constante progresso na vida cristã até que alcançassem a pureza e santidade de Cristo. "Em tudo fostes enriquecidos nEle", escreveu, "em toda a palavra e em todo o conhecimento (como foi mesmo o testemunho de Cristo confirmado entre vós). De maneira que nenhum dom vos falta, esperando a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo. O qual vos confirmará também até ao fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo". 1 Coríntios 1:8.

Paulo falou claramente das dissensões que haviam surgido na igreja de Corinto, e exortou os membros para que cessassem as contendas. "Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo", escreveu ele, "que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo sentido e em um mesmo parecer". 1 Coríntios 1:10.

O apóstolo sentiu-se em liberdade para mencionar como e por quem tinha sido informado das divisões na igreja. "Porque a respeito de vós, irmãos meus, me foi comunicado pelos da família de Cloé, que há contendas entre vós". 1 Coríntios 1:11.

Paulo era um apóstolo inspirado. As verdades que ensinou a outros, ele as havia recebido "por revelação"; todavia, o Senhor não lhe revelava diretamente em todos os tempos a condição exata de Seu povo. Nessa ocasião, os que estavam interessados na prosperidade da igreja de Corinto, e que tinham visto males nela penetrando, haviam apresentado o assunto perante o apóstolo; e pelas divinas revelações que havia anteriormente recebido, estava ele preparado para julgar quanto ao caráter desses desenvolvimentos. Não obstante o fato de o Senhor não lhe haver dado uma nova revelação para esse tempo especial, os que estavam realmente em busca de luz aceitaram sua mensagem como expressão do pensamento de Cristo. O Senhor lhe havia mostrado as dificuldades e perigos que surgiriam nas igrejas, e quando esses males surgiram, o apóstolo reconheceu-lhes o significado. Ele havia sido posto para a defesa da igreja. Devia cuidar dos salvos, como quem deve dar conta deles a Deus; não era, pois, coerente e justo, que tomasse conhecimento dos relatos referentes a anarquia e divisões entre eles? Sem dúvida alguma; e a reprovação que lhes enviou era tão seguramente escrita sob a inspiração do Espírito de Deus como o foram quaisquer outras de suas epístolas.

O apóstolo não fez menção dos falsos mestres que estavam procurando destruir o fruto de seus trabalhos. Por causa das trevas e divisão na igreja, evitou prudentemente irritá-los com tais referências, temendo que alguns se afastassem inteiramente da verdade. [169] Chamava-lhes a atenção para a sua própria obra entre eles, como a de um "sábio arquiteto" (1 Coríntios 3:10), o qual pusera o fundamento sobre que outros haviam edificado. Mas nem por isso ele se exaltou; pois declarou: "Somos cooperadores de Deus". 1 Coríntios 3:9. Não alegava possuir sabedoria própria, antes reconhecia que somente o poder divino o havia habilitado a apresentar a verdade de uma forma agradável a Deus. Unido com Cristo, o maior de todos os mestres, Paulo tinha sido habilitado a comunicar lições de sabedoria divina, que satisfaziam às necessidades de todas as classes, e eram

aplicáveis a todos os tempos, em todos os lugares e sob todas as condições.

Dentre os mais sérios males que se haviam desenvolvido entre os crentes coríntios, estava o de haverem retornado a muitos degradantes costumes do paganismo. A apostasia de um converso tinha sido tal que sua atitude de licenciosidade constituía uma violação até do mais baixo padrão de moralidade adotado pelo mundo gentio. O apóstolo instou com a igreja para que afastasse de seu seio "o que cometeu tal ação" "Não sabeis", admoestou ele, "que um pouco de fermento faz levedar toda a massa? Alimpai-vos pois do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento". 1 Coríntios 5:6, 7.

Outro grave mal que havia na igreja era o de ir um irmão contra outro perante tribunais. Haviam sido tomadas suficientes medidas para a solução de dificuldades entre crentes. O próprio Cristo havia fornecido claras instruções sobre a maneira de solucionar tais questões. "Ora, se teu irmão pecar contra ti", aconselhara o Salvador, "vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir ganhaste a teu irmão; mas se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada. E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar à igreja, considera-o como um gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na Terra será ligado no Céu". Mateus 18:15-18.

Aos crentes coríntios que haviam perdido de vista esse claro conselho, Paulo escreveu, não em termos incertos de reprovação e advertência. "Ousa algum de vós," perguntou ele, "tendo algum negócio contra outro, ir a juízo perante os injustos e não perante os santos? Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deve ser julgado por vós, sois, porventura, indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas pertencentes a esta vida? Então, se tiverdes negócios em juízo, pertencentes a esta vida, pondes na cadeira aos que são de menos estima na igreja? Para vos envergonhar o digo: Não há, pois, entre vós sábios, nem mesmo um, que possa julgar entre seus irmãos? Mas o irmão vai a juízo com o irmão, e isso perante infiéis. Na verdade, é já realmente uma falta entre vós [170] terdes demandas uns contra os outros. Por que não sofreis, antes, a injustiça? [...] Mas vós mesmos fazeis a injustiça e fazeis o dano

e isso aos irmãos. Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus?” 1 Coríntios 6:1-9.

Satanás está constantemente procurando introduzir desconfiança, alienação e malícia entre o povo de Deus. Somos muitas vezes tentados a sentir que nossos direitos estão sendo usurpados mesmo quando não há causa real para tais sentimentos. Aqueles cujo amor por si mesmos é mais forte que por Cristo e Sua causa, colocarão seus próprios interesses em primeiro lugar, e se valerão de quase qualquer expediente a fim de guardá-los e mantê-los. Muitos que parecem ser cristãos conscienciosos são, pelo orgulho e presunção, impedidos de ir particularmente àquele a quem consideram em erro, a fim de falar-lhe no espírito de Cristo e juntos orarem um pelo outro. Quando se consideram ofendidos pelo irmão, alguns vão até aos tribunais, em vez de seguir a regra dada pelo Salvador.

Não devem os cristãos apelar para os tribunais civis para solucionarem diferenças que possam surgir entre membros da igreja. Tais diferenças deverão ser solucionadas entre eles, ou pela igreja, em harmonia com as instruções de Cristo. Mesmo que tenha havido injustiça, o seguidor do manso e humilde Jesus deixar-se-á “defraudar” de preferência a publicar diante do mundo os pecados de seus irmãos na igreja.

Demandas entre irmãos são uma desonra para a causa da verdade. Cristãos que vão a juízo contra outro expõem a igreja ao ridículo de seus inimigos, e dão motivo a que os poderes das trevas triunfem. De novo estão ferindo a Cristo e expondo-O a franco vexame. Hebreus 6:6. Passando por alto a autoridade da igreja, demonstram menosprezo por Deus, que deu à igreja sua autoridade.

Nessa carta aos coríntios, Paulo procurou mostrar-lhes o poder de Cristo para guardá-los do mal. Sabia que se eles se ajustassem às condições por ele expostas, seriam fortalecidos na força do Onipotente. Como um meio de ajudá-los a quebrar a escravidão do pecado, e a aperfeiçoarem a santidade no temor do Senhor, Paulo incutia-lhes as reivindicações dAquele a quem haviam dedicado a vida por ocasião de sua conversão. “Vós [sois] de Cristo”, declarou. “Não sois de vós mesmos. [...] Porque fostes comprados por bom preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus”. 1 Coríntios 6:19, 20.

O apóstolo esboça com clareza o resultado de deixar a vida de pureza e santidade para voltar às práticas corruptas do paganismo. "Não erreis", escreveu ele, "nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, [...] nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus". 1 Coríntios 6:10. Suplicou-lhes que controlassem os apetites e paixões inferiores. "Ou não sabeis", interrogou, "que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus?" [171]

Embora Paulo possuísse grandes dotes intelectuais, sua vida revelava o poder de uma sabedoria mais rara, a qual lhe dava habilidade introspectiva e simpatia de coração, o que o levava em íntima associação com outros, capacitando-o a despertar neles sua melhor natureza e a inspirá-los a lutar por uma vida mais elevada. Seu coração estava cheio de fervoroso amor pelos crentes coríntios. Ansiava por vê-los revelar uma piedade íntima que os fortificasse contra a tentação. Ele sabia que, em cada passo no caminho cristão, encontrariam a oposição da sinagoga de Satanás, e que diariamente teriam de enfrentar conflitos. Teriam de guardar-se contra a sutil aproximação do inimigo, vencendo velhos hábitos e inclinações naturais, sempre vigiando em oração. Paulo estava certo de que os mais altos ideais cristãos só podem ser alcançadas mediante muita oração e permanente vigilância, e isso procurava incutir-lhes na mente. Mas ele sabia também que em Cristo crucificado lhes era oferecido poder suficiente para converter a pessoa, e divinamente adaptado para habilitá-los a resistir a todas as tentações para o mal. Com fé em Deus como sua armadura, e com Sua Palavra como arma de guerra, eles seriam supridos com poder íntimo que os capacitaria a rechaçar os ataques do inimigo.

Os crentes coríntios necessitavam de mais profunda experiência nas coisas de Deus. Eles não sabiam exatamente o que significa contemplar Sua glória e ser transformados de glória em glória. Haviam visto apenas os primeiros raios do alvorecer desta glória. O desejo de Paulo por eles era que eles fossem cheios de toda plenitude de Deus, conhecendo e prosseguindo em conhecer Aquele cuja saída é como a alva, e continuassem a aprender dEle até que chegasse a pleno meio-dia de uma perfeita fé evangélica. [172]

Capítulo 30 — Chamado à mais elevada norma

Este capítulo é baseado na Primeira Epístola aos Coríntios.

Na esperança de imprimir vividamente no espírito dos crentes coríntios a importância do firme autocontrole, estrita temperança e persistente zelo no serviço de Cristo, Paulo em sua carta a eles faz destacada comparação entre a milícia cristã e as celebradas maratonas que se realizavam em intervalos fixos, próximo de Corinto. De todos os jogos instituídos entre os gregos e romanos, era a maratona a mais antiga e mais altamente considerada. A ela assistiam reis, nobres e governadores. Jovens fortes e sadios nela tomavam parte, e não se excluíam de qualquer esforço ou disciplina necessária para alcançar o prêmio.

As competições eram regidas por regulamentos estritos, dos quais não havia apelação. Os que desejavam ter seu nome inscrito como competidor ao prêmio, tinham que primeiro submeter-se a severo treino preparatório. Prejudicial condescendência com o apetite, ou qualquer outra concessão que pudesse diminuir o vigor físico ou mental, eram estritamente proibidas. Para alguém ter alguma esperança de sucesso nessas competições de força e velocidade, os músculos tinham de ser fortes e flexíveis e os nervos estar sob controle. Cada movimento tinha de ser exato, cada passo rápido e bem orientado; as faculdades físicas precisavam alcançar o mais alto ponto.

Enquanto os concorrentes na corrida se apresentavam perante a multidão expectante, seus nomes eram anunciados e as regras da corrida claramente expostas. Então, todos davam juntos a largada, sob a atenção fixa dos espectadores que lhes inspiravam a determinação de vencer. Os juízes assentavam-se próximo à meta final, para que pudessem observar a corrida do início ao fim, e dar o prêmio ao verdadeiro vencedor. Se um corredor alcançava o alvo primeiro, através de alguma vantagem ilegal, não tinha direito ao prêmio.

Nessas competições havia grandes riscos. Alguns jamais se refaziam do terrível esforço físico. Não era incomum pessoas caírem no percurso, sangrando pela boca e nariz, e algumas vezes um competidor caía morto quando estava para alcançar o prêmio. Mas a possibilidade de dano para o resto da vida, ou a própria morte, não eram olhados como risco grande demais por amor da honra reservada ao vencedor.

Quando o vencedor alcançava o alvo, os aplausos da vasta multidão de espectadores vibravam pelos ares e despertavam o eco das [173] montanhas e morros circunvizinhos. Sob as vistas dos assistentes, o juiz presenteava-o com os emblemas da vitória — uma coroa de louros e um ramo de palma que o atleta levava na mão direita. Sua glória era cantada através da Terra; seus pais recebiam sua parte na honra; e a própria cidade na qual vivia era tida em grande estima por haver produzido tão grande atleta.

Referindo-se a essas corridas como uma figura da milícia cristã, Paulo deu ênfase à preparação necessária para o sucesso dos contendores na maratona — a disciplina preliminar, o regime de abstenção alimentar, a necessidade de temperança. "E todo aquele que luta", declarou Paulo, "de tudo se abstém". 1 Coríntios 9:25. Os corredores punham de lado toda a condescendência que tendesse a diminuir-lhes as faculdades físicas, e mediante severa e contínua disciplina, treinavam os músculos para se tornarem fortes e resistentes, para que, ao chegar o dia da competição, pudessem exigir de suas forças o máximo de rendimento. Quão mais importante é que o cristão, cujos eternos interesses estão em jogo, coloquem os apetites e as paixões em sujeição à razão e à vontade de Deus! Jamais deve ele permitir que seja sua atenção desviada por entretenimentos, luxos ou comodidades. Todos os seus hábitos e paixões devem ser postos sob a mais estrita disciplina. A razão, iluminada pelos ensinos da Palavra de Deus e guiada por Seu Espírito, tem de assumir o controle.

E havendo feito isso, precisa o cristão esforçar-se ao máximo para alcançar a vitória. Nos jogos coríntios, as passadas finais dos competidores eram dadas sob agonizante esforço para conservar a velocidade. Assim o cristão, ao aproximar-se do alvo, prosseguirá com ainda maior zelo e determinação que no início da carreira.

Paulo apresenta a diferença entre a coroa perecível de louros recebida pelo vencedor nas corridas, e a imortal coroa de glória

que será dada ao que corre vitoriosamente a carreira cristã. “Eles o fazem”, declara, “para alcançar uma coroa corruptível”. 1 Coríntios 9:25. Para alcançar um prêmio perecível, os corredores gregos não fugiam a qualquer esforço ou disciplina.

Nós estamos lutando por um prêmio infinitamente mais valioso, a própria coroa da vida eterna. Quão mais cuidadosa deveria ser nossa luta, e quão maior nossa disposição para o sacrifício e renúncia! Na epístola aos hebreus é destacada a inteireza de propósito que deve caracterizar a carreira do cristão para a vida eterna: “Deixemos todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia, e corramos com paciência a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus, autor e consumador da fé”. Hebreus 12:1, 2. Inveja, malícia, ruins suspeitas, maledicências, cobiça — são embaraços que o cristão deve pôr de lado, se quiser correr com êxito a carreira para a imortalidade. Cada hábito ou prática que conduz ao pecado e leva a desonra a Cristo, precisa ser posto de lado, seja qual for o sacrifício. A bênção do Céu não pode acompanhar qualquer homem em violação dos eternos princípios de justiça. Um pecado acariciado é bastante para [174] promover a degradação do caráter e desviar outros.

“Se a tua mão te escandalizar”, disse o Salvador, “corta-a; melhor é para ti entrares na vida aleijado, do que, tendo duas mãos, ires para o inferno, para o fogo que nunca se apaga; e, se o teu pé te escandalizar, corta-o; melhor é para ti entrares coxo na vida, do que, tendo dois pés seres lançado no inferno”. Marcos 9:43-45. Se para salvar o corpo da morte, o pé ou a mão devem ser cortados, ou mesmo o olho arrancado, quão mais interessado deveria estar o cristão em afastar o pecado que resulta na morte eterna!

Os competidores nos antigos jogos, depois de se haverem submetido à renúncia e rígida disciplina, não estavam ainda assim seguros da vitória. “Não sabeis vós”, pergunta Paulo, “que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio?” 1 Coríntios 9:24. Não importa com quanto entusiasmo e ardor tivessem corrido os competidores, o prêmio seria apenas de um. A mão de um apenas agarraria o cobiçado galardão. Alguns podiam dedicar supremo esforço para obter o prêmio, mas ao estenderem a mão para apanhá-lo, outro, um instante antes dele, poderia arrebatar-lhe o cobiçado tesouro.

Tal não é o caso na milícia cristã. Ninguém que se submete às condições ficará desapontado ao fim da carreira. Ninguém que seja fervoroso e perseverante deixará de alcançar sucesso. Não é dos ligeiros a carreira, nem dos valentes a peleja. O mais fraco dos santos, bem como o mais forte, podem alcançar a coroa de glória imortal. Podem vencer todos os que, pelo poder da divina graça, conduzem a vida em conformidade com a vontade de Cristo. Nos pormenores da vida, a prática dos princípios estabelecidos pela Palavra de Deus é, não raro, olhada como coisa sem importância — assunto por demais trivial para que se lhe dê atenção. Mas, considerando o que está em jogo, nada é pequeno quando ajuda ou estorva. Cada ato acrescenta seu peso na balança que determina a vitória ou fracasso na vida. E a recompensa dada aos que triunfam será proporcional à energia e fervor com que lutaram.

O apóstolo se compara a uma pessoa disputando uma corrida, exigindo de cada músculo para alcançar o prêmio. "Pois eu assim corro", diz ele, "não como a coisa incerta; assim combato, não como batendo no ar. Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado". 1 Coríntios 9:27. Para que não viesse a correr incertamente ou a esmo na carreira cristã, Paulo se submetia a severo exercício. As palavras "subjugo o meu corpo", literalmente significam repelir por severa disciplina os desejos, os impulsos e as paixões.

Paulo temia que, tendo pregado a outros, viesse ele próprio a ficar reprovado. Compreendia que se não praticasse na vida os princípios [175] em que cria e que pregava, seu trabalho em favor de outros em nada lhe aproveitaria. Sua conversação, sua influência, sua recusa de render-se à satisfação própria, deviam mostrar que sua religião não era mera profissão mas um viver diário em ligação com Deus. Um alvo mantinha ele sempre diante de si, e lutava fervorosamente por alcançá-lo: "a justiça que vem de Deus pela fé". Filipenses 3:9.

Paulo sabia que sua batalha contra o mal não terminaria enquanto ele tivesse vida. Sempre sentia a necessidade de praticar estrita vigilância sobre si mesmo, para que os desejos terrestres não conseguissem minar seu zelo espiritual. Com todas as suas forças, continuava a lutar contra as inclinações naturais. Sempre mantinha diante de si o ideal a ser alcançado, e esse ideal procurava alcançar

mediante voluntária obediência à lei de Deus. Suas palavras, atos e paixões — tudo era posto sob o controle do Espírito de Deus.

Era essa inteireza de propósitos para vencer na carreira pela vida eterna que Paulo ansiava ver revelada na vida dos crentes coríntios. Ele sabia que para alcançar o ideal de Cristo, tinham eles diante de si uma luta vitalícia na qual não haveria tréguas. Insistia com eles para que porfiassem lealmente, buscando dia a dia a piedade e a excelência moral. Suplicava-lhes que pusessem de lado todo embaraço, e prosseguissem rumo ao alvo da perfeição em Cristo.

Paulo apontava aos coríntios as experiências do antigo Israel, as bênçãos que lhes recompensaram a obediência e os juízos que seguiram suas transgressões. Recordava-lhes a miraculosa maneira por que os hebreus foram tirados do Egito, sob a proteção da nuvem de dia; e da coluna de fogo de noite. Assim foram conduzidos a salvo através do Mar Vermelho, enquanto os egípcios, procurando atravessá-lo da mesma maneira, foram todos submergidos. Por esses atos, Deus havia reconhecido Israel como Sua igreja. "E todos comeram dum mesmo manjar espiritual. E beberam todos duma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia, e a pedra era Cristo". 1 Coríntios 10:3. Em todas as suas peregrinações, os hebreus tiveram Cristo como seu guia. A rocha ferida tipificava Cristo, que devia ser ferido pelas transgressões dos homens, para que a fonte de salvação pudesse jorrar para todos.

Não obstante o favor mostrado por Deus aos hebreus, todavia por causa do seu desejo pelas comodidades deixadas no Egito, e por causa de seu pecado e rebelião, os juízos de Deus caíram sobre eles. O apóstolo ordenou aos crentes coríntios a atenderem às lições contidas na experiência de Israel. "Estas coisas foram-nos feitas em figuras, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram". 1 Coríntios 10:6. Ele mostrou como o amor ao conforto e aos prazeres tinha preparado o caminho para os pecados que atraíram a notável vingança de Deus. Foi quando os filhos de Israel se assentaram a comer e a beber, e se levantaram para folgar, que se afastaram do temor de Deus, o qual haviam experimentado quando [176] presenciaram a entrega da lei; e, fazendo um bezerro de ouro para representar a Deus, o adoraram. E foi depois de haverem fruído um banquete licencioso relacionado com a adoração de Baal-Peor, que muitos dos filhos de Israel caíram por causa da licenciosidade. A ira

de Deus se levantou e a Seu mando "vinte e três mil" (1 Coríntios 10:8) foram feridos pela praga num dia.

O apóstolo advertiu os coríntios: "Aquele pois que cuida estar em pé, olhe não caia". 1 Coríntios 10:12. Se eles se tornassem presunçosos e cheios de confiança própria, negligenciando vigiar e orar, cairiam em grave pecado, atraindo sobre si a ira de Deus. Entretanto, Paulo não queria que se entregassem ao desespero ou desalento. Ele lhes deu a segurança: "Fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar". 1 Coríntios 10:13.

Paulo instava com seus irmãos para que perguntassem a si mesmos que influência suas palavras e atos estavam exercendo sobre outros, e para que não fizessem coisa alguma, embora inocente em si mesma, que pudesse parecer apoio à idolatria, ou ofender os escrúpulos dos que fossem fracos na fé. "Quer comais, quer bebais ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus. Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus". 1 Coríntios 10:31, 32.

As palavras de advertência do apóstolo à igreja de Corinto, são aplicáveis a todos os tempos, e especialmente adaptadas a nossos dias. Por idolatria entendia ele não apenas a adoração de ídolos, mas o egocentrismo, o amor às comodidades e a condescendência com o apetite e paixão. Uma mera profissão de fé em Cristo, um presumido conhecimento da verdade, não tornam um homem cristão. Uma religião que busca apenas o deleite dos olhos, dos ouvidos, do paladar, ou que aceita a condescendência própria, não é a religião de Cristo.

Pela comparação da igreja com o corpo humano, o apóstolo ilustrou habilmente a íntima e harmoniosa relação que deve existir entre todos os membros da igreja de Cristo. "Pois todos nós fomos batizados em um Espírito formando um corpo", escreveu ele, "quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito. Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. Se o pé disser: Porque não sou mão, não sou do corpo; não será por isso do corpo? E se a orelha disser: Porque não sou olho não sou do corpo; não será por isso do corpo? Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato? Mas agora Deus colocou os membros no corpo, cada um

deles como quis. E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Agora pois há muitos membros, mas um corpo. E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem ainda a cabeça aos pés: Não tenho necessidade de vós. [...] Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela; para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros. De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele. Ora vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular". 1 Coríntios 12:13-27. [177]

E então, com palavras que desde aquele dia até ao presente têm sido uma fonte de inspiração e encorajamento a homens e mulheres, Paulo expôs a importância deste amor que deveria ser acariciado pelos seguidores de Cristo: "Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará". 1 Coríntios 13:1-3.

Não importa o quanto possa prometer, aquele cujo coração não está cheio de amor a Deus e aos semelhantes, não é verdadeiro discípulo de Cristo. Embora possua grande fé, e tenha poder até para operar milagres, sem amor sua fé será de nenhum valor. Poderá ostentar grande liberalidade; mas se por qualquer outro motivo que não o genuíno amor, entregar todos os seus bens para sustento dos pobres, o ato não o recomendará ao favor de Deus. Em seu zelo, poderá mesmo sofrer a morte de mártir, mas não sendo impulsionado por amor, será considerado por Deus como iludido entusiasta, ou ambicioso hipócrita.

"O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece". 1 Coríntios 13:4. A mais pura alegria jorra da mais profunda humilhação. O caráter mais forte e mais nobre é construído sobre o fundamento da paciência, do amor e da submissão à vontade de Deus.

O amor "não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressente do mal". 1 Coríntios 13:5.

Amor igual ao de Cristo atribui a mais favorável das intenções aos motivos e atos dos outros. Não expõe desnecessariamente suas faltas; não ouve com avidez relatórios desfavoráveis, mas antes procura trazer à mente as boas qualidades de outros.

O amor "não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" Esse amor "jamais acaba". 1 Coríntios 13:6-8. Jamais perde seu valor; é um atributo celestial. Como precioso tesouro, será levado por seu possuidor através das portas da cidade de Deus.

"Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor". 1 Coríntios 13:13.

No declínio do padrão moral entre os crentes coríntios, houve os que abandonaram alguns aspectos fundamentais de sua fé. Alguns [178] haviam ido ao ponto de negar a doutrina da ressurreição. Paulo enfrentou essa heresia com um claro testemunho referente à inegável evidência da ressurreição de Cristo. Declarou que Cristo, depois de Sua morte, "ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras", depois do que, "foi visto por Cefas, e depois pelos doze. Depois foi visto, uma vez por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também. Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos. E por derradeiro de todos me apareceu também a mim". 1 Coríntios 15:4-7.

Com poder convincente, o apóstolo expôs a grande verdade da ressurreição. "Se não há ressurreição dos mortos", argumentou, "também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. E assim somos também considerados como falsas testemunhas de Deus, pois testificamos de Deus, que ressuscitou a Cristo, ao qual, porém, não ressuscitou, se, na verdade, os mortos não ressuscitam. Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E também os que dormiram em Cristo estão perdidos. Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens. Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem". 1 Coríntios 15:13-20.

O apóstolo transportou o pensamento dos irmãos coríntios para os triunfos da manhã da ressurreição, quando todos os santos que dormem serão ressuscitados para viver para sempre com seu Se-

nhor. “Eis aqui vos digo um mistério”, declarou o apóstolo; “na verdade nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?... Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo”. 1 Coríntios 15:51-57.

Glorioso é o triunfo que espera o fiel. O apóstolo, reconhecendo as possibilidades que tinham perante si os crentes coríntios, procurou colocar diante deles o que eleva do egoísmo e do sensual, e glorifica a vida com a esperança da imortalidade. Ardentemente exortou-os a ser fiéis a sua alta vocação em Cristo. “Meus amados irmãos”, instou ele, “sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor”. 1 Coríntios 15:58.

Assim o apóstolo, da maneira mais decidida e impressiva, procurou corrigir as falsas e perigosas idéias e práticas que estavam prevalecendo na igreja de Corinto. Falou claramente, porém em amor por sua salvação. Em suas advertências e reprovações a luz do trono de Deus brilhou sobre eles, revelando os pecados ocultos que lhes estavam debilitando a vida. Como seriam essas advertências recebidas? [179]

Depois de haver remetido a carta, Paulo temeu que o que havia escrito pudesse ferir muito a fundo aqueles a quem desejava beneficiar. Temia profundamente uma separação maior, e algumas vezes ansiava trazer de volta suas palavras. Os que, como o apóstolo, já sentiram a responsabilidade por amadas igrejas ou instituições, podem melhor apreciar-lhe a depressão de espírito e o sentimento de culpa. Os servos de Deus que levam o fardo de Sua obra atualmente, sabem alguma coisa da mesma experiência de trabalho, conflito e ansioso cuidado que recaía sobre o grande apóstolo. Opresso pelas divisões na igreja, encontrando a ingratidão e traição da parte de alguns de quem esperava simpatia e conforto, sentindo o perigo que

ameaçava as igrejas que abrigavam a iniqüidade, compelido a dar em reprovação do pecado um testemunho íntimo e penetrante, estava ao mesmo tempo oprimido pelo temor de ter agido com demasiada severidade. Com angustiante ansiedade esperou receber alguma [180] notícia de como fora recebida sua mensagem.

Capítulo 31 — A mensagem atendida

Este capítulo é baseado na Segunda Epístola aos Coríntios.

De Éfeso, Paulo empreendeu outra viagem missionária, durante a qual esperava visitar uma vez mais os lugares que foram cenário de seu primeiro trabalho na Europa. Demorando-se por algum tempo em Trôade "para pregar o evangelho de Cristo", encontrou alguns que estavam prontos para ouvir-lhe a mensagem. "Abrindo-se-me uma porta no Senhor" (2 Coríntios 2:12), foi como declarou mais tarde com referência a seu trabalho nesse lugar. Apesar de bem-sucedidos os seus esforços em Trôade, ele não permaneceu ali muito tempo. "O cuidado de todas as igrejas" (2 Coríntios 11:28), e particularmente da igreja de Corinto, pesava sobre seu coração. Esperava encontrar Tito em Trôade e dele ouvir de como haviam sido recebidas pelos irmãos de Corinto as palavras de conselho e reprovação que lhes enviara; mas nisso ele ficou decepcionado. "Não tive descanso no meu espírito", escreveu com relação a essa experiência, "porque não achei ali meu irmão Tito". 2 Coríntios 2:13. Deixou pois Trôade, e atravessou para a Macedônia, encontrando-se com Timóteo em Filipos.

Durante esse tempo de ansiedade com respeito à igreja de Corinto, Paulo esperava pelo melhor; todavia às vezes sentimentos de profunda tristeza lhe varriam o coração, pelo receio de que seus conselhos e admoestações pudessem ser mal-entendidos. "A nossa carne não teve repouso algum", escreveu mais tarde, "antes em tudo fomos atribulados; por fora combates, temores por dentro. Mas Deus, que consola os abatidos, nos consolou com a vinda de Tito". 2 Coríntios 7:5.

Esse fiel mensageiro trouxe as alegres novas de que maravilhosa mudança ocorrera entre os crentes coríntios. Muitos haviam aceitado as instruções contidas na carta de Paulo, e arrependeram-se de seus pecados. A vida deles não era mais uma vergonha para o

cristianismo, mas passaram a exercer poderosa influência a favor da piedade prática.

Cheio de satisfação, o apóstolo enviou outra carta aos crentes de Corinto, expressando sua alegria de coração por causa da boa obra neles executada: "Ainda que vos contristei com a minha carta, não me arrependo, embora já me tivesse arrependido". 2 Coríntios 7:8. Quando torturado pelo temor de que suas palavras pudessem ser desprezadas, sentiu algumas vezes pesar de haver escrito tão decidida e severamente. "Agora folgo", continuou, "não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para o arrependimento, [181] pois fostes contristados segundo Deus; de maneira que por nós não padecestes dano em coisa alguma. Porque a tristeza segundo Deus atua arrependimento para a salvação, da qual ninguém se arrepende". 2 Coríntios 7:9, 10. Esse arrependimento, produzido pela influência da divina graça no coração, levará à confissão e ao abandono do pecado. Tais eram os frutos que o apóstolo declarava terem sido vistos na vida dos crentes coríntios. "Porque, quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós, que segundo Deus fostes contristados! Que apologia, que indignação, que temor, que saudades, que zelo". 2 Coríntios 7:11.

Por algum tempo Paulo estivera levando um peso no coração pelas igrejas — um peso tão grande que ele mal o podia suportar. Falsos ensinadores haviam buscado destruir sua influência entre os crentes, inculcando-lhes suas próprias doutrinas em lugar da verdade do evangelho. As perplexidades e desencorajamento de que Paulo se achava rodeado são revelados nestas palavras: "Fomos sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar, de modo tal que até da vida desesperamos". 2 Coríntios 1:8.

Agora, porém, uma causa de ansiedade estava removida. Ao receber as novas da aceitação de sua carta aos coríntios, Paulo prorrompeu em palavras de júbilo: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda a consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados de Deus. Porque, como as aflições de Cristo são abundantes em nós, assim também a nossa consolação sobeja por meio de Cristo. Mas, se somos atribulados, é para vossa consolação e salvação; ou, se somos

consolados, para vossa consolação é, a qual se atua suportando com paciência as mesmas aflições que nós também padecemos; e a nossa esperança acerca de vós é firme, sabendo que, como sois participantes das aflições, assim o sereis também da consolação”. 2 Coríntios 1:3-7.

Expressando seu júbilo pela reconversão deles e crescimento na graça, Paulo tributa a Deus todo o louvor por essa transformação do coração e da vida. “Graças a Deus”, exclamou, “que sempre nos faz triunfar em Cristo, e por meio de nós manifesta em todo o lugar o cheiro do Seu conhecimento. Porque para Deus somos o bom cheiro de Cristo, nos que se salvam e nos que se perdem”. 2 Coríntios 2:14, 15. Era costume da época um general vitorioso numa guerra conduzir em seu retorno um séquito de cativos. Em tais ocasiões eram designados incensadores, e na triunfal marcha de regresso do exército, o suave odor era para os cativos destinados para morrer, um cheiro de morte, o qual indicava estarem eles próximos da execução; mas para os prisioneiros que haviam alcançado o favor de seus captores, e cuja vida devia ser poupada, era um cheiro de vida, pois isso lhes indicava estarem perto da libertação.

Paulo estava agora cheio de fé e esperança. Sentia que Satanás não haveria de triunfar sobre a obra de Deus em Corinto, e em palavras de louvor extravasou a gratidão que lhe ia no coração. Ele e seus colaboradores celebraram sua vitória sobre os inimigos de Cristo e da verdade, saindo com novo zelo para estender o conhecimento do Salvador. À semelhança do incenso, a fragrância do evangelho devia ser difundida através do mundo. Aos que aceitassem a Cristo, a mensagem seria um cheiro de vida para vida; mas, aos que persistissem na incredulidade, um cheiro de morte para morte. [182]

Sentindo o peso da grande obra que estava para ser feita, Paulo exclamou: “E para estas coisas quem é idôneo?” 2 Coríntios 2:16. Quem está habilitado a pregar a Cristo de maneira que Seus inimigos não tenham justo motivo para desprezar o mensageiro ou mensagem por ele levada? Paulo desejava impressionar os crentes com a solene responsabilidade do ministério evangélico. A fidelidade em pregar a Palavra, unida a uma vida pura e coerente, só pode tornar os esforços dos pregadores aceitáveis a Deus e proveitosos às pessoas. Os pastores de nossos dias, que arcam com o peso da enormidade

da obra, bem poderiam exclamar com o apóstolo: “Para estas coisas quem é idôneo?” 2 Coríntios 2:16.

Havia alguns que tinham acusado Paulo de louvor próprio por haver escrito a carta anterior. A isso se referiu então o apóstolo, quando perguntou aos membros da igreja se assim haviam julgado seus motivos. “Começamos outra vez a louvar-nos a nós mesmos?” indagou; ou necessitamos, como alguns, de cartas de recomendação para vós, ou de recomendação de vós?” 2 Coríntios 3:1. Crentes que se mudavam para outro lugar, levavam muitas vezes cartas de recomendação da igreja a que estavam antes unidos; mas os pioneiros da obra, os fundadores dessas igrejas, não tinham necessidade de tal recomendação. Os crentes coríntios, que haviam sido levados do culto dos ídolos para a fé no evangelho, eram eles mesmos toda a recomendação de que Paulo necessitava. O haverem recebido a verdade, e a reforma operada em sua vida, davam eloqüente testemunho da fidelidade de seus trabalhos e de sua autoridade para aconselhar, reprovar e exortar como ministro de Cristo.

Paulo se referiu aos irmãos coríntios como suas testemunhas. “Vós sois a nossa carta”, disse ele, “escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens. Porque já é manifesto que vós sois a carta de Cristo, ministrada por nós, e escrita, não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração”. 2 Coríntios 3:2, 3.

A conversão dos pecadores e sua santificação por meio da verdade é a mais forte prova, para um pastor, de que Deus o chamou para o ministério. A evidência de seu apostolado está escrita no coração desses conversos, e é testemunhada por sua vida renovada. Cristo, a esperança da glória, é neles formado. Um pastor é grandemente fortalecido por esses sinais de seu ministério.

Atualmente, os ministros de Cristo deveriam ter o mesmo testemunho que a igreja de Corinto deu dos trabalhos de Paulo. Mas [183] embora neste tempo haja muitos pregadores, há grande escassez de pastores santos e capazes — homens cheios do amor que havia no coração de Cristo. O orgulho, a confiança própria, o amor do mundo, o criticismo, o rancor, a inveja são os frutos que apresentam muitos que professam a religião de Cristo. Sua vida, em evidente contraste com a vida do Salvador, não raro dá mau testemunho do caráter da obra ministerial sob a qual foram convertidos.

Não pode um homem receber maior honra que ser aceito por Deus como hábil ministro do evangelho. Mas os que o Senhor abençoa com poder e êxito em Sua obra não se envaidecem. Reconhecem sua inteira dependência dEle, sentindo que não possuem poder algum em si mesmos. Com Paulo eles dizem: "Não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos, mas a nossa capacidade vem de Deus, o qual nos fez também capazes de ser ministros dum novo testamento". 2 Coríntios 3:5.

Um verdadeiro ministro faz a obra do Mestre. Reconhece a importância de sua obra, sentindo que mantém para com a igreja e para com o mundo uma relação similar à que manteve Cristo. Trabalha incansavelmente para conduzir pecadores a uma vida mais nobre e mais elevada, a fim de que eles possam obter a recompensa do vencedor. Seus lábios são tocados com a brasa viva do altar, e ele exalta a Jesus como a única esperança do pecador. Os que o ouvem sabem que ele se tem achegado a Deus em oração fervorosa e eficaz. O Espírito Santo sobre ele tem repousado, seu espírito sentiu o fogo vital e celestial, e está capacitado a comparar coisas espirituais com espirituais. É-lhe dado poder para pôr abaixo as fortalezas de Satanás. Apresentando ele o amor de Deus, o coração é quebrantado, e muitos são levados a indagar: "Que é necessário que eu faça para me salvar?" Atos 16:30.

"Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a Palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo". 2 Coríntios 4:1-6.

Assim o apóstolo enalteceu a graça e a misericórdia de Deus, mostradas na sagrada incumbência a ele entregue como ministro

de Cristo. Pela abundante misericórdia de Deus ele e seus irmãos [184] tinham sido sustentados em dificuldades, aflição e perigo. Não haviam eles modelado sua fé e ensino de maneira a agradar aos desejos de seus ouvintes, nem sonegaram verdades essenciais à salvação para tornar seu ensino mais atrativo. Tinham apresentado a verdade com simplicidade e clareza, orando pela convicção e conversão das pessoas. Tinham procurado manter a conduta em harmonia com seu ensino, para que a verdade apresentada se recomendasse à consciência de cada homem.

"Temos, porém, este tesouro", prosseguiu o apóstolo, "em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós". 2 Coríntios 4:7. Deus poderia ter proclamado Sua verdade por meio de anjos sem pecado, mas esse não é Seu plano. Ele escolhe seres humanos, homens cheios de fraquezas, como instrumentos na execução de Seus desígnios. Os tesouros de valor inapreciável são colocados em vasos terrestres. Por intermédio de homens Suas bênçãos devem ser transmitidas ao mundo. Por meio deles Sua glória deve brilhar em meio às trevas do pecado. Em amorável ministério devem ir ao encontro dos necessitados e dos pecadores e guiá-los à cruz. E em toda a sua obra devem tributar glória, honra e louvor Àquele que é sobre tudo e sobre todos.

Referindo-se a sua experiência, Paulo mostrou que ao escolher servir a Cristo não fora movido por motivos egoístas, pois seu caminho tinha sido assediado por provas e tentações. "Em tudo somos atribulados", escreveu, "mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos". 2 Coríntios 4:8-10.

Paulo recordava a seus irmãos que, como mensageiros de Cristo, ele e seus companheiros de trabalho estavam continuamente em perigo. As privações que suportaram estavam comprometendo suas forças. "E assim nós, que vivemos", escreveu, "estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também em a nossa carne mortal. De maneira que em nós atua a morte, mas em vós a vida". 2 Coríntios 4:11, 12. Sofrendo fisicamente através de privações e fadigas, esses ministros de Cristo estavam imitando Sua morte. Mas o que neles estava operando a

morte, levava vida e saúde espiritual aos coríntios que, por crerem na verdade, estavam sendo feitos participantes da vida eterna. Em vista disso, os seguidores de Jesus deviam ser cuidadosos para não aumentar, por negligência e desafeição, as cargas e trabalhos dos obreiros.

"E temos portanto o mesmo espírito de fé", continuou Paulo, "como está escrito: Cri, por isso falei. Nós cremos também, por isso também falamos". 2 Coríntios 4:13. Plenamente convencido da realidade da verdade a ele confiada, nada poderia induzir Paulo a manejar a Palavra de Deus enganosamente, ou a ocultar as convicções de seu espírito. Ele não compraria riquezas, honra ou prazeres mediante o conformar-se com as opiniões do mundo. Embora em constante [185] perigo de martírio por causa da fé que havia pregado aos coríntios, não estava intimidado; pois sabia que Aquele que havia morrido e ressuscitado poderia ressuscitá-lo da sepultura, e apresentá-lo ao Pai.

"Porque tudo isso é por amor de vós", declarou, "para que a graça, multiplicada por meio de muitos, torne abundante a ação de graças, para glória de Deus". 2 Coríntios 4:15. Não para o engrandecimento próprio pregavam os apóstolos o evangelho. Era a esperança de apresentar a salvação que os levava a devotar a vida a esse trabalho. E era essa esperança que os livrara de cessar seus esforços pelo temor dos perigos que os ameaçavam ou do sofrimento real.

"Por isso", declarou Paulo, "não desfalecemos; mas ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia". 2 Coríntios 4:16. Paulo sentia o poder do inimigo; mas embora sua força física estivesse declinando, fiel e inabalavelmente ele declarava o evangelho de Cristo. Revestido de toda armadura de Deus, esse herói da cruz prosseguia no conflito. Sua voz animosa proclamava-o triunfante no combate. Olhos fitos na recompensa dos fiéis, ele exclamava em tom de vitória: "A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas". 2 Coríntios 4:17, 18.

Muito ardente e tocante é o apelo do apóstolo para que seus irmãos coríntios considerassem de novo o incomparável amor de seu Redentor. "Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo",

escreveu, “que, sendo rico, por amor de vós Se fez pobre; para que pela Sua pobreza enriquecêsseis”. 2 Coríntios 8:9. Conheceis a altura de onde Ele baixou; a profundeza da humilhação a que desceu. Uma vez tendo entrado na senda da renúncia e do sacrifício, não recuou até que tivesse dado a vida. Não houve repouso para Ele entre o trono e a cruz.

Demoradamente, Paulo considerou ponto por ponto, para que todos os que lessem sua epístola pudessem compreender amplamente a maravilhosa condescendência do Salvador em seu benefício. Apresentando a Cristo ao tempo em que Ele estava em igualdade com Deus e com Ele recebendo homenagem dos anjos, o apóstolo traçou Seu caminho até que Ele alcançou as mais baixas profundezas da humilhação. Paulo estava convencido de que se fossem levados a compreender o estupendo sacrifício feito pela majestade do Céu, todo o egoísmo seria banido da vida deles. Ele mostrou como o Filho de Deus tinha posto de lado Sua glória, submetendo-Se voluntariamente às condições da natureza humana; e então, Se humilhara como servo, tornando-Se obediente até a morte, “e morte de cruz” (Filipenses 2:8), para que pudesse levantar o homem caído, da degradação à [186] esperança, à alegria e ao Céu.

Quando estudamos o caráter divino à luz da cruz, vemos a misericórdia, a compaixão e o perdão, misturados à eqüidade e à justiça. Vemos no trono Alguém tendo nas mãos, nos pés e no lado as marcas do sofrimento suportado para reconciliar o homem com Deus. Vemos um Pai, infinito, habitando na luz inacessível e todavia recebendo-nos para Si através dos méritos de Seu Filho. A nuvem de vingança que ameaçava apenas miséria e desespero, à luz da cruz refletida revela as palavras de Deus: Vive, pecador, vive! Arrependido e crente, vive! Eu já paguei o resgate!

Na contemplação de Cristo demoramo-nos na praia de um amor sem limites. Procuramos falar deste amor, e a linguagem falha. Consideramos Sua vida sobre a Terra, Seu sacrifício por nós, Sua obra no Céu como nosso Advogado e as mansões que Ele está preparando para os que O amam; e não podemos mais que exclamar: Ó altura e profundidade do amor de Cristo! “Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou a nós, e enviou Seu Filho em propiciação pelos nossos pecados”. 1

João 4:10. “Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus”. 1 João 3:1.

Em cada verdadeiro discípulo, esse amor, como fogo sagrado, arde no altar do coração. Foi sobre a Terra que o amor de Deus foi revelado por meio de Cristo. É sobre a Terra que Seus filhos devem refletir esse amor mediante uma vida irrepreensível. Assim serão os pecadores levados à cruz, a fim de contemplarem o Cordeiro de Deus. [187]

Capítulo 32 — Uma igreja liberal

Em sua primeira carta à igreja de Corinto, Paulo deu aos crentes instruções referentes a princípios gerais sobre os quais se apóia o sustento da obra de Deus na Terra. Escrevendo a respeito de seu trabalho apostólico em favor deles, ele interroga:

"Quem jamais milita à sua própria custa? Quem planta uma vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta o gado e não toma do leite do gado? Digo eu isto segundo os homens? Ou não diz a lei também o mesmo? Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que trilha o grão. Porventura tem Deus cuidado dos bois? Ou não o diz certamente por nós? Certamente que por nós está escrito; porque o que lavra deve lavrar com esperança, e o que debulha deve debulhar com esperança de ser participante.

"Se nós vos semeamos as coisas espirituais", indagou mais o apóstolo, "será muito que de vós recolhamos as carnais? Se outros participam deste poder sobre vós, por que não, mais justamente, nós? Mas nós não usamos deste direito; antes suportamos tudo, para não pormos impedimento algum ao evangelho de Cristo. Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? E que os que de contínuo estão junto ao altar participam do altar? Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho". 1 Coríntios 9:7-14.

O apóstolo aqui se refere ao plano do Senhor para a manutenção dos sacerdotes que ministravam no templo. Os que eram separados para esse sagrado ofício eram mantidos por seus irmãos, aos quais ministravam bênçãos espirituais. "Os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm ordem, segundo a lei, de tomar o dízimo do povo". Hebreus 7:5. A tribo de Levi fora escolhida pelo Senhor para os sagrados ofícios relacionados com o templo e o sacerdócio. Do sacerdote foi dito: "O Senhor teu Deus o escolheu... para que assista a servir no nome do Senhor". Deuteronômio 18:5. Um décimo de toda a renda era reclamada pelo Senhor como Lhe pertencendo, e reter o dízimo era por Ele considerado como roubo.

Foi a esse plano para sustento do ministério que Paulo se referiu quando disse: "Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho". 1 Coríntios 9:14. E mais tarde, escrevendo a Timóteo, disse o apóstolo: "Digno é o obreiro do seu salário". 1 Timóteo 5:18.

A devolução do dízimo era apenas uma parte do plano de Deus para o sustento de Seu trabalho. Numerosas dádivas e ofertas foram [188] divinamente especificadas. Sob o sistema judaico, o povo era ensinado a cultivar o espírito de liberalidade, tanto em sustentar a causa de Deus como em socorrer os necessitados. Para ocasiões especiais havia ofertas voluntárias. Na colheita e na vindima, as primícias dos frutos do campo — grãos, vinho e óleo — eram consagrados como oferta ao Senhor. Os respigos e os cantos do campo eram reservados para os pobres. As primícias da lã, quando o rebanho era tosquiado, do grão, quando era malhado o trigo, eram postos de parte para Deus. De igual forma, os primogênitos de todos os animais; e o preço de resgate era pago pelo filho primogênito. As primícias deviam ser apresentadas perante o Senhor no santuário, e eram, então, dedicadas ao uso dos sacerdotes.

Por este sistema de beneficência, o Senhor procurava ensinar a Israel que em tudo devia Ele ser o primeiro. Assim era-lhes feito lembrar que Deus era o proprietário de seus campos, rebanhos de ovelhas e de gado; que era Ele quem enviava o sol e a chuva para que a seara se desenvolvesse e amadurecesse. Tudo que possuíam era dEle; eles eram apenas mordomos de Seus bens.

Não é o propósito de Deus que os cristãos, cujos privilégios excedem em muito aos da nação judaica, dêem menos abundantemente do que deram eles. "A qualquer que muito for dado", declarou o Salvador, "muito se lhe pedirá". Lucas 12:48. A liberalidade requerida dos hebreus era-o em grande parte para beneficiar sua própria nação. Atualmente, a obra de Deus se estende por toda a Terra. Cristo tinha colocado nas mãos de Seus seguidores os tesouros do evangelho, e sobre eles colocou a responsabilidade de dar as alegres novas de salvação ao mundo. Nossas obrigações são muito maiores, seguramente, do que as do antigo Israel.

À medida que a obra de Deus se amplia, pedidos de auxílio aparecerão mais e mais freqüentemente. Para que esses pedidos possam ser atendidos, devem os cristãos acatar a ordem: "Trazei

todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na Minha casa”. Malaquias 3:10. Se os professos cristãos levassem fielmente a Deus os seus dízimos e ofertas, o divino tesouro estaria repleto. Não haveria, então, ocasião para recorrer a quermesses, rifas ou reuniões de divertimento a fim de angariar fundos para a manutenção do evangelho.

As pessoas são tentadas a usar seus bens em benefício próprio, na satisfação do apetite, no adorno pessoal ou no embelezamento de seus lares. Nessas coisas muitos membros da igreja não hesitam em gastar livremente, e até de forma extravagante. Mas quando são solicitados a dar para o tesouro do Senhor, a fim de que se promova Sua obra na Terra, titubeiam. Talvez, sentindo que não podem escapar à conjuntura, dão à questão uma importância tão insignificante que não raro gastam com coisas desnecessárias. Não manifestam um amor real pelo serviço de Cristo, um fervoroso interesse na salvação dos outros. Não é de admirar que a vida cristã [189] de tais criaturas seja uma existência atrofiada e doentia!

Aquele cujo coração se abrasa com o amor de Cristo considera não apenas um dever, mas um prazer, ajudar no avanço da mais elevada e santa obra delegada aos seres humanos — a obra de apresentar ao mundo as riquezas da bondade, misericórdia e verdade.

É o espírito de cobiça que leva os homens a guardar para a satisfação do eu, o que por inteira justiça pertence a Deus, e esse espírito é-Lhe tão aborrecível agora como quando, por intermédio do Seu profeta, severamente repreendeu Seu povo, dizendo: “Roubará o homem a Deus? Todavia vós Me roubais, e dizeis: Em que Te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas alçadas. Com maldição sois amaldiçoados, porque Me roubais a Mim, vós, toda a nação”. Malaquias 3:8, 9.

O espírito de liberalidade é o espírito do Céu. Este espírito encontra sua mais alta manifestação no sacrifício de Cristo sobre a cruz. Em nosso benefício, o Pai nos deu Seu único Filho; e Cristo, tendo renunciado a tudo o que possuía, entregou-Se para que o homem pudesse ser salvo. A cruz do Calvário deve ser um apelo à beneficência de cada seguidor de Cristo. O princípio aí ilustrado é dar, dar. “Aquele que diz que está nEle, também deve andar como Ele andou”. 1 João 2:6.

Por outro lado, o espírito de egoísmo é o espírito de Satanás. O princípio ilustrado na vida dos mundanos é receber, receber. Assim esperam eles conseguir felicidade e conforto, mas o fruto do que semeiam é miséria e morte.

Não antes que Deus cesse de abençoar Seus filhos estarão eles livres da obrigação de Lhe devolver a porção que Ele reclama. Não apenas deverão eles devolver ao Senhor o que Lhe pertence, mas também levar ao Seu tesouro, como oferta de gratidão, um donativo liberal. Com o coração jubiloso devem dedicar ao Criador as primícias de sua generosidade — suas mais bem escolhidas posses, seu melhor e mais santo serviço. Assim alcançarão ricas bênçãos. Deus mesmo tornará sua vida como um jardim regado, cujas águas não faltem. E quando a última grande colheita estiver recolhida, os molhos que são habilitados a trazer ao Mestre serão a recompensa do uso abnegado dos talentos a eles entregues.

Os mensageiros escolhidos de Deus, empenhados em árduo trabalho, jamais deveriam ser compelidos a entrar na luta a sua própria custa, sem o compreensivo e cordial auxílio de seus irmãos. É a parte dos membros da igreja repartir liberalmente com os que põem de lado seus afazeres seculares para que possam dedicar-se ao ministério. A causa de Deus avança melhor, quando os ministros de Deus são encorajados. Quando, porém, por causa do egoísmo das pessoas, seu justo sustento é retido, suas mãos se enfraquecem, e muitas vezes sua utilidade é seriamente prejudicada.

O desprazer de Deus é despertado contra os que professam ser Seus seguidores, e no entanto permitem que consagrados obreiros padeçam necessidade, enquanto estão empenhados em ministério ativo. Essas criaturas egoístas serão chamadas a prestar contas, não [190] apenas pelo abuso do dinheiro do seu Senhor, mas também pela depressão e angústia que sua conduta fez pesar sobre Seus fiéis servos. Os que são chamados para a obra do ministério, e ao chamado do dever renunciam a tudo e se empenham no serviço de Deus, devem receber por seus abnegados esforços salários suficientes para se manterem bem como a sua família.

Nos diversos setores de atividades seculares, mentais e físicas, trabalhadores fiéis podem ganhar bons salários. Não é a obra de disseminar a verdade e de levar as pessoas a Cristo de mais importância que qualquer atividade comum? E não são, os que fielmente

se empenham nesta obra, com justiça merecedores de ampla remuneração? Por nossa estimativa do valor relativo de trabalho para o bem físico e o espiritual, mostramos nossa apreciação do celestial em contraste com o terreno.

A fim de que haja fundos na tesouraria para a manutenção do ministério, e para atender aos pedidos de auxílio para empreendimentos missionários, é necessário que o povo de Deus dê alegre e liberalmente. Solene responsabilidade repousa sobre os pastores, qual seja a de expor perante as igrejas as necessidades da causa de Deus e ensiná-las a ser liberais. Quando isso é negligenciado, e as igrejas deixam de contribuir para as necessidades de outros, não somente a causa do Senhor sofre, mas é retirada a bênção que deveria vir sobre os crentes.

Mesmo os mais pobres devem levar a Deus sua oferta. Devem eles ser repartidores da graça de Cristo, mediante o negarem-se para ajudar aqueles cujas necessidades são mais prementes que a deles. A dádiva do pobre, fruto da abnegação, sobe perante Deus como suave incenso. E cada ato de abnegado sacrifício fortalece o espírito de beneficência no coração do doador, aliando-o mais intimamente Àquele que era rico, e por amor a nós Se fez pobre, para que por Sua pobreza enriquecêssemos.

O ato da viúva que colocou na arca duas pequenas moedas — tudo quanto possuía — é posto em realce para encorajamento dos que, lutando com a pobreza, ainda desejam com suas dádivas ajudar a causa de Deus. Cristo chamou a atenção dos discípulos para essa mulher, que dera "todo o seu sustento". Marcos 12:44. Ele considerou sua dádiva de maior valor que as grandes ofertas daqueles cujos dádivas não representavam abnegação. Deram de sua abundância uma pequena porção. Para dar a sua oferta, a viúva se havia privado mesmo dos gêneros de primeira necessidade, confiando em Deus para o suprimento de suas necessidades para o dia de amanhã. A respeito dela, declarou o Salvador: "Em verdade vos digo que essa pobre viúva deitou mais do que todos os que deitaram na arca do tesouro". Marcos 12:43. Assim ensinou Ele que o valor da oferta é estimado, não pela quantidade, mas pela proporção em que é dada e pelos motivos que moveram o doador.

O apóstolo Paulo, em seu ministério entre as igrejas, foi incansável em seus esforços para inspirar no coração dos novos conversos o

desejo de fazer grandes coisas pela causa de Deus. Muitas vezes ele [191] os exortava à liberalidade. Falando aos anciãos de Éfeso sobre suas anteriores atividades entre eles, disse: "Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos, e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber". Atos 20:35. "E digo isto", escreveu ele aos coríntios, "que o que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância também ceifará. Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria". 2 Coríntios 9:6, 7.

Quase todos os crentes da Macedônia, eram pobres em bens deste mundo, mas seu coração estava transbordando com o amor a Deus e Sua verdade, e alegremente deram para o sustento do evangelho. Quando as coletas gerais foram tiradas entre as igrejas gentílicas para socorro aos crentes judeus, a liberalidade dos conversos da Macedônia foi exaltada como um exemplo para as outras igrejas. Escrevendo aos crentes coríntios, o apóstolo chamou-lhes a atenção para "a graça de Deus dada às igrejas da Macedônia; como em muita prova de tribulação houve abundância do seu gozo, e como a sua profunda pobreza abundou em riquezas da sua generosidade. Porque, segundo o seu poder... e ainda acima do seu poder, deram voluntariamente, pedindo-nos com muitos rogos a graça e a comunicação deste serviço, que se fazia para com os santos". 2 Coríntios 8:1-4.

A voluntariedade em sacrificar da parte dos crentes macedônios era conseqüência de sua inteira consagração. Movidos pelo Espírito de Deus, "se deram primeiramente ao Senhor" (2 Coríntios 8:5, daí estarem dispostos a dar voluntariamente de seus meios para o sustento do evangelho). Não era necessário constrangê-los para que dessem; antes se rejubilavam pelo privilégio de negarem a si mesmos até coisas necessárias a fim de suprir as necessidades de outros. Quando o apóstolo quis restringi-los, insistiram com ele para que aceitasse suas ofertas. Em sua simplicidade e integridade, e em seu amor pelos irmãos, renunciaram alegremente, e assim foram ricos no fruto da beneficência.

Quando Paulo enviou Tito a Corinto para fortalecer os crentes ali, instruiu-o a desenvolver a igreja na graça de dar; e em carta pessoal aos crentes ele acrescentou também seu próprio apelo. "Como,

porém, em tudo, manifestai superabundância, tanto na fé”, apelou ele, “e na palavra como no saber, e em todo cuidado, e em nosso amor para convosco, assim também abundeis nesta graça. Completai, agora, a obra começada, para que, assim como revelastes prontidão no querer, assim a leveis a termo, segundo as vossas posses. Porque, se há boa vontade, será aceita conforme o que o homem tem e não segundo o que ele não tem”. 2 Coríntios 8:7, 11, 12. “E Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que tendo [192] sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra; [...] para que em tudo enriqueçais para toda a beneficência a qual faz que por nós se dêem graças a Deus”. 2 Coríntios 9:8-11.

Abnegada liberalidade levou a primeira igreja a um sentimento de alegria; pois os crentes sabiam que seus esforços estavam ajudando a levar o evangelho aos que estavam em trevas. Sua beneficência testificava que não haviam recebido a graça de Deus em vão. Que teria produzido tal liberalidade senão a santificação do Espírito? Aos olhos de crentes e incrédulos foi um milagre de graça.

A prosperidade espiritual está intimamente ligada à liberalidade cristã. Os seguidores de Cristo devem regozijar-se pelo privilégio de revelar em sua vida a beneficência do seu Redentor. Dando ao Senhor, eles têm a certeza de que seu tesouro está indo em sua frente para as cortes celestiais. Querem os homens ter seus bens seguros? Coloquem-nos nas mãos que levam as marcas da crucifixão. Querem aproveitar seus rendimentos? Usem-nos para abençoar os necessitados e sofredores. Querem aumentar suas posses? Acatem a ordem divina: “Honra ao Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de toda a tua renda; e se encherão os teus celeiros abundantemente, e transbordarão de mosto os teus lagares”. Provérbios 3:9, 10. Procurem eles reter suas posses com propósitos egoístas, e isso será para sua eterna perda. Dêem, porém seu tesouro a Deus, e desse momento em diante ele levará Sua inscrição. Ficará selado com a Sua imutabilidade.

Deus declara: “Bem-aventurados vós os que semeais sobre todas as águas”. Isaías 32:20. Um contínuo repartir dos dons de Deus onde quer que a causa do Senhor ou as necessidades da humanidade requeiram nosso auxílio, não leva à pobreza. “Alguns há que espalham, e ainda se lhes acrescenta mais; e outros que retêm mais do que é justo, mas é para a sua perda”. Provérbios 11:24. O semeador

multiplica a semente ao utilizá-la. Assim é com os que são fiéis em distribuir os dons de Deus. Repartindo, aumentam suas bênçãos. "Dai, e ser-vos-á dado", prometeu Deus; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando, vos deitarão no vosso regaço". Lucas 6:38. [193]

Capítulo 33 — Trabalhando sob dificuldades

Embora Paulo fosse cuidadoso em expor perante os conversos o claro ensino das Escrituras referentes ao legítimo sustento da obra de Deus, e embora reclamasse para si mesmo, como ministro do evangelho, o direito de “deixar de trabalhar” (1 Coríntios 9:6), em atividades seculares como meio de manutenção própria, todavia em várias ocasiões durante seu ministério nos grandes centros da civilização, dedicou-se a um trabalho manual para ganhar sua manutenção.

Entre os judeus, o trabalho físico não era considerado estranho ou degradante. Por intermédio de Moisés, os hebreus haviam sido ensinados a instruir seus filhos em hábitos industriosos; e era considerado um pecado permitir a um jovem crescer sem aprender o trabalho físico. Mesmo que uma criança devesse ser educada para o ofício divino, o conhecimento da vida prática era considerado essencial. A cada jovem, fossem seus pais ricos ou pobres, era ensinado algum ofício. Os pais que negligenciavam prover tal aprendizado a seus filhos eram olhados como se desviando da instrução do Senhor. De acordo com esse costume, Paulo cedo aprendeu o ofício de fabricar tendas.

Antes de se tornar discípulo de Cristo, Paulo ocupava uma alta posição, e não dependia de trabalho manual para se manter. Mais tarde, porém, quando havia usado todas as suas posses na promoção da causa de Cristo, ele recorreu algumas vezes ao ofício para ganhar a manutenção. Este era especialmente o caso quando trabalhava em lugares onde seus motivos pudessem ser mal-entendidos.

É em Tessalônica que pela primeira vez lemos de Paulo trabalhando com suas próprias mãos para manter-se enquanto pregava a Palavra. Escrevendo ao grupo de crentes ali, ele lhes recorda que teria podido ser-lhes “pesado”, e acrescenta: “Porque bem vos lembrais, irmãos, do nosso trabalho e fadiga; pois, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós, vos pregamos o evangelho de Deus”. 1 Tessalonicenses 2:6, 9. E outra vez, em

sua segunda epístola a eles, declara que ele e seus companheiros, enquanto permaneceram com eles, não comeram o pão de nenhum deles "de graça" Noite e dia trabalhamos, escreveu "para não sermos pesados a nenhum de vós. Não porque não tivéssemos autoridade, mas para vos dar em nós mesmo exemplo, para nos imitardes". 2 Tessalonicenses 3:8, 9. [194]

Em Tessalônica, Paulo havia encontrado os que se recusavam trabalhar com suas próprias mãos. Foi a respeito dessa classe que ele escreveu mais tarde: "Alguns entre vós andam desordenadamente, não trabalhando, antes fazendo coisas vãs. A esses tais, porém, mandamos, e exortamos por nosso Senhor Jesus Cristo, que, trabalhando com sossego comam o seu próprio pão" Enquanto trabalhava em Tessalônica, Paulo havia tido o cuidado de dar a tais pessoas um bom exemplo. "Porque quando ainda estávamos convosco", escreveu, "vos mandamos isto, que, se alguém não quiser trabalhar, não coma também". 2 Tessalonicenses 3:11, 12, 10.

Em cada época, Satanás tem procurado prejudicar os esforços dos servos de Deus pela intromissão na igreja do espírito de fanatismo. Assim foi nos dias de Paulo e assim foi também durante o tempo da Reforma. Séculos mais tarde, Wycliffe, Lutero e muitos outros que abençoaram o mundo por sua influência e fé, encontraram as astúcias pelas quais o inimigo busca levar ao fanatismo extremado mentes desequilibradas e não santificadas. Criaturas desorientadas têm ensinado que a conquista da verdadeira santidade coloca a mente acima de todos os pensamentos terrestres, e leva os homens a se absterem inteiramente do trabalho. Outros, interpretando com extremismo determinados textos das Escrituras, têm ensinado que é pecado trabalhar — que os cristãos não devem se preocupar quanto aos seus interesses temporais e de sua família, mas dedicar a vida inteiramente às coisas espirituais. Os ensinos e exemplos do apóstolo Paulo são uma reprovação a tais extremismos.

Paulo não dependeu inteiramente do trabalho de suas mãos para manter-se enquanto esteve em Tessalônica. Referindo-se mais tarde a sua experiência nessa cidade, ele escreveu aos crentes filipenses em reconhecimento dos donativos que deles havia recebido enquanto esteve ali, dizendo: "Porque também uma e outra vez me mandastes o necessário a Tessalônica". Filipenses 4:16. Não obstante o fato de haver recebido este auxílio, foi cuidadoso em dar aos tessalonicenses

um exemplo de diligência, para que ninguém pudesse, com razão, acusá-lo de cobiça, e também para que os que mantinham pontos de vista fanáticos referentes ao trabalho manual recebessem uma reprovação prática.

Quando Paulo visitou Corinto pela primeira vez, encontrou-se entre um povo que desconfiava das intenções dos estrangeiros. Os gregos do litoral eram negociantes perspicazes, e por tão longo tempo se haviam dedicado à prática de negócios condenáveis, que chegaram a crer que o ganho era piedade, e que conseguir dinheiro, quer por meios lícitos ou ilícitos, era louvável. Paulo estava familiarizado com suas características, e não lhes desejava dar ocasião de dizer que ele pregava o evangelho para enriquecer. Ele podia, com justiça, exigir manutenção da parte de seus ouvintes coríntios; mas a esse direito se dispunha a renunciar, com receio de que sua utilidade e [195] sucesso como pastor fossem prejudicados pela suspeita injusta de estar ele pregando o evangelho a troco de dinheiro. Ele procurava remover qualquer oportunidade de mistificação, para que não ficasse comprometida a força da sua mensagem.

Logo após sua chegada a Corinto, Paulo encontrou "um certo judeu por nome Áqüila, natural do Ponto, que havia pouco tinha vindo da Itália, e Priscila, sua mulher" Esses eram "do mesmo ofício" que ele. Banidos pelo decreto de Cláudio, que ordenara que todos os judeus deixassem Roma, Áquila e Priscila tinham vindo para Corinto, onde estabeleceram um negócio como fabricantes de tendas. Paulo fez uma pesquisa com respeito a eles e, ciente de que temiam a Deus e estavam procurando evitar as contaminadoras influências de que estavam cercados, "ficou com eles, e trabalhava... e todos os sábados disputava na sinagoga e convencia a judeus e gregos". Atos 18:2-4.

Mais tarde, Silas e Timóteo se reuniram a Paulo em Corinto. Esses irmãos levavam consigo recursos das igrejas da Macedônia para o sustento da obra.

Em sua segunda carta aos crentes de Corinto, escrita depois de haver erguido ali uma forte igreja, Paulo recordou sua maneira de proceder entre eles. "Pequei porventura", perguntou ele, "humilhando-me a mim mesmo, para que vós fôsseis exaltados, porque de graça vos anunciei o evangelho de Deus? Outras igrejas despojei eu para vos servir, recebendo delas salário; e quando

estava presente convosco, e tinha necessidade, a ninguém fui pesado. Porque os irmãos que vieram da Macedônia supriram a minha necessidade; e em tudo me guardei de vos ser pesado, e ainda me guardarei. Como a verdade de Cristo está em mim, essa glória não me será impedida nas regiões da Acaia”. 2 Coríntios 11:7-10.

Paulo expôs porque havia assim procedido em Corinto. E que não desejava dar “ocasião aos que buscam ocasião”. 2 Coríntios 11:12. Enquanto esteve trabalhando na fabricação de tendas, fielmente havia também proclamado o evangelho. Ele próprio declara a respeito de seu trabalho: “Os sinais do meu apostolado foram manifestados entre vós com toda a paciência, por sinais, prodígios e maravilhas” E acrescenta: “Porque, em que tendes vós sido inferiores às outras igrejas, a não ser que eu mesmo vos não fui pesado? Perdoai-me este agravo. Eis aqui estou pronto para pela terceira vez ir ter convosco, e não vos serei pesado, pois que não busco o que é vosso, mas sim a vós. [...] Eu de muito boa vontade gastarei, e me deixarei gastar pelas vossas almas”. 2 Coríntios 12:12-15.

Durante o longo período de seu ministério em Éfeso, onde promoveu durante três anos uma intensiva campanha evangelística através daquela região, Paulo retornou ao seu ofício. Em Éfeso, como em Corinto, o apóstolo se rejubilou pela presença de Áquila e Priscila, os quais o haviam acompanhado em seu retorno à Ásia ao fim de sua segunda viagem missionária.

Havia alguns que faziam restrição a estar Paulo trabalhando num ofício, sob a alegação de que era incoerente com a obra de um ministro evangélico. Por que deveria Paulo, um ministro da mais [196] alta categoria, assim aliar uma atividade braçal com a pregação da Palavra? Não é o obreiro digno do seu salário? Por que deveria ser gasto na fabricação de tendas o tempo, que, segundo tudo indicava, podia ser empregado com melhor proveito?

Mas Paulo não considerava perdido o tempo assim gasto. Enquanto trabalhava com Áquila, mantinha-se em contato com o grande Mestre, não perdendo oportunidade de dar testemunho do Salvador e de auxiliar a tantos quantos necessitassem de auxílio. Sua mente estava sempre à procura de conhecimento espiritual. A seus colaboradores deu instrução sobre coisas espirituais, e também exemplo de operosidade e inteireza. Era um obreiro hábil e ativo, diligente nos negócios, fervoroso “no espírito, servindo ao Senhor”. Romanos

12:11. Enquanto trabalhava em seu ofício, o apóstolo tinha acesso a uma classe de pessoas que de outra maneira não teria podido alcançar. Mostrava aos que a ele estavam unidos que a habilidade nas artes comuns é um dom de Deus, o qual provê tanto o dom como a sabedoria para usá-lo retamente. Ensinava que, mesmo nas atividades diárias, Deus deve ser honrado. Suas mãos calejadas em nada diminuíam a força de seus inflamados apelos como ministro cristão.

Paulo trabalhava algumas vezes dia e noite, não apenas para seu próprio sustento, mas para que pudesse ajudar a seus companheiros de trabalho. Repartia seu ganho com Lucas, e auxiliava Timóteo. Sofria até fome às vezes, para que pudesse aliviar as necessidades de outros. Sua vida era de abnegação. Ao fim de seu ministério, na ocasião de sua despedida dos anciãos de Éfeso e Mileto, ele pôde erguer perante ele as suas mãos gastas do trabalho e dizer: “De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem o vestido. Vós mesmos sabeis que para o que me era necessário a mim, e aos que estão comigo, estas mãos me serviram. Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos, e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber”. Atos 20:33-35.

Se há pastores que sentem estar sofrendo dificuldades e privações na causa de Cristo, visitem em imaginação a tenda de trabalho de Paulo. Tenham em mente que, enquanto esse escolhido homem de Deus está modelando a lona, está trabalhando pelo pão a que tem justo direito por seus trabalhos como apóstolo.

O trabalho é uma bênção, não maldição. Um espírito de indolência destrói a piedade e ofende o Espírito de Deus. Um lago estagnado é repulsivo, mas uma fonte pura e corrente espalha saúde e alegria sobre a Terra. Paulo sabia que os que negligenciam o trabalho físico logo se tornam debilitados. Ele queria ensinar a pastores jovens que, pelo trabalho manual, pelo exercício dos músculos e nervos, tornar-se-iam fortes para suportar os trabalhos e privações que os [197] esperavam no campo evangélico. Sentia que seus próprios ensinos se ressentiriam de força e vitalidade se ele não mantivesse todas as partes do organismo devidamente exercitadas.

O indolente se priva da valiosa experiência obtida pelo fiel cumprimento dos deveres comuns da vida. Não são poucos, mas milhares

os seres humanos que vivem apenas para consumir os benefícios que Deus, em Sua misericórdia, derrama sobre eles. Esquecem de dar ao Senhor ofertas de gratidão pelas riquezas que Ele lhes confiou. Esquecem que, por negociar sabiamente com os talentos a eles emprestados, devem ser produtores tanto quanto consumidores. Se compreendessem a obra que o Senhor quer que eles façam como Sua mão ajudadora, não fugiriam à responsabilidade.

A utilidade de jovens que se sentem chamados por Deus para pregar, depende muito da maneira pela qual entram no trabalho. Os que são escolhidos por Deus para a obra do ministério darão prova de sua alta vocação e por todos os meios possíveis procurarão desenvolver-se em obreiros capazes. Esforçar-se-ão por alcançar uma experiência que os capacite a planejar, organizar e executar. Apreciando a santidade de seu chamado desejarão, por autodisciplina, tornar-se mais e mais semelhantes a seu Mestre, revelando Sua bondade, amor e verdade. Ao se mostrarem fervorosos em desenvolver os talentos a eles confiados, a igreja os deve ajudar judiciosamente.

Nem todos os que sentem ter sido chamados a pregar devem ser encorajados a depender imediatamente, com suas famílias, da igreja para contínuo sustento. Há o perigo de que alguns de limitada experiência sejam inutilizados pela lisonja e por encorajamento desavisado a esperar pela manutenção independentemente de qualquer sério esforço de sua parte. Os meios dedicados à extensão da obra de Deus não devem ser consumidos por homens que desejem pregar apenas para receber sustento, e assim satisfazer a ambição egoísta de uma vida fácil.

Jovens que desejarem exercer seus dons na obra do ministério encontrarão ótima lição no exemplo de Paulo em Tessalônica, Corinto, Éfeso e outros lugares. Embora fosse eloqüente pregador, e por Deus escolhido para uma obra especial, ele jamais se colocou acima do trabalho nem se cansou de se sacrificar pela causa que amava. "Até esta presente hora", escreveu aos coríntios, "sofremos fome, e sede, e estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa. E nos afadigamos, trabalhando com nossas próprias mãos; somos injuriados, e bendizemos; somos perseguidos, e sofremos". 1 Coríntios 4:11, 12.

Sendo um dos maiores mestres humanos, Paulo alegremente executou os mais humildes bem como os mais altos deveres. Quando em

seu serviço pelo Mestre as circunstâncias o requeriam, ele voluntariamente trabalhava em seu ofício. Contudo, estava sempre pronto a pôr de lado sua obra secular, para enfrentar a oposição dos inimigos do evangelho, ou aproveitar uma especial oportunidade de salvar pessoas para Jesus. Sua operosidade e zelo eram uma reprovação à indolência e ao desejo de acomodação. [198]

Paulo deu um exemplo contra o sentimento que então ganhava influência na igreja, de que o evangelho só poderia ser pregado com êxito por aqueles que estivessem inteiramente libertos da necessidade de trabalho físico. Ele ilustrou de maneira prática o que podia ser feito por consagrados leigos em muitos lugares onde o povo não estava familiarizado com as verdades do evangelho. Sua atitude inspirou em muitos humildes trabalhadores o desejo de fazer o que lhes fosse possível para o avanço da causa de Deus, enquanto ao mesmo tempo se mantinham com o trabalho diário. Áquila e Priscila não foram chamados a dar todo o seu tempo ao ministério evangélico; todavia esses humildes obreiros foram usados por Deus para mostrar a Apolo mais perfeitamente o caminho da verdade. O Senhor emprega vários instrumentos para a realização de Seu propósito e, enquanto alguns com talentos especiais são escolhidos para devotar todas as suas energias à tarefa de ensinar e pregar o evangelho, muitos outros, sobre quem mãos humanas nunca foram postas em ordenação, são chamados a desempenhar importante parte na salvação.

Há um vasto campo aberto diante do obreiro de manutenção própria. Muitos podem alcançar valiosas experiências no ministério, enquanto trabalham parte do tempo em alguma forma de atividade manual e, por esse método, eficientes obreiros podem-se desenvolver para importantes serviços em campos necessitados.

O voluntário e abnegado servo de Deus, que trabalha incansavelmente pela palavra e pela doutrina, leva sobre o coração um pesado fardo. Ele não mede sua obra pelas horas. O salário não tem influência em seu trabalho, nem se desvia ele do dever por causa de condições desfavoráveis. Recebe do Céu sua missão, e do Céu espera a recompensa quando a obra a ele confiada estiver concluída.

É desígnio de Deus que tais obreiros estejam livres de ansiedade desnecessária, a fim de que possam obedecer completamente à ordem de Paulo a Timóteo: “Medita estas coisas; ocupa-te nelas”. 1 Timóteo 4:15. Conquanto devam ser cuidadosos em exercitar-se o

bastante para manter a mente e o corpo vigorosos, não é plano de Deus que sejam obrigados a gastar grande parte de seu tempo em empreendimentos seculares.

Esses fiéis obreiros, embora sejam dispostos a gastar-se pelo evangelho não estão isentos de tentação. Quando embaraçados e sobrecarregados de ansiedade por deixar a igreja de lhes prover o devido sustento financeiro, alguns são ferozmente assediados pelo tentador. Quando vêem suas atividades tão levianamente apreciadas, tornam-se deprimidos. Na realidade, eles aguardam o tempo do juízo para receber a legítima recompensa, e isso os anima; contudo, sua família precisa de roupa e alimento. Se se pudessem sentir libertos de sua missão divina, de bom grado trabalhariam com suas próprias mãos. Mas eles sentem que seu tempo pertence a Deus, não obstante a miopia dos que deveriam prover-lhes suficientes fundos. Sobrepõem-se à tentação de empreenderem atividades pelas [199] quais logo se colocariam além do alcance da penúria; e continuam a trabalhar para o avanço da causa que lhes é mais amada que a própria vida. Para assim proceder, porém, são forçados a seguir o exemplo de Paulo e empenham-se por algum tempo em trabalho manual enquanto continuam a promover sua atividade ministerial. Assim procedem, não para buscar seus próprios interesses, mas os interesses da causa de Deus na Terra.

Há vezes em que parece ao servo de Deus impossível realizar a obra necessária, porque faltam meios para levar avante um trabalho sólido e forte. Alguns ficam temerosos de que não possam fazer tudo quanto sentem que é seu dever, com os recursos de que dispõem. Mas se avançarem com fé, a salvação de Deus será revelada e o êxito acompanhará seus esforços. Aquele que ordenou a Seus seguidores ir por todas as partes do mundo, susterá cada obreiro que em obediência a Seu mando procura proclamar Sua mensagem.

Na promoção de Sua obra, nem sempre o Senhor torna claras todas as coisas a Seus servos. Algumas vezes, Ele prova a confiança de Seu povo deparando-lhes circunstâncias que o compelirão a prosseguir pela fé. Não raro, leva-os a lugares difíceis e apertados, e ordena que avancem quando seus pés parecem estar tocando as águas do Jordão. É em tais ocasiões, quando as orações de Seus servos ascendem a Ele em fervorosa fé, que Deus abre o caminho diante deles e leva-os a um lugar espaçoso.

Quando os mensageiros de Deus reconhecerem suas responsabilidades em relação às partes necessitadas da vinha do Senhor, e no espírito do Obreiro por excelência trabalharem incansavelmente para a conversão de pecadores, os anjos de Deus prepararão o caminho diante deles, e os meios necessários para o avanço da obra serão providos.

Os que são esclarecidos darão livremente para sustentar a obra feita em seu próprio benefício. Atenderão liberalmente a cada pedido de auxílio, e o Espírito de Deus lhes moverá o coração para sustentar a causa do Senhor não somente nos campos nacionais mas também nas regiões distantes. Assim os obreiros de outros lugares serão fortalecidos e a obra do Senhor avançará na maneira por Ele designada. [200]

Capítulo 34 — Ministério consagrado

Cristo deu, em Sua vida e lições, perfeito exemplo de ministério abnegado, o qual tem sua origem em Deus. Deus não vive para Si. Pela criação do mundo e pela sustentação de todas as coisas, está Ele constantemente ministrando a outros. Ele "faz que o Seu Sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos". Mateus 5:45. Esse ideal de ministério o Pai confiou a Seu Filho. Foi dado a Jesus colocar-Se à frente da humanidade, para por Seu exemplo ensinar o que significa ministrar. Toda a Sua vida esteve sob a lei do serviço. Serviu a todos e a todos ministrou.

Mais de uma vez procurou Jesus estabelecer esse princípio entre Seus discípulos. Quando Tiago e João pediram um lugar de preeminência, Ele disse: "Todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal; e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo; bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a Sua vida em resgate de muitos". Mateus 20:26-28.

Desde Sua ascensão, Cristo tem conduzido Sua obra na Terra por meio de escolhidos embaixadores e por cujo intermédio Ele fala aos filhos dos homens e ministra a suas necessidades. A grande Cabeça da igreja dirige Sua obra através da colaboração de homens ordenados por Deus para agir como Seus representantes.

A posição dos que foram chamados por Deus para trabalhar por palavra e doutrina para o reerguimento de Sua igreja é de grande responsabilidade. Estão no lugar de Cristo rogando a homens e mulheres que se reconciliem com Deus; e eles só podem cumprir sua missão se receberem sabedoria e poder do alto.

Os ministros de Cristo são guardadores espirituais do povo confiado a seu cuidado. Sua obra tem sido comparada à do vigia. Nos tempos antigos, as sentinelas eram muitas vezes colocadas sobre os muros da cidade, onde, de posição vantajosa, pudessem dominar importantes postos a ser guardados, e dar advertência da aproximação do inimigo. De sua fidelidade dependia a segurança de todos os que

estavam dentro da cidade. A determinados intervalos, exigia-se-lhes que chamassem uns aos outros a fim de estarem seguros de que todos estavam despertos e que nenhum dano sobreviera a alguém. O brado de animação ou de advertência era repetido de um ao outro [201] até que ecoasse ao redor de toda a cidade.

O Senhor declara a cada ministro: "A ti, pois, ó filho do homem, te constituí por vigia sobre a casa de Israel; tu, pois, ouvirás a palavra da Minha boca, e lha anunciarás da Minha parte. Se Eu disser ao ímpio: Ó ímpio, certamente morrerás; e tu não falares, para desviar o ímpio de seu caminho, morrerá esse ímpio na sua iniqüidade, mas o seu sangue Eu o demandarei da tua mão. Mas, quando tu tiveres falado para desviar o ímpio de seu caminho, [...] livraste a tua alma". Ezequiel 33:7-9.

As palavras do profeta declaram a solene responsabilidade dos que são designados como guardas da igreja de Deus, despenseiros dos mistérios de Deus. Devem ser vigias sobre os muros de Sião, para fazer soar o toque de alarme à aproximação do inimigo. Pessoas estão em perigo de cair sob a tentação, e perecerão, a menos que os ministros de Deus sejam fiéis ao seu encargo. Se por qualquer razão seu senso espiritual se torna tão embotado que são incapazes de discernir o perigo, e por deixarem de dar advertência o povo perecer, Deus requererá de sua mão o sangue dos que se perderem.

É privilégio dos vigias sobre os muros de Sião viver tão perto de Deus e ser de tal modo suscetíveis às impressões de Seu Espírito que Ele possa operar por meio deles, a fim de advertir do perigo a homens e mulheres, e apontar-lhes o lugar de segurança. Fielmente devem adverti-los do inevitável resultado da transgressão, e devem fielmente salvaguardar os interesses da igreja. Em tempo algum devem eles relaxar sua vigilância. Sua obra requer o exercício de cada habilidade. Como sons de trombeta sua voz deve fazer-se ouvir, e nunca deixar soar uma nota confusa ou hesitante. Não devem trabalhar pelo salário, mas porque não podem agir de outra maneira, pois sentem que há uma condenação sobre eles se deixarem de pregar o evangelho. Escolhidos por Deus, selados com o sangue da consagração, devem libertar homens e mulheres da destruição impendente.

O pastor que é coobreiro de Cristo tem um profundo senso da santidade de sua obra, e das labutas e sacrifícios requeridos para

executá-la com êxito. Ele não planeja seu próprio bem-estar ou conveniência. Esquece-se de si mesmo. Na busca da ovelha perdida não percebe que está cansado, com frio ou com fome. Tem apenas um objetivo em vista — a salvação do perdido.

Aquele que serve sob a bandeira sangrenta de Emanuel terá a fazer o que requererá heróico esforço e paciente perseverança. Mas o soldado da cruz permanecerá inabalável na frente de batalha. Ao arremessar o inimigo o ataque contra ele, procurará a fortaleza para auxílio, e ao apresentar ao Senhor as promessas da Palavra, será ele fortalecido para os deveres do momento. Ele sente sua necessidade de forças do alto. As vitórias que alcança não o levam à exaltação própria, mas sim a apegar-se mais e mais firmemente ao Poderoso. Apoiando-se nesse Poder, está ele capacitado a apresentar a mensagem de salvação de forma tão impressiva que ela vibrará em outras mentes. [202]

O que ensina a Palavra precisa, ele próprio, viver em consciente e contínua comunhão com Deus pela oração e estudo de Sua Palavra; pois nela está a fonte da força. A comunhão com Deus comunica aos esforços do pastor um poder maior que a influência de sua pregação. Não se deve ele permitir privar-se desse poder. Com um fervor que não pode ser negado, deve pleitear com Deus para que o fortaleça e prepare para o dever e as provações, e lhe toque os lábios com a brasa viva. É demasiado fraco o apego que os embaixadores de Cristo muitas vezes têm às realidades eternas. Se os homens andarem com Deus, Ele os esconderá no abrigo da Rocha. Assim abrigados, podem ver a Deus tal como Moisés. Pelo poder e luz que Ele comunica podem compreender e realizar mais do que seu finito julgamento havia considerado possível.

O engano de Satanás é usado com mais êxito contra os que se sentem deprimidos. Quando o desencorajamento procura derrotar o pastor, exponha ele perante Deus suas necessidades. Foi quando os céus estavam como bronze sobre Paulo que ele confiou mais amplamente em Deus. Mais que a maioria dos homens, ele conhecia o significado da aflição; mas note seu grito de triunfo quando, sitiado pelas tentações e conflitos, seus pés se apressavam rumo ao Céu: "A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem". 2 Coríntios 4:17, 18. Os olhos de Paulo

estavam sempre voltados para o invisível e eterno. Reconhecendo que estava lutando contra poderes sobrenaturais, pôs sua confiança em Deus, e nisso repousava sua força. É pelo contemplar Aquele que é invisível que se obtém a força e o vigor do espírito, e é quebrado o poder das coisas terrenas sobre a mente e o caráter.

Deve o pastor misturar-se livremente com aqueles por quem trabalha a fim de familiarizar-se com eles e saber como adaptar seus ensinos às necessidades deles. Havendo pregado um sermão, a obra do pastor apenas começou. Há um trabalho pessoal para ele fazer. Deverá visitar o povo em seus lares, falando e orando com eles com fervor e humildade. Há famílias que jamais serão alcançadas pelas verdades da Palavra de Deus a menos que os mordomos de Sua graça entrem em seus lares e lhes indiquem o mais alto caminho. Mas o coração dos que fazem essa obra devem pulsar em uníssono com o coração de Cristo.

Muito está compreendido na ordem: "Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a Minha casa se encha". Lucas 14:23. Ensinem os pastores as verdades nos lares, aproximando-se daqueles por quem trabalham; ao assim cooperarem com Deus, Ele os revestirá de poder espiritual. Cristo os guiará em sua obra, dando-lhes palavras que penetrarão profundamente no coração dos ouvintes. É privilégio de cada pastor poder dizer com Paulo: "Nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus" "Nada, que útil [203] seja, deixei de vos anunciar, e ensinar publicamente e pelas casas, [...] testificando, tanto aos judeus como aos gregos, a conversão a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo". Atos 20:27, 20, 21.

O Salvador ia de casa em casa, curando os enfermos, confortando os que choravam, consolando os aflitos, inspirando paz aos desconsolados. Tomava as criancinhas nos braços e as abençoava, e dizia palavras de esperança e conforto às mães cansadas. Com infalível gentileza e ternura, Ele Se aproximava de cada forma de miséria e aflição humanas. Trabalhava não para Si mesmo, mas para os outros. Era o servo de todos. Sua comida e bebida era levar esperança e ânimo a todos aqueles com quem entravam em contato. E ao atentarem homens e mulheres para as verdades que caíam de Seus lábios, tão diferentes das tradições e dogmas ensinados pelos rabinos; brotava-lhes a esperança no coração. Havia em Seus ensinos um fervor que enviava Suas palavras ao íntimo com poder convincente.

Os ministros de Deus devem aprender o método de trabalho de Cristo, para que possam tirar dos celeiros de Sua Palavra o que irá suprir as necessidades espirituais daqueles por quem trabalham. Somente assim poderão desempenhar a tarefa que lhes foi confiada. O mesmo Espírito que habitou em Cristo ao repartir Ele a instrução que estava constantemente recebendo, deve ser-lhes a fonte de conhecimento e segredo de seu poder para realizar a obra do Salvador no mundo.

Alguns que trabalharam no ministério deixaram de alcançar sucesso porque não dedicaram interesse total à obra do Senhor. Não devem os pastores abrigar outros interesses além da grande obra de conduzir pessoas ao Salvador. Os pescadores a quem Cristo chamou, imediatamente deixaram suas redes e O seguiram. Não podem os pastores fazer um trabalho aceitável para Deus, e ao mesmo tempo levar o fardo de grandes empreendimentos de negócios pessoais. Tal divisão de interesse diminui-lhes a percepção espiritual. A mente e o coração ficam ocupados com coisas terrenas, e o serviço de Cristo toma o segundo lugar. Procuram ajustar sua obra para Deus de acordo com as circunstâncias, em vez de ajustar as circunstâncias aos reclamos de Deus.

As energias do pastor são todas necessárias para o seu alto chamado. Suas melhores faculdades pertencem a Deus. Não deve ele envolver-se em especulações, ou em qualquer outro negócio que o desvie de sua grande obra. "Ninguém que milita", escreveu Paulo, "se embaraça com negócios desta vida, a fim de agradar aquele que o alistou para a guerra". 2 Timóteo 2:4. Assim deu o apóstolo ênfase à necessidade do pastor se consagrar sem reservas ao serviço do Mestre. O pastor que está integralmente consagrado a Deus recusa empenhar-se em negócios que poderiam impedi-lo de se dedicar inteiramente ao sagrado ofício. Não procura riquezas nem honra terrestres; seu único propósito é falar a outros a respeito do Salvador que Se entregou para levar aos seres humanos as riquezas da vida eterna. Seu supremo desejo não é acumular tesouros neste mundo, mas chamar a atenção dos indiferentes e desleais para as realidades [204] eternas. Ele pode ser convidado a empenhar-se em empresas que prometam grandes lucros mundanos, mas a tais tentações ele responde: "Que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma?" Marcos 8:36.

Satanás apresentou esse engano a Cristo, sabendo que se Ele o aceitasse, o mundo jamais seria redimido. E sob diferentes disfarces apresenta a mesma tentação aos ministros de Deus hoje, sabendo que os que forem enganados por ela serão infiéis ao seu legado.

Não é vontade de Deus que Seus ministros procurem enriquecer. Com respeito a isso escreveu Paulo a Timóteo: "O amor do dinheiro é a raiz de toda a espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores. Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas, e segue a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão" Pelo exemplo, bem como por preceito, o embaixador de Cristo deve orientar "aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos; que façam bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente, e sejam comunicáveis; que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna". 1 Timóteo 6:10, 11, 17-19.

As experiências do apóstolo Paulo e suas instruções referentes à santidade da obra do pastor, são uma fonte de auxílio e inspiração aos que se empenham no ministério evangélico. O coração de Paulo ardia em amor pelos pecadores, e ele punha todas as suas energias na obra da salvação. Jamais houve obreiro mais perseverante e abnegado. As bênçãos que recebeu, avaliou-as como outros tantos privilégios a serem usados para abençoar a outros. Ele não perdia oportunidade de falar do Salvador ou de ajudar aos que estavam em lutas. Ia de lugar em lugar, pregando o evangelho de Cristo e estabelecendo igrejas. Onde quer que pudesse encontrar audiência, procurava desfazer o mal e dirigir os pés de homens e mulheres para o caminho da justiça.

Paulo não se esquecia das igrejas que havia estabelecido. Depois de fazerem uma viagem missionária, Paulo e Barnabé repassavam seu caminho, visitavam as igrejas que haviam estabelecido, escolhendo delas homens a quem pudessem preparar a fim de se unirem na proclamação do evangelho.

Esse aspecto da obra de Paulo contém uma importante lição para os ministros de hoje. O apóstolo estabeleceu como parte de seu trabalho educar jovens para o encargo do ministério. Levava-os consigo em suas viagens missionárias e assim adquiriam experiência

que mais tarde os habilitava a ocupar posições de responsabilidade. Separado deles, conservava-se ainda em contato com o trabalho deles, e suas cartas a Timóteo e a Tito são provas de quão profundo era o seu desejo pelo êxito deles. [205]

Os experimentados obreiros de hoje fazem nobre obra quando, em vez de procurarem levar todos os encargos sozinhos, preparam obreiros mais jovens e colocam responsabilidades sobre seus ombros.

Paulo jamais esqueceu a responsabilidade que repousava sobre ele como ministro de Cristo, nem que, se pessoas se perdessem por infidelidade de sua parte, Deus o consideraria responsável. Do "qual estou feito ministro", declarou ele a respeito do evangelho, "segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, para cumprir a Palavra de Deus; o mistério que esteve oculto desde todos os séculos, e em todas as gerações, e que agora foi manifesto aos Seus santos; aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória; a quem anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo; e para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que obra em mim poderosamente". Colossences 1:25-29.

Essas palavras apresentam perante o obreiro de Cristo um elevado objetivo, que entretanto, pode ser alcançado por todos os que, colocando-se sob o controle do grande Mestre, aprendem diariamente na escola de Cristo. O poder à disposição de Deus é ilimitado, e o pastor que em sua grande necessidade une-se a Deus pode estar certo de que receberá o que há de ser para seus ouvintes um cheiro de vida para vida.

Os escritos de Paulo mostram que o ministro do evangelho deve ser um exemplo das verdades que ensina, "não dando... escândalo em coisa alguma, para que o nosso ministério não seja censurado" De sua própria obra deixou-nos um quadro em sua carta aos crentes coríntios: "Tornando-nos recomendáveis em tudo; na muita paciência, nas aflições, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns, na pureza, na ciência, na longanimidade, na benignidade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas

armas da justiça, à direita e à esquerda, por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama; como enganadores, e sendo verdadeiros; como desconhecidos, mas sendo bem conhecidos; como morrendo, e eis que vivemos; como castigados, e não mortos; como contristados, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos". 2 Coríntios 6:3, 4-10.

A Tito ele escreveu: "Exorta semelhantemente os mancebos a que sejam moderados. Em tudo te dá por exemplo de boas obras; na doutrina mostra incorrupção, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível, para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós". Tito 2:6-8.

Nada existe mais precioso à vista de Deus que Seus ministros, os quais vão aos lugares desolados da Terra para semear as sementes [206] da verdade, na esperança da colheita. Ninguém a não ser Cristo pode medir o empenho de Seus servos ao saírem em busca dos perdidos. Ele lhes outorga Seu Espírito, e por seus esforços as pessoas são tiradas do pecado para a justiça.

Deus está chamando homens que estejam dispostos a deixar suas fazendas, negócios, se necessário a família, para se tornarem missionários para Ele. E o chamado será respondido. Tem havido no passado homens que, constrangidos pelo amor de Cristo e pelas necessidades dos perdidos, deixaram os confortos do lar e a sociedade de amigos, inclusive da esposa e filhos, para ir a terras estrangeiras, entre idólatras e selvagens, a fim de proclamar a mensagem de misericórdia. Nessa empreitada muitos perderam a vida, mas outros têm surgido para levar a obra. Assim, passo a passo, a causa de Cristo tem progredido, e a semente semeada em tristeza tem produzido uma abundante colheita. O conhecimento de Deus tem sido estendido amplamente, e a bandeira da cruz plantada em terras pagãs.

Para a conversão de um só pecador, o ministro deve empenhar ao máximo suas energias. A pessoa, criada por Deus e por Cristo redimida, é de grande valor, por causa das possibilidades perante ela, das vantagens espirituais que lhe tem sido concedidas, das habilidades que pode possuir se vitalizada pela Palavra de Deus e da imortalidade que pode obter através da esperança apresentada no evangelho. E se Cristo deixou as noventa e nove ovelhas para que pudesse buscar e salvar a única que se havia extraviado, podemos nós ser justificados fazendo menos? Não constitui o negligenciar

trabalhar como Cristo trabalhou, sacrificar como Ele sacrificou, a traição de sagradas verdades, um insulto a Deus?

O coração do verdadeiro ministro está cheio do intenso desejo de salvar. São gastos o tempo e a força, e nenhum penoso esforço é evitado, pois outros precisam ouvir as verdades que trouxeram ao seu próprio coração tamanha alegria, paz e satisfação. O Espírito de Cristo repousa sobre ele. Ele se preocupa com os perdidos como quem deve dar conta deles. Com os olhos fixos na cruz do Calvário, contemplando o Salvador suspenso, confiando em Sua graça, crendo que Ele estará com ele até o fim, como sua proteção, sua fortaleza, sua eficiência, ele trabalha para Deus. Com rogos e convites, misturados com a segurança do amor de Deus, ele busca conquistar almas para Jesus, e no Céu é contado entre os que são "chamados, e eleitos, e fiéis". Apocalipse 17:14. [207]

Capítulo 35 — A salvação para os judeus

Este capítulo é baseado na Epístola aos Romanos.

Após muitos inevitáveis atrasos, Paulo chegou afinal a Corinto, cenário de tantos trabalhos ansiosos no passado, e por algum tempo objeto de profunda solicitude. Verificou que muitos dos primitivos crentes ainda se referiam a ele com afeição, como aquele que primeiro lhes levara a luz do evangelho. Como saudasse esses discípulos e visse as evidências de sua fidelidade e zelo, rejubilava-se por sua obra em Corinto não haver sido em vão.

Os crentes de Corinto, antes tão propensos a perder de vista seu alto chamado em Cristo, tinham desenvolvido a força do caráter cristão. Suas palavras e atos revelavam o poder transformador da graça de Deus, e eram eles agora uma potente força para o bem nesse centro de paganismo e superstição. Na sociedade de seus amados companheiros e desses fiéis conversos, o espírito cansado e abatido do apóstolo encontrou repouso.

Durante sua permanência em Corinto, Paulo achou tempo para projetar novos e mais vastos campos de trabalho. Sua projetada viagem a Roma ocupava especialmente seus pensamentos. Ver a fé cristã firmemente estabelecida no grande centro do mundo conhecido, era uma de suas mais caras esperanças e acalentados planos. Uma igreja já havia sido estabelecida em Roma, e o apóstolo desejava conseguir a cooperação dos crentes dali na obra a ser promovida na Itália e em outros países. A fim de preparar o caminho para os seus trabalhos entre esses irmãos, muitos dos quais lhe eram até então estranhos, enviou-lhes uma carta, anunciando seu intento de visitar Roma e sua esperança de plantar o estandarte da cruz na Espanha.

Em sua epístola aos romanos, Paulo expôs os grandes princípios do evangelho. Ele afirmava a sua posição nas questões que estavam agitando as igrejas judaicas e gentílicas, e mostrava que as espe-

ranças e promessas que haviam pertencido antes aos judeus eram, agora, oferecidas também aos gentios.

Com grande clareza e poder, o apóstolo apresentava a doutrina da justificação pela fé em Cristo. Ele esperava que outras igrejas também pudessem ser ajudadas pela instrução enviada aos cristãos de Roma; mas quão pouco podia ele prever o vasto alcance da influência de suas palavras! Através dos séculos, a grande verdade da justificação pela fé tem permanecido como poderoso farol a guiar [208] os pecadores arrependidos ao caminho da vida. Foi essa luz que dissipou as trevas que envolviam a mente de Lutero e revelou-lhe o poder do sangue de Cristo para purificar do pecado. A mesma luz tem guiado à verdadeira fonte de perdão e de paz, milhares de seres sobrecarregados de pecado. Cada cristão tem motivos para agradecer a Deus pela epístola aos romanos.

Nesta carta, Paulo deu livre expressão a suas preocupações em favor dos judeus. Desde sua conversão suspirava por ajudar seus irmãos a alcançar uma clara compreensão da mensagem do evangelho. "O bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel", declarou, "é para sua salvação". Romanos 10:1.

Não era um desejo comum que o apóstolo sentia. Constantemente, estava pedindo a Deus para operar em favor dos israelitas que haviam deixado de reconhecer a Jesus de Nazaré como o Messias prometido. "Em Cristo digo a verdade, não minto", afirmou ele aos crentes de Roma, "dando-me testemunho a minha consciência no Espírito Santo, que tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; que são israelitas dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os pais, e dos quais é Cristo segundo a carne, o qual é sobre todos Deus bendito eternamente". Romanos 9:1-5.

Os judeus foram o povo escolhido de Deus, por cujo intermédio Ele Se propusera abençoar toda a humanidade. Dentre eles, Deus havia levantado muitos profetas. Estes haviam predito o advento de um Redentor que devia ser rejeitado e morto pelos que deveriam ter sido os primeiros a reconhecê-Lo como o Prometido.

O profeta Isaías, devassando os séculos e testemunhando a rejeição de profeta após profeta e finalmente do Filho de Deus, foi

inspirado a escrever com respeito à aceitação do Redentor por parte daqueles que nunca haviam sido antes contados entre os filhos de Israel. Referindo-se a essa profecia, Paulo declara: "Isaías ousadamente diz: Fui achado pelos que Me não buscavam, fui manifestado aos que por Mim não perguntavam. Mas contra Israel diz: Todo o dia estendi as Minhas mãos a um povo rebelde e contradizente". Romanos 9:1-5.

Muito embora houvesse Israel rejeitado Seu Filho, Deus não os rejeitou. Note como Paulo continua a argumentar: "Digo pois: Porventura rejeitou Deus o Seu povo? De modo nenhum; porque também eu sou israelita da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não rejeitou o Seu povo, que antes conheceu. Ou não sabeis o que a Escritura diz de Elias, como fala a Deus contra Israel, dizendo: Senhor, mataram os Teus profetas, e derribaram os Teus altares; e só eu fiquei, e buscam a minha alma? Mas que lhe [209] diz a resposta divina? Reservei para Mim sete mil varões, que não dobraram os joelhos diante de Baal. Assim pois também agora neste tempo ficou um resto, segundo a eleição da graça". Romanos 11:1-5.

Israel tinha tropeçado e caído, mas isso não tornara impossível para eles se levantarem outra vez. Em resposta à pergunta: "Porventura tropeçaram, para que caíssem?" o apóstolo responde: "De modo nenhum, mas pela sua queda veio a salvação aos gentios, para os incitar à emulação. E, se a sua queda é a riqueza do mundo, e a sua diminuição a riqueza dos gentios, quanto mais a sua plenitude! Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, glorificarei o meu ministério; para ver se de alguma maneira posso incitar à emulação os da minha carne e salvar alguns deles. Porque, se a sua rejeição é a reconciliação do mundo, qual será a sua admissão, senão a vida dentre os mortos?" Romanos 11:11-15.

Era propósito de Deus que Sua graça fosse revelada entre os gentios bem como entre os israelitas. Isso havia sido claramente esboçado nas profecias do Antigo Testamento. O apóstolo usa algumas dessas profecias em seu argumento. Ele interroga: "Não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra? E que direis se Deus, querendo mostrar a Sua ira e dar a conhecer o Seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para perdição, para que também desse a conhecer as riquezas da Sua glória nos vasos de misericórdia, que

para glória já antes preparou, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios? Como também diz em Oséias: Chamarei Meu povo ao que não era Meu povo; e amada, à que não era amada. E sucederá que no lugar em que lhes foi dito: Vós não sois Meu povo, aí serão chamados filhos do Deus vivo". Romanos 9:21-26.

Não obstante haver Israel falhado como nação, havia entre eles um considerável remanescente em condições de ser salvo. Ao tempo do advento do Salvador, houve homens e mulheres fiéis que receberam com alegria a mensagem de João Batista, e foram assim levados a estudar de novo as profecias referentes ao Messias. Quando a igreja cristã primitiva foi fundada, foi ela composta desses fiéis judeus que reconheceram Jesus de Nazaré como Aquele cujo advento haviam almejado. É a esse remanescente que Paulo se referiu quando escreveu: "E, se as primícias são santas, também a massa o é; se a raiz é santa, também os ramos o são". Romanos 11:16.

Paulo relaciona o remanescente de Israel a uma boa oliveira de que alguns galhos foram quebrados. E compara os gentios aos ramos de uma oliveira silvestre, enxertados no tronco da oliveira-mãe. "E se alguns dos ramos foram quebrados," escreve ele aos crentes gentios, "e tu, sendo zambujeiro, foste enxertado em lugar deles e feito participante da raiz e da seiva da oliveira, não te glories contra os ramos; e, se contra eles te gloriares, não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti. Dirás, pois: Os ramos foram quebrados, para que eu fosse enxertado. Está bem! Pela sua incredulidade foram [210] quebrados, e tu estás em pé pela fé; então, não te ensoberbeças, mas teme. Porque, se Deus não poupou os ramos naturais, teme que te não poupe a ti também. Considera, pois a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a benignidade de Deus, se permaneceres na Sua benignidade; de outra maneira, também tu serás cortado". Romanos 11:17-22.

Devido à incredulidade e à rejeição do propósito do Céu para eles, Israel como nação perdera sua ligação com Deus. Mas os ramos que haviam sido cortados do tronco, Deus podia ligar ao verdadeiro tronco de Israel — o remanescente que havia permanecido fiel ao Deus de seus pais. "E também eles", declara o apóstolo, falando dos ramos cortados, "se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados; porque poderoso é Deus para os tornar a enxertar" "Se

tu", escreve aos gentios, "foste cortado do natural zambujeiro e, contra a natureza, enxertado na boa oliveira, quanto mais esses, que são naturais, serão enxertados na sua própria oliveira! Porque não quero, irmãos, que ignoreis este segredo (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado.

"E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades. E este será o Meu concerto com eles, quando Eu tirar os seus pecados. Assim que, quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais. Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento. Porque assim como vós também antigamente fostes desobedientes a Deus, mas, agora, alcançastes misericórdia pela desobediência deles, assim também estes, agora, foram desobedientes, para também alcançarem misericórdia pela misericórdia a vós demonstrada. Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia.

"Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos, e quão inescrutáveis os Seus caminhos! Porque quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi Seu conselheiro? Ou quem Lhe deu primeiro a Ele, para que lhe seja recompensado? Porque dEle, e por Ele e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente". Romanos 11:23-36.

Assim mostra Paulo que Deus tem poder de sobra para transformar o coração tanto de judeus como de gentios, e de conceder a cada crente em Cristo as bênçãos prometidas a Israel. Ele repete a declaração de Isaías concernente ao povo de Deus: "Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo. Porque o Senhor executará a Sua palavra sobre a Terra, completando-a e abreviando-a. E como antes disse Isaías: Se o Senhor dos exércitos não nos deixara descendência, teríamos sido feitos como Sodoma, e seríamos semelhantes a Gomorra". Romanos 9:27-29. [211]

Ao tempo em que Jerusalém foi destruída e o templo reduzido a ruínas, muitos milhares de judeus foram vendidos para servir como escravos em terras pagãs. Como náufragos numa praia deserta, foram espalhados entre as nações. Por mil e oitocentos anos [isso

até o século 19] têm os judeus vagueado de terra em terra através do mundo, e em nenhum lugar tem-se-lhes dado o privilégio de recuperarem o antigo prestígio como nação. Odiados e perseguidos, de século em século sua herança tem sido de sofrimento.

Muito embora a tremenda sentença pronunciada sobre os judeus como nação ao tempo da rejeição de Jesus de Nazaré, por parte deles, tem havido de século em século muitos judeus nobres, homens e mulheres, tementes a Deus, os quais têm sofrido em silêncio. Deus tem confortado seus corações em aflição, e tem contemplado com piedade sua terrível situação. Tem ouvido as agonizantes orações dos que de todo o coração O têm buscado para uma justa compreensão de Sua Palavra. Alguns têm aprendido a ver no humilde Nazareno a quem seus antepassados rejeitaram e crucificaram, o verdadeiro Messias de Israel. Ao alcançar sua mente o significado das familiares profecias há muito obscurecidas pela tradição e errada interpretação, seu coração se tem enchido de gratidão a Deus pelo dom inaudito que Ele outorga a todo ser humano que decide aceitar a Cristo como Salvador pessoal.

É a essa classe que Isaías se refere em sua profecia: “O remanescente é que será salvo”. Isaías 10:22, 23. Desde os dias de Paulo até o presente, Deus pelo Seu Espírito Santo tem estado a chamar tanto a judeus como a gentios. “Deus não faz acepção de pessoas” (Romanos 2:11), declarou Paulo. O apóstolo considerava-se devedor “tanto a gregos como a bárbaros”, bem como a judeus; mas jamais perdeu ele de vista as decididas vantagens que os judeus haviam possuído sobre outros, “primeiramente”, porque “as palavras de Deus lhe foram confiadas”. Romanos 3:2. “O evangelho”, declarou, “é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego. Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé”. Romanos 1:16, 17. É desse evangelho de Cristo, igualmente eficaz a judeus e gentios, que Paulo em sua epístola aos romanos declara não se envergonhar.

Quando esse evangelho for apresentado em sua plenitude aos judeus, muitos aceitarão a Cristo como o Messias. Entre os ministros cristãos há poucos que se sentem chamados a trabalhar pelo povo judeu; mas aos que têm sido passados por alto, bem como a todos

os outros, deve chegar a mensagem de misericórdia e esperança em Cristo.

Na proclamação final do evangelho, quando deve ser feito um trabalho especial pelas classes de pessoas até aqui negligenciadas, Deus espera que Seus mensageiros tomem interesse especial pelo povo judeu, o qual se encontra em todas as partes da Terra. Ao serem as Escrituras do Antigo Testamento relacionadas com o Novo numa [212] explanação do eterno propósito de Jeová, isto será para muitos judeus como o raiar de uma nova criação, a ressurreição da esperança. Ao verem o Cristo da dispensação do evangelho retratado nas páginas das Escrituras do Antigo Testamento, e perceberem quão claramente o Novo Testamento explica o Antigo, suas adormecidas faculdades despertarão e eles reconhecerão a Cristo como o Salvador do mundo. Muitos receberão a Cristo pela fé como seu Redentor. Em relação a eles se cumprirão as palavras: "Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no Seu nome". João 1:12.

Há entre os judeus alguns que, como Saulo de Tarso, são poderosos nas Escrituras, e esses proclamarão com maravilhoso poder a imutabilidade da lei de Deus. O Deus de Israel fará que isso ocorra em nossos dias. Seu braço não está encolhido para que não possa salvar. Ao trabalharem com fé Seus servos pelos que de muito têm sido negligenciados e desprezados, Sua salvação será revelada.

"Assim diz o Senhor, que remiu a Abraão, acerca da casa de Jacó: Jacó não será agora envergonhado, nem agora se descorará a sua face. Mas quando vir a Seus filhos, a obra das Minhas mãos, no meio dele, santificarão o Meu nome, e santificarão ao Santo de Jacó, e temerão ao Deus de Israel. E os errados de espírito virão a ter entendimento, e os murmuradores aprenderão doutrina". Isaías [213] 29:22-24.

Capítulo 36 — Apostasia na Galácia

Este capítulo é baseado na Epístola aos Gálatas.

Enquanto permanecia em Corinto, Paulo teve motivos para sérias apreensões com respeito a algumas das igrejas já estabelecidas. Através da influência de falsos ensinadores que se tinham levantado entre os crentes em Jerusalém, a divisão, heresia e sensualismo estavam rapidamente ganhando terreno entre os crentes na Galácia. Esses falsos ensinadores estavam misturando tradições judaicas com as verdades do evangelho. Desconsiderando a decisão do concílio geral de Jerusalém, impuseram aos crentes gentios a observância da lei cerimonial.

A situação era crítica. Os males que haviam sido introduzidos ameaçavam destruir rapidamente as igrejas da Galácia.

Paulo tinha o coração cortado e sua mente estava contristada por essa franca apostasia da parte daqueles a quem ensinara fielmente os princípios do evangelho. Imediatamente, ele escreveu aos enganados crentes, expondo as falsas teorias que tinham aceitado, e com grande severidade repreendeu a todos os que se estavam apartando da fé. Após saudar os gálatas com as palavras "graça e paz da parte de Deus Pai e da de nosso Senhor Jesus Cristo", dirigiu-lhes estas palavras de penetrante reprovação:

"Maravilho-me de que tão depressa passásseis dAquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho. O qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do Céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema". Gálatas 1:3, 6-8. Os ensinos de Paulo estavam em harmonia com as Escrituras, e o Espírito Santo tinha dado testemunho de seu trabalho; por isso ele advertia a seus irmãos a não atentarem para coisa alguma que contradissesse as verdades que lhes havia ensinado.

O apóstolo aconselhou os crentes gálatas a considerarem cuidadosamente sua primeira experiência na vida cristã. "Ó insensatos gálatas!" exclamou, "quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade, a vós, perante os olhos de quem Jesus Cristo foi já representado como crucificado? Só quisera saber isto de vós: Recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé? Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne? Será em vão que tenhais padecido tanto? Se é que isso também foi em vão. Aquele pois que vos dá o Espírito e que obra maravilhas entre vós, fá-lo pelas obras da lei, ou pela pregação da fé?" Gálatas 3:1-5. [214]

Assim Paulo colocava os crentes da Galácia perante o tribunal de sua própria consciência, e procurava detê-los em seu caminho. Confiando no poder de Deus para salvar, e recusando-se a reconhecer as doutrinas dos ensinadores apóstatas, o apóstolo ansiava por levar os conversos a ver que haviam sido grosseiramente enganados, mas que pelo retorno a sua primeira fé no evangelho podiam ainda anular os propósitos de Satanás. Ele tomou posição firmemente ao lado da verdade e da justiça; e sua suprema fé e confiança na mensagem que apresentara, ajudou a muitos cuja fé havia fracassado, a retornarem à obediência ao Salvador.

Quão diferente da maneira de Paulo escrever à igreja de Corinto, foi o caminho que ele seguiu em relação aos gálatas! Aos primeiros repreendeu com cautela e ternura; aos últimos, com palavras de farta reprovação. Os coríntios haviam sido vencidos pela tentação. Enganados por engenhosos sofismas de ensinadores que apresentavam erros sob o disfarce da verdade, tinham-se tornado confusos e desorientados. Ensiná-los a distinguir o falso do verdadeiro requeria cuidado e paciência. Aspereza ou descuidosa precipitação da parte de Paulo teriam destruído sua influência sobre muitos daqueles a quem ansiava ajudar.

Nas igrejas da Galácia, aberta e desmascaradamente estava o erro suplantando a mensagem do evangelho. Cristo, o verdadeiro fundamento da fé, fora virtualmente renunciado pelas obsoletas cerimônias do judaísmo. O apóstolo viu que, para que os crentes da Galácia fossem salvos das perigosas influências que os ameaçavam, as mais decisivas medidas deviam ser tomadas, dadas as mais penetrantes advertências.

Uma importante lição que todo ministro de Cristo deve aprender, é a de adaptar seu trabalho às condições daqueles a quem busca beneficiar. Ternura, paciência, decisão e firmeza são igualmente necessárias; mas devem ser exercidas com o necessário discernimento. Tratar sabiamente com diferentes tipos de mentalidade, sob circunstâncias e condições variadas, é uma obra que requer sabedoria e juízo iluminado e santificado pelo Espírito de Deus.

Em sua carta aos crentes gálatas, Paulo recapitula brevemente os incidentes principais relacionados com sua própria conversão e com sua experiência cristã primitiva. Por esse meio, ele procurava mostrar que foi através de uma especial manifestação de poder divino que ele havia sido levado a ver e abraçar as grandes verdades do evangelho. Foi mediante instrução recebida do próprio Deus que Paulo foi levado a advertir e admoestar os gálatas de maneira tão solene e positiva. Ele escreveu, não em hesitação e dúvida, mas com a segurança de decidida convicção e absoluto conhecimento. Esboçava claramente a diferença entre ser ensinado pelo homem e receber a instrução diretamente de Cristo.

O apóstolo exortava os gálatas a deixar os falsos guias por quem haviam sido desviados, e a voltar à fé que havia sido acompanhada por inquestionáveis evidências de aprovação divina. Os homens que [215] os haviam procurado desviar de sua fé no evangelho eram hipócritas, de coração não santificado e vida corrupta. Sua religião era feita de um conjunto de cerimônias, por cujas práticas esperavam ganhar o favor de Deus. Não tinham interesse num evangelho que requeria obediência à palavra: "Aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus". João 3:3. Sentiam que uma religião baseada em tal doutrina requeria demasiado sacrifício, e assim se apegavam a seus erros, enganando-se e também aos outros.

Suprir formas externas de religião em lugar de santidade de coração e de vida é ainda tão agradável à natureza não renovada como o foi nos dias desses ensinadores judeus. Hoje, como então, existem falsos guias espirituais, para cujas doutrinas muitos atentam avidamente. É estudado esforço de Satanás desviar as mentes da esperança da salvação pela fé em Cristo e obediência à lei de Deus. Em cada época, o arquiinimigo adapta suas tentações aos preconceitos ou inclinações daqueles a quem está procurando enganar. Nos tempos apostólicos, levou os judeus a exaltar a lei cerimonial e re-

jeitar a Cristo; no presente, ele induz muitos cristãos professos, sob a pretensão de honrar a Cristo, a pôr em controvérsia a lei moral, e a ensinar que seus preceitos podem ser transgredidos impunemente. É dever de cada servo de Deus opor-se firme e decididamente a esses pervertedores da fé, e expor destemidamente seus erros pela Palavra da verdade.

Em seu esforço para reconquistar a confiança de seus irmãos na Galácia, Paulo habilmente vindica sua posição como apóstolo de Cristo. Ele se declarou apóstolo, "não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que O ressuscitou dos mortos" Não de homens, mas da mais alta autoridade no Céu, tinha ele recebido seu comissionamento. E sua posição tinha sido reconhecida por um concílio geral em Jerusalém, com cujas decisões Paulo se tinha conformado em todos os seus trabalhos entre os gentios.

Não foi para exaltar-se, mas para magnificar a graça de Deus, que Paulo assim apresentou aos que estavam pondo em dúvida seu apostolado, provas de que não era "inferior aos mais excelentes apóstolos". 2 Coríntios 11:5. Os que procuravam diminuir sua vocação e sua obra estavam lutando contra Cristo, cuja graça e poder eram manifestos através de Paulo. O apóstolo foi forçado, pela oposição de seus inimigos, a tomar decidida atitude de manter sua posição e autoridade.

Paulo pleiteava com os que haviam uma vez conhecido na vida o poder de Deus, para voltarem a seu primeiro amor pela verdade do evangelho. Com irrespondíveis argumentos, expunha perante eles o privilégio de se tornarem homens e mulheres livres em Cristo, por cuja graça expiatória todos os que fazem completa entrega são vestidos com o manto de Sua justiça. A posição que Ele tomou é que cada pessoa que deseja ser salva precisa ter uma experiência genuína [216] e individual nas coisas de Deus. As fervorosas palavras de súplica do apóstolo não ficaram sem fruto. O Espírito Santo operou com forte poder, e muitos cujos pés se haviam desviado para caminhos estranhos, retornaram a sua primeira fé no evangelho. Daí em diante ficaram firmes na liberdade com que Cristo os havia libertado. Na vida deles foi revelado o fruto do Espírito — "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio". Gálatas 5:22, 23. O nome de Deus foi glorificado e

muitos foram acrescentados ao número dos crentes em toda aquela região. [217]

Capítulo 37 — A última viagem de Paulo a Jerusalém

Este capítulo é baseado em Atos 20:4-38; 21:1-16.

Paulo tinha grande desejo de alcançar Jerusalém antes da Páscoa, para que assim tivesse uma oportunidade de encontrar-se com os que vinham de todas as partes do mundo para assistir à festa. Acariciava sempre a esperança de servir, de algum modo, como instrumento na remoção dos preconceitos de seus patrícios incrédulos, a fim de que fossem levados a aceitar a preciosa luz do evangelho. Desejava também visitar a igreja de Jerusalém e levar-lhes os donativos que as igrejas gentílicas enviavam para os irmãos pobres da Judéia. E por essa visita esperava promover mais firme união entre os judeus conversos e os conversos gentios.

Tendo completado seu trabalho em Corinto, determinou navegar diretamente para um dos portos na costa da Palestina. Haviam-se tomado todas as disposições e ele estava prestes a tomar o navio quando teve aviso de uma trama dos judeus para tirar-lhe a vida. Até então, tinham sido frustrados todos os esforços dos adversários da fé para acabar com a obra do apóstolo.

O êxito que alcançou a pregação do evangelho havia despertado de novo a ira dos judeus. Chegavam de cada canto informações da disseminação da nova doutrina, segundo a qual os judeus eram libertados da observância dos ritos da lei cerimonial, e os gentios eram admitidos a iguais privilégios com os judeus como filhos de Abraão. Paulo, em sua pregação em Corinto, apresentou os mesmos argumentos que expunha com tanta veemência em suas epístolas. Sua categórica afirmação: “Não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão” (Colossences 3:11), foi considerada pelos inimigos como ousada blasfêmia, e decidiram que sua voz devia ser silenciada.

Tendo sido avisado da conspiração, Paulo decidiu dar a volta pela Macedônia. Teve assim de renunciar ao plano de chegar a Jerusalém

em tempo para as festividades da Páscoa, mas esperava lá estar para o Pentecostes.

Na companhia de Paulo e Lucas estavam “Sópater, de Beréia, e dos de Tessalônica, Aristarco e Segundo, e Gaio, de Derbe, e Timóteo, e dos da Ásia, Tíquico e Trófimo”. Atos 20:4. Paulo trazia consigo grande soma de dinheiro das igrejas gentílicas, e pretendia depô-la nas mãos dos irmãos encarregados do trabalho na Judéia; e para esse fim combinou com várias igrejas contribuintes que representantes seus o acompanhassem a Jerusalém. [218]

Em Filipos, Paulo demorou-se para celebrar a Páscoa. Só Lucas ficou com ele, partindo os demais membros da comitiva para Trôade, a fim de ali o esperarem. Os filipenses eram dentre os conversos do apóstolo os mais amorosos e sinceros, e durante os oito dias da festa ele desfrutou pacífica e feliz comunhão com eles.

Embarcando em Filipos, Paulo e Lucas alcançaram os companheiros cinco dias mais tarde, em Trôade, e demoraram-se sete dias com os crentes naquele lugar. Na última noite de sua estada ali os irmãos se ajuntaram “para partir o pão” O fato de que seu amado mestre ia partir, promoveu um ajuntamento maior que o de costume. Reuniram-se num “cenáculo” (Atos 20:7, 8), no terceiro andar. Ali, no fervor de seu amor e solicitude por eles, o apóstolo pregou até a meia-noite.

Numa das janelas abertas estava assentado um jovem por nome Êutico. Nessa perigosa posição adormeceu, e caiu ao solo. Num momento tudo era susto e confusão. O jovem foi levantado morto, e muitos se acercaram dele com gritos e lamentações. Mas Paulo, passando por entre os irmãos atribulados, abraçou-o e fez uma fervorosa oração para que Deus restaurasse a vida ao morto. Sua petição foi atendida. Sobrepondo-se aos clamores e lamentações, ouviu-se a voz do apóstolo dizendo: “Não vos perturbeis, que a sua alma nele está” Com júbilo, os crentes voltaram a se reunir no cenáculo. Havendo participado da comunhão, Paulo “ainda lhes falou largamente até à alvorada”. Atos 20:10, 11.

O navio em que Paulo e seus companheiros deviam prosseguir viagem estava prestes a partir e os irmãos apressaram-se a subir a bordo. O apóstolo, porém, preferiu tomar o caminho mais perto, por terra, entre Trôade e Assôs, encontrando-se com seus companheiros nesta cidade. Isto lhe deu um pouco de tempo para meditação e

oração. As dificuldades e perigos relacionados com sua próxima visita a Jerusalém, a atitude da igreja ali para com ele e sua obra, bem como a condição das igrejas e o interesse da obra do evangelho em outros campos, eram assuntos de ardente e solícito pensar; e ele aproveitou essa oportunidade especial para buscar de Deus força e guia.

Enquanto os viajantes navegavam rumo ao sul, para Assôs, passaram pela cidade de Éfeso, que fora por tanto tempo cenário dos trabalhos do apóstolo. Paulo havia desejado muito visitar a igreja ali; pois tinha importante instrução e conselho a dar-lhes. Havendo, porém, ponderado, determinou apressar-se; pois desejava "estar, se lhe fosse possível, em Jerusalém no dia do Pentecostes". Atos 20:16. Chegando, porém, a Mileto, cerca de cinqüenta quilômetros de Éfeso, soube que lhe seria possível comunicar-se com a igreja antes que o navio partisse. Enviou portanto uma mensagem imediatamente aos anciãos, pedindo para que viessem depressa a Mileto, para que pudesse vê-los antes de continuar a viagem.

Em resposta a seu chamado vieram, e ele lhes dirigiu palavras ardentes e tocantes de admoestação e despedida. "Vós bem sabeis", [219] disse ele, "desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, como em todo esse tempo me portei no meio de vós, servindo ao Senhor com toda a humildade e com muitas lágrimas e tentações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram; como nada, que útil seja, deixei de vos anunciar e ensinar publicamente e pelas casas, testificando, tanto aos judeus como aos gregos, a conversão a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo". Atos 20:18-21.

Paulo sempre exaltara a lei divina. Ele havia mostrado que não há poder na lei para salvar os homens da penalidade da desobediência; que os pecadores precisam arrepender-se de seus pecados, e humilhar-se perante Deus, em cuja justa ira incorreram pela transgressão de Sua lei, e precisam também exercer fé no sangue de Cristo como o único meio de perdão. O Filho de Deus havia morrido como sacrifício por eles, e havia subido ao Céu para permanecer como seu Advogado perante o Pai. Mediante arrependimento e fé podiam ficar livres da condenação do pecado, e pela graça de Cristo ser capacitados daí por diante a render obediência à lei de Deus.

"E agora", continuou Paulo, "eis que, ligado eu pelo espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer, senão

o que o Espírito Santo de cidade em cidade me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações. Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira, e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus. E agora, na verdade, sei que todos vós, por quem passei pregando o reino de Deus, não vereis mais o meu rosto". Atos 20:22-25.

Paulo não pensava em dar esse testemunho, mas enquanto falava veio sobre ele o Espírito de inspiração, confirmando seus pressentimentos de que esse seria seu último encontro com os irmãos efésios.

"Portanto, no dia de hoje, vos protesto que estou limpo do sangue de todos, porque nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus". Atos 20:26, 27. Nenhum temor de causar escândalo, nenhum desejo de amizade ou de aplausos, poderiam levar Paulo a reter as palavras que Deus lhe dera para instrução deles, advertência ou correção. Dos Seus servos hoje Deus requer coragem na pregação da Palavra e na exposição de seus preceitos. O ministro de Cristo não deve apresentar ao povo apenas as verdades mais agradáveis, retendo outras que lhes possam causar mágoa. Deve ele observar com profundo interesse o desenvolvimento do caráter. Se vir que alguém no rebanho está acariciando o pecado, precisa como fiel pastor dar-lhe instrução da Palavra de Deus que se aplique ao caso. Permitisse-lhes ele prosseguirem confiadamente sem advertência, e seria responsabilizado por sua perdição. O pastor que cumpre seu alto encargo deve dar a seu povo, fiel instrução sobre cada ponto da fé cristã, mostrando-lhes o que precisam ser e fazer para se apresentarem perfeitos no dia de Deus. Unicamente aquele que é fiel ensinador da verdade poderá, ao fim de seu trabalho, dizer como Paulo: "Estou limpo do sangue de todos". Atos 20:26. [220]

"Olhai por vós", advertiu o apóstolo a seus irmãos, "e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que Ele resgatou com Seu próprio sangue". Atos 20:28. Se os ministros do evangelho mantiverem sempre em mente que estão tratando com a aquisição do sangue de Cristo, terão mais profundo senso da importância de seu trabalho. Devem ter cuidado de si e do rebanho. Seu próprio exemplo deve ilustrar e fortalecer suas instruções. Como ensinadores do caminho da vida, não devem dar ocasião de ser blasfemada a verdade. Como

representantes de Cristo, devem manter a honra de Seu nome. Mediante devoção, pureza de vida, pia conversação, devem provar-se dignos de sua alta vocação.

Os perigos que assaltariam a igreja de Éfeso foram revelados ao apóstolo. "Eu sei isto", disse, "que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão ao rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si". Atos 20:29, 30. Paulo tremia pela igreja quando, olhando para o futuro, via os ataques que ela sofreria de inimigos externos e internos. Com solene fervor exortou seus irmãos a guardar vigilantes seu sagrado depósito. Como exemplo, apresentou-lhes seu próprio infatigável trabalho entre eles: "Portanto, vigiai, lembrando-vos de que durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar com lágrimas, a cada um de vós". Atos 20:31.

"Agora pois, irmãos," continuou ele, "encomendo-vos a Deus e à palavra da Sua graça; a Ele, que é poderoso para vos edificar e dar herança entre todos os santificados. De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem a veste" Alguns dos irmãos efésios eram ricos; mas Paulo jamais procurara tirar deles benefício pessoal. Não fazia parte de sua mensagem chamar a atenção para as suas próprias necessidades. "Para o que me era necessário, a mim", declarou, "e aos que estavam comigo, estas mãos me serviram". Atos 20:33, 34. Em meio a seus árduos labores e extensas jornadas pela causa de Cristo, ele fora capaz não apenas de suprir suas próprias necessidades, mas de poupar alguma coisa para o sustento dos seus companheiros de trabalho e ajuda aos pobres. Isso ele conseguiu unicamente com intenso trabalho e estrita economia. Bem podia ele apontar a seu próprio exemplo, quando disse: "Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber.

"E, havendo dito isto, pôs-se de joelhos e orou com todos eles. E levantou-se um grande pranto entre todos e, lançando-se ao pescoço de Paulo, o beijavam, entristecendo-se muito, principalmente pela palavra que dissera, que não veriam mais o seu rosto. E acompanharam-no até ao navio". Atos 20:35-38.

[221]

De Mileto, os viajantes navegaram "caminho direito [...] a Cós, e no dia seguinte a Rodes, de onde" passaram "a Pátara", na praia sudoeste da Ásia Menor, onde "achando um navio que ia para a Fenícia", embarcaram nele e partiram. Em Tiro, onde o navio foi descarregado, acharam uns poucos discípulos, com quem lhes foi permitido ficar sete dias. Pelo Espírito Santo foram esses discípulos advertidos dos perigos que aguardavam Paulo em Jerusalém, e eles insistiram com ele, "que não subissem a Jerusalém". Atos 21:1-4. Mas o apóstolo não permitiu que o temor de provações e encarceramento o demovesse de seu propósito.

Após a semana passada em Tiro, todos os irmãos, com suas esposas e filhos, foram com Paulo ao navio, e antes que ele embarcasse, ajoelharam na praia e oraram, ele por eles, e eles por ele.

Prosseguindo sua jornada rumo ao sul, os viajantes chegaram a Cesaréia; "e, entrando em casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete" (Atos 21:8), ficaram com ele. Ali Paulo passou uns poucos dias, pacíficos e felizes — os últimos da perfeita liberdade de que ele devia usufruir por muito tempo.

Enquanto Paulo se demorava em Cesaréia, "chegou da Judéia um profeta, por nome Ágabo; e, vindo ter conosco," conta Lucas, "tomou a cinta de Paulo e, ligando-se os seus próprios pés e mãos, disse: Isto diz o Espírito Santo: Assim ligarão os judeus, em Jerusalém, o varão de quem é esta cinta e o entregarão nas mãos dos gentios. E, ouvindo nós isto," continua Lucas, "rogamos-lhe, tanto nós como os que eram daquele lugar, que não subisse a Jerusalém" Mas Paulo não se desviaria do caminho do dever. Seguiria a Cristo se necessário à prisão e à morte. "Que fazeis vós, chorando e magoando-me o coração?" exclamou; "porque eu estou pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus" Vendo que lhe causavam sofrimento sem mudar o propósito, os irmãos cessaram de insistir, dizendo apenas: "Faça-se a vontade do Senhor!" Atos 21:10-14.

Logo chegou o momento em que a breve estada em Cesaréia teve fim, e acompanhado por alguns dos irmãos, Paulo e sua comitiva partiram para Jerusalém, com o coração profundamente pesaroso pelo pressentimento de males vindouros.

Nunca antes havia o apóstolo se acercado de Jerusalém com o coração tão triste. Sabia que encontraria poucos amigos e muitos

inimigos. Estava-se aproximando da cidade que tinha rejeitado e matado o Filho de Deus, e sobre a qual agora pairavam as ameaças da ira divina. Relembrando quão amargos tinham sido seus próprios preconceitos contra os seguidores de Cristo, sentia a mais profunda piedade por seus iludidos compatriotas. E no entanto, quão pouco podia ele esperar ser capaz de fazer para ajudá-los! A mesma ira cega que antes inflamara seu coração, ardia agora com inaudito poder no [222] coração de toda uma nação contra ele.

E ele não poderia contar com a simpatia e o auxílio de seus próprios irmãos na fé. Os incrédulos judeus que lhe haviam tão de perto seguido os passos, não haviam demorado em fazer circular em Jerusalém os boatos mais desfavoráveis sobre ele e sua obra, tanto por carta como pessoalmente; e alguns, mesmo dentre os apóstolos e anciãos, tinham tomado esses relatos por verdadeiros, nada fazendo para contradizê-los, e não manifestando desejo de se harmonizarem com ele.

Se bem que assaltado de desânimo, o apóstolo não se desesperara. Confiava em que a voz que lhe falara ao próprio coração ainda falaria ao de seus concidadãos, e que o Mestre a quem os condiscípulos amavam e serviam uniria ainda seus corações ao dele na obra do [223] evangelho.

Capítulo 38 — Paulo prisioneiro

Este capítulo é baseado em Atos 21:17-40; 22; 23:1-35.

E logo que chegamos a Jerusalém, os irmãos nos receberam de muito boa vontade. E no dia seguinte Paulo entrou conosco em casa de Tiago, e todos os anciãos vieram ali". Atos 21:17, 18.

Nessa ocasião, Paulo e seus companheiros formalmente apresentaram aos dirigentes da obra em Jerusalém as contribuições enviadas pelas igrejas gentílicas para o sustento dos pobres existentes entre os irmãos judeus. A arrecadação dessas contribuições havia custado ao apóstolo e a seus colaboradores, muito tempo, profunda ansiedade e intenso trabalho. A importância, que excedia em muito à expectativa dos anciãos de Jerusalém, representava muitos sacrifícios e mesmo severas privações da parte dos crentes gentios.

Essas ofertas voluntárias traduziam a lealdade dos conversos gentios para com a obra de Deus organizada em todo o mundo, e deviam ter sido por todos recebidas com grato reconhecimento; entretanto, era manifesto a Paulo e seus colaboradores que, mesmo dentre aqueles diante de quem agora estavam, havia alguns que eram incapazes de apreciar o espírito de amor fraternal que prodigalizara as ofertas.

Nos primeiros anos da obra do evangelho entre os gentios, alguns dos irmãos dirigentes de Jerusalém, apegando-se a anteriores preconceitos e modos de pensar, não haviam cooperado sinceramente com Paulo e seus companheiros. Em sua ansiedade por preservar umas poucas formas e cerimônias insignificantes, tinham perdido de vista as bênçãos que poderiam advir a eles e à causa que amavam, mediante um esforço para unir numa só todas as partes da obra do Senhor. Embora estivessem desejosos de salvaguardar os melhores interesses da igreja cristã, tinham deixado de manter-se atentos às progressivas providências de Deus, e em sua humana sabedoria tinham procurado entravar os obreiros com muitas restrições desnecessárias. Assim, surgiu ali um grupo de homens que não estavam familiarizados pes-

soalmente com as circunstâncias difíceis e peculiares necessidades enfrentadas pelos obreiros em campos distantes, e que entretanto sustentavam ter autoridade para levar seus irmãos nesses campos a seguir certos e determinados métodos de trabalho. Julgavam que a obra de pregar o evangelho tinha de ser levada avante em harmonia com suas opiniões.

Vários anos haviam passado desde que os irmãos em Jerusalém, juntamente com representantes de outras igrejas principais, tinham [224] dado cuidadosa atenção às perturbadoras questões que haviam surgido com respeito a métodos seguidos pelos que trabalhavam entre os gentios. Como resultado desse concílio, os irmãos tinham sido unânimes em fazer definidas recomendações às igrejas concernentes a certos ritos e costumes, inclusive a circuncisão. Nesse concílio geral os irmãos foram também unânimes em recomendar Paulo e Barnabé às igrejas cristãs como obreiros dignos da inteira confiança de cada crente.

Havia entre os presentes a essa reunião, alguns que haviam criticado severamente os métodos de trabalho seguidos pelos apóstolos sobre quem repousava o principal encargo de levar o evangelho ao mundo gentio. Mas durante o concílio, sua visão do propósito de Deus se tinha ampliado, e eles se uniram a seus irmãos em fazer sábias decisões que tornaram possível a unificação de todo o corpo de crentes.

Posteriormente, quando se tornou claro que os conversos dentre os gentios estavam aumentando rapidamente, houve alguns poucos dentre os irmãos dirigentes em Jerusalém que começaram de novo a acariciar seus anteriores preconceitos contra os métodos de Paulo e seus companheiros.

Esses preconceitos se fortaleceram com o passar dos anos, até que alguns dos dirigentes determinaram que a obra de pregar o evangelho devia daí por diante ser dirigida de acordo com suas próprias idéias. Se Paulo conformasse seus métodos a certa orientação por eles defendida, reconheceriam sua obra e a sustentariam; de outro modo, não mais a veriam com favor nem lhe concederiam a manutenção.

Esses homens haviam perdido de vista o fato de que Deus é o Mestre de Seu povo; que cada obreiro em Sua causa deve alcançar uma experiência pessoal em seguir o divino Líder, e não em buscar

dos homens guia direta; que Seus obreiros devem ser talhados e moldados, não segundo as idéias do homem, mas segundo a semelhança divina.

Em seu ministério, o apóstolo Paulo tinha ensinado o povo não com “palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder” As verdades que proclamava tinham-lhe sido reveladas pelo Espírito Santo; “porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. [...] As quais”, declara Paulo, “também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais”. 1 Coríntios 2:4, 10-13.

Através de seu ministério, Paulo tinha buscado orientação direta de Deus. Ao mesmo tempo, tinha sido muito cuidadoso em trabalhar em harmonia com as decisões do concílio geral de Jerusalém; e como resultado, as igrejas “eram confirmadas na fé, e cada dia cresciam em número”. Atos 16:5. E agora, apesar da falta de simpatia mostrada por alguns, encontrava conforto na tranqüila consciência de que [225] havia cumprido seu dever ao encorajar em seus conversos um espírito de lealdade, generosidade e amor fraternal, como se revelou nessa ocasião nas contribuições liberais que lhe foi possível colocar diante dos anciãos judeus.

Após a apresentação das ofertas, Paulo “contou-lhes por miúdo o que por seu ministério Deus fizera entre os gentios” Essa exposição de fatos levou ao coração de todos, mesmo dos que tinham estado a duvidar, a convicção de que a bênção do Céu tinha acompanhado seu trabalho. “E, ouvindo-o eles, glorificaram ao Senhor”. Atos 21:19, 20. Eles sentiram que os métodos de trabalho seguidos pelo apóstolo levavam a aprovação do Céu. As liberais contribuições que tinham perante si, acrescentavam peso ao testemunho do apóstolo no tocante à fidelidade das novas igrejas estabelecidas entre os gentios. Os homens que, embora contados entre os que tinham o encargo da obra em Jerusalém, tinham insistido em que se adotassem arbitrárias medidas de controle, viram o ministério de Paulo sob nova luz, e ficaram convencidos de que seu próprio procedimento tinha sido errado, que haviam estado escravizados pelas tradições e

costumes judaicos, e que a obra do evangelho tinha sido grandemente embaraçada por não haverem reconhecido que o muro de separação entre judeus e gentios tinha sido derribado pela morte de Cristo.

Foi essa uma áurea oportunidade para todos os irmãos dirigentes francamente confessarem que Deus operara por Paulo, e que haviam por vezes errado, permitindo que os boatos dos inimigos despertassem neles inveja e preconceito. Mas em vez de se unirem num esforço a fim de fazer justiça àquele que fora ofendido, deram-lhe um conselho que revelava nutrirem ainda a idéia de que Paulo devesse ser em grande parte responsabilizado pelos preconceitos existentes. Não se puseram nobremente ao lado dele para defendê-lo, esforçando-se por mostrar aos desgostosos irmãos onde eles próprios estiveram errados, mas procuraram criar um compromisso aconselhando-o a seguir um caminho que na opinião deles removeria toda causa de equívoco.

"Bem vês, irmão," disseram em resposta a seu testemunho, "quantas dezenas de milhares há entre os judeus que creram, e todos são zelosos da lei; e foram informados a teu respeito que ensinas todos os judeus entre os gentios a apostatarem de Moisés, dizendo-lhes que não devem circuncidar os filhos, nem andar segundo os costumes da lei. Que se há de fazer, pois? Certamente saberão da tua chegada. Faze, portanto, o que te vamos dizer: estão entre nós quatro homens que, voluntariamente, aceitaram voto; toma-os, purifica-te com eles e faze a despesa necessária para que raspem a cabeça; e saberão todos que não é verdade o que se diz a teu respeito; e que, pelo contrário, andas também, tu mesmo, guardando a lei. Quanto aos gentios que creram, já lhes transmitimos decisões para que se abstenham das coisas sacrificadas a ídolos, do sangue, da carne de [226] animais sufocados e das relações sexuais ilícitas". Atos 21:20-25.

Os irmãos esperavam que, seguindo Paulo o procedimento sugerido, pudesse contrariar de maneira decisiva as falsas notícias concernentes a ele. Asseguraram-lhe que a decisão do concílio anterior no tocante aos conversos gentios e à lei cerimonial, ainda vigorava. Mas o conselho agora dado não estava em harmonia com aquela decisão. O Espírito de Deus não ratificou essa instrução; foi ela fruto da covardia. Os líderes da igreja em Jerusalém sabiam que, por se não conformarem com a lei cerimonial, os cristãos atrairiam sobre si o ódio dos judeus, e se exporiam à perseguição. O Sinédrio

estava fazendo o máximo para deter o progresso do evangelho. Por ele foram escolhidos homens para seguirem os apóstolos, especialmente Paulo, e por toda a maneira possível opor-se a sua obra. Se os crentes em Cristo fossem condenados pelo Sinédrio como quebrantadores da lei, seriam levados a sofrer imediata e severa punição como apóstatas da fé judaica.

Muitos dos judeus que haviam aceitado o evangelho acariciavam ainda certa deferência pela lei cerimonial, e estavam demasiado dispostos a fazer perigosas concessões, esperando assim ganhar a confiança de seus concidadãos, remover seus preconceitos e ganhá-los para a fé em Cristo como o Redentor do mundo. Paulo compreendeu que, por todo o tempo em que muitos dos principais membros da igreja em Jerusalém continuassem a manter o preconceito contra ele, procurariam constantemente prejudicar sua influência. Acreditava que se por alguma concessão razoável pudesse ganhá-los para a verdade, removeria um grande obstáculo ao êxito do evangelho em outros lugares. Não se achava, porém, autorizado por Deus para ceder tanto quanto pediam.

Quando pensamos no grande desejo de Paulo em harmonizar-se com seus irmãos, sua bondade para com os fracos na fé, sua reverência pelos apóstolos que haviam estado com Cristo, e por Tiago, o irmão do Senhor, e seu propósito de tornar-se tanto quanto possível tudo para com todos sem sacrificar princípios — quando pensamos em tudo isso, surpreende menos que ele tenha sido constrangido a se desviar do caminho firme e decidido que até aí seguira. Mas em vez de alcançar o objetivo desejado, seus esforços pela conciliação apenas precipitaram a crise, apressaram os sofrimentos que lhe estavam preditos, e resultaram em separá-lo de seus irmãos, privando a igreja de uma de suas mais fortes colunas, e levando a tristeza aos corações cristãos em toda parte.

No dia seguinte, Paulo começou a executar o conselho dos anciãos. Os quatro homens que haviam feito o voto de nazireus (Números 6), cujo termo estava quase cumprido, foram levados por Paulo ao templo, "anunciando serem já cumpridos os dias da purificação; e ficou ali até se oferecer por cada um deles a oferta". Atos 21:26. Certos dispendiosos sacrifícios para a purificação ainda deveriam ser oferecidos.

Os que aconselharam Paulo a dar esse passo não haviam considerado bem o grande perigo a que estaria assim exposto. Jerusalém [227] estava, nessa época, regurgitando de adoradores vindos de muitas terras. Quando, em cumprimento da comissão que lhe fora imposta por Deus, Paulo anunciara o evangelho aos gentios, visitara muitas das maiores cidades do mundo, e era bem conhecido de milhares que, de terras estrangeiras, tinham vindo a Jerusalém para assistir à festa. Entre esses, havia homens cujo coração se enchera de amargo ódio contra Paulo; e sua entrada no templo numa tal ocasião pública significava arriscar a vida. Por vários dias, entrou e saiu entre os adoradores, aparentemente despercebido; mas, antes do fim do tempo especificado, ao estar falando com um sacerdote a respeito dos sacrifícios a serem oferecidos, foi reconhecido por alguns dos judeus da Ásia.

Com fúria de demônios precipitaram-se sobre ele, clamando: "Varões israelitas, acudi; este é o homem que por todas as partes ensina a todos, contra o povo e contra a lei, e contra este lugar" E como o povo correspondesse ao pedido de auxílio, outra acusação foi acrescentada: "E, demais disto, introduziu também no templo os gregos, e profanou este santo lugar". Atos 21:27, 28.

Pela lei judaica era crime punível com a morte entrar uma pessoa incircuncisa nos pátios internos do edifício sagrado. Paulo tinha sido visto na cidade em companhia de Trófimo, um efésio, e conjeturou-se que o houvesse trazido ao templo. Isso ele não fizera; e, sendo ele mesmo judeu, seu ato de entrar no templo não era violação da lei. Mas, embora a acusação fosse inteiramente falsa, serviu para despertar o preconceito popular. E como o clamor se levantasse e fosse levado aos pátios do templo, as multidões ali reunidas foram lançadas em violento despertar. A notícia rapidamente se espalhou por Jerusalém, e "alvoroçou-se toda a cidade, e houve grande concurso de povo". Atos 21:30.

Que um apóstata de Israel ousasse profanar o templo na mesma ocasião em que milhares de todas as partes do mundo tinham vindo ali para adorar, despertou as mais violentas paixões da multidão. "Pegando de Paulo, o arrastaram para fora do templo, e logo as portas se fecharam"

"E, procurando eles matá-lo, chegou ao tribuno da coorte o aviso de que Jerusalém estava toda em confusão" Cláudio Lísias bem

conhecia os elementos turbulentos com quem tinha de tratar, e, “tomando logo consigo soldados e centuriões, correu para eles. E, quando viram o tribuno e os soldados, cessaram de ferir a Paulo” Ignorando a causa do tumulto, mas vendo que a raiva da multidão se dirigia contra Paulo, o tribuno romano concluiu que ele deveria ser um certo egípcio rebelde de quem ouvira falar e que até aí conseguira escapar de ser capturado. Portanto, ele “o prendeu e o mandou atar com duas cadeias, e lhe perguntou quem era e o que tinha feito” De pronto, muitas vozes se levantaram em altas e raivosas acusações: “uns clamavam duma maneira, outros doutra; mas, como nada podia saber ao certo, por causa do alvoroço, mandou conduzi-lo para a fortaleza. E sucedeu que, chegando às escadas, os soldados tiveram [228] de lhe pegar por causa da violência da multidão. Porque a multidão do povo o seguia, clamando: Mata-o”

No meio do tumulto, o apóstolo estava calmo e senhor de si. Seu pensamento permanecia em Deus, e sabia que anjos do Céu estavam ao redor dele. Sentia-se indisposto a afastar-se do templo sem fazer qualquer esforço por apresentar a verdade a seus compatriotas. Quando estava para ser conduzido à fortaleza, disse ao tribuno: “É me permitido dizer-te alguma coisa?” Lísias respondeu: “Sabes o grego? Não és tu porventura aquele egípcio que antes destes dias fez uma sedição e levou ao deserto quatro mil salteadores?” Em resposta disse Paulo: “Na verdade que sou um homem judeu, cidadão de Tarso, cidade não pouco célebre na Cilícia; rogo-te, porém, que me permitas falar ao povo”

O pedido foi satisfeito, e “Paulo, pondo-se em pé nas escadas, fez sinal com a mão ao povo” O gesto atraiu a atenção deles, enquanto o seu porte impunha respeito. “E, feito grande silêncio, falou-lhes em língua hebraica, dizendo: Varões irmãos e pais, ouvi agora a minha defesa perante vós” Ao soarem as familiares palavras hebraicas, “maior silêncio guardaram” (Atos 21:30-40); e no completo silêncio ele continuou:

“Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós o sois no dia de hoje”. Atos 22:3. Ninguém podia negar as afirmações do apóstolo, porquanto os fatos a que se referia eram bem conhecidos de muitos que ainda estavam vivendo em Je-

rusalém. Falou, então, de seu antigo zelo em perseguir os discípulos de Cristo, até mesmo à morte; e narrou as circunstâncias de sua conversão, contando a seus ouvintes como seu próprio orgulhoso coração tinha sido levado a se render ao crucificado Nazareno. Tivesse ele procurado entrar em discussão com seus oponentes, e ter-se-iam recusado teimosamente a ouvir suas palavras; mas o relato de sua experiência foi acompanhado de um convincente poder que naquele momento pareceu abrandar e subjugar-lhes o coração.

Ele procurou, então, mostrar que não tinha entrado de livre escolha na obra pelos gentios. Havia desejado trabalhar por sua própria nação; mas nesse mesmo templo a voz de Deus lhe falara em santa visão, dirigindo seu caminho "aos gentios de longe"

Até esse momento o povo escutou com toda a atenção; mas quando Paulo chegou em sua história ao ponto em que fora designado como embaixador de Cristo aos gentios, seu furor irrompeu de novo. Acostumados a considerarem-se como único povo favorecido por Deus, não estavam dispostos a permitir que os desprezados gentios participassem dos privilégios que até então tinham sido considerados exclusivamente deles. Erguendo suas vozes mais alto que a do orador, clamaram: "Tira da Terra um tal homem, porque não [229] convém que viva"

"E, clamando eles, e arrojando de si os vestidos, e lançando pó para o ar, o tribuno mandou que o levassem para a fortaleza, dizendo que o examinassem com açoites, para saber por que causa assim clamavam contra ele.

"E, quando o estavam atando com correias, disse Paulo ao centurião que ali estava: É-vos lícito açoitar um romano, sem ser condenado? E, ouvindo isto, o centurião foi, e anunciou ao tribuno, dizendo: Vê o que vais fazer, porque este homem é romano. E, vindo o tribuno, disse-lhe: Dize-me, és tu romano? E ele disse: Sim. E respondeu o tribuno: Eu com grande soma de dinheiro alcancei este direito de cidadão. Paulo disse: Mas eu sou-o de nascimento. E logo dele se apartaram os que o haviam de examinar; e até o tribuno teve temor, quando soube que era romano, visto que o tinha ligado.

"E no dia seguinte, querendo saber ao certo a causa por que era acusado pelos judeus, soltou-o das prisões, e mandou vir os principais dos sacerdotes, e todo o seu conselho; e, trazendo Paulo, o apresentou diante deles". Atos 22:22-30.

O apóstolo deveria, agora, ser julgado pelo mesmo tribunal de que ele próprio fora membro antes de sua conversão. Estando perante os príncipes judeus, seu porte era calmo, e o rosto revelava a paz de Cristo. “E pondo Paulo os olhos no conselho, disse: Varões irmãos, até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência” Ao ouvirem estas palavras, reacendeu-se-lhes o ódio; e “o sumo sacerdote, Ananias, mandou aos que estavam junto dele que o ferissem na boca” A essa ordem desumana, Paulo exclamou: “Deus te ferirá, parede branqueada; tu estás aqui assentado para julgar-me conforme a lei, e contra a lei me mandas ferir? E os que ali estavam disseram: Injurias o sumo sacerdote de Deus?” Com sua cortesia costumeira Paulo respondeu: “Não sabia, irmãos, que era o sumo sacerdote; porque está escrito: Não dirás mal do príncipe do teu povo.

“E Paulo, sabendo que uma parte era de saduceus e outra de fariseus, clamou no conselho: Varões irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu; no tocante à esperança e ressurreição dos mortos sou julgado.

“E, havendo dito isto, houve dissensão entre os fariseus e saduceus, e a multidão se dividiu” Os dois partidos começaram a discutir entre si, e assim se quebrara a força de sua oposição contra Paulo. “Levantando-se os escribas da parte dos fariseus, contendiam, dizendo: Nenhum mal achamos neste homem, e, se algum espírito ou anjo lhe falou, não resistamos a Deus”. Atos 23:1-9.

Na confusão que se seguiu, os saduceus esforçavam-se ardorosamente por apoderar-se do apóstolo, para que o pudessem matar; e os fariseus estavam igualmente empenhados em seus esforços para o proteger. “O tribuno, temendo que Paulo fosse despedaçado por eles, mandou descer a soldadesca, para que o tirassem do meio deles, e o levassem para a fortaleza”. Atos 23:10. [230]

Mais tarde, enquanto refletia sobre as experiências decisivas daquele dia, Paulo começou a recear que sua conduta pudesse não ter sido agradável a Deus. Seria, afinal, que houvesse cometido um erro visitando Jerusalém? Teria seu grande desejo de estar em união com seus irmãos levado a esse desastroso resultado?

A posição que os judeus, como povo professo de Deus, ocupavam perante um mundo incrédulo, causava ao apóstolo intensa angústia de espírito. Como os considerariam esses oficiais pagãos? Alegando

ser adoradores de Jeová, e exercendo sagrado ofício, entregavam-se não obstante ao controle de uma ira irrazoável e cega, procurando destruir até mesmo a seus irmãos que ousavam diferir deles em fé religiosa, e tornando o seu mais solene conselho deliberativo numa cena de batalha e selvagem confusão. Paulo sentia que o nome de seu Deus tinha sido desonrado aos olhos dos pagãos.

E agora estava ele na prisão, e sabia que seus inimigos em sua desesperada maldade recorreriam a todos os meios para dar-lhe a morte. Seria o caso de estar sua obra pelas igrejas terminada, e que lobos vorazes estivessem para se introduzir nela? A causa de Cristo estava muito perto do coração de Paulo, e com grande ansiedade pensava nos perigos das igrejas espalhadas, expostas como estavam às perseguições de homens precisamente como os que encontrara no conselho do Sinédrio. Com angústia e desfalecimento chorou e orou.

Nessa hora tenebrosa, o Senhor não Se esqueceu de Seu servo. Guardara-o da multidão assassina nos pátios do templo; estivera com ele perante o conselho do Sinédrio; com ele estava na fortaleza; e Se revelou como a Sua fiel testemunha em resposta às fervorosas orações do apóstolo, em que pedia que o guiasse. "E, na noite seguinte, apresentando-Se-lhe o Senhor, disse: Paulo, tem ânimo; porque, como de Mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma". Atos 23:11.

Havia muito que Paulo queria visitar Roma; desejava muitíssimo testemunhar de Cristo ali, mas compreendera que seus propósitos se frustraram pela inimizade dos judeus. Mal imaginava, mesmo então, que seria como prisioneiro que chegaria em Roma.

Enquanto o Senhor encorajava Seu servo, os inimigos de Paulo estavam avidamente tramando sua destruição. "E, quando já era dia, alguns dos judeus fizeram uma conspiração, e juraram, dizendo que não comeriam nem beberiam enquanto não matassem a Paulo. E eram mais de quarenta os que fizeram essa conjuração". Atos 23:12, 13.

Aqui estava um jejum tal como o Senhor condenara por intermédio de Isaías — um jejum para "contendas e debates", e para darem "punhadas impiamente". Isaías 58:4.

Os conspiradores "foram ter com os principais dos sacerdotes e anciãos, e disseram: Conjuramo-nos, sob pena de maldição, a

nada provarmos até que matemos a Paulo. Agora, pois, vós, com o conselho, rogai ao tribuno que vo-lo traga amanhã, como que [231] querendo saber mais alguma coisa de seus negócios, e, antes que chegue, estaremos prontos para o matar". Atos 23:15.

Em lugar de reprovar esse plano cruel, os príncipes e sacerdotes mais que depressa o aceitaram. Paulo havia dito a verdade quando comparou Ananias a um sepulcro branqueado.

Mas Deus Se interpôs para salvar a vida de Seu servo. O filho da irmã de Paulo, ouvindo desta "cilada" dos assassinos, "foi e entrou na fortaleza e o anunciou a Paulo. E Paulo, chamando a si um dos centuriões, disse: Leva este mancebo ao tribuno, porque tem alguma coisa que lhe comunicar. Tomando-o ele, pois, o levou ao tribuno e disse: O preso Paulo, chamando-me a si, me rogou que te trouxesse este mancebo, que tem alguma coisa que dizer-te". Atos 23:16, 18.

Cláudio Lísias recebeu o jovem bondosamente, e tomando-o à parte perguntou: "Que tens que me contar?" O jovem respondeu: "Os judeus se concertaram rogar-te que amanhã leves Paulo ao conselho, como que tendo de inquirir dele mais alguma coisa ao certo; mas tu não os creiais; porque mais de quarenta homens dentre eles lhe andam armando ciladas; os quais se obrigaram, sob pena de maldição, a não comerem nem beberem até que o tenham morto; e já estão apercebidos, esperando de ti promessa" "Então o tribuno despediu o mancebo, mandando-lhe que a ninguém dissesse que lhe havia contado aquilo". Atos 23:19-22.

Lísias imediatamente decidiu transferir Paulo de sua jurisdição para a de Félix, o procurador. Como um povo, os judeus estavam num estado de agitação e irritação e eram freqüentes os tumultos. A presença permanente do apóstolo em Jerusalém podia levar a conseqüências perigosas para a cidade, e até mesmo para o próprio comandante. Assim pois, "chamando dois centuriões, lhes disse: Aprontai para as três horas da noite duzentos soldados, e setenta de cavalo, e duzentos arqueiros para irem até Cesaréia; e aparelhai cavalgaduras, para que, pondo nelas a Paulo, o levem salvo ao presidente Félix". Atos 23:23, 24.

Nenhum tempo devia ser perdido em enviar Paulo. "Tomando pois os soldados a Paulo, como lhe fora mandado, o trouxeram de noite a Antipátride". Atos 23:31. Deste lugar os cavaleiros foram

com o prisioneiro para Cesaréia, enquanto os quatrocentos soldados retornaram a Jerusalém.

O oficial a cujo cargo estava o destacamento, entregou a Félix o prisioneiro, apresentando também uma carta que lhe tinha sido confiada pelo tribuno:

“Cláudio Lísias, a Félix, potentíssimo presidente, saúde. Esse homem foi preso pelos judeus; e, estando já a ponto de ser morto por eles, sobrevim eu com a soldadesca, e o livrei, informado de que era romano. E, querendo saber a causa por que o acusavam, o levei ao seu conselho. E achei que o acusavam de algumas questões da sua lei; mas que nenhum crime havia nele digno de morte ou de prisão. [232] E, sendo-me notificado que os judeus haviam de armar ciladas a esse homem, logo to enviei, mandando também aos acusadores que perante ti digam o que tiverem contra ele. Passa bem”. Atos 23:26-30.

Após ler a comunicação, Félix inquiriu de que província era o prisioneiro, e informado que da Cilícia, disse: “Ouvir-te-ei... quando também aqui vierem os teus acusadores. E mandou que o guardassem no pretório de Herodes”. Atos 23:35.

O caso de Paulo não era o primeiro em que um servo de Deus encontrava entre os pagãos um abrigo da maldade do professo povo de Jeová. Em sua cólera contra Paulo, os judeus haviam acrescentado mais um crime ao tenebroso catálogo que marcava a história desse povo. Haviam endurecido ainda mais o coração contra a verdade e tornado mais certa a sua condenação.

Poucos compreendem o amplo significado das palavras ditas por Cristo quando, na sinagoga de Nazaré apresentara-Se como o Ungido. Ele anunciara Sua missão de confortar, abençoar e salvar os aflitos e pecadores; e então, vendo que a incredulidade e o orgulho controlavam o coração de Seus ouvintes, Ele recordou que, no passado, Deus Se havia retirado de Seu povo escolhido por causa de sua incredulidade e rebelião, e Se tinha manifestado aos das terras pagãs que não haviam rejeitado a luz do Céu. A viúva de Sarepta e Naamã da Síria tinham vivido à altura de toda a luz que possuíam; assim foram eles considerados mais justos que o povo escolhido de Deus que se tinha desviado dEle, e sacrificado o princípio à conveniência e à honra mundana.

Cristo disse aos judeus de Nazaré uma terrível verdade quando declarou que com o apóstata Israel não havia segurança para o fiel mensageiro de Deus. Eles não reconheceriam seu valor nem apreciariam seus labores. Enquanto os dirigentes judeus professavam ter grande zelo pela honra de Deus e o bem de Israel, eram inimigos de ambos. Por preceito e exemplo estavam levando o povo mais e mais longe da obediência a Deus — guiando-o onde Deus não poderia ser sua defesa no dia da angústia.

As palavras de reprovação do Salvador, aos homens de Nazaré, aplicavam-se, no caso de Paulo, não apenas aos incrédulos judeus, mas a seus próprios irmãos na fé. Houvessem os dirigentes na igreja abandonado inteiramente seus sentimentos de amargura contra o apóstolo, aceitando-o como alguém especialmente chamado por Deus para levar o evangelho aos gentios, e o Senhor o teria poupado para eles. Deus não havia ordenado que os trabalhos de Paulo tão cedo tivessem fim; mas não operou um milagre para conter o encadeamento de circunstâncias que a atitude dos dirigentes da igreja em Jerusalém haviam provocado.

Esse espírito está ainda produzindo os mesmos resultados. A negligência em apreciar e aproveitar as provisões da divina graça tem privado a igreja de muitas bênçãos. Quantas vezes teria o Senhor prolongado a obra de um fiel ministro, tivesse seu trabalho sido apreciado! Mas se a igreja permite ao inimigo perverter o entendimento, [233] de maneira que representem e interpretem mal as palavras e atos do servo de Cristo; se se permitem opor-se-lhe e estorvar a utilidade própria, o Senhor, às vezes, remove deles a bênção que Ele deu.

Satanás está constantemente operando por meio de seus agentes para desanimar e destruir aqueles a quem Deus tem escolhido para realizar uma grande e boa obra. Podem eles estar prontos para sacrificar mesmo a própria vida para o avançamento da causa de Cristo, não obstante o grande enganador sugerirá a seus irmãos dúvidas referentes a eles que, se mantidas, minarão a confiança em sua integridade de caráter, impedindo assim sua utilidade. Muitas vezes, ele alcança êxito em acarretar sobre eles, por intermédio de seus próprios irmãos, tal tristeza de coração que Deus graciosamente Se interpõe para dar repouso a Seus perseguidos servos. Depois que as mãos estão dobradas sobre o peito que já não vibra, quando a voz de advertência e encorajamento está em silêncio, então os obstinados

podem ser despertados para ver e apreciar a bênção que repeliram.
[234] Sua morte pode realizar o que sua vida não conseguir fazer.

Capítulo 39 — Perante o tribunal de Cesaréia

Este capítulo é baseado em Atos 24.

Cinco dias depois de haver Paulo chegado a Cesaréia, seus acusadores chegaram de Jerusalém, acompanhados por Tértulo, um orador a quem tinham aliciado como conselheiro. Foi concedida ao caso imediata audiência. Paulo foi levado perante a assembléia, e Tértulo "começou a acusá-lo" Julgando que a lisonja pudesse ter sobre o governador romano mais influência que as simples afirmações da verdade e da justiça, o astuto orador começou seu discurso louvando a Félix: "Visto como por ti temos tanta paz e por tua prudência se fazem a este povo muitos e louváveis serviços, sempre e em todo o lugar, ó potentíssimo Félix, com todo o agradecimento o queremos reconhecer". Atos 24:2, 3.

Tértulo desceu aqui a deslavada falsidade; pois o caráter de Félix era indigno e desprezível. Dele foi dito que "na prática de toda espécie de luxúria e crueldade, exerceu o poder de um rei com a têmpera de um escravo" Tácito, História, cap. 5, par. 9. Todos os que ouviram Tértulo sabiam que suas aduladoras palavras eram uma mentira; mas seu desejo de assegurar a condenação de Paulo era mais forte que seu amor à verdade.

Em seu discurso, Tértulo acusou Paulo de crimes que, se provados, teriam resultado em sua condenação por alta traição contra o governo. "Temos achado que este homem é uma peste", declarou o orador, "e promotor de sedições entre todos os judeus, por todo o mundo; e o principal defensor da seita dos nazarenos, o qual intentou também profanar o templo". Atos 24:5, 6. Tértulo afirmou, então, que Lísias, comandante da guarnição em Jerusalém, tinha arrebatado Paulo aos judeus com violência, quando estavam para julgá-lo por sua lei eclesiástica, e que assim os forçou a apresentar o assunto perante Félix. Essas afirmações eram feitas com o desígnio de induzir o procurador a devolver Paulo à corte judaica. Todas as acusações

foram sustentadas com veemência pelos judeus presentes, os quais nenhum esforço fizeram para ocultar seu ódio ao prisioneiro.

Félix teve suficiente perspicácia para ler a disposição e caráter dos acusadores de Paulo. Sabia por que motivo o tinham lisonjeado, e viu também que não tinham conseguido provar suas acusações contra Paulo. Voltando-se para o acusado, acenou-lhe para que respondesse por si. Paulo não gastou palavras em cumprimentos, mas [235] afirmou simplesmente que com tanto maior ânimo se defendia perante Félix, uma vez que este era, havia tanto tempo, procurador, e portanto tinha bom conhecimento das leis e costumes dos judeus. Referindo-se às acusações apresentadas contra ele, mostrou plenamente que nenhuma era verdadeira. Declarou que não havia provocado distúrbio em parte alguma de Jerusalém, nem profanado o santuário. "Não me acharam no templo falando com alguém", declarou, "nem amotinando o povo nas sinagogas, nem na cidade. Nem tão pouco podem provar as coisas de que agora me acusam". Atos 24:12, 13.

Conquanto confessando que "conforme aquele caminho que chamam seita" adorava ao Deus de seus pais, sustentou que sempre havia crido em "tudo quanto está escrito na lei e nos profetas"; e que em harmonia com o claro ensino das Escrituras, cria na ressurreição dos mortos. Declarou ainda mais que o propósito orientador de sua vida era "sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens". Atos 24:14-16.

De maneira sincera e reta ele declarou o objetivo de sua visita a Jerusalém, e as circunstâncias de sua prisão e julgamento: "Ora, muitos anos depois, vim trazer a minha nação esmolas e ofertas. Nisto me acharam já santificado no templo, não em ajuntamentos, nem com alvoroços, uns certos judeus da Ásia, os quais convinha que estivessem presentes perante ti, e me acusassem, se alguma coisa contra mim tivessem. Ou digam estes mesmos, se acharam em mim alguma iniqüidade, quando compareci perante o conselho, a não ser estas palavras, que, estando entre eles, clamei: Hoje sou julgado por vós acerca da ressurreição dos mortos". Atos 24:17-21.

O apóstolo falou com ardorosa e evidente sinceridade, e suas palavras levavam um peso de convicção. Cláudio Lísias, em sua carta a Félix, tinha dado testemunho similar com respeito à conduta de Paulo. Além disso, Félix tinha melhor conhecimento da religião

judaica do que muitos supunham. A clara exposição que Paulo fizera dos fatos, capacitou Félix neste caso a entender ainda mais claramente os motivos pelos quais os judeus eram dominados ao procurar acusar o apóstolo de sedição e conduta desleal. O governador não queria agradar a eles condenando injustamente um cidadão romano, nem o poderia entregar para que o matassem sem um reto julgamento. No entanto, Félix não conhecia mais alto motivo que o interesse próprio, e era controlado pelo amor da fama e desejo de promoção. O temor de ofender os judeus o impediu de fazer inteira justiça a um homem que sabia ser inocente. Decidiu, portanto, suspender o julgamento até que Lísias estivesse presente, dizendo: "Quando o tribuno Lísias tiver descido, então tomarei inteiro conhecimento dos vossos negócios"

O apóstolo permaneceu prisioneiro, mas Félix ordenou ao centurião que havia sido indicado para guardar Paulo, "que o guardassem em prisão, tratando-o com brandura, e que a ninguém dos seus proibisse servi-lo ou vir ter com ele". Atos 24:22, 23. [236]

Não foi muito depois disso que Félix e sua esposa, Drusila, mandaram chamar Paulo para, em entrevista privada, poderem ouvi-lo "acerca da fé em Cristo". Atos 24:24. Eles estavam desejosos e mesmo ávidos de ouvir a respeito dessas novas verdades — verdades que poderiam jamais ouvir de novo, e que, se rejeitadas, dariam um pronto testemunho contra eles no dia de Deus.

Paulo considerou essa oportunidade como provida por Deus, e fielmente a aproveitou. Sabia achar-se na presença de um homem que tinha poder de o condenar à morte ou de o livrar; contudo não se dirigiu a Félix e Drusila com palavras de elogio ou lisonjas. Sabia que suas palavras seriam para eles um cheiro de vida ou de morte, e esquecendo toda consideração egoísta, procurou despertá-los para o senso de seu perigo.

O apóstolo compreendia que o evangelho tinha uma reivindicação sobre quem quer que atentasse para suas palavras; que um dia eles estariam ou entre os puros e santos ao redor do grande trono branco, ou com aqueles a quem Cristo haveria de dizer: "Apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniqüidade". Mateus 7:23. Ele sabia que teria de encontrar cada um de seus ouvintes diante do tribunal do Céu, e que aí teria de prestar contas, não apenas de tudo o que havia dito e feito, mas do motivo e espírito de suas palavras e ações.

Tão violenta e cruel havia sido a conduta de Félix, que poucos haviam alguma vez ousado dar-lhe a entender que seu caráter e conduta não estavam isentos de faltas. Paulo, porém, não tinha temor do homem. Expôs claramente sua fé em Cristo, e as razões dessa fé, e foi assim levado a falar particularmente das virtudes essenciais do caráter cristão, de que o arrogante par diante dele era tão sensivelmente destituído.

Ele exaltou perante Félix e Drusila o caráter de Deus — Sua retidão, justiça e eqüidade, e a natureza de Sua lei. Mostrou claramente que é dever do homem levar uma vida de sobriedade e temperança, mantendo as paixões sob o controle da razão, em conformidade com a lei de Deus, e preservando as faculdades físicas e mentais em condições sadias. Declarou que viria, seguramente, um dia de juízo, quando todos seriam recompensados de acordo com o que tivessem feito no corpo, e quando seria plenamente revelado que a riqueza, posição ou títulos são destituídos de poder para alcançar para o homem o favor de Deus, ou para livrá-lo dos resultados do pecado. Mostrou que essa vida é o tempo de preparo do homem para a vida futura. Negligenciassem eles os presentes privilégios e oportunidades, e sofreriam eterna perda; nenhuma nova oportunidade de graça lhes poderia ser dada.

Paulo frisou especialmente os profundos reclamos da lei de Deus. Mostrou como ela alcança os íntimos segredos da natureza moral do homem, derramando um dilúvio de luz sobre aquilo que tem estado oculto à vista e ao conhecimento dos seres humanos. O que as mãos [237] podem fazer ou a língua proferir — isso que a vida exterior revela — mostra, imperfeitamente embora, o caráter moral do homem. A lei esquadrinha seus pensamentos, motivos e propósitos. As perigosas paixões que permanecem ocultas à vista dos homens, a inveja, o ódio, o sensualismo, a ambição, as propostas perversas nos profundos recessos do coração, ainda não executadas por falta de oportunidade — tudo isso a lei de Deus condena.

Paulo procurou dirigir a mente de seus ouvintes para o grande sacrifício pelo pecado. Apontou aos sacrifícios que constituíam sombra dos bens futuros, e apresentou, então, a Cristo como o antítipo de todas essas cerimônias — o objeto para o qual elas apontavam como a única fonte de vida e esperança para o homem caído. Santos homens do passado foram salvos pela fé no sangue de Cristo. Ao

contemplarem as agonias de morte das vítimas sacrificais, olhavam através dos séculos para o Cordeiro de Deus que devia tirar o pecado do mundo.

Deus, com justiça, reclama o amor e obediência de todas as Suas criaturas. Deu-lhes em Sua lei uma perfeita norma de retidão. Muitos, porém, se esquecem de seu Criador, e escolhem seguir seus próprios caminhos, em oposição à vontade de Deus. Pagam com inimizade o amor que é tão alto quanto o Céu e tão amplo quanto o Universo. Deus não pode baixar os reclamos de Sua lei a fim de corresponder à norma de homens ímpios; nem pode o homem em sua própria capacidade, cumprir as exigências da lei. Só pela fé em Cristo pode o pecador ser purificado da culpa e capacitado a prestar obediência à lei de seu Criador.

Assim Paulo, o prisioneiro, apresentou as exigências da lei divina tanto para judeus como para gentios, e apresentou a Jesus, o desprezado Nazareno, como o Filho de Deus, e Redentor do mundo.

A princesa judia bem compreendia o sagrado caráter daquela lei que tão desavergonhadamente transgredia; mas seu preconceito contra o Homem do Calvário endureceu-lhe o coração contra a palavra de vida. Mas Félix nunca ouvira antes a verdade; e à medida que o Espírito de Deus lhe imprimia convicção à alma, sentia-se profundamente agitado. A consciência, agora desperta, fez ouvir sua voz; e Félix sentiu que as palavras de Paulo eram verdadeiras. Sua memória retornou ao culposo passado. Com terrível clareza surgiram perante ele os segredos de seus primeiros tempos de homem sanguinário e perverso, e o relatório tenebroso de seus últimos anos. Viu-se licencioso, cruel, desonesto. Jamais tinha sido a verdade assim levada ao íntimo de seu coração. Nunca antes seu coração se enchera de terror. O pensamento de que todos os segredos de sua carreira de crimes estavam abertos aos olhos de Deus, e que ele seria julgado conforme as suas obras fê-lo tremer de pavor.

Mas em vez de permitir que suas convicções o guiassem ao arrependimento, procurou livrar-se dessas reflexões indesejáveis. A entrevista com Paulo foi abreviada. "Por agora vai-te", disse; "e em tendo oportunidade te chamarei" [238]

Quão amplo é o contraste entre o procedimento de Félix e o do carcereiro de Filipos! Os servos do Senhor foram levados em cadeias ao carcereiro, como Paulo a Félix. A evidência que deram

de estar sendo sustidos por um divino poder, seu regozijo sob o sofrimento e desventura, seu destemor quando a terra vacilou com o terremoto, e seu espírito de perdão semelhante ao de Cristo levaram a convicção ao coração do carcereiro, que tremente confessou seus pecados e encontrou perdão. Félix tremeu, mas não se arrependeu. O carcereiro, jubiloso, abriu ao Espírito de Deus o coração e o lar; Félix ordenou que o mensageiro divino se retirasse. Um escolheu tornar-se filho de Deus e herdeiro do Céu; o outro preferiu os que praticavam a iniqüidade.

Durante dois anos, nenhuma outra atitude foi tomada contra Paulo, embora permanecesse prisioneiro. Félix visitou-o várias vezes e ouviu-lhe atentamente as palavras. Mas o motivo real dessa aparente benevolência era o desejo de ganho, e insinuou que mediante grande soma de dinheiro Paulo poderia assegurar sua liberdade. O apóstolo, entretanto, era de natureza demasiado nobre para libertar-se por meio de suborno. Não era culpado de crime algum, e não se aviltaria cometendo um mal para alcançar a liberdade. Demais era muito pobre para poder pagar esse resgate, caso a isso estivesse disposto, e não apelaria, em seu próprio benefício, para a simpatia e generosidade de seus conversos. Compreendia que estava nas mãos de Deus, e não poderia interferir no propósito divino a respeito de sua pessoa.

Félix foi finalmente chamado a Roma, por causa de graves males feitos aos judeus. Antes de deixar Cesaréia em resposta a esse chamado, desejou "comprazer aos judeus" (Atos 24:27), deixando Paulo na prisão. Mas Félix não alcançou êxito em sua tentativa de readquirir a confiança dos judeus. Foi removido do cargo em desonra, e Pórcio Festo foi indicado para sucedê-lo, com sede em Cesaréia.

Havia sido permitido que um raio de luz do Céu brilhasse sobre Félix, quando Paulo arrazoou com ele a respeito da justiça, temperança e juízo vindouro. Essa foi a oportunidade que o Céu lhe enviara para que visse seus pecados e os abandonasse. Mas dissera ao mensageiro de Deus: "Por agora vai-te, e em tendo oportunidade te chamarei". Atos 24:25. Menosprezara a última oferta de misericórdia. Nunca mais deveria receber outro convite de Deus. [239]

Capítulo 40 — Paulo apela para César

Este capítulo é baseado em Atos 25:1-12.

"Tendo, pois, Festo assumido o governo da província, três dias depois, subiu de Cesaréia para Jerusalém; e, logo, os principais sacerdotes e os maiorais dos judeus lhe apresentaram queixa contra Paulo e lhe solicitavam, pedindo como favor, em detrimento de Paulo, que o mandasse vir a Jerusalém". Atos 25:1-3. Fazendo esse pedido, tinham como plano armar-lhe ciladas no caminho para Jerusalém e matá-lo. Mas Festo tinha alto senso da responsabilidade de sua posição, e cortesmente se eximiu de enviar Paulo. Respondeu "não ser costume dos romanos entregar algum homem à morte, sem que o acusado tenha presentes os seus acusadores, e possa defender-se da acusação". Atos 25:16. Declarou que "brevemente partiria" para Cesaréia. "Os que pois, disse, dentre vós têm poder, desçam comigo e, se neste varão houver algum crime, acusem-no". Atos 25:4, 5.

Não era isso o que os judeus desejavam. Não haviam esquecido sua anterior derrota em Cesaréia. Em contraste com a calma atitude do apóstolo e seus irretorquíveis argumentos, a própria malignidade do espírito deles e suas descabidas acusações apareceriam da pior maneira possível. De novo insistiram para que Paulo fosse enviado a Jerusalém para ser julgado, mas Festo manteve firmemente seu propósito de proporcionar a Paulo um julgamento justo em Cesaréia. Deus, em Sua providência, controlou a decisão de Festo para que a vida do apóstolo fosse poupada.

Havendo falhado seus propósitos, os líderes judeus imediatamente se prepararam para testemunhar contra Paulo perante o tribunal do procurador. Havendo retornado a Cesaréia, depois de poucos dias de permanência em Jerusalém, Festo "no dia seguinte, assentando-se no tribunal, mandou que trouxessem Paulo" "Os judeus que haviam descido de Jerusalém", "o rodearam, trazendo contra Paulo muitas e graves acusações, que não podiam provar". Atos 25:6, 7. Estando nessa ocasião sem um advogado, os próprios

judeus apresentaram suas acusações. Ao prosseguir o julgamento, o acusado com calma e mansidão mostrou claramente a falsidade das acusações.

Festo compreendeu que a questão em consideração se prendia inteiramente a doutrinas judaicas, e que, convenientemente entendido, nada havia nas acusações feitas a Paulo, pudessem elas ser provadas, que merecesse sentença de morte, ou mesmo de prisão. Contudo, viu com clareza a tempestade de ódio que se levantaria [240] se Paulo não fosse condenado ou entregue às mãos deles. "Todavia Festo, querendo comprazer aos judeus" (Atos 25:9), voltando-se para Paulo, perguntou se estava disposto a ir a Jerusalém sob sua proteção, para ser julgado pelo Sinédrio.

O apóstolo sabia que não podia esperar justiça do povo que, por seus crimes, estava atraindo sobre si a ira de Deus. Sabia que, como o profeta Elias, estaria mais seguro entre os pagãos do que com os que haviam rejeitado a luz do Céu e endurecido o coração contra o evangelho. Cansado de contendas, seu ativo espírito mal podia suportar as repetidas delongas e fatigante retardamento de seu julgamento e prisão. Decidiu, pois, valer-se de seu privilégio, como cidadão romano, e apelar para César.

Em resposta à pergunta do governador, Paulo disse: "Estou perante o tribunal de César, onde convém que seja julgado; não fiz agravo algum aos judeus, como tu muito bem sabes. Se fiz algum agravo, ou cometi alguma coisa digna de morte, não recuso morrer; mas, se nada há das coisas de que estes me acusam, ninguém me pode entregar a eles; apelo para César". Atos 25:10, 11.

Festo nada sabia das conspirações dos judeus para matar Paulo, e ficou surpreso com este apelo a César. Entretanto, as palavras do apóstolo puseram fim ao julgamento. "Festo, tendo falado com o conselho respondeu: Apelaste para César? Para César irás". Atos 25:12.

Assim foi que uma vez mais, por causa do ódio nascido do fanatismo e da justiça própria, um servo de Deus volta-se para os pagãos em busca de proteção. Foi esse mesmo ódio que forçou o profeta Elias a buscar socorro da viúva de Sarepta; e levou os arautos do evangelho a volver-se dos judeus, para proclamar a mensagem do evangelho aos gentios. E este ódio o povo de Deus que vive neste século terá ainda que enfrentar. Entre muitos dos professos segui-

dores de Cristo, existe o mesmo orgulho, formalismo e egoísmo, o mesmo espírito de opressão que ocupou tão grande lugar no coração dos judeus. No futuro, homens que declaram ser representantes de Cristo tomarão atitude idêntica à dos sacerdotes e príncipes no seu trato com Cristo e os apóstolos. Na grande crise por que deverão em breve passar, os fiéis servos de Deus encontrarão a mesma dureza de coração, a mesma determinação cruel, o mesmo ódio inflexível.

Todo o que nesse dia mau se dispuser a servir a Deus com destemor, segundo os ditames de sua consciência, necessitará de coragem, firmeza e do conhecimento de Deus e Sua Palavra; pois os que forem fiéis a Deus serão perseguidos, seus motivos impugnados, desvirtuados seus melhores esforços e seus nomes repudiados como um mal. Satanás trabalhará com todo o seu poder enganador para influenciar o coração e obscurecer o entendimento, a fim de que o mal pareça bem, e o bem mal. Quanto mais forte e mais pura a fé do povo de Deus, e mais firme sua determinação de obedecer-Lhe, tanto mais ferozmente procurará Satanás instigar contra eles a ira daqueles que, embora se declarando justos, tripudiam sobre a lei de Deus. Requererá a mais firme confiança, o mais heróico propósito reter firme a fé que uma vez foi entregue aos santos. [241]

Deus deseja que Seu povo se prepare para a crise prestes a vir. Preparados ou não, todos terão de enfrentá-la; e somente os que têm levado a vida em conformidade com a norma divina, permanecerão firmes naquele tempo de prova. Quando legisladores seculares se unirem a ministros religiosos para legislarem em assuntos de consciência, ver-se-á, então, quem realmente teme a Deus e O serve. Quando as trevas são mais profundas, mais resplandece a luz de um caráter semelhante ao de Deus. Quando toda a demais confiança falha, então se verá quem tem uma confiança permanente em Jeová. E enquanto os inimigos da verdade estiverem, de todos os lados, observando os servos do Senhor para o mal, Deus estará vigiando sobre eles para o bem. Ele será para eles como a sombra de uma grande rocha numa terra sedenta. [242]

Capítulo 41 — Quase persuadido

Este capítulo é baseado em Atos 25:13-27; 26.

Paulo tinha apelado para César, e Festo não tinha outro recurso senão enviá-lo a Roma. Mas algum tempo se passou antes que pudesse ser encontrado um navio oportuno; e como outros prisioneiros deviam ser enviados com Paulo, a consideração de seus casos também ocasionou demora. Isso deu a Paulo oportunidade de apresentar as razões de sua fé diante dos principais homens de Cesaréia, como também perante o rei Agripa II, o último dos Herodes.

"E, passados alguns dias, o rei Agripa e Berenice vieram a Cesaréia, a saudar Festo. E, como ali ficassem muitos dias, Festo contou ao rei os negócios de Paulo, dizendo: Um certo varão foi deixado por Félix aqui preso. Por cujo respeito os principais dos sacerdotes e os anciãos dos judeus, estando eu em Jerusalém, compareceram perante mim, pedindo sentença contra ele". Atos 25:13-15. Ele esboçou as circunstâncias que levaram o prisioneiro a apelar para César, contando do recente julgamento de Paulo perante ele, e dizendo que os judeus não tinham apresentado contra Paulo nenhuma acusação das que ele supunha, mas "algumas questões acerca de sua superstição, e de um tal Jesus, defunto, que Paulo afirmava viver".

Havendo Festo contado sua história, Agripa tornou-se interessado, e disse: "Bem quisera eu também ouvir esse homem" Conforme sua vontade, foi arranjada uma reunião para o dia seguinte. "E, no dia seguinte, vindo Agripa e Berenice, com muito aparato, entraram no auditório com os tribunos e varões principais da cidade, sendo trazido Paulo por mandado de Festo". Atos 25:19, 22, 23.

Em homenagem aos visitantes, Festo buscara tornar a ocasião bastante aparatosa. As ricas vestes do procurador e de seus hóspedes, as espadas dos soldados e as brilhantes armaduras de seus comandantes, emprestavam brilho à cena.

E agora Paulo, ainda algemado, achava-se diante do grupo reunido. Que contraste era ali apresentado! Agripa e Berenice possuíam

poder e posição, e eram por isso favorecidos pelo mundo. Mas eram destituídos dos traços de caráter que Deus estima. Eram transgressores de Sua lei, corruptos de coração e de vida. Sua conduta era aborrecida pelo Céu.

O idoso prisioneiro, acorrentado a um soldado, não tinha em seu aspecto coisa alguma que levasse o mundo a prestar-lhe homenagem. [243] Entretanto, nesse homem aparentemente sem amigos, riqueza ou posição, preso por sua fé no Filho de Deus, o Céu todo estava interessado. Os anjos eram seus assistentes. Caso se houvesse manifestado a glória de um só desses resplandecentes mensageiros, a pompa e o orgulho da realeza teria empalidecido; rei e cortesãos teriam sido lançados por terra, como os soldados romanos junto ao sepulcro de Cristo.

O próprio Festo apresentou Paulo à assembléia com estas palavras: “Rei Agripa, e todos os varões que estais presentes conosco; aqui vedes um homem de quem toda a multidão dos judeus me tem falado, tanto em Jerusalém como aqui, clamando que não convém que viva mais. Mas, achando eu que nenhuma coisa digna de morte fizera, e apelando ele mesmo também para Augusto, tenho determinado enviar-lho. Do qual não tenho coisa alguma certa que escreva ao meu senhor, e por isso perante vós o trouxe, principalmente perante ti, ó rei Agripa, para que, depois de interrogado, tenha alguma coisa que escrever. Porque me parece contra a razão enviar um preso, e não notificar contra ele as acusações”. Atos 25:24-27.

O rei Agripa deu, então, a Paulo a liberdade de falar. O apóstolo não estava desconcertado pela brilhante pompa ou elevada posição de seu auditório; pois sabia de quão pouco valor representam riqueza ou posição mundanas. Poder e pompa terrestres não poderiam nem por um momento abater-lhe o ânimo ou roubar-lhe o domínio próprio.

“Tenho-me por venturoso, ó rei Agripa”, disse ele, “de que perante ti me haja hoje de defender de todas as coisas de que sou acusado pelos judeus; mormente sabendo eu que tens conhecimento de todos os costumes e questões que há entre os judeus; pelo que te rogo que me ouças com paciência”. Atos 26:2, 3.

Paulo relatou a história de sua conversão de obstinada incredulidade à fé em Jesus de Nazaré como o Redentor do mundo. Descreveu a visão celestial que a princípio o enchera de indizível terror, porém

mais tarde provou ser uma fonte da maior consolação — uma revelação de glória divina, no meio da qual estava entronizado Aquele a quem ele desprezara e odiara, cujos seguidores procurara levar à destruição. Desde esse momento Paulo se havia tornado um novo homem, um sincero e fervoroso crente em Jesus, a isto chegando pela transformadora misericórdia.

Com clareza e poder Paulo traçou perante Agripa um esboço dos principais acontecimentos relacionados com a vida de Cristo sobre a Terra. Sustentou que o Messias da profecia tinha já aparecido na pessoa de Jesus de Nazaré. Mostrou como as Escrituras do Antigo Testamento haviam declarado que o Messias devia aparecer como um homem entre os homens; e como na vida de Jesus se havia cumprido cada especificação esboçada por Moisés e os profetas. Com o propósito de redimir o mundo perdido, o divino Filho de Deus, desdenhando a ignomínia, suportou a cruz e subiu ao Céu, triunfante sobre a morte e a sepultura. [244]

Por que, raciocinava Paulo, parecia incrível que Cristo ressuscitasse dos mortos? Uma vez assim lhe parecera; mas como poderia descrer daquilo que ele mesmo havia visto e ouvido? À porta de Damasco havia sem qualquer dúvida contemplado o Cristo crucificado e ressurgido, o mesmo que tinha palmilhado as ruas de Jerusalém, morrido no Calvário, quebrado as ligaduras da morte e ascendido ao Céu. Tão seguramente como Cefas, Tiago e João, ou qualquer outro dos discípulos, tinha-O visto e com Ele falado. A Voz o intimara a proclamar o evangelho de um Salvador ressuscitado, e como poderia desobedecer? Em Damasco, em Jerusalém, através de toda a Judéia e nas regiões distantes, havia ele testemunhado de Jesus, o Crucificado, mostrando a todas as classes "que se arrependessem, e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento".

"Por causa disto", declarou o apóstolo, "os judeus lançaram mão de mim no templo, e procuraram matar-me. Mas, alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permaneço, dando testemunho tanto a pequenos como a grandes, não dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer, isto é, que o Cristo devia padecer, e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, devia anunciar a luz a este povo e aos gentios". Atos 26:20-23.

Todos os presentes escutaram encantados a narração feita por Paulo de suas maravilhosas experiências. O apóstolo estava falando

sobre o seu tema predileto. Nenhum dos que o ouviam podia duvidar de sua sinceridade. Mas no momento de sua mais persuasiva eloqüência, foi interrompido por Festo, que exclamou: "Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar." O apóstolo respondeu: "Não deliro, ó potentíssimo Festo; antes digo palavras de verdade e de um são juízo. Porque o rei, diante de quem falo com ousadia, sabe estas coisas, pois não creio que nada disto lhe é oculto; porque isto não se fez em qualquer canto" Então, voltando-se para Agripa, a ele se dirigiu diretamente: "Crês tu nos profetas, ó rei Agripa? Bem sei que crês". Atos 26:24-27.

Profundamente impressionado, Agripa perdeu de vista por um momento o ambiente e a dignidade de sua posição. Tendo apenas consciência das verdades que tinha ouvido, vendo somente o humilde prisioneiro que estava diante dele como embaixador de Deus, respondeu involuntariamente: "Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão!"

Ardorosamente o apóstolo respondeu: "Prouvera a Deus que, ou por pouco ou por muito, não somente tu, mas também todos quantos me estão ouvindo, se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias" (Atos 26:28, 29), acrescentou erguendo as mãos acorrentadas.

Festo, Agripa e Berenice podiam com justiça trazer nos pulsos os grilhões que acorrentavam o apóstolo. Eram todos culpados de graves crimes. Esses transgressores tinham ouvido nesse dia a oferta de salvação mediante o nome de Cristo. Um, pelo menos, estivera [245] quase persuadido a aceitar a graça e o perdão oferecidos. Mas Agripa afastou a misericórdia oferecida, recusando aceitar a cruz de um Redentor crucificado.

A curiosidade do rei foi satisfeita e, levantando-se, deu a entender que a entrevista tinha terminado. Ao se dispersarem, os presentes falavam entre si dizendo: "Este homem nada fez digno de morte ou de prisões."

Embora Agripa fosse judeu, não participava ele do zelo intolerante e cego preconceito dos fariseus. "Bem podia soltar-se este homem", disse ele a Festo, "se não houvera apelado para César". Atos 26:31, 32. Mas o caso fora levado àquele supremo tribunal, e estava agora além da jurisdição tanto de Festo quanto de Agripa. [246]

Capítulo 42 — A viagem e o naufrágio

Este capítulo é baseado em Atos 27; 28:1-10.

Paulo estava afinal a caminho de Roma. "E, como se determinou que havíamos de navegar para a Itália", escreve Lucas, "entregaram Paulo, e alguns outros presos, a um centurião por nome Júlio, da coorte augusta. E, embarcando nós em um navio adramitino, partimos navegando pelos lugares da costa da Ásia, estando conosco Aristarco, macedônio, de Tessalônica". Atos 27:1, 2.

No primeiro século da era cristã, as viagens por mar eram feitas com peculiares dificuldades e perigos. Os marinheiros faziam a sua rota em grande parte orientando-se pela posição do Sol e das estrelas; e quando estes corpos celestes não apareciam, e havia indício de tempestade, os proprietários dos navios temiam aventurar-se em pleno mar. Durante uma parte do ano era quase impossível a navegação sem riscos.

O apóstolo Paulo era agora chamado a suportar as difíceis experiências que lhe poderiam tocar como um prisioneiro em cadeias durante a longa e tediosa viagem para a Itália. Uma circunstância suavizou grandemente as dificuldades de sua vida — foi-lhe permitida a companhia de Lucas e Aristarco. Em sua carta aos colossenses, referiu-se ele mais tarde ao último como seu "companheiro de prisão" (Colossences 4:10); mas foi por vontade própria que Aristarco partilhou da prisão de Paulo, a fim de poder confortá-lo em suas aflições.

A viagem começou favoravelmente. No dia seguinte, lançaram âncora no porto de Sidom. Ali Júlio, o centurião, "tratando Paulo humanamente", e sendo informado de que nesse lugar havia cristãos, "lhe permitiu ir ver os amigos, para que cuidassem dele". Atos 27:3. Essa permissão foi grandemente apreciada pelo apóstolo, que estava com a saúde debilitada.

Havendo deixado Sidom, o navio encontrou ventos contrários; e tendo-se desviado de uma rota direta, seu progresso foi lento.

Em Mirra, na província de Lícia, o centurião encontrou um grande navio de Alexandria, que viajava para a costa da Itália, e para esse navio transferiu imediatamente os prisioneiros. Mas os ventos eram ainda contrários, e o progresso do navio foi difícil. Lucas escreve: "E, como por muitos dias navegássemos vagarosamente, havendo chegado apenas defronte a Cnido, não nos permitindo o vento ir mais adiante, navegamos abaixo de Creta, junto de Salmone. E, costeando-a dificilmente, chegamos a um lugar chamado Bons Portos." [247]

Em Bons Portos foram forçados a ficar por algum tempo, esperando vento favorável. O inverno estava-se aproximando rapidamente, "sendo já perigosa a navegação"; e os que tinham a responsabilidade do navio tiveram que desistir de alcançar seu destino antes que a época favorável para a navegação marítima se encerrasse naquele ano. A única questão a ser decidida, então, era se deviam permanecer em Bons Portos ou tentar alcançar um lugar mais favorável para invernar.

Essa questão foi calorosamente discutida, sendo afinal referida pelo centurião a Paulo, o qual conquistara o respeito tanto dos soldados como da tripulação. Sem hesitação o apóstolo aconselhou ficarem onde estavam. "Vejo", disse ele, "que a navegação há de ser incômoda, e com muito dano, não só para o navio e carga, mas também para as nossas vidas" Mas "o piloto" e o "mestre" do navio e a maioria dos passageiros e toda a tripulação não quiseram aceitar esse conselho. Como aquele porto em que ancoraram "não era cômodo para invernar, os mais deles foram de parecer que se partisse dali para ver se podiam chegar a Fênix, que é um porto de Creta que olha para a banda do vento da África e do Coro, e invernar ali". Atos 27:8-12.

O centurião decidiu seguir o discernimento da maioria. De comum acordo, "soprando o vento sul brandamente", deixaram Bons Portos na esperança de que alcançariam logo o desejado porto. "Mas, não muito depois, deu nela um pé-de-vento [...] E, sendo o navio arrebatado" (Atos 27:13-15), não podiam navegar contra o vento.

Impulsionado pela tempestade, o navio se aproximou da pequena ilha de Clauda, e nesse abrigo os tripulantes se prepararam para o pior. O bote salva-vidas, seu único meio de escape no caso do navio afundar, estava amarrado, e sujeito a ser feito em pedaços a cada momento. Seu primeiro trabalho foi içar esse bote para bordo. Todas

as precauções possíveis foram, então, tomadas para fortificar o navio e prepará-lo para resistir à tempestade. A exígua proteção oferecida pela pequena ilha não durou muito, e logo estavam de novo expostos a toda a violência da tempestade.

Toda a noite a tempestade rugiu, e não obstante as precauções tomadas, o navio fazia água. "No dia seguinte aliviaram o navio." De novo veio a noite, mas o vento não amainava. O navio batido pela tempestade, com os mastros partidos e as velas rotas, era pela fúria do vento atirado de um para outro lado. A cada momento parecia que o madeiramento dos costados, que não deixava de ranger, se iria abrir, tal a veemência dos abalos e estremecimentos produzidos pelos choques das ondas. A invasão da água mais aumentava, e a tripulação e passageiros trabalhavam continuamente nas bombas. Não havia um momento de repouso para ninguém a bordo. "E ao terceiro dia", escreve Lucas, "nós mesmos, com as nossas próprias mãos, lançamos ao mar a armação do navio". "E não aparecendo, havia [248] já muitos dias, nem sol nem estrelas, e caindo sobre nós uma não pequena tempestade, fugiu-nos toda a esperança de nos salvarmos". Atos 27:18-20.

Durante catorze dias flutuaram sob um céu sem sol e sem estrelas. O apóstolo, embora sofrendo ele próprio fisicamente, tinha palavras de esperança para o momento mais crítico, uma mão auxiliadora em cada emergência. Agarrou-se pela fé ao braço do Poder Infinito, e seu coração se apoiava em Deus. Não temia por si; sabia que Deus o preservaria para testificar em Roma da verdade de Cristo. Porém, seu coração se comovia de piedade pelas pessoas que lhe estavam ao redor, pecadoras, degradadas e não preparadas para morrer. Ao suplicar ardentemente a Deus para lhes poupar a vida, foi-lhe revelado que sua oração fora atendida.

Aproveitando a vantagem de uma trégua na tempestade, Paulo ficou na coberta, e levantando a voz disse: "Senhores, na verdade, era preciso terem-me atendido e não partir de Creta, para evitar este dano e perda. Mas, já agora, vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio. Porque, esta mesma noite, um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas! É preciso que compareças perante César, e eis que Deus, por Sua graça, te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, senhores, tende bom ânimo! Pois eu

confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito. Porém é necessário que vamos dar a uma ilha". Atos 27:21-26.

Após essas palavras, reviveu a esperança. Passageiros e tripulantes se ergueram de sua apatia. Havia muito, ainda, a ser feito, e cada esforço e capacidade deviam ser exercitados para evitar a destruição.

Foi na décima quarta noite de arremesso sobre as ondas negras e encapeladas que "lá pela meia-noite", ouvindo som característico, "suspeitaram os marinheiros que estavam próximos de alguma terra. E, lançando prumo, acharam vinte braças; e, passando um pouco mais adiante, tornando a lançar o prumo, acharam quinze braças. E, temendo", escreve Lucas, "ir dar em alguns rochedos, lançaram da popa quatro âncoras, desejando que viesse o dia". Atos 27:27-29.

Ao raiar do dia os contornos da costa tempestuosa eram vagamente visíveis, mas não se viam quaisquer sinais de terra familiar. Tão sombria era a perspectiva que os marinheiros pagãos, perdendo toda a coragem, procuravam "fugir do navio", e fazendo preparativos dissimulados para "lançar as âncoras pela proa", tinham já lançado o bote salva-vidas, quando Paulo, percebendo seu baixo intento, disse ao centurião e aos soldados: "Se estes não ficarem no navio, não podereis salvar-vos" Os soldados imediatamente "cortaram os cabos do batel, e o deixaram cair" no mar.

A hora mais crítica estava ainda diante deles. De novo o apóstolo disse palavras de encorajamento, e exortou a todos, soldados e passageiros, para que tomassem algum alimento, dizendo: "E já hoje o décimo quarto dia que esperais, e permaneceis sem comer, não havendo provado nada. Portanto, exorto-vos a que comais alguma [249] coisa, pois é para a vossa saúde; porque nem um cabelo cairá da cabeça de qualquer de vós". Atos 27:30-34.

"E, havendo dito isto, tomando o pão, deu graças a Deus na presença de todos; e, partindo-o, começou a comer" Então, aquele exausto e desencorajado grupo de duzentas e setenta e cinco almas que, não fora Paulo, ter-se-ia desesperado, uniu-se ao apóstolo em partilhar do "alimento. E, refeitos com a comida, aliviaram o navio, lançando o trigo ao mar". Atos 27:35-38.

A luz do dia tinha agora rompido plenamente, mas eles nada podiam ver que lhes determinasse o lugar em que estavam. "Enxergaram porém uma enseada que tinha praia, e consultaram-se sobre se deveriam encalhar nela o navio. E, levantando as âncoras, deixaram-

no ir ao mar, largando também as amarras do leme; e, alçando a vela maior ao vento, dirigiram-se para a praia. Dando, porém, num lugar de dois mares, encalharam ali o navio; e, fixa a proa, ficou imóvel, mas a popa abria-se com a força das ondas". Atos 27:39-41.

Paulo e os outros prisioneiros estavam, agora, ameaçados por um perigo maior que o naufrágio. Os soldados viram que, enquanto estivessem procurando alcançar a terra, ser-lhes-ia impossível vigiar os prisioneiros. Cada homem teria que fazer todo o possível para salvar-se. Entretanto, se algum dos prisioneiros faltasse, perderia a vida o responsável por eles. Por isso os soldados desejavam matar todos os prisioneiros. A lei romana sancionava essa cruel prática, e o plano teria sido imediatamente executado, não fosse aquele a quem todos muito deviam. Júlio, o centurião, sabia que Paulo tinha sido o instrumento para salvar a vida de todos a bordo; e, além disso, convencido de que o Senhor estava com ele, temeu fazer-lhe mal. Portanto, "mandou que os que pudessem nadar se lançassem primeiro ao mar, e se salvassem em terra; e os demais, uns em tábuas e outros em coisas do navio. E assim aconteceu que todos chegaram à terra, a salvo". Atos 27:43, 44. Quando se verificou a lista, nenhum faltava.

Os náufragos foram bondosamente recebidos pelos nativos de Malta. "Acendendo uma grande fogueira", escreve Lucas, "nos recolheram a todos por causa da chuva que caía, e por causa do frio". Paulo estava entre os que se mostravam ativos em prover o conforto dos outros. Tendo "ajuntado e atirado à fogueira um feixe de gravetos, uma víbora, fugindo do calor, prendeu-se-lhe à mão". Os circunstantes ficaram tomados de horror, e vendo por suas correntes que Paulo era um prisioneiro, "diziam uns aos outros: Certamente este homem é homicida, visto como, escapando do mar, a justiça não o deixa viver". Mas Paulo sacudiu o réptil no fogo, e nenhum mal sentiu. Sabendo a natureza venenosa da víbora, as pessoas olhavam para ele, esperando vê-lo entrar num momento em terrível agonia. "Mas tendo esperado já muito e vendo que nenhum incômodo lhe sobrevinha, mudando de parecer, diziam que era um deus". Atos 28:2-6. [250]

Durante os três meses que o pessoal do navio permaneceu em Malta, Paulo e seus companheiros de trabalho aproveitaram muitas oportunidades de pregar o evangelho. De modo notável operou o

Senhor por meio deles. Por amor de Paulo, toda a tripulação do navio foi tratada com grande bondade; todas as suas necessidades foram supridas e, ao deixarem Malta, foram liberalmente providos de todo o necessário para a viagem. Os principais incidentes dessa permanência ali são assim descritos por Lucas:

"E ali, próximo daquele mesmo lugar, havia umas herdades que pertenciam ao principal da ilha, por nome Públio, o qual nos recebeu e hospedou benignamente por três dias. E aconteceu estar de cama enfermo de febres e disenteria o pai de Públio, que Paulo foi ver e, havendo orado, pôs as mãos sobre ele e o curou. Feito pois isto, vieram também ter com ele os demais que na ilha tinham enfermidades, e sararam. Os quais nos distinguiram também com muitas honras; e, havendo de navegar, nos proveram das coisas necessárias". Atos 28:7-10. [251]

Capítulo 43 — Em Roma

Este capítulo é baseado em Atos 28:11-31 e da Epístola a Filemom.

Vindo o tempo próprio para a navegação, o centurião e seus prisioneiros retomaram a viagem para Roma. Um navio alexandrino, o "Castor e Polux" (Atos 28:11), tinha invernado em Malta, em sua viagem para o oeste, e nele os viajantes embarcaram. Embora um pouco retardada por ventos contrários, a viagem foi concluída, e o navio lançou âncora no belo porto de Potéoli, na costa da Itália.

Nesse lugar havia uns poucos cristãos, e eles se empenharam com Paulo para permanecer com eles por sete dias, privilégio esse bondosamente concedido pelo centurião. Desde que receberam a epístola de Paulo aos romanos, os cristãos da Itália tinham avidamente desejado uma visita do apóstolo. Não haviam imaginado vê-lo como prisioneiro, mas seus sofrimentos apenas o tornaram mais querido deles. Sendo a distância de Potéoli a Roma de apenas uns 220 quilômetros, e estando o porto marítimo em constante comunicação com a metrópole, os cristãos de Roma foram informados da aproximação de Paulo, e alguns deles se adiantaram para encontrá-lo e saudá-lo.

No oitavo dia depois de sua chegada, o centurião e seus prisioneiros retomaram o caminho de Roma. Júlio de boa vontade permitiu ao apóstolo cada favor que estava em suas forças conceder, mas não lhe podia mudar a condição de prisioneiro nem libertá-lo das cadeias que o ligavam ao soldado que o guardava. Foi com o coração opresso que Paulo partiu para sua muito ansiada visita à metrópole do mundo. Quão diversas eram as circunstâncias do que ele imaginara! Como poderia ele, acorrentado e estigmatizado, proclamar o evangelho? Suas esperanças de conquistar muitos conversos para a verdade em Roma, pareciam destinadas ao desapontamento.

Os viajantes chegaram, afinal, à praça de Ápio, sessenta e quatro quilômetros distante de Roma. Enquanto abriam caminho entre a multidão que transitava na grande via, o encanecido ancião, acorren-

tado com um grupo de criminosos mal-encarados, recebeu muitos olhares de zombaria, tornando-se objeto de muito gracejo rude e escarnecedor.

De súbito ouviu-se um grito de alegria e um homem se destacou da turba que passava, e lançou-se ao pescoço do prisioneiro, abraçando-o e chorando de alegria, como um filho que saudasse o pai por muito tempo ausente. A cena se repetiu muitas vezes à medida que, com a vista aguçada por expectante amor, muitos reconheceram [252] no preso acorrentado aquele que, em Corinto, Filipos e Éfeso, lhes havia pregado as palavras da vida.

Os amantes discípulos ansiosamente afluíram ao redor de seu pai no evangelho, obrigando todo o cortejo a parar. Os soldados impacientaram-se com a demora, mas não tiveram coragem de interromper essa feliz reunião; pois também eles aprenderam a respeitar e estimar seu prisioneiro. Nessa face macerada e batida pela dor, os discípulos viam refletida a imagem de Cristo. Asseguraram a Paulo que nunca o esqueceram nem deixaram de amá-lo; que lhe eram devedores pela feliz esperança que lhes animava a vida, e dava-lhes paz para com Deus. Na grandeza de seu amor o levariam nos ombros todo o caminho até a cidade, fosse-lhes dado esse privilégio.

Poucos consideram o significado das palavras de Lucas, quando diz que Paulo, vendo seus irmãos "deu graças a Deus e tomou ânimo". Atos 28:15. No meio do simpatizante e lacrimoso grupo de crentes, os quais não se envergonhavam de suas cadeias, o apóstolo louvou a Deus em voz alta. A nuvem de tristeza que estava sobre seu espírito se dissipara. Sua vida cristã tinha sido uma sucessão de sofrimentos, desapontamentos e provações, mas nesse momento ele se sentia abundantemente recompensado. Com passos mais firmes e o coração repleto de alegria, ele continuou seu caminho. Não podia queixar-se do passado nem temer o futuro. Cadeias e aflições o esperavam, isso ele sabia; mas sabia também que lhe coubera libertar as pessoas de um cativeiro infinitamente mais terrível, e se rejubilava em seus sofrimentos por amor de Cristo.

Em Roma, o centurião Júlio entregou seus prisioneiros ao comandante da guarda imperial. A boa referência que deu de Paulo, somada à carta de Festo, permitiram ser o apóstolo favoravelmente considerado pelo comandante, e em vez de ser trancado na prisão, foi-lhe permitido viver em uma casa alugada. Embora ainda ficasse

constantemente acorrentado a um soldado, tinha liberdade para receber seus amigos e trabalhar para o avanço da causa de Cristo.

Muitos dos judeus que haviam sido banidos de Roma alguns anos antes, tiveram permissão para voltar, de maneira que, então, ali se encontravam em grande número. A eles, antes de tudo, queria Paulo apresentar os fatos que diziam respeito a si mesmo e a sua obra, antes que seus inimigos tivessem ocasião de os incitar contra ele. Três dias depois de sua chegada a Roma, portanto, reuniu os líderes judeus, e de maneira simples e direta, declarou porque viera a Roma como prisioneiro.

"Varões irmãos", disse ele, "não havendo eu feito nada contra o povo, ou contra os ritos paternos, vim contudo preso desde Jerusalém, entregue nas mãos dos romanos; os quais, havendo-me examinado, queriam soltar-me, por não haver em mim crime algum de morte. Mas, opondo-se os judeus, foi-me forçoso apelar para [253] César, não tendo, contudo, de que acusar a minha nação. Por essa causa vos chamei, para vos ver e falar; porque pela esperança de Israel estou com essa cadeia". Atos 28:17-20.

Ele nada disse dos abusos que havia sofrido às mãos dos judeus, nem das repetidas tramas para assassiná-lo. Suas palavras caracterizaram-se pela prudência e bondade. Ele não estava procurando ganhar atenção pessoal ou simpatia, mas defender a verdade e manter a honra do evangelho.

Em resposta, seus ouvintes afirmaram que não tinham recebido acusação alguma contra ele, por carta pública ou particular, e que nenhum dos judeus que tinham vindo a Roma o acusara de qualquer crime. Expressaram, ainda, um forte desejo de ouvir as razões de sua fé em Cristo. "Quanto a essa seita", disseram, "notório nos é que em toda a parte se fala contra ela". Atos 28:22.

Uma vez que eles próprios desejavam isso, Paulo pediu que escolhessem um dia, quando lhes apresentaria as verdades do evangelho. No tempo marcado, "muitos foram ter com ele à pousada, aos quais declarava com bom testemunho o reino de Deus, e procurava persuadi-los à fé em Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas, desde pela manhã até à noite". Atos 28:23. Ele relatou-lhes sua experiência, e apresentou argumentos das Escrituras do Antigo Testamento com simplicidade, sinceridade e poder.

O apóstolo mostrou que a religião não consiste em ritos e cerimônias, credos e teorias. Se assim fosse, o homem natural poderia entendê-la pela pesquisa, como entende as coisas do mundo. Paulo ensinou que a religião é uma coisa prática, uma energia salvadora, um princípio inteiramente de Deus, uma experiência pessoal do poder renovador de Deus sobre o coração.

Mostrou como Moisés tinha apontado Cristo a Israel como o profeta a quem deviam ouvir; como todos os profetas haviam testificado dEle como o grande remédio de Deus para o pecado, o inocente que devia levar os pecados do culpado. Paulo não censurou sua observância de formas e cerimônias, mas mostrou que, enquanto mantinham o ritual com grande exatidão, estavam rejeitando a Cristo, que era o antítipo de todo aquele sistema.

Paulo declarou que, antes da conversão, tinha conhecido a Cristo, não por contato pessoal, mas simplesmente pela concepção que, em comum com outros, tinha nutrido concernente ao caráter e obra do Messias por vir. Tinha rejeitado a Jesus de Nazaré, considerando-O impostor porque Ele não preenchia essa concepção. Finalmente, a visão que passara a ter de Cristo e Sua missão era muito mais espiritual e exaltada; pois tinha sido convertido. O apóstolo afirmou que não lhes apresentava a Cristo segundo a carne. Herodes tinha visto a Cristo nos dias de Sua humanidade; vira-O Anás; Pilatos, os sacerdotes e príncipes tinham-nO visto; viram-nO os soldados romanos. Mas não O haviam visto com os olhos da fé; não O tinham [254] visto como o Redentor glorificado. Receber a Cristo pela fé, ter dEle um conhecimento espiritual era mais para desejar que um contato pessoal com Ele como apareceu na Terra. A comunhão com Cristo na qual Paulo agora se rejubilava era mais íntima, mais duradoura que um mero e humano companheirismo terrestre.

Ao falar Paulo do que sabia e testificar do que vira, concernente a Jesus de Nazaré como a esperança de Israel, os que honestamente estavam procurando a verdade foram convencidos. Em alguns espíritos, pelo menos, suas palavras produziram uma impressão que jamais se apagou. Mas outros se recusaram obstinadamente a aceitar o claro testemunho das Escrituras, mesmo quando apresentado a eles por alguém que tinha especial iluminação do Espírito Santo. Eles não podiam refutar seus argumentos, mas se recusaram a aceitar suas conclusões.

Muitos meses se passaram depois da chegada de Paulo a Roma, antes que os judeus de Jerusalém aparecessem pessoalmente para apresentar suas acusações contra o prisioneiro. Tinham sido repetidas vezes impedidos em seus desígnios; e agora que Paulo deveria ser julgado perante o mais elevado tribunal do império romano, não tinham desejo de se arriscar a mais uma derrota. Lísias, Félix, Festo e Agripa tinham todos declarado acreditar na sua inocência. Seus inimigos poderiam esperar êxito unicamente procurando, pela intriga, influenciar o imperador em favor deles. A demora lhes favoreceria o objetivo, visto que lhes proporcionaria tempo para aperfeiçoar e executar seus planos; e assim esperaram algum tempo antes de levarem pessoalmente suas acusações contra o apóstolo.

Na providência de Deus, essa demora resultou no avanço do evangelho. Pelo favorecimento daqueles que tinham Paulo sob sua guarda, foi-lhe permitido morar em uma casa cômoda, onde podia encontrar-se livremente com seus amigos e também apresentar diariamente a verdade aos que o iam ouvir. Assim, durante dois anos continuou suas atividades, "pregando o reino de Deus, e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum". Atos 28:31.

Durante esse tempo, [Paulo] não se esqueceu das igrejas que havia estabelecido em muitas terras. Compreendendo os perigos que ameaçavam os conversos da nova fé, o apóstolo procurou tanto quanto possível satisfazer-lhes às necessidades por meio de cartas de admoestação e instrução prática. E de Roma enviou obreiros consagrados para trabalharem não somente por essas igrejas, mas em campos que ele próprio não tinha visitado. Tais obreiros, como sábios pastores, fortaleciam a obra tão bem iniciada por Paulo; e o apóstolo, que se conservava informado das condições e perigos das igrejas mediante comunicação constante com elas, estava habilitado a exercer uma sábia direção sobre todas.

Desse modo, enquanto estivesse aparentemente separado do trabalho ativo, Paulo exercia uma influência maior e mais duradoura [255] do que se estivesse livre para viajar entre as igrejas como nos anos anteriores. Como prisioneiro do Senhor, ele retinha mais firmemente as afeições de seus irmãos; e suas palavras, escritas por quem estava em cadeias por amor de Cristo, impunham maior atenção e respeito do que quando ele estava pessoalmente com eles. Não antes que

Paulo fosse deles separado, compreenderam os irmãos quão pesados eram os encargos que ele tinha levado em benefício deles. Até então, tinham-se em grande parte escusado de responsabilidades e obrigações, porque sentiam a falta de sua sabedoria, tato e indomável energia; mas agora, deixados em sua inexperiência a aprender as lições que tinham rejeitado, apreciaram seus conselhos, advertências e instruções como não haviam considerado seu trabalho pessoal. E ao aprenderem de sua coragem e fé durante sua longa prisão, foram estimulados a maior fidelidade e zelo na causa de Cristo.

Entre os assistentes de Paulo em Roma, havia muitos de seus anteriores companheiros e colaboradores. Lucas, "o médico amado" (Colossences 4:14), que o tinha assistido em sua viagem a Jerusalém, durante os dois anos de sua prisão em Cesaréia, e em sua perigosa viagem a Roma, estava ainda com ele. Timóteo também ministrava para o seu conforto. Tíquico, um "irmão amado e fiel ministro, e conservo no Senhor" (Colossences 4:7), permaneceu nobremente ao lado do apóstolo. Demas e Marcos também estavam com ele. Aristarco e Epafras eram seus companheiros de prisão. Colossences 4:7-14.

Desde os primeiros anos de sua profissão de fé, a experiência cristã de Marcos tinha-se aprofundado. Ao estudar mais acuradamente a vida e a morte de Cristo, tinha ele obtido mais clara visão da missão do Salvador, Suas provas e conflitos. Lendo nas cicatrizes das mãos e pés de Cristo as marcas de Seu serviço pela humanidade, e até aonde leva a abnegação para salvar os perdidos e quase a perecer, Marcos se dispusera a seguir o Mestre no caminho do sacrifício. Depois, partilhando a sorte de Paulo, o prisioneiro, ele compreendeu melhor que nunca, que é infinito lucro ganhar a Cristo, e infinita perda ganhar o mundo e perder a vida, por cuja redenção foi o sangue de Cristo derramado. Em face de severa adversidade e prova, Marcos continuou firme, um sábio e amado auxiliar do apóstolo.

Demas, firme por algum tempo, abandonou mais tarde a causa de Cristo. Referindo-se a isso, Paulo escreveu: "Demas me desamparou, amando o presente século". 2 Timóteo 4:10. Por ganho mundano, trocou Demas toda alta e nobre consideração. Com que pouco discernimento fizera ele a troca! Possuindo apenas riquezas e honras mundanas, Demas era de fato pobre, por muito que pudesse orgu-

lhosamente considerar seu; enquanto Marcos, escolhendo sofrer por amor de Cristo, possuía riquezas eternas, sendo considerado no Céu como herdeiro de Deus e co-herdeiro de Seu Filho.

Entre os que deram o coração a Deus por intermédio do trabalho de Paulo em Roma, estava Onésimo, escravo pagão que havia lesado [256] a seu senhor, Filemom, crente cristão de Colosso, e havia escapado para Roma. Na bondade de seu coração, Paulo procurou aliviar a pobreza e angústia do desventurado fugitivo e, em seguida procurou derramar a luz da verdade em sua mente obscurecida. Onésimo ouviu as palavras da vida, confessou seus pecados e foi convertido à fé em Cristo.

Onésimo tornou-se caro a Paulo por sua piedade e sinceridade, não menos que por seu terno cuidado com o conforto do apóstolo, e seu zelo em promover a obra do evangelho. Paulo viu nele traços de caráter que poderiam torná-lo um útil auxiliar no trabalho missionário, e aconselhou-o a retornar sem demora a Filemom, suplicar-lhe perdão, e fazer planos para o futuro. O apóstolo prometeu responsabilizar-se pela soma que de Filemom havia sido roubada. Estando pronto para enviar Tito com cartas para várias igrejas na Ásia menor, enviou com ele Onésimo. Era uma severa prova essa para o servo, apresentar-se ao senhor a quem havia lesado, mas havia sido convertido de verdade, e não se furtou a esse dever.

Paulo tornou Onésimo portador de uma carta a Filemom, na qual, com seu usual tato e bondade, o apóstolo pleiteava a causa do servo arrependido, e manifestava o desejo de retê-lo para seu serviço no futuro. A carta começava com uma afetuosa saudação a Filemom como um amigo e cooperador:

"Graça a vós e paz da parte de Deus nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo. Graças dou ao meu Deus, lembrando-me sempre de ti nas minhas orações; ouvindo a tua caridade e a fé que tens para com o Senhor Jesus Cristo, e para com todos os santos; para que a comunicação da tua fé seja eficaz no conhecimento de todo o bem que em vós há por Cristo Jesus". Filemom 4-6. O apóstolo recordava a Filemom que cada bom propósito e bom traço de caráter que ele possuía devia-o à graça de Cristo; somente esta o tornara diferente dos perversos e pecadores. A mesma graça pode transformar o mais vil criminoso num filho de Deus e útil obreiro no evangelho.

Paulo podia ter imposto a Filemom seu dever como cristão; mas escolheu antes a linguagem da súplica: "..sendo eu tal como sou, Paulo o velho, e também agora prisioneiro de Jesus Cristo. Peço-te por meu filho Onésimo, que gerei nas minhas prisões; o qual noutro tempo te foi inútil, mas agora a ti e a mim muito útil". Filemom 9-11.

O apóstolo pedia a Filemom, que em vista da conversão de Onésimo, recebesse o arrependido escravo como a seu próprio filho, mostrando-lhe tal afeição que ele escolhesse permanecer com seu senhor de outrora, "não já como servo, antes, mais do que servo, como irmão amado". Filemom 16. Expressava seu desejo de reter Onésimo como alguém que poderia servi-lo em suas prisões, como o próprio Filemom teria feito, todavia, ele não desejava os seus serviços a menos que Filemom de própria vontade libertasse o escravo. [257]

O apóstolo bem conhecia a severidade que os senhores usavam para com os seus escravos, e sabia também que Filemom estava grandemente indignado pela conduta de seu servo. Procurou escrever-lhe de maneira a despertar seus mais profundos e ternos sentimentos como cristão. A conversão de Onésimo o tornara um irmão na fé, e qualquer punição aplicada a seu novo converso seria considerada por Paulo como aplicada a si próprio.

Paulo se propôs voluntariamente a assumir o débito de Onésimo para que ao criminoso fosse poupado o sofrimento da punição, e pudesse ele, de novo, se regozijar nos privilégios que tinha rejeitado. "Se me tens por companheiro", escreveu a Filemom, "recebe-o como a mim mesmo. E, se te fez algum dano, ou te deve alguma coisa, põe isso à minha conta. Eu, Paulo, de minha própria mão o escrevi; eu o pagarei". Filemom 17-19.

Quão apropriadamente isso ilustra o amor de Cristo pelo pecador arrependido! O servo que defraudara a seu senhor não tinha com que fazer a restituição. O pecador que tem roubado a Deus de anos de serviço não tem meios de cancelar o débito. Jesus Se interpõe entre o pecador e Deus, dizendo: Eu pagarei o débito. Poupa o pecador; Eu sofrerei em seu lugar.

Depois de oferecer-se para assumir o débito de Onésimo, Paulo recordou a Filemom o quanto ele próprio era devedor ao apóstolo. Devia-lhe sua própria vida, uma vez que Deus tinha feito Paulo o

instrumento de sua conversão. Então, num apelo fervoroso e terno, suplicou a Filemom que, assim como ele havia por sua liberalidade vivificado os santos, também vivificaria o espírito do apóstolo concedendo-lhe essa causa de regozijo. "Escrevi-te", ele acrescentou, "confiado na tua obediência, sabendo que ainda farás mais do que digo". Filemom 21.

A carta de Paulo a Filemom mostra a influência do evangelho nas relações entre senhores e servos. A escravidão era instituição estabelecida em todo o império romano, e tanto senhores como escravos eram encontrados na maioria das igrejas pelas quais Paulo trabalhou. Nas cidades, onde os escravos eram muitas vezes muito mais numerosos do que a população livre, leis de terrível severidade eram consideradas necessárias para mantê-los em sujeição. Um romano rico possuía, não raro, centenas de escravos de toda categoria, de todas as nações e de toda habilidade. Com pleno controle sobre a vida e o corpo dessas desajudadas criaturas, podiam infligir-lhes o castigo que desejassem. Se um deles, por vingança ou autodefesa, ousasse levantar a mão para seu proprietário, toda a família do ofensor poderia ser cruelmente sacrificada. O mais leve erro, acidente ou descuido eram, muitas vezes, punidos sem misericórdia.

Alguns senhores, mais humanos que outros, eram mais indulgentes para com seus servos; mas a grande maioria dos ricos e nobres, procedendo sem restrição à luxúria, paixão e apetite, tornava seus escravos miseráveis vítimas de capricho e tirania. A tendência de todo o sistema era desesperadamente degradante. [258]

Não era obra do apóstolo subverter arbitrária ou subitamente a ordem estabelecida da sociedade. Tentar isso seria impedir o sucesso do evangelho. Mas ele ensinava os princípios que atingiam o próprio fundamento da escravatura, os quais, se postos em execução, minariam seguramente todo o sistema. "Onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade", declarou ele. 2 Coríntios 3:17. Quando convertido, o escravo tornava-se membro do corpo de Cristo, e como tal, devia ser amado e tratado como irmão, co-herdeiro com seu senhor das bênçãos de Deus e dos privilégios do evangelho. Por outro lado, os servos deviam cumprir seus deveres, "não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus". Efésios 6:6.

O cristianismo cria um forte laço de união entre o senhor e o servo, o rei e o súdito, o ministro do evangelho e o degradado pecador que encontrou em Cristo a purificação do pecado. Foram lavados no mesmo sangue, vivificados pelo mesmo Espírito; e são feitos um em Cristo Jesus. [259]

Capítulo 44 — Os da casa de César

O evangelho sempre alcançou seu maior sucesso entre as classes humildes. “Não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados”. 1 Coríntios 1:26. Não seria de esperar que Paulo, pobre prisioneiro e sem amigos, pudesse obter a atenção das classes ricas e titulares dos cidadãos romanos. Para estas o vício apresentava todas as suas brilhantes seduções, e retinha-as como cativas voluntárias. Mas, dentre as cansadas e necessitadas vítimas de sua opressão, mesmo dentre os pobres escravos, muitos alegremente ouviam as palavras de Paulo, e encontravam na fé cristã esperança e paz que os animavam nas dificuldades de sua vida.

Embora o trabalho do apóstolo começasse com os humildes e modestos, sua influência se estendeu até atingir o próprio palácio do imperador.

Roma era, nessa ocasião, a metrópole do mundo. Os arrogantes Césares estavam dando leis a quase todas as nações da Terra. Reis e cortesãos, ou não tomavam conhecimento do humilde Nazareno, ou O consideravam com ódio e desprezo. E contudo, em menos de dois anos, o evangelho teve acesso da modesta casa do prisioneiro aos recintos imperiais. Paulo estava em cadeias como um malfeitor; mas “a Palavra de Deus não está presa”. 2 Timóteo 2:9.

Em anos anteriores, o apóstolo havia publicamente proclamado a doutrina de Cristo com cativante poder; e por sinais e milagres dera indiscutível evidência de seu divino caráter. Com nobre firmeza, levantara-se perante os sábios da Grécia, e por seu conhecimento e eloqüência tinha feito silenciar os argumentos da altiva filosofia. Com indômita coragem estivera diante de reis e governadores, e falara da justiça, da temperança e do juízo vindouro, até que soberbos governadores estremeceram como se já contemplassem os terrores do dia de Deus.

Tais oportunidades não lhe eram agora concedidas, confinado como se achava em sua própria residência, podendo pregar a verdade

apenas aos que ali viessem. Não tinha, como Moisés e Arão, ordem divina para ir até os perversos reis, e em nome do grande EU SOU repreendê-los por sua crueldade e opressão. No entanto, foi nessa época, quando seus principais defensores estavam aparentemente separados do trabalho público, que o evangelho alcançou grande vitória; até membros da casa do imperador foram acrescentados à igreja. [260]

Em nenhum lugar poderia haver uma atmosfera menos propícia ao cristianismo que na corte romana. Nero parecia ter apagado de seu coração o último vestígio de origem divina, e mesmo da humana, havendo recebido o carimbo de Satanás. Seus assistentes e cortesãos eram, em geral, do mesmo caráter que ele — violentos, envilecidos e corruptos. Segundo todas as aparências, seria impossível ao cristianismo firmar pé na corte e no palácio de Nero.

Contudo, nesse caso, como em muitos outros, ficou provada a veracidade da afirmação de Paulo de que as armas de sua milícia eram "poderosas em Deus, para destruição das fortalezas". 2 Coríntios 10:4. Mesmo na casa de Nero foram ganhos troféus para a cruz. Dentre os vis servidores de um soberano ainda mais vil, foram ganhos conversos os quais se tornaram filhos de Deus. Não eram eles cristãos secretamente, mas abertamente. Não se envergonhavam de sua fé.

E por que meios foi conseguida entrada e uma firme posição alcançada pelo cristianismo, onde sua simples admissão parecia impossível? Em sua epístola aos filipenses, Paulo atribui à sua prisão o sucesso em ganhar conversos da casa de Nero. Temendo que se pudesse pensar que suas aflições haviam impedido o progresso do evangelho, assegurou-lhes: "E quero, irmãos, que saibais que as coisas que me aconteceram contribuíram para maior proveito do evangelho". Filipenses 1:12.

Logo que as igrejas cristãs souberam que Paulo deveria visitar Roma, tiveram a expectativa de um triunfo assinalado para o evangelho nessa cidade. Paulo levara a verdade a muitas terras; proclamara-a em grandes cidades. Não poderia esse campeão da fé ser bem-sucedido em conquistar conversos para Cristo também na metrópole do mundo? Mas as esperanças [dessas igrejas] se aniquilaram com a notícia de que Paulo fora a Roma como prisioneiro. Tinham confiantemente esperado ver o evangelho, uma vez estabe-

lecido naquele grande centro, estender-se rapidamente a todas as nações e tornar-se um poder predominante na Terra. Quão grande foi a sua decepção! Falharam as expectativas humanas, mas não o propósito de Deus.

Não pelos sermões de Paulo, mas pelas suas cadeias, foi a atenção da corte atraída para o cristianismo. Foi como um cativo que ele rompeu de tantas vidas as cadeias que as mantinham na escravidão do pecado. E não foi só isso. Declarou: "Muitos dos irmãos no Senhor, tomando ânimo com as minhas prisões, ousam falar a Palavra mais confiadamente, sem temor". Filipenses 1:14.

A paciência e bom ânimo de Paulo durante seu longo e injusto aprisionamento, sua coragem e fé, eram um contínuo sermão. Seu espírito, tão diferente do espírito do mundo, dava testemunho de que um poder mais alto que o da Terra habitava com ele. E por seu exemplo, foram os cristãos impelidos a maior energia como defensores da causa no trabalho público de que Paulo havia sido afastado. [261] Dessa maneira, foram as cadeias do apóstolo de tal influência que, quando seu poder e utilidade pareciam liqüidados, e segundo todas as aparências muito pouco poderia ele fazer, alcançou ele para Cristo molhos em campos dos quais parecia inteiramente excluído.

Antes do fim desses dois anos de prisão, Paulo pôde dizer: "As minhas prisões em Cristo foram manifestas por toda a guarda pretoriana, e por todos os demais lugares" (Filipenses 1:13); e entre os que enviavam saudações aos filipenses, ele mencionou "principalmente os que são da casa de César". Filipenses 4:22.

A paciência, assim como a coragem, tem as suas vitórias. Pela mansidão diante da dificuldade, não menos do que pela ousadia nos empreendimentos, podem as pessoas ser ganhas para Cristo. O cristão que manifesta paciência e bom ânimo sob aflição e sofrimentos, que enfrenta a própria morte com a paz e calma de uma fé inabalável, pode realizar para o evangelho mais do que faria por uma longa vida de fiel labor. Muitas vezes, quando o servo de Deus é subtraído ao trabalho ativo, a misteriosa providência que nossa curta visão seria levada a lamentar, é designada por Deus para realizar a obra que de outra forma jamais seria feita.

Não pense o seguidor de Cristo, quando não mais lhe é possível trabalhar ativa e abertamente para Deus e Sua verdade, que não tem mais serviço a fazer nem recompensa a esperar. As verdadeiras

testemunhas de Cristo jamais são postas de lado. Em saúde e na enfermidade, na vida e na morte, Deus ainda as usa. Quando, pela obra de Satanás, os servos de Cristo foram perseguidos, seu ativo trabalho embaraçado, quando lançados na prisão, ou arrastados ao cadafalso ou à fogueira, foi que a verdade pôde alcançar maior triunfo. Ao selarem essas fiéis criaturas seu testemunho com o próprio sangue, pessoas até então em dúvida e incerteza, foram convencidas da doutrina de Cristo, e corajosamente tomaram sua posição ao lado dEle. Da cinza dos mártires brotou abundante colheita para Deus.

O zelo e fidelidade de Paulo e seus cooperadores, não menos que a fé e obediência desses conversos ao cristianismo, sob circunstâncias tão desalentadoras, constituem uma repreensão à negligência e falta de fé no ministro de Cristo. O apóstolo e seus cooperadores podiam ter argumentado que seria inútil chamar ao arrependimento e à fé em Cristo os servos de Nero, sujeitos como se achavam a violentas tentações, rodeados por empecilhos tremendos, e expostos à mais dura oposição. Mesmo que fossem convencidos da verdade, como poderiam prestar-lhe obediência? Mas Paulo não raciocinou assim. Com fé, apresentou o evangelho a essas criaturas e, entre os que o ouviram, alguns decidiram obedecer a qualquer preço. Não obstante os obstáculos e perigos, aceitaram a luz e confiaram em que Deus os ajudaria a fazer sua luz brilhar para outros.

Não somente houve conversos ganhos para a verdade na casa de César mas, depois de sua conversão, eles permaneceram nessa casa. Não se sentiram na liberdade de abandonar seu posto de dever [262] por não lhes ser mais favorável o ambiente. A verdade os achara ali, e ali permaneceram dando testemunho do poder transformador da nova fé, através de sua vida e caráter mudados.

Alguém ainda está sendo tentado a fazer das circunstâncias uma desculpa para não testificar de Cristo? Que esses considerem a situação dos discípulos na casa de César — a depravação do imperador e a perversidade da corte. Dificilmente poderemos imaginar circunstâncias mais desfavoráveis para uma vida religiosa, e que acarretam maior sacrifício ou oposição do que as que enfrentaram esses conversos. No entanto, em meio a dificuldade e perigos, eles mantiveram sua fidelidade. Por causa de obstáculos que parecem insuperáveis o cristão pode procurar esquivar-se de obedecer à verdade como é em Jesus; mas não pode oferecer escusa que resista à investigação.

Pudesse ele fazer isso e provaria que Deus é injusto, impondo a Seus filhos condições de salvação que eles não conseguem cumprir.

Aquele cujo coração está determinado a servir a Deus encontrará oportunidade de testemunhar dEle. As dificuldades não terão força para impedir aquele que está determinado a buscar primeiro o reino de Deus e Sua justiça. Na força conquistada pela oração e estudo da Palavra, ele encontrará a virtude e abandonará o vício. Olhando para Jesus, o Autor e Consumador da fé, o qual suportou a oposição dos pecadores contra Si mesmo, o crente voluntariamente enfrentará o escárnio e a zombaria. E são prometidos auxílio e graça suficientes para cada circunstância, por Aquele cuja palavra é a verdade. Seus eternos braços envolvem a pessoa que se volta para Ele em busca de auxílio. Em Seu cuidado podemos descansar seguros, dizendo: “No dia em que eu temer, hei de confiar em Ti”. Salmos 56:3. Deus cumpre Sua promessa para com todos aqueles que nEle depositam confiança.

Por Seu exemplo, o Salvador mostrou que Seus seguidores podem estar no mundo sem todavia pertencer ao mundo. Ele veio, não para compartilhar de seus prazeres ilusórios e ser governado por seus costumes, ou seguir suas práticas, mas para fazer a vontade de Seu Pai e buscar e salvar o perdido. Com esse objetivo em vista, o cristão poderá permanecer incontaminado em qualquer meio. Quaisquer que forem sua situação e circunstâncias, exaltada ou humilde, ele manifestará o poder da verdadeira religião na prática fiel do dever.

Não é fora das provas mas em meio a elas que o caráter cristão se desenvolve. O achar-se exposto à repulsa e oposição leva o seguidor de Cristo a maior vigilância e mais intensa oração ao poderoso Ajudador. Severa prova resistida pela graça de Deus desenvolve a paciência, a vigilância, a resistência e uma profunda e permanente confiança em Deus. A vitória da fé cristã consiste em que ela capacita seu seguidor a sofrer e ser forte; a submeter-se e assim conquistar; a morrer em todo o tempo e contudo viver; a levar a cruz, e assim alcançar a coroa de glória. [263]

Capítulo 45 — Carta de Roma

Este capítulo é baseado sobre as Colossences e Filipenses.

Ao apóstolo Paulo, cedo em sua experiência cristã, foram dadas especiais oportunidades de conhecer a vontade de Deus concernente aos seguidores de Jesus. Ele "foi arrebatado até ao terceiro Céu", "ao paraíso; e ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar" Ele próprio reconheceu que lhe tinham sido dadas muitas "visões e revelações do Senhor" Sua compreensão dos princípios da verdade do evangelho era igual à dos "mais excelentes apóstolos". 2 Coríntios 12:2, 4, 1, 11. Ele tinha clara e plena compreensão da "largura, e o comprimento e a altura, e a profundidade" do "amor de Cristo, que excede todo o entendimento". Efésios 3:18, 19.

Paulo não podia falar de tudo o que tinha visto em visão; pois entre seus ouvintes havia alguns que teriam interpretado mal suas palavras. Mas o que lhe fora revelado capacitou-o a trabalhar como líder e sábio mestre, e também a moldar as mensagens que, em seus últimos anos, enviou às igrejas. A impressão que recebeu quando em visão, ficou para sempre com ele, capacitando-o a dar uma representação correta do caráter cristão. De viva voz e por carta ele apresentou uma mensagem que, desde então, tem levado auxílio e força à igreja de Deus. Aos crentes de hoje essa mensagem fala claramente dos perigos que ameaçarão a igreja, e das falsas doutrinas que ela terá de enfrentar.

O desejo do apóstolo àqueles a quem enviava suas cartas de conselho e admoestação era que não mais fossem "meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina"; mas para que viessem "à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo" Aconselhava aos que eram seguidores de Jesus em comunidades pagãs, a não andarem como andavam "também os outros gentios, na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus [...] pela dureza do seu coração" (Efésios 4:14, 13, 17, 18),

mas “como sábios, remindo o tempo; porquanto os dias são maus”. Efésios 5:15, 16. Animava os crentes a olharem ao tempo em que Cristo, o qual “amou a igreja, e a Si mesmo Se entregou por ela”, haveria de a “apresentar a Si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível”. Efésios 5:25, 27.

Essas mensagens, escritas não com o poder do homem mas de Deus, contêm lições que devem ser estudadas por todos, e que [264] podem, com proveito, ser muitas vezes repetidas. Nelas é esboçada a piedade prática, são assentados princípios que devem ser seguidos em todas as igrejas, e é esclarecido o caminho que leva à vida eterna.

Em sua carta “aos santos e irmãos fiéis em Cristo, que [estavam] em Colossos”, escrita enquanto prisioneiro em Roma, Paulo fez menção de sua alegria pela firmeza deles na fé, novas que lhe haviam sido levadas por Epafras, “o qual”, escreveu o apóstolo, “nos declarou também a vossa caridade no Espírito. Por essa razão”, continuou, “nós também, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós, e de pedir que sejais cheios do conhecimento da Sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual; para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-Lhe em tudo, frutificando em toda a boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus; corroborados em toda a fortaleza, segundo a força da Sua glória, em toda a paciência, e longanimidade com gozo”. Colossences 1:2-11.

Assim Paulo exprimiu em palavras seu desejo para com os crentes colossenses. Quão elevado é o ideal que essas palavras apresentam ao seguidor de Cristo! Elas mostram as maravilhosas possibilidades da vida cristã, e tornam claro que não há limite para as bênçãos que os filhos de Deus podem receber. Crescendo constantemente no conhecimento de Deus, podem eles ir de força em força, de altura em altura na experiência cristã até que, pela “força da Sua glória”, sejam feitos “idôneos para participar da herança dos santos na luz”. Colossences 1:12.

O apóstolo exaltou a Cristo perante seus irmãos como Aquele por quem Deus criara todas as coisas, e por quem tinha promovido a redenção. Ele declarou que a mão que sustém os mundos no espaço, e mantém na ordem perfeita e incansável atividade todas as coisas através do Universo de Deus, é a mão que foi pregada na cruz

por eles. “NEle foram criadas todas as coisas que há nos céus e na Terra”, escreveu Paulo, “visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por Ele e para Ele. E Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele”. Colossences 1:16, 17. “A vós também, que noutro tempo éreis estranhos, e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora contudo vos reconciliou no corpo da Sua carne, pela morte, para perante Ele vos apresentar santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis”. Colossences 1:21, 22.

O Filho de Deus Se rebaixou para levantar os caídos. Para isso, deixou Ele os mundos sem pecado, as noventa e nove que O amavam, e veio à Terra para ser “ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniqüidades”. Isaías 53:5. Em tudo foi feito semelhante aos irmãos. Tornou-Se carne, exatamente como nós somos. Ele soube o que significa ter fome, sede e cansaço. Foi sustentado pelo alimento e restaurado pelo sono. Foi estrangeiro e peregrino na Terra — estava no mundo mas não era do mundo; foi tentado e provado como o são os homens e mulheres de hoje, vivendo, contudo, uma [265] vida sem pecado. Compassivo, compreensivo e terno, sempre gentil para com os outros, Ele representava o caráter de Deus. “O Verbo Se fez carne, e habitou entre nós... cheio de graça e de verdade”. João 1:14.

Cercados pelas práticas e influências do paganismo, os crentes colossenses estavam em perigo de ser afastados da simplicidade do evangelho, e Paulo, para adverti-los contra isso, apontou-lhes a Cristo como o único Guia seguro. “Porque quero que saibais”, escreveu ele, “quão grande combate tenho por vós, e pelos que estão em Laodicéia, e por quantos não viram o meu rosto em carne; para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em caridade, e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus — Cristo, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência.

“E digo isto para que ninguém vos engane com palavras persuasivas. Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nEle, arraigados e edificados nEle e confirmados na fé, assim como fostes ensinados, crescendo em ação de graças. Tendo cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos

do mundo e não segundo Cristo; porque nEle habita corporalmente toda a plenitude da divindade. E estais perfeitos nEle, que é a cabeça de todo principado e potestade". Colossences 2:4, 6-10.

Cristo predisse que se levantariam enganadores, por cuja influência faria transbordar a iniqüidade e esfriaria o "amor de muitos". Mateus 24:12. Advertiu os discípulos de que a igreja se encontraria em maior perigo por motivo desse mal, do que pela perseguição movida por seus inimigos. Vezes e mais vezes Paulo advertiu os crentes contra esses falsos ensinadores. Contra esse perigo, acima de qualquer outro, deviam eles precaver-se; pois que, recebendo falsos ensinadores, abririam a porta aos erros mediante o que o inimigo turbaria as percepções espirituais e abalaria a confiança dos recém-conversos à fé do evangelho. Cristo era a norma pela qual deviam eles testar as doutrinas apresentadas. Tudo o que não estivesse em harmonia com Seus ensinos devia ser rejeitado. Cristo crucificado pelo pecado, Cristo ressurgido dos mortos, Cristo assunto ao Céu — essa era a ciência da salvação que eles deviam aprender e ensinar.

As advertências da Palavra de Deus com respeito aos perigos que rodeiam a igreja cristã pertencem a nós hoje. Como nos dias dos apóstolos, os homens procuravam destruir a fé nas Escrituras pelas tradições e filosofias, assim hoje, pelos aprazíveis sentimentos da "alta crítica", evolução, espiritismo, teosofia e panteísmo, o inimigo da justiça está procurando levar as pessoas para caminhos proibidos. Para muitos, a Bíblia é uma lâmpada sem óleo, porque voltaram a mente para canais de crenças especulativas que produzem má compreensão e confusão. A obra da "alta crítica", em dissecar, conjeturar e reconstruir está destruindo a fé na Bíblia como uma revelação divina. [266] Está roubando a Palavra de Deus em seu poder de controlar, erguer e inspirar vidas humanas. Pelo espiritismo, multidões são ensinadas a crer que o desejo é a mais alta lei, que licenciosidade é liberdade, e que o homem deve prestar contas apenas a si mesmo.

O seguidor de Cristo enfrentará "palavras persuasivas" (Colossences 2:4), contra as quais o apóstolo advertiu os crentes colossenses. Enfrentará interpretações espiritualistas das Escrituras, mas não as deve aceitar. Sua voz deve ser ouvida na clara afirmação das verdades eternas das Escrituras. Conservando os olhos fixos em Cristo, deve avançar com firmeza no caminho estabelecido, rejeitando todas as idéias que não estejam em harmonia com os Seus

ensinos. A verdade divina deve ser o objeto de sua contemplação e meditação. Deve considerar a Bíblia como a voz de Deus a ele falando diretamente. Achará assim a sabedoria que é divina.

O conhecimento de Deus como revelado em Cristo é o conhecimento que precisam ter todos os salvos. É o conhecimento que atua a transformação do caráter. Recebido na vida, criará de novo o ser à imagem de Cristo. É o conhecimento além do qual tudo é vaidade e nulidade, e o qual Deus convida Seus filhos a receber.

Em cada geração, e em cada terra, o verdadeiro fundamento para a edificação do caráter tem sido o mesmo — os princípios contidos na Palavra de Deus. A única regra certa e segura é fazer o que Deus diz. "Os preceitos do Senhor são retos" (Salmos 19:8) e "quem faz isto nunca será abalado". Salmos 15:5. Foi com a Palavra de Deus que os apóstolos enfrentaram as falsas teorias de seu tempo, dizendo: "Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto". 1 Coríntios 3:11.

Ao tempo de sua conversão e batismo, os crentes colossenses se comprometeram a pôr de lado crenças e práticas que até então tinham sido parte de sua vida, e a serem verdadeiros em sua obediência a Cristo. Em sua carta, Paulo lhes recorda isso, e adverte-os a não esquecerem que, para manter sua promessa, precisavam esforçar-se constantemente contra os males que procuravam dominá-los. "Se já ressuscitastes com Cristo", disse ele, "buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da Terra; porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus". Colossences 3:1-3.

"Se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo". 2 Coríntios 5:17. Mediante o poder de Cristo, homens e mulheres têm quebrado a cadeia do hábito pecaminoso. Têm renunciado ao egoísmo. O profano tem-se tornado reverente; o bêbado, sóbrio; o pervertido, puro. Pessoas que tinham a semelhança de Satanás, transformaram-se na imagem de Deus. Essa transformação é em si o milagre dos milagres. Uma mudança, operada pela Palavra, é um dos mais profundos mistérios dessa Palavra. Não o podemos compreender; somente podemos crer, conforme declaram as Escrituras, que é "Cristo em vós, esperança da glória". Colossences 1:27. [267]

Quando o Espírito de Deus controla a mente e o coração, a pessoa convertida entoa um novo cântico; pois reconhece que a promessa de Deus se tem cumprido em sua experiência, que sua transgressão foi perdoada e seu pecado coberto. Ele exerceu arrependimento para com Deus, pela transgressão da divina lei, e fé para com Cristo que morreu para justificação do homem. “Sendo pois justificados pela fé”, ele tem “paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo”. Romanos 5:1.

Mas porque essa é sua experiência, o cristão não deve cruzar os braços, satisfeito com o que já conseguiu. Aquele que tem determinado entrar no reino espiritual verificará que todos os poderes e paixões da natureza não regenerada, apoiados pelas forças do reino das trevas, estão arregimentados contra ele. Ele precisa renovar a sua consagração cada dia, e cada dia batalhar contra o mal. Velhos hábitos, tendências hereditárias para o erro, lutarão para manter a supremacia, e contra isso deve ele estar sempre em guarda, lutando na força de Cristo pela vitória.

“Mortificai pois os vossos membros, que estão sobre a Terra”, escreve Paulo aos colossenses, “nas quais também em outro tempo andastes, quando vivíeis nelas. Mas agora despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca. [...] Revesti-vos pois, como eleitos de Deus, santos, e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade; suportando-vos uns aos outros, e perdoando-vos uns aos outros, se algum tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também. E sobretudo isto, revesti-vos de caridade, que é o vínculo da perfeição. E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos”. Colossences 3:5-17.

A carta aos colossenses está repleta de lições do mais alto valor a todos quantos estão empenhados no serviço de Cristo, lições que mostram a singeleza de propósito e as altas aspirações que serão vistas na vida daquele que de maneira reta representa o Salvador. Renunciando a tudo que poderia impedi-lo de progredir em direção ao alto, ou levar a desviar os pés de alguém do caminho estreito, o crente revelará em sua vida diária misericórdia, bondade, humildade, mansidão, longanimidade e o amor de Cristo.

O poder de uma vida mais alta, mais pura e mais nobre é nossa grande necessidade. O mundo tem ocupado demais os nossos pensamentos, e o reino de Deus bem pouco.

Em Seus esforços para alcançar o ideal de Deus para si, o cristão não deve desesperar de coisa alguma. A perfeição moral e espiritual mediante a graça e o poder de Cristo é prometida a todos. Jesus é a fonte de poder, a origem da vida. Ele nos leva a Sua Palavra, e da árvore da vida nos apresenta as folhas para a saúde dos enfermos de pecado. Ele nos leva ao trono de Deus, e põe em nossa boca uma oração pela qual somos levados a íntimo contato com Ele [268] próprio. Em nosso benefício, põe em operação os instrumentos todo-poderosos do Céu. Em cada passo, tocamos Seu vivo poder.

Deus não fixa limite para o progresso dos que desejam ser "cheios do conhecimento da Sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual". Colossences 1:9. Mediante a oração, a vigilância, através do crescimento no conhecimento e na compreensão, eles devem ser "corroborados em toda a fortaleza, segundo a força da Sua glória". Colossences 1:11. Assim são preparados para trabalhar por outros. É propósito do Salvador que os seres humanos, purificados e santificados, sejam Sua mão ajudadora. Sejamos gratos por este grande privilégio Àquele "que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz; o qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do Seu amor". Colossences 1:12, 13.

A carta de Paulo aos filipenses, como a enviada aos colossenses, foi escrita enquanto ele estava prisioneiro em Roma. A igreja de Filipos tinha enviado donativos a Paulo pela mão de Epafrodito, a quem Paulo chama "meu irmão, cooperador e companheiro de lutas; e... vosso mensageiro e vosso auxiliar nas minhas necessidades". Filipenses 2:25. Enquanto esteve em Roma, Epafrodito ficou doente "e quase à morte; mas Deus Se apiedou dele", escreveu Paulo, "e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza". Filipenses 2:27. Ouvindo da enfermidade de Epafrodito, os crentes de Filipos ficaram muito ansiosos com respeito a ele, e ele decidiu retornar. "Porquanto tinha muitas saudades de vós todos", escreveu Paulo, "e estava muito angustiado de que tivésseis ouvido que ele estivera doente [...] vo-lo enviei mais depressa, para que, vendo-o outra vez, vos regozijeis, e eu tenha me-

nos tristeza. Recebei-o pois no Senhor com todo o gozo, e tende-o em honra. Porque pela obra de Cristo chegou até bem próximo da morte, não fazendo caso da vida para suprir para comigo a falta do vosso serviço”. Filipenses 2:28-30.

Por Epafrodito, Paulo enviou aos crentes filipenses uma carta, na qual lhes agradecia os donativos que lhe haviam enviado. De todas as igrejas, a de Filipos tinha sido a mais liberal em suprir as necessidades de Paulo. “E bem sabeis também vós, ó filipenses”, disse o apóstolo em sua carta, “que, no princípio do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja comunicou comigo com respeito a dar e a receber, senão vós somente. Porque também, uma e outra vez, me mandastes o necessário a Tessalônica. Não que procure dádivas, mas procuro o fruto que aumente para a vossa conta. Mas bastante tenho recebido e tenho abundância; cheio estou, depois que recebi de Epafrodito o que da vossa parte me foi enviado, como cheiro de suavidade e sacrifício agradável e aprazível a Deus”. Filipenses 4:15-18.

“Graça a vós e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo. Dou graças ao meu Deus todas as vezes que me lembro [269] de vós, fazendo, sempre com alegria, oração por vós em todas as minhas súplicas, pela vossa cooperação no evangelho desde o primeiro dia até agora. Tendo por certo isto mesmo; que Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo. Como tenho por justo sentir isto de vós todos, porque vos retenho em meu coração, pois todos vós fostes participantes da minha graça, tanto nas minhas prisões como na minha defesa e confirmação do evangelho. Porque Deus me é testemunha das saudades que de todos vós tenho. [...] E peço isto: que a vossa caridade aumente mais e mais em ciência e em todo o conhecimento. Para que aproveis as coisas excelentes, para que sejais sinceros e sem escândalo algum até ao dia de Cristo, cheios de frutos de justiça, que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus”. Filipenses 1:2-11.

A graça de Deus sustinha Paulo em sua prisão, habilitando-o a regozijar-se na tribulação. Com fé e segurança ele escreveu a seus irmãos filipenses que sua prisão tinha redundado no progresso do evangelho. “Quero, irmãos, que saibais”, escreveu, “que as coisas que me aconteceram contribuíram para maior proveito do evangelho. De maneira que as minhas prisões em Cristo foram manifestas por

toda a guarda pretoriana, e por todos os demais lugares; e muitos dos irmãos no Senhor, tomando ânimo com as minhas prisões, ousam falar a Palavra mais confiadamente, sem temor”. Filipenses 1:12-14.

Há uma lição para nós nesta experiência de Paulo; pois ela revela a maneira de Deus operar. O Senhor pode tirar vitória daquilo que poderá parecer para nós confusão e revés. Estamos em perigo de nos esquecermos de Deus, de olhar para as coisas que se vêem, em vez de contemplar pelos olhos da fé, as que se não vêem. Quando ocorre uma desventura ou calamidade, estamos prontos a acusar a Deus de negligência ou crueldade. Se Lhe parece próprio eliminar nossa utilidade em algum sentido, entristecemo-nos, não nos detendo para pensar que assim Deus pode estar agindo para nosso bem. Necessitamos aprender que a correção é uma parte de Seu grande plano, e que sob a aflição pode o cristão algumas vezes fazer mais pelo Mestre que quando empenhado em serviço ativo.

Como exemplo aos filipenses na fé cristã, Paulo chamou-lhes a atenção para Cristo, “que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-se a Si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-Se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-Se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz”. Filipenses 2:6-8.

“De sorte que, meus amados”, continuou, “assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que atua em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade. Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas; para que sejais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio duma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo; retendo a Palavra da vida, para que no dia de Cristo possa gloriar-me de não ter corrido nem trabalhado em vão”. Filipenses 2:12-16. [270]

Essas palavras foram relatadas para auxílio de toda pessoa que luta. Paulo ergue a norma de perfeição, e mostra como pode ser alcançada. “Operai a vossa salvação”, diz ele, “porque Deus é o que atua em vós”.

A obra de ganhar a salvação é de co-participação e cooperação. Deve haver cooperação entre Deus e o pecador arrependido. Isso é necessário para a formação de corretos princípios de caráter. Deve

o homem fazer veementes esforços para vencer o que o impede de alcançar a perfeição. Mas, para alcançar êxito, ele depende inteiramente de Deus. Por si mesmo o esforço humano não é suficiente. Sem a ajuda do poder divino ele de nada vale. Deus age e o homem também. A resistência à tentação deve partir do homem, que por sua vez deve obter de Deus o poder. De um lado se acham sabedoria infinita, compaixão e poder; do outro debilidade, pecaminosidade e incapacidade absoluta.

Deus quer que governemos nosso ser, mas não nos pode ajudar sem nosso consentimento e cooperação. O Espírito divino age por meio dos poderes e faculdades concedidos ao ser humano. Não podemos colocar por nós mesmos nossos propósitos, desejos e inclinações em harmonia com a vontade divina; mas se estivermos dispostos, o Salvador fará isso por nós, "destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo". 2 Coríntios 10:5.

Aquele que deseja construir um caráter forte e simétrico, e que deseja ser um cristão bem equilibrado, deve dar tudo a Cristo e fazer tudo por Cristo; pois o Redentor não aceitará serviço dividido. Precisa aprender diariamente o significado da entrega do eu. Precisa estudar a Palavra de Deus, aprendendo seu significado e obedecendo a seus preceitos. Assim pode ele alcançar o padrão da excelência cristã. Dia a dia Deus trabalha com ele, aperfeiçoando o caráter que deve resistir no tempo da prova final. E dia a dia o crente está manifestando diante dos homens e dos anjos um experimento sublime, mostrando o que o evangelho pode fazer por caídos seres humanos.

"Quanto a mim", escreveu Paulo, "não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus". Filipenses 3:13, 14.

Paulo fizera muitas coisas. Desde o momento em que se dera em obediência a Cristo, sua vida foi cheia de incansável serviço. De cidade em cidade, de país em país, ele viajou, contando a história da cruz, conquistando conversos para o evangelho e estabelecendo [271] igrejas. Por essas igrejas tinha constante cuidado, e a elas escreveu

muitas cartas de instrução. Às vezes, trabalhava em seu ofício para ganhar o pão de cada dia. Mas em todas as cansativas atividades de sua vida, Paulo jamais perdeu de vista o grande propósito — caminhar para o alvo da sua soberana vocação. Um alvo mantinha ele firmemente diante de si — ser fiel Àquele que, às portas de Damasco, Se lhe revelara. Desse alvo força alguma poderia desviá-lo. Exaltar a cruz do Calvário — esse era o motivo dominante que lhe inspirava as palavras e os atos. O grande propósito que constrangia Paulo a prosseguir em face das durezas e dificuldades, deveria levar cada obreiro cristão a consagrar-se inteiramente ao serviço de Deus. Atrações mundanas se apresentarão para afastar sua atenção do Salvador, mas ele deve prosseguir em direção ao alvo, mostrando ao mundo, aos anjos e aos homens que a esperança de ver a face de Deus compensa todos os esforços e sacrifícios que a concretização dessa esperança requer.

Embora fosse um prisioneiro, Paulo não se desencorajava. Em vez disso, uma nota de triunfo vibra através das cartas que escreveu de Roma às igrejas. "Regozijai-vos sempre no Senhor", escreveu aos filipenses, "outra vez digo, regozijai-vos. [...] Não estejais inquietos por coisa alguma: antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com ação de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus. Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai". "O meu Deus, segundo as Suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus. [...] A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com vós todos". Filipenses 4:4-9. [272]

Capítulo 46 — Em liberdade

Enquanto os trabalhos de Paulo em Roma estavam sendo abençoados para a colheita de muitas conversões e fortalecimento e animação dos crentes, estavam a ajuntar-se nuvens que não somente ameaçavam sua própria segurança, mas também a prosperidade da igreja. Em sua chegada a Roma fora ele colocado aos cuidados do tribuno da guarda imperial, homem de justiça e integridade, por cuja clemência ficou relativamente livre para prosseguir na obra do evangelho. Mas, antes do fim dos dois anos de prisão, esse homem foi substituído por um oficial de quem o apóstolo não poderia esperar nenhum favor especial.

Os judeus estavam agora em mais atividade do que nunca em seus esforços contra Paulo, e encontraram uma hábil auxiliadora na mulher corrupta de quem Nero fizera sua segunda esposa, e que, sendo uma prosélita judia, emprestou toda a sua influência para auxiliar os intuitos assassinos deles contra o campeão do cristianismo.

Pouca justiça podia Paulo esperar da parte de César, para quem apelara. Nero era mais vil em seus costumes, mais frívolo no caráter, e ao mesmo tempo capaz de mais atroz crueldade do que qualquer governante que o houvesse precedido. As rédeas do governo não podiam ter sido confiadas a um governador mais déspota. O primeiro ano de seu governo fora assinalado pelo envenenamento de seu jovem irmão afim, o legítimo herdeiro do trono. De uma a outra profundidade do vício e do crime, desceu Nero até que assassinou a própria mãe, e em seguida a esposa. Não houve atrocidade que não perpetrasse, ato vil a que não se rebaixasse. A todo espírito nobre inspirava ele apenas aversão e desprezo.

Os pormenores da iniqüidade praticada em sua corte são por demais degradantes, por demais horríveis para serem descritos. Sua desenfreada impiedade provocou asco e desprezo mesmo a muitos dos que eram obrigados a partilhar de seus crimes. Viviam em constante temor quanto a que atrocidades sugeriria ele a seguir. Não obstante tais crimes como os que Nero praticava, não ficava abalada

a submissão de seus súditos. Era reconhecido como o governador absoluto de todo o mundo civilizado. Mais que isso, foi feito objeto de honras divinas e adorado como um deus.

Do ponto de vista do juízo humano, era certa a condenação de Paulo perante tal juiz. Mas o apóstolo compreendia que, enquanto ele fosse fiel a Deus, nada teria a temer. Aquele que no passado fora [273] o seu protetor, poderia ainda protegê-lo da maldade dos judeus e do poder de César.

E Deus amparou Seu servo. Ao ser Paulo interrogado, não foram sustentadas as acusações feitas contra ele; e, contrariamente à expectativa geral, e com um respeito pela justiça inteiramente em desacordo com o seu caráter, Nero declarou inocente o prisioneiro. As cadeias de Paulo foram removidas; tornou-se novamente homem livre.

Tivesse o seu julgamento demorado mais, ou fosse ele por qualquer motivo detido em Roma até o ano seguinte, e teria sem dúvida perecido na perseguição que então aconteceu. Durante a prisão de Paulo, os conversos ao cristianismo se tornaram tão numerosos que atraíram a atenção e despertaram a inimizade das autoridades. A ira do imperador se despertou de modo especial pela conversão dos membros de sua própria casa, e logo encontrou pretexto para fazer dos cristãos objeto de sua inexorável crueldade.

Ocorreu por aquele tempo um terrível incêndio em Roma, pelo qual quase metade da cidade se queimou. O próprio Nero, falava-se, ateara o fogo, mas, para desviar as suspeitas, fez uma ostentação de grande generosidade, prestando assistência aos que ficaram sem lar e destituídos de seus bens. Foi, contudo, acusado do crime. O povo ficou agitado e enraivecido, e Nero, a fim de inocentar-se e também livrar a cidade de uma classe que ele temia e odiava, voltou a acusação contra os cristãos. Seu expediente foi bem-sucedido, e milhares de seguidores de Cristo — homens, mulheres e crianças — foram cruelmente mortos.

Dessa terrível perseguição Paulo foi poupado; pois que, logo depois de seu libertamento, deixara Roma. Esse último intervalo de liberdade ele aproveitara diligentemente, trabalhando entre as igrejas. Procurou estabelecer uma união mais firme entre as igrejas gregas e orientais e fortificar o espírito dos crentes contra as falsas doutrinas que estavam a entrar sorrateiramente para corromper a fé.

As provações, as ansiedades que Paulo havia suportado despojaram-no de suas forças físicas. Assaltavam-no as enfermidades da idade avançada. Pressentia que estava a fazer sua última obra e, abreviando-se o tempo de seu trabalho, seus esforços se tornaram mais intensos. Parecia não haver limite para o seu zelo. Resoluto no propósito, pronto nas ações, forte na fé, viajava de uma igreja a outra, em muitas terras, e procurava por todos os meios ao seu alcance fortalecer as mãos dos crentes, para que pudessem efetuar um trabalho fiel na conquista de almas para Jesus, a fim de que, nos tempos difíceis em que então se achavam mesmo a entrar, permanecessem [274] firmes no evangelho, dando fiel testemunho de Cristo.

Capítulo 47 — A última prisão

O trabalho de Paulo entre as igrejas, depois de sua absolvição em Roma, não poderia escapar à observação de seus inimigos. Desde o princípio da perseguição sob Nero, os cristãos se tornaram em todos os lugares uma seita proscrita. Depois de algum tempo, os judeus incrédulos conceberam a idéia de lançar sobre Paulo o crime de haver instigado o incêndio de Roma. Nenhum deles nem por um momento achava que ele fosse culpado; mas sabiam que tal acusação, ainda que feita com a mais fraca mostra de plausibilidade, selaria a sua condenação. Pelos esforços deles, Paulo foi novamente preso e levado precipitadamente para sua reclusão final.

Em sua segunda viagem para Roma, Paulo foi acompanhado por vários de seus anteriores companheiros; outros desejavam ardentemente partilhar de sua sorte, mas ele recusou permitir-lhes pôr assim em perigo a vida. As perspectivas diante dele eram muito menos favoráveis que na ocasião de seu primeiro encarceramento. A perseguição sob Nero tinha grandemente diminuído o número de cristãos em Roma. Milhares tinham sido martirizados por sua fé, muitos tinham deixado a cidade, e os que permaneciam estavam sobremaneira deprimidos e intimidados.

Chegando a Roma, Paulo foi posto em sombrio calabouço, até que terminasse a carreira. Acusado de instigar um dos mais bárbaros e terríveis crimes contra a cidade e a nação, tornou-se objeto de ódio universal.

Os poucos amigos que haviam compartilhado dos trabalhos do apóstolo, passaram então a abandoná-lo, alguns por deserção, outros em missão a várias igrejas. Fígelo e Hermógenes foram os primeiros a sair. Então Demas, desanimado pelas densas nuvens de dificuldades e perigos, abandonou o perseguido apóstolo. Crescente foi enviado por Paulo às igrejas da Galácia, Tito a Dalmácia, Tíquico a Éfeso. Escrevendo a Timóteo sobre essa experiência, Paulo disse: “Só Lucas está comigo”. 2 Timóteo 4:11. Jamais teve o apóstolo tanta necessidade do cuidado de seus irmãos como agora, debilitado como

estava pela idade; lutas e enfermidades, e confinado numa prisão romana, úmida e escura. Os serviços de Lucas, discípulo amado e fiel amigo, foram um grande conforto para Paulo, permitindo-lhe comunicar-se com seus irmãos e o mundo exterior.

Nesse tempo de provação, o coração de Paulo encontrou alegria nas freqüentes visitas de Onesíforo. Esse efésio de coração amorável [275] fez tudo o que estava em seu poder para aliviar o fardo que representava ao apóstolo a prisão. Seu amado mestre estava em cadeias por amor à verdade, ao passo que ele estava livre; e não se poupava nenhum esforço para tornar mais amena a vida de Paulo.

Na última carta escrita pelo apóstolo, assim se expressa com respeito a esse fiel discípulo: "O Senhor conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes me recreou, e não se envergonhou das minhas cadeias. Antes, vindo ele a Roma, com muito cuidado me procurou e me achou. O Senhor lhe conceda que naquele dia ache misericórdia diante do Senhor". 2 Timóteo 1:16-18.

O desejo de amor e simpatia é implantado no coração pelo próprio Deus. Cristo, na hora de Sua agonia no Getsêmani, ansiou pela simpatia de Seus discípulos. E Paulo, embora aparentemente indiferente a durezas e sofrimento, almejou simpatia e companheirismo. A visita de Onesíforo, testificando de sua fidelidade num tempo de solidão e abandono, levou alegria àquele que tinha gasto sua vida no [276] trabalho por outros.

Capítulo 48 — Paulo perante Nero

Quando Paulo foi intimado a comparecer diante do imperador Nero para ser julgado, sentia a perspectiva de sua morte próxima e certa. A séria natureza do crime de que era acusado e a animosidade que prevalecia contra os cristãos, ofereciam pouco terreno para a esperança de um desfecho favorável.

Havia entre os gregos e romanos o costume de permitir a um acusado o privilégio de contratar um advogado para pleitear em seu benefício perante as cortes de justiça. Por força de argumentos, por apaixonada eloqüência, ou por apelos, rogos e lágrimas, tais advogados logravam muitas vezes assegurar a decisão em favor do prisioneiro, ou, falhando isso, conseguiam abrandar a severidade da sentença. Mas quando Paulo foi chamado perante Nero, ninguém se aventurou a funcionar como seu conselheiro ou advogado; nenhum amigo lhe esteve ao lado, nem mesmo para preservar um relatório das acusações apresentadas contra ele, ou dos argumentos que usou em sua defesa. Não houve entre os cristãos de Roma, quem viesse à frente para estar a seu lado nessa hora de prova.

O único relato certo dessa ocasião é dado pelo próprio Paulo, em sua segunda carta a Timóteo. "Ninguém me assistiu na minha primeira defesa", escreveu ele, "antes todos me desampararam. Que isto lhes não seja imputado. Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, para que por mim fosse cumprida a pregação, e todos os gentios a ouvissem; e fiquei livre da boca do leão". 2 Timóteo 4:16, 17.

Paulo perante Nero — como se salienta o contraste! O soberbo rei, diante de quem o homem de Deus devia responder por sua fé, tinha alcançado o mais alto poder terreno, autoridade e riqueza, bem como as mais baixas profundezas da iniqüidade e do crime. Em poder e grandeza ele não tinha rival. Ninguém havia que pusesse em dúvida sua autoridade nem que lhe resistisse à vontade. Reis depunham as coroas a seus pés. Exércitos poderosos marchavam ao seu mando, e as insígnias de seus navios significavam vitórias. Sua estátua foi erguida nas salas dos tribunais, e os decretos dos

senadores e as decisões dos juízes eram apenas o eco de sua vontade. Milhões se curvavam em obediência a suas ordens. O nome de Nero fazia o mundo tremer. Cair em seu desagrado era perder a propriedade, a liberdade, a vida; e a sua carregada fisionomia era para temer mais que a pestilência. [277]

Sem dinheiro, sem amigos, sem conselho, o idoso prisioneiro estava perante Nero — apresentando a fisionomia do imperador o relato vergonhoso das paixões que no interior combatiam, e exprimindo o semblante do acusado um coração em paz com Deus. A vida de Paulo tinha sido de pobreza, abnegação, sofrimento. Não obstante a persistente difamação, opróbrios, maus-tratos com que seus inimigos tinham procurado intimidá-lo, destemidamente mantivera no alto o estandarte da cruz. Como seu Mestre, tinha sido um errante sem lar, e como Ele vivera para abençoar a humanidade. Como poderia Nero, tirano caprichoso, licencioso e apaixonado, compreender ou apreciar o caráter e os intuitos desse filho de Deus?

O vasto recinto foi invadido por uma multidão ávida e inquieta, que se comprimia e acotovelava para ver e ouvir tudo o que ocorresse. Os grandes e pequenos ali estavam, os ricos e os pobres, os doutos e os ignorantes, os orgulhosos e os humildes, todos igualmente destituídos do verdadeiro conhecimento do caminho da vida e da salvação.

Os judeus apresentaram contra Paulo as velhas acusações de sedição e heresias, e tanto judeus como romanos o denunciaram como tendo instigado o incêndio da cidade. Enquanto insistiam nessas acusações contra ele, Paulo conservava uma inquebrantável serenidade. O povo e os juízes olhavam para ele com surpresa. Tinham presenciado muitos julgamentos, e olhado para muitos criminosos; mas nunca tinham visto um homem apresentar um aspecto de tão santa calma como apresentava o prisioneiro perante eles. Os olhos perspicazes dos juízes, acostumados a ler o rosto dos prisioneiros, pesquisavam em vão a fisionomia de Paulo a fim de descobrirem alguma evidência de crime. Quando lhe foi permitido falar em sua própria defesa, todos escutaram com ávido interesse.

Mais uma vez teve Paulo a oportunidade de erguer perante uma multidão maravilhada a bandeira da cruz. Contemplando a multidão diante de si — judeus, gregos, romanos, juntamente com estrangeiros de muitas terras, — o espírito se lhe agitou com um intenso desejo

da salvação deles. Perdeu de vista a ocasião em que se encontrava, os perigos que o cercavam, o terrível destino que parecia tão próximo. Via somente a Jesus, o Intercessor, pleiteando perante Deus em prol de homens pecadores. Com eloqüência e poder mais do que humanos, Paulo apresentou as verdades do evangelho. Apontou a seus ouvintes o sacrifício feito pela raça decaída. Declarou que um preço infinito foi pago pela redenção do homem. Foram-lhe providos os meios para participar do trono de Deus. Por meio de mensageiros angélicos, a Terra está ligada ao Céu, e todas as ações dos homens, sejam boas ou más, estão patentes aos olhos da Justiça Infinita.

Assim pleiteou o advogado da verdade. Fiel entre infiéis, leal entre desleais, achava-se ele como o representante de Deus, e sua voz era como a voz do Céu. Não havia temor, tristeza, desânimo nas suas palavras ou aspecto. Forte na convicção da inocência, revestido da armadura da verdade, regozijava-se em ser filho de Deus. Suas [278] palavras eram uma aclamação de vitória por sobre o troar da batalha. Ele declarava ser a causa a que dedicou a vida, a única que nunca poderá falhar. Embora ele perecesse, o evangelho não pereceria. Deus vive, e Sua verdade triunfará.

Muitos que naquele dia olharam para ele, "viram o seu rosto como o rosto de um anjo". Atos 6:15.

Nunca antes havia aquela multidão ouvido palavras como essas. Elas tocaram uma corda que vibrou até no coração dos mais endurecidos. A verdade, clara e convincente, derribou o erro. A luz brilhou na mente de muitos que mais tarde seguiram alegremente seus raios. As verdades expostas nesse dia estavam destinadas a sacudir as nações, e a perdurar através de todos os tempos, influenciando o coração dos homens quando os lábios que as haviam proferido estivessem silenciosos na sepultura de um mártir.

Nunca antes ouvira Nero a verdade como a ouviu nessa ocasião. Nunca antes os enormes crimes de sua vida tinham-lhe sido dessa maneira revelados. A luz do Céu penetrou nos recessos de sua alma poluída pelo pecado, e ele tremeu com terror ao pensar em um tribunal perante o qual ele, o governador do mundo, seria finalmente citado, recebendo suas obras a justa sentença. Temeu o Deus do apóstolo, e não ousou passar sentença contra Paulo, contra quem nenhuma acusação pudera ser sustentada. Um sentimento de temor restringiu por algum tempo seu espírito sanguinário.

Por um instante, o Céu se abrira para o criminoso e endurecido Nero, e sua paz e pureza lhe pareceram desejáveis. Naquele momento, o convite de misericórdia se estendera até ele. Mas, por um momento apenas foi-lhe bem-vindo o pensamento de perdão. A seguir, foi expedida a ordem para que Paulo fosse reconduzido ao calabouço; e quando a porta se fechou por trás do mensageiro de Deus, a porta do arrependimento se fechava para sempre para o imperador de Roma. Nenhum raio de luz do Céu penetraria de novo as trevas que o envolviam. Logo deveria ele sofrer os juízos retribuidores de Deus.

Não muito tempo depois disso, Nero deu início à sua ignominiosa expedição à Grécia, onde desonrou a si e ao seu reino em desprezíveis e vis frivolidades. Retornando a Roma com grande pompa, cercou-se de seus cortesãos e se entregou a cenas de revoltante devassidão. Em meio a essa orgia, ouviu-se nas ruas uma voz de tumulto. Um mensageiro despachado para se informar da causa, voltou com novas de empalidecer, dizendo que Galba, à frente de um exército, estava marchando rapidamente sobre Roma, e que a insurreição havia já irrompido na cidade, estando as ruas cheias de uma multidão enraivecida que, ameaçando de morte o imperador e todos os que o cercavam, se estava rapidamente aproximando do palácio. [279]

Nesse tempo de perigo, Nero não teve, como o fiel Paulo, um Deus poderoso e compassivo em quem confiar. Temendo o sofrimento e possíveis torturas que poderia ser levado a enfrentar diante da fúria da turba, o miserável tirano pensou em pôr fim à vida pelas próprias mãos, mas no momento crítico faltou-lhe a coragem. Completamente pusilânime, fugiu ignominiosamente da cidade, buscando refúgio numa residência de província, a poucos quilômetros de distância; porém, de nada valeu. Seu esconderijo foi logo descoberto, e enquanto os perseguidores se aproximavam a cavalo, ele chamou um escravo para ajudá-lo, e infligiu a si mesmo um golpe mortal. Assim pereceu o tirano Nero, na curta idade de trinta e dois anos. [280]

Capítulo 49 — Última carta de Paulo

Este capítulo é baseado na Segunda Epístola a Timóteo.

Do tribunal de César, Paulo voltou a sua cela, compreendendo que havia ganho para si apenas uma breve trégua. Sabia que seus inimigos não descansariam até que conseguissem sua morte. Mas sabia também que, durante algum tempo, a verdade triunfara. Ter proclamado um Salvador crucificado e ressuscitado perante a vasta multidão que o ouvira era em si mesmo uma vitória. Iniciara-se naquele dia uma obra que cresceria e se fortaleceria, e que Nero e todos os outros inimigos de Cristo em vão procurariam impedir ou destruir.

Sentado dia após dia em sua sombria cela, sabendo que por uma palavra ou um simples aceno de Nero sua vida seria sacrificada, Paulo pensou em Timóteo, e determinou chamá-lo. Timóteo havia sido incumbido de cuidar da igreja de Éfeso, e ficara para trás quando Paulo efetuou sua última viagem a Roma. Paulo e Timóteo estavam unidos por uma afeição profunda e invulgar. Desde sua conversão, Timóteo havia tomado parte nos trabalhos e sofrimentos de Paulo e a amizade entre os dois crescera cada vez mais robusta, profunda e sagrada, a ponto de se tornar Timóteo para o idoso e esgotado apóstolo, tudo que um filho possa ser para um amado e honrado pai. Não é de estranhar que em sua solidão Paulo almejasse vê-lo.

Sob as mais favoráveis circunstâncias, vários meses passariam antes que Timóteo, vindo da Ásia Menor, pudesse alcançar Roma. Paulo sabia que sua vida era incerta, e temia que Timóteo chegasse tarde demais para vê-lo. Tinha importantes conselhos e instruções para o jovem, a quem havia sido confiada tão grande responsabilidade; e enquanto instava para que viesse sem demora, ditou seu derradeiro testemunho, pois talvez sua vida não fosse poupada para proferi-lo de viva voz. O coração cheio de terna solicitude por seu filho no evangelho, e pela igreja a seu cargo, procurou Paulo im-

pressionar Timóteo com a importância da fidelidade à sua sagrada missão.

Paulo começou a carta com a saudação: "A Timóteo, meu amado filho: graça, misericórdia, e paz da parte de Deus Pai, e da de Cristo Jesus, Senhor nosso. Dou graças a Deus, a quem desde os meus antepassados sirvo com uma consciência pura, de que sem cessar faço memória de ti nas minhas orações noite e dia."

O apóstolo, então, instou com Timóteo quanto a necessidade de firmeza na fé. "Por cujo motivo te lembro", escreveu, "que despertes [281] o dom de Deus que existe em ti pela imposição das minhas mãos. Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação. Portanto não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro Seu; antes participa das aflições do evangelho, segundo o poder de Deus." Paulo rogava a Timóteo que se lembrasse de que fora chamado "com uma santa vocação" para proclamar o poder dAquele que tinha trazido "à luz a vida e a incorrupção pelo evangelho; para o que", declarou, "fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios. Por cuja causa padeço também isto, mas não me envergonho; porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia". 2 Timóteo 1:2-12.

Através de sua longa vida de serviço, Paulo nunca vacilou em sua fidelidade ao Salvador. Onde quer que estivesse — fosse diante dos sisudos fariseus, ou das autoridades romanas; fosse diante da furiosa plebe de Listra ou dos condenados pecadores do calabouço da Macedônia; fosse arrazoando com os marinheiros tomados de pânico, do navio prestes a naufragar, ou estando sozinho diante de Nero, para pleitear por sua vida — ele nunca se envergonhou da causa que defendia. O grande propósito de sua vida cristã fora servir Àquele cujo nome outrora o enchera de desprezo, e desse propósito nenhuma oposição ou perseguição fora capaz de afastá-lo. Sua fé, fortalecida pelo esforço e purificada pelo sacrifício, o sustinha e fortalecia.

"Tu, pois, meu filho", continua Paulo, "fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus. E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros. Sofre pois, comigo, as aflições como bom soldado de Jesus Cristo". 2 Timóteo 2:1.

O verdadeiro ministro de Deus não se esquiva a trabalhos ou responsabilidades. Da Fonte que nunca decepciona os que sinceramente buscam o poder divino, tira ele força que o capacita a enfrentar e vencer a tentação, e a executar as tarefas que Deus sobre ele coloca. A natureza da graça que recebe, amplia sua capacidade para conhecer a Deus e a Seu Filho. Seu coração se expande num desejo anelante de fazer para o Mestre trabalho aceitável. E enquanto avança na experiência cristã, torna-se forte "na graça que há em Cristo Jesus". 2 Timóteo 2:1. Essa graça dá-lhe o poder de ser fiel testemunha das coisas que ouviu. Ele não despreza nem negligencia o conhecimento que recebeu de Deus, mas transmite esse conhecimento a homens fiéis, os quais por sua vez ensinam a outros.

Na sua última carta a Timóteo, Paulo expôs perante o obreiro mais jovem um alto ideal, apontando os deveres que sobre ele pesavam como ministro de Cristo. "Procura", escreve o apóstolo, "apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" "Foge também dos desejos da mocidade; e segue a justiça, a fé, a caridade, e a paz com os que, com um coração puro, invocam o Senhor. E rejeita as questões loucas, e sem instrução, sabendo que produzem contendas. E ao servo do Senhor não convém contender, mas sim ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor; instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade". 2 Timóteo 2:15, 22-26. [282]

O apóstolo advertia Timóteo contra os falsos mestres que se introduziriam na igreja. "Sabe, porém, isto", escreveu, "que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos... tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te". 2 Timóteo 3:1-5.

"Mas", continuou, "os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados. Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido, e que desde a tua meninice sabes as Sagradas Letras, que podem fazer-te sábio para a salvação. [...] Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja

perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra”. 2 Timóteo 3:13-17. Deus proveu meios abundantes para o êxito na luta contra o mal que há no mundo. A Bíblia é a armadura com que nos podemos equipar para a luta. Nossos lombos devem estar cingidos com a verdade. Nossa couraça deve ser de justiça. Na mão devemos ter o escudo da fé, e na cabeça o capacete da salvação; e com a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus, devemos abrir caminho por entre as obstruções e embaraços do pecado.

Paulo sabia estar perante a igreja um tempo de grande perigo. Sabia que uma obra fiel e zelosa devia ser feita pelos que tinham a responsabilidade das igrejas; assim escreveu a Timóteo: “Conjuro-te pois diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na Sua vinda e no Seu reino, que pregues a Palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina”. 2 Timóteo 4:1, 2.

Essa solene incumbência a alguém tão zeloso e fiel como era Timóteo é um forte testemunho da importância e responsabilidade da obra do ministro do evangelho. Chamando Timóteo ao tribunal de Deus, Paulo lhe ordenou pregar a Palavra, não fórmulas e pensamentos humanos; a testemunhar prontamente de Deus onde quer que se lhe apresentasse oportunidade — diante de grandes congregações ou de limitados círculos, junto aos caminhos e nos lares, a amigos e a inimigos, fosse em segurança ou exposto a dificuldades e perigos, injúria e danos.

Temendo que a disposição branda e condescendente de Timóteo pudesse levá-lo a esquivar-se de uma parte essencial de sua obra, Paulo exortou a ser fiel em reprovar o pecado, e a repreender mesmo [283] com firmeza os que fossem culpados de males graves. Contudo, devia fazê-lo “com toda a longanimidade e doutrina”. 2 Timóteo 4:2. Devia ele revelar a paciência e o amor de Cristo, tornando claras suas reprovações e reforçando-as pelas verdades da Palavra.

Odiar e reprovar o pecado, e ao mesmo tempo mostrar piedade e compaixão pelo pecador é uma difícil tarefa. Quanto mais ardentes forem nossos próprios esforços para manter a santidade do coração e da vida, tanto mais aguda será nossa percepção do pecado, e mais decidida nossa desaprovação de qualquer desvio do direito. Precisamos guardar-nos contra a indevida severidade no trato com os que erram; mas precisamos também ser cuidadosos para não

perder de vista a excessiva malignidade do pecado. Há necessidade de mostrar-se paciência e amor semelhantes aos de Cristo pelo que erra, mas há também o perigo de se mostrar tão grande tolerância pelo seu erro que ele se considerará não merecedor de reprovação e a rejeitará como inoportuna e injusta.

Os ministros do evangelho às vezes causam grande dano permitindo que sua tolerância pelo que erra degenere em tolerância pelos pecados, e mesmo participação deles. Assim são levados a desculpar e passar por alto o que Deus condena e, depois de certo tempo, tornam-se tão cegos que chegam a louvar aqueles a quem Deus manda reprovar. Aquele que tem suas percepções espirituais embotadas pela pecaminosa tolerância por aqueles a quem Deus condena, em breve estarão cometendo maior pecado pela severidade e rudeza no trato para com aqueles aos quais Deus aprova.

Por se orgulharem de humana sabedoria, por menosprezarem a influência do Espírito Santo e por aversão às verdades da Palavra de Deus, muitos que professam ser cristãos e que se imaginam competentes para ensinar a outros, serão levados a voltar as costas aos requisitos de Deus. Paulo declarou a Timóteo: "Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas". 2 Timóteo 4:3, 4.

O apóstolo não faz aqui referência a aberta irreligiosidade, mas a professos cristãos que fazem da inclinação guia, tornando-se assim escravos do eu. Tais pessoas estão dispostas a atentar apenas às doutrinas que lhes não repreendam os pecados ou condenem a vida de amor ao prazer. Sentem-se ofendidos pelas claras palavras dos fiéis servos de Cristo, e escolhem mestres que os louvem e adulem. E entre os professos ministros há os que pregam as opiniões dos homens em lugar da Palavra de Deus. Infiéis ao dever, desviam os que a eles vão em busca de orientação espiritual.

Nos preceitos de Sua santa lei, deu Deus uma regra perfeita de vida; e Ele declarou que, até o fim do tempo, essa lei, imutável num jota ou num til, deve manter seus reclamos sobre os seres humanos. Cristo veio para engrandecer a lei e a tornar gloriosa. Mostrou que ela está baseada no amplo fundamento do amor a Deus e amor aos [284] homens, e que a obediência a seus preceitos compreende todo o dever

do homem. Em Sua própria vida, deu Ele exemplo de obediência à lei de Deus. No sermão da montanha Ele mostrou como seus requisitos vão além dos atos exteriores, e penetram os pensamentos e as intenções do coração.

A lei, obedecida, leva os homens a renunciar "à impiedade e às concupiscências mundanas", e a viver "neste presente século sóbria, e justa, e piamente". Tito 2:12. Mas o inimigo de toda a justiça tornou cativo o mundo e tem levado homens e mulheres à desobediência da lei. Conforme previu Paulo, multidões têm-se desviado das claras e esquadrinhadoras verdades da Palavra de Deus e escolhido ensinadores que lhes apresentem as fábulas que desejam. Muitos, tanto entre ministros como entre o povo, estão tripudiando sobre os mandamentos de Deus. Assim é insultado o Criador do mundo, e Satanás ri triunfante aos sucessos de seus enganos.

Com o crescente desprezo pela lei de Deus, há uma progressiva aversão pela religião, um avultar-se do orgulho, do amor aos prazeres, da desobediência aos pais e da tolerância consigo mesmo; e homens pensantes em todas as partes estão interrogando ansiosos: Que se pode fazer para corrigir esses alarmantes males? A resposta se encontra na exortação de Paulo a Timóteo: "Que pregues a Palavra". 2 Timóteo 4:2. Na Bíblia encontram-se os únicos princípios seguros de ação. Ela é um transcrito da vontade de Deus, uma expressão da divina sabedoria. Abre à compreensão do homem os grandes problemas da vida; e a todos os que abraçam seus preceitos ela se provará um guia infalível, livrando-os de arruinarem a vida em desorientados esforços.

Deus fez conhecida a Sua vontade, e é insensatez da parte do homem questionar sobre o que saiu de Seus lábios. Depois que falou a Infinita Sabedoria, não pode haver questões ambíguas para o homem solucionar, nem pode haver possibilidades vagas a serem por ele ajustadas. Tudo o que dele se requer, é sincera conformidade com a expressa vontade de Deus. A obediência é o mais alto ditame da razão bem como da consciência.

Paulo continua sua exortação: "Mas tu sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faze a obra dum evangelista, cumpre o teu ministério". 2 Timóteo 4:5. Paulo estava para terminar sua carreira, e desejava que Timóteo tomasse o seu lugar, guardando a igreja das fábulas e heresias pelas quais o inimigo, de várias maneiras, queria afastá-la

da simplicidade do evangelho. Ele o admoestava a fugir de todo interesse e embaraço temporal que pudesse impedi-lo de dar-se inteiramente ao trabalho de Deus; a suportar de bom grado a oposição, a perseguição e a injúria a que estaria exposto por sua fidelidade, e a dar prova cabal de seu ministério pelo emprego de todos os meios a seu alcance para fazer o bem a todos por quem Cristo morreu.

A vida de Paulo foi uma exemplificação das verdades que ensinava; e nisso repousava seu poder. Seu coração estava cheio de um profundo e permanente senso de sua responsabilidade; e ele [285] trabalhava em íntima comunhão com Aquele que é a fonte de justiça, misericórdia e verdade. Apegava-se à cruz de Cristo como sua garantia única de sucesso. O amor do Salvador era o permanente motivo que lhe dava a vitória em seus conflitos com o eu e em suas lutas contra o mal, ao avançar no serviço de Cristo contra o desamor do mundo e a oposição de seus inimigos.

O que a igreja necessita nestes dias de perigo é de um exército de obreiros que, como Paulo, se tenham educado para utilidade, que tenham uma profunda experiência nas coisas de Deus, e que sejam cheios de fervor e zelo. Necessita-se de homens santificados e abnegados; homens que não se esquivem a provas e responsabilidades; homens que sejam corajosos e verdadeiros; homens em cujo coração Cristo está formado "a esperança da glória" (Colossences 1:27), e que com lábios tocados com santo fogo "preguem a Palavra" Por falta de tais obreiros a causa de Deus definha, e erros fatais, como mortal veneno, pervertem a moral e destroem as esperanças de grande parte da raça humana.

Quando os fiéis e exaustos porta-bandeiras imolam a vida pelo amor à verdade, quem irá à frente para lhes ocupar o lugar? Aceitarão nossos jovens o sagrado encargo das mãos de seus pais? Estão eles se preparando para preencher as lacunas que se apresentam pela morte dos fiéis? Será a exortação do apóstolo aceita, ouvido o chamado ao dever, em meio aos incitamentos ao egoísmo e ambições que seduzem a juventude?

Paulo concluiu sua carta com mensagens particulares a várias pessoas, e de novo repetiu o urgente pedido para que Timóteo viesse ao seu encontro sem demora, se possível antes do inverno. Falou de sua solidão, motivada pela deserção de alguns de seus amigos e a ausência necessária de outros; e para que Timóteo não hesitasse,

pelo receio de que a igreja de Éfeso pudesse necessitar de seus trabalhos, Paulo afirmou que já havia despachado Tíquico a fim de preencher-lhe a vaga.

Depois de falar das cenas de seu julgamento perante Nero, da deserção de seus irmãos e da mantenedora graça de um Deus que guarda o concerto, Paulo terminou a carta recomendando seu amado Timóteo à guarda do Supremo Pastor, o qual, mesmo que os subpastores pudessem ser abatidos, cuidaria ainda de Seu rebanho. [286]

Capítulo 50 — Condenado à morte

Durante o julgamento final de Paulo perante Nero, o imperador ficou tão profundamente impressionado com a força das palavras do apóstolo, que protelou a decisão do caso, não absolvendo nem condenando o acusado servo de Deus. Mas logo voltou a maldade do imperador contra Paulo. Exasperado pela sua incapacidade de sustar a propagação da religião cristã, mesmo na casa imperial, decidiu que, apenas se encontrasse um pretexto plausível, o apóstolo seria morto. Não muito depois, Nero pronunciou a decisão que condenava Paulo à morte de mártir. Se bem que um cidadão romano não pudesse ser submetido à tortura, foi ele condenado a ser decapitado.

Paulo foi levado reservadamente ao lugar da execução. A poucos espectadores se permitiu estar presentes; pois seus perseguidores, alarmados com a extensão da sua influência, temiam que fossem ganhos conversos para o cristianismo por meio das cenas de sua morte. Mas, até os soldados empedernidos que o acompanhavam, ouviram suas palavras, e com espanto o viram animado e mesmo alegre à vista da morte. Para alguns que testemunharam seu martírio, o espírito de perdão que manifestou para com seus assassinos, e sua inabalável confiança em Cristo até o último momento, mostraram ser um cheiro de vida para vida. Muitos aceitaram o Salvador que Paulo pregava, e sem demora selaram destemidamente com o sangue a sua fé.

Até o último instante a vida de Paulo testificou da verdade de suas palavras aos coríntios: "Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em

nossos corpos". 2 Coríntios 4:6-10. Sua suficiência não estava em si mesmo, mas na presença e na operação do divino Espírito que lhe enchia o coração, e levava cativo todo o entendimento à vontade de Cristo. O profeta declarou: "Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em Ti; porque ele confia em Ti". Isaías 26:3. A paz celestial que o semblante de Paulo irradiava ganhou muitos [287] conversos para o evangelho.

Paulo levava consigo a atmosfera do Céu. Todos os que com ele se associavam sentiam a influência de sua união com Cristo. O fato de que sua própria vida exemplificava a verdade que pregava, dava a sua pregação um convincente poder. Nisto reside o poder da verdade. A influência espontânea e inconsciente de uma vida santa é o mais convincente sermão que se pode fazer em favor do cristianismo. O argumento, mesmo quando seja irrespondível, pode só provocar oposição; mas o exemplo piedoso tem um poder a que é impossível resistir completamente.

O apóstolo perdeu de vista os próprios sofrimentos, que se aproximavam, em sua solicitude por aqueles que ele estava prestes a deixar a lutar com o preconceito, ódio e perseguição. Os poucos cristãos que o acompanharam para o local da execução, ele se esforçou por fortalecer e animar, repetindo as promessas feitas àqueles que são perseguidos por causa da justiça. Assegurou-lhes que nada falharia de tudo aquilo que o Senhor falara com respeito a Seus filhos provados e fiéis. Por algum tempo poderiam estar sob o peso de multiformes tentações; poderiam achar-se destituídos de conforto terrestre; poderiam, porém, animar o coração com a certeza da fidelidade de Deus, dizendo: "Eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia". 2 Timóteo 1:12. Logo terminaria a noite de provações e sofrimentos, e raiaria a alegre manhã da paz e do dia perfeito.

O apóstolo estava a olhar para o grande além, não com incerteza ou terror, mas com esperança e anelante expectativa. Ao encontrar-se no lugar do martírio, não via a espada do carrasco ou a terra que tão logo haveria de receber o seu sangue; olhava, através do calmo céu azul daquele dia de verão, para o trono do Eterno.

Esse homem de fé contemplava a escada da visão de Jacó, que representa Cristo, e que ligou a Terra com o Céu, o homem finito com o infinito Deus. Sua fé se fortaleceu na recordação de como os

patriarcas e profetas confiaram nAquele que era também seu arrimo e consolação, e por quem estava dando a vida. Desses santos homens que, de século em século, deram testemunho de sua fé, ouviu ele a segurança de que Deus é verdadeiro. De seus colaboradores apóstolos, que, para pregar o evangelho de Cristo, saíram a enfrentar o fanatismo religioso e as superstições pagãs, a perseguição e o desprezo, que não tiveram a vida por preciosa desde que pudessem levar a luz da verdade em meio aos escuros labirintos da incredulidade — desses ele ouviu o testemunho de Jesus como o Filho de Deus, o Salvador do mundo. Do cavalete, das fogueiras, das masmorras, das covas e cavernas da Terra ecoou em seus ouvidos o grito de triunfo dos mártires. Ele ouviu o testemunho dos que ficaram firmes e que, embora despojados, afligidos, atormentados, deram testemunho da fé, de forma destemida e solene, declarando: "Eu sei em quem tenho crido". 2 Timóteo 1:12. Esses, que entregam a vida pela fé, declaram ao mundo que Aquele em quem têm crido é capaz de salvá-los perfeitamente. [288]

Resgatado pelo sacrifício de Cristo, lavado do pecado em Seu sangue, e revestido de Sua justiça, Paulo tinha em si mesmo o testemunho de que sua vida é preciosa à vista de seu Redentor. Sua vida está escondida com Cristo em Deus, e ele estava persuadido de que Aquele que conquistou a morte é capaz de guardar o seu depósito. Seu espírito se apegou à promessa do Salvador: "Eu o ressuscitarei no último dia". João 6:40. Seus pensamentos e esperanças estavam centralizados na segunda vinda de seu Senhor. E quando a espada do carrasco desceu e a sombra da morte caiu sobre o mártir, seu último pensamento avançou, do mesmo modo que o primeiro quando ressuscitar, para encontrar o Doador da vida, que o há de convidar para o regozijo dos santos.

Quase vinte séculos se passaram desde que o idoso Paulo derramou seu sangue em testemunho da Palavra de Deus e para testificar de Jesus Cristo. Nenhuma mão fiel registrou para as gerações vindouras as últimas cenas da vida desse santo homem; a inspiração, porém, nos preservou seu testemunho ao morrer ele. Como o toque de uma trombeta, sua voz tem repercutido através de todos os séculos, enrijecendo com sua coragem milhares de testemunhas de Cristo, e despertando em milhares de corações, feridos pela tristeza, o eco de sua alegria triunfante: "Eu já estou sendo oferecido por

aspersão de sacrifício, e o tempo de minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que [289] amarem a Sua vinda". 2 Timóteo 4:6-8.

Capítulo 51 — Um fiel subpastor

Este capítulo é baseado na Primeira Epístola de Pedro.

Pouca menção se faz no livro de Atos quanto ao último trabalho do apóstolo Pedro. Durante os ativos anos de ministério que se seguiram ao derramamento do Espírito no dia do Pentecostes, ele se encontrava entre os que se empenhavam incansavelmente para entrar em contato com os judeus que vinham a Jerusalém para adorar por ocasião das festividades anuais.

Aumentando o número de crentes em Jerusalém e outros lugares visitados pelos mensageiros da cruz, os talentos do apóstolo Pedro se provaram de inestimável valor para a primitiva igreja cristã. A influência de seu testemunho referente a Jesus de Nazaré se estendia amplamente. Sobre ele havia sido posta dupla responsabilidade. Dava perante os incrédulos positivo testemunho com respeito ao Messias, trabalhando fervorosamente para a conversão deles, fazendo ao mesmo tempo trabalho especial pelos crentes, fortalecendo-os na fé em Cristo.

Foi depois de haver sido levado à renúncia do eu e à inteira confiança no poder divino, que Pedro recebeu o chamado para agir como um subpastor. Cristo havia dito a Pedro, antes de O haver negado: "Quando te converteres, confirma teus irmãos". Lucas 22:32. Essas palavras denotavam a ampla e eficiente obra que o apóstolo devia fazer no futuro pelos que viessem para a fé. Para essa obra, a própria experiência do pecado, do sofrimento e arrependimento de Pedro o havia preparado. Não antes que tivesse ele reconhecido sua fraqueza, poderia conhecer a necessidade que tem o crente de confiar em Cristo. Em meio à tormenta da tentação ele compreendeu que o homem só pode andar seguramente quando, em absoluta desconfiança própria, confia no Salvador.

Na última reunião de Cristo com Seus discípulos junto ao mar, Pedro, provado pela pergunta três vezes repetida: "Amas-Me?" (João 21:15-17) tinha sido reabilitado em seu lugar entre os doze. Sua obra

tinha-lhe sido indicada — alimentar o rebanho do Senhor. Agora, convertido e aceito, devia ele não somente buscar salvar os que estavam fora do redil, mas devia ser um pastor do rebanho.

Cristo fez menção a Pedro de uma única condição de serviço — "Amas-Me?" João 21:17. Essa é a qualificação essencial. Mesmo que Pedro possuísse todas as outras, sem o amor de Cristo ele não seria um fiel pastor do rebanho de Deus. Conhecimento, benevolência, [290] eloqüência, zelo — tudo isso é essencial para um bom trabalho; mas sem o amor de Cristo no coração, a obra do ministro cristão é um fracasso.

O amor de Cristo não é um sentimento volúvel, mas um princípio vivo, o qual se manifesta como um poder permanente no coração. Se o caráter e a conduta do pastor são um exemplo da verdade que defende, o Senhor porá em sua obra o selo de Sua aprovação. O pastor e o rebanho serão um, unidos pela comum esperança em Cristo.

A maneira do Salvador tratar com Pedro tinha uma lição para ele e para seus irmãos. Conquanto tivesse Pedro negado a seu Senhor, o amor de Jesus por ele jamais vacilara. E ao assumir o apóstolo o encargo de ministrar a outros, devia tratar o transgressor com paciência, simpatia e compassivo amor. Lembrando sua própria fraqueza e queda, devia tratar as ovelhas e cordeiros entregues a seu cuidado com a mesma ternura que Cristo tivera com ele.

Os seres humanos, dados eles próprios ao mal, são inclinados a tratar duramente com os tentados e os que erram. Eles não podem ler o coração; não conhecem suas lutas e pesares. Necessitam aprender a respeito da repreensão que é amor, do golpe que fere para curar, da advertência que fala de esperança.

Durante seu ministério, Pedro vigiou fielmente o rebanho que lhe fora confiado, tornando-se assim digno do encargo e responsabilidades que lhe foram outorgados pelo Salvador. Exaltou sempre a Jesus de Nazaré como a Esperança de Israel, o Salvador da humanidade. Manteve sua vida sob a disciplina do Mestre por excelência. Buscou, por todos os meios ao seu alcance, educar os crentes para o serviço ativo. Seu piedoso exemplo e incansável atividade inspiravam muitos jovens promissores a se entregarem inteiramente à obra do ministério. Com o passar do tempo, a influência do apóstolo como educador e líder cresceu; e conquanto jamais perdesse de vista sua

preocupação de trabalhar especialmente pelos judeus, levou contudo seu testemunho a muitas terras, e fortaleceu a fé de multidões no evangelho.

Nos últimos anos de seu ministério, Pedro foi inspirado a escrever aos crentes "dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia". 1 Pedro 1:11. Suas epístolas foram o meio de reavivar o ânimo e fortalecer a fé daqueles que estavam sofrendo provas e aflições, e de renovar as boas obras dos que, assediados por tentações de toda ordem, estavam em perigo de perder seu apego a Deus. Essas cartas levam a impressão de terem sido escritas por alguém em quem os sofrimentos de Cristo, bem como Sua consolação, tinham sido abundantes; alguém cujo ser todo tinha sido transformado pela graça, e cuja esperança de vida eterna era certa e firme.

No início de sua primeira carta, o encanecido servo de Deus rende a seu Senhor tributo de louvor e graças. "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo", exclama, "que, segundo a Sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, [291] pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar, guardada nos Céus para vós, que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo". 1 Pedro 1:3-5.

Nesta esperança de uma herança segura na Terra renovada rejubilavam-se os primeiros cristãos, mesmo em tempos de severa prova e aflição. "Em que vós grandemente vos alegrais", escreveu Pedro, "ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações. Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória, na revelação de Jesus Cristo; ao qual, não O havendo visto, amais; no qual, não O vendo agora... vos alegrais com gozo inefável e glorioso; alcançando o fim da vossa fé, a salvação das almas". 1 Pedro 1:6-9.

As palavras do apóstolo foram escritas com o objetivo de instruir os crentes de todas as épocas, e têm significado especial para os que vivem no tempo em que "já está próximo o fim de todas as coisas" Suas exortações e advertências, bem como suas palavras de fé e de ânimo, são de necessidade para todos os que desejam conservar sua fé "firmemente" "até ao fim". Hebreus 3:14.

O apóstolo procurou ensinar aos crentes quão importante é guardar a mente de vagar por temas proibidos, ou de gastar sua energia em assuntos triviais. Os que não querem cair presa dos enganos de Satanás, devem guardar bem as vias de acesso à mente; devem-se esquivar de ler, ver ou ouvir tudo quanto sugira pensamentos impuros. Não devem permitir que a mente se demore ao acaso em cada assunto que o inimigo possa sugerir. O coração deve ser fielmente guardado, pois de outra maneira os males externos despertarão os internos, e a pessoa vagará em trevas. "Portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento", escreveu Pedro, "sede sóbrios, e esperai inteiramente na graça que se vos ofereceu na revelação de Jesus Cristo; [...] não vos conformando com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância; mas, como é santo Aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver; porquanto escrito está: Sede santos, porque Eu sou santo". 1 Pedro 1:13-16.

"Andai em temor, durante o tempo da vossa peregrinação; sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um Cordeiro imaculado e incontaminado, o qual, na verdade, em outro tempo foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado nestes últimos tempos por amor de vós; e por Ele credes em Deus, que O ressuscitou dos mortos, e Lhe deu glória, para que [292] a vossa fé e esperança estivessem em Deus". 1 Pedro 1:17-21.

Se a prata e o ouro fossem suficientes para a compra da salvação do homem, quão fácil isto teria sido para Aquele que diz: "Minha é a prata, e Meu é o ouro". Ageu 2:8. Mas só pelo precioso sangue do Filho de Deus podia o transgressor ser redimido. O plano da salvação foi elaborado em sacrifício. O apóstolo Paulo escreveu: "Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós Se fez pobre; para que pela Sua pobreza enriquecêsseis". 2 Coríntios 8:9. Cristo Se deu por nós para nos redimir de toda a iniqüidade. E como a sobre excelente bênção da salvação, "o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor". Romanos 6:23.

"Purificando as vossas almas na obediência à verdade, para caridade fraternal, não fingida", continua Pedro, "amai-vos ardentemente

uns aos outros com um coração puro” A Palavra de Deus — a verdade — é o conduto pelo qual o Senhor manifesta Seu Espírito e poder. A obediência à Palavra produz o fruto da qualidade requerida — “caridade fraternal, não fingida”. 1 Pedro 1:22. Esse amor tem a sua origem no Céu, e conduz aos mais altos motivos e ações altruístas.

Quando a verdade se torna um princípio dominante na vida, a vida é gerada, “não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela Palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre”. 1 Pedro 1:23. Esse novo nascimento é o resultado de receber Cristo como a Palavra de Deus. Quando, mediante o Espírito Santo, as verdades divinas são impressas no coração, surgem novas concepções, e as energias antes adormecidas despertam para cooperar com Deus.

Assim foi com Pedro e os demais discípulos. Cristo foi o revelador da verdade ao mundo. Por Ele a incorruptível semente — a Palavra de Deus — foi semeada no coração humano. Muitas, porém, das mais preciosas lições do grande Ensinador foram ditas aos que então não as entenderam. Quando, depois de Sua ascensão, o Espírito Santo levou Seus ensinos à lembrança dos discípulos, seus sentidos despertaram. O significado dessas verdades brilhou-lhes no espírito como nova revelação, e a verdade, inalterada e pura, encontrou lugar para si. Então, a maravilhosa experiência da vida do Salvador tornou-se deles. A Palavra testificou por intermédio deles, os homens escolhidos, os quais proclamaram a poderosa verdade: “O Verbo Se fez carne, e habitou entre nós... cheio de graça e de verdade” “E todos nós recebemos também da Sua plenitude, e graça por graça”. João 1:14, 16.

O apóstolo exortou os crentes a estudar as Escrituras, por cuja compreensão adequada poderiam eles fazer obra segura para a eternidade. Pedro sabia que na experiência de cada pessoa finalmente vitoriosa haveria cenas de perplexidade e prova; mas sabia também que a compreensão das Escrituras capacitaria o tentado a relembrar promessas que lhe confortariam o coração e fortaleceriam a fé no Onipotente. [293]

“Porque toda a carne é como erva”, declarou o apóstolo, “e toda a glória do homem como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor; mas a Palavra do Senhor permanece para sempre; e essa é a Palavra que entre vós foi evangelizada. Deixando pois toda a malícia,

e todo o engano, e fingimentos, e invejas, e todas as murmurações, desejai afetuosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que por ele vades crescendo; se é que já provastes que o Senhor é benigno". 1 Pedro 1:24-2:3.

Muitos dos crentes a quem Pedro dirigiu suas cartas estavam vivendo no meio do paganismo, e muito dependia de permanecerem fiéis à alta vocação de sua profissão de fé. O apóstolo insistia em seus privilégios como seguidores de Cristo Jesus. "Vós sois a geração eleita", escreveu, "o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido para que anuncieis as virtudes dAquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz; vós, que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia". 1 Pedro 2:9, 10.

"Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnais que combatem contra a alma; tendo o vosso viver honesto entre os gentios; para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus no dia da visitação". 1 Pedro 2:11, 12.

O apóstolo esboça com clareza a atitude que deveriam os crentes sustentar em relação às autoridades civis: "Sujeitai-vos pois a toda a ordenação humana por amor do Senhor: quer ao rei, como superior; quer aos governadores, como por Ele enviados para castigo dos malfeitores, e para louvor dos que fazem o bem. Porque assim é a vontade de Deus, que, fazendo bem, tapeis a boca à ignorância dos homens loucos; como livres, e não tendo a liberdade por cobertura da malícia, mas como servos de Deus. Honrai a todos. Amai a fraternidade. Temei a Deus. Honrai o rei."

Os que eram servos, foram aconselhados a permanecer sujeitos "com todo temor aos senhores, não somente aos bons e humanos, mas também aos maus". "Porque", continua o apóstolo, "é coisa agradável, que alguém, por causa da consciência para com Deus, sofra agravos, padecendo injustamente. Por que, que glória será essa, se, pecando, sois esbofeteados e sofreis? mas se, fazendo bem, sois afligidos, e o sofreis, isso é agradável a Deus. Porque para isto sois chamados; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as Suas pisadas. O qual não cometeu pecado, nem na Sua boca se achou engano. O qual, quando O injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-

se Àquele que julga justamente; levando Ele mesmo em Seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas Suas feridas fostes sarados. Porque éreis como ovelhas desgarradas; mas agora tendes voltado ao Pastor e Bispo das vossas almas.” [294]

O apóstolo exorta as mulheres cristãs a manter vida pura e ser modestas no traje e no comportamento. “O enfeite delas”, aconselhou, “não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro; na compostura de vestidos; mas o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus.”

A lição se aplica aos crentes em todas as eras. “Pelos seus frutos os conhecereis”. Mateus 7:20. O adorno interior de um espírito manso e quieto é inestimável. Na vida do verdadeiro cristão, o adorno externo está sempre em harmonia com a paz e a santidade internas. “Se alguém quiser vir após Mim”, disse Jesus, “renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-Me”. Mateus 16:24. O sacrifício e a negação do eu assinalarão a vida do cristão. E a evidência de que o gosto está mudado será vista no vestuário de todo aquele que anda na vereda aberta para os redimidos do Senhor.

É justo amar o belo e desejá-lo; mas Deus deseja que primeiro amemos e busquemos a beleza do alto, que é imperecível. Nenhum adorno externo se compara em valor ou amabilidade com “um espírito manso e quieto”, o “linho fino, branco e puro” (Apocalipse 19:14), que todos os santos da Terra usarão. Essa veste os fará belos e amados aqui, e será depois sua senha para admissão ao palácio do Rei. Sua promessa é: “Comigo andarão de branco; porquanto são dignas disso”. Apocalipse 3:4.

Olhando com visão profética para os perigosos tempos em que a igreja de Cristo estava para entrar, o apóstolo exortou os crentes a permanecerem firmes em face das provas e sofrimentos. “Amados”, escreveu ele, “não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse.”

As provas são parte da educação recebida na escola de Cristo, para purificar os filhos de Deus da escória do que é terreno. É porque Deus está guiando Seus filhos que lhes sobrevêm experiências decisivas. Provas e obstáculos são Seus métodos escolhidos de disciplina, e as condições por Ele indicadas para o êxito. Aquele que lê

os corações humanos conhece-lhes as fraquezas melhor do que eles mesmos as poderiam conhecer. Ele vê que alguns têm qualificações que, se apropriadamente dirigidas, poderiam ser usadas no avanço de Sua obra. Em Sua providência, Ele leva essas pessoas a diferentes posições e variadas circunstâncias, para que possam descobrir os defeitos que estão ocultos ao seu próprio conhecimento. Dá-lhes oportunidades de vencer esses defeitos, habilitando-se para o serviço. Não raro, permite que o fogo da aflição os abrase, a fim de serem purificados.

O cuidado de Deus por Sua herança é incessante. Ele não permite que sobrevenha a Seus filhos nenhuma aflição que não seja essencial ao seu bem presente e eterno. Deseja purificar Sua igreja da mesma maneira como Cristo purificou o templo durante Seu ministério terrestre. Tudo quanto Ele faz recair sobre Seu povo como provas, vem para que se alcance mais profunda piedade e maior força para levar avante os triunfos da Cruz. [295]

Houve um tempo na experiência de Pedro em que ele não se dispunha a ver a cruz na obra de Cristo. Quando o Salvador deu a conhecer aos discípulos os sofrimentos e morte que O esperavam, Pedro exclamou: "Senhor, tem compaixão de Ti; de modo nenhum Te acontecerá isso". Mateus 16:22. A compaixão própria, que se esquivava de seguir a Cristo no sofrimento, preparou as razões de Pedro. Foi para o discípulo uma amarga lição, que ele não aprendeu senão vagarosamente, a de que a senda de Cristo na Terra é feita de sofrimento e humilhação. Porém, na fornalha de fogo ardente devia ele aprender essa lição. Agora, quando seu corpo, antes ativo, estava curvado ao peso dos anos e trabalhos, pôde ele escrever: "Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo; para que também na revelação da Sua glória vos regozijeis e alegreis."

Dirigindo-se aos anciãos da igreja, no tocante a suas responsabilidades como subpastores do rebanho de Cristo, o apóstolo escreve: "Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho. E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória."

Os que ocupam a posição de subpastores devem exercer atento cuidado sobre o rebanho do Senhor. Isso não quer dizer vigilância ditatorial, mas com o objetivo de encorajar, fortalecer e a levantar. Ministrar significa mais que pregar sermões; significa trabalho zeloso e pessoal. A igreja na Terra é composta de homens e mulheres falíveis, que necessitam de esforços laboriosos e pacientes para que sejam disciplinados e educados para trabalhar de forma aceitável nesta vida, e serem na futura coroados de glória e imortalidade. Necessita-se de pastores — pastores fiéis — que não lisonjeiem o povo de Deus, nem o tratem com dureza, mas alimentem-no com o pão da vida — homens que sintam diariamente na vida o poder convertedor do Espírito Santo, e que cultivem amor forte e altruísta por aqueles por quem trabalham.

Há para o subpastor fazer uma obra que requer tato, quando é ele chamado a enfrentar a apostasia, descontentamento, inveja e ciúmes na igreja, e ele terá que trabalhar no espírito de Cristo para pôr as coisas em ordem. Fielmente devem ser advertidos, repreendido o pecado, endireitados os erros, não apenas pela obra do ministro no púlpito, mas por trabalho pessoal. O coração contumaz pode objetar à verdade e o servo de Deus pode estar sujeito a ser incompreendido e criticado. Lembre-se ele, portanto, que "a sabedoria que do alto vem é, primeiramente, pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia. Ora o fruto da justiça semeia-se na paz, para os que exercitam a paz". Tiago 3:17, 18. [296]

A obra do ministro do evangelho é "demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus". Efésios 3:9. Se alguém, ao entrar nesta obra, escolher a parte que demanda o menor sacrifício, contentando-se com pregar, e deixar a obra de ministério pessoal para outro, seu trabalho não será aceito por Deus. Pessoas por quem Cristo morreu estão perecendo por falta de trabalho pessoal bem dirigido; e tem se enganado a respeito do chamado quem, ao entrar para o ministério, não se dispuser ao trabalho pessoal que o cuidado do rebanho requer.

O espírito do verdadeiro pastor é de inteiro esquecimento de si mesmo. Ele perde de vista o eu para que possa fazer as obras de Deus. Pela pregação da Palavra e pelo ministério pessoal nos lares do povo, toma conhecimento de suas necessidades, tristezas e

provas; e, cooperando com Aquele que leva o maior fardo, participa das aflições deles, conforta-os em seus dissabores, farta-lhes a alma faminta e salva-lhes o coração para Deus. Nesta obra é o ministro assistido pelos anjos do Céu, sendo ele próprio instruído e iluminado na verdade que o torna sábio para a salvação.

Em relação com as instruções que dá aos que ocupam posições de responsabilidade na igreja, o apóstolo esboça alguns princípios gerais que deveriam ser seguidos por todos que estivessem incluídos na comunhão da igreja. Os membros mais novos do rebanho eram exortados a seguir o exemplo dos mais velhos na prática da humildade cristã. “Semelhantemente vós, mancebos, sede sujeitos aos anciãos; e sede todos sujeitos uns aos outros, e revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Humilhai-vos pois debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte; lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós. Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar. Ao qual resisti firmes na fé”. 1 Pedro 5:5-9.

Assim escreveu Pedro aos crentes num tempo de peculiar provação para a igreja. Muitos tinham já experimentado a participação nos sofrimentos de Cristo, e logo a igreja devia passar por um período de terrível perseguição. Dentro de breves anos, muitos dos que tinham sido mestres e líderes na igreja deviam depor a vida pelo evangelho. Logo se levantariam lobos devoradores que não poupariam o rebanho. Mas nada disso devia desencorajar aqueles cujas esperanças estavam centralizadas em Cristo. Com palavras de encorajamento e ânimo, Pedro dirigiu o pensamento dos crentes das presentes provas e futuras cenas de sofrimento “para uma herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar”. 1 Pedro 1:4. “E o Deus de toda graça”, orou ele com fervor, “que em Cristo Jesus vos chamou à Sua eterna glória, depois de haverdes padecido um pouco, Ele mesmo vos aperfeiçoará, confirmará, fortificará e fortalecerá. A Ele seja a glória e o poderio para todo o sempre. Amém”. [297] 1 Pedro 5:10, 11.

Capítulo 52 — Firme até o fim

Este capítulo é baseado na Epístola Segunda Epístolas de Pedro.

Na segunda carta enviada por Pedro aos que com ele haviam alcançado "fé igualmente preciosa", o apóstolo expôs o plano divino para desenvolvimento do caráter cristão. Escreveu: "Graça e paz vos sejam multiplicadas, pelo conhecimento de Deus, e de Jesus nosso Senhor; visto como o Seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento dAquele que nos chamou por Sua glória e virtude; pelas quais Ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiqueis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo."

"E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, e à ciência temperança, e à temperança paciência, e à paciência piedade, e à piedade amor fraternal; e ao amor fraternal caridade. Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estéreis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo". 2 Pedro 1:1-8.

Essas palavras são plenas de instrução e tratam do que é fundamental. O apóstolo apresenta perante os crentes a escada do progresso cristão, cujos degraus representam cada qual um acréscimo no conhecimento de Deus e em cuja ascensão não deve haver parada. Fé, virtude, ciência, temperança, paciência, piedade, amor fraternal e caridade são os degraus da escada. Permanecemos salvos ao subir degrau a degrau, passo após passo, para o alto ideal de Cristo para nós. Assim é Ele feito para nós sabedoria, e justiça, e santificação e redenção.

Deus tem chamado Seu povo para glória e virtude, e isso deve manifestar-se na vida de todo o que verdadeiramente se associa a Ele. Havendo-se tornado participantes do dom celestial, devem prosseguir para a perfeição, "guardados na virtude de Deus para a salvação". 1 Pedro 1:5. Para Deus, a glória é conceder Ele Sua

virtude a Seus filhos. Ele deseja ver homens e mulheres alcançarem a mais elevada norma; e quando pela fé se apegarem ao poder de Cristo, quando pleitearem Suas infalíveis promessas, considerando-as como suas, quando com persistência buscarem o poder do Espírito Santo que lhes não será negado, então se farão completos nEle.

Tendo recebido a fé do evangelho, o trabalho seguinte do crente é acrescentar virtude a seu caráter, e assim purificar o coração e preparar a mente para a recepção do conhecimento de Deus. Esse [298] conhecimento é a base de toda educação e serviço verdadeiros. É a única salvaguarda real contra a tentação; e essa é a única coisa que pode tornar alguém semelhante a Deus no caráter. Mediante o conhecimento de Deus e de Seu Filho Jesus Cristo, é dado ao crente "tudo o que diz respeito à vida e piedade". 2 Pedro 1:3. Nenhuma boa dádiva é retida daquele que sinceramente deseja obter a justiça de Deus.

"E a vida eterna é esta", disse Jesus, "que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". João 17:3. E o profeta Jeremias declarou: "Não se glorie o sábio na sua sabedoria; nem se glorie o forte na sua força; não se glorie o rico nas suas riquezas; mas o que se gloriar glorie-se nisto: em Me conhecer e saber que Eu sou o Senhor, que faço beneficência, juízo e justiça na Terra; porque destas coisas Me agrado, diz o Senhor". Jeremias 9:23, 24. Apenas de maneira vaga pode a mente humana compreender a largura e a profundidade e a altura das realizações espirituais de quem alcança esse conhecimento.

Ninguém precisa deixar de alcançar em sua esfera a perfeição do caráter cristão. Pelo sacrifício de Cristo, foi tomada providência para que o crente receba todas as coisas que dizem respeito à vida e piedade. Deus nos convida a alcançarmos a norma da perfeição, e põe diante de nós o exemplo do caráter de Cristo. O Salvador mostrou, por meio de Sua humanidade consumada por uma vida de constante resistência ao mal, que, com a cooperação da Divindade, podem os seres humanos alcançar nesta vida a perfeição de caráter. Essa é a certeza que Deus nos dá de que também nós podemos alcançar a vitória completa.

Perante o crente é apresentada a maravilhosa possibilidade de ser semelhante a Cristo, obediente a todos os princípios da lei. Mas por si mesmo é o homem absolutamente incapaz de alcançar essa condição.

A santidade que a Palavra de Deus declara dever ele possuir antes que possa ser salvo, é o resultado da operação da divina graça, ao submeter-se à disciplina e restritoras influências do Espírito de verdade. A obediência do homem só pode ser aperfeiçoada pelo incenso da justiça de Cristo, o qual enche com a divina fragrância cada ato de obediência. A parte do cristão é perseverar em vencer cada falta. Constantemente deve orar para que o Salvador sare os distúrbios de sua vida enferma pelo pecado. Ele não tem a sabedoria nem a força para vencer; isso pertence ao Senhor, e Ele as outorga a todos os que em humildade e contrição dEle buscam auxílio.

A obra de transformação da impiedade para a santidade é contínua. Dia a dia, Deus atua para a santificação do ser humano, e o homem deve cooperar com Ele, desenvolvendo perseverantes esforços para o cultivo de hábitos corretos. Deve acrescentar graça à graça; e assim procedendo num plano de adição, Deus atua por ele num plano de multiplicação. Nosso Salvador está sempre pronto a ouvir e responder à oração do coração contrito, e graça e paz são multiplicadas a Seus fiéis seguidores. Alegremente lhes concede [299] as bênçãos de que necessitam em sua luta contra os males que os cercam.

Há os que querem subir a escada do progresso cristão mas, ao avançarem, começam a pôr a confiança na capacidade humana, e logo perdem de vista Jesus, Autor e Consumador de sua fé. O resultado é fracasso e perda de tudo o que foi ganho. Verdadeiramente lamentável é a condição dos que, perdendo-se no caminho, permitem que o inimigo lhes roube as graças cristãs que lhes estiveram em desenvolvimento no coração e na vida. "Aquele em quem não há estas coisas", declara o apóstolo, "é cego, nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da purificação de seus antigos pecados". 2 Pedro 1:9.

O apóstolo Pedro tivera longa experiência nas coisas de Deus. Sua fé no poder de Deus para salvar se fortalecera com os anos, até alcançar a prova suficiente de que não há possibilidade de fracasso para aquele que, avançando pela fé, sobe degrau a degrau, sempre para cima e para a frente, em direção ao último degrau da escada que alcança os próprios portais do Céu.

Por muitos anos, estivera Pedro insistindo com os crentes sobre a necessidade do crescimento constante na graça e no conhecimento

da verdade e então, sabendo que logo deveria ser levado a sofrer martírio por sua fé, uma vez mais chamou a atenção para os preciosos privilégios que estão ao alcance de todo crente. Com ampla certeza de fé, o idoso discípulo exortou os irmãos à firmeza de propósito na vida cristã. "Procurai", suplica-lhes, "fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis. Porque assim vos será amplamente concedida entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo". 2 Pedro 1:10, 11. Preciosa garantia! Gloriosa é a esperança oferecida ao crente, ao avançar ele pela fé em direção às alturas da perfeição cristã!

"Pelo que", continuou o apóstolo, "não deixarei de exortar-vos sempre acerca destas coisas ainda que bem as saibais, e estejais confirmados na presente verdade. E tenho por justo, enquanto estiver neste tabernáculo, despertar-vos com admoestações: Sabendo que brevemente hei de deixar este meu tabernáculo, como também nosso Senhor Jesus Cristo já mo tem revelado. Mas também eu procurarei em toda a ocasião que depois da minha morte tenhais lembrança destas coisas". 2 Pedro 1:12-15.

O apóstolo estava bem qualificado para falar dos propósitos de Deus com respeito à raça humana; pois durante o ministério terrestre de Cristo ele vira e ouvira muito do que pertencia ao reino de Deus. "Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas," recordava ele aos crentes, "mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da Sua majestade, pois Ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela glória excelsa Lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo. Ora, esta voz vinda do Céu, nós a ouvimos quando estávamos com Ele no [300] monte santo". 2 Pedro 1:16-18.

No entanto, por convincente que fosse essa prova da certeza da esperança dos crentes, havia contudo outra evidência ainda mais convincente no testemunho da profecia, através do qual a fé de todos pode ser confirmada e ancorada com segurança. "E temos, mui firme, a palavra dos profetas", declarou Pedro "à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em vossos corações. Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por

vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo”. 2 Pedro 1:19-21.

Ao mesmo tempo que exaltava a “firme palavra dos profetas” como guia seguro em tempos de perigo, o apóstolo solenemente advertia a igreja contra a tocha da falsa profecia, que seria erguida por “falsos doutores”, os quais introduzirão encobertamente “heresias de perdição, e negarão o Senhor”. 2 Pedro 2:1. Esses falsos mestres que apareceriam na igreja e seriam considerados verdadeiros por muitos de seus irmãos na fé, são comparados pelo apóstolo a “fontes sem água, nuvens levadas pela força do vento; para os quais a escuridão das trevas eternamente se reserva”. 2 Pedro 2:17. “Tornou-se-lhes o último estado”, declarou ele, “pior do que o primeiro” “Porque melhor lhes fora não conhecerem o caminho da justiça, do que, conhecendo-o, desviarem-se do santo mandamento que lhes fora dado”. 2 Pedro 2:20, 21.

Olhando através dos séculos para o fim do tempo, Pedro foi inspirado a esboçar as condições que prevaleceriam no mundo antes da segunda vinda de Cristo. “Nos últimos dias virão escarnecedores”, escreveu, “andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da Sua vinda? Porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação”. 2 Pedro 3:3, 4. Mas “quando disserem: Há paz e segurança; então lhes sobrevirá repentina destruição”. 1 Tessalonicenses 5:3. Nem todos, porém, seriam enganados pelos ardis do inimigo. Ao aproximar-se o fim de todas as coisas terrestres, haveria fiéis capazes de discernir os sinais dos tempos. Embora um grande número de professos crentes negasse a sua fé por suas obras, haveria um remanescente que perseveraria até o fim.

Pedro conservou viva em seu coração a esperança da volta de Cristo, e assegurou à igreja a certeza do cumprimento da promessa do Salvador: “Se Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo”. João 14:3. Aos provados e fiéis a vinda de Cristo poderia parecer estar sendo demasiado demorada, mas o apóstolo assegurou-lhes: “O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no

qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, [301] se desfarão, e a Terra, e as obras que nela há, se queimarão."

"Havendo pois de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade, aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a Sua promessa, aguardamos novos céus e nova Terra, em que habita a justiça. Pelo que, amados, aguardando estas coisas, procurai que dEle sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz. E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor; como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada. [...] Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados, e descaiais da vossa firmeza; antes crescei na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo". 2 Pedro 3:11-18.

Na providência de Deus, foi permitido a Pedro encerrar seu ministério em Roma, onde sua prisão foi ordenada pelo imperador Nero, aproximadamente ao tempo da última prisão de Paulo. Assim os dois apóstolos veteranos, que por muitos anos tinham estado separados pela distância, em seu trabalho, deviam dar seu último testemunho em favor de Cristo na metrópole do mundo, e sobre seu solo derramar o sangue como a semente de uma vasta colheita de santos e mártires.

Desde sua reintegração depois de haver negado a Cristo, Pedro enfrentara firmemente o perigo, e mostrara nobre coragem em pregar um Salvador crucificado, ressuscitado e assunto ao Céu. Em sua cela, recordava as palavras que Cristo havia falado a seu respeito: "Na verdade, na verdade te digo que, quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo, e andavas por onde querias; mas, quando já fores velho, estenderás as tuas mãos; e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queiras". João 21:18. Assim fizera Jesus conhecer ao discípulo a própria maneira de sua morte, e predissera mesmo o estender de suas mãos sobre a cruz.

Pedro, como um estrangeiro judeu, foi condenado a ser açoitado e crucificado. Na perspectiva dessa terrível morte, o apóstolo lembrou seu grande pecado em haver negado a Jesus na hora de Seu julgamento. Não preparado, então, para reconhecer a cruz, consi-

derava agora uma alegria entregar a vida pelo evangelho, sentindo tão-somente que, para ele que negara seu Senhor, morrer da mesma maneira por que seu Mestre morrera, lhe era uma honra demasiado grande. Pedro havia-se arrependido sinceramente daquele pecado, e tinha sido perdoado por Cristo, o que se revelava pela alta missão a ele dada para alimentar as ovelhas e cordeiros do rebanho. Ele, porém, nunca pôde perdoar a si mesmo. Nem mesmo o pensamento das agonias da última e terrível cena puderam diminuir a amargura de sua tristeza e arrependimento. Como último favor, rogou aos seus algozes que fosse pregado na cruz de cabeça para baixo. O pedido foi atendido, e dessa maneira morreu o grande apóstolo Pedro. [302]

Capítulo 53 — João, o discípulo amado

João é distinguido dos outros apóstolos como o "discípulo a quem Jesus amava". João 21:20. Parece haver ele alcançado preeminente grau de amizade com Cristo, e recebido muitas provas da confiança e amor do Salvador. Foi ele um dos três a quem se permitiu testemunhar a glória de Cristo sobre o monte da transfiguração e Sua agonia do Getsêmani, e foi a seu cuidado que o Senhor confiou Sua mãe nas últimas horas de angústia sobre a cruz.

A afeição do Salvador pelo amado discípulo foi correspondida em toda a força de ardente devoção. João se apegou a Cristo como a vinha se apega à majestosa coluna. Por amor do Mestre enfrentou os perigos da sala de julgamento, e permaneceu próximo a cruz; e às novas de que Cristo havia ressuscitado, apressou-se a ir ao sepulcro, e em seu zelo levou a dianteira mesmo ao impetuoso Pedro.

O confiante amor e devoção altruísta manifestados na vida e no caráter de João apresentam lições de grande valor para a igreja cristã. João não possuía por índole a amabilidade de caráter que sua experiência posterior revelou. Ele tinha, por natureza, graves defeitos. Não somente era orgulhoso, presumido e ambicioso de honras, mas impetuoso e vingativo quando injuriado. Ele e seu irmão eram chamados "filhos do trovão". Marcos 3:17. O mau gênio, o desejo de vingança, o espírito de crítica, tudo isso se encontrava no discípulo amado. Mas atrás dessas coisas o divino Mestre viu o ardente, sincero e amante coração. Jesus repreendeu seu egoísmo, desapontou suas ambições, provou-lhe a fé. Mas revelou-lhe o que sua alma almejava — a beleza da santidade, o transformador poder do amor.

Os defeitos do caráter de João revelaram-se fortemente em várias ocasiões durante sua associação pessoal com o Salvador. Uma vez, Cristo enviou mensageiros diante dEle a uma vila dos samaritanos, pedindo ao povo para preparar hospedagem para Si e Seus discípulos. Mas quando o Salvador Se aproximou da cidade, manifestou desejo de prosseguir para Jerusalém. Isso despertou a inveja

dos samaritanos, e em vez de convidá-Lo para permanecer com eles, recusaram-Lhe a cortesia que teriam dispensado a um viajante comum. Jesus jamais impôs Sua presença a quem quer que seja, e os samaritanos perderam a bênção que teriam recebido, caso O tivessem convidado a ser seu hóspede. [303]

Os discípulos sabiam que era propósito de Cristo abençoar os samaritanos mediante Sua presença; e a frieza, a inveja, o desrespeito mostrados para com seu Mestre encheu-os de surpresa e indignação. Tiago e João especialmente se agitaram. Que Aquele a quem tão altamente reverenciavam fosse assim tratado, parecia-lhes falta demasiado grave para ficar sem imediata punição. Em seu zelo disseram: "Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez?" (Lucas 9:54) referindo-se à destruição dos capitães samaritanos e seus soldados enviados para buscar o profeta Elias. Ficaram surpresos ao verem que Jesus Se molestara com suas palavras, e mais surpresos ficaram ainda quando Sua reprovação lhes alcançou os ouvidos: "Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las". Lucas 9:54-56.

Não faz parte da missão de Cristo compelir as pessoas a recebê-Lo. É Satanás, e homens manejados por seu espírito, que procuram forçar a consciência. Sob pretenso zelo pela justiça, homens confederados com anjos maus levam algumas vezes o sofrimento a seus semelhantes para convertê-los a suas idéias de religião; mas Cristo está sempre mostrando misericórdia, sempre procurando salvar pela revelação de Seu amor. Ele não admite rival no coração, nem aceita serviço parcial; deseja somente serviço voluntário, voluntária entrega do coração constrangido pelo amor.

Em outra ocasião, Tiago e João apresentaram por intermédio de sua mãe um pedido para que lhes fosse permitido ocupar a mais alta posição de honra no reino de Cristo. Não obstante a repetida instrução de Cristo com respeito à natureza de Seu reino, esses jovens discípulos ainda acariciavam a esperança por um Messias que tomasse Seu trono e real poder de acordo com os desejos humanos. A mãe, cobiçando juntamente o lugar de honra nesse reino para seus filhos, suplicou: "Dize que estes meus dois filhos se assentem um à Tua direita e outro à Tua esquerda, no Teu reino". Mateus 20:21.

O Salvador, porém, respondeu: "Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que Eu hei de beber, e ser batizados com o batismo com que Eu sou batizado?" Mateus 20:22. Eles recordaram Suas misteriosas palavras que indicavam prova e sofrimento, contudo responderam confiantes: "Podemos" Consideravam eles a mais alta honra provar sua lealdade partilhando de tudo o que sobreviesse a seu Senhor.

"Na verdade bebereis o Meu cálice", declarou Cristo — diante dEle uma cruz em vez de um trono, Seus companheiros dois malfeitores, um a Sua direita e o outro a Sua esquerda. Tiago e João deviam ser participantes com seu Mestre no sofrimento — um, destinado à própria morte pela espada; o outro, o que dentre os discípulos por mais tempo devia seguir seu Mestre em trabalho, injúria e perseguição. "Mas o assentar-se à Minha direita ou à Minha esquerda", continuou Jesus, "não Me pertence dá-lo, mas é para aqueles para [304] quem Meu Pai o tem preparado". Mateus 20:23.

Jesus compreendeu o motivo que animava o pedido, e assim reprovou o orgulho e ambição dos dois discípulos: "Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja o vosso serviçal; e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo; bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a Sua vida em resgate de muitos". Mateus 20:25-28.

Não se alcança posição no reino de Deus mediante favoritismo. Não é adquirida nem recebida mediante concessão arbitrária. É o resultado do caráter. A coroa e o trono são a prova de uma condição conquistada — prova do domínio do eu por meio da graça de nosso Senhor Jesus Cristo.

Muito tempo depois, quando João havia sido levado à apreciação de Cristo mediante participação nos Seus sofrimentos, o Senhor Jesus lhe revelou a condição de estar perto de Seu reino. "Ao que vencer", disse Cristo, "lhe concederei que se assente comigo no Meu trono; assim como Eu venci, e Me assentei com Meu Pai no Seu trono". Apocalipse 3:21. Aquele que permanece mais próximo de Cristo é o que tem bebido mais profundamente de Seu espírito de amor que vai ao sacrifício — amor que "não trata com leviandade, não se ensoberbece... não busca os seus interesses, não se

irrita, não suspeita mal" (1 Coríntios 13:4, 5) — amor que atua no discípulo, como atuou em nosso Senhor, levando-O a dar tudo, a viver, a trabalhar e sacrificar-Se até à própria morte, pela salvação da humanidade.

Em outra ocasião, durante suas primeiras atividades evangelísticas, Tiago e João encontraram alguém que, embora não fosse reconhecido seguidor de Cristo, estava expulsando demônios em Seu nome. Os discípulos proibiram-no de fazê-lo, e julgaram que estavam certos assim procedendo. Mas quando expuseram o assunto a Cristo, Ele os reprovou, dizendo: "Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagres em Meu nome e possa logo falar mal de Mim". Marcos 9:39. Ninguém que se mostre de alguma maneira amigo de Cristo deve ser repudiado. Os discípulos não deviam acariciar um espírito estreito, exclusivista, mas sim manifestar a mesma profunda simpatia que tinham visto na vida de seu Mestre. Tiago e João haviam pensado que proibindo este homem estavam tendo em conta a honra do Senhor; mas começavam a ver que o que tinham era ciúme do que era seu. Reconheceram seu erro e aceitaram a reprovação.

As lições de Cristo apresentando a mansidão, humildade e amor como essenciais ao crescimento na graça e como condição para Seu trabalho, foram do mais alto valor para João. Ele entesourou cada lição, e constantemente procurou levar sua vida em harmonia com o divino padrão. João tinha começado a discernir a glória de Cristo — não a pompa e o poder terrenos que tinha sido ensinado a esperar, mas "a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade". João 1:14. [305]

A fervente e profunda afeição de João por seu Mestre não era a causa do amor de Cristo por ele, mas o efeito desse amor. João desejava tornar-se semelhante a Jesus; e sob a transformadora influência do amor de Cristo, tornou-se manso e meigo. O eu estava escondido em Jesus. Mais que todos os seus companheiros, João se rendeu ao poder dessa extraordinária vida. Diz ele: "Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos". 1 João 1:2. "E todos nós recebemos também da Sua plenitude, e graça por graça". João 1:16. João teve do Salvador um conhecimento experimental. As lições de seu Mestre ficaram-lhe gravadas na mente. Quando testificava da graça do

Salvador, sua linguagem simples tornava-se eloqüente com o amor que lhe permeava todo o ser.

Foi o profundo amor de João por Cristo que o levou a desejar estar sempre a Seu lado. O Salvador amava todos os doze, mas o espírito de João era mais receptivo. Ele era mais jovem que os outros, e com confiança mais que infantil abria o coração a Jesus. Assim, ligou-se por maior afeição a Cristo, e por meio dele os mais profundos ensinos espirituais do Salvador foram comunicados ao povo.

Jesus ama aos que representam o Pai, e João podia falar do amor do Pai como nenhum outro discípulo poderia fazê-lo. Ele revelou a seus semelhantes o que sentia no coração, representando em seu caráter os atributos de Deus. A glória do Senhor se revelava em sua face. A beleza da santidade que o havia transformado irradiava de seu semblante com a glória de Cristo. Com adoração e amor contemplou ele o Salvador até que assemelhar-se a Ele e com Ele familiarizar-se, tornou-se-lhe o único desejo, e em seu caráter se refletia o caráter de seu Mestre.

“Vede”, disse ele, “que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; [...] Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a [306] Ele, porque haveremos de vê-Lo como Ele é”. 1 João 3:1, 2.

Capítulo 54 — Uma fiel testemunha

Este capítulo é baseado sobre as Epístolas de João.

Após a ascensão de Cristo, João permaneceu como fiel e ardoroso obreiro do Mestre. Juntamente com os demais discípulos fruiu o derramamento do Espírito no dia do Pentecostes, e com novo zelo e poder continuou a falar ao povo as palavras de vida, procurando levar seus pensamentos para o invisível. Era um pregador de poder, fervoroso e profundamente sincero. Em bela linguagem e voz musical, falou das palavras e obras de Cristo, expressando-se de maneira a impressionar o coração dos que o ouviam. A simplicidade de suas palavras, o sublime poder das verdades proferidas e o fervor que lhe caracterizava os ensinos, deram-lhe acesso a todas as classes.

A vida do apóstolo estava em harmonia com seus ensinos. O amor de Cristo que ardia em seu coração, induziu-o a empenhar-se em fervorosa e incansável atividade por seus semelhantes, especialmente por seus irmãos na igreja cristã.

Cristo ordenara aos primeiros discípulos amarem-se uns aos outros como Ele os amara. Assim deviam dar testemunho ao mundo de que Cristo estava formado neles, a esperança da glória. "Um novo mandamento vos dou", disse Ele, "que vos ameis uns aos outros". João 13:34. Ao tempo em que essas palavras foram pronunciadas, os discípulos não as puderam compreender; mas depois de haverem testemunhado os sofrimentos de Cristo, depois de Sua crucificação, ressurreição e ascensão ao Céu, e após haver o Espírito Santo repousado sobre eles no dia do Pentecostes, tiveram mais clara compreensão do amor de Deus, e da natureza desse amor que deviam possuir uns pelos outros. Então, pôde João dizer a seus companheiros: "Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a Sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos". 1 João 3:16.

Depois da descida do Espírito Santo, quando os discípulos saíram para proclamar um Salvador vivo, seu único desejo era a salvação dos perdidos. Rejubilavam-se na doçura da comunhão com os santos.

Eram ternos, prestativos, abnegados, voluntários em fazer qualquer sacrifício pelo amor da verdade. Em seu contato diário entre si, revelavam aquele amor que Cristo lhes ordenara. Por palavras e obras de altruísmo, procuravam acender esse amor em outros corações.

Um tal amor deviam os crentes sempre acariciar. Deviam viver em obediência voluntária ao novo mandamento. Tão intimamente [307] tinham de estar unidos com Cristo a ponto de estar habilitados a cumprir todos os seus reclamos. Sua vida devia magnificar o poder de um Salvador que poderia justificá-los por Sua justiça.

Mas gradualmente se operou uma mudança. Os crentes começaram a olhar os defeitos uns dos outros. Demorando-se sobre os erros, dando lugar a severo criticismo, perderam de vista o Salvador e Seu amor. Tornaram-se mais estritos na observância de cerimônias exteriores, mais rigorosos na teoria que na prática da fé. Em seu zelo para condenar a outros, passavam por alto os próprios erros. Perderam o amor fraternal que Cristo lhes ordenara, e, o que é mais triste, não tinham consciência dessa perda. Não reconheceram que a felicidade e a alegria lhes estavam abandonando a vida, e que, havendo excluído o amor de Deus do coração, estariam logo andando em trevas.

João, sentindo que o amor fraternal estava diminuindo na igreja, insistiu com os crentes sobre a constante necessidade deste amor. Suas cartas à igreja estão repletas deste pensamento. "Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o Seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dEle. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou e enviou o Seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros". 1 João 4:7-11.

Sobre o sentido especial em que esse amor deveria ser manifestado pelos crentes, escreve o apóstolo: "Todavia, vos escrevo novo mandamento, aquilo que é verdadeiro nele e em vós, porque as trevas se vão dissipando, e a verdadeira luz já brilha. Aquele que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora, está nas trevas. Aquele que ama a seu irmão permanece na luz, e nele não há nenhum tro-

peço. Aquele, porém, que odeia a seu irmão está nas trevas, e anda nas trevas, e não sabe para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos”. 1 João 2:8-11. “Porque esta é a mensagem que ouvimos desde o princípio: que nos amemos uns aos outros”. 1 João 1:5. “Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte. Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si. Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a Sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos”. 1 João 3:14-16.

Não é a oposição do mundo o que mais ameaça a igreja de Cristo. É o mal abrigado no coração dos crentes que acarreta suas mais graves derrotas, e mais seguramente retarda o progresso da causa de Deus. Não há maneira mais certa de debilitar a espiritualidade que acariciar a inveja, a suspeita, a crítica e as vis desconfianças. [308] Por outro lado, o mais forte testemunho de haver Deus enviado Seu Filho ao mundo é a existência de harmonia e união entre os homens de variados temperamentos que compõem Sua igreja. É privilégio dos seguidores de Cristo dar este testemunho. Mas para isso fazer, precisam colocar-se sob o comando de Cristo. O caráter deles precisa conformar-se ao Seu caráter, e a vontade deles à Sua vontade.

“Um novo mandamento vos dou”, disse Cristo, “que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis”. João 13:34. Que maravilhosa afirmação; mas oh! quão pouco praticada! O amor fraternal está tristemente faltando na igreja de Deus hoje em dia. Muitos que professam amar o Salvador não se amam uns aos outros. Os incrédulos estão observando para ver se a fé dos professos cristãos está exercendo sobre sua vida uma influência santificadora; e eles são ligeiros em discernir os efeitos no caráter, as incoerências na ação. Não permitam os cristãos ao inimigo apontá-los e dizer: Vejam como esse povo, permanecendo sob a bandeira de Cristo odeiam uns aos outros. Os cristãos são todos membros de uma família, filhos todos do mesmo Pai celestial, com a mesma bendita esperança da imortalidade. Muito íntimo e terno deve ser o laço que os une.

O amor divino faz seus mais tocantes apelos ao coração quando requer que manifestemos a mesma terna compaixão que Cristo manifestou. Somente o homem que tem no coração amor altruísta por

seus irmãos, tem verdadeiro amor a Deus. O verdadeiro cristão não permitirá voluntariamente que a pessoa em perigo e necessidade prossiga sem advertência e sem ajuda. Ele não se esquivará dos que estão em erro, deixando-os afundarem-se na infelicidade e no desânimo, ou caírem no campo de batalha de Satanás.

Os que nunca experimentaram o amor terno e cativante de Cristo não podem guiar outros à fonte da vida. Seu amor no coração é um poder que constrange e que leva os homens a revelarem-nO na conversação, no espírito misericordioso e terno, no reerguimento da vida daqueles com quem se associam. Para ter êxito em seus esforços devem os obreiros cristãos conhecer a Cristo; e para conhecê-Lo, precisam conhecer Seu amor. No Céu, sua aptidão como obreiros é medida por sua habilidade em amar como Cristo amou e trabalhar como Ele trabalhou.

"Não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade" (1 João 3:18), escreveu o apóstolo. Atinge-se a plenitude do caráter de Cristo quando o impulso para auxiliar e abençoar a outros brota constantemente do íntimo. É a atmosfera desse amor circundando o próprio crente que o torna um cheiro de vida para vida, e permite que Deus lhe abençoe o serviço.

Supremo amor por Deus e desinteressado amor mútuo — eis o melhor dom que nosso Pai celestial pode conceder. Esse amor não é um impulso, mas um princípio divino, um poder permanente. O [309] coração não consagrado não o pode criar ou produzir. Ele somente é achado no coração em que Jesus reina. "Nós O amamos a Ele porque Ele nos amou primeiro". 1 João 4:19. No coração renovado pela graça divina, o amor é o princípio que regula a ação. Ele modifica o caráter, governa os impulsos, controla as paixões e enobrece as afeições. Esse amor, acariciado no coração, ameniza a vida e derrama influência enobrecedora ao redor.

João procurou levar os crentes a compreender os elevados privilégios que lhes adviriam mediante o exercitarem o espírito de amor. Esse poder redentor, enchendo o coração, controlará todos os outros motivos, e colocará seus possuidores acima das influências corruptoras do mundo. E à medida que a esse amor fosse permitido agir amplamente e tornar-se o motivo impelente na vida, sua esperança e confiança em Deus e Seu trato para com eles seriam completos. Poderiam, então, vir a Ele em plena confiança de fé, sabendo que

receberiam dEle tudo quanto fosse necessário para o seu bem presente e eterno. "Nisto é em nós aperfeiçoado o amor, para que, no dia do juízo, mantenhamos confiança; pois, segundo Ele é, também nós somos neste mundo. No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor". 1 João 4:17, 18. "E essa é a confiança que temos nEle, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a Sua vontade, Ele nos ouve. E... sabemos que alcançamos as petições que Lhe fizemos". 1 João 5:14, 15.

"E, se alguém pecar, temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo". 1 João 2:1, 2. "Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça". 1 João 1:9. As condições para se alcançar misericórdia de Deus são simples e razoáveis. O Senhor não requer que façamos alguma coisa penosa para alcançarmos perdão. Não precisamos fazer longas e exaustivas peregrinações ou praticar dolorosas penitências para encomendar nossa alma ao Deus do Céu ou expiar nossa transgressão. Aquele que "confessa e deixa" os seus pecados "alcançará misericórdia". Provérbios 28:13.

Nos tribunais do Céu, Cristo está a interceder por Sua igreja — advogando a causa daqueles cujo preço de redenção Ele pagou com o Seu próprio sangue. Séculos e eras nunca poderão diminuir a eficácia de Seu sacrifício expiatório. Nem a morte, nem a vida, altura ou profundidade, nada nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus; não porque a Ele nos apeguemos com firmeza, mas porque Ele nos segura com Sua forte mão. Se nossa salvação dependesse de nossos próprios esforços não nos poderíamos salvar; mas ela depende de Alguém que está por trás de todas as promessas. Nosso apego a Ele pode ser débil, mas Seu amor é como de um irmão mais velho; enquanto nos mantivermos em união com Ele, ninguém nos poderá arrancar de Sua mão. [310]

Enquanto os anos passavam e o número dos crentes aumentava, João trabalhava pelos irmãos com crescente fidelidade e devotamento. Os tempos eram cheios de perigo para a igreja. Enganos satânicos existiam por toda parte. Por meio de adulteração e falsificação os emissários de Satanás buscavam suscitar oposição às

doutrinas de Cristo; e como conseqüência disso, dissensões e heresias estavam pondo em perigo a igreja. Alguns que professavam a Cristo pretendiam que Seu amor os havia libertado da obediência à lei de Deus. Por outro lado, muitos ensinavam que era necessário observar as cerimônias e os costumes judaicos; que a mera observância da lei, sem fé no sangue de Cristo, era suficiente para a salvação. Outros sustentavam que Cristo fora um homem bom, mas negavam Sua divindade. Alguns que simulavam ser leais à causa de Deus eram enganadores e, na prática, negavam a Cristo e Seu evangelho. Vivendo eles mesmos em transgressão, introduziam heresias na igreja. Muitos eram assim levados a um labirinto de ceticismo e engano.

João enchia-se de tristeza ao ver surgirem na igreja esses venenosos erros. Viu os perigos a que a igreja seria exposta, e enfrentou a emergência com prontidão e decisão. As epístolas de João respiram o espírito de amor. É assim como se ele escrevesse com a tinta do amor. Mas quando entrou em contato com os que estavam a quebrar a lei de Deus, embora declarando estar vivendo sem pecado, não hesitou em adverti-los de seu perigoso engano.

Escrevendo a uma auxiliar na obra do evangelho, uma mulher de boa reputação e grande influência, disse ele: "Já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo. Olhai por vós mesmos, para que não percamos o que temos ganhado; antes, recebamos o inteiro galardão. Todo aquele que prevarica e não persevera na doutrina de Cristo não tem a Deus; quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz essa doutrina, não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis. Porque quem o saúda tem parte nas suas más obras". 2 João 1:7-11.

Estamos autorizados a ter na mesma consideração indicada pelo discípulo amado os que alegam permanecer em Cristo ao mesmo tempo que vivem em transgressão da lei de Deus. Existem nestes últimos dias males semelhantes àqueles que ameaçavam a prosperidade da igreja primitiva; e os ensinos do apóstolo João sobre estes pontos deveriam ser cuidadosamente considerados. "Necessitais mostrar amor", é o clamor que se ouve em todos os lugares, principalmente da parte daqueles que professam santificação. Mas o

verdadeiro amor é demasiado puro para acobertar um pecado não confessado. Conquanto devamos amar as pessoas por quem Cristo morreu, não nos devemos comprometer com o mal. Não podemos nos unir aos rebeldes e chamar a isso amor. Deus requer de Seu povo [311] nesta fase do mundo que permaneça firme pelo direito, tanto quanto João em oposição aos erros que arruínam as pessoas.

O apóstolo ensina que embora devamos manifestar cortesia cristã, estamos autorizados a tratar em termos claros com o pecado e os pecadores; que isso não está em desarmonia com o verdadeiro amor. "Qualquer que comete pecado", escreveu ele, "também comete iniqüidade; porque o pecado é iniqüidade. E bem sabeis que Ele Se manifestou para tirar os nossos pecados; e nEle não há pecado. Qualquer que permanece nEle não peca; qualquer que peca não O viu nem O conheceu". 1 João 3:4-6.

Como testemunha de Cristo, João não se empenhou em controvérsia nem em debates inúteis. Declarou o que sabia, o que tinha visto e ouvido. Havia estado intimamente relacionado com Cristo, tinha-Lhe ouvido os ensinos, testemunhado Seus poderosos milagres. Poucos puderam, como João, ver as belezas do caráter de Cristo. Para ele, as trevas tinham passado; brilhava a verdadeira luz. Seu testemunho com respeito à vida e morte do Salvador era claro e penetrante. Da abundância que havia no coração brotava o amor pelo Salvador enquanto ele falava; e poder algum lhe podia impedir as palavras.

"O que era desde o princípio", declarou, "o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida; [...] o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com Seu Filho Jesus Cristo". 1 João 1:1, 3.

Assim pode estar todo verdadeiro crente habilitado, através de sua própria experiência, a confirmar "que Deus é verdadeiro". João 3:33. Pode dar testemunho daquilo que viu, ouviu e sentiu do poder de Cristo. [312]

Capítulo 55 — Transformado pela graça

Na vida do discípulo João é exemplificada a verdadeira santificação. Durante os anos de sua íntima relação com Cristo foi ele muitas vezes advertido e admoestado pelo Salvador; e aceitou essas repreensões. Quando o caráter do Ser divino lhe foi manifestado, João viu suas próprias deficiências, e foi feito humilde pela revelação. Dia a dia, em contraste com seu próprio espírito violento, ele observava a ternura e longanimidade de Jesus e ouvia-Lhe as lições de humildade e paciência. Dia a dia, seu coração era atraído para Cristo, até que perdeu de vista o próprio eu no amor pelo Mestre. O poder e ternura, a majestade e brandura, o vigor e a paciência que ele via na vida diária do Filho de Deus, encheram-lhe a alma de admiração. Ele submeteu seu temperamento ambicioso e vingativo ao modelador poder de Cristo, e o divino amor operou nele a transformação do caráter.

Em evidente contraste com a santificação operada na vida de João está a experiência de seu companheiro Judas. Como João, Judas professava ser discípulo de Cristo, mas possuía apenas uma aparência de piedade. Ele não era insensível à beleza do caráter de Cristo; e muitas vezes, ao ouvir as palavras do Salvador, vinha-lhe a convicção, mas ele não humilhava o coração nem confessava seus pecados. Resistindo à divina influência desonrou o Mestre a quem professava amar. João guerreou ferozmente contra suas faltas; mas Judas violava a consciência e cedia à tentação, mais se lhe robustecendo os hábitos do mal. A prática das verdades que Cristo ensinava não correspondia a seus desejos e propósitos, e ele não podia renunciar a suas idéias para receber sabedoria do Céu. Em lugar de andar na luz, escolheu caminhar nas trevas. Os maus desejos, a cobiça, as paixões vingativas, os pensamentos soturnos, tenebrosos, foram acariciados até que Satanás alcançou sobre ele pleno controle.

João e Judas representam aqueles que professam ser seguidores de Cristo. Ambos esses discípulos tiveram as mesmas oportunidades de estudar e seguir o divino Modelo. Ambos estiveram intimamente

ligados a Jesus e experimentaram o mesmo privilégio de ouvir-Lhe os ensinos. Ambos possuíam sérios defeitos de caráter; e ambos tiveram acesso à divina graça que transforma o caráter. Mas, ao passo que um em humilhação estava aprendendo de Jesus, o outro [313] revelava não ser cumpridor da Palavra, mas ouvinte apenas. Um, morrendo diariamente para o eu e vencendo o pecado, era santificado pela verdade; o outro, resistindo ao poder transformador da graça e condescendendo com desejos egoístas, era levado para a escravidão de Satanás.

Uma transformação de caráter como a que se vê na vida de João é sempre o resultado da comunhão com Cristo. Pode haver marcados defeitos na vida de um indivíduo; contudo, quando ele se torna um verdadeiro discípulo de Cristo, o poder da divina graça transforma-o e o santifica. Contemplando como num espelho a glória do Senhor, é transformado de glória em glória, até alcançar a semelhança dAquele a quem adora.

João ensinava a santidade, e em suas cartas à igreja estabeleceu regras infalíveis para a conduta do cristão. “E qualquer que nEle tem essa esperança”, escreveu, “purifica-se a si mesmo, como também Ele é puro”. 1 João 3:3. “Aquele que diz que está nEle, também deve andar como Ele andou”. 1 João 2:6. Ele ensinava que o cristão precisa ser puro de coração e de vida. Jamais deve satisfazer-se com uma profissão vazia. Como Deus é santo em Sua esfera, assim deve o homem caído, mediante fé em Cristo, ser santo na sua.

“Esta é a vontade de Deus”, escreve o apóstolo Paulo, “a vossa santificação”. 1 Tessalonicenses 4:3. Em todo o Seu trato com o Seu povo, o objetivo de Deus é a santificação da igreja. Ele os escolheu desde a eternidade, para que fossem santos. Deu-lhes Seu Filho para morrer por eles, a fim de que pudessem ser santificados pela obediência à verdade, despidos de toda a mesquinhez do eu. Deles requer trabalho pessoal e pessoal entrega. Deus só pode ser honrado pelos que professam crer nEle, quando são conformes à Sua imagem e controlados por Seu Espírito. Então, como testemunhas do Salvador, podem tornar conhecido o que a graça divina fez por eles.

A verdadeira santificação vem por meio da operação do princípio do amor. “Deus é amor e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele”. 1 João 4:16. A vida daquele em cujo coração

Cristo habitar, revelará a piedade prática. O caráter será purificado, elevado, enobrecido e glorificado. A doutrina pura estará entretecida com as obras de justiça; os preceitos celestiais misturar-se-ão com as práticas santas.

Os que desejam alcançar a bênção da santificação têm de primeiro aprender o que seja a abnegação. A cruz de Cristo é a coluna central sobre que repousa o "peso eterno de glória mui excelente". 2 Coríntios 4:17. "Se alguém quiser vir após Mim", disse Jesus, "renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-Me". Mateus 16:24. É o perfume de nosso amor aos semelhantes o que revela nosso amor a Deus. É a paciência no serviço, o que traz repouso ao coração. É pelo humilde, diligente e fiel labor que se promove o bem-estar de Israel. Deus sustém e fortalece aquele que está disposto [314] a seguir o caminho de Cristo.

A santificação não é obra de um momento, de uma hora, de um dia, mas da vida toda. Não se alcança com um feliz vôo dos sentimentos, mas é o resultado de morrer constantemente para o pecado, e viver constantemente para Cristo. Não se pode corrigir os erros nem apresentar reforma de caráter por meio de esforços débeis e intermitentes. Só podemos vencer mediante longos e perseverantes esforços, severa disciplina e rigoroso conflito.

Não sabemos quão terrível será nossa luta no dia seguinte. Enquanto reinar Satanás, teremos de subjugar o próprio eu e vencer os pecados que nos assaltam; enquanto durar a vida não haverá ocasião de repouso, nenhum ponto a que possamos atingir e dizer: "Alcancei tudo completamente." A santificação é o resultado de uma obediência que dura a vida toda. Nenhum dos apóstolos e profetas declarou jamais estar sem pecado. Homens que viveram o mais próximo de Deus, que sacrificariam a vida de preferência a cometer conscientemente um ato mau, homens a quem Deus honrou com divina luz e poder, confessaram a pecaminosidade de sua natureza. Eles não puseram a sua confiança na carne, nem alegaram possuir justiça própria, mas confiaram inteiramente na justiça de Cristo.

Assim será com todos que contemplarem a Cristo. Quanto mais nos aproximarmos de Jesus, e quanto mais claramente distinguirmos a pureza de Seu caráter, tanto mais claro veremos a excessiva malignidade do pecado, e tanto menos nutriremos o desejo de nos exaltar. Haverá um contínuo anelo de ir em direção a Deus, uma

contínua, sincera, contrita confissão de pecado e humilhação do coração perante Ele. A cada passo para frente em nossa experiência cristã, nosso arrependimento se aprofundará. Saberemos que nossa suficiência está em Cristo unicamente, e faremos nossa a confissão do apóstolo: "Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum". Romanos 7:18. "Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo". Gálatas 6:14.

Que os anjos relatores escrevam a história das santas lutas e pelejas do povo de Deus; que anotem as orações e lágrimas; mas não permitamos que Deus seja desonrado pela declaração de lábios humanos: "Estou sem pecado; sou santo." Lábios santificados nunca pronunciarão palavras de tamanha presunção.

O apóstolo Paulo havia sido arrebatado até o terceiro Céu, e tinha visto e ouvido coisas que não poderiam ser proferidas; contudo, sua humilde afirmação foi: "Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas prossigo. [...]". Filipenses 3:12. Que os anjos do Céu escrevam as vitórias de Paulo ao combater o bom combate da fé. Que o Céu se rejubile em sua marcha firme rumo do Céu e que, ao manter ele em vista o prêmio, considere tudo o mais como sem valor. Os anjos se regozijam ao contar seus triunfos, mas Paulo não se vangloria de suas conquistas. A atitude de Paulo é a atitude que cada seguidor de Cristo deve tomar ao prosseguir na luta pela coroa imortal. [315]

Que os que se sentem inclinados a fazer alta profissão de santidade se contemplem no espelho da lei de Deus. Ao verem o vasto alcance de seus reclamos, e compreenderem que ela atua como perscrutadora dos pensamentos e intenções do coração, não se presumirão de estar sem pecado. "Se dissermos que não temos pecado", diz João não se excluindo de seus irmãos, "enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós". "Se dissermos que não pecamos, fazemo-Lo mentiroso, e a Sua palavra não está em nós." "Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça". 1 João 1:8, 10, 9.

Há os que professam possuir santidade, que se declaram santos do Senhor, que reclamam como um direito a promessa de Deus, ao mesmo tempo que recusam obediência aos mandamentos de Deus. Esses transgressores da lei reclamam tudo quanto é prometido aos

filhos de Deus; mas isso é presunção da parte deles, pois João nos diz que o verdadeiro amor a Deus se revelará na obediência a todos os Seus mandamentos. Não basta crer na teoria da verdade, fazer uma profissão de fé em Cristo, crer que Jesus não é um impostor, e que a religião da Bíblia não é uma fábula artificialmente composta. "Aquele que diz: Eu conheço-O", escreveu João, "e não guarda os Seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade. Mas qualquer que guarda a Sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado: nisto conhecemos que estamos nEle". 1 João 2:4, 5. "E aquele que guarda os Seus mandamentos permanece em Deus, e Deus, nele". 1 João 3:24.

João não ensinou que a salvação devia ser adquirida pela obediência, mas que a obediência é fruto da fé e do amor. "E bem sabeis que Ele Se manifestou para tirar os nossos pecados", disse, "e nEle não há pecado. Qualquer que permanece nEle não peca; qualquer que peca não O viu nem O conheceu". 1 João 3:5, 6. Se estivermos em Cristo, se o amor de Deus estiver no coração, nossos sentimentos, pensamentos e ações estarão em harmonia com a vontade de Deus. O coração santificado está em harmonia com os preceitos da lei de Deus.

Muitos há que, embora procurando obedecer aos mandamentos de Deus, têm pouca paz ou alegria. Essa falha em sua experiência é o resultado da falta de exercitar a fé. Andam como se pisassem uma terra salina, um ressequido deserto. Pedem pouco, quando deviam pedir muito, pois não há limite para as promessas de Deus. Tais pessoas não representam corretamente a santificação que vem mediante a obediência à verdade. O Senhor quer que todos os Seus filhos e filhas sejam felizes, obedientes e desfrutem paz. Mediante o exercício da fé o crente toma posse dessas bênçãos. Pela fé, cada deficiência de caráter pode ser suprida, todas as contaminações purificadas, cada falta corrigida e toda boa qualidade desenvolvida.

A oração é ordenada pelo Céu como meio de alcançar êxito no conflito com o pecado e no desenvolvimento do caráter cristão. As [316] influências divinas que vêm em resposta à oração da fé produzirão no coração do suplicante tudo o que ele pleiteia. Podemos pedir o perdão do pecado, o Espírito Santo, a natureza cristã, sabedoria e fortaleza para Sua obra, todos os dons, enfim, que Ele prometeu, e a promessa é: "Recebereis."

Foi no monte com Deus que Moisés contemplou o modelo da maravilhosa construção que devia ser o lugar de habitação da glória do Senhor. É no monte com Deus — no lugar secreto da comunhão — que devemos contemplar Seu glorioso ideal para a humanidade. Em todas as eras, por meio de comunicação com o Céu, Deus tem realizado Seu propósito por Seus filhos pelo gradual desdobrar em seu espírito das doutrinas da graça. Sua maneira de repartir a verdade é ilustrada nas palavras: "Como a alva será a Sua saída". Oséias 6:3. Aquele que se coloca onde Deus o possa iluminar, avança, por assim dizer, da obscuridade parcial da aurora para o pleno brilho do meio-dia. A verdadeira santificação significa perfeito amor, perfeita obediência, perfeita conformidade com a vontade de Deus. Devemos santificar-nos para Deus mediante a obediência à verdade. Nossa consciência deve ser expurgada das obras mortas para servir ao Deus vivo. Não somos ainda perfeitos; mas é nosso privilégio desvencilharmo-nos dos obstáculos do eu e do pecado e prosseguir para a perfeição. Grandes possibilidades, altas e santas conquistas são colocadas ao alcance de todos.

A razão por que muitos nesta época não fazem maiores progressos na vida religiosa é que interpretam a vontade divina como sendo apenas o que eles gostariam de fazer. Presumem estar em conformidade com a vontade de Deus, quando na verdade estão seguindo seus próprios desejos. Esses não têm conflito com o eu. Há outros que, por algum tempo, são bem-sucedidos na luta contra seus desejos egoístas por prazeres e comodidades. São sinceros e fervorosos, mas cansam-se do contínuo esforço, do morrer cada dia, da incessante labuta. A indolência parece convidativa, repulsiva a morte do eu; fecham os olhos sonolentos e caem sob a tentação em vez de resistir-lhe.

As diretrizes traçadas na Palavra de Deus não deixam lugar para compromisso com o mal. O Filho de Deus Se manifestou para atrair a Si todos os homens. Não veio para embalar o mundo em seu sono, mas para indicar o caminho estreito em que todos devem seguir para alcançar, afinal, os portais da cidade de Deus. Seus filhos precisam seguir por onde Ele abriu caminho; seja qual for o sacrifício do bem-estar ou condescendência egoísta, seja qual for o custo do trabalho ou sofrimento, precisam manter constante batalha contra o eu.

O maior louvor que os homens podem apresentar a Deus é tornarem-se consagrados instrumentos por cujo intermédio possa Ele operar. O tempo está passando rapidamente para a eternidade. Não retenhamos de Deus aquilo que é Sua propriedade. Não Lhe [317] recusemos aquilo que, embora não possa ser dado sem mérito, não pode ser negado sem ruína. Se Ele pede o inteiro coração; devemos dar-Lhe; é Seu, tanto pela criação como pela redenção. Se Ele pede o intelecto; devemos dar-Lhe; é Seu. Ele pede também o nosso dinheiro; não devemos reter-Lhe; é Seu. "Não sabeis que [...] não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço". 1 Coríntios 6:19, 20. Deus requer a homenagem da vida santificada, que, pelo exercício da fé que atua por amor se tenha preparado para servi-Lo. Ele ergue perante nós o mais alto ideal, a própria perfeição. Pede que estejamos completa e absolutamente por Ele neste mundo, como Ele está por nós na presença de Deus.

"Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação". 1 Tessalonicenses 4:3. É essa também a nossa vontade? Nossos pecados podem ser como uma montanha diante de nós; mas se humilharmos o coração, e confessarmos nossos pecados, confiando nos méritos de um Salvador crucificado e ressurgido, Ele nos perdoará e purificará de toda a injustiça. Deus requer de nós inteira conformidade com Sua lei. Essa lei é o eco de Sua voz dizendo-nos: Mais santidade, sim, mais santidade ainda. Temos de buscar a plenitude da graça de Cristo, permitir que nosso coração se encha de intenso desejo por Sua justiça, cujo efeito a Palavra de Deus declara ser paz, e cuja operação é repouso e segurança para sempre.

À medida que nossa alma anelar a Deus, mais e mais encontraremos as infinitas riquezas de Sua graça. Ao contemplarmos essas riquezas, passaremos a possuí-las, e revelaremos os méritos do sacrifício do Salvador, a proteção de Sua justiça, a plenitude de Sua sabedoria, e Seu poder de nos apresentar diante do Pai "imaculados [318] e irrepreensíveis". 2 Pedro 3:14.

Capítulo 56 — Patmos

Mais de meio século havia passado, desde a organização da igreja cristã. Durante esse tempo, a mensagem do evangelho tinha sofrido constante oposição. Seus inimigos jamais afrouxaram os esforços e, afinal, alcançaram êxito em arregimentar o poder do imperador romano contra os cristãos.

Na terrível perseguição que se seguiu, o apóstolo João muito fez para confirmar e fortalecer a fé dos crentes. Ele deu um testemunho que seus adversários não puderam controverter, e que ajudou seus irmãos a enfrentar com lealdade e coragem as provas que lhes sobrevieram. Quando a fé dos cristãos lhes parecia vacilar sob a feroz oposição que eram forçados a enfrentar, o velho e provado servo de Jesus lhes repetia com poder e eloqüência a história do Salvador crucificado e ressurgido. Mantinha firmemente a fé, e de seus lábios brotava sempre a mesma alegre mensagem: "O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida... o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos". 1 João 1:1-3.

João alcançou avançada idade. Testemunhou a destruição de Jerusalém e a ruína do majestoso templo. Último sobrevivente dos discípulos que haviam privado intimamente com o Salvador, sua mensagem teve grande influência em estabelecer o fato de que Jesus é o Messias, o Redentor do mundo. Ninguém poderia duvidar de sua sinceridade, e através de seus ensinos muitos foram levados a deixar a incredulidade.

Os príncipes dos judeus encheram-se de ódio atroz contra João por sua inamovível fidelidade à causa de Cristo. Declararam que de nada valeriam seus esforços contra os cristãos enquanto o testemunho de João soasse aos ouvidos do povo. Para que os milagres e ensinos de Cristo fossem esquecidos, a voz da ousada testemunha teria de ser silenciada.

João foi, por conseguinte, convocado a Roma para ser julgado por sua fé. Ali perante as autoridades, as doutrinas do apóstolo foram

deturpadas. Falsas testemunhas acusaram-no de ensinar sediciosas heresias. Por essas acusações esperavam seus inimigos levar em breve o discípulo à morte.

João respondeu por si de maneira clara e convincente, e com tal simplicidade e candura que suas palavras tiveram efeito poderoso. Seus ouvintes ficaram atônitos com sua sabedoria e eloqüência. Porém, quanto mais convincente era seu testemunho, mais profundo [319] o ódio de seus opositores. O imperador Domiciano estava cheio de ira. Não podia contrafazer as razões do fiel advogado de Cristo, nem disputar o poder que lhe acompanhava a exposição da verdade; determinou, contudo, fazer silenciar sua voz.

João foi lançado dentro de um caldeirão de óleo fervente; mas o Senhor preservou a vida de Seu fiel servo, da mesma maneira como preservara a dos três hebreus na fornalha ardente. Ao serem pronunciadas as palavras: Assim pereçam todos os que crêem nesse enganador, Jesus Cristo de Nazaré, João declarou: "Meu Mestre Se submeteu pacientemente a tudo quanto Satanás e seus anjos puderam inventar para humilhá-Lo e torturá-Lo. Ele deu a vida para salvar o mundo. Considero uma honra o ser-me permitido sofrer por Seu amor. Sou um homem pecador e fraco. Cristo era santo, inocente, incontaminado. Não pecou nem se achou engano em Sua boca."

Essas palavras exerceram sua influência, e João foi retirado do caldeirão pelos mesmos homens que ali o haviam lançado.

De novo, a mão da perseguição caiu pesadamente sobre o apóstolo. Por decreto do imperador foi João banido para a ilha de Patmos, condenado "por causa da Palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo". Apocalipse 1:9. Ali, pensavam seus inimigos, sua influência não mais seria sentida, e ele morreria, afinal, pelas privações e sofrimentos.

Patmos, uma ilha árida e rochosa no mar Egeu, havia sido escolhida pelo governo romano para banimento de criminosos; mas para o servo de Deus sua solitária habitação tornou-se a porta do Céu. Ali, afastado das cansativas cenas da vida, e dos ativos labores dos primeiros anos, ele teve a companhia de Deus, de Cristo, dos anjos celestiais, e deles recebeu instrução para a igreja no futuro. Os eventos que deveriam ocorrer nas cenas finais da história deste mundo foram esboçados perante ele; e ali escreveu as visões recebidas de Deus. Quando sua voz não mais podia testificar dAquele a

quem amara e servira, as mensagens que foram dadas nessa costa desolada deviam avançar como uma lâmpada que arde, declarando o seguro propósito do Senhor concernente a cada nação da Terra.

Entre as rochas e recifes de Patmos, João manteve comunhão com seu Criador. Recapitulou sua vida passada e, ao pensamento das bênçãos que havia recebido, a paz encheu-lhe o coração. Ele vivera a vida de um cristão, e pudera dizer com fé: "Sabemos que passamos da morte para a vida". 1 João 3:14. Não assim o imperador que o banira. Este olharia para trás e encontraria apenas campos de batalha e carnificina, lares desolados, lágrimas de órfãos e viúvas, o fruto de seu ambicioso desejo de proeminência.

Em seu isolado lar, João estava habilitado a estudar mais profundamente do que nunca as manifestações do poder divino como reveladas no livro da natureza e nas páginas da Inspiração. Era para ele um deleite meditar sobre a obra da criação, e adorar o divino Arquiteto. Em anos anteriores, seus olhos tinham-se deleitado na [320] contemplação dos morros cobertos de florestas, dos verdes vales e frutíferas planícies; e nas belezas da natureza sempre se deleitara em considerar a sabedoria e habilidade do Criador. Agora, estava circundado por cenas que poderiam parecer melancólicas e desinteressantes a muitos; mas para João representavam outra coisa. Embora o cenário que o rodeava fosse desolado e árido, o céu azul que o cobria era tão luminoso e belo como o céu de sua amada Jerusalém. Nas rochas rudes e ermos, nos mistérios dos abismos, nas glórias do firmamento lia ele importantes lições. Tudo trazia mensagem do poder e glória de Deus.

Em tudo ao seu redor via o apóstolo testemunhas do dilúvio que inundara a Terra porque seus habitantes se aventuraram a transgredir a lei de Deus. As rochas que foram lançadas da Terra e do grande abismo pelo irromper das águas, traziam-lhe vividamente ao espírito os terrores daquele terrível derramamento da ira de Deus. Na voz de muitas águas — abismo chamando abismo — o profeta ouvia a voz do Criador. O mar, açoitado pela fúria de impiedosos ventos, representava para ele a ira de um Deus ofendido. As poderosas ondas, em sua terrível comoção, mantidas em seus limites por mão invisível, falavam do controle de um poder infinito. E em contraste, considerava a fraqueza e futilidade dos mortais que, embora vermes do pó, gloriam-se em sua suposta sabedoria e força e colocam o

coração contra o Governador do Universo, como se Deus fosse igual a eles. As rochas lhe lembravam Cristo, a Rocha de sua fortaleza, em cujo abrigo podia ele refugiar-se sem temor. Do exilado apóstolo sobre o rochedo de Patmos subiam para Deus os mais ardentes anseios do coração, as mais fervorosas orações.

A história de João fornece uma vívida ilustração de como Deus pode usar obreiros idosos. Quando João foi exilado para a ilha de Patmos, havia muitos que o consideravam como tendo passado do tempo de serviço, um caniço velho e quebrado, pronto para cair a qualquer momento. Mas o Senhor achou próprio usá-lo ainda. Embora banido das cenas de seus primeiros trabalhos, ele não cessou de dar testemunho da verdade. Até em Patmos fez amigos e conversos. Sua mensagem era de alegria, proclamava um Salvador ressurreto que, no Céu intercede por Seu povo até que possa retornar e tomá-lo para Si mesmo. E foi depois de haver João encanecido na obra de seu Senhor que ele recebeu do Céu mais comunicações que durante todos os anos anteriores de sua vida.

A mais terna consideração deve ser dispensada a todos aqueles cujos interesses da vida estiveram ligados com a obra de Deus. Esses obreiros idosos têm permanecido fiéis em meio a tempestades e provas. Podem ter enfermidades, mas possuem ainda talentos que os qualificam para permanecer em seu lugar na causa de Deus. Embora gastos, incapazes de levar os encargos mais pesados que os mais jovens podem e devem levar, seus conselhos são do mais alto valor. [321]

Podem ter cometido erros, mas de suas falhas aprenderam a evitar enganos e perigos; e não são ainda assim competentes para dar sábios conselhos? Suportaram provas e aflições, e embora tenham perdido parte de seu vigor, o Senhor não os põe de lado. Ele lhes dá especial graça e sabedoria.

Os que serviram seu Mestre quando a obra era difícil, que suportaram a pobreza e permaneceram fiéis quando poucos havia ao lado da verdade, devem ser honrados e respeitados. O Senhor deseja que os obreiros mais jovens ganhem sabedoria, fortaleza e maturidade pela associação com esses homens fiéis. Que os homens mais jovens sintam que ter entre eles tais obreiros lhes representa um alto favor. Dêem-lhes um lugar de honra em seus concílios.

Quando os que gastaram a vida no serviço de Cristo se aproximam do fim de seu ministério terrestre, são impressionados pelo

Espírito Santo a contar as experiências que tiveram em relação com a obra de Deus. O relato de Seu maravilhoso trato com Seu povo, de Sua grande bondade em livrá-los das provas, deveria ser repetido aos recém-vindos à fé. Deus deseja que os velhos e provados obreiros permaneçam em seus lugares, fazendo sua parte para livrar homens e mulheres de serem varridos pela poderosa corrente do mal, e deseja que conservem a armadura até que lhes ordene depô-la.

Na experiência do apóstolo João sob a perseguição, há para o cristão uma lição de maravilhosa fortaleza e conforto. Deus não impede a trama dos ímpios, mas faz que suas armadilhas contribuam para o bem daqueles que, em prova e conflito, mantêm sua fé e lealdade. Não raro, o obreiro do evangelho efetua sua obra em meio a tempestades de perseguições, oposição atroz e acusações injustas. Em tais ocasiões, lembre-se ele de que a experiência da fornalha da prova e da aflição paga todos os pesares de seu preço. Assim traz Deus Seus filhos para perto de Si, para que lhes possa mostrar Sua força e a fraqueza deles. Ele os ensina a se apoiarem nEle. Dessa forma prepara-os para enfrentar as emergências, ocupar posições de responsabilidade e realizar o grande propósito para o que lhes foram dadas as faculdades.

Em todas as épocas, as testemunhas designadas por Deus se têm exposto às perseguições e ao desprezo por amor à verdade. José foi caluniado e perseguido por haver preservado sua virtude e integridade. Davi, o mensageiro escolhido de Deus, foi caçado como um animal feroz por seus inimigos. Daniel foi lançado na cova dos leões por ser leal ao seu concerto com o Céu. Jó foi destituído de suas posses terrestres e ferido no corpo de tal maneira que o desprezaram os próprios parentes e amigos; contudo manteve sua integridade. Jeremias não pôde ser impedido de falar as palavras que Deus lhe ordenara; e seu testemunho de tal maneira enfureceu o rei e os príncipes que o atiraram num poço asqueroso. Estêvão foi apedrejado por haver pregado a Cristo, e Este crucificado. Paulo foi encarcerado, açoitado, apedrejado e finalmente entregue à morte por [322] ter sido fiel mensageiro de Deus aos gentios. E João foi banido para a ilha de Patmos "por causa da Palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo". Apocalipse 1:9.

Esses exemplos de humana firmeza dão testemunho da fidelidade das promessas de Deus — de Sua permanente presença e mante-

nedora graça. Testificam do poder da fé para enfrentar os poderes do mundo. É obra de fé repousar em Deus na hora mais escura, sentir, embora dolorosamente provado e sacudido pela tempestade, que nosso Pai está ao leme. Somente os olhos da fé podem ver para além das coisas temporais e apreciar com acerto o valor das riquezas eternas.

Jesus não oferece a Seus seguidores a esperança de alcançar glórias e riquezas terrestres, de viver uma vida livre de provações. Ao contrário, chama-os para segui-Lo no caminho da abnegação e ignomínia. Aquele que veio para redimir o mundo sofreu a oposição das arregimentadas forças do mal. Numa impiedosa confederação, homens e anjos maus se aliaram contra o Príncipe da paz. Cada um de Seus atos e palavras revelava divina compaixão, e Sua desconformidade com o mundo provocou a mais dura hostilidade.

Assim será com todos os que se dispuserem a viver piamente em Cristo Jesus. A perseguição e o descrédito esperam todos os que estiverem cheios do Espírito de Cristo. O tipo de perseguição muda com o tempo, mas o princípio — o espírito que a anima — é o mesmo que tem dado a morte aos escolhidos do Senhor desde os dias de Abel.

Em todas as épocas, Satanás tem perseguido o povo de Deus. Tem-no torturado e lhe dado a morte, porém tornaram-se eles conquistadores ao morrer. Deram testemunho do poder de Alguém que é mais forte que Satanás. Podem os ímpios torturar e matar o corpo, mas não podem tocar na vida que está escondida com Cristo em Deus. Podem encerrar homens e mulheres nas prisões, mas não lhes podem encerrar o espírito.

Mediante provas e perseguições, a glória — o caráter — de Deus se revela em Seus escolhidos. Os crentes em Cristo, odiados e perseguidos pelo mundo, são educados e disciplinados na escola de Cristo. Na Terra, andam em caminhos estreitos; são purificados na fornalha da aflição. Isaías 48:10. Seguem a Cristo através de penosos conflitos; suportam a abnegação e passam por amargos desapontamentos; mas deste modo aprendem o que significam a culpa e os ais do pecado, e olham para ele com repulsa. Tendo sido participantes das aflições de Cristo, podem contemplar a glória além da obscuridade, dizendo: "Tenho por certo que as aflições deste

tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada”. Romanos 8:18. [323]

Capítulo 57 — O Apocalipse

Nos dias dos apóstolos, os crentes cristãos estavam cheios de fervor e entusiasmo. Tão incansavelmente trabalhavam eles para o Mestre que, em tempo comparativamente curto, não obstante a feroz perseguição, o evangelho do reino soou em todas as partes do mundo habitado. O zelo manifestado nesse tempo pelos seguidores de Jesus foi relatado pela inspiração para encorajamento dos crentes em todos os séculos. Da igreja de Éfeso, usada pelo Senhor Jesus como símbolo de toda a igreja cristã na era apostólica, a Testemunha fiel e verdadeira declarou: "Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são, e tu os achaste mentirosos. E sofreste, e tens paciência; e trabalhaste pelo Meu nome, e não te cansaste". Apocalipse 2:2, 3.

No início, a experiência da igreja de Éfeso foi marcada por simplicidade e puro fervor. Os crentes procuravam fervorosamente obedecer a cada ordem de Deus, e sua vida revelava fervoroso e sincero amor por Cristo. Regozijavam-se em fazer a vontade de Deus porque o Salvador estava sempre presente em seu coração. Cheios de amor pelo Redentor, era seu mais alto objetivo conquistar almas para Ele. Não pensavam em reter o precioso tesouro da graça de Cristo. Sentiam a importância do seu chamado; e com a responsabilidade da mensagem, "Paz na Terra, boa vontade para com os homens" (Lucas 2:14), ardiam em desejo de levar as alegres novas de salvação aos recantos mais remotos da Terra. E o mundo teve conhecimento de que haviam estado com Jesus. Homens pecadores, arrependidos, perdoados, purificados e santificados, foram levados em participação com Deus através de Seu Filho.

Os membros da igreja estavam unidos em sentimento e ação. O amor a Cristo era a cadeia de ouro que os unia. Prosseguiram em conhecer o Senhor mais e mais perfeitamente, e a vida deles revelava o júbilo e a paz de Cristo. Visitavam os órfãos e as viúvas em suas aflições, e guardavam-se imaculados do mundo, sentindo que deixar

de fazer isto seria uma contradição de sua fé e uma negação de seu Redentor.

Em cada cidade a obra era levada para frente. Pessoas eram convertidas e essas por sua vez sentiam que precisavam falar do inestimável tesouro que haviam recebido. Não tinham repouso sem que a luz que lhes iluminara a mente brilhasse sobre outros. Multidões de incrédulos ficavam [324]

familiarizados com as razões da esperança dos cristãos. Amorosos e inspirados apelos pessoais eram feitos aos que estavam em erro, aos excluídos e aos que, embora professando conhecer a verdade, eram mais amantes dos prazeres que de Deus.

Depois de algum tempo, porém, começou a minguar o zelo dos crentes, bem assim seu amor a Deus e de uns para com os outros. A frieza invadiu a igreja. Alguns esqueceram a maneira maravilhosa em que haviam recebido a verdade. Os velhos porta-estandartes caíram em seu posto um após outro. Alguns dos obreiros mais jovens, que poderiam haver partilhado das responsabilidades desses pioneiros e assim se preparado para assumir direção sábia, haviam-se cansado das tão repetidas verdades. Em seu desejo de alguma coisa nova e estimulante, buscaram introduzir novos aspectos da doutrina, mais agradáveis a muitos espíritos, mas não em harmonia com os princípios fundamentais do evangelho. Em sua confiança própria e cegueira espiritual deixaram de discernir que esses sofismas levariam muitos a pôr em dúvida as experiências do passado, conduzindo assim à confusão e incredulidade.

Ao serem essas falsas doutrinas introduzidas, despertavam divergências, e os olhos de muitos deixaram de contemplar a Jesus como o Autor e Consumador de sua fé. A discussão sobre insignificantes pontos de doutrina, e o gosto por fábulas de invenção humana, ocupavam o tempo que deveria ser gasto na proclamação do evangelho. As massas que poderiam ter sido convencidas e convertidas pela fiel apresentação da verdade, eram deixadas sem advertência. A piedade decaía rapidamente e parecia que Satanás estava para alcançar ascendência sobre os que se declaravam seguidores de Cristo.

Foi nesse tempo crítico da história da igreja que João foi sentenciado ao exílio. Jamais fora a sua voz tão necessária à igreja como então. Quase todos os seus antigos companheiros de ministério tinham sofrido martírio. O remanescente dos crentes estava

enfrentando feroz oposição. Segundo todas as aparências, não estava longe o dia em que os inimigos da igreja de Cristo triunfariam.

Mas a mão do Senhor se movia invisível no meio das trevas. Na providência de Deus, João fora colocado onde Cristo lhe podia dar uma maravilhosa revelação de Si mesmo e da divina verdade para iluminação das igrejas.

Exilando João, tinham os inimigos da verdade esperado fazer silenciar para sempre a voz da fiel testemunha de Deus; mas em Patmos o discípulo recebeu uma mensagem cuja influência devia continuar a fortalecer a igreja até o fim dos tempos. Embora não tendo ficado livres da responsabilidade de seu mau ato, os que exilaram João tornaram-se instrumento nas mãos de Deus para a realização do propósito do Céu; e o próprio esforço para extinguir a luz colocou a [325] verdade em ousada notoriedade.

Foi no sábado que o Senhor da glória apareceu ao exilado apóstolo. O sábado era tão religiosamente observado por João em Patmos como quando estava pregando ao povo nas cidades e vilas da Judéia. Considerava como sua propriedade as preciosas promessas feitas em referência a este dia. "Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor", escreve João, "e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta, que dizia: O que vês, escreve-o num livro. [...] E virei-me para ver quem falava comigo. E, virando-me, vi sete castiçais de ouro; e no meio dos sete castiçais um semelhante ao Filho do homem". Apocalipse 1:10-13.

Ricamente favorecido foi esse amado discípulo. Ele tinha visto seu Mestre no Getsêmani, face marcada com o gotejar do sangue da agonia, "o Seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a Sua figura mais do que a dos outros filhos dos homens". Isaías 52:14. Vira-O nas mãos dos soldados romanos, vestido com um velho manto de púrpura e coroado de espinhos. Vira-O suspenso na cruz do Calvário, objeto de cruel zombaria e abuso. Então, foi permitido a João contemplar uma vez mais a seu Senhor. Mas quão mudada estava Sua aparência! Não mais era um homem de dores, desprezado e humilhado pelos homens. Estava envolvido em vestes de esplendor celestial. "E a Sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os Seus olhos como chama de fogo; e os Seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha". Apocalipse 1:14, 15. Sua voz era como a

música de muitas águas. Seu rosto brilhava como Sol. Em Sua mão estavam sete estrelas, e de Sua boca saia uma espada aguda de dois gumes, emblema do poder de Sua Palavra. Patmos resplendia com a glória do Senhor ressurgido.

"E eu, quando O vi", escreve João, "caí a Seus pés como morto; e Ele pôs sobre mim a Sua destra, dizendo-me: Não temas". Apocalipse 1:17.

João estava fortalecido para viver na presença do seu glorificado Senhor. Então, perante sua maravilhada visão foram abertas as glórias do Céu. Foi-lhe permitido ver o trono de Deus e olhando para além dos conflitos da Terra, contemplar a multidão de remidos vestidos de branco. Ele ouviu a música dos anjos celestiais e os triunfantes cânticos dos que venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra de Seu testemunho. Na revelação a ele dada, foram desdobradas cena após cena de empolgante interesse na experiência do povo de Deus, e a história da igreja foi desvelada até o fim dos séculos. Em figuras e símbolos, assuntos de vasta importância foram apresentados a João para que os relatasse, a fim de que o povo de Deus do seu século e dos séculos futuros tivesse inteligente compreensão dos perigos e conflitos diante dele.

Essa revelação foi dada para orientação e conforto da igreja através da dispensação cristã. No entanto, mestres religiosos têm declarado que este é um livro selado e seus segredos não podem ser explicados. Em conseqüência, muitos se têm desviado do relato [326] profético, recusando-se a devotar tempo e estudo a seus mistérios. Mas Deus não deseja que Seu povo tenha este livro em semelhante conta. Ele é a "revelação de Jesus Cristo, a qual Deus Lhe deu, para mostrar aos Seus servos as coisas que brevemente devem acontecer" "Bem-aventurado aquele que lê", declara o Senhor, e "os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo". Apocalipse 1:1, 3. "Eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro; e, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão escritas neste livro. Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho". Apocalipse 22:18-20.

No Apocalipse são representadas as coisas profundas de Deus. O próprio nome dado a suas inspiradas páginas, “revelação”, contradiz a afirmação de que é um livro selado. Uma revelação é alguma coisa que foi desvendada. O próprio Senhor revelou a Seu servo os mistérios contidos neste livro, e propõe que seja aberto ao estudo de todos. Suas verdades são dirigidas aos que vivem nos últimos dias da história da Terra, como o foram aos que viviam nos dias de João. Algumas das cenas descritas nesta profecia estão no passado e algumas estão agora acontecendo; algumas apresentam-nos o fim do grande conflito entre os poderes das trevas e o Príncipe do Céu e algumas revelam os triunfos e o regozijo dos remidos na Terra renovada.

Que ninguém pense que por não poder explicar o significado de cada símbolo do Apocalipse, é-lhe inútil estudar esse livro numa tentativa de conhecer o significado da verdade que ele apresenta. Aquele que revelou estes mistérios a João dará ao diligente pesquisador da verdade um antegozo das coisas celestiais. Aqueles cujo coração estiver aberto à recepção da verdade serão capacitados a compreender seus ensinos, e ser-lhes-á garantida a bênção prometida àqueles que “ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas”. Apocalipse 1:3.

No Apocalipse, todos os livros da Bíblia se encontram e se cumprem. Ali está o complemento do livro de Daniel. Um é uma profecia; o outro uma revelação. O livro que foi selado não é o Apocalipse, mas a porção da profecia de Daniel relativa aos últimos dias. O anjo ordenou: “E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo”. Daniel 12:4.

Foi Cristo quem ordenou ao apóstolo relatar o que lhe seria revelado. “O que vês, escreve-o num livro”, ordenou Ele, “e envia-o às sete igrejas que estão na Ásia: a Éfeso, e a Esmirna, e a Pérgamo, e a Tiatira, e a Sardes, e a Filadélfia e a Laodicéia” “Eu sou. [...] o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. [...] Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas [327] hão de acontecer: o mistério das sete estrelas, que viste na Minha destra, e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete castiçais, que viste, são as sete igrejas”. Apocalipse 1:11, 18-20.

Os nomes das sete igrejas são símbolos da igreja em diferentes períodos da era cristã. O número sete indica plenitude, e simboliza o fato de que as mensagens se estendem até o fim do tempo, enquanto os símbolos usados revelam o estado da igreja nos diversos períodos da história do mundo.

É dito de Cristo que andava no meio dos castiçais de ouro. Assim é simbolizada a Sua relação para com as igrejas. Ele está em constante comunicação com Seu povo. Conhece seu verdadeiro estado. Observa-lhe a ordem, piedade e devoção. Embora seja Sumo Sacerdote e Mediador no santuário celestial, é apresentado andando de um para outro lado entre as Suas igrejas terrestres. Com infatigável desvelo e ininterrupta vigilância, observa para ver se a luz de qualquer de Suas sentinelas está bruxuleando ou se extinguindo. Se os castiçais fossem deixados ao cuidado meramente humano, sua trêmula chama enlanguesceria e morreria; mas Ele é o verdadeiro vigia da casa do Senhor, o verdadeiro guarda dos átrios do templo. Seu assíduo cuidado e graça mantenedora são a fonte de vida e luz.

Cristo é representado como tendo sete estrelas em Sua mão direita. Isso nos assegura que nenhuma igreja fiel a seu encargo necessita temer o fracasso; pois nenhuma estrela que tem a proteção do Onipotente pode ser arrebatada da mão de Cristo.

"Isto diz Aquele que tem na Sua destra as sete estrelas". Apocalipse 2:1. Essas palavras são ditas aos que ensinam na igreja — aqueles a quem Deus confiou pesadas responsabilidades. As suaves influências que devem existir na igreja têm muito que ver com os ministros de Deus, os quais devem revelar o amor de Cristo. As estrelas do céu estão sob o Seu controle. Ele as ilumina com Sua luz. Guia-as e dirige os seus movimentos. Se Ele não fizesse isso tornar-se-iam estrelas caídas. Assim é com Seus ministros. Eles são apenas instrumentos em Suas mãos, e todo o bem que realizam é feito por meio de Seu poder. Através deles deve a Sua luz brilhar. O Salvador deve ser a sua eficiência. Se olharem para Ele como Ele olhava para o Pai, serão habilitados a fazer a Sua obra. Ao fazer de Deus o Seu apoio, Ele lhes dará Seu resplendor para o refletirem sobre o mundo.

Cedo na história da igreja, o mistério da iniqüidade predito pelo apóstolo Paulo iniciou sua calamitosa obra; e quando os falsos ensinadores, a cujo respeito Pedro advertiu os crentes, exibiram suas

heresias, muitos foram seduzidos pelas falsas doutrinas. Alguns tropeçaram sob as provas e foram tentados a abandonar a fé. Ao tempo em que foi dada essa revelação a João, muitos haviam perdido seu primeiro amor da verdade evangélica. Mas em Sua misericórdia Deus não permitiu que a igreja continuasse em estado de apostasia. Numa mensagem de infinita ternura Ele revelou Seu amor por eles, e [328] Seu desejo de que fizessem segura obra para a eternidade. “Lembra-te pois donde caíste”, apelou, “e arrepende-te, e pratica as primeiras obras”. Apocalipse 2:5.

A igreja era defeituosa, e necessitava de severa reprovação e advertência; e João foi inspirado a registrar mensagens de advertência e reprovação e a apelar aos que, tendo perdido de vista os princípios fundamentais do evangelho, estavam pondo em perigo sua esperança de salvação. Mas as palavras de repreensão que Deus acha necessário enviar são ditas sempre em cativante amor, e com a promessa de paz a cada crente contrito. “Eis que estou à porta, e bato”, declara o Senhor; “se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo”. Apocalipse 3:20.

E aos que em meio ao conflito mantivessem sua fé em Deus, foram dadas ao profeta as palavras de louvor e promessa: “Eu sei as tuas obras; eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar; tendo pouca força, guardaste a Minha palavra, e não negaste o Meu nome. [...] Como guardaste a palavra da Minha paciência, também Eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na Terra” Os crentes foram admoestados: “Sê vigilante, e confirma os restantes, que estavam para morrer” “Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa”. Apocalipse 3:8, 10, 2, 11.

Foi por intermédio de alguém que se declarava “irmão, e companheiro na aflição” (Apocalipse 1:9), que Cristo revelou a Sua igreja o que ela devia sofrer por Seu amor. Olhando através dos longos séculos de trevas e superstições, o exilado encanecido viu multidões sofrendo o martírio por causa de seu amor pela verdade. Mas viu também que Aquele que sustinha Suas primeiras testemunhas não abandonaria Seus fiéis seguidores durante os séculos de perseguição por que deviam passar antes do fim dos tempos. “Nada temas das coisas que hás de padecer”, declarou o Senhor. “Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis

uma tribulação. [...] Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida". Apocalipse 2:10.

E a todos os fiéis que estivessem lutando contra o mal, João ouviu as promessas: "Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus". Apocalipse 2:7. "O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de Meu Pai e diante dos Seus anjos" "Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no Meu trono; assim como Eu venci, e Me assentei com Meu Pai no Seu trono". Apocalipse 3:5, 21.

João viu a misericórdia, a compaixão e o amor de Deus de mistura com Sua santidade, justiça e poder. Viu encontrarem os pecadores um Pai nAquele a quem eles, por pecadores que eram, foram levados a temer. E olhando para além da conclusão do grande conflito, contemplou Sião "e também os que saíram vitoriosos... que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus" "E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro". Apocalipse 15:2, 3. [329]

O Salvador é apresentado perante João sob os símbolos do "Leão da tribo de Judá", e de um "Cordeiro, como havendo sido morto". Apocalipse 5:5, 6. Esses símbolos representam a união do onipotente poder e do amor que se sacrifica. O Leão de Judá, tão terrível para os que rejeitam Sua graça, será o Cordeiro de Deus para os obedientes e fiéis. A coluna de fogo que fala de terrores e indignação para o transgressor da lei de Deus, é um sinal de luz, misericórdia e livramento para os que guardaram os Seus mandamentos. O braço forte que aniquila o rebelde será forte para libertar os fiéis. Todo o que for fiel será salvo. "E Ele enviará os Seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os Seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus". Mateus 24:31.

Em comparação com os milhões do mundo, o povo de Deus será, como tem sido sempre, um pequeno rebanho; mas se permanecer na verdade, como revelada em Sua Palavra, Deus será seu refúgio. Permanecerão sob o amplo abrigo da Onipotência. Deus é sempre a maioria. Quando o som da última trombeta penetrar a prisão dos mortos, e os justos saírem triunfantes, exclamando: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória" (1 Coríntios 15:55), para permanecerem, então, com Deus, com Cristo,

com os anjos e com os leais e fiéis de todos os tempos, os filhos de Deus serão a grande maioria.

Os verdadeiros discípulos de Cristo seguem-nO através de severos conflitos, suportando a negação de si mesmos e experimentando amargos desapontamentos; mas isso lhes ensina a culpa e o sofrimento do pecado, e assim são levados a olhar para ele com repulsa. Participantes dos sofrimentos de Cristo, estão destinados a participar de Sua glória. Em santa visão, o profeta contemplou o triunfo final da igreja remanescente de Deus. Ele escreveu: "E vi um como mar de vidro misturado com fogo; e também os que saíram vitoriosos... que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, Senhor Deus todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos". Apocalipse 15:2, 3.

"E olhei, e eis que estava o Cordeiro sobre o monte de Sião, e com Ele cento e quarenta e quatro mil, que em suas testas tinham escrito o nome dEle e o de Seu Pai". Apocalipse 14:1. Neste mundo suas mentes foram consagradas a Deus; serviram-nO com o intelecto e com o coração; e agora Ele pode colocar Seu nome "em suas testas" "E reinarão para todo o sempre". Apocalipse 22:5. Eles não entram e saem como quem suplica um lugar. São daquele número aos quais Cristo diz: "Vinde, benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo." Dá-lhes as boas-vindas como Seus filhos, dizendo: "Entra no gozo do teu Senhor". Mateus 25:34, 21. [330]

"Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai. Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro". Apocalipse 14:4. A visão do profeta representa-os como estando sobre o monte de Sião, cingidos para santo serviço, vestidos de linho branco, que representa a justiça dos santos. Mas todos os que seguirem o Cordeiro no Céu, precisarão, primeiro, tê-Lo seguido na Terra, não contrariados ou por capricho, mas em confiante, amorável e voluntária obediência, como o rebanho segue o pastor.

"E ouvi uma voz de harpistas, que tocavam com as suas harpas. E cantavam um como cântico novo diante do trono, [...] e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e qua-

tro mil que foram comprados da Terra [...] E na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus". Apocalipse 14:2-5.

"E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do Céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido." "E a sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente. E tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos de Israel." "E as doze portas eram doze pérolas: cada uma das portas era uma pérola; e a praça da cidade de ouro puro, como vidro transparente. E nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Deus todo-poderoso, e o Cordeiro". Apocalipse 21:2, 11, 12, 21, 22.

"E ali nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e Seus servos O servirão. E verão o Seu rosto, e na sua testa estará o Seu nome. E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do Sol, porque o Senhor Deus os alumia". Apocalipse 22:3-5.

"E mostrou-me o rio puro de água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça e de uma e da outra banda do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a saúde das nações. Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas". Apocalipse 22:1, 2, 14.

"E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, Pois com eles habitará, E eles serão o Seu povo, E o mesmo Deus estará com eles, será o seu Deus". Apocalipse 21:3. [331]

Capítulo 58 — A igreja triunfante

Mais de dezenove séculos são passados desde que os apóstolos descansaram de seus trabalhos; a história de suas lutas e sacrifícios por amor de Cristo, porém, encontra-se ainda entre os mais preciosos tesouros da igreja. Essa história, escrita sob a inspiração do Espírito Santo, foi registrada a fim de que, por seu intermédio, os seguidores de Cristo pudessem, em todas as épocas, ser estimulados a maior fervor e zelo na causa do Salvador.

A comissão dada por Cristo aos discípulos foi cumprida. Ao saírem esses mensageiros da cruz a proclamar o evangelho, houve tal revelação da glória de Deus como nunca antes fora testemunhada pelos mortais. Mediante a cooperação do Espírito divino, os apóstolos fizeram uma obra que abalou o mundo. O evangelho foi levado a todas as nações numa única geração.

Gloriosos foram os resultados que acompanharam o ministério dos apóstolos escolhidos de Cristo. No começo de seu ministério, alguns deles eram homens sem instrução, mas sua consagração à causa de seu Mestre era sem reservas, e, ensinados por Ele, alcançaram o preparo necessário para a grande obra que lhes foi confiada. Graça e verdade reinavam em seu coração, inspirando-lhes os motivos e regendo-lhes os atos. Traziam a vida escondida com Cristo em Deus, e o próprio eu perdeu-se de vista, submergindo nas profundezas do infinito amor.

Os discípulos eram homens que sabiam falar e orar com sinceridade, homens que sabiam apropriar-se do poder do Forte de Israel. Quão intimamente se achegaram a Deus e ligaram sua honra pessoal à honra do trono do Senhor! Jeová era seu Deus, e Sua honra era a deles. A verdade dEle era a sua verdade. Qualquer ataque ao evangelho era como se os golpeassem profundamente no coração, e combatiam pela causa de Cristo com todas as energias de seu ser. Podiam expor a Palavra da vida, pois haviam recebido a celestial unção. Esperavam muito, e portanto muito empreendiam. Cristo Se lhes havia revelado, e nEle tinham os olhos à espera de direção. Sua

compreensão da verdade e sua resistência em face da oposição eram proporcionais à conformidade que tinham com a vontade de Deus. Jesus Cristo, poder e sabedoria de Deus, era o tema de todos os seus discursos. Seu nome — o único nome debaixo do céu dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos — era exaltado por eles. Ao [332] proclamarem a plenitude de Cristo, o Salvador ressuscitado, suas palavras tocavam os corações, e homens e mulheres eram ganhos para o evangelho. Multidões que haviam injuriado o nome do Salvador e desprezado Seu poder, confessavam-se agora discípulos do Crucificado.

Não foi com o seu próprio poder que os apóstolos cumpriram sua missão, mas no poder do Deus vivo. Sua obra não foi fácil. Os trabalhos iniciais da igreja cristã foram cercados de dificuldades e amarga aflição. Em sua obra, os discípulos encontravam constantes privações, calúnias e perseguições; mas não reputavam sua vida por preciosa, e regozijavam-se em ser chamados a sofrer perseguição por Cristo. A dúvida, a indecisão, a fraqueza de propósitos, não encontravam lugar em seus esforços. Estavam prontos para gastar e se deixarem gastar. A consciência da responsabilidade que repousava sobre eles, enriquecia-lhes a vida cristã; e a graça celestial revelava-se nas conquistas que faziam para Cristo. Com a força da onipotência, Deus operava por meio deles para tornar triunfante o evangelho.

Sobre o fundamento que o próprio Cristo assentara, os apóstolos construíram a igreja de Deus. A figura da construção de um templo é freqüentemente usada nas Escrituras para ilustrar a edificação da igreja. Zacarias se refere a Cristo como Renovo que edificaria o templo do Senhor. Fala dos gentios como auxiliares nessa obra: “Aqueles que estão longe virão e edificarão o templo do Senhor” (Zacarias 6:12, 15), e Isaías declara: “E os filhos dos estrangeiros edificarão os teus muros”. Isaías 60:10.

Escrevendo sobre a edificação desse templo, Pedro diz: “E, chegando-vos para Ele — pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo”. 1 Pedro 2:4, 5.

Nas pedreiras do mundo judeu e do mundo pagão, os apóstolos trabalharam trazendo pedras para colocar sobre o fundamento. Em sua carta aos crentes de Éfeso, Paulo disse: “Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito”. Efésios 2:19-22.

E aos coríntios ele escreveu: “Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele. Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará; na verdade o dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta, e o fogo provará qual seja a obra de cada um”. 1 [333] Coríntios 3:10-13.

Os apóstolos edificaram sobre um firme fundamento, sobre a própria Rocha dos Séculos. Para esse fundamento trouxeram eles as pedras tiradas da pedreira do mundo. Não foi sem empecilhos que os edificadores trabalharam. Sua obra foi excessivamente dificultada pela oposição dos inimigos de Cristo. Tiveram de lutar contra o fanatismo, o preconceito, o ódio dos que estavam a construir sobre falso fundamento. Muitos que trabalhavam como construtores da igreja poderiam ser comparados aos construtores do muro, nos tempos de Neemias, dos quais é dito: “Os que edificavam o muro, e os que traziam as cargas, e os que carregavam, cada um com uma mão fazia a obra e na outra tinha as armas”. Neemias 4:17.

Reis e governadores, sacerdotes e príncipes procuraram destruir o templo de Deus. Mas em face de prisões, tortura e morte, os fiéis prosseguiram na obra; e a estrutura cresceu bela e simétrica. Algumas vezes, foram os obreiros quase cegados pelas névoas da superstição que baixavam sobre eles. Às vezes, quase se apoderava deles a violência de seus oponentes. Mas com inabalável fé e inquebrantável coragem levaram avante a obra.

Um a um, os principais construtores caíram pelas mãos do inimigo. Estêvão foi apedrejado; Tiago morto à espada; Paulo foi

decapitado; Pedro crucificado; João exilado. Contudo, a igreja cresceu. Novos obreiros tomaram o lugar daqueles que caíram, e pedra sobre pedra foi acrescentada ao edifício. Assim se ergueu lentamente o templo da igreja de Deus.

Séculos de feroz perseguição se seguiram ao estabelecimento da igreja cristã, mas nunca faltaram homens que tomassem a construção do templo divino como mais cara do que a sua própria vida. De tais pessoas está escrito: "E outros experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões. Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados (dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da Terra". Hebreus 11:36-38.

O inimigo da justiça nada deixou por fazer em seu esforço para deter a obra confiada aos edificadores do Senhor. Mas Deus "não Se deixou a Si mesmo sem testemunho". Atos 14:17. Levantaram-se obreiros que, com aptidão, defenderam a fé uma vez entregue aos santos. A história dá testemunho da fortaleza e heroísmo desses homens. Como os apóstolos, muitos deles tombaram em seus postos, mas a construção do templo avançou firmemente. Os obreiros foram mortos, mas a obra prosseguiu. Os valdenses, João Wycliffe, Huss e Jerônimo, Martinho Lutero e Zwínglio, Cranmer, Latimer e Knox, os huguenotes, João e Carlos Wesley, e uma multidão de outros, contribuíram para o fundamento com material que permanecerá por toda a eternidade. E em anos posteriores, os que tão nobremente têm procurado promover a disseminação da Palavra de Deus, e por seu serviço em terras pagãs têm preparado o caminho para a proclamação da última grande mensagem — também esses têm estado a ajudar na estrutura. [334]

Através de todos os séculos que se passaram desde os dias dos apóstolos, a construção do templo de Deus jamais cessou. Podemos olhar para os séculos que estão para trás, e veremos as pedras vivas de que é composto, brilhantes como jatos de luz em meio às trevas do erro e da superstição. Através da eternidade, as jóias preciosas brilharão com brilho sempre maior, testificando do poder da verdade de Deus. O foco de luz dessas pedras polidas revela o forte contraste entre a luz e as trevas, entre o ouro da verdade e a escória do erro.

Paulo e os outros apóstolos, e todos os justos que viveram depois deles, fizeram sua parte na edificação do templo. Mas a estrutura ainda não está completa. Nós que vivemos neste tempo temos um trabalho a fazer, uma parte a cumprir. Devemos levar para o fundamento material que resista à prova do fogo — ouro, prata e pedras preciosas “lavradas, como colunas de um palácio”. Salmos 144:12. Aos que assim edificam para Deus, dirige Paulo as palavras de ânimo e advertência: “Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá a recompensa. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo”. 1 Coríntios 3:14, 15. O cristão que fielmente apresenta a Palavra da vida, encaminhando homens e mulheres às veredas da santidade e da paz, está levando para o fundamento material resistente, e no reino de Deus será honrado como edificador sábio.

Está escrito acerca dos apóstolos: “E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a Palavra com os sinais que se seguiram”. Marcos 16:20. Como Cristo enviou Seus discípulos, assim envia Ele hoje os membros de Sua igreja. Está-lhes reservado o mesmo poder que os apóstolos possuíam. Se fizerem de Deus sua força, Ele cooperará com eles, e não hão de trabalhar em vão. Compreendam que a obra em que se acham empenhados tem sobre si impressa a aprovação de Deus. O Senhor disse a Jeremias: “Não digas: eu sou uma criança; porque aonde quer que Eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar dirás. Não temas diante deles; porque Eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor.” Então o Senhor estendeu a mão e tocou nos lábios de Seu servo, dizendo: “Eis que ponho as Minhas palavras na tua boca”. Jeremias 1:7-9. E Ele nos ordena que vamos e falemos as palavras que nos dá, sentindo Seu santo contato em nossos lábios.

Cristo confiou à igreja uma sagrada missão. Cada membro deve ser um conduto através do qual Deus possa comunicar ao mundo os tesouros de Sua graça, as insondáveis riquezas de Cristo. Nada há que o Salvador deseje tanto como agentes que representem ao mundo Seu Espírito e Seu caráter. Nada existe que o mundo necessite mais do que a manifestação do amor do Salvador através da humanidade. Todo o Céu está à espera de homens e mulheres por cujo intermédio [335] possa Deus revelar o poder do cristianismo.

A igreja é o instrumento de Deus para a proclamação da verdade, por Ele dotada de poder para fazer uma obra especial; e se ela for leal ao Senhor, obediente a todos os Seus mandamentos, nela habitará a excelência da graça divina. Se for fiel à sua missão, se honrar ao Senhor Deus de Israel, não haverá poder capaz de a ela se opor.

O zelo em favor de Deus e Sua causa impulsionou os discípulos a dar testemunho do evangelho com grande poder. Não deveria um zelo tal inflamar nosso coração com a determinação de contar a história do amor redentor de Cristo e Esse crucificado? É privilégio de todo cristão não somente aguardar, mas apressar a vinda do Salvador.

Se a igreja se revestir do manto da justiça de Cristo, deixando qualquer aliança com o mundo, raiará para ela o amanhecer de um dia brilhante e glorioso. As promessas de Deus a ela feitas serão sempre firmes. Ele fará dela uma excelência eterna, um regozijo de muitas gerações. A verdade, passando de largo aqueles que a desprezam e rejeitam, triunfará. Embora, às vezes, pareça haver retardado, seu progresso nunca foi impedido. Quando a mensagem de Deus se defronta com a oposição, Ele lhe concede força adicional, para que ela exerça maior influência. Dotada de energia divina, abrirá caminho através das mais fortes barreiras e triunfará sobre todos os obstáculos.

O que susteve o Filho de Deus durante Sua vida de trabalho e sacrifício? Ele viu os resultados do trabalho de Sua alma, e ficou satisfeito. Olhando para dentro da eternidade, contemplou a felicidade dos que receberam por intermédio de Sua humilhação, perdão e vida eterna. Seus ouvidos perceberam os louvores dos remidos. Ouviu-os entoando o cântico de Moisés e do Cordeiro.

Podemos ter uma visão do futuro, da felicidade no Céu. Na Bíblia estão reveladas visões da glória futura, cenas pintadas pela mão de Deus, e que são uma preciosidade para Sua igreja. Pela fé, podemos chegar até o limiar da cidade eterna e ouvir as afáveis boas-vindas dadas aos que, nesta vida, cooperaram com Cristo, considerando uma honra sofrer por Sua causa. Ao serem pronunciadas as palavras: "Vinde, benditos de Meu Pai" (Mateus 25:34), eles lançarão suas coroas aos pés do Redentor, exclamando: "Digno é o Cordeiro que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graça. [...] E ao que está assentado sobre o

trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre”. Apocalipse 5:12, 13.

Lá, os remidos saúdam os que os conduziram ao Salvador, e todos se unem no louvor Àquele que morreu para que os seres humanos pudessem ter a vida que se mede com a vida de Deus. O conflito está terminado. As tribulações e lutas chegaram ao fim. Cânticos de vitória enchem todo o Céu, enquanto os remidos entoam o jubiloso coro: “Digno é o Cordeiro, que foi morto” (Apocalipse [336] 5:12), e vive outra vez, como triunfante vencedor.

“Depois destas coisas, olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos; e clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro”. Apocalipse 7:9, 10.

“Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no Seu templo; e Aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a Sua sombra. Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles. Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para a fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima”. Apocalipse 7:14-17. “E não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas”. Apocalipse 21:4.